

Monteiro, Alberto de Oliveira (2007). *Desporto: Da Excelência a Virtude, um caminho de vida para crianças, jovens e adulto. Fundamentos desportivos, antropológicos, culturais e pedagógicos. Uma investigação qualitativa realizada no Sporting Clube de Braga (categorias de base) e ainda a participação de atletas (profissionais) de elevado nível internacional.* Braga, Instituto de Estudos da Criança/Universidade do Minho.

PALAVRAS-CHAVE: desporto, cultura, excelência, virtude, axiologia, educação, antropologia, *aretê*, pedagogia.

DEDICATÓRIA

* À minha esposa, Míriam, todo o meu amor, carinho, admiração e ternura. O seu exemplo de dedicação, perseverança e ética sempre foi uma fonte de inspiração para mim.

* Ao meu filho, Leonardo, todo o meu amor, amizade e satisfação de ser o seu pai. A sua luz, a sua alegria e o seu carinho trouxeram à minha vida uma extraordinária felicidade e encantamento.

* Ao Rafael, gostaria de expressar os meus mais profundos sentimentos de amor, carinho e amizade. A sua perseverança e empenho são um grande exemplo para todos nós.

* Ao Daniel Joaquim Pereira Filho, irmão na alma e amigo de todas as horas; um ser humano notável, raro, digno e solidário cujo caráter enobrece a humanidade.

* À Sábia Senhora, os seus conselhos e a sua presença mudaram o rumo da minha vida.

* A todos aqueles que, de uma forma ou de outra, estiveram presentes ao longo da minha vida e, por certo, ainda estarão (amigos, colegas, alunos, atletas, companheiros - conhecidos ou desconhecidos -, professores e instituições), obrigado pelas lágrimas, pelo suor e pelos sorrisos.

AGRADECIMENTOS

*À Universidade do Minho, através do Instituto de Estudos da Criança, de seus professores do Curso de Doutorado e de seus funcionários, pelo apoio e cordialidade.

*À Universidade do Porto, em especial aos professores do gabinete de Sociologia do Desporto, pelo acolhimento e estímulo.

*À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, particularmente à Escola de Educação Física, a meus colegas, funcionários e alunos, pela oportunidade que me concederam de desenvolvimento acadêmico, pessoal e cultural.

*Ao Sporting Clube de Braga, a seus funcionários, dirigentes, treinadores e, muito especialmente, aos atletas das categorias de base que fizeram parte da amostra desse estudo, colaboradores fundamentais de nossa investigação.

*Aos atletas de futebol profissional Washington Stecanela Cerqueira, Anderson Souza (Deco) e Paulo Turra, pela atenção e disponibilidade em colaborar com o nosso trabalho.

*À Professora Doutora Beatriz de Oliveira Pereira, do Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, orientadora desta pesquisa, pelo estímulo, pela consideração e pela demonstração de confiança em nosso trabalho.

*Ao Professor Doutor Rui Manuel Proença de Campos Garcia, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, orientador desta pesquisa e amigo, pela atenção, incentivo, conhecimento e disponibilidade ao longo de todo o processo de investigação.

*Ao Professor Doutor Camilo Cunha, pela consideração, pela amizade e pelo apoio.

*Ao Professor Doutor António Melo, uma referência dos Estudos Clássicos, pelo apoio e consideração.

* Ao Professor Valdimar Garcia, pelo apoio, amizade e consideração.

*A minha sogra, Lília Eunice Stock Palma, pela paciência e competência no processo de revisão da escrita da tese.

* Ao amigo Sebastião Lazaroni, como um modelo de treinador de futebol a ser seguido.

*Ao Professor Doutor Antônio Carlos Stringhini Guimarães, pelo seu apoio e consideração; a sua lembrança e o seu exemplo serão sempre um estímulo para as nossas vidas e os nossos corações.

*Ao Professor Luis Parise Fedozzi pela amizade sincera e de todas as horas. O seu compromisso com os valores humanos é um exemplo para todos.

RESUMO

O objetivo desse estudo foi investigar se as crianças e jovens desportistas, tendo como referência os atletas adultos (futebol), são apoiados pelos princípios e valores da *aretê* (excelência e virtude) no decurso das suas vidas desportivas e particulares. Para desenvolver essa pesquisa, realizamos uma discussão acerca dos conceitos, das configurações, dos significados e dos sentidos da *aretê* através dos tempos, tendo por base o Desporto (futebol) discutido a partir das contribuições retiradas das Ciências Humanas: axiologia, antropologia, pedagogia, educação e cultura.

A metodologia dessa investigação, de caráter qualitativo, utilizou como instrumento para a coleta de informações entrevistas (individuais) do tipo semi-estruturadas. Para a interpretação do material empírico, combinamos duas técnicas: a análise de conteúdo e a hermenêutica, de tipo filosófico. Desse modo, procuramos aprofundar, dinamizar e comparar os discursos das crianças e dos jovens com os dos adultos, tendo como elemento integrador desse diálogo a literatura.

O estudo foi realizado com atletas das categorias de base do Sporting Clube de Braga, em Braga, Portugal, e com atletas adultos de alta competição e de nível internacional. Ao darmos oportunidade de manifestação aos jogadores de futebol (crianças, jovens e adultos) atentamos para o surgimento, no contexto desportivo e com extensão à vida particular, dos vestígios e da exposição dos princípios e valores decorrentes da tradicional *aretê* grega.

Os resultados apontam para a necessidade da educação recuperar os valores da *aretê*, revelados pelo desporto (rendimento, superação, transcendência e outras *aretai*), a fim de possibilitar (a todos) uma jornada – desportiva e de vida – de auto-aperfeiçoamento, de auto-conhecimento e do conhecimento do bem.

Concluimos que há afinidade entre os princípios e valores da *aretê* (excelência e virtude) e os discursos das crianças, dos jovens e dos adultos, o que se deve, em grande parte, ao processo (sistemático e/ou assistemático) da prática desportiva. Outrossim, quando comparamos os relatos dos atletas das categorias de base com os dos atletas da alta competição, notamos a existência de convergência entre eles.

ABSTRACT

The goal of this study was to investigate if children and young sportsmen, having adult athletes as reference (football), are supported by the principles and values of *aretê* (excellence and virtue) throughout their sporting and private lives. To develop this research, we carried out a discussion about *aretê*'s concepts, configurations, meanings, and senses throughout times, having as a base the Sport (football) discussed upon the contributions taken from Human sciences: axiology, anthropology, pedagogy, education and culture.

The methodology of this investigation, of qualitative type, used the semi-structured interview (individual) as instrument to collect information. For the interpretation of the empirical material, we combined two techniques: the content analysis and the philosophical hermeneutics. This way, we tried to go deep, dinamize and compare the children and the young speeches with the adult ones, having as integrated element of that speech, the literature. This study was carried through with athletes in formation at Sporting Clube the Braga, in Braga, Portugal, and with adult high competition and international level athletes. Giving opportunity of speech to the football players (children, young and adults) we pay attention to the sprouting, in the sporting context and with extension to the private live, of the vestiges and the exposure of the principles and values decurrent of the traditional greek *aretê*.

The results point to the need for the education to recover the values of *aretê*, revealed by sport (performance, superation, transcendancy and other *aretai*), so that it may enable (to all) a journey – a sporting and live one – of self-perfectioning, self-knowledge and goodness' knowledge

We conclude that there is an affinity between the *aretê*'s principles and values (excellency and virtue) and the children, young and adult's speeches, wich is due, in a large amount, to the process (systematic and/or asystematic) of sporting practice.

Also, when we compare the athlete's reports at the formation categories with the high competition athletes ones, we notice the existence of convergence between them.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
PARTE I – MARCO TEÓRICO	11
CAPÍTULO 1- <i>ARETÊ</i> COMO UMA EXIGÊNCIA ANTROPOLÓGICA.....	11
1.1 - Introdução.....	11
1.2 - Aretê em Homero e Hesíodo	14
1.3 - Aretê em Tirteu, Xenófanes e outros:	17
1.4 - Aretê em Sócrates, Platão e Aristóteles	21
1.5 - Aretê em Píndaro e Simônides	30
1.6 - Aretê nos Jogos Pan-Helênicos:	34
1.7 - Aretê e a sua sobrevivência cultural	36
1.8 - Conclusão	44
1.9 - Síntese	46
CAPÍTULO 2 - <i>ARETÊ, PAIDÉIA</i> E EDUCAÇÃO	53
2.1 - Introdução.....	53
2.2 - O paradoxo das religiões	55
2.3 - O paradoxo das guerras	57
2.4 - O paradoxo do racionalismo.....	58
2.5 - O paradoxo dos movimentos políticos e econômicos.....	60
2.6 - O paradoxo da evolução tecnológica	61
2.7 - O paradoxo do presente e do futuro.....	63
2.8 - Os valores: um caminho para a (des)paradoxização.....	65
2.9 - O desafio à formação	74
2.10 - Aretê e Paidéia.....	80
2.11 - Aretê como caminho de vida	83
2.12 - Os grandes exemplos culturais	87
2.13 - Conclusão	90
2.14 - Síntese	95
CAPÍTULO 3 - DESPORTO: UM CAMINHO PARA A EXCELÊNCIA.....	99
3.1 - Introdução.....	99
3.2 - Desporto como um universo simbólico.....	102
3.3 - Reflexões pedagógicas e antropológicas sobre o Desporto.....	104
3.4 - Desporto e a aretê.....	106
3.5 - Das raízes gregas ao surgimento dos Jogos Olímpicos.....	107
3.6 - Desporto e o mosaico das aretai	113
3.7 - O ressurgimento dos Jogos Olímpicos.....	120
3.8 - Desporto: Um caminho para crianças e jovens.....	125
3.9 - Formação desportiva para crianças e jovens	128
3.10 - Talento e excelência.....	133
3.11 - Futebol: Um desporto de excelência.....	135
3.12 - Vitórias e derrotas	145
3.13 - Desporto: A transversalidade dos sentidos.....	151
3.14 - Desporto: Limites e oportunidades	153
3.15 - A relação dialética entre o externo e o interno	156
3.16 - Conclusão	160
3.17 - Síntese	163
CAPÍTULO 4 - <i>ARETÊ</i> E DESPORTO NO PORTAL DA TRANSCENDÊNCIA....	167
4.1 - Introdução.....	167

4.2 - Vida em valores: Um caminho para a transcendência	170
4.3 - Aretê: Um bem divino.....	172
4.4 - Desporto: No portal da transcendência	173
4.5 - Desporto: A metáfora religiosa.....	175
4.6 - Desporto: Um caminho do corpo ao espírito.....	177
4.7 - A experiência de transcendência no desporto.....	178
4.8 - Conclusão	181
4.9 - Síntese	181
PARTE II – DIMENSÃO METODOLÓGICA	185
CAPÍTULO 1 - OBJETIVOS DO ESTUDO	185
1.1- Problema.....	185
1.2- Objetivos gerais	185
1.3- Objetivos específicos	185
1.4- Questões de estudo:.....	186
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA.....	187
2.1- Aspectos gerais	187
2.2- Tipo de estudo	188
2.3- Grupo estudado.....	188
CAPÍTULO 3 - PROCESSO DE RECOLHA DE INFORMAÇÕES	189
3.1- Entrevistas	189
3.2- Entrevistas semi-estruturadas	189
3.3- Construção e validação do guião das entrevistas.....	190
3.4- Aplicação das entrevistas	191
3.5- Diário de campo.....	192
PARTE III – PROCEDIMENTO ANALÍTICO E INTERPRETAÇÃO	195
CAPÍTULO 1 - PROCEDIMENTO ANALÍTICO	195
1.1- Constituição do Corpus	195
1.2- Transcrição das entrevistas (Anexo 14, em CD)	195
1.3- Tipo de análise.....	195
1.4- Análise de conteúdo.....	196
1.5- Unidade de registo, contexto e enumeração.....	196
1.6- Hermenêutica dos discursos	196
1.7- Sistema categorial: as categorias a priori e a posteriori	197
1.7.1- As categorias <i>a priori</i>	198
1.7.2- As categorias <i>a posteriori</i>	198
1.8- Apresentação e justificativa do sistema categorial	198
CAPÍTULO 2 - ANÁLISE INTERPRETATIVA: PARA UMA HERMENÊUTICA DOS DISCURSOS	203
2.1- Atletas adultos	203
2.2- Atletas das categorias de base	251
2.3- Comparação dos discursos dos atletas das categorias de base em relação aos atletas adultos.....	357
2.4- Ao Jeito de Conclusão.....	395
2.4.1- Um Resgate do Valor Antropológico da <i>Aretê</i>	395
2.4.2- Educação e Cultura.....	399
2.4.3- <i>Paidéia</i> Desportiva.....	402
2.4.4- Antropologia, <i>Aretê</i> e Superação Desportiva	407
CONCLUSÕES	409
BIBLIOGRAFIA	417
ANEXOS.....	433

INTRODUÇÃO

Justificativa do estudo e contextualização do problema

A época em que estamos vivendo pode ser caracterizada como um período de intensas, rápidas e profundas transformações. Ao entrarmos no novo milênio, deparamo-nos com um mundo emoldurado pelas surpreendentes transformações tecnológicas e científicas, pela impessoal globalização de mercados e pelo domínio da velocidade de informação e da comunicação social. Além disso, estamos diante de novos (antigos) desafios com o reacender da intolerância religiosa, o ressurgimento de embates culturais, os desequilíbrios ambientais e a permanente retórica da importância da necessidade de desenvolvimento econômico.

A velocidade de acontecimentos e de informações, a crescente limitação para absorver todos os conhecimentos, detalhes e fatos da atualidade, o império do *ter* e do *parecer* caracterizado pela superficialidade e pela demanda consumista e uma profunda desatenção às bases da cultura humanista forjam um cenário de poucas certezas e de muitas incertezas. Essas evidências fortaleceram o princípio do relativismo e do individualismo, entre outros *ismos*.

A nossa civilização encontrou, por intermédio do desenvolvimento econômico, tecnológico e científico, mais conforto, a cura para certos tipos de doenças e o aumento da expectativa de vida. Outrossim, embora a sociedade ocidental tenha conquistado, pela democracia, mais liberdade de expressão e satisfação de consumo, não podemos considerá-la como mais tolerante, mais digna, mais saudável e mais feliz. O certo é que a convivência com inúmeros reptos exige, de todos, novos modos de pensar, agir, educar e formar diferentes daqueles que, mais recentemente, têm-nos orientado.

Diante desse quadro, torna-se necessário interrogar sobre a origem, a natureza, a evolução e os paradoxos da nossa educação (em grande parte, elaborados no capítulo 2).

O desporto, como espelho da sociedade, não fica imune às dificuldades e aos desafios que nos são impostos pela atualidade. Contudo, essa atividade tem a possibilidade, dado o seu alto significado humano, cultural, educativo, social e axiológico, de registrar experiências nas quais se circunscrevem a formação do homem. A realidade da pedagogia do desporto fundamenta-se na relação entre o homem no mundo (desportivo) e os sentidos pelos quais ele se encontra nesse mundo (capítulo 3).

Ao entretecermos assuntos, questões e reflexões relacionados à educação e ao desporto, sob a mediação de cariz filosófico, estamos delineando um estudo de padrão antropológico, portanto, buscando o entendimento a respeito das diversas dimensões e valores que constituíram os costumes, as atitudes e o comportamento do homem, particularmente o desportivo, na epopéia de sua vida. Sendo assim, cabe a tentativa de elucidação da importância que cada uma dessas esferas (educação e desporto) tem, e pode desempenhar, na promoção de uma cultura de valores na qual o homem possa ser formado na sua humanidade e enquanto sujeito de um processo de autoconhecimento.

Num rápido olhar sobre a nossa educação atual, vamos notar que a norma vigente, por exigência de governos e do mercado, é, predominantemente, a da formação para a entrada dos jovens na universidade e, depois, para a concorrência no mercado de trabalho; os cuidados éticos, humanos e culturais passam ao lado dessa formação que mais não faz senão formar cérebros. Devido à necessidade, cada vez maior, em formar os jovens em larga escala, os nossos responsáveis pela educação deixam de lado a importância dos componentes pedagógicos como os da reflexão, da racionalidade, da expressão, da vocação e da devoção, valores imprescindíveis à formação (educação e cultura) do ser humano.

Já o desporto se depara, principalmente, com notícias distorcidas, superficiais e sensacionalistas veiculadas, em grande parte, pelos meios de comunicação social, cuja conduta visa apenas ao *aluguel* do desporto como um negócio, a fim de rentabilizar lucros e vender produtos para os seus consumidores. Via de regra, as notícias pairam sobre os aspectos relacionados à violência, ao negócio de atletas, à intriga entre dirigentes desportivos, nacionalismos, arbitragem, etc; assuntos primários, imediatistas, normalmente desprovidos de zelo e sem o devido cuidado de formar e de educar o público em geral. Esse comportamento mediático ajuda a compor, desprezando os conteúdos axiológicos vinculados à prática desportiva, uma imagem deturpada, limitada e de questionamento ético que muitos, público em geral e agentes intelectuais, obtêm sobre o desporto.

Todavia, reconhecemos que estamos vivendo um período indiscutivelmente positivo, uma vez que, face às adversidades, notamos uma crescente preocupação e interesse no desenvolvimento de estudos, investigações, literatura, congressos, seminários e instituições com preocupações humanas, axiológicas e solidárias; em suma, saberes das ciências humanas.

Nossa intenção inicial é a de contribuir com o movimento de regeneração dos nobres ideais de formação e de elevação do homem, por intermédio dos princípios e valores da *aretê* e da *paidéia*, através de uma investigação que tenha como meta um mergulho no fundo da alma da cultura ocidental (Grécia Arcaica, Clássica e o Helenismo), retratada pedagógica e antropologicamente através do desporto, a fim de refletir e expor algumas perspectivas e experiências, avaliar algumas razões e orientações ali encontradas, bem como arregimentar saberes e meditações que levaram os homens daquela época a organizarem um modelo de educação e de cultura em que imperavam a excelência e a virtude. Bebendo dessa fonte, pensamos ser possível, ao recuperarmos os ideais contidos naquele modelo de formação humana, indicar algumas soluções que visem a reduzir não só as nossas incertezas em relação ao nosso futuro axiológico, mas também as nossas preocupações referentes aos crescentes desafios impostos, os quais não têm encontrado respostas eficazes na nossa cultura e na nossa educação. Trata-se, em última análise, através das *lentes* desportivas, de conjugar princípios e atributos da *aretê* (excelência e virtude) à tendência de uma educação em valores (Patrício, 1993) e com a finalidade de formação do homem através da edificação de um modo que o privilegie pela excelência do *saber*, do *ser*, do *ter*, do *estar* e, sobretudo, do *saber-fazer*, tanto técnico como ético (Patrício, 1993).

Todo povo deseja desenvolver o seu processo de educação. Quanto mais desenvolvido é esse povo, mais se notam os elevados traços culturais que a educação construiu. Na Grécia Antiga, a educação participava da vida e do crescimento da sociedade (pólis), tanto considerando a perspectiva exterior como a edificação interna e, conseqüentemente, a formação ética e espiritual. No seio da educação grega foi onde surgiu a *aretê*; um termo de classe e de valor, cujo sentido varia de acordo com o contexto social e cultural em que está inserido (Jaeger, 2003; Kitto, 1990; Reale e Antiseri, 1991; Pereira, 1988; Ferreira, 1996).

Em Homero (Ilíada e Odisséia), *aretê* é um termo que tem, entre outros, o significado de supremacia (Pereira, 2000), valentia e honra vinculados à aristocracia, além da excelência na habilidade e destrezas dos guerreiros. Hesíodo (Trabalhos e Dias) a vê como resultado e expressão do esforço e dedicação do homem comum ao trabalho. Já em Platão (em vários textos), a *aretê* passa a ser vista como virtude e/ou excelência do homem (moral, física e intelectual), da sua função (ação), de um objeto ou animal (Kitto, 1990). Aristóteles, por sua vez, sistematizou o estudo das *aretai*. Sócrates acolhe tanto a diversidade das *aretai* como a sua unidade (o conhecimento do bem).

Por outro lado, a *paidéia* inicialmente tinha o significado de criação de meninos. A *aretê*, desde o início, esteve intimamente ligada aos ideais de formação do homem grego. Quando no interior da *paidéia*, surge a orientação do modelo pedagógico da *aretê* e desponta também a abrangência do mais elevado modelo de educação humana (exigências ideais, físicas e espirituais), a *kalokagathia* (Jaeger, 2003). Essa era uma simbiose harmônica de beleza física, moral e espiritual; a *aretê*, o seu expoente máximo, reclamava, além disso, êxito na vida. Platão, no diálogo Górgias (451e)¹, define a felicidade deste modo: “A coisa melhor é ter saúde; depois, ser belo; e, em terceiro lugar, ser rico sem fraude”. Ao que Sócrates aduziu, baseado no conselho délfico *Conhece-te a ti mesmo* (Adorno, 2002). Embora a alma seja a sua maior preocupação, Sócrates (Górgias, 504b-504c) expõe a importância do corpo: “Que nome tem, no corpo, o efeito da ordem e do equilíbrio?”. Cálicles responde: “Refere-te talvez à saúde e à força” e Sócrates declara: “Nem mais. (...). Afirmo eu, portanto, que se dá o nome de sanidade à ordem do corpo que gera a saúde e as outras boas qualidades corporais”. A sanidade e a ordem do corpo são revestidas pela atividade desportiva. Um corpo saudável é revelador de uma alma feliz. Conhecer-se significa, antes de tudo, reconhecer o seu corpo e as suas capacidades através de uma ação e um movimento de excelência, a sua *aretê*.

Com o desenvolvimento histórico a *aretê* se configurou, para os romanos, como *uirtus* (coragem) e foi incorporada pelos religiosos como virtude. Entretanto, a sua identidade original (honra, mérito, supremacia; excelência física e moral) aparece junto aos cavaleiros da Idade Média (Jaeger, 2003). Em outras culturas, sob termos diferentes, aparecem os ideais da *aretê*: no alemão é o *Tugend*, no holandês é o *Deugd*, no árabe é o *murū`a* (Huizinga, 2003); todos possuem um parentesco semântico ligados à honra, glória, coragem, entre outras. Hoje em dia, o significado de excelência, segundo Readings (2003), é pouco conhecido e cada pessoa forma a sua própria idéia a respeito dela; está na moda, mas poucos a aplicam em seu significado original, a saber, a unidade de excelências física, moral e espiritual.

O desporto teve suas raízes marcadamente ligadas à cultura grega arcaica e abrigou no seu interior a profundidade do sentido da *aretê*, chegando mesmo a ser o elemento pacificador e de coesão do povo grego (Ferreira, 1996). Desde as suas origens, os valores sagrados estavam vinculados ao desporto, uma vez que este era uma

¹ Um dos mais conhecidos diálogos de Platão (1992), tradução de Manuel de Oliveira Pulquério. Esse texto, o assunto principal a ser investigado é a retórica.

atividade de exposição e conquista da divina *aretê*. Nele, a *aretê*, que antes se encontrava no campo de batalha, migrou pacificamente para os estádios desportivos, apoiando os ideais de solidariedade, de harmonia e de equilíbrio da sociedade grega.

Vislumbramos, então, que o desporto, ao mesmo tempo que foi criado e desenvolvido pela cultura grega, foi também um dos seus mais importantes estimulantes culturais; despontou, tradicionalmente, pela sensibilidade, à *aretê*, como guardião e mensageiro dos mais nobres valores daquela cultura.

Nesse passo, recorremos a um grupo de atletas de futebol composto por crianças, jovens e adultos (a maior parte desses sujeitos foi de crianças e jovens) a fim de averiguarmos, através das suas representações e tendo por base a teoria da unidade e da diversidade das *aretai*, a importância que possuem os princípios e valores da *aretê* na construção de um caminho de vida.

Além disso, tivemos a oportunidade de levantar nossos olhos para os princípios da *antropagogia* que, segundo os critérios estabelecidos por Patrício (1992), é a teoria e a prática da educação humana. Uma pedagogia que quer despertar o homem (a sua humanidade) presente na criança e quer, também conservar a criança presente e viva no homem; uma concepção pedagógica permanente, holística e de excelência disponível à educação. Jaeger (2003) registra que a humanidade do homem é a aspiração de assemelhar-se ao divino; em outras palavras, à perfeição e ao sumo bem. Assim, o exercício das *aretai* e a posse do conhecimento do bem (unidade da *aretê*) são o processo pedagógico de acercamento de Deus. Píndaro, invocado por Pereira (1982), ao celebrar os vencedores do Jogos Pan-helênicos, expõe a luta do homem para atingir a perfeição da sua humanidade. A natureza *infantil* do lúdico, entretecida com a vitalidade agônica, faz do desporto um meio estratégico na formação da criança e do homem eternos, fundamentado numa educação para os valores da *aretê*. Essa nota registra a esperança, lançada pelo nosso estudo, na expectativa de restauração do ideal e do sentido de unificação da identidade humana exposta pelo contexto desportivo. A dimensão agônica da *aretê* remete-nos à perfeição física e espiritual, enquanto que a dimensão lúdica, no dizer de Huizinga (2003), está em consonância à capacidade criadora de cultura, devido à possibilidade de desenvolver, em plenitude, as necessidades humanas de ritmo, harmonia, mudança, alternância, contraste, clímax etc. Esse sentido de identidade lúdica e agônica, com toda a sua magia e mistério, está ligado a um espírito que aspira à honra, à dignidade, à superioridade e à beleza: uma identificação dos valores internos e externos situados junto a todas as *aretai*.

Cabe resgatar que, para a cultura grega, os jogos desportivos exibiam mais do que uma atividade corporal. Ali era o altar onde, na sua unidade, o homem depositava a sua principal oferenda aos deuses: a superação (*aretê*) (Pereira, 1988). Por esse princípio, o desporto tornou-se uma espécie de real depositário da fé grega na unidade e na diversidade da sua *aretê*, um sentido transcendente à disposição de nossas investigações, considerações e experiências práticas.

Por essa razão, reconhecemos que, ao contrário do que normalmente é exposto pelos meios de comunicação de massa e de outros agentes sociais, o desporto tem uma missão cultural muito mais profunda e axiológica e que nos cabe aqui revelar e destacar. A essa luz, o desporto, visto como um microcosmo da vida e espelho da sociedade, sempre ofereceu uma excelente conjuntura de análise, diagnóstico e elucidação dos enigmas da existência humana; visto que o desporto é um dos mais fiéis guardiães da *aretê*, estimamos que ele possa, pelo seu significado axiológico e antropológico, ajudar na felicidade humana, pois, segundo Caeiro (2002), a *aretê* é a possibilidade extrema do homem, a sua excelência. Uma viagem rumo à excelência, tanto no desporto como na vida, não é uma viagem qualquer, é uma odisséia (Cousineau, 2004).

A escola e o desporto que não busquem a excelência não podem ser considerados como um verdadeiro e genuíno local de educação (Garcia, 2002).

Considerando: a) a expressão da *aretê* na *paidéia* grega, b) a estreita relação entre o desporto, cultura e educação e c) a prática desportiva ser, através dos tempos, uma tarefa de especial enunciação da unidade e da diversidade da *aretê*, elaboramos o nosso problema de pesquisa, o qual é sintetizado na pergunta: Será que a excelência e a virtude (*aretê*) ajudam (sustentam) as crianças e os jovens, tendo como referência os atletas adultos, a construírem, através do futebol, um caminho de vida?

Objetivos e Configuração do Estudo

A elaboração de uma proposta científica requer a formulação de objetivos a fim de orientar os nossos esforços e dirigir o estudo e, ao mesmo tempo, podendo ser confirmados ou não no desenrolar da investigação. Os objetivos que nos propusemos alcançar, na trajetória dessa pesquisa, foram divididos em dois grupos: gerais e específicos. Neste trabalho não formulamos nenhuma hipótese, entretanto, examinando o nosso problema bem como o nosso tema de pesquisa, consideramos algumas questões

que se encontram descritas, bem como os objetivos do estudo, junto à dimensão metodológica.

A configuração do nosso estudo foi elaborada a partir de uma linha de investigação (princípios e valores da *aretê* grega), das questões de pesquisa e dos objetivos gerais e específicos, que planejamos antecipadamente e nela constam: introdução, marco teórico, dimensão metodológica, tarefa interpretativa, conclusão, bibliografia e anexos.

A introdução consta de dois momentos: o primeiro é a justificativa do estudo e a contextualização do problema, onde procuramos demonstrar a relevância do tema nas suas repercussões desportivas, educativas, antropológicas, culturais e axiológicas. Nosso propósito foi oferecer uma idéia geral, referente à relação entre o desporto e a educação, intermediada pelos princípios e valores da *aretê*. Sugerir que, através dessa relação cultural, podemos encontrar meios pedagógicos que restaurem a integralidade da identidade humana e reconhecer o desporto como um importante meio, visto pela perspectiva axiológica da *aretê*, de conhecimento, aprofundamento e elevação da civilização humana; o segundo momento é formado pelas questões de estudo, objetivos gerais e específicos, os quais formam as linhas orientadoras do nosso trabalho de investigação.

O marco teórico foi construído a partir da elaboração de quatro capítulos.

No primeiro capítulo, *Aretê como uma exigência antropológica*, construímos um texto com vistas à configuração e à reconfiguração, através dos tempos, do significado e do sentido da *aretê* (excelência e virtude) bem como a sua repercussão nos diferentes contextos culturais. A nossa intenção é aprofundar as relações, as implicações e as reflexões sobre o tema da *aretê* bem como a sua importância em todos os domínios da vida física, ética e espiritual do homem e da sociedade.

O segundo capítulo, *Aretê, Paidéia e Educação*, foi elaborado na tentativa de apontar os desafios e os riscos causados pela falta de compromisso com a educação em valores. Registramos que o nosso sistema educacional, em função da afinidade com os valores econômicos e utilitários, tem demonstrado ser competente na formação de técnicos e de cientistas, porém essa é apenas uma parte (talvez a menos importante) para uma elevada formação cultural. Além disso, indicamos que a atual sociedade carece dos grandes e bons exemplos (pessoais, institucionais e nacionais). Promovemos inúmeras reflexões a respeito da *aretê* e a sua consorte *paidéia*, a fim de demonstrar a sua

importância, uma vez resgatados os seus valores para a educação em nossos tempos atuais.

O terceiro capítulo, *Desporto: um caminho para a excelência*, registra um mosaico de sentidos vinculados à prática desportiva e, em especial, à *aretê*. Refletimos também sobre o caráter pedagógico, antropológico, simbólico e metafórico contidos na natureza desportiva.

O quarto capítulo, *Aretê e Desporto: no portal da transcendência*, situa a *aretê* como um bem divino e transcendental. Nessa perspectiva, o desporto aparece como um cenário de vida por onde crianças, jovens e adultos (todos os seres humanos) podem, simbólica ou objetivamente, pela performance desportiva sustentada pelo esforço e pela superação, encontrar um caminho que os leve ao encontro de si mesmos.

Para elaborar essa parte da tese, seguimos os seguintes passos metodológicos: inicialmente, buscamos na literatura clássica os conteúdos e os fundamentos referentes à *aretê*. Em seguida, realizamos leituras de textos de autores que interpretavam os autores clássicos. Depois, retroagimos sobre os mesmos textos clássicos, a fim de extrair a essência do seu conteúdo no sentido de conformar, estruturar e dar consistência ao nosso estudo. Paralelamente, realizamos leituras sobre o assunto educação e desporto. No caso específico da literatura desportiva, demos preferência àquela que trata o desporto na visão humanista e antropológica. Finalmente, reunimos o conteúdo literário em quatro capítulos. Como se pode notar, há um permanente interesse em confrontar, refletir e entretecer os assuntos com o objetivo de refletir fielmente a expressão dos temas (desporto, educação, filosofia, pedagogia e cultura), algumas vezes utilizando as metáforas e o simbolismo como meios de ampliar a discussão e de oferecer mais de um ângulo para análise.

Na dimensão metodológica, constam o problema de nosso estudo, os objetivos (gerais e específicos) que queremos alcançar em nosso estudo empírico (trabalho de campo) e as questões de pesquisa. Além disso, há a descrição do nosso universo de estudo (atletas das categorias de base do Sporting Clube de Braga e atletas profissionais) e a metodologia que seguimos para alcançar as nossas metas do estudo. Apontamos, também, que utilizamos as entrevistas semi-estruturadas como instrumento de coleta de informações, bem como a forma como ela foi construída, validada e aplicada. Procuramos investigar, a partir da expressão dos discursos de nossos entrevistados (envolvidos na prática desportiva: futebol), as representações sociais

referentes aos traços e aos vestígios da cultura da *aretê* grega que conseguiram atravessar os tempos.

A partir das entrevistas foi constituído um corpus documental, o qual foi submetido ao processo de análise de conteúdo. O sistema de categorias derivou da base literária e da análise de conteúdo (*a priori* e *a posteriori*). A partir desse estágio, tendo como orientação os objetivos e as questões de nosso estudo, procuramos aprofundar a tarefa interpretativa segundo a hermenêutica filosófica.

A hermenêutica foi realizada para analisar, inicialmente, os discursos dos atletas adultos e, em seguida, dos atletas crianças e jovens. Após essa tarefa, realizamos uma triangulação entre as informações das fontes bibliográficas, a análise dos discursos dos atletas adultos e a análise dos discursos das crianças e jovens, a fim de confrontar, comparar e extrair informações que nos permitissem responder às nossas questões de pesquisa e aos objetivos de investigação. Essas discussões nos levaram a registrar as conclusões gerais sobre o nosso estudo, correspondendo às referências sobre a importância do resgate dos princípios e valores perfilados junto à *aretê*, a partir da menção antropológica, axiológica, educativa e cultural. Finalmente, exaltamos a *paidéia* desportiva como um meio de revelar, praticar e estimular a prática dos mais sublimes valores da *aretê*; dentre eles, a superação, o rendimento e o sentido de transcendência.

A finalidade desse estudo foi expor de forma aprofundada as manifestações (configurações e reconfigurações) da antiga *aretê* (excelência e virtude), através dos tempos e expostas pelos feitos dos grandes atletas no desporto e, ao mesmo tempo, invocá-las numa perspectiva educativa e cultural como possibilidade da restauração da unidade do homem, como um caminho de vida e como superação dos inúmeros desafios com que nos deparamos na atualidade. Para desvendar e expor essas possibilidades, utilizamos três vias: 1) estudando e aprofundando o tema, através de vários saberes (filosofia, cultura, educação e desporto) da área das ciências humanas; 2) introduzindo apreciações que rondem a esfera simbólica e metafórica, a fim de estimular as reflexões referentes aos valores – da *aretê* – que emergiram de um período especialmente rico da civilização humana e, se possível, resgatá-los para a atualidade; 3) interrogando os atletas do nosso tempo presente sobre os seus conhecimentos, seus pensamentos e suas práticas (experiências pessoais e coletivas no âmbito desportivo), os quais são capazes de manifestar, através de seus discursos, o significado e o sentido cultural e as implicações axiológicas daquela tradicional *aretê* grega.

PARTE I – MARCO TEÓRICO

CAPÍTULO 1- *ARETÊ*² COMO UMA EXIGÊNCIA ANTROPOLÓGICA

1.1 - Introdução

Em algum momento das nossas vidas somos apanhados observando e admirando o firmamento de estrelas e planetas cuja imensidão se alarga a cada momento em que podemos, através da ciência, ampliar o nosso entendimento sobre os seus mistérios. Quando temos a oportunidade de nos determos no corre-corre do dia-a-dia e nos concentrarmos nos aspectos maravilhosos da natureza, somos forçados a nos questionar sobre a sua origem, sobre o seu equilíbrio e sobre a ordem que é emanada de todo o universo, aparentemente, infinito. Essas inquietações desaguam no interesse de nos conhecermos e estabelecermos paralelos entre nós e a natureza universal. Naturalmente que o homem moderno, detentor de conhecimento científico e tecnológico, dirá que tudo é fruto das leis físicas, químicas e biológicas. É certo que sim! Ou, é certo que sim? Entretanto, o homem apenas sistematizou essas leis, pois elas já existiam antes dele; são leis eternas de um mundo que é eterno.

Houve um período em que os homens encontravam interesse na investigação do cosmos e do universo humano, tanto na sua natureza corpórea e material como na sua expressão sensitiva e espiritual. Vamos a esse tempo!

Na Antiga Grécia, nasceram as bases que deram origem à civilização ocidental. A filosofia, a arte, a organização político-social, a religião, o desporto, entre outros, fizeram parte de um modo de vida que era a expressão de uma cultura requintada e integral; a filosofia e a ciência eram tarefas íntimas e complementares (Pereira, 1988). Todos sabemos que os costumes, a ciência e as reflexões filosóficas daquela época atravessaram os tempos, sustentando as principais realizações humanas.

Ninguém desconhece a importância dos textos de Platão e Aristóteles, além das apreciações filosóficas de Sócrates e os poemas épicos de Homero, para a estruturação

² Melo (1996: 523) realça que embora "...proponham «aretê», com acentuação perispómena. (...), na pronúncia do eta grego é «preferível o som aberto (é)», se bem que algumas escolas proponham o som fechado (ê)...". Também, em nosso estudo, não encontramos uniformidade entre os diversos autores, quanto ao modo de descrever (em português) a palavra grega *aretê*. Sendo assim, preferimos usar para essa investigação a forma fechada «aretê». Ressalvamos, no entanto, que mantivemos fidelidade à transliteração realizada por cada autor.

de um empreendimento de educação do povo grego e daqueles posteriores a ele. Alguns desses temas, descritos naquele tempo, continuam perfeitamente atualizados, uma vez que o espírito humano que deles emanava era uma maneira de conduzir a todos e, progressivamente, pela investigação da esfera interior e exterior, a formas elevadas de existência humana.

A consideração que os gregos tinham pelas estruturas física e espiritual determinou condições especiais para o desenvolvimento de uma vida pessoal, comunitária e universal; o aprimoramento social depende da consciência dos valores que dirige o homem e a sua cidade e, naquele tempo, essa consciência era gerada pela sensibilidade aos valores mais elevados. Era um tempo em que os homens se deixavam levar pela contemplação da beleza e pelo reconhecimento da estética como representações do seu caráter ético e religioso. Sem dúvida, grande parte das instituições (políticas, jurídicas, científicas e religiosas) é fruto daquela cultura. Talvez seja por esses motivos que muitos estudiosos costumam voltar as suas atenções constantemente à Grécia Antiga.

Naturalmente que não podemos descrever, totalmente, a superioridade da cultura grega na história da educação e na formação humana. Neste capítulo, o interesse de nosso estudo é destacar os ideais, as transformações, o exercício, os significados e os sentidos da *aretê* (excelência e virtude) através do seu caráter pessoal, coletivo e transcendental, numa perspectiva de desenvolvimento axiológico e histórico.

No berço da civilização ocidental vivia-se numa atmosfera de valores sagrados. Os antigos filósofos gregos esboçavam a sua concepção de sociedade baseados na beleza e na harmonia do universo.

Nesse ambiente de efervescência cultural e espiritual surgiu uma palavra – *aretê* – pequena e simples, mas tão grande em importância e sentido que, imaginamos, a pedagogia desceu dos céus por seu intermédio; ao invés de uma concepção de pecado, o fruto da sua criação era a oportunidade de excelência pedagógica (um modelo de formação, de inspiração e de elevação do homem). Essa oportunidade poderia surgir no homem – pela sua natureza – por obra dos deuses ou poderia ser conquistada pelo esforço e pela superação humana.

A viagem da *aretê*, desde dos tempos antigos até à atualidade, é uma interessante história que nos propomos contar. Durante todo esse tempo, o conceito, o significado, a aplicação e a experiência com a *aretê* foi uma *odisséia* de configurações e de reconfigurações que aconteceu de acordo com o tempo, espaço e meio onde esse

processo surgiu, além das reflexões de filósofos, poetas, pensadores e autores que se debruçaram sobre esse tema. O que queremos desde já ressaltar é o fato de que a *aretê*, em todos os tempos, em diversos contextos, conceituações e alterações sofridas ao longo de quase três milênios, esteve sempre ligada aos aspectos e dimensões importantes da vida do homem, da sociedade, da cultura e, por que não dizer, do próprio espírito humano.

Existem muitas maneiras de se contar essa preciosa história; nós preferimos contá-la à luz dos valores, especialmente aqueles vinculados à manifestação da *aretê* através dos tempos e que são uma fonte de inspiração para todos os que militam no desporto, além dos que estão ligados a outras áreas de atuação (artes, música, educação, etc.). Entendemos que, dessa forma, conseguiremos, pelo menos em parte, revelar a importância e a identidade pedagógica da *aretê* que veio dos antigos gregos para toda humanidade. Depois de concluída essa etapa, vamos procurar circunscrevê-la como uma possibilidade dinamizadora do processo pedagógico no âmbito do desporto, da educação, da transcendência (são os nossos outros capítulos) e, conseqüentemente, como um caminho de vida.

A imagem que temos referente às *aretai* (plural de *aretê*) é de um mosaico, pois inúmeras são as suas manifestações e, portanto, vários são os conceitos, todos possuindo o brilho radiante do universo transcendente na busca da perfeição. Do ponto de vista geral, Kitto (1990: 285) define a *aretê* da seguinte maneira: “Quando a encontramos em Platão, traduzimo-la por virtude e, conseqüentemente, tiramos-lhe todo o sabor. Virtude, pelo menos em inglês moderno, é um termo quase que inteiramente de sentido moral; *aretê*, por outro lado, é usada indistintamente em todas as categorias e significa simplesmente excelência”, pois ela situa-se além da virtude moral; no conhecimento e na prática do Bem (Adorno, 2002). No contexto não humano podemos vê-la incorporada a deuses ou a animais (cães e cavalos) (Platão, A República 335b)³. Quando a vemos no contexto da dimensão humana, verificamos que ela é a possibilidade que o Homem tem de ser excelente – moral, intelectual, física, espiritual e praticamente (Kitto, 1990), ou seja, do ponto de vista prático é viver e praticar aquilo que se prega: as palavras devem ser espelhadas pelas ações, assim como as ações devem espelhar as palavras.

³ Talvez o texto mais conhecido de Platão (1996), tradução de Maria Helena da Rocha Pereira.

1.2 - *Aretê em Homero e Hesíodo*

No firmamento histórico-temporal, a *aretê* aparece inicialmente nos grandes épicos de Homero⁴, primeiro na *Ilíada* e depois na *Odisséia*, mas a sua expressão e significado situavam-se além dessas epopéias, as quais eram impregnadas dos valores relacionados aos atos de coragem, valentia, tradição e honra na linhagem das famílias aristocráticas. Entretanto, a *aretê*, já naquela época, era percebida como algo maior que isso. Neste sentido, Jaeger (2003: 27) afirma que: “Não é verossímil que, na época em que as duas epopéias nasceram, a palavra *arete* tivesse, no uso vivo da linguagem, apenas o significado estreito dominante em Homero”. Sendo assim, Peleu, pai de Aquiles, herói da *Ilíada*, talvez movido por sua sensibilidade paterna, descortinava outras qualidades na aplicação da *aretê*, nomeadamente no que diz respeito a uma elevada consciência educadora da nobreza grega, recomendando a Fênix, o educador de Aquiles, a chamar a atenção de seu filho, o que levou Fênix a cunhar a celebre frase: “Por isso ele me mandou, para que eu te ensinasse tudo, como ser orador de discursos e fazedor de façanhas” (*Ilíada* IX, 442-443). O velho conceito guerreiro da *aretê* já não bastava, mas trazia uma nova imagem do homem perfeito, para o qual, ao lado da ação, estava a nobreza do espírito e só na união de ambas se encontrava o seu verdadeiro objetivo (Jaeger, 2003).

Já neste período, a *aretê* era vinculada aos deuses, como descreve Pereira (1982: 39) com o apoio de Homero: “... Zeus acrescenta ou diminui o valor (*arete*) conforme lhe apraz, pois ele é o mais poderoso de todos”. Uma vez que a *aretê* vem do poderoso Zeus, isso significa que a posse de sua *aretê* era o mais valioso prêmio divino. Diante dessa constatação, os homens deveriam, pelas suas ações, estimular os deuses para que estes lhes oferecessem a mais importante coroa, a *aretê*. Essa invocação era bem mais do que uma simples dedicação; era uma exigência de superação, conforme Hesíodo (*Trabalhos e Dias*⁵, 290) decreta: “a miséria, podes colhê-la, e com abundância, facilmente; o caminho é plano e habita mesmo ao lado. Mas diante do Mérito colocaram o suor os deuses imortais; longa e íngreme é a senda que leva até ele, árdua no início, mas quando se chega ao cimo, torna-se acessível em seguida, por difícil que seja”. Os critérios para atingir este valioso mérito (*aretê*) passam pelos temas espiritual e ético;

⁴ Poeta grego que, segundo o historiador Heródoto, nasceu em torno de 850 a.C. Autor dos mais importantes épicos da cultura grega (*Ilíada* e *Odisséia*), que tiveram uma profunda influência sobre a literatura ocidental. Homero também era conhecido como o poeta cego.

⁵ Obra do poeta Hesíodo (séc.VIII a.C.) onde aparece o autor usa a mitologia para desvendar a importância do trabalho e da ética. Através dos mitos de Prometeu e Pandora, Hesíodo propõe uma luminosa ética, explicando como foi que Zeus puniu os homens fazendo-os trabalhar para conseguirem o seu alimento.

valores que são afirmados nessa narrativa de Hesíodo, que ressalta, também, o esforço, o sacrifício, a superação, a coragem, entre outros, os quais são virtudes que sustentam os pilares axiológicos da trajetória do homem na conquista da sua *aretê*.

Na *Ilíada* de Homero, o mundo é situado na perspectiva exclusiva do espírito heróico da *aretê* e o poeta identifica esse ideal em todos os seus guerreiros. Entretanto, na *Odisséia*, outro épico de Homero, os heróis continuavam a ser grandes combatentes, mas eram também construtores de engenhos astuciosos, bons oradores, destemidos, de grande sensatez e, mais do que isso, sabiam agüentar o que os deuses mandavam, sem se queixarem muito; sabiam construir e manejar um barco, abriam um sulco com o arado, batiam um adversário no lançamento de disco, desafiavam um jovem para o boxe, a luta ou a corrida; esfolavam, preparavam, cortavam e cozinhavam um boi e comoviam-se até às lágrimas ao executarem uma canção. Era, na verdade, um *factotum*⁶ excelente; a sua *aretê* era superior (Kitto, 1990). Essa diversificada proposição demonstra o caráter pluridimensional da *aretê*, o qual acabou por influenciar toda a cultura grega, na configuração da totalidade, do ideal da educação do homem e que o desporto pôs em relevo, como veremos mais tarde.

Além daqueles encontrados inicialmente (*Ilíada*), a *aretê* continua a desfilar o seu rosário de valores, como podemos ver em Jaeger (2003: 27): “Assim, a *Odisséia* exalta, sobretudo, o seu herói principal, acima da valentia, que passa a lugar secundário, a prudência e a astúcia”. É bem verdade que a *aretê* era própria da elite aristocrática (o homem vulgar não tinha *aretê*), entretanto, cabe salientar que o nobre era um homem que possuía uma elevada estima e amor-próprio. Ele aspirava à honra e, por conta disso, colocava a sua força e coragem a serviço de todos; exposto na frente de batalha, constituía-se em um modelo para o mais alto ideal de Homem (Marrou, 1969). Outrossim, quer na *Ilíada*, quer na *Odisséia*, a educação daquela época tinha por meio uma pedagogia fundada no exemplo dos grandes heróis ou no exemplo mítico. O valente sempre era o nobre; o combate e a vitória eram partes integrantes de suas vidas, pois ambos representavam a realização prática da virtude e da excelência humanas. A tradição das antigas sagas desses cavaleiros eram exemplos vivos e, desta maneira, paradigmaticamente constituía uma importante estrutura pedagógica baseada na dignidade, renovada diariamente pela dedicação e empenho em tudo com que se

⁶ Trata-se de um vocábulo com origem latina – *fac totum* – “faz tudo”. O contexto ajuda a compreender esse significado: Ulisses é o herói das mil empresas; tem solução para tudo, ocupa-se de múltiplos afazeres. Ele é um herói versátil, que se adapta a todas as circunstâncias.

comprometiam realizar. Os exemplos eram guias orientadores para a ação, mostravam um caminho (de vida) que poderia ser seguido por todos. Os jovens sabiam que deveriam imitá-los e, assim, conquistar a sua *aretê*. Uma única palavra sintetiza este estado de coisas: heroicidade, entendida como uma relação da força e destreza subordinada à ação ético-moral. Nesse sentido, o código da nobreza cavalheiresca teve assim uma dupla influência da educação helênica. Dela herdou a ética como uma das mais altas virtudes e a exigência da coragem como valores da *aretê* varonil (Jaeger, 2003).

A literatura do período da Grécia Arcaica, pela sua riqueza pedagógica, determinou, em grande parte, a conduta dos povos nos tempos posteriores, na Grécia Clássica. Aquela (Grécia Arcaica) foi a argamassa da estrutura ética, educativa e cultural que os grandes filósofos atenienses vieram a fundar posteriormente e que acabou por ficar conhecida e, posteriormente, influenciou todo o mundo ocidental. Para Jaeger (2003: 37) a “*arete* – conceito central da educação grega” foi, assim, decisiva para a proposta dos grandes filósofos. Não é para menos. Se verificarmos toda a coerência e a consistência que a *aretê* possui, podemos resumir (o que já foi visto) da seguinte maneira: *aretê* é, então, um atributo da excelência humana, a beleza de caráter que orienta a práxis (a ação cotidiana) humana para o bem; é, enfim, a unidade suprema de todas as excelências. Eis aí o mais belo sentimento pedagógico da *aretê* – o mais perfeito equilíbrio entre altivez e magnanimidade – cujo troféu é a honra que todos queriam, por que lutavam e se esmeravam para conseguir (Marrou, 1969).

Voltando a Hesíodo (Trabalhos e Dias, 306-313) e a suas reflexões sobre a *aretê*, encontramos, então, a defesa da conquista da *aretê* através do trabalho que passa a ser, para ele, o único e, ao mesmo tempo, difícil caminho para se atingir o bem da *aretê*: “pelo trabalho serás muito mais estimado pelos imortais (...). Trabalho não é vergonha, é o ócio que traz vergonha (...); à riqueza, seguem-na o mérito e a glória”. As observações do poeta estão ligadas ao novo conceito da *aretê* junto à categoria dos trabalhadores, à habilidade pessoal e ao que dela deriva – bem-estar, êxito, consideração. Não se trata da *aretê* guerreira da antiga nobreza, nem da classe proprietária, baseada na riqueza, mas sim da do homem trabalhador que tem a sua expressão numa posse de bens moderada. Surge então e, ao que parece, pela primeira vez, a possibilidade de a *aretê* ser ensinada e não ser mais aceito o determinismo sangüíneo. Hesíodo defende uma educação baseada na *aretê* para o homem comum e para o homem do campo como um compromisso de justiça. Essa questão vai ocupar um

bom espaço de discussões e de reflexões posteriores, principalmente entre os sofistas (os profissionais da educação ateniense) e, especialmente, com os filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles.

Consideramos que a Grécia Arcaica, por tudo o que Homero e Hesíodo representaram na propagação dos ideais de mérito e excelência, se configura como uma das mais inspiradoras etapas no percurso da *aretê*. Conforme Kitto (1990: 286), “Esta é uma das razões que levou a épica a sobreviver para construir a educação de uma era muito mais civilizada. O ideal heróico da *aretê*, embora firmemente enraizado no seu próprio tempo e circunstâncias, era tão profundo e vasto que pôde tornar-se o ideal de uma idade totalmente diferente”. Entretanto, no final do período arcaico, este ideal foi ampliado e definitivamente circunscrito na categoria ética, pois, segundo Pereira (1988: 364), através do “ belo e o bom. Pretende-se alcançar, simultaneamente, a excelência moral e física”. A excelência é uma medida qualitativa de competência (belo) e a virtude, para além do sentido moral, pode ser enquadrada num sentido ético e espiritual (bom). Nesta mesma direção, o argumento de Jaeger (2003: 35) aprofunda essa temática, quando diz “Aspirar à beleza (que para os gregos significa ao mesmo tempo nobreza e eleição) e fazê-la sua, é não perder nenhuma ocasião de conquistar o prêmio da mais alta *aretê*”.

1.3 - *Aretê em Tirteu, Xenófanes e outros:*

Ainda nesta época, mas um pouco mais tarde, encontramos em Tirteu (séc. VII a.C.) uma *aretê* de caráter militar invocada por Esparta, na qual o cidadão era um elemento do Estado e vivia para defendê-lo e desenvolvê-lo (Marrou, 1969). Não havia o sentido do culto pessoal, mas, sim, o da pátria. Era um Estado em que se vivia na segunda pessoa do plural, por isso mesmo formou uma cultura baseada no sentido de coletividade e guerreira. Nesse palco histórico encontramos uma outra e dura maneira de ver os valores humanos, quando eles se expressam na guerra. Sendo assim, a *aretê* heróica dos tempos de Homero transforma-se no heroísmo do amor a pátria.

Tirteu, poeta de Esparta, imaginava, baseado na *aretê*, desenvolver um Estado de heróis onde a grande tarefa de seus integrantes era, se preciso fosse, sacrificar a vida em troca da sobrevivência do Estado. Neste princípio, Tirteu, lembrado aqui por Marrou (1969: 36), acrescenta: “Eu não julgaria um homem digno de memória, nem faria caso dele unicamente por seu valor na corrida a pé ou na luta, fosse ele grande e forte como

os Ciclopes (...) mais belo (...) se ele não tem valor militar, se não é homem para resistir a batalha...esse é o verdadeiro valor (*aretê*) ...” e complementa: “esse é o mais alto prêmio que um homem possa obter entre os homens; é um bem comunitário, útil à cidade e ao povo inteiro”. Mesmo salientando o ideal da *aretê* agônica, a qual prevaleceu aqui nos jogos desportivos, a exaltação era para o combate guerreiro. Neste raciocínio, podemos concluir que a honra e os valores ideais (*aretê*) dos heróis homéricos passam a ser vinculados a todos os cidadãos. A pólis (Esparta) é quem detém o atributo da *aretê*. “Só uma medida existe para a verdadeira *arete*: a cidade e quanto a favorece ou prejudica” (Jaeger, 2003: 122). O novo ideal da *aretê* política exprime, em comparação com a *aretê* das epopéias, uma transformação na sua concepção. A pólis é a essência de todas as coisas humanas e divinas. Acrescentamos as considerações de Ferreira (1996: 79) a respeito desse assunto: “A polis era, portanto, uma entidade activa, formativa, que exercitava o espírito e formava o carácter do cidadãos. Constituía uma preparação para a *aretê* – excelência ou virtude –, função de que o Estado moderno se desliga quase por completo”.

Chegamos então ao controvertido Xenófanes (séculos VI e V a.C.). Esse erudito foi contemporâneo de Píndaro e dele se distinguia por sua crítica aos atletas dos Jogos Desportivos da época; embora declamasse Homero (onde nasceu a substância da *aretê* agônica) em público, ao mesmo tempo, o condenava em particular (Jaeger, 2003). Xenófanes (in Pereira, 1982: 119/120), num de seus poemas descreve: “Mas se alguém alcançar a vitória com a velocidade dos pés (...), terá o lugar de honra mais aparatoso dos jogos (...) sem ser tão digno como eu. Pois melhor que a força de homens (...) é a nossa sabedoria”. Sem dúvida uma curiosa observação para um “sábio” uma vez que sabemos que uma das virtudes de um sábio é o comedimento: o “comedimento é a arte que está ligada ao excesso e à falta” (Protágoras, 357a)⁷ e, nesse caso, parece – para nós – que houve algum excesso. Apesar disso, o ideal da *aretê* agônica permanece inalterável, firme e cada vez mais radiante nos poemas de Píndaro, os quais discutiremos melhor quando tratarmos da *aretê* nos Jogos Desportivos.

Por outro lado, foi este mesmo poeta (Xenófanes) que evidenciou, de modo claro, a *aretê* no estágio filosófico e de formação espiritual. Esses valores foram depois dirigidos à pólis como medida de todos os valores. Essas funções da *aretê* supera, incorpora e subordina os demais conceitos, os ideais, os princípios e os valores anteriores. “É preciso apenas honrar os deuses e guardar viva a memória da verdadeira

⁷ Obra Clássica de Platão, edição de 1999 e tradução de Ana da Piedade Elias Pinheiro

arete” (Jaeger, 2003: 215-216). O que predomina é o espírito da pólis (visão do espírito coletivo) com a incorporação do individual, no sentido de identidade comunitária. Assim, o conceito da *aretê* atinge um outro estágio: coragem, prudência, justiça, sabedoria, além de, como vimos, as virtudes do espírito, estarem solidamente vinculadas ao plano coletivo. Essas qualidades são os fundamentos de uma *aretê* que, mais tarde, Platão utiliza para a concepção da *aretê* cívica: a justiça, a ética e a política (Vaz, 2004).

Já Simónides descreve o modo pelo qual a *aretê* torna o homem imortal, pondo-se a exaltar os heróis de Termópilas: “Dos que morreram em Termópilas, glorioso é o destino, bela é a morte. É seu túmulo um altar; em vez de gemidos, a sua lembrança; o pranto se volve em elogio. (...) Esta sepultura de homens corajosos escolheu para guardar a fama excelsa da Grécia. Testemunha-o Leônidas, rei de Esparta, que deixou o ornamento de uma grande valentia (*arete*) e um renome imperecível” (Pereira, 1982: 146). É o vigor da *aretê* transcendente. Os atos heróicos, a fama e a glória daquele que lutou por sua pólis transcende a sua morte física, garante um lugar junto à divindade e o imortaliza pela sua lembrança eterna. A bela morte é a morte de alguém que luta pelos ideais da sua pólis. Para que não se tenha dúvidas, Simónides (Pereira, 1982: 148) não faz por menos, quando desenvolve a sua visão da *aretê* e determina: “Envolvendo-se na névoa sombria da morte, coroaram a pátria amada de glória inextinguível. Mortos, não desapareceram: o valor (*arete*) que aqui os exortava os fará regressar da mansão do Hades”.

Esse período foi um momento de muitas reflexões a respeito do conceito, utilização e aplicação da *aretê*. Muitos poetas e filósofos, em função dos tempos e da importância cultural, social e pedagógica da *aretê*, punham-se a discuti-la e a implementá-la, de acordo com suas tendências e expectativas. Neste cenário, surgem vários personagens, tais como Heráclito⁸, Teógnis⁹, Baquíledes¹⁰, Heródoto¹¹, Eurípedes¹², Tucídides¹³, Aristófanes¹⁴, Xenofonte¹⁵, entre outros. Essa plêiade de homens importantes para a cultura helênica fora responsável por inúmeras reflexões acerca da palavra *aretê*. Entretanto, um ambiente de efervescência política (séc. VI a.C.) redundou naquilo que se chamou de a crise do conceito de *aretê*.

⁸ Pensador pré-socrático nasceu em Éfeso (séc. VI-V a.C.).

⁹ Poeta grego que nasceu em Mégara (séc. VI a.C.).

¹⁰ Poeta lírico grego era sobrinho e discípulo do poeta Simónides nasceu em Ceos (séc. VI-V a.C.).

¹¹ Historiador grego nasceu em Halicarnasso (séc. V a. C.).

¹² Poeta e teatrólogo grego nasceu em Salamina (séc. V a. C.).

¹³ Considerado o historiador mais profundo da Grécia nasceu em Atenas (séc. a. C.).

¹⁴ Dramaturgo grego nasceu em Atenas (séc. V-VI a. C.).

¹⁵ Historiador grego foi discípulo de Sócrates nasceu em Atenas (séc. V-IV a. C.).

A palavra crise parece, inicialmente, muito forte; entretanto, se nos detivermos a uma análise mais aprofundada, podemos, assim como os chineses, considerar os dois aspectos que esta palavra traduz. Se, por um lado, crise significa risco e, conseqüentemente, cuidado, por outro, estamos diante de um momento que oportuniza crescimento, engrandecimento, renovação, etc. Acreditamos que a crise mencionada acabou por dar razão à segunda proposta da palavra; tanto é que estes poetas e filósofos, todos eles, teceram comentários e dedicaram versos, poesias e histórias a respeito do aprofundamento do termo *aretê*. Neste sentido, de acordo com o pensamento de Pereira (1982), esses autores celebraram a *aretê* sob os mais diferentes enquadramentos. Para Heráclito (in Pereira, 1982: 125) “Ser sensato é a maior excelência (*arete*), ser sábio é dizer a verdade e proceder de acordo com a natureza”. Já Teógnis (in Jaeger, 2003: 248) pensava a *aretê* incluindo um outro sentido: “Toda a virtude se encerra na justiça e só é nobre quem é justo”. Baquílides, chamado por Pereira (1982: 183), vê na importância da *aretê* sua fonte de inspiração: “Assim também disponho, para exaltar vosso valor (*arete*), de caminhos mil”. Heródoto (citado por Silva, 2000: 69), em consonância com os tempos, vincula a *aretê* cidadina, enxerga: “...A Grécia, desde sempre, cresceu na pobreza. Mas a ela associou-se a superioridade (*arete*), feita de espírito (*sophia*) e de uma lei rigorosa (*nomos ischyros*). Graças a esses princípios, a Grécia defende-se da pobreza e contra a sujeição a um senhor”. Eurípedes, pela pena de Pereira (1982: 265), descreve o elogio a Atenas: “...à Ciência mandou, para a acompanharem, os Eros, que do *valor* são estímulo”¹⁶. Tucídides, chamado por Pereira (1982: 295), considera que a *aretê* está além das classes sociais, salientando que “...quanto à consideração social, à medida em que cada um é conceituado, não se lhe dá preferência nas honras públicas pela sua classe, mas pelo seu mérito (*arete*)”, ou ainda anexando um outro e refinado valor: “Também na generosidade (*arete*) de conduta (*arete*) somos o oposto da maioria. Não é por recebermos benefícios dos amigos, mas por lhes fazermos bem, que os conservamos” (Pereira, 1982: 297). Aristófanes, por outro lado, faz valer a tradição, afirmando: “O divino Homero onde foi buscar a sua honra e glória, senão ao fato de ter ensinado ordem de batalha, *valentia* (*arete*), armaduras dos guerreiros?” (Pereira, 1982: 361). Xenofonte, ao registrar as palavras de Sócrates, mostra a força do cariz espiritual da *aretê*, sugerindo: Não deveria todo homem que entende que o domínio de si mesmo é a base da virtude (*arete*) comece por fixar esse alicerce solidamente na sua alma? (Ditos

¹⁶ O valor para Tucídides era a ἀρετή.

e Feitos Memoráveis de Sócrates I, 5, 4-5). E, registra em tom professoral: Se sei algo de bom, ensino-o e além disso recomendo-o a outras pessoas as quais penso que possam ser-lhes útil no caminho da virtude (*aretê*) (Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates I, 6, 14).

Acreditamos que essas opiniões de uma pequena amostra de poetas e historiadores, embora elaboradas num determinado período de tempo, possam ser sugestiva para o acompanhamento e entendimento e da importância do significado, para a cultura grega, da *aretê*.

1.4 - *Aretê em Sócrates, Platão e Aristóteles*

No entanto, o que nos interessa agora é conhecer um pouco sobre as reflexões dos filósofos gregos a respeito da *aretê*. Para esse estágio, vamos buscar algumas informações nos considerados maiores filósofos daquela época (séc. V e IV a. C.): Sócrates, Platão e Aristóteles.

Cabe ressaltar aqui que a nossa intenção não é fazer um detalhamento a respeito do pensamento desses grandes sábios da Grécia clássica e, sim, recolher algumas informações que possam servir de apoio para uma discussão mais aprofundada sobre os ideais da educação helênica, dos princípios configurados na *aretê* (reconhecidos por estes filósofos), e o encaminhamento de uma breve discussão sobre as estruturas pedagógicas do desporto com base no vigor da *aretê* (mais detalhes sobre a relação do desporto e *aretê* serão debatidos mais adiante no capítulo “Desporto: um caminho para a excelência”.

Falaremos inicialmente a respeito das formulações de Sócrates sobre a *aretê*. Antes de mais nada, devemos chamar a atenção de algumas peculiaridades a respeito da personalidade de Sócrates. Ele preferiu não deixar nada por escrito, embora fosse considerado por muitos um autêntico e brilhante educador; a sua forma de transmitir era à *moda antiga*, ou seja, da palavra ao ouvido (como no tempo de Homero) e daí, ao coração e à mente do educando. “...Sócrates – um homem que modificou a corrente do pensamento humano sem escrever uma palavra, sem pregar uma doutrina, simplesmente falando...” (Kitto, 1990: 63). Portanto, o que vamos expor a respeito desse filósofo trata de citações dos seus seguidores (Platão é considerado o mais importante deles e o mais fidedigno) e, talvez, esta seja esta a única maneira de conhecer um pouco a respeito da opinião de Sócrates no domínio da *aretê*.

Sócrates era freqüentador assíduo dos ginásios (centro desportivo e cultural) e, portanto, como todo ateniense, praticava exercícios para o corpo (Banquete¹⁷ 217c). Também esteve envolvido em batalhas, combateu mais de uma vez e distinguiu-se no campo de batalha, conforme podemos ver na narrativa de Alcibíades no Banquete de Platão (220e). Esse homem, com essa personalidade, com uma vida exemplar e pertencendo à fina-flor da filosofia grega é a quem pedimos a colaboração para conhecermos mais a respeito dos segredos escondidos na *aretê*.

No tempo de Sócrates considerava-se, por alguns, a possibilidade de a *aretê* ser ensinada como virtude e, para tal, era necessário que existissem professores da virtude – função que os sofistas diziam ser a sua – como podemos ver através dos diálogos de Protágoras e de Menon¹⁸. Claro está que, embora alguns se designassem como professores da virtude; virtude se ensina principalmente através do exemplo, conforme foi a vida de Sócrates “cuja sabedoria é sofrida conquista diária de uma medida que é medida de si por si e de si com os outros, para o Sócrates cidadão, apareceu o Sócrates cuja filosofia é o próprio constituir-se da vida moral, na medida da construção da cidade humana: e sem dúvida, sob esse aspecto, muitas páginas da *Ética nicomachea* de Aristóteles são profundamente socráticas” (Adorno, 2002: 138). Com efeito, Platão no seu livro intitulado, *Apologia de Sócrates* (30b)¹⁹, descreve aquilo que foi chamado de a missão de Sócrates e que constituía algumas das suas convicções a respeito do tema *aretê*: “...não é das riquezas que nasce a virtude, mas que é da virtude que provêm as riquezas e todos os outros bens, tanto públicos como particulares”. Assim se comportou Sócrates, tanto na sua vida privada como na pública e no momento da sua morte, recusando-se a fugir a fim de enfrentá-la. No seu exemplo reluz o ouro da própria *aretê* como virtude e excelência: esse é o modo coerente do ensino da *aretê*.

Existiam três questões referentes à *aretê* que preocupavam os filósofos da época clássica: 1) A *aretê* existe como resultado de um processo hereditário e, portanto, não pode ser ensinada, ou ela está à disposição de todos, podendo, então, ser ensinada ou adquirida. Permanece, ainda, essa questão a ser elucidada (iniciada com Hesíodo em *Trabalhos e Dias*, 287 a 297). 2) A fragmentação do estudo da *aretê* é um sinal dos tempos, onde a unidade de todas as coisas passa a dar lugar ao estudo das particularidades para que possam ser mais bem estudadas e compreendidas. Essas discussões não aconteciam na Grécia Arcaica, pois os antigos poetas (como já citamos

¹⁷ Obra clássica de Platão: edição de 1970, tradução de J. Cavalcante de Souza.

¹⁸ *Ménon* edição de 1986, tradução de Ernesto Rodrigues Gomes.

¹⁹ Outra obra clássica de Platão: *A Apologia de Sócrates* edição de 2006, tradução de Manuel De Oliveira Pulquério.

anteriormente) estavam distantes de apresentar a essência da *aretê* sob uma ótica fragmentada. Ao aplicarem-na, davam preferência a uma *aretê* sobre as outras. 3) A *aretê* de predominância individual do tempo de Homero dá lugar à *aretê* de predominância coletiva. A pólis passa a ser o centro do universo de valores (Jaeger, 2003).

Sócrates, assim como Platão, condiciona que a aquisição da *aretê* passa, inicialmente, pela solução do problema acerca da essência da *aretê*, ou seja por um difícil e complexo processo intelectual. Isto significa que a *aretê*, nesse período, passou a ser algo que necessitava de uma investigação mais apurada: “é preciso examinar se a virtude é saber ou se é outra coisa diferente do saber” (Ménon, 87c).

Nesse princípio, vamos considerar algumas referências de Sócrates junto ao tema da *aretê* como virtude, uma vez que, para Pereira (1988: 437), Sócrates tinha como “objecto de seu ensino o culto da virtude, o domínio de si mesmo, ...”. Com efeito, segundo a mesma autora, a palavra *virtude* passa, no período de Sócrates, a ser definitivamente vinculada à *aretê*. Sem dúvida, essa é uma grande contribuição para a expressão da *aretê* daquele período e que consolidou, definitivamente, para os tempos vindouros, a *aretê* vinculada à(s) virtude(s). Dentre as virtudes socráticas, encontramos: a justiça, a piedade, a sabedoria, a prudência e a coragem (Protágoras 349b).

A questão relevante deste tema para Sócrates é a relação da virtude geral e das virtudes particulares, como aquelas citadas anteriormente. As partes são qualitativamente distintas entre si, mas estão relacionadas com o todo (Protágoras 329d), ou seja, é a busca do fundamento comum com o aparentemente diverso. Vemos que Sócrates considera que “a virtude é um saber” (Jaeger, 2003: 634) e, assim, acrescenta às virtudes morais o cariz intelectual. Com essa proposta em mente, ele estabelece relações entre as diferentes virtudes como forma de demonstrar a unidade delas e o exemplo mais significativo é o da relação da valentia e do saber; O valente só teme a desonra, já “os cobardes são cobardes por ignorância” (Protágoras, 360c). Desta maneira, verificamos que o conhecimento do seu verdadeiro valor é que determina a opção da vontade. Conclusão para Sócrates é que a valentia é o mesmo que sabedoria. Estabelece, assim, uma íntima relação entre esta e aquela virtude, ou seja, “a sabedoria das coisas que causam temor e das que não o causam é coragem, uma vez que é o contrário da ignorância” (Protágoras 360d). Assim, a *aretê* como um saber é passível de ser ensinada. Quanto à *aretê* vinculada ao caráter, às virtudes e às excelências do Homem, as quais eram consideradas como improváveis de serem transmitidas, Sócrates

admite que esses homens possuíam a *aretê*: “se esta consistisse num saber, teria por força de se ter manifestado como força educativa” (Jaeger, 2003: 714). A menos, como se especulava, que a *aretê* fosse, de fato, um valor divino (e não deixamos de encontrar inúmeras explicações racionais a respeito dessa tese), não seria de fácil explicação; o relativo é possível de ser provado e ensinado, mas o absoluto só é possível de ser conhecido, a menos que o realize.

Portanto, não se deve perder de vista que é exatamente no discernimento da virtude e do bem que se inscreve o *novo* saber socrático; a síntese desse saber está no “conhecimento do bem, a que, em última instância, sempre se reduz o estudo de todas e de cada uma das virtudes, é algo mais vasto do que a bravura, a justiça ou qualquer outra *aretê* concreta. É a “virtude em si”, que se revela de modo diverso nas diversas virtudes” (Jaeger, 2003: 566). Provavelmente, baseado nessa categoria e no significado do dito délfico, Sócrates funda a ciência do bem e do mal, a qual orienta um caminho de vida para a posse da *aretê*. Essa ciência, longe de se situar na esfera do maniqueísmo, se ocupava com o autoconhecimento; “tornando-nos novos de cada vez, na consciência crítica daquilo que somos, e do conhecimento dos instrumentos mediante os quais pôr bem em acção aquilo que somos (...), o mal é ignorância porque consiste no não ter sabido agir, no não ter tido a capacidade (virtude) de instituir, caso a caso, uma justa relação” (Adorno, 2002: 89-90).

É através das reflexões e dos ensinamentos de Sócrates – e também de Platão – que a *aretê* heróica do período homérico incorpora um outro sentido de heroísmo, conforme nos anunciam Reale e Antiseri (1991: 90): “Tradicionalmente el héroe era la persona capaz de triunfar sobre todos os enemigos, peligros, adversidades y fatigas exteriores; el nuevo héroe es aquel que sabe vencer a los enemigos interiores”. O que importa é a dimensão do conhecimento do bem, o treinamento pelo bem e para o bem com vistas a uma outra *epopéia* rumo à conquista do espírito e da simplicidade da Beleza Original. A saga a ser empreendida visa à descoberta do Homem dentro do homem, do Ilimitado dentro do limitado, do Ser dentro do estar, da Unidade na diversidade, do Eros no eros... Um combate que vale cada movimento e cada *aristéia*²⁰, e que vale, para quem está disposto a disputá-lo, o título de Herói dos heróis, Atleta dos atletas e Nobre dos nobres!

²⁰ É na *Ilíada* de Homero que celebram a maior *aristéia* da guerra de Tróia; o triunfo de Aquiles sobre o corajoso Heitor. É no triunfo do herói que reside a autêntica *aristéia*.

Nosso convidado agora é Platão²¹. Esse grande filósofo ateniense era considerado como tendo uma personalidade essencialmente política, tanto que defendia que a política deveria ser conduzida por filósofos, uma vez que estes estavam mais preparados para aquela função pelas suas virtudes, pelo conhecimento do bem e pela sabedoria. Platão, como discípulo de Sócrates, escreveu sobre o seu mestre de tal modo apaixonado que, em alguns momentos, Platão e Sócrates eram apenas um e, a esse último muitos o chamam de Sócrates platônico. Entretanto, a influência do pensamento de Platão, através dos tempos, pode ser notada no humanismo e na obra de Santo Agostinho, o qual, segundo Jaeger (2003: 581) “traçou a fronteira histórico-filosófica da concepção medieval do mundo, por meio da sua *Cidade de Deus*, tradução cristã da *A República de Platão*”. A grande evidência de Platão junto ao cristianismo se deu especialmente no “papel do divino Platão como autoridade religiosa e teológica suprema, papel que ele assumiu no decurso do século II e que atingiu o seu ponto mais alto no chamado Neoplatonismo da geração de Orígenes, no século III” (Jaeger, 2002: 62-63); essa siamesa relação aconteceu em função da identidade entre a profundidade de formação do homem esculpida por Platão (*paidéia*) e o sentido de uma educação cristã; a *paidéia* de Cristo (Jaeger, 2002).

Foi na educação que Platão estabeleceu as bases para reflexões políticas que até hoje vigoram, como salienta Pereira (1988: 465): “O seu papel na história da educação (...). Basta lembrar que o estabelecimento de escolas públicas e a educação das raparigas, que queria idêntica à dos rapazes (...), serão postas em prática na época helenística”. Platão contribui ainda com a visão de planejamento curricular baseado no modelo de cidade ideal – como pode ser visto em *A República de Platão* – e de preparação para a filosofia. Para ele (Platão), como é do conhecimento geral, era de fundamental importância a inclusão, neste currículo, da ginástica para o corpo e a música para a alma. Não era qualquer ginástica e sim a arte da ginástica e, em relação a música, chega a admitir a sua inclusão, quer a criança dela goste, ou não (Platão, citado por Pereira, 1982); a educação pela ginástica e pela música era para tratar a alma (*A República*, 410c-d). Não podemos deixar de ressaltar, pelas suas disposições, o fato de a filosofia de Platão encarnar o apogeu de uma cultura (*paidéia*), pois sua obra, alicerçada em Sócrates, possui também um caráter educativo e de caráter político.

²¹ A obra de Platão, não raras vezes, se confunde com a de Sócrates, tanto é assim que Taylor (In, Adorno, 2002, p.148) assinala que “grande parte de Platão é o próprio Sócrates”; ou como queria Zeller, pelas notas de Adorno (2002, p.144) “Sócrates procura a ideia, Platão descobre-a e adquire a sua clara posse e plena intuição. As suas ideias são os conceitos gerais de Sócrates, destacados do mundo dos fenômenos”.

Segundo Jaeger (2003), Platão não tinha interesse em desvendar o enigma do universo. Os seus esforços estariam, sim, na direção da busca do conhecimento para a conservação e estruturação da vida. Neste princípio, entendemos que a conservação e estruturação da vida fazem sentido num ideal de formação humana introduzido, especialmente, pelo conceito de *paidéia*. Essa palavra, inicialmente, era conhecida como crescimento físico²² para, a partir do séc. V a. C., significar finalmente cultura, formação e elevação humana. Como Jaeger (2003) considera que a palavra *paidéia*, no período helênico, tinha uma importância, significado e amplitude grandes, ela passa a ser considerada a mais alta *aretê*, englobando, assim, os ideais físicos e espirituais.

É no livro A República que Platão introduz mais reflexões acerca do conceito de *aretê*; já que toda a sua obra é um caminhar na direção da virtude e da excelência (*aretê*). É notório que o seu objetivo principal era discutir a justiça como uma virtude e a sua natureza: “a justiça gera concórdia e a amizade” (A República, 351d). Aqui a idéia de *aretê* vem associada a uma outra, também importante, que é a idéia de *érgon* (aparece também no Protágoras 320a), que se pode entender por função. Faz parte do ouvido e dos olhos, respectivamente, ouvir e enxergar; essa é a sua função. Entretanto, quando esta função se processa perfeitamente, encontramos também aí a *aretê* (A República, 353b). Considerando este ponto de vista, talvez deixado de propósito nas entrelinhas das considerações de Platão sobre a *aretê*, entendemos que, da mesma maneira que um ouvido pode ser treinado para ser excelente na percepção de tons e semi-tons de um instrumento musical, o olho pode ser treinado para ser excelente numa determinada arte como, por exemplo, a do arqueiro e a do goleiro no futebol. Tal como já foi mencionado, o relacionamento das partes com o todo, a parte (olho) concorre também, e principalmente, para a excelência do todo: a função do arqueiro ou goleiro.

Para o entendimento da *aretê* humana, Platão acha que é preciso saber o que é o homem. Ele pensa o homem como um ser de corpo e alma, sendo à alma destinada a função de governar, deliberar, dirigir o corpo. Por outro lado, na prática considera que o homem vive na pólis e, com isso, tem a necessidade de convivência e relacionamento. Sendo assim, Platão considera a justiça a maior *aretê* a que todos os homens deveriam aspirar, portanto, surge aqui um dos seus pilares educativos; o outro é a arte política, intimamente ligada à justiça, que Platão considera a arte suprema e a mais difícil de todas, conforme Reale e Antiseri (1991: 149): “El verdadero arte de la política es el arte

²²Paidéia, na sua origem, significava cuidar de crianças. Com o passar dos tempos ela passou a ter o grande significado que todos conhecemos: o cultivo da perfeição humana. Com efeito, já houve tempo em que se considerava a *paideia* (mais ainda a *agoge* espartana) o mais alto fim do Estado (pólis).

que se cuidas del alma y convirte en lo más virtuosa posible”. Ele sugeria que os cidadãos de uma mesma pólis deveriam desenvolver o exercício da virtude e àqueles que a dominassem (apreendessem) o governo deveria ser-lhes entregue; a educação do indivíduo era para “a vida política justa, da polaridade entre o *logos*²³ e o *eros* unificada na perspectiva da contemplação das Idéias do Belo e do Bem” (Vaz, 2004: 32). Ou seja, a finalidade suprema, tanto para Platão como para Sócrates, era colocar a virtude (*aretê*) em bases lógicas e inatacáveis, fazer dela um conhecimento, que poderia ser aprendido e ensinado (Kitto, 1990) e, também, admirado à luz do espírito.

Na tentativa de aclarar ainda mais o debate a respeito da *aretê* vamos convidar Aristóteles e as suas reflexões a respeito desse fascinante tema, e tomaremos por base as suas obras, a *Ética a Nicômaco* e a *Política*²⁴, como meio de instrumentalizar nossa abordagem.

Aristóteles era discípulo de Platão, que era, como já vimos, discípulo de Sócrates e cada um acrescentou à filosofia a sua forma particular de analisar o enigma do universo humano. Sócrates parecia ser um homem dos ideais e das discussões dialéticas, pois “trouxe a filosofia do céu para a terra” (Cícero, in Pereira, 1988: 438), enquanto que Platão separa o mundo sensível do mundo das idéias, na busca dos meios que atendessem à estruturação da vida. Quanto a Aristóteles, a sua investigação era no sentido de descortinar, de modo prático, a aplicação de um saber acerca da conduta humana; a “observação dos mundos vegetal e animal, possibilitou ao filósofo elaborar teorias físicas e a respeito da essência do ser (metafísica)” (*Ética a Nicômaco*: notas do tradutor, p.242). Naturalmente que cada modo de pensar e de ver o universo humano, na perspectiva desses pensadores, trouxe importantes contribuições ao conceito e à aplicação do fenômeno da *aretê*. A marca de cada um deles também pode ser notada no sentido da educação que trataremos mais adiante.

A investigação, realizada pelo filósofo em tela, sobre as virtudes (*aretai*) distingue dois tipos de *aretai*: a da inteligência e a de caráter ou moral. A primeira adquire-se, especialmente, através do ensino, enquanto que a virtude de caráter depende do hábito. Neste sentido, o próprio Aristóteles (*Ética a Nicômaco*, 1105b, 20) informa que “na alma se encontram três espécies de coisas – paixões, faculdades e disposições – a virtude deve ser uma delas”. Após a discussão a respeito dessas dimensões, fica claro

²³ Significa uma performance discursiva que em Platão o termo adquire o sentido específico de discurso verificável. 'Logos', desde o início apresentou um duplo significado: palavra ou discurso exterior e discurso interior, pensamento (conceito, ideia). A grande oposição é entre 'logos' (segurança, lógica e razão) e mito (incerteza, conto).

²⁴ Duas das mais importantes obras de Aristóteles: *Ética a Nicômaco*, edição de 2004, tradução de Pietro Nassetti e *Política*, edição bilingue de 1998, tradução e notas de António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes.

que, se as virtudes (*aretai*) não são nem paixões e nem faculdades, elas só poderiam ser hábitos ou disposições do caráter. As virtudes referentes ao caráter são acessíveis à grande maioria das pessoas que as desenvolvem através do hábito ou da prática, que supõem decisões voltadas para a ação, tomadas após profunda reflexão.

As virtudes (*aretai*) são vistas como um caminho entre o excesso e a falta, ou carência em relação a princípios racionais. Aristóteles salienta que “a virtude é, então, uma disposição do caráter (...), e consistente numa mediana, isto é, a mediana relativa a nós, que é determinada por um princípio racional próprio do homem relativo dotado de sabedoria prática” (Ética a Nicômaco, 1107a, 1). Com efeito, a virtude (*aretê*) passa, neste período, a ser um meio-termo, mas do ponto de vista do melhor e do bem, ou seja, um extremo. Não podemos deixar de lembrar que os sábios (homens prudentes) sempre praticam e buscam o caminho do meio (como nos ensinou também a filosofia budista); entretanto, eles, invariavelmente, preferem o bem e o que é melhor. Isso é a excelência da virtude, a mais pura *aretê*. Esse filósofo estabelece também que o bem é a base da vida feliz e que esse bem pode ser adquirido através da atividade excelente. Embora se possa nascer com essas predisposições naturais, faz-se necessária a educação da vontade e assim, através da incorporação do hábito, o homem desenvolve a disposição para sua *aretê*, tornando-se bom pela prática do bem. Esse é um sentido de educação que, embora circunscrito num determinado tempo, permanece atual e reclama a sua incorporação junto à prática da educação.

Nesta premissa, podemos observar a *aretê* (através da especulação) na atividade desportiva, quando verificamos que toda virtude não só aperfeiçoa aquele que a possui mas também faz com que ele execute bem a sua função e, dessa forma, torna-se excelente. Vale considerar que, em se tratando de atletas e da necessidade de superação, o princípio pode parecer um excesso. O termo médio não é o das coisas e, sim, o relacionado à pessoa. Portanto, se alguém tem necessidade de superar-se, desafiar-se e ir além, isso é parte da sua natureza e, sendo assim, prefere atingir o melhor em relação a si próprio. Então, há o termo médio e o excelente e nisto consiste a virtude (Ética a Nicômaco, 1106b, 20).

Essas observações são interessantes, uma vez que sabemos que a superação dos desafios na vida e o modo como o fazemos é uma discussão eminentemente ética. Para isso, encontramos em Aristóteles um bom argumento, quando ele esclarece que “a função do homem é uma atividade da alma (...), têm uma função que é a mesma em espécie (...) sendo acrescentada ao nome da função a excelência com respeito à

bondade, uma vez que a função de um tocador de lira é tocar lira, e a de um bom tocador de lira é tocá-la bem...” (Ética a Nicômaco, 1098a, 10). Complementando este pensamento, vemos que se assim é para o citarista, também o é para o atleta. A função (*érgon*) do homem é, em certa medida, a sua vida e a manifestação da sua alma, e o bem humano é a atividade da alma conforme a virtude adequada. É o virtuosismo do artista, do poeta, do atleta, entre outros, que encanta a todos, inclusive aos deuses, e que só pode ser um bem. A virtude – a *aretê* – sendo um bem, vinculada à ação, reteve um comentário do filósofo de Estagira (Ética a Nicômaco, 1099a, 5), quando disse: “Do mesmo modo que nos Jogos Olímpicos não são os mais bonitos nem os mais fortes que alcançam a coroa, senão os que competem, assim as coisas belas e boas que existem na vida, são alcançáveis pelos que atuam certamente; e a vida destes é agradável por si mesma”.

Aristóteles, baseado nos princípios da pólis, designava que a “justiça é a própria cidade” (Política, 1253a, 35) e a sua maior virtude, mas considerava outras também, tais como a coragem, a temperança, a magnificência, a sabedoria, a prudência, a destreza, a amizade. Nesse passo, procurava orientar essas virtudes dentro do caráter coletivo “é preciso contrapor que a maioria pode ter uma alma tão virtuosa quanto um só indivíduo” (Política, 1286a, 35). Sendo assim, o filósofo faz uma diferença entre o bom cidadão e o bom homem: “não pode existir uma única virtude perfeita do bom cidadão. Mas o homem bom é chamado bom devido a uma virtude única, a virtude perfeita. (...) é possível ser um bom cidadão sem possuir a virtude que é a qualidade do homem bom” (Política, 1276b, 30). Essa classificação meritória indica que os regimes bons são a expansão coletiva da boa consciência individual; a promoção da *aretê* e da felicidade mediante a justiça.

Para aqueles que perguntavam sobre o que seria a felicidade a resposta era: “Suponhamos que a felicidade é o bem-estar acompanhado de virtude (*arete*) ” (Aristóteles, citado por Pereira, 1982: 423). E para não deixar por menos, essa extraordinária personalidade da filosofia e da ciência completa o seu raciocínio a respeito da conquista da felicidade, anexando alguns valores que, ao que parece, resumem bem a importância que Aristóteles dava à *aretê*: “Se isso é felicidade, (...), e ainda as virtudes (*arete*) corporais, tais como a saúde, a beleza, a força, a altura, a capacidade de lutar, a fama, a honra, a boa sorte, a virtude (*arete*); seria a mais completa auto-suficiência, possuir bens interiores e exteriores” (Aristóteles, pela narrativa de Pereira, 1982: 423).

Considerando uma outra *aretê* como a coragem (virtude esta especialmente enaltecida por todos os filósofos), atestamos que o homem corajoso escolhe e suporta coisas (dificuldades, enfrentamentos, o medo, etc.), porque é nobre fazê-lo, ou porque é vil deixá-lo de fazer. É evidente que aqueles que treinam com a finalidade desportiva e competitiva se exercitam permanentemente e necessitam ter coragem. Não podemos deixar de considerar que a atividade desportiva desenvolve determinados hábitos e, quando estes são eleitos de acordo com as nossas tendências, desenvolvem a vontade e satisfação de uma ação bem feita, pois “a excelência de uma obra, isto é, a sua magnificência, reside na sua grandiosidade” (Ética a Nicômaco, 1122b, 15).

1.5 - Aretê em Píndaro e Simônides

Os gregos perceberam que o homem é educável, porque é modificável. Contudo, à luz do contexto histórico que até agora temos desenvolvido, o que se deve ressaltar é a grande importância filosófica do tema. Essa capacidade plástica de ser modificável e, portanto, transformável ditava um processo de busca de um ideal de perfeição. A essa perfeição chamaram *aretê*, à qual deram, a cada tempo, uma forma e uma função humanas, que consideraram ideal, porque excelente.

Vamos, então, após muitas leituras sobre este assunto, tentar ajudar na elucidação deste problema. Para nós, a *aretê* é a excelência na busca da perfeição. Quando a vemos como perfeição (virtude das virtudes) ela é o fim que orienta a(s) excelência(s). Quando a vemos como excelência ela é o meio para se realizar a perfeição.

Neste momento, podemos então situar a *aretê* no contexto dos *agones*²⁵ e, para isso, precisamos pedir licença, além de ter cuidado, pois estamos lidando com o que havia de mais sagrado para os antigos gregos, uma vez que cada grande certame era presidido por uma divindade da religião helênica. Conforme nos conta Silva (2000: 61), “Zeus olímpico (...), ao mais grandioso de todos os eventos, as Olimpíadas; Apolo, em Delfos, aos Jogos Píticos; Poseidon, em Corinto, aos Ístmicos; finalmente ainda Zeus aos de Nemeia”. O caráter religioso associado à prática desportiva resultava num período de paz e harmonia, onde as pessoas e os povos poderiam encontrar-se sem sofrer nenhum tipo de agressão. Sagrado também era o solo em que as competições se desenrolavam, bem como as regras e, essencialmente, as próprias pessoas (assistentes e

²⁵ Termo grego proveniente da palavra ágon que significa luta, competição, disputa, combate, entre outros tantos. Agones significa o plural de ágon.

competidores). Era a chamada *trégua sagrada*, a qual não deixava de causar surpresa a muitos, como podemos ver, quando um rei da Pérsia ficou boquiaberto e disse que mesmo num período de guerra “os Helenos estavam a celebrar os Jogos Olímpicos e contemplavam os concursos gímnicos e hípicas” (Heródoto na descrição de Pereira, 2000: 24). Essa frase paradigmática é, portanto, esclarecedora para aquele contexto (além da surpresa causada), uma vez que os gregos não iam aos Jogos pan-helênicos apenas para competir, e sim para celebrá-los; não estavam lá para assisti-los, mas para contemplá-los. Por ser assim, não temos dúvidas de que os Jogos Desportivos eram a maior festa religiosa daquela época. Senão vejamos o que nos diz Silva (2000: 63): “Unidos em suprema harmonia, deuses e homens, sem que por um momento se perca ou esbata a noção clara da fronteira que os une e os separa, que traduz no gesto significativo do depor das oferendas no templo do deus (...)”. É nesse momento que sentimos a verdadeira obra daquele tempo, onde o homem se diviniza e os deuses se humanizam em busca de uma *perfeição possível* que o festival desportivo coloca em relevo. Contemplando esse momento de eternidade, a autora complementa: “o vencedor se guinda às alturas da fama – (...) – e ao toque divino, que a coroa sagrada pousada nos seus cabelos simboliza”. O simbolismo referenciado é, antes de tudo, a *aretê* agônica e que poetas do quilate de Píndaro e Simónides (ao lado destes ainda existia Baquilides) não cansaram de anunciar. Para Píndaro a *aretê* estava intimamente vinculada à vitória desportiva. Simónides estava de acordo com Píndaro, mas apreciava a *aretê* da totalidade, ou seja, a que envolvia o corpo e o espírito.

Começamos por Píndaro. Quando visitamos as obras desse fabuloso poeta, verificamos que, acima de tudo, ele valoriza o esforço perseverante e inquebrantável dos atletas e, ao mesmo tempo, vincula a sua poesia às circunstâncias passageiras e à aparência exterior e fortuita. Embora fosse assim, Jaeger (2003: 255), ao citar Píndaro, descreve: “A *areta* que triunfa na vitória não quer *esconder-se silenciosa no seio da terra*, mas pede que a eternize nas palavras dos poetas”. Com essa frase, ele eleva o vitorioso, pelo seu feito, ao estágio da imortalidade. Ampliando, Pereira (1982: 162) recupera Píndaro e a sua VIIª Ode Olímpica: “Mas, ó Zeus pai, (...), presta honras ao hino ritual da Olímpica vitória, ao homem que nos punhos encontrou a supremacia (*arete*); dá-lhe, de concidadãos e estranhos, respeito e agrado”. Nessa oração ele esbanja a devoção que é prestada por todos, inclusive os deuses, ao herói da superação (*aretê*).

Além disso, este poeta sublinhava, principalmente no início, que a façanha dos atletas estava relacionada à aristocracia e, naturalmente, aos seus antepassados. Para

esclarecer esse ponto de vista, seguiremos com Jaeger (2003: 260), quando, em seu estudo sobre Píndaro e suas poesias, narra: “A *arete* só é divina porque um deus ou um herói foi antepassado da família que a possui”. Essa é a visão de Píndaro para a *aretê*; teológica e aristocrática.

Com a intenção de situar o nosso trabalho na perspectiva dos versos, poesias e visão de Píndaro, vamos convocar alguns autores que se alimentam da sensibilidade deste grande poeta da civilização grega e, assim, chamar a atenção para a magnífica obra do poeta dos Jogos Helênicos, na qual encontramos, além da sua invulgar inspiração, os atletas, suas proezas e, principalmente, a *aretê*. Portanto, achamos que vale a pena viajar nas asas de algumas citações atribuídas a este poeta. Antes de mais nada, vale também o esclarecimento: Píndaro se autoconceituava como um arauto da ação, do movimento e não das esculturas imóveis sobre um pedestal. Portanto, aqui vão alguns exemplos: “Pela vontade dos deuses, mil são os caminhos de que disponho, ó Melissos, para descrever com meu canto o vosso valor, desde que mostraste, nos Jogos Ístmicos, a tua habilidade” (Píndaro, in Pereira, 1982: 179). Baseado no segundo poema olímpico, Jaeger (2003: 261) salienta: “Ao lado de Zeus, para quem Olímpia é sagrada, ao lado de Hércules, fundador das Olimpíadas, coloca ele Terão, senhor de Agrigento, vencedor de corrida de carros de quatro cavalos...”. Aos jovens atletas, Píndaro (citado por Jaeger, 2003: 262), mesmo considerando a vertente familiar da *aretê*, faz também um elogio: “Alcímidas, vencedor das competições juvenis, prova que no seu sangue palpita uma força análoga aos deuses”. Mais recentemente, foi a vez de Cousineau (2004: 20) vincular a poesia de Píndaro à *aretê*: “O grande poeta grego Píndaro (...), sugere que a glória dos Jogos era permitir que um homem se destacasse (...) se distinguisse por sua excelência”. Já Kitto (1990: 291) destaca a importância que Píndaro dedica a um ideal superior e não apenas um acontecimento atlético: “... a *aretê* mostrada pelo vencedor; e desta, é bastante natural, para um poeta grego, passar para qualquer forma de *aretê*, quer no indivíduo, quer na polis”. A vitória é apreciada no seu contexto mais lato.

Píndaro era considerado o grande poeta dos triunfos olímpicos e seu nome ficou marcadamente ligado a esses acontecimentos através das Odes Olímpicas, Odes Píticas, Nemeias e Ístmicas. Para ele, a *aretê* (demonstrada nos Jogos Desportivos) era um atributo dos nobres que, bem como a arte do poeta, não se podia ensinar. Ela é, por natureza, sabedoria (Ferreira, 2000). Entretanto, o poeta teve que fazer concessões à origem divina e aristocrática da *aretê*; no sexto hino nemeu o poeta fala, reflexo do

tempo, de uma *aretê* alheia à linhagem nobre (Melo, 1996). No centro da discussão estava a pergunta: A *aretê* pode ser ensinada? Sem entrar no mérito da questão (já discutida), e apesar do sinal dos tempos, ficamos com Ferreira (2000: 47), quando diz: “Podemos perguntar-nos como puderam esses poetas, em especial Píndaro, a partir de uma vitória desportiva, que é passageira, deixar-nos uma obra que se manteve ao longo dos tempos e continua perene?” e, concluímos nós, ainda nos emociona.

*“Têm os homens por vezes de ventos a maior
necessidade; têm-na também nas águas dos céus,
pluviosas filhas da nuvem.
Mas se alguém com esforço alcança vitória, melódiosos hinos,
prelúdios de futuros elogios,
nascem e são promessa fiel de grandes façanhas”.*

(Píndaro, Olímpica II; in Ferreira, 2000: 55).

Píndaro era a prova de que as vitórias são importantes. Entretanto, por mais efêmeras que sejam (as vitórias) a sua legítima experiência, as suas lembranças e a suas marcas são eternas.

Simónides, assim como Píndaro, expressava a virtude humana com ilustres palavras. Conforme Pereira (1982: 147), apoiada em Simónides, descreve: “Que *Arete* habita em rochedos inacessíveis, na companhia de um coro sagrado de céleres ninfas. Porém não é visível aos olhos de todos os mortais, – apenas aos daquele que, alagado de suor que devora o ânimo, chega ao cume, graças a sua coragem”. Verificamos, através dessas palavras, a raridade da manifestação da *aretê*. Simónides foi um nome importante para o desenvolvimento e a perpetuação do ideal da *aretê* demonstrada nos Jogos Desportivos pelos atletas-heróis: “Ora, é difícil tornar-se, de verdade, um homem de bem, perfeito de mãos e pés e espírito, obra lapidada sem falha” (Protágoras, 339b) e, assim, expõe os ideais da *Kalokagatia*; a maior perfeição e a maior *aretê*. Este pronunciamento testemunha, também, uma sabedoria ímpar, pois, ao mesmo tempo que sintetiza a *aretê* do corpo (em competição) e do espírito, vislumbra também um ideal ético para ser seguido. Simónides, descrito por Pereira (1982: 148), vê a *aretê* como um bem transcendental, quando simbolicamente comenta: “Envolvendo-se na névoa sombria da morte, coroaram a pátria amada de glória inextinguível. Mortos, não desapareceram: o valor que aqui os exortava os fará regressar da mansão do Hades”. Simónides clama a atenção de todos para o vencedor do pentatlo (prova mais admirada

pelos helênicos): “...nos Ístmicos e em Delfos venceu Diofonte, filho de Fílon; no salto, na corrida e disco, no dardo e na luta” (pela pena de Pereira, 1982: 148).

1.6 - Aretê nos Jogos Pan-Helênicos:

Conferimos, pelos apontamentos destes dois fabulosos poetas, que a *aretê* encarnada no desporto é, ao mesmo tempo, uma prova da excelência pessoal – vocação a ser desenvolvida como ideal educativo – e um tributo às virtudes. No íntimo deste espírito repousa o valor das ações humanas, que Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1094a, 1) assevera: “Toda arte e toda investigação, bem como toda ação e toda escolha, visam a um bem qualquer; (...), que o bem é aquilo a que as coisas tendem.”. O bem e o belo que o desporto destinava eternizar eram o espírito da *aretê*, na sua dimensão, agônica. É a luta do homem para superar a si próprio, para superar os limites e ir além, desafiando a mesmice e o comum. A força deste espírito nós encontramos em toda a história da civilização helênica, através da literatura (alguns poetas, historiadores e filósofos foram aqui mencionados), da escultura e da ação prática de cada testemunho de vida dado pelos atletas e seus heróis. Nesse raciocínio, Urbano (2000: 184) faz o seguinte comentário: “que em primeiro lugar é o exercício do atleta que o leva à perfeição e à vitória”. Nesta premissa, é nítido que o valor do exemplo, uma das bases da educação homérica, é uma fonte de inspiração e de sabedoria prática que a ação desportiva expõe em cada movimento; a tarefa desportiva possui um verdadeiro significado humano e transcendental; da mesma forma que uma gota de água do mar possui todos os segredos do oceano, um gesto desportivo possui todos os segredos da vida.

Para Fernández (2004) a nobre arte de competir contra seus adversários e contra si em busca da glória eterna é parte da vida dos atletas (antigos ou atuais). O mesmo autor pergunta em tom especulativo: Por que conformar-se com menos? Está aí uma palavra que não existe no vocabulário desportivo e, muito menos, nos princípios da *aretê*; conformar-se... Pereira (1988: 363) justifica: “A capacidade de superação, a *arete*, vem dos deuses. Nas competições atléticas, no exercício da arte poética, na defesa da sua polis, o homem pode alcançá-la e, desse modo, perdurar na memória dos vindouros”. A glória, a fama e a eternidade para aqueles heróis-atletas eram os prêmios da sua *aretê* e um ideal a ser seguido; longe de ser um ornamento à vaidade era a conquista da sua nobreza. “O prêmio da virtude (*aretê*, excelência notável) é o louvor dos companheiros e da posteridade”(Kitto, 1990: 407).

Neste ponto, uma reflexão se impõe ao levarmos em consideração as épicas dos heróis de Homero, a valorização dos guerreiros por Tirteu (além de outros poetas daquela época) e a saga dos atletas desportivos da Antiga Grécia. Como vimos, a *aretê* dos heróis-guerreiros se expressava na valentia, na coragem, na capacidade de luta e na nobreza ética destes homens em contraposição à barbárie e à brutalidade; Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1145a, 20) orientava que, contra esses desvirtuamentos (barbárie e brutalidade), o que melhor se poderia opor seria a virtude sobre-humana, uma classe de virtude heróica e divina. Já nos atletas gregos a *aretê* vinculava-se aos mesmos atributos que tinham os heróis-guerreiros e incluía a destreza física, a sensatez, a generosidade, a ética, entre outros valores, o que faziam desses atletas os autênticos guerreiros da paz; “A competição era um meio de estimular e revelar a *aretê* humana, o que constituía valiosa oferta ao deus” (Kitto, 1990: 288).

Cabe destacar a correta afinidade da *aretê* demonstrada pelos atletas-heróis e os fundamentos da educação helênica, como tema central desta nossa discussão. Educação é o meio pelo qual nós conservamos a nossa cultura e a transmitimos à comunidade humana, tanto do ponto de vista físico e espiritual, como de seus valores (Jaeger, 2003). Todos reconhecem que o desporto é uma manifestação cultural. Sob esse prisma, Cousineau (2004: 20) aponta que “...talvez também seja por isso que se diz que, se você quiser conhecer a alma de um povo, observe o seu comportamento coletivo (e individual), observe como ele joga, preste atenção à forma como ele compete”. É no domínio desportivo que se assenta aquilo que há de bom ou de mau no seio de uma comunidade, de uma sociedade, de uma cultura e de uma civilização. Nos Jogos Desportivos, os helênicos expunham toda a sua cultura, através da luta, da superação, dos desafios limítrofes na busca perseverante da perfeição. Nesse princípio é que encontramos, então, todo o ideal do homem perfeito, pois ele fazia valer a sua força, sua coragem e sua destreza até os limites de sua resistência. Não porque eram sensatos ou insensatos, mas sim porque eles eram assim... Por trás de cada homem, de cada atleta e de cada ação estavam os seus valores que destacavam a grandeza do processo pedagógico desportivo daquela época, e o colocavam à disposição do desenvolvimento de um princípio, um ideal e um modo de ser pleno e total. Sua essência e herança cultural eram poder mostrar a sua *aretê*. Isso era a exposição de uma grandeza e de um estilo de vida que impregnava toda a essência daquela população e que Jaeger (2003: 25) considerou como “O tema essencial da história da educação grega” e que punha em tônica, na prova desportiva, numa visão que sobretudo premiava o valor físico de cada

herói-atleta, o concurso da *aretê* individual, e que era entendida como empenho, correção e desportivismo (Silva, 2000).

Não se pode deixar de constatar que somente num contexto cultural desta natureza é que poderiam surgir homens como Aquiles e Ulisses, mitos como Hércules e Teseu e filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles. A *aretê* podia ser individual e, ao mesmo tempo, podia ser de todos; apenas a sua manifestação se dava em dimensões diferentes: na guerra, na mitologia, no desporto, na pólis ou ainda na intelectualidade. Os filósofos consideravam, também, o culto da *aretê* intelectual como um bem supremo (Júnior, 1995).

Nessa sintonia, os gregos só poderiam considerar os desportos e a educação física como uma face imprescindível da educação, porque nunca lhes poderia ocorrer exercitar qualquer parte do ser que não fosse o homem todo (Kitto, 1990). Exatamente por isso, os desportos eram mais do que simples relação com a religião, eles eram a própria religião; o físico, o espírito, as emoções, a fraternidade e a comunhão eram vincadamente um tratado cultural do maior empreendimento humano.

Não por outro motivo que os grandes filósofos do mundo grego tinham, como prática, o debate público. Nesses debates emergia o melhor do espírito agônico dos atletas. O desafio das idéias e das palavras, as táticas reflexivas e o embate de energias eram, sem dúvida, uma jornada digna de um grande (atleta) filósofo (conforme notamos através dos diálogos de Platão: Ménon, Górgias, Banquete, Protágoras, etc.). O interesse era vencer e, ao mesmo tempo, não desprezar o seu adversário e nem tripudiar sobre ele. Ao contrário, esse alto rendimento na esgrima de palavras e de teses enriqueceram a cultura e a educação dos povos daquele tempo e dos tempos vindouros. Nesse princípio de rendimento da *aretê* intelectual, todos, adversários e assistência, saem vitoriosos. É a vitória do conhecimento sobre a ignorância.

1.7 - Aretê e a sua sobrevivência cultural

Na seqüência do nosso desenvolvimento histórico vamos encontrar o que nós consideramos um (outro) momento de risco para o tema da *aretê*. Isso aconteceu em função de alguns fatos. O mais emblemático foi assistido no final da época clássica com a grande revolução provocada por Alexandre Magno²⁶ e marcado, especialmente, com a grande expedição que acabou por conquistar o Oriente, dando início à época helenística (Reale e Antiseri, 1991). Alexandre Magno considerava-se investido de uma missão

²⁶ Filho do Rei Felipe II da Macedônia (reino militar do norte da Grécia) e discípulo de Aristóteles viveu no período de 356 a 323 a.C. e foi considerado o criador do helenismo.

divina. Qual era? “...não para dividir e separar os homens dos seus irmãos, mas para unir, pacificar e reconciliar o mundo inteiro” (Júnior, 1995: 490). Mesmo com essa nobre finalidade, na prática o que se viu foi uma paulatina mudança no espírito da cultura grega; a pólis foi perdendo, pouco a pouco, a liberdade e autonomia que havia conquistado na história da democracia grega, dando lugar à idéia e ao ideal de *cosmópolis*. Ao lado dessa maneira (nova) de ver as coisas, juntaram-se também o descobrimento do indivíduo; o cidadão grego passa à categoria de súdito e deixa de ter tanto interesse pelas coisas do Estado, como fizera antes no tempo da sua pólis. Com isso a cidade, tida pelos helênicos como uma entidade ativa, ao perder a sua influência, deixa de ser a propagadora da mais sublime *aretê*; a *aretê* coletiva perde o seu lugar de destaque no cenário sócio-cultural. No entanto, percebe-se que o verdadeiro interesse dos idealizadores dessa nova realidade era o de propagar a cultura helênica entre os distintos povos e as diferentes raças (Reale e Antiseri, 1991). Desse modo, embora a timidez dos autores²⁷, a *aretê* grega, apesar dos desafios, permanece ativa nos ideais de honra, coragem e distinção invocados por Alexandre Magno e de seus companheiros de batalhas, além da contribuição para a valorização ético-espiritual através dos discursos dos filósofos contra a escravidão e dos ensinamentos dos estóicos que visualizavam a verdadeira escravidão como fruto da ignorância (Pereira, 1988). Sócrates, Platão e Aristóteles permaneciam vivos assim como a genuína *aretê*. A *aretê* continua vinculada ao projeto de valorização na formação humana e, por isso, precisamos atentar para a orientação de Marrou (1969: 156) sobre a educação desse período: “...sua importância na história do período helenístico é tão grande que devemos considerá-la como o verdadeiro centro de todo quadro sincero dessa civilização”. Podemos aduzir a esse comentário o fato de que foi através da educação que o helenismo se difundiu por todas as partes; “a educação romana (...), é apenas uma adaptação da educação helenística aos centros de expressão latina” (Marrou, 1969: 155). E essa forma de educação era e continua a ser a *paidéia*: sistema que, conforme os pensadores helênicos, era um processo “operativo de educação que tanto contribuiu (...) para suavizar e harmonizar diferenças entre os homens, para aproximar os povos e os fazer compartilhar de um mesmo código de valores culturais e espirituais” (Júnior, 1995: 490). A essa luz não podemos deixar de notar a presença dos princípios inatacáveis de excelência e de virtude (*aretê*) durante o processo conhecido como helenização.

²⁷ Embora a relação de obras que tratam do espírito *aretê* seja imensa, após o período clássico e com o advento da redução da importância da pólis, essa literatura escasseia; a isso consideramos como timidez dos autores, embora os princípios e os valores da *aretê* tenham permanecido autênticos, dignos e atuantes.

Sendo assim, o fio condutor se inverte. Antes era a *aretê* que dirigia o requinte da *paidéia* e o seu ideal de educação do homem, agora é a *paidéia* que nos oferece as pistas para identificação da *aretê*. No entanto, a finalidade continua a mesma – a ordem das parcelas não alterou o produto – a formação ideal do homem. É notável a constatação de que os romanos traduziram o termo *paidéia* por *humanitas* (Marrou, 1969; Júnior, 1995). A concepção de educação e de *paidéia* tem a sua origem na concepção grega do homem (Patrício, 2005). Sob essa ótica, cabe salientar que foram os romanos que também traduziram a palavra *aretê* como *uirtus* que significava “o apreço público, acima de tudo, pela coragem, pela nobreza da alma” (Melo, 1996: 535); até o pensamento cristão tornar-se dominante a palavra latina *uirtus* guardava o significado de coragem (Huizinga, 2005). Por outro lado, foi, principalmente, pelo cristianismo que o espírito da *aretê*, mesmo limitada às virtudes cristãs, permaneceu vivo; na necessidade de desenvolver uma competição interna, os religiosos acabaram por incrementar, com sucesso, a “metáfora desportiva na literatura cristã” (Dias 2000: 165), onde o ideal de um vencedor era a vitória sobre si e a glória era a conquista da vida eterna. Através da metáfora desportiva e da necessidade da vida ascética a *aretê* manteve-se entre nós - esse assunto será melhor debatido quando tratarmos da *aretê*, desporto e transcendência. Portanto, nos séculos seguintes, mesmo com o advento das grandes religiões, por onde andavam os pensamentos de Sócrates, Platão e Aristóteles, caminhava ao lado dos homens, silenciosamente, a chama da legítima *aretê* e da *paidéia*.

A *aretê* manteve-se viva entre os romanos e, com ela, os seus princípios e valores e, para demonstrar a sua presença, achamos importante fazer apontamentos sobre a sua manifestação no comportamento romano. A *honra*, na sociedade romana, referia-se ao reconhecimento público das virtudes, do mérito de um indivíduo, da honestidade de um indivíduo: tratava-se então da publicidade da virtuosidade de um indivíduo. Logo, não bastava para um romano a conduta *proba*, desejava ele também que a sua probidade fosse reconhecida publicamente (Lima, 2006). Quando a cultura romana coloca em relevo a importância do exemplo dos grandes heróis e dos homens de caráter, expunha o valor da pedagogia com base na *aretê* helênica. Deste modo, a formação do jovem romano envolvia uma infância e juventude rodeadas de histórias dos grandes feitos dos seus antepassados, para que, com os seus iguais, pudesse aprender quais eram as ações nobres e as desonrosas, quais as que deveria repetir e emular e quais a serem evitadas (Lima, 2006).

No início do cristianismo, ambos ideais (*aretê* e *paidéia*) faziam-se perceber nas palavras de Gregório que Jaeger (2002: 113) pôs em relevo: “...para ele o ponto em que o conceito cristão específico da graça divina podia ser introduzido no esquema da *paideia* clássica. Concebia-o como a cooperação do Espírito divino com o esforço do próprio homem”; era a busca da perfeição humana ou a *aretê* dos tempos helênicos que todos – filósofos, heróis, atletas, poetas e outros tantos – buscavam; as virtudes, sejam morais, físicas ou intelectuais, são o fruto tanto da natureza do homem como do seu treino (Jaeger, 2002). Por isso mesmo, consideramos como os mais legítimos depositários da tradicional *aretê*, apesar das alterações sofridas através dos tempos, a educação, a cultura (*paidéia*) e o desporto. Visto dessa maneira, faz-se necessária uma discussão mais aprofundada desses temas através do enfoque *aretê*, *paidéia* e educação; nosso próximo capítulo.

Mas antes disso, vamos verificar um pouco mais do trajeto da *aretê* junto aos desportos nos tempos subseqüentes aos da época clássica.

Logo depois da implantação do helenismo, o gosto pelos desportos e a sua prática permaneceram como um dos traços característicos da cultura grega que vinham desde os tempos de Homero, pois, onde “quer que se implante o helenismo aparecem ginásios, estádios, edificações esportivas...” (Marrou, 1969: 185). Sendo assim, os desportos permanecem como uma das mais significativas atividades de introdução à vida civilizada; da educação e da cultura. Nesse período, encontramos em “Pérgamo um ginásio das crianças, distinto dos que freqüentavam os adultos (...), em Ataléia por exemplo, o ginasiarca geral estende sua solicitude às crianças” (Marrou, 1969: 186). As competições desportivas estavam disponíveis aos jovens das cidades, mas os jogos pan-helênicos eram destinados, praticamente, aos atletas adultos. Foi, entretanto, o espírito dos Jogos Olímpicos que perpassou os tempos. Antes, fator de unidade do povo grego, os Jogos Olímpicos permanecem até os nossos dias como um dos momentos raros de união de pessoas das diferentes nações de todo o mundo; a excelência, a virtuosidade, a *aretê* do espírito coletivo da pólis permanece viva entre os povos no recinto, em qualquer recinto, dos desportos. “Prenúncio da *sodalitas* humanista, esta reunião quadrienal impulsionou uma formação humana cada vez mais integral, que tinha por objectivo o equilíbrio harmonioso das faculdades humanas” (Melo, 2004: 7). Nessa direção, o poeta satírico Juvenal cunhou uma das mais emblemáticas frases desportivas: *mens sana in corpore sano* (Júnior, 1995). Um registro digno de nota é o fato de que os

jogos desportivos romanos – os *ludi* – eram, na sua origem, ligados à religião (Melo, 2004).

No entanto, quando o desporto penetrou entre os romanos, enfrentou o desafio de não ser adotado. Havia diferenças culturais difíceis de serem transpostas e a “primeira circunstância em que os *agones* divergem dos jogos gregos e do espírito que os enformava: a perspectiva pela qual eram visto e avaliados por aqueles cuja opinião tinha peso e influência” (Pimentel, 2000: 129). O certo é que, com o passar dos tempos, dada a sua importância junto a população e mesmo sofrendo críticas, às vezes pesadas, dos filósofos – alguns tinham problemas de saúde e por isso, ou, por causa disso, não eram muito dados ao exercício físico-desportivo (Pimentel, 2000) – nessa época, os certamina graeca foram sendo incorporados aos costumes romanos (séc.I – II d. C.). Augusto e outros imperadores proporcionaram ao povo inúmeras provas atléticas e desportivas, inclusive instituindo uma competição, aos moldes gregos, celebrada de quatro em quatro anos, provavelmente em 2 de Setembro na cidade de Áccio (Pimentel, 2000). Nero, por exemplo, empreendeu um grande esforço para atrair ao estádio os membros da aristocracia romana, mas o resultado foi de sucesso parcial (Marrou, 1969). A dicotomia era marcante: enquanto na Grécia os vencedores eram aclamados como heróis por todos – poetas, sábios e povo – e, ao mesmo tempo, recebiam uma coroa de oliveira, a qual simbolizava a mais alta honra e todo o ritual era em homenagem a um deus, nos jogos romanos, pelo menos durante algum tempo, os vencedores pertenciam à faixa de apoiantes do imperador (Pimentel, 2000). Em Roma, pois, os jogos eram tratados como espetáculo e, às vezes, como um espetáculo ligado à propaganda política dos imperadores.

Os desportos e a sua *aretê* agônica encontraram obstáculos ainda mais difíceis de enfrentar, como foi o caso da atitude do imperador Teodósio I que, após tornar-se cristão, proibiu os jogos desportivos, em 393, por considerá-los festivais pagãos, e a sua responsabilidade de vetar os jogos baseou-se no fato de que os mesmos incentivavam outro tipo de crença religiosa. “Os ditadores têm os seus motivos para ou permitir a ausência e a perda da consciência histórica, ou permitir apenas uma consciência e um conhecimento seleccionados” (Glücklich, 2000: 7). Mesmo quando não têm motivos, eles encontram um meio para fazer valer os seus interesses. Felizmente, “a dimensão épica dos desportos” (Fernández, 2004: 38) foi maior do que a arbitrariedade da atitude temporal e imperial, pois, aqui e ali, os desportos e a *aretê*, permaneceram vivos. Os

romanos, pela influência do período helenístico, incorporaram, entre idas e vindas, o sentido da *aretê*, nomeadamente a *aretê* agônica e a ligada à *paidéia*.

O pensamento religioso – junto com a dissolução da pólis – contribuiu para um certo arrefecimento da saga da *aretê* grega através da separação corpo e alma e por considerá-la como pagã. Curiosamente, mesmo sem querer, a religião retirou um pouco de Deus da essência humana, pois, o sentido espiritual da *aretê* é caracterizado pela manifestação da totalidade e da integralidade no humano (onipresença) e na natureza como um todo; portanto, diante da agudização do dualismo, a *aretê* ficou órfã do “status” da plenitude divina.

Neste espírito de investigação sobre a manutenção dos princípios, dos valores e dos ideais da *aretê*, encontramos na Idade Média os chamados combates cavaleirescos, em que os cavaleiros lutavam pela honra; “O objectivo último do ideal da cavalaria era o de civilizar o combate pela introdução do culto da mulher (a luta pela honra de uma dama), de par com a ética (protecção dos fracos, viúvas e órfãos)” (Schwanitz, 2005: 92). O que caracterizava esse homem era a disposição para sacrificar-se pela honra, ser generoso nas ações e nas palavras, além de uma natural disposição para enfrentar os desafios e, se preciso, morrer na defesa de grandes causas. Esse modo de ser comprova a marca da imortal luz da *aretê* vinculada aos atos de heroísmo dos tempos de Homero.

Esse período histórico foi marcado por fábulas e lendas, dentre elas, a do famoso rei Artur. Esse nobre parece ter existido (um rei Celta do país de Gales) e conseguiu reunir, em torno de si, os maiores cavaleiros daquela época, formando a conhecida *Távola Redonda* e tendo uma missão, dentre tantas, especial: “Como sinal da sua superioridade em relação a outros adeptos dos desportos de cavalaria, eles deveriam conquistar uma taça extraordinariamente valiosa, chamada Santo Graal” (Schwanitz, 2005: 92).

Nos desportos, o nobre, caçador e cavaleiro, é o *gentleman-player* identificado como *sportman* cuja atividade desportiva era percorrer as suas terras a cavalo e prolongar as tradições ancestrais através da esgrima (Botelho, 1990). Entretanto, ele vai ter que disputar os seus jogos com os simples *player*, os não nobres (como também aconteceu no período helênico), fazendo com que o desporto se generalize, paulatinamente, a todas as classes sociais, sobretudo com o avanço das classes burguesas, em função da entrada de seus filhos nas escolas. Mesmo assim, segundo Jaeger (2003: 80) “a epopéia grega é mais objetiva e mais profunda que a épica

medieval”. Independente disso, o período medieval ajudou na conservação dos ideais da *aretê* através dos tempos.

Há conhecimento que demonstra que os ideais da *aretê* helênica caminharam por diversas culturas; além do *uirtus* dos romanos; temos também, o *tugend* no alemão, assim como o *deugd* em holandês que significam estar apto para qualquer coisa, para ser verdadeiro e genuíno na sua espécie; essa é uma legítima expressão da *aretê* dos gregos. O mesmo se pode dizer da palavra árabe *murū`a*, que designa força, valor, riqueza, correção, liberalidade, magnanimidade e perfeição moral (Huizinga, 2005). Desse modo, chegamos à conclusão de que todas as sociedades tidas como vigorosas e nobres possuem os traços característicos dos ideais da conduta cavalheiresca, seja na Grécia, na Arábia, no Japão ou em Roma.

Na restauração dos Jogos Olímpicos da era moderna, pelo francês Pierre de Coubertin, baseada no sistema de valores da Antiga Grécia, a *aretê* agônica acabou por ser recuperada definitivamente. No espaço desportivo, surge a oportunidade da experiência da competição e esta é a verdadeira medida do valor e da virtude humanas. Em consonância com essa afirmação, Huizinga (2003) situa que desde a vivência infantil até os mais altos requintes civilizacionais, um dos maiores incentivos à perfeição, tanto individual como social, é o desejo de sermos elogiados e honrados devido a nossa excelência. De fato, somente aqueles que possuem um talento superior podem reconhecer o talento em outrem; é uma enorme falta de talento não reconhecer um talento. Esses e outros assuntos ligados ao desporto serão tratados no capítulo Desporto: Um caminho para a excelência.

Levando em consideração que o termo grego *aretê* tem um significado, traduzido por vários autores (Kitto, 1990; Jaeger, 2003; Vaz, 2004; Cousineau, 2004) de virtude e de excelência, podemos, seguindo os passos dessas palavras, encontrar em nossos dias a manifestação do conteúdo que represente a *aretê* tradicional. Com essa proposta em vista, imaginamos que qualquer jovem pode identificar a palavra excelência com alguém que possui um alto cargo governamental: Sua Excelência o Sr. Ministro, ou Sua Excelência o Presidente da A República, só para citar alguns. É importante registrar a distinção entre o uso atual e o circunscrito na antiga *aretê*. Do mesmo modo que Platão, quando narra as palavras de Sócrates (Fédon, 80c), diz que o corpo sem a alma é cadáver, em toda a literatura clássica, quando há alusão ao que é belo, não se está realçando só a beleza exterior; também o bom – político, técnico, profissional, entre outros – não significa excelência *per se*; embora seja esse o uso. A

excelência, no sentido da *aretê*, é a manifestação de uma coerência de ações (técnicas, políticas, profissionais), palavras (não retórica), sentimentos e pensamentos; numa palavra, é a ética do *Kaloskagatia* (Bom e Belo). Se buscarmos na filosofia as raízes do conceito da *aretê*, vamos encontrar a sua plenitude e expressão mais significativa na “excelência do ser que se manifesta no seu operar, e em sua transposição socrático-platônica para o plano moral (a *areté* como virtude), transposição que foi sistematizada na teoria aristotélica das *aretai*” (Vaz, 2004: 219).

É fato que a *excelência* está se tornando um emblema para as mais diferentes áreas do saber e do fazer; a “excelência” está na moda! Entretanto, o apelo e a intenção de fazer algo excelente podem não ser suficientes. Senão vejamos: as universidades, as empresas, as escolas e os governos possuem centros de excelência, estudos de excelência, parcerias de excelência, programas de excelência e isso nos parece lógico. Lógico ou axiológico? (Patrício, 1992). Avaliamos que, se a idéia de excelência estiver ligada a algo circunscrito a avaliações quantitativas e com critérios de especialização sem a visão de cultura (tão cara para os tempos da *aretê* helênica), embora possa ser feito algo de excelente, o resultado pode ser limitado pelo fim em si mesmo; a excelência (*aretê*) tem a ver com a alma, com a humanidade; “A “humanitas” é a “humanidade do homem”, ou seja, a sua essência, o seu ser próprio” (Patrício, 2005: 8). Nesses termos, precisamos salientar que a excelência não pode ser utilizada como um instrumento de retórica – pois, se assim fosse, de nada teriam valido as escaramuças dos filósofos helênicos – para a conquista de maior apoio seja financeiro, político ou acadêmico. Ao falar da utilização do significado da palavra *excelência* nos dias de hoje, Readings (2003: 33) sentencia: “A necessidade de excelência é aquilo em que todos estamos de acordo. E estamos todos de acordo porque não é uma ideologia...”. Mais adiante, o mesmo autor (2003: 43) complementa que o “problema não é ninguém saber o que é excelência, mas o facto de toda a gente ter a sua própria ideia acerca disso”. A excelência tem se constituído, nomeadamente nas universidades, como um padrão que pretende ser capaz de avaliar os departamentos, as faculdades e a própria universidade. Dá-se, portanto, mais recursos aos departamentos que reproduzem mais fielmente o sistema; produzindo de acordo com as necessidades econômicas, utilitárias e prática (Readings, 2003); mesmo que, como vimos, não saibam o que é realmente a excelência. Nossa capacidade reduzida faz com que coloquemos em luta valores que são perfeitamente compatíveis (Ibañez, 1976). Os departamentos mais pobres, em vez de serem apoiados, são deixados à própria sorte, não conseguem mais pontos e, com isso,

“tem-se a impressão de que os critérios económicos têm precedência sobre o desenvolvimento cultural dos povos e nações (Readings, 2003: 41). Afinal, o trabalho profissional deve ser concebido, inicialmente e principalmente, como elevação moral e cultural da pessoa, dos povos e das nações (Corrido, lembrado aqui por Readings, 2003). Essa é uma questão relativa aos nossos tempos, quando, às vezes, mesmo sem o saber, cada um procura impor o seu entendimento sobre um determinado assunto. É a disseminação do relativismo dos valores que a nossa prática pedagógica ajudou a construir, a dicotomia entre o discurso e a prática, entre a prática e a teoria, entre os valores alheios e os próprios valores. Vamos recapitular: O exemplo era uma matéria de ensino da *aretê* (excelência e virtude) nos tempos arcaicos, clássicos e no cristianismo primitivo – e que ainda permanece entre nós. Portanto, os tempos atuais carecem de coerência, de ensino da *aretê* e, por extensão, de saber o que é a excelência, a virtude e a *aretê*.

Diante do exposto, verificamos que, na atualidade, o valor destinado à excelência é, no mínimo, controverso. Esquecemos o que é excelência? Será que sabemos o que é excelência? Ou será que não damos a devida atenção e rigor axiológico para o seu verdadeiro e genuíno sentido? Por isso não nos cabe outra alternativa a não ser propor uma reflexão a respeito dos motivos que nos levaram a essas dúvidas. É com essa inquietação que vamos construir o próximo capítulo: *aretê, paidéia e educação*.

1.8 - Conclusão

Através dos séculos, o sentido e o significado da *aretê* foram motivos de inúmeras considerações. No entanto, o que podemos registrar é que o modelo pedagógico-cultural da *aretê* sempre teve a sua expressão ligada aos mais significativos valores da cultura, da sociedade, do pensamento, da ação e da relação humanas: uma pedagogia descida dos céus, cujo mérito todos os homens de valor (os grandes guerreiros, os heróis, os semi-deuses, os grandes atletas, os grandes políticos, filósofos, artistas e outros) lutavam para conquistar e/ou expressar. Do mesmo modo como a *aretê* era o símbolo do sagrado, as instituições políticas e sociais bem como os movimentos educativos e culturais instalavam as suas bases sob os princípios e os valores da legítima *aretê*.

A *aretê* aparece traduzida como virtude, mas Kitto (1990) acha que essa tradução é uma forma de lhe tirar o sabor, pois, para esse autor, *aretê* significa

simplesmente excelência e é encontrada em todas as categorias. Ser excelente tem os significados de grandeza, elevação, superioridade, nobreza e dignidade, quer seja de uma coisa, pessoa, pensamento, ação, sentimento ou vontade (Patrício, 2005).

Em Homero, a vida e a obra de um homem eram a ilustração da sua *aretê* (honra, determinação, liderança, habilidade guerreira, etc.). Hesíodo defendia a conquista da *aretê* pelo homem a partir da capacidade de superação e esforço no trabalho. Tirteu salientava a *aretê* dos combatentes nos campos de batalha e Xenófanes a considerava como divina. Píndaro (assim como Simónides e outros poetas) evocava que os deuses oferecessem a sua divina *aretê* aos atletas desportivos. Sócrates, através dos textos de Platão, discute exaustivamente a possibilidade de ensino da *aretê*, a relação entre as diversas *aretai* e a unidade da *aretê*.

Para a filosofia socrática, a *aretê* era conteúdo do conhecimento do Bem, do autoconhecimento e do auto-aperfeiçoamento; o herói das epopéias de Homero dá lugar ao herói interior cujo desafio é vencer os seus inimigos internos.

Em Platão vimos o encarnar e o apogeu de uma cultura (*paidéia*), pois sua obra, alicerçada em Sócrates, possui também um caráter educativo e de cariz político.

Aristóteles defende que o ensino da *aretê* se dá através do seu exercício, fundando uma sistematização (teoria) das *aretai* instalada no palco político e ético.

Realizar bem, superar as dificuldades, esforçar-se por um ideal e executar suas funções da melhor maneira possível eram atributos do homem que detinha a *aretê*. Por isso, não há como não estabelecermos relações entre os designos da *aretê* e o desempenho desportivo; os atletas, todos os dias, se esforçam por modelar a sua tarefa desportivo-motora no mais elevado patamar de excelência, um exemplo do exercício de auto-aperfeiçoamento que os sábios gregos tanto prezavam... Afinal, desde os tempos mais remotos, na atmosfera desportiva reluz a mensagem sagrada da *aretê* agônica como síntese e expressão das *aretai*.

Conhecer bem, falar bem e agir bem são critérios emanados da *aretê* e da manifestação do sagrado na vida humana: um estágio onde o homem se torna um semi-deus. Os grandes exemplos da humanidade, como os heróis Aquiles e Ulisses, Hércules e Teseu, Sócrates e Platão, os atletas de todos os tempos, os grandes artistas, os líderes políticos, os cavaleiros medievais e os santos religiosos, todos têm em comum uma grande aspiração à perfeição como itinerário de vida.

O ideal da *aretê*, que mais tarde foi incorporado pela *paidéia*, ao que parece, foi responsável pela edificação de modelos de educação e de elevação do homem em

diversas culturas: para os romanos era *uirtus*, no alemão o *tugend*, assim como o *deugd* em holandês, que significam que o homem esteja apto para qualquer coisa, para ser verdadeiro e genuíno na sua espécie; essa é uma legítima expressão da *aretê* dos gregos. O mesmo se pode dizer da palavra árabe *murū`a*, que designa força, valor, riqueza, correção, liberalidade, magnanimidade e perfeição moral.

O modelo pedagógico da *aretê*, por não ter sido construído sob a égide do pecado, introduz um entendimento de que todos são os verdadeiros artistas e heróis que modelam a sua própria vida, em que o erro e o acerto são vistos como conteúdos de uma organização disciplinar que busca a excelência interior e exterior.

Na atualidade, nota-se uma enorme falta de cuidado com os valores essenciais à humanidade. Sendo assim, não é de estranhar a falta de conhecimento sobre a essência da palavra excelência e, ao mesmo tempo, o seu uso retórico; excelência está na moda! Mesmo assim, conforme apontou Readings (2003), “o problema não é ninguém saber o que é excelência, mas o facto de toda a gente ter a sua própria ideia acerca disso”; o relativismo dos tempos atuais não poderia deixar de contaminar um modelo pedagógico, talvez, da mais alta exaltação da humanidade.

Contudo, exatamente por essas e outras acentuações, este seja um bom momento para relembrarmos, recuperarmos e, quem sabe, voltarmos a ser inspirados pelos princípios e valores da *aretê* (excelência e virtude).

1.9 - Síntese

Nossa intenção durante o desenrolar do capítulo foi de demonstrar toda a expressão e extensão do significado pedagógico, espiritual e cultural da *aretê* – excelência e virtude – grega e a sua importância no sentido da elevação humana através dos tempos e em outras culturas diferentes da grega.

Inicialmente, procuramos expor as diferentes formas e conceitos pelos quais a *aretê* é reconhecida: não apenas como virtude moral, mas, especialmente como excelência, perfeição, mérito, valor, etc. Outrossim, verificamos que, em diferentes épocas e autores, e da mesma maneira em relação ao período, às condições, ao ambiente social e à sensibilidade cultural, a *aretê* seguiu uma trajetória, ao mesmo tempo, única e diversificada.

Nos épicos de Homero, especialmente na *Ilíada*, domina o heroísmo guerreiro da *aretê* e esse ideal era aquele que os heróis daquela época procuravam expor nas suas

ações, nos combates guerreiros. Na Odisséia, a *aretê* guerreira cede espaços à *aretê* da prudência, da inteligência e da destreza.

Em Hesíodo a *aretê* era tal como entende o homem do povo: o homem deve ganhar o pão com o suor do seu trabalho. Isso, muito antes de ser uma maldição, era uma bênção, era o preço da sua *aretê*. Para Hesíodo a justiça e o trabalho são os pilares nos quais se assenta a *aretê* do homem simples e trabalhador. O poeta formula uma educação popular baseada na doutrina da *aretê*. Então a *aretê* pode ser ensinada? Começa aqui a questão pedagógica que irá ocupar grande parte da atenção e reflexão dos poetas, filósofos, sofistas e historiadores ao longo dos tempos; é nesta fase que surgem os princípios de toda a ética e da educação pela *aretê*.

Em Esparta, onde a educação era prioritariamente militar, havia o predomínio do que era público em relação ao privado. Nessa conjuntura surge Tirteu e, como poeta, ajuda a construir a consciência de comunidade – a pólis. Sendo assim, a *aretê* heróica e aristocrática transforma-se em heroísmo do amor à cidade. Enquanto isso, Xenófanes, em nome da pólis, proclama uma nova forma de *aretê*: a formação espiritual. Esta eleva-se acima dos ideais anteriores. A *aretê* passa a ser um bem divino; e esse tema é especialmente bem elaborado por Sócrates.

Para Sócrates a vida consistia na busca da *aretê* e do autodomínio. O filósofo identificava-se com o Oráculo de Delfos na sua sentença: *Conhece-te a ti próprio*. Sócrates, por seu exemplo de vida – coerência entre as palavras e as ações – e de morte, era considerado a encarnação da própria *aretê*. Por isso, junto com os demais filósofos da Grécia Clássica, opunha-se aos sofistas que se intitulavam capazes de ensinar a *aretê*. Sócrates considerava que a essência da *aretê* era o conhecimento do bem. Portanto, a *aretê* passou a ser igualmente um saber e uma transcendência. Sendo saber, era passível de ser ensinada; Sócrates preferiu ensinar através do exemplo, diferente da teoria dos sofistas (Jaeger, 2003).

Platão, como discípulo de Sócrates, seguiu em grande parte os passos do seu mestre, tanto é que, até os dias de hoje, ainda se discutem sobre o que foi escrito por Platão: grande parte de Platão é Sócrates? Ou as palavras de Sócrates, nos diálogos e em outros livros, são na verdade o próprio Platão? Ou ainda, quem é o Sócrates-platônico?

Entretanto, atribui-se a Platão a identificação da *aretê* com o seu correspondente *ergon*: faz parte dos ouvidos e dos olhos, ouvir e enxergar, respectivamente; essa é a sua função. Entretanto, quando essa função se processa perfeitamente, encontramos também aí a *aretê* (A República, 353b). É notório que o seu objetivo principal, assim como foi

com Teógnis de Megara, era discutir a justiça como uma virtude (*aretê*) e a sua natureza: “a justiça gera concórdia e a amizade” (A República, 351d).

Tanto em Platão (como em Sócrates) o conteúdo da *aretê* cívica (ética, política e justiça) convoca outras qualidades, tais como: coragem, prudência, justiça, temperança e sabedoria.

Aristóteles discute as *aretai* de modo mais detalhado; afinal, a sua proposta educativa aliava-se ao conteúdo do dia-a-dia dos homens. Sendo assim, as *aretai* só poderiam ser hábitos ou disposições do caráter. Portanto, as virtudes referentes ao caráter são acessíveis à grande maioria das pessoas que as desenvolvem, através do hábito ou da prática, que supõem decisões voltadas para a ação, tomadas após profunda reflexão. Aristóteles registra que as *aretai* são um meio-termo mas do ponto de vista do melhor e do bem, ou seja, um extremo. Sua frase é emblemática: “Suponhamos que a felicidade é o bem-estar acompanhado de virtude (*arete*)”. Aristóteles também salienta e enaltece as virtudes cívicas ligadas a pólis, sendo essa a verdadeira fonte e estuário das *aretai*.

No tempo dos grandes filósofos clássicos, os valores situados junto a *aretê* dos heróis dão lugar aos valores da *aretê* do herói interior, ou seja, aquele que busca a vitória sobre os seus inimigos internos cuja recompensa é o encontro da felicidade em toda parte.

Uma das formas de celebrar e perpetuar a glória alcançada pelos atletas nos Jogos pan-helênicos é, pois, através dos epinícios (forma lírica destinada exclusivamente a essa finalidade na qual concorrem duas artes: a poesia e a música). Píndaro e Simónides são dois dos maiores nomes dessa arte. Píndaro tornou-se conhecido com as famosas odes dos Jogos pan-helênicos e realçava em suas poesias a bravura, a coragem, a superioridade dos atletas desportivos, procurando, com isso, eternizar o feito desses homens, exigindo de todos (inclusive dos deuses) a honra e a glória que a eles são devidas; tornando-os imortais. Para o poeta de Tebas, a grande glória dos Jogos era permitir que os atletas, adultos ou jovens, se destacassem pela sua excelência (*aretê*). A *aretê* desse período era a agônica, ou seja, a mesma dos tempos dos guerreiros das épicas de Homero. Outra identificação com Homero é a aristocrática descendência dos heróis desportivos: suas famílias deveriam ser de nobres ou um deus deveria ter nascido nela. “A *arete* só é divina porque um deus ou um herói foi antepassado da família que a possui” (Jaeger, 2003: 260). Entretanto, no sexto hino

nemeu, o poeta faz concessões à origem divina e aristocrática da *aretê*; fala de uma *aretê* alheia à linhagem nobre (Melo, 1996).

Simónides foi um nome importante para o desenvolvimento e a perpetuação do ideal da *aretê* agônica demonstrada nos Jogos Desportivos pelos atletas-heróis. Isso é particularmente marcante quando ouvimos: “Ora, é difícil tornar-se, de verdade, um homem de bem, perfeito de mãos e pés e espírito, obra lapidada sem falha” (Protágoras, 339b) e, assim, expõe os ideais da *Kaloskagatia*: a maior perfeição e a maior *aretê*, ou seja, o homem de ações, de palavras e de espírito nobres, um ideal de formação do homem total e integral capaz de competir em todos os segmentos da sua vida e sair vitorioso. Essa *aretê* não está disponível a todos. Ela só é encontrada por aqueles que possuem uma alma de escol.

No rastro dos grandes poetas da *aretê* agônica e no cenário dos Jogos desportivos pan-helênicos encontramos, nos feitos dos grandes desportistas da época, a maior distinção referente à expressão dos valores da *aretê*; o *Kaloskagatia*, isto é, o bom e o belo eram bens que o desporto destinava eternizar através do espírito da *aretê* agônica. É a luta do homem para superar a si próprio, para superar os limites e ir além, desafiando a mesmice e o comum. A força deste espírito nós encontramos em toda a história da civilização helênica, através da literatura (alguns poetas e filósofos foram aqui mencionados), da escultura e da ação prática de cada testemunho de vida dado pelos atletas e seus heróis. É o exercício e a competição que levam o atleta à perfeição e à vitória.

Nessa premissa, é nítido o valor do exemplo – ofertado pelos atletas –, uma das bases da expressiva relação entre a *aretê* e a educação helênica – a *paidéia*. Essa é uma fonte de inspiração e de sabedoria prática que a ação desportiva expõe em cada movimento; a tarefa desportiva possui um verdadeiro significado humano e transcendental; da mesma forma que uma gota de água do mar possui todos os segredos do oceano, um gesto desportivo possui todos os segredos da vida.

Com o advento da helenização, verificamos que os ideais da *aretê* foram disseminados pelos diferentes povos onde a cultura helênica foi incorporada. Naturalmente que, a partir desse acontecimento, fica mais fácil registrar o caminho da *aretê* a partir das pistas oferecidas, agora, pela *paidéia* grega, pois esse sistema de educação, pelo seu alcance pedagógico e pela sua energia espiritual, foi facilmente fundido às diferentes culturas. Em relação à romana, tanto os ideais da *paidéia* helenística quanto os jogos desportivos (que eram os jogos públicos -os *ludi*- para os

romanos) e, apesar – no caso desses últimos – da enorme reação dos filósofos preguiçosos, conseguiram se instalar no seio dessa cultura. Foi a partir dos ideais da busca do equilíbrio e da harmonia completa do corpo, da mente, do caráter e do espírito contidos nos objetivos da formação humana dos helênicos que o poeta satírico Juvenal cunhou a celebre frase: *mens sana in corpore sano* (Melo, 2004).

No início do cristianismo, a necessidade da busca da identificação com o espírito de Deus levou, especialmente, os primeiros católicos a adotarem a *paidéia* clássica como um meio de educação para a conquista da graça divina, ao mesmo tempo em que a busca da perfeição e da excelência humanas, circunscritas nos ideais da *aretê* grega, coincidia com a necessidade dos postulados religiosos referentes ao esforço que os homens deviam empreender para se aproximar de Deus. Nesse período, a *aretê* vinculava-se definitivamente, para os religiosos, como virtude.

Consideramos que na Idade Média, a *aretê* permaneceu viva, particularmente, entre os cavaleiros medievais nos seus ideais de honra, virtude, valentia, ética e etc. Nesse tempo, tanto nos combates como nas competições, os heróis entregavam-se de corpo e alma na defesa da honra de uma dama ou, de par com a ética, na proteção dos fracos, dos órfãos e das viúvas; mesmo se fosse preciso morrer na defesa de uma nobre causa. Esse modo de ser comprova a marca da imortal luz da *aretê* vinculada aos atos de heroísmo dos tempos de Homero.

Com a recuperação dos Jogos Olímpicos pelo Barão de Coubertin, recupera-se também a dimensão agônica da *aretê* e, junto com ela, todos os ideais de formação humana que o desporto, enquanto cultura desportiva – *paidéia* desportiva – pode edificar.

Visualizamos que a fabulosa história e o significado da *aretê* helênica – a sua trajetória é registrada em diversas experiências culturais – não se esgotam no idioma e na cultura gregas. Como exemplo podemos citar: *uirtus* dos romanos, o *tugend* no alemão, o *deugd* em holandês e a palavra árabe *muru`a* que significam, entre outras coisas, força, valor, riqueza, correção, liberalidade, magnanimidade e perfeição moral (Huizinga, 2005). Sendo assim, em todas as sociedades tidas como especiais (japonesa, grega, romana, chinesa, árabe além de outras) são encontrados traços característicos da expressão, impressão, compreensão e contextualização da representação do espírito da *aretê* – excelência e virtude.

Finalmente, em nosso período de vida, encontramos uma certa diferença entre a conceituação tradicional da *aretê*, vista como excelência, e a atual forma de utilização

desse termo. Enquanto nos tempos de Homero e depois de Sócrates a *aretê* era vincadamente uma expressão de valores superiores, hoje, parece que os valores que se vinculam à excelência são os econômicos e os utilitários, limitando, assim, a expressão ética e cultural da aplicação pedagógica do sentido *aretê* (excelência e virtude). Como isso parece ser algo ligado ao nosso tempo e à recorrente crise de valores, consideramos ser necessária a análise dessa questão em suas justas proporções e em suas não escassas implicações através do nosso próximo capítulo *aretê, paidéia* e educação.

CAPÍTULO 2 - ARETÊ, PAIDÉIA E EDUCAÇÃO

2.1 - Introdução

Para descrever a relação entre *aretê*, *paidéia* e educação é necessário, segundo o nosso ponto de vista, que esse assunto seja problematizado, diferentemente do capítulo anterior, a partir de um salpicamento de fatos e de movimentos importantes que marcaram a história da nossa civilização e, ao mesmo tempo, procuraremos estabelecer relação entre a importância destes e a construção do nosso processo de educação. Essa escolha deve-se à necessidade de discutirmos os acontecimentos, as transformações e os desafios da atualidade experimentados pelas diferentes nações, países, estados, sociedades e indivíduos. Partindo do presente, identificando a realidade promovida pelo nosso projeto de educação e, depois, retornando ao passado, sem preocupação de uma seqüência cronológica, temos a intenção de abordar os acontecimentos mais sugestivos da nossa cultura, os quais foram, por assim dizer, as circunstâncias históricas responsáveis pelo nosso nível de educação adquirido para o início deste novo milênio. Nesta perspectiva, imaginamos conseguir contextualizar o tema e, a partir de então, poderemos encontrar algumas pistas que indiquem os elementos históricos, os motivos e as decisões mais importantes que levaram à construção da realidade vivida presentemente pela sociedade humana. Em seguida, proporemos sugestões para o desenvolvimento de uma educação baseada no ideal de formação integral do humano.

Quando tratamos sobre o assunto educação, não podemos deixar de considerar três questões centrais relacionadas a este tema. A primeira refere-se aos desafios impostos ao sistema educacional, pelo modo como as sociedades contemporâneas têm pautado as suas relações pessoais e coletivas. Sem dúvida, o modo de viver dos dias de hoje (especialmente nas grandes cidades) tem gerado uma série de problemas difíceis de solucionar e, talvez, até mesmo impossíveis de controlar. A droga, a aids, a violência (pessoal, urbana, institucional e internacional), a poluição, a corrupção, a fome, entre outros, afetam a nós todos e ao planeta. Podemos questionar se este estado de coisas é provocado pela crescente falta de solidariedade, respeito, consideração, cuidado, moderação, justiça e demais princípios e valores que deveriam fazer parte da nossa relação individual, coletiva e ambiental como valores universais; ou, se estamos passando por um período de ajuste (pessoal e social) à realidade do nosso tempo e às incertezas de um futuro cada vez mais difícil de se prever. E essas dúvidas não se

referem “unicamente ao que se passa depois da morte mas ao período da própria vida. Atinge tanto os indivíduos como as cidades e organizações” (Raux, 1996: 11). A segunda questão revela quase uma contradição, pois, convivendo com uma questionável realidade social, encontramos um elevado nível de produção de conhecimento e de tecnologia, os quais são o resultado do processo de educação que as gerações escolheram (ou escolheram por elas) e a que foram submetidas nas últimas décadas. O terceiro eixo trata da constatação de que a educação tem feito muito nos últimos tempos. Muitos são os modelos, teorias e sistemas de educação que se destinam a instrumentalizar os agentes educativos no sentido da formação da criança, do jovem e do adulto para que esses possam sentir-se capazes de fazer frente à conjuntura da atualidade. Todos possuem vantagens e desvantagens e cremos que, principalmente, são frutos em 1º. grau (gerados a partir de uma sensibilidade a certas idéias e/ou movimentos sócio-culturais) da integridade de seus mentores bem como da tentativa de encontrar meios para desenvolver e devolver ao ser humano a sua felicidade. Entretanto, mesmo reconhecendo a nobreza das intenções, encontramos aqui um ponto fulcral para o entendimento do nosso processo civilizatório, pois a nossa forma de educação conseguiu, por um lado, ser altamente competente na transmissão e no desenvolvimento de conhecimentos e na produção de tecnologia e, por outro, segundo Júnior (1995: 497), quando fala do sistema de educação vigente, decreta: “Na sua ânsia incontida de se concentrar na formação de especialistas e de técnicos, ele pode vir até a correr o risco de desumanizar o homem...”.

Diante desta evidência, uma pergunta se impõe: como é que a nossa forma de educação consegue promover esses dois mundos tão distintos um do outro? Se é dessa maneira, não podemos ficar insensíveis diante de tal ameaça, precisamos aprofundar a discussão acerca dos motivos que nos trouxeram até aqui e, ao mesmo tempo, descortinar caminhos que possam ser seguidos no sentido de restauração da integralidade na formação do humano com vistas aos ideais mais nobres. Para esse sentido, verificar quais os valores que as sociedades mundiais, nacionais, regionais e interpessoais podem compartilhar a fim de construir um futuro melhor para a *nação humana*. Essa será, evidentemente, a nossa tarefa e o nosso desafio neste capítulo.

Como é óbvio, a nossa finalidade é a de sugerir uma proposta centrada na perspectiva da recuperação dos princípios e dos valores da *aretê* como condutores de um modelo de educação, o qual foi um marco cultural de um período de extrema valia pedagógica e, também, do sistema de formação do homem ideal, que os gregos

batizaram como *paidéia*. Conforme Júnior (1995: 489-490), “A experiência da paidéia helênica foi esta luz tão rica e fecunda que nos parece valer a pena voltarmos a dirigir o nosso olhar atento e sereno” a este rico tesouro pedagógico (um tanto esquecido) de uma época fecunda e virtuosamente paradigmática.

O trajeto que vamos percorrer parte do princípio de que, conforme Fagundes (2001: 20) “Os valores podem ser transmitidos através de hábitos que se adquirem inicialmente de forma repetitiva” pelos tempos idos e vindos. Durante centenas de anos estivemos, através dos acontecimentos histórico-civilizacionais, recorrendo a certas atitudes que, possivelmente, nos ajudaram a incorporar alguns valores e que hoje fazem parte do nosso legado cultural. Para Patrício (1993: 289) “A realidade de que o educando deve vir a apropriar-se é, no final das contas, o conjunto de bens que a sociedade possui como capital adquirido ao longo da história”. Esse conjunto de bens é, naturalmente, o nosso arsenal de valores construídos pela sociedade e instalados em nossa cultura.

2.2 - O paradoxo das religiões

Visto dessa maneira, inicialmente verificamos que, com o advento das religiões, especialmente as de origem cristã, surge uma importante transformação na concepção do humano: a dicotomia entre o corpo e o espírito. A autoridade religiosa passa ser a gestora da espiritualidade e, com isso, dá uma imensa contribuição ao processo intelectual que desembocará no princípio do racionalismo e do paradigma mecanicista a que vamos nos referir mais tarde. Isso pode ser notado quando Schwanitz (2005: 344) ao discorrer sobre os nomes – Descartes e Hobbes – importantes do período racionalista destaca: “Para ambos deve ter sido um tremendo alívio poderem tirar os seus pensamentos das disputas religiosas e da carnificina da guerra para abraçarem as eternas verdades da matemática e da lógica”.

Embora o tempo de Sócrates fosse quatro séculos a. C., as suas idéias foram tidas como próximas aos ideais cristãos (foi comparado, com frequência, a Jesus Cristo), a concepção do humano era determinada, conforme Jaeger (2003: 534), pelo fato de que a alma “só pode compreender-se com acerto se for concebida em conjunto com o corpo, mas ambos com dois aspectos distintos da mesma natureza humana...” e, mais adiante, completa, salientando: “Mas assim como pela existência do corpo e da alma (...) se espiritualiza esta natureza física, assim como reflui sobre a alma algo da

própria existência física”. Isto é o sentido da *aretê*, uma vez que, para os helênicos, ela (*aretê*) era a unidade da excelência do corpo e a virtude do espírito (Jaeger, 2003; Kitto, 1990). Talvez essa pérola da sabedoria baseada na *aretê* tenha sido perdida e é claro que não podemos deixar de lamentar por isso (vamos tentar recuperá-la neste trabalho), pois esse modo de ver a intimidade do humano procurava preservar a unidade da sua existência e, se tivesse sido guardada pela cultura religiosa ocidental, as nossas referências e inspirações religiosas, e também científicas, políticas e humanas poderiam ser bem diferentes. Em decorrência disto, todo o nosso processo de formação cultural e educativo poderia ter sido permeado por essa visão de totalidade, coisa que positivamente não aconteceu. Convém esclarecer, para evitar dúvidas, a respeito do dualismo religioso e da dualidade platônico-socrática. “O dualismo considera as coisas separadas, enquanto que a dualidade as vê juntas como dimensões da mesma e única realidade” (Boff, 2000a: 80).

No início da sua fundação, o cristianismo e os seus ideais possuíam uma estreita aproximação ao modelo helênico de formação humana (*paidéia*). Essa abordagem é elucidada através da magnífica obra de Jaeger (2002: 12): “A paideia grega e o cristianismo primitivo” (especialmente nos séculos I, II e III), onde desfilam, diante dos nossos olhos, as palavras de Santo Agostinho e de São Tomás de Aquino e de outras importantes personalidades cristãs em conjunto com os pensamentos dos filósofos gregos como Sócrates, Platão e Aristóteles. Essa união de propósitos é de fácil entendimento quando atendemos à declaração de Jaeger (2002: 86): “A fusão da religião cristã com a herança intelectual grega fez que as pessoas se apercebessem de que as duas tradições tinham muito em comum quando vistas do alto da ideia grega de paideia ou educação, que oferecia a ambas um mesmo denominador genérico”.

Entretanto, algum tempo depois da sua instituição, a religião cristã estruturou-se sobre dogmas, associou-se ao Estado e reconfigurou-se à dimensão de poder temporal. Por esses motivos, vamos encontrar alguns eventos especialmente elucidatórios, como o da tentativa de controle do conhecimento, a intolerância entre religiões e, conseqüentemente, as chamadas guerras religiosas (Comênio²⁸, 1957; Schwanitz, 2005). Entre os judeus, as principais facções são os ortodoxos, os reformistas e os liberais; entre os cristãos, os católicos, os ortodoxos (a igreja oriental) e os protestantes; entre os muçulmanos, os sunitas e os xiitas. Se os guardiães dos valores religiosos lutam entre si

²⁸ Jan Amos Komenskì (em português Comênio, Comênio ou Comenius) – 1592 a 1670 – nasceu na cidade de Uherský Brod (ou Nivnitz), na Morávia, hoje República Tcheca. Foi professor, cientista e escritor. Publicou em [1627](#) a *Didáctica Tcheca*, traduzida em [1631](#) para o latim como **Didática Magna**, sua grande obra.

e contra os outros, nós, pobres mortais, deveríamos fazer o mesmo para a resolução dos nossos impasses? Antes de qualquer decisão a esse respeito, devemos ter atenção ao que diz Martinelli (1998: 96): “Todas as religiões e formas de culto dignas de respeito privilegiam os valores humanos e espirituais”. Portanto, os impasses nessa área acontecem, quando se perde a noção dos valores espirituais e humanos e, ao mesmo tempo, quando se esquece de que Deus é onipresente. Sendo assim, Ele se encontra tanto no coração do agredido como no coração do agressor, tanto nesta como naquela religião. Em nome de Deus se salva e, incoerentemente, também se mata. Será que foi dessa maneira que, ao longo dos anos, fomos perdendo a confiança em buscar o divino em nós? Boff (2000a: 21) decreta: “Assim, por exemplo, muitos estimam que o mal-estar generalizado resulta no abandono da *religião*”. Ao abandonarmos o nosso *manancial essencial*, vamos nos deparar com uma enorme pobreza na escala de valores. No sentido de uma visão diferente, é interessante perceber, intimamente, a natureza das palavras de Boff (2000a: 23) quando, para a nossa sorte, sentencia: “Há uma unidade sagrada da realidade que, como num jogo, sempre inclui a todos os participantes e jamais como meros espectadores”. Essa é a essência do jogo da vida, escondida, é bem verdade, mas vale a pena nos prepararmos bem para jogá-lo com sabedoria e dignidade.

2.3 - O paradoxo das guerras

A seguir, vamos considerar as chamadas grandes guerras mundiais. A primeira, também chamada guerra européia, começou em agosto de 1914 e durou até 1918. A primeira guerra mundial teve como motivo a rivalidade comercial entre as grandes potências européias do século XIX o que levou Schwanitz (2005: 189) a declarar: “Foi dela que partiram todas as ondas de choque da rebarbarização que fizeram das décadas subsequentes uma era de tirania e dos assassinios em massa”. Embora existisse, naquele período, um sistema de não-agressão, este era apoiado numa série de alianças que visavam um equilíbrio militar entre os diversos países europeus. Entretanto, essa paz armada sempre estava por explodir numa guerra. Foi o que aconteceu, quando os interesses econômicos falaram mais alto. Assim, o seu início se deu com a declaração de guerra da Alemanha à Rússia (Wikipedia, 2006).

A segunda guerra mundial não demorou muito para acontecer e foi provocada principalmente pelos ressentimentos e pelo ódio guardados desde a primeira guerra mundial. Os países que a venceram começaram a tripudiar sobre os países perdedores e,

com esses perigosos ingredientes, no dia 1º de Setembro de 1939, a guerra eclodiu – seu fim foi em 1945 – com a invasão da Polônia pelas forças alemãs. A segunda guerra mundial foi, com certeza, o conflito mais sangrento e também o maior conflito armado que o mundo jamais presenciou (Wikipedia, 2006). Sem dúvida, em nossa opinião, a guerra representa uma ausência total de valores. Por isso, perguntamos: para onde foram e em que lugar estariam, naquele momento, os valores encontrados numa cultura de paz, que pretensamente as nações diziam construir? Ao contrário, havia, sim, uma “moral perversa da casta de guerreiros de um Estado militarista” (Schwanitz, 2005: 211), onde a fidelidade aos seus ídolos políticos era maior do que as próprias vidas. A conclusão é óbvia: não importavam os motivos para a manutenção da harmonia entre as nações; os económicos e os utilitários, juntamente com a idolatria, eram mais importantes.

2.4 - O paradoxo do racionalismo

Para elucidarmos um pouco mais sobre a violência religiosa, convém retomar aqui o divórcio entre corpo e alma, o qual desenvolveu a idéia de que as coisas do corpo eram, na maioria, pecaminosas e as da alma, divinas. Para Vaz (2004: 53), “O dualismo preconizado pelas correntes gnósticas implica uma condenação da matéria, obra do princípio do mal...”. Esquecemos a onipresença de Deus e nos enredamos no dualismo cultural. O divino ficou mais distante e, talvez, inalcançável. O corpo, a matéria e a natureza ficaram à disposição da objetividade (controle) e o espírito, a divindade e o reino de Deus, no campo da subjetividade (sem controle). Esse modo de ver o mundo gerou um movimento científico com sólidas raízes materialistas.

Nessa perspectiva, apesar da visão contrária, vamos verificar que, até o tempo de Descartes, havia uma tendência de integralidade, em que corpo, mente e espírito faziam parte de um todo harmônico; isso vinha desde os tempos da Grécia antiga e perdurou até a Renascença (Damásio, 1995). A partir desse momento, a visão de dualismo passou a ser incorporada à ciência e houve, como muitos queriam, uma completa separação entre mente, de um lado, corpo, de outro, e o espírito passou a ser *estudado* pelos religiosos. “O modelo de racionalidade que preside à ciência moderna constituiu-se a partir da revolução científica do século XVI e foi desenvolvido nos séculos seguintes basicamente no domínio das ciências naturais” (Santos, 2000: 58). A separação total entre a natureza e o humano provoca uma distorção primordial na base da formulação e

no desenvolvimento do conhecimento científico, uma vez que promove a status de ciência apenas os estudos baseados na matemática. O rigor científico deriva de um sistema de medidas e, ao mesmo tempo, renuncia aos aspectos qualitativos do objeto estudado, o que, para Santos (2000: 63), significa dizer que ele “parte do pressuposto de que as ciências naturais são uma aplicação ou concretização de um modelo de conhecimento universalmente válido e, de resto, o único válido”. Nesta mesma direção de fragmentação e hegemonia, o sujeito (investigador) deve manter uma clara distância entre ele e o objeto a ser investigado como forma de afastamento às subjetividades. O campo da objetividade funda, segundo nossa maneira de ver o mundo, duas principais limitações: a primeira é a idéia de que o mundo da matéria é como uma máquina (paradigma mecanicista de Newton) que pode ser conhecido pelas leis físicas e matemáticas (Santos, 2000); a segunda é que, na luta desenfreada para manter o controle sobre a emoção e o sentimento, o ser humano deixa de lado o seu interior (Santo, 1998; Damásio, 1995). Esse modelo mecanicista do conhecimento, dada a sua importância, acabou por influenciar decisivamente a implantação de um sistema de poder vinculado a uma sociedade científica que dominou (apesar de a partir do século XVIII conceder alguns espaços às ciências sociais), e ainda domina, a estruturação e organização do conhecimento, que pretende ser funcional e utilitário.

Deste modo, podemos verificar que o conhecimento que interessa é aquele voltado à técnica (trabalho), à produção (riqueza material) e à manutenção do modelo científico dominante (visão teórica da natureza). É fácil perceber que este projeto é particularmente retroalimentável e, portanto, auto-sustentável e hegemônico, ao contrário da visão de Sócrates (Protágoras, 312 b), quando adverte: “Com efeito, estudaste cada uma dessas disciplinas não como uma técnica, para te tornares um profissional, mas para teres cultura...”. Embora a técnica seja um meio pelo qual o homem pode atingir melhores níveis de vida e de liberdade, precisamos entender que Sócrates pedia uma educação ainda mais ampla: a formação ideal (*paidéia*).

Essas questões são extremamente relevantes, hoje, para a educação, porquanto irão definir os propósitos e os rumos para o novo milênio. A preocupação é que, na atualidade, ainda vemos medidas que insistem neste processo de fragmentação, talvez ainda maior do que no passado cartesiano. Neste sentido, Santo (1998: 41) chama-nos a atenção, descrevendo o seguinte: “...como a utilização de redes de computadores no lugar do professor, ou seja, desaparece a relação e o contato para permanecer apenas a passagem da informação”, levando, com isso, a impressão de que o conhecimento é algo

que se apreende de modo mecânico e que está acima das relações interpessoais, pois o que muitas vezes interessa é o resultado conseguido (reflexos condicionados, incondicionados e imitação) através de estímulos. Não podemos deixar de considerar que, neste estado de coisas, a informação e o conhecimento podem ser conseguidos sem o relacionamento humano, mas a educação, não (Tilak s/d).

2.5 - O paradoxo dos movimentos políticos e econômicos

A Revolução Francesa foi o modelo clássico de uma revolução sócio-político-econômica burguesa que se constituiu na destruição do que restava do regime feudal, o qual freava a expansão do comércio e da indústria. A mão-de-obra francesa era, na sua maioria, formada por camponeses ou servos que não recebiam remuneração por seus serviços prestados, proporcionando vantagens apenas para os senhores feudais. O objetivo da burguesia era torná-los (os trabalhadores) assalariados, gerando assim um enorme mercado interno. O Terceiro Estado (Burguesia e povo), que arcava com pesados impostos, sustentava os privilégios do Primeiro e Segundo Estados (Clero e Nobreza) (Monfort Associação Cultural, 2006).

A Revolução Francesa foi um importante marco na História Moderna da nossa civilização. Significou o fim do sistema absolutista e dos privilégios da nobreza, o povo ganhou mais autonomia e seus direitos sociais passaram a ser respeitados; a vida dos trabalhadores urbanos e rurais melhorou significativamente. Por outro lado, a burguesia conduziu o processo de forma a garantir seu domínio social. As bases de uma sociedade burguesa e capitalista foram estabelecidas durante a revolução. A Revolução Francesa também influenciou, com seus ideais iluministas, a Independência dos Estados Unidos, dos países da América Espanhola e o movimento de Inconfidência Mineira no Brasil (Monfort Associação Cultural, 2006). Talvez não houvesse outro caminho a seguir; entretanto, apesar do sucesso deste tipo de revolução, não podemos deixar de registrar que ela ceifou inúmeras vidas e ajudou a perpetuar o sistema de conflitos para a resolução de pendências. Outrossim, esse movimento demonstrou, mesmo considerando a legitimidade de seus ideais, que a principal demanda era pelo valor econômico. Os valores econômicos eram considerados inferiores na hierarquia de valores (Ibañez, 1976; Patrício, 1993) e, em função do caráter social do movimento, é de se estranhar a desvinculação deste com os valores espirituais.

A Revolução Industrial teve início no século XVIII, na Inglaterra, com a mecanização dos sistemas de produção. Enquanto, na Idade Média, o artesanato era a forma mais utilizada de produzir, na Idade Moderna tudo mudou. A burguesia industrial, ávida por maiores lucros, menores custos e produção acelerada, buscou alternativas para melhorar a produção de mercadorias. Também podemos apontar o crescimento populacional, trazendo maior demanda de produtos e mercadorias (Wikipedia, 2006). A atividade produtiva e o domínio tecnológico deram origem a outras conseqüências: as máquinas substituíram os homens, o desemprego aumentou, mas o resultado, apesar de tudo, foi compensador, pois os lucros advindos da produção em larga escala impulsionaram o mercado e a burguesia da época. Fagundes (2001: 18) considerou que “Os valores herdados das tradições greco-romanas, cristã, renascentista, que sustentaram a cultura ocidental durante séculos, desapareceram e foram substituídos por valores da sociedade industrial”, que eram os econômicos, os utilitários, os práticos e os vitais.

Naturalmente que poderíamos, ainda, citar vários eventos da mesma natureza que foram importantes para a nossa cultura e que determinaram, no seu conjunto, a arquitetura da educação ocidental. O nosso interesse foi o de buscar, em alguns movimentos sócio-culturais absolutamente conhecidos, os valores oferecidos à humanidade por países, por políticos, instituições e grupos sociais. Deste modo, podemos já entender um pouco a respeito do nosso presente, uma vez que cada movimento social, político, cultural e institucional transmite à eternidade, através de suas ações históricas, os valores contidos (explícitos e implícitos) nesses movimentos.

2.6 - O paradoxo da evolução tecnológica

Por uma questão de imparcialidade, não podemos deixar de constatar que o humano possui uma extraordinária quantidade de conhecimentos à sua disposição e, ao mesmo tempo, uma produção destes cada vez mais acelerada²⁹; por conseguinte, há um domínio eficaz de tecnologias capazes de executar quase tudo. Foi através do conhecimento desenvolvido pelas ciências que, por exemplo, conseguimos vencer inúmeras batalhas em favor da vida e da saúde: as vacinas contra a poliomielite, a

²⁹ A velocidade pela qual o conhecimento é produzido suscita duas questões para serem cuidadas: a primeira é a incapacidade de assimilação de todo conhecimento produzido e a segunda é que grande parte do conhecimento produzido é de qualidade duvidosa. Portanto, devemos estar conscientes e assumir os riscos de uma educação intelectual submetida a esse modo de produzir conhecimento.

tuberculose, a meningite, entre outras, conseguiram evitar algumas enfermidades que, até há pouco tempo, tiravam a vida de muitas pessoas. Os tratamentos médicos, a atividade física e os cuidados alimentares têm ajudado a prevenir e a recuperar uma quantidade razoável de doenças não-transmissíveis, tais como o enfarte, a pressão alta, o diabetes, o acidente vascular cerebral, etc. Todo esse conhecimento, mesmo não estando à disposição da maioria, vem contribuindo significativamente para a longevidade e qualidade de vida de diferentes indivíduos, em diferentes países e culturas. Com isso, queremos demonstrar que a nossa opção cultural, para o início do novo milênio, é a de ampliar ao máximo possível o tempo de vida *saudável* do ser humano. Sabemos o quanto é importante uma vida longa, principalmente se esta estiver associada a uma boa qualidade de vida. Entretanto, devemos questionar-nos a respeito de esta vida ser vivida, presentemente, com pouca dignidade. A nossa existência carece de mais dignidade? Como aprendemos a manifestar em nossas vidas a nossa dignidade? Voltaremos a esse tema mais adiante. Vamos, no momento, continuar contextualizando a edificação da nossa educação.

Por outro lado, embora ressaltando o caráter mecanicista, verificamos que não é por acaso que hoje podemos criar, através da engenharia genética, a *vida*, sem o relacionamento *amoroso-sexual*, pelo sistema de clonagem. Nesta viagem tecnológica para desenvolver a perpetuação da vida, as pesquisas com células-tronco demonstram a possibilidade da restauração de órgãos vitais, o que, convenhamos, deixa o *antigo* transplante de órgãos já ultrapassado. Empreendendo uma outra viagem, bem mais longa e distante, criamos uma tecnologia espacial, como as sondas que viajam na direção de outros planetas para exploração e estudo destes, de tal modo que a lua, parece, ficou logo ali. Diante desses dois exemplos, não há como não ficarmos admirados. Quão maravilhosos são o conhecimento e a tecnologia gerados pelos seres humanos! Claro que temos de atribuir todo este sucesso ao nosso projeto educativo-cultural. Sendo assim, não podemos deixar de afirmar que o nosso sistema de ensino e de educação foi, e é, extremamente competente na formação intelectual e tecnológica das nossas seguidas gerações. Entretanto, este mesmo sistema não foi capaz de, na mesma proporção, promover a sabedoria. Essa constatação leva-nos a um questionamento simples: temos técnica, conhecimento e tecnologia, mas será que temos aprendido a desenvolver a sabedoria? Trata-se de uma dúvida instigante que as viagens acima mencionadas não conseguiram responder; principalmente, porque a viagem à

nossa dimensão interna e transcendental ficou à margem das conquistas científicas e tecnológicas.

São muitas as peripécias culturais e, com isso, o magnífico jogo de configuração de valores nos permitem a possibilidade de conhecimento sobre nós e, ao mesmo tempo, de aprendizagem.

2.7 - O paradoxo do presente e do futuro

Não há dúvida de que o conflito, como vimos, sempre teve um peso razoável nesta escala de valores. Para Fagundes (2001: 91), “A maioria dos educadores e filósofos acredita que a reflexão do conflito é uma questão fundamental da ética”. Posto isso, vamos incluir duas reflexões acerca do conflito e que têm muita relação com aquilo que estamos vivendo nos dias de hoje. A primeira é mais geral e trata da constatação de que a guerra assim como os valores que levam a ela são tão importantes para a nossa civilização que é difícil saber qual o país que não possui o ministério da guerra, ou das forças armadas ou da defesa, como também não sabemos qual o país que possui o ministério da paz. Esse é um grande problema! Mais especificamente, queremos salientar que, para aprendermos a resolver as nossas dificuldades através dos conflitos, não precisaríamos ir às escolas, poderíamos prescindir de um sistema de educação. Poderíamos aprender com os animais, pois, se jogarmos um pedaço de alimento entre os cães, eles lutarão encarniçadamente por ele... (Tilak, s/d).

Assim, dando armas aos antivalores da intolerância, da truculência, da insensatez e da impiedade, foi que surgiram os grandes conflitos mundiais.

Gandhi, ao contrário, sugeriu outro caminho, quando conseguiu que a Índia se tornasse independente da Inglaterra, utilizando os princípios da não-violência, bem mais lentos, difíceis e espinhosos, mas carregados de valores como a coragem, a tolerância, a prudência, o respeito, a sensatez e o amor. Fischer (1982: 36), ao se referir aos princípios da não-violência do Mahatma, destacou: “A perseguição, seja por parte das majorias, seja pelas minorias, resulta da intolerância em face das diferenças, bem como os receios baseados na falta de autoconfiança”. Conviver respeitosamente com as diferenças é reconhecer que elas compõem um todo em busca da harmonia na diversidade, onde as diferenças desaparecem, uma vez que elas se complementam. É o reconhecimento à dignidade e à nossa pluralidade. Não podemos esquecer que

pluralidade e dignidade rimam com divindade – e nela estão contidas – e, no nosso contexto humano, são uma prova inequívoca da excelência.

Existem muitos outros eventos significativos em nossa história, mais ou menos recentes, que poderíamos recordar e que possuem, também, papel decisivo na construção da nossa realidade sócio-cultural e no nosso padrão de educação. Entre eles, a revolução cultural de Mao, que acreditava no potencial ideológico das suas reformas (importado do ocidente). Entretanto, os seus líderes achavam que o poder político estava no cano de uma arma (Dalai-Lama, 2000). As bombas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki confirmam a citação anterior e este fato reforça a idéia de que a tecnologia que salva, também pode matar e destruir. Hoje, o risco é cada vez maior uma vez que os países, especialmente aqueles como o Irã e a Coreia do Norte, ao deterem a tecnologia nuclear, colocam o mundo num beco sem saída. A tecnologia, essa maravilha da ciência ocidental, pode não só acabar com o ocidente mas também com o oriente. E com tudo mais... *Nós criamos e nós é que temos de embalar* (ditado popular).

A globalização, que aproximou regiões e países, derrubou os muros de concreto e os ideológicos. Atualmente, os mercados estão de tal forma atrelados que qualquer problema econômico, em qualquer país, prejudica a economia dos outros. É a utopia da liberdade de mercados tornando-se realidade. O advento das tecnologias de informação encurta espaços, aumentando a velocidade de transmissão de conhecimentos e anulando as distâncias, mas, ao mesmo tempo, reduzindo, senão neutralizando, a sensibilidade dos encontros. As ideologias, independentes da sua vertente, acabam por demarcar seus territórios de poder e avançam sobre os dos outros. A Guerra Fria acabou, mas uma outra prosseguiu *quente* e, ao que parece, está longe de acabar. Ainda hoje permanecem as diferentes formas de preconceitos que, a nosso ver, são uma maneira de se colocarem em prática os princípios consagrados pela proposta histórica de fragmentação e maniqueísmo. Vemos as diferenças, e não as similitudes. Vaz (2004), ao expressar situações existenciais do ser humano nas cartas paulinas e nos escritos joaninos, indica, mesmo sem o admitir, o perfil oposicionista da aurora da cultura ocidental, tais como: carne e espírito, animal e espiritual, homem velho e homem novo, ou ainda, trevas e luz, morte e vida, mentira e verdade. Embora tenhamos aderido a um sistema segmentado e maniqueísta, especialmente no que tange ao controle da natureza através da ciência, com base no racionalismo cartesiano, consideramos que a natureza, na realidade, perfila-se de modo diferente, como podemos notar nas estações do ano, nas fases da lua, nas cores básicas etc. Desse jeito, entendemos que um sistema de *continuum*, ao

contrário, possui uma disposição mais pluralista e menos finalista. Neste princípio, a formação do homem está em aberto e dirige-se a uma educação de evolução, caminhando, através deste *continuum*, em busca da perfeição (*aretê*). Sendo assim, o corpo é visto como um meio para se atingirem fins espirituais, o animal cede gradativamente ao espiritual, o homem novo caminha na direção da sabedoria do homem velho e é na morte que encontramos todas as sementes da vida. Com efeito, nada justifica que nos concentremos nas diferenças (homem e mulher, negro e branco, rico e pobre, bonito e feio), para tentarmos justificar alguns preconceitos; no entanto, se nos detivermos nas igualdades (todos somos, antes de tudo, humanos, todos temos direito à felicidade, habitamos o mesmo espaço planetário, temos as mesmas angústias, dores, alegrias e, inexoravelmente, todos morreremos), não há como não desenvolvermos a solidariedade – contrário de preconceito – e a compaixão por todos os seres. Afinal, conforme Dalai-Lama (2000: 28), “O descaso pela dimensão interior do homem fez com que todos os grandes movimentos dos últimos cem anos, ou mais, – democracia, liberalismo, socialismo – tenham deixado de produzir os benefícios que deveriam ter proporcionado ao mundo, apesar das idéias maravilhosas”.

Achamos que já temos uma quantidade razoável de exemplos propostos pela nossa maneira de construir o mundo. Cabe ressaltar que deixamos, de propósito, vários exemplos positivos e inspiradores para discutirmos mais tarde.

2.8 - Os valores: um caminho para a (des)paradoxização

Diante dos fatos que acabamos de mencionar, não podemos deixar de considerar três aspectos: o primeiro trata de reconhecer que aquilo que acabamos de recordar, através de um resumo de acontecimentos, faz parte dos motivos que promoveram os desafios, desencontros, oportunidades e encontros com a nossa realidade atual. “Aquilo que nos parece óbvio e lógico pode na verdade ser apenas o resultado de um condicionamento longamente instituído e profundamente sedimentado” (Migliori, 1998: 18). O segundo, o que vamos fazer agora, é refletir a respeito de alguns aspectos referentes ao processo educacional posto em prática pelos diferentes agentes da educação. O terceiro faz parte de considerar a possibilidade de uma educação baseada em valores (*aretê e paidéia*), como um modo possível de se harmonizarem “a sociabilidade e individualidade, ordem e espontaneidade, unidade e diversidade” (Watts, 1999: 17).

Esclarecemos que a nossa discussão a respeito dos valores que vamos empreender e, particularmente, no que diz respeito a uma pedagogia cultural e a uma pedagogia espiritual dos valores, encontra-se, como se pode perceber, diametralmente oposta à orientação científica de fundo racionalista e mecanicista, o que pode ser certificado por Patrício (2005: 5), quando sublinha que: “Em distinta postura nos coloca a epistemologia positivista, em que o império pertence ao facto, não ao valor. A *paideia* grega – e a *paideia* ocidental, que vem directamente da *paideia* helénica – é processo axiológico, intrinsecamente, não processo meramente factual, positivista”.

Muito se comenta a respeito da necessidade de uma educação ser processada a partir dos nossos mais caros valores. Patrício (1993: 19) considera que “Os valores são intrínsecos à educação, pelo que o problema educativo não é equacionável nem resolúvel sem incluir os valores”. Como sabemos, a axiologia é o ramo da filosofia que se dedica ao estudo de valores. No que se refere a esse termo, Patrício (1993) o descreve também como filosofia do valor e das atitudes e posições valorativas.

A questão dos valores é tão antiga quanto a própria humanidade e quanto a todos os tipos de sociedade e cultura. Gregos, romanos e egípcios, povos do oriente e do ocidente, o homem antigo e o homem moderno, o adolescente e o adulto: todos têm em comum o fato de estarem sempre perguntando pelo bem, pelo mal, pela escolha, pelo sentido das coisas (Fagundes, 2001). Para uma dimensão cultural dos valores, consideramos que cada indivíduo, cada povo, cada época e cada história possui um toque especial de sensibilidade para determinados valores e são estes que os caracterizam. Nessa perspectiva, é pertinente a vinculação histórico-cultural que demos, no sentido da contextualização dos valores e dos antivalores, bem como a sua vinculação aos nossos desafios da atualidade.

Podemos, então, por exemplo, questionar o nosso projeto de crescimento material, estruturado a partir da revolução industrial, o qual não pode comprometer os recursos do nosso planeta e o futuro das próximas gerações. Se isso for verdade, precisamos nos ater ao que diz Boff (2000a: 76): “Ter esquecido nossa união com a Terra deu origem ao antropocentrismo”. Temos, assim, a ilusão de que podemos dispor de todos os seus bens, dominá-la e subordiná-la aos nossos interesses. Podemos também concluir que essa atitude em relação à mãe-terra tenha sido desenvolvida, através dos tempos, pela visão de que a terra era o centro do universo (interesses religiosos) e, conseqüentemente, o homem, como imagem e semelhança de Deus, poderia ser

considerado o centro do planeta e, quiçá, do universo³⁰. A cultura da humanidade é composta por três premissas básicas que compõem a sustentação das suas atitudes e dos seus valores. Para Fagundes (2001: 91), são elas: “a visão cosmocêntrica, que tem como crença que o universo é o centro de tudo. A visão teocêntrica, que coloca Deus como centro das coisas (...). A visão antropocêntrica, em que o centro é o próprio homem”.

Esse modo de ver a vida e de compreender o mundo é o que tem predominado em nossa educação e em nossa cultura. Quanto aos resultados, esses podem ser notados, especialmente em se tratando do nosso padrão de comportamento frente à natureza.

Nunca é demais lembrar que as nossas ações revelam os nossos valores pois, segundo Ibañez (1976: 149) “La acción es um valor y fuente de valores”. Podemos dizer que os nossos projetos de vida e de educação são expressos pelas nossas ações e, neste sentido, consideramos que um dos propósitos da educação é o de disciplinar as nossas ações e atitudes; por isso, a educação verdadeira tem de disciplinar não somente o mundo exterior, tem de sistematizar o mundo interior também (Tilak, s/d). É nesta unidade que podemos caminhar na direção da excelência em educação, pois o fundamento da *aretê* é a ação nobre, valorosa e coerente, na direção do bem pessoal, coletivo e transcendental.

O uso e a apropriação da natureza e as invenções realizadas pelo homem dependem da sua própria consciência. Dalai-Lama (2000: 104) aconselha que devemos “ser como o cientista que coleta dados, analisa-os para tirar a melhor conclusão possível” e se essa investigação, movida pelo sentimento de responsabilidade ética, vier a causar algum prejuízo aos outros, o cientista deverá desistir dela. A maior invenção da natureza é o humano e, sendo assim, tudo deve ser feito em benefício dele e visando as suas necessidades e a sua interação com a própria natureza.

Na perspectiva do indivíduo, os valores nele repousam. Quando uma pessoa possui uma atitude solidária e uma outra escolhe uma atitude egoísta, ambas expõem o valor que as coisas possuem; para o seu discernimento, é necessária uma fusão do conhecimento e do sentimento, dos planos intelectuais e emotivos, ou seja, colocarmos em jogo toda a nossa personalidade. Cada pessoa valora segundo o que é, pois as nossas valorizações configuram profundamente a nossa maneira de ser.

³⁰ Muitos filósofos usam as palavras universo, cosmos ou kosmos como sinônimos. Kosmos é uma palavra grega que significa ordem; um sistema ordenado e harmônico. De modo absoluto, kosmos designa mundo, universo ou tudo que existe, descoberto ou não. Os físicos usam o termo universo referindo-se ao contínuo de espaço e tempo. Os religiosos usam o termo como referência ao universo criado, excluindo o seu Criador.

Para isso, vamos destacar alguns dos aspectos relevantes para a aquisição e sedimentação dos valores na perspectiva cultural e, como não poderia deixar de ser, educacional. O primeiro aspecto é o *informativo*: Para valorizar alguma coisa é necessário conhecê-la. O próximo passo é a *estimação* como reconhecimento do valor. Isso significa dizer que, na imensidão dos valores, cada sujeito, cada cultura, cada organização sugere a sua própria hierarquia e a coloca em prática. Em seguida, encontramos a *expressividade* dos valores. Nesse aspecto, não podemos deixar que os conteúdos referentes aos valores sejam uma mera informação, ou seja, eles necessitam estar de tal forma incorporados ao nosso modo de ser e agir que essa capacidade de expressá-los apareça tanto na comunicação verbal, como na grafia, nas diferentes disciplinas (matemática, música, etc.) e, principalmente para nós, no movimento corporal. Por fim, temos a *criatividade*, a qual significa que, partindo da aplicação de determinados valores, vamos mais adiante, no sentido de ampliarmos a nossa riqueza de valores (Ibañez, 1976). Considerando essas formas de relacionamento, podemos depreender que a educação em valores não restringe o seu estudo a uma disciplina, mas, sim, aplica-se a todas elas e em todos os momentos da vida familiar, social e universal.

O ato axiológico é o de preferência e é bipolar. Preferimos o valor positivo ao negativo, o alto ao baixo, a pessoa à coisa, ou vice-versa (Patrício, 1993). Tal como na física, os pólos opostos atraem-se, gerando energia. No que diz respeito aos valores, a *energia* gerada é a própria axiologia cuja potência é, não devemos temer, espiritual.

Todas as dimensões dos seres – psicológica, física, espiritual, emocional, intelectual, lógica, ideal e real – estão permeadas pelos valores. Trata-se, pois, de sintonizarmos o nosso ser para descobri-los e para que possam ser vividos. Como já foi mencionado, não há educação sem referência aos valores. “A própria educação é um bem geral constituído por um complexo de bens particulares” (Patrício, 1993: 20). Nesta oportunidade, não se pode deixar de sublinhar que o bem mais geral da busca educativa deve ser o da perfeição do humano (Ibañez, 1976; Patrício, 1993). No entanto, para se atingir essa perfeição, temos de praticar a disciplina e incluir a busca da superação. Perfeição, disciplina, superação e excelência são valores centrais do significado educativo encontrado na *aretê*; por isso, chamamos a atenção para o que diz Ibañez (1976: 34), quando trata desta problemática na axiologia: “El hombre que no se supera decae”. Aprofundando esse tema, o autor completa: quem não levanta, pela manhã, para empreender a tarefa ética de aperfeiçoamento, de melhorar algo no seu entorno e para os demais seres humanos, deserta da sua condição humana (Ibañez,

1976). Isso, antes mesmo de ser um ideal axiológico, é, sim, uma manifestação de sabedoria comprometida com os mais nobres ideais humanos. Não é por acaso que valorizamos mais aquilo pelo qual nos sacrificamos para obter.

Existem muitas coisas desejáveis, pelas quais lutamos e nos sacrificamos, mas é claro que não se pode ter tudo, temos que fazer escolhas. Para colocarmos um pouco de ordem nos valores, é necessário declarar que uns valem mais do que os outros. Ordenar e classificar os valores significa hierarquizá-los e posicioná-los na pirâmide axiológica (Patrício, 1993).

Existem muitos estudos a respeito dessa hierarquia. Ibañez (1976) descreve e analisa a classificação dos valores segundo vários autores; dentre eles, estão: Munsterberg, Rickert, Scheler, Ortega, Le Senne e Lavelle. As diferenças encontradas referem-se principalmente à cultura na qual estariam inseridos os estudos.

Para simplificar esse tema, Patrício (1993) indica uma hierarquia da ordem de valores, que se configura da seguinte maneira: valores práticos, hedonísticos, estéticos, lógicos, éticos e religiosos. Já Garcia (2004a), de acordo com a posição de Patrício, propõe o seguinte quadro de valores: vitais ou econômicos, práticos ou de utilidade, hedonísticos ou do prazer, estéticos ou da beleza, éticos ou do bem, e religiosos ou do sagrado. Como complemento a essa escala de valores, incluiremos os transcendentais. Da célula a Deus, nesse caminho para a perfeição, é onde se dá a infinita escalada de transcendência. Por isso, Ibañez (1976: 153) decreta: “El valor es un trascendental”. Sendo assim, o culto e a realização da transcendência são, também, a concretização de todos os valores.

Na Grécia Antiga e em outras sociedades, os valores religiosos e transcendentais estavam no topo dessa pirâmide. Na sociedade científica, os valores da lógica são considerados os mais importantes. Na política, os valores éticos deveriam ser a bússola axiológica dos nossos políticos, como queriam os grandes filósofos gregos. Os valores que deram origem à maioria dos conflitos vinculavam-se aos econômicos, aos de utilidade, aos religiosos, aos éticos e aos étnicos. Atualmente, mesmo não levando em consideração os mais diversos desafios axiológicos (acima citados), imaginamos que os valores utilitários, estéticos, econômicos, práticos e hedonísticos são os mais fáceis de serem aplicados na vida individual e coletiva da atualidade.

Nessa ótica, deveríamos, a bem dos valores universais, perguntar se a atual globalização, na prática, não poderia ser uma ótima oportunidade para concretizá-los, e, com isso, promover uma alteração profunda em nossa atual escala de valores. Será que a

globalização não deveria iniciar por (re)visar o desenvolvimento desta? Esse, sim, seria um grande exemplo. Hoje, a globalização se dá, especialmente, em função dos valores econômicos e dos interesses comerciais. Quais seriam os valores que as diferentes culturas e países poderiam partilhar no sentido de se buscar, antes de mais nada, numa perspectiva antropológica, o sentido do cidadão planetário e do planeta cidadão? (Morin, 2000). Entretanto, parece que esse não foi o caminho escolhido. Em outras ocasiões, trilhamos a mesma rota (comércio e economia) e voltamos a ela. Não é preciso ser vidente, nem apresentar a opinião de autores especializados no assunto, para descortinarmos o que vai acontecer! Não há dúvidas de que necessitamos de mais sabedoria na gestão das relações humanas, sejam as micro-relações (entre pessoas) ou as macro-relações (entre comunidades, sociedades, países e blocos de países).

Consideramos que o processo de educação e de formação é eminentemente valioso, e a fragilidade na aplicação de uma educação em valores tem repercutido em muitos dos enganos que cometemos, durante os séculos da nossa existência e que ainda hoje se apresentam em nossa realidade. Afinal, como nos ensina Reboul (2000: 24), “o fim da educação é permitir a cada um realizar a sua natureza no seio de uma cultura que seja verdadeiramente humana”. Precisamos resgatar a nossa fonte de inspiração, para que a vida seja uma expressão dos valores mais significativos do humano. Caso contrário, correremos, permanentemente, o risco de cometer os mesmos grandes equívocos, provocando tragédias e reduzindo *a pó* a dignidade humana. Por isso, não podemos nos queixar muito da nossa realidade, uma vez que, “Vivemos, axiologicamente, sobre areias movediças” (Patrício, 1993: 21). Cabe-nos ressaltar que a afirmação acima não foi feita sem nenhum propósito, uma vez que, dentre os muitos caminhos que nos levam a este pântano, está o niilismo (negação dos valores) que encontramos, muitas vezes, por exemplo, no bojo dos conflitos armados e de outras ameaças, quer militares, quer políticas e, mesmo, quer educacionais. Além do niilismo, há também outras ameaças nessas *areias movediças*, tais como: 1) a neutralidade axiológica – a educação sem referências axiológicas – acontece, quando se imagina que não é razoável inculcar valores ao educando e, com isso, abandona-se a representação de valores, quer individual, coletiva e cultural, além das suas dimensões de sabedoria e transcendência. A educação, neste caso desprovida de valores (neutralismo), pode esconder uma axiologia que, para existir, necessita de um prévio esvaziamento da consciência de valores para uma possível implantação de uma outra forma axiológica (Patrício, 1993). A educação não pode e não deve ser neutra em relação a valores. Isso

não significa que ela tenha que ser dogmática e rígida em seus princípios (Fagundes, 2001); 2) O positivismo é uma outra dimensão de risco para educação em valores, pois reduz as experiências a fatos e, com isso, torna-se sectariamente normativo. Esse modo de agir determinou, e muito, a forma de fazer investigação e a sua metodologia. 3) A monocultura religiosa – todos devem pertencer a apenas um credo – assemelha-se a uma forma de coação, em que falta a liberdade para decidir o caminho espiritual. Isso não contribui para serem desenvolvidas atitudes favoráveis a valores, especialmente os religiosos e, o que é ainda pior, pode suscitar reações em contrário (Ibañez, 1976), como aconteceu nos conflitos religiosos e que ainda existem, infelizmente, entre nós, em pleno século XXI. 4) E, por fim, o fundamentalismo religioso é uma forma extrema de confessionalismo (Patrício, 1993), caracterizado por uma postura dogmática, muitas vezes apaixonada, sutil e, portanto, condicionadora de atitudes. Esse tipo religioso pode ser mais perigoso do que a natureza da coação. Poderíamos considerar o individualismo egocêntrico (antropocentrismo) como a quinta ameaça, ou seja, trata-se de um tipo de comportamento baseado na expectativa de que os valores que *valem* são aqueles centrados no indivíduo, esquecendo-se de todos os outros valores, sejam os do outro, os sociais, os culturais e os universais

Recordar esses pontos significa que necessitamos, permanentemente, estar atentos e refletir sobre eles, a fim de evitarmos os nossos erros passados. Precisamos não ter que pedir desculpas (embora, uma vez errando, isso seja necessário, a fim de minimizarmos o que foi feito) pelas nossas falhas; temos, sim, que pensar antes de agir e as ações, as palavras e os pensamentos devem ser subordinados à educação em valores, conforme nos aponta Fischer (1982: 59): “Na raiz de inúmeros males de nossa civilização, encontra-se a discrepância entre a palavra, o credo e a ação. É a fraqueza das Igrejas, dos Estados, dos partidos, das pessoas”.

É fato, e muitos advogam que os valores já não possuem um fundamento, ou seja, aquilo que dá origem é causa, é uma conjunção necessária e absoluta do valor e da verdade (Comte-Sponville, 1996). Essa consideração é feita na perspectiva nietzscheana na qual Deus morreu, ou como suavizou Comte-Sponville (1996: 140) “Deus está socialmente morto”. Morto o fundamento, o relativismo campeia. Entretanto, essa discussão – arriscada – teórica, não reduz a dramaticidade atual e ainda pode acrescentar mais solidão ao espírito humano. Se os valores são relativos, cada qual pode, como vimos anteriormente, estabelecer para a sua conduta, ação e sobrevivência, o seu

conjunto de valores e, a cada um deles atribuir uma dada intensidade que, paradoxalmente, tenta revestir de um caráter absoluto.

Vejam os casos recentes da publicação das caricaturas do profeta Maomé, figura central da cultura islâmica. Em nome de um valor de liberdade, nomeadamente a liberdade de imprensa (uma das âncoras da democracia ocidental), colide-se com o *fundamento* dos valores do Islã. Reflexões: Liberdade, desafio ou ofensa? Será que, ao fazermos uso do direito de publicar *algo* que fere a suscetibilidade e os símbolos de uma cultura, não indicaria, também, que temos de aceitar que os indivíduos dessa mesma sociedade tenham o direito de reagir, ferindo os símbolos (bandeiras e embaixadas) dos países de onde a provocação partiu? As palavras usadas pelo Dalai Lama para advertir os cientistas também servem para chamar a atenção dos jornalistas. Será, ainda em reflexão, que os veículos de comunicação, em nome da paz – valor tão importante ou maior que a liberdade, pois não há liberdade onde não existe paz – não deveriam agir com a prudência solicitada por Sua Santidade? Ou ainda guarda-se a mágoa referente à destruição das torres gêmeas, estas sim, símbolo da economia mundial, à qual se idolatra como um dos substitutos do fundamento divino dos valores (Comte-Sponville, 1996)?

Neste princípio, seria interessante atentarmos para o que diz Garcia (2004a: 3) ao descrever, à luz dos valores, o fatídico episódio de 11 de Setembro: “...a última frase pronunciada pelo piloto que, à sua maneira, invocava o seu Deus para o ajudar” e adiante completa, referindo-se às palavras do Presidente Bush, quando este decidiu pela represália e, ato contínuo, pela invasão ao Afeganistão: “E que Deus nos ajude”. Quem estava com a razão, o Deus do piloto-terrorista ou o do Presidente-militar? O que valia mais: os deuses (de um e/ou do outro), a economia, a paz, ou as vidas perdidas? É uma pergunta difícil de ser respondida e, enquanto não tivermos certeza da resposta, estaremos caminhando, de fato, sobre areias *movediças* na educação e na cultura atuais. Antecipando, vamos propor uma das respostas possíveis à questão: nenhum dos Deuses, ou melhor, nenhum dos homens envolvidos na questão tem razão e a prova maior é o uso inadequado do nome de Deus!

Na verdade, o que nos falta é a inspiração na prática da educação inter-relacional. Não haverá paz, enquanto o nosso íntimo não for apaziguado; não haverá orientação pelos valores, enquanto os meus forem mais importantes que os dos outros e não haverá equilíbrio sem que haja tolerância. O ótimo, excelência da educação, seria uma competição entre o ocidente e o médio oriente no sentido de suavizar as condições

da maioria dos povos africanos. Se quiserem mostrar que são valorosos, que o demonstrem através das causas justas e boas. O mundo precisa desse tipo de concorrência.

Não podemos esquecer a famosa metáfora, quando diz que *o bater de asas de um beija-flor no Japão pode causar um vendaval na Europa*. Esse é o princípio da interdependência: ações, pensamentos, atitudes e palavras (coletivas ou individuais) provocam consequências, e quando as confrontamos, encontramos o sofrimento ou a felicidade.

O princípio da interdependência é aquele em que se reconhece que tudo está ligado e relacionado a tudo. A sabedoria popular demonstra conhecer este princípio quando invocam os conhecidos ditados: *Colhes aquilo que plantaste; Quem semeia vento colhe tempestade*. Não há dúvidas de que precisamos aprender com essa cultura; se colhemos no futuro aquilo que plantamos no presente, então por que não plantamos os melhores relacionamentos, os melhores valores e as melhores atitudes para se ter uma colheita de frutos do bem e dos bons?

Desde o início dos tempos, há uma estreita relação interdependente entre as coisas e os seres e essa relação é sensível e produz resultados – positivos ou não – que não deixamos de experienciar. É a invisível, consistente e eterna rede de causas e efeitos. “Ela vai diretamente de encontro a tudo o que acreditamos saber, à visão analítica do mundo, dividido em objetos separados...” (Dalai-Lama, 2001: 34). A nossa educação, há muito, abandonou essa dimensão e, em consequência, apenas começamos a sentir – como já enumeramos – os seus efeitos. Por isso, não podemos deixar de reconhecer a nossa responsabilidade diante do estado de crise em que agora nos encontramos. Ao esquecermos a sutil relação de causas e efeitos, ficamos à mercê de um veículo desgovernado, onde não há praticamente nada a fazer e o piloto passa a passageiro. Neste momento seria especialmente interessante ouvir o que nos transmite Reboul (2000: 86) “Educar é aprender a sacrificar o gozo imediato e face àquilo que vale a pena consagrar-se; é aprender a respeitar os direitos de outrem, da colectividade e por fim, os direitos do homem, que transcendem toda a colectividade; é iniciar-se naquilo permanece, para lá de todas as variações culturais e religiosas, sagrado”. Visto dessa maneira, avaliamos que, para uma educação responsável e que busque a excelência, faz-se necessário uma maior sintonia com o processo de interdependência. Para além dos programas educacionais baseados na interdisciplinariedade, transdisciplinariedade, temas transversais e outros, é preciso considerar que, visto pela

interdependência, tudo é tema inter e transversal. Garcia e Lemos (2005: 23) reparam que “ a tradição universitária é a disciplina que deve ser devidamente aprofundada e a transdisciplinariedade, que prevê que cada um consiga olhar para a sua realidade para além das próprias disciplinas” e com isso dão uma boa forma de aplicação do princípio de interdependência. Realmente, neste domínio, o exercício dialético entre disciplinas e a transdisciplinariedade pode dar uma grande contribuição para uma educação que vise à excelência; mas não sem antes ouvirmos também o que aconselha Santo (1998: 45) quando se refere aos cuidados relativos a esse tema; “não será nunca um coquetel de disciplinas do qual surge uma nova disciplina, mas, sim, a postura do educador que sabe que sua disciplina será uma ponte entre a sala de aula e a totalidade da vida”.

2. 9 - O desafio à formação

Por conseguinte, imaginamos que é imperiosa, e mesmo convidativa, uma breve reflexão a respeito da escola, enquanto instituição responsável pela formação, através da história das diversas gerações.

Em muitas ocasiões, pelas atitudes, parece que o ser humano não se lembra mais da sua humanidade. Será que realmente o processo educacional acabou por desumanizar o humano (como vimos no início)? O fato é que perdemos um pouco o sentido mais profundo do ser humano. Santo (1998: 38), refletindo sobre essa problemática, admite que: “Podemos culpar a mídia, o desenfreado processo econômico, as ideologias mais à esquerda ou à direita, porém seguramente a escola é considerada a primeira vilã desse esquecimento”; escola vista como o todo do sistema de ensino. Essa advertência, apesar do esforço e da dedicação de seus professores, pode ter sido motivada principalmente pelo fato de que o ato de educar nas escolas e pelos seus docentes tem sido norteadada, basicamente, pelos princípios, pelas técnicas, pelas metodologias e pelos estudos científicos de caráter racionalista. Acrescentamos a este um outro motivo, o qual vê a atual crise da educação em função da decadência de certos valores, descritos por Platão na ação de Sócrates (Bloom, 1987). Deste ponto de vista, podemos intuir que a educação necessita, para superação dessa crise, de sabedoria.

Vamos agora sucintamente descrever o que encontramos freqüentemente nas escolas. Antes de mais nada, há uma permanente distinção entre a teoria e a prática, a visão de fragmentação, “... , na sala de aula tradicional trabalha o cerebral, o racional ou o intelectual. Nas aulas de educação física o corpo físico é desenvolvido. Nas aulas de

religião o espiritual é suscitado (...). Finalmente, se surgem problemas emocionais é a um psicólogo que se vai recorrer...” (Santo, 1998: 44). O predomínio do conteúdo intelectual é notório. Vende-se a ilusão segundo a qual a prática pedagógica só tem valor, legitimidade e credibilidade, se estiver vinculada às ciências da educação. Prescritivas e normativas, as ciências da educação – de cariz positivista e pendor tecnocrático – seriam capazes de alterar o percurso habitual das práticas, infundindo nelas a perspectivas do rigor e da eficácia, designadamente ao nível dos produtos a alcançar (Barbosa, 2002). Nesta disposição, o ato educativo, dentro dessas escolas, tem comprometido a formação das nossas gerações. Patrício (1993: 288) sublinha que “Toda a pedagogia que decomponha o educando nos elementos pretensamente seus constituintes – as sensações, as ideias, os hábitos, as aptidões, os comportamentos... – é recusada”. Ao contrário, a ação de educar deve ser objetivada e orientada na perspectiva da unidade e da totalidade do humano. A educação com a finalidade de desenvolvimento do conhecimento baseado na técnica, na disciplina e tecnologia fica, por si, limitada e reduzida, especialmente se entendermos que é a cultura a substância do processo de educação e que, através dela, nos apropriamos dos valores desenvolvidos, através dos tempos, pela nossa civilização (Jaeger, 2003; Patrício, 1993).

Não há dúvidas de que o conhecimento é um fator decisivo na construção de uma sociedade desenvolvida, mas somente conhecimento, criatividade, potencialidade, tecnologia não nos garantem uma rota para um mundo melhor. O sistema de educação é chamado a ampliar o compromisso com os valores. Na sustentação dessa hipótese, Migliori (1998: 30), quando trata da importância do conhecimento e do desenvolvimento de potencialidades, afirma: “Um procedimento de educação baseado nesses dois aspectos pode ainda gerar genialidades voltadas para a destruição. É preciso encontrar outras premissas, que nos levem a outros resultados, embasar nossa atuação em valores humanos universais”. Essa é uma grande interrogação. Nosso universo ocidental deu, como já vimos, uma imensa importância às regras do mecanicismo científico e as incorporou de tal forma que o nosso poder para afectar a realidade exterior tem superado em muito o nosso poder sobre nós mesmos (Goleman, 1999). Achamos que o intelecto é o *senhor dos anéis* do universo material. Para Thurman (1999: 24) isso é, ou poderá ser, um erro de lógica, pois “Aqueles que optaram por não desenvolver esse poder sobre a natureza exterior a compreendam melhor”. Mais adiante, o autor conclui essa reflexão da seguinte maneira: “Talvez aqueles que estabeleceram

como prioridade compreenderem-se a si mesmos e controlarem o seu próprio espírito e acções possuam um intelecto superior”.

A importância da abordagem desse tema junto ao processo de educação decorre do fato de ser vital a superação de todas as formas de dualismo decorrentes do conhecimento e da tecnologia, tal como nos é apresentado hoje desde a pré-escola. Até porque, na rota do dualismo, a educação em valores é colocada em nível secundário e essa discrepância é, em nossa opinião, uma das causas dos grandes desconfortos sociais que vivemos. Para recuperar a unidade na diversidade do conhecimento necessitamos de valores, especialmente aqueles fundados na espiritualidade, na coletividade, na sabedoria e na transcendência. Acrescentamos que essa questão da dualidade e, principalmente, a decomposição do ser e do ter, estão não só na base da fragmentação do saber mas também na raiz da fragmentação da personalidade. Convenhamos, esse é mais que um simples argumento, no sentido da retomada, de modo preponderante, da educação em valores. “O escopo do programa não é a demolição das conquistas da educação, mas a reconstrução de seus princípios primordiais, ou seja, é a combinação das conquistas do mundo material com os anseios legítimos de redefinição de vida no sentido da busca dos valores que recomponham a nossa dignidade axiológica e a recomposição do conhecimento para a auto-realização (Martinelli, 1998). É no trabalho do autoconhecimento (pessoal e coletivo – indivíduo e pólis), apurado a partir do desenvolvimento dos mais nobres valores e da percepção da convivência pacífica de nosso mundo interior, que vamos entender as divergências do mundo exterior (Santo, 1998). Essa observação indica um dos caminhos de entendimento e de prática da sabedoria humana. A sabedoria, na prática, pode ser assumida conforme os ditames da *aretê*, segundo vemos em Patrício (2005: 15): “A exigência do fazer bem feito parece, pois, ser o segredo da educação. A grande regra do educador só pode ser esta: educar bem. E a grande regra do educando só pode ser: aprender bem. A qualidade, a excelência, é uma exigência intrínseca à educação”; educar e aprender bem, incluindo os valores que delineiam uma educação que vise aos mais altos ideais de formação humana.

Para a concretização desses ideais faz-se necessário, antes de mais nada, o cultivo dos talentos pessoais de cada professor no que se refere ao seu enriquecimento cultural e técnico, bem como o seu aprimoramento interior através dos valores e de sua devoção à formação de seus alunos. Martinelli (1998: 99) identifica esse estilo de professor, quando relata: “O professor inspirado é aquele que objetiva o aprimoramento

das aulas, procurando desenvolver os talentos e habilidades dos seus alunos numa atmosfera de amor, alegria e companheirismo, assim como os seus próprios talentos e qualidades” ou, como nos chamam a atenção Garcia e Lemos (2005), que é necessário encantar para que haja o processo de ensino e de educação. Não podemos deixar de lembrar que talentos e qualidades são as excelências da pedagogia e do pedagogo; quando manifestadas na prática da virtude, são a encarnação do espírito da *aretê* helênica e, assim sendo, um exemplo a ser seguido.

Já sabemos que o processo de escolarização (da pré-escola à universidade) desenvolveu, de maneira extraordinária, a competência do conhecimento no âmbito das disciplinas intelectuais. Cabe agora identificar se a maioria dos profissionais da educação demonstra alguma coerência entre a transmissão de conhecimentos e as suas atitudes enquanto ser humano responsável pela formação das nossas gerações e, também, como promotores de cultura. Imaginamos que os agentes da educação devam servir de inspiração aos alunos rumo à excelência de um desenvolvimento equilibrado e virtuoso de sua personalidade. Outrossim, apontamos que existem vários modos de a educação ser transmitida (formal, informal, expressiva, informativa, entre outras) como fontes de excelência na *pólis* escolar.

No entanto, reconhecemos que existem vários motivos que dificultam o acesso à excelência na escola. Um deles trata da coerência pedagógica. Embora não se possa generalizar, consideramos preocupante a maneira com que os alunos de uma escola sentem-se diante de certas situações, como, por exemplo: estuda-se ecologia, porém o ambiente escolar é poluído pela queima de lixo no interior da escola e por outras atitudes que agridem o meio ambiente escolar. Aprende-se que fumar faz mal à saúde, no entanto os professores e os pais fumam. Aprende-se sobre os valores religiosos (não sobre a espiritualidade), mas poucos professores os praticam nas suas aulas. Alguns professores de educação física ensinam os cuidados com o corpo e com a saúde e, por outro lado, levam uma vida sedentária. Uma grande confusão.

Outra reflexão que consideramos ainda mais restritiva à excelência trata da violência na escola. Pereira (2002: 231), quando se refere à agressão entre os pares, salienta: “A ausência de atitudes consentâneas dos professores face aos comportamentos agressivos dificulta a sua prevenção e o combate”. Ainda cabe a alusão a (acerca de) vários estudos revisados por Pereira (2002), como propostas e linhas de intervenção para uma ação anti-violência nas escolas. Nessa perspectiva, além de a autora citar as

atividades desportivas como um meio de prevenção à violência, encontramos, também, a educação em valores como fundamental para tal prevenção.

Em se tratando de valores, nomeadamente na escola, ressaltamos que é necessário conhecer não somente a violência física, mas a simbólica também, esta bem mais nociva, porque subjacente, difícil de ser detectada e, às vezes, ainda mais perversa, principalmente quando realizada pelos adultos. Os castigos, o falar alto, as frases agressivas e as ameaças são componentes de violência, igual ou maior à física, que atuam sobre a dignidade da criança e do jovem. Essa forma de comportamento promove a perpetuação da violência, seja ela física ou não. E, depois, organiza-se uma caminhada de alunos clamando pela paz! A paz não é um ente externo; externamente, é apenas a expressão do nosso modo interno de lidarmos com a paz.

No entanto, sabe-se que as causas da violência são muitas e estão relacionadas ao tipo sociológico de família, a determinados programas de televisão, entre outros (Pereira, 2002). Ainda podemos nos referir ao fato de que muitas manifestações de indisciplina podem ser um tipo de manifestação de resistência e de oposição às exigências do poder imposto pelas leis, regras e tradição do sistema educacional e que tem, na sala de aula, como seu representante, o professor (Amado, 2001).

Toda essa discussão serve para aquilatarmos o verdadeiro sentido de uma atuação, por parte dos professores e dos diferentes agentes da educação comprometidos na formação e exposição dos valores fundamentais, objetivando o desenvolvimento do aluno, da sociedade, da humanidade. Conforme orienta Amado (2001: 130-131), “as qualidades pessoais não sejam simples meios de manipulação do aluno, é necessário que elas se expressem na simpatia, na capacidade de respeitar o aluno, no bom senso em ações e atitudes, (...) – deste modo, mais do que as bases do poder, elas serão bases da autoridade, capazes de se manifestar muito além da sala de aula”. E através desses símbolos o professor passa a ser um grande exemplo a ser seguido. Quem não teve um professor assim? Não era aquele que apenas mostrava o caminho, mas era o próprio caminho a ser seguido. A educação já foi considerada a estrada para nos tornarmos humanos, pois destinava-se “a formar o carácter do indivíduo de harmonia com os valores tradicionais e ideais da cidade” (Júnior, 1995: 491-492).

Diante dessa situação, o fato é que, apesar do esforço, dedicação e de muito trabalho no campo da educação, chegamos a uma situação-limite e que pode nos levar ao empobrecimento, cada vez maior, do espírito individual e coletivo. Os tempos de agora são os tempos para ação. Por quê? Porque, individualmente, estamos lidando com

as mais difíceis formas de doenças (sida, depressão, irritabilidade, etc.) além do uso crescente de LSD, ecstasy, crack, álcool, cocaína, tabaco e tudo o mais. Do ponto de vista coletivo, perdemos a dimensão de pólis – a escola deixou essa oportunidade de lado e, com isso, os nossos projetos coletivos esbarram nos interesses pessoais ou, o que é pior, egocêntricos. Por outro lado, a cosmopolis encontra-se em alerta permanente devido à possibilidade de confrontos nucleares e, além disso, o terrorismo, com as suas armas químicas e biológicas, além de ações invisíveis, impõe o medo e altera a rotina das pessoas, cidades e nações. O planeta, ecologicamente falando, dá mostras de que não conseguirá, durante muito tempo, resistir a uma desenfreada falta de cuidado humano e, em contrapartida, ameaça a todas as formas de vida através das suas mais diversas atividades (furacões, terremotos, secas, inundações, pragas, etc.).

Há uma total incoerência entre o discurso e a prática em vários setores e instituições de nossa sociedade, especialmente nas organizações políticas, e sabemos também o quanto isso é nefasto para a nossa civilização. Diskin (1998: 75) adverte que “Nunca o nosso entendimento, e com ele a nossa capacidade de escolha, foi tão profundamente desafiado”. É importante ressaltar outras questões relacionadas à velocidade, de mãos dadas ao desejo sempre crescente, pela busca das mais diversas experiências materiais, manifestadas no consumo desenfreado cuja “dependência de necessidades desnecessárias rouba a nossa liberdade, exaure o nosso tempo e depaupera as nossas economias” (Diskin, 1998: 72). A efemeridade bate em nossas portas a cada momento anunciando, pela velocidade dos acontecimentos e pelas mudanças e alterações no próprio conhecimento, uma dependência ao consumo do que é novo, diferente, moderno e descartável. “O consumismo não é para dar respostas às necessidades das pessoas, mas para inventar novas formas de desejo numa tremenda espiral sem fim” (Garcia e Lemos, 2005: 23). O consumismo é a consequência de uma rede sem fim de desejos, pois não se contenta em dar resposta ao desejo e sim em desenvolver novos e infinitos desejos. Como não é possível satisfazer todos os desejos de todos, a conclusão é fácil de ser prevista: dificuldades, tensões e sofrimento. A interdependência é uma palavra que não se articula muito bem com a velocidade, desejos e consumo. Será que para uma educação de excelência não seria interessante uma abordagem radical desses temas?

2.10 - Aretê e Paidéia

Como já vimos, educação nos tempos atuais, apesar dos questionamentos, tem por finalidade o enriquecimento intelectual e a formação profissional. Naturalmente que, se compararmos com os ideais de educação dos helênicos, vamos encontrar algumas diferenças significativas e que vale a pena serem exploradas.

O termo grego que normalmente se traduz por educação é *paidéia*, inicialmente conhecido como crescimento físico ou criação de meninos. Foi no século V a.C. que essa palavra veio atender ao caráter de um ideal de formação do homem num sentido que englobava as atuais, cultura, educação e formação, o que podemos notar através da reflexão sobre a *paidéia*, sendo essa entendida como uma missão e meta de vida. Por isso, a missão de toda a educação é banhada por uma luz nova, já não consiste no desenvolvimento de certas capacidades nem na transmissão de dados de conhecimentos, é dar ao Homem condições de alcançar o fim autêntico de uma vida, ou seja, o conhecimento do bem. Só se pode alcançar esse objetivo ao longo de toda a vida do Homem. Essa é a essência da *paidéia* (Jaeger, 2003). A essência de que fala Jaeger foi incorporada à *paidéia* através dos nobres princípios e ideais da antiga e autêntica *aretê*, o que levou Kitto (1990: 286) a sublinhar: “O ideal heróico de *aretê*, embora firmemente enraizado no seu próprio tempo e circunstâncias, era tão profundo e vasto que pôde tornar-se o ideal de uma idade totalmente diferente”. Essa raiz da *paidéia* grega era de tal modo edificante e integral que não a podemos ver de outra maneira a não ser quando combinamos a valentia, a coragem e a ética dos cavaleiros e as virtudes de um sacerdote (Kitto, 1990).

O conceito de formação foi, então, sistematicamente ampliado e, depois, incorporado ao patrimônio dos homens livres e não apenas como privilégio da nobreza. No percurso de seu desenvolvimento, a educação daquela época foi motivo de intensos debates entre os sofistas (a sofística não foi um movimento único) e os filósofos Platão, Sócrates e Aristóteles. Segundo Carvalho (1989: 324), “Aos três anos o Estado tomava conta dos meninos, dirigindo-lhe a educação até o final”. Os indivíduos eram educados com vistas à sua concretização como humano e para uma dedicação total aos ideais da pólis e aos seus princípios de organização política e de justiça.

Entretanto, não podemos deixar de colocar em relevo que, na aurora da educação socrática, estava a sentença do Oráculo de Delfos: Conhece-te a ti mesmo (Adorno, 2002). Provavelmente, foi nessa fonte que Platão bebeu para estabelecer a sua teoria das idéias; “um mundo ideal supra-sensível e eterno, cuja imutabilidade e perfeição

constituem o objecto supremo da contemplação dialéctica, pois explicava actividade educativa e purificadora do pensamento, da vontade e da acção, em virtude da conexão (...) entre o conhecimento exacto e acção boa” (Carvalho, 1989: 322). Homem ideal, cidade ideal e mundo ideal... A conquista desse sonho de perfeição e beleza, que os gregos conheciam e experimentaram através da *paidéia*, deveria ser a missão primeira e última da educação com vistas à felicidade plena e total.

Notemos que o princípio dessa caminhada se dá no Homem e a substância que une e enlaça as outras esferas é a educação (*paidéia*). Não uma educação parcial, mas sim, uma educação multidimensional, variada, plural e de qualidade, conforme queria Comênio (1957): A quem educar? Todos; Para aprender o quê? Tudo; Quando? Sempre; De que forma? Todas. Essa antiga e nova *paidéia* tem por finalidade a realização do Homem no sentido lato pela concretização da sua dignidade, liberdade, autonomia, superação e transcendência. Não tenhamos dúvidas, se tivermos firmeza nas atitudes e amor pela atividade educativa, a realização dessas aspirações estará garantida pois todo o universo se unirá para atender a essa intenção! Ouçamos Patrício (1996: 53): “Em todas as épocas se encontram os que querem enfrentar os problemas e os que querem contorná-los. Sócrates foi um exemplo heróico dos primeiros; os sofistas, exemplo dos segundos”. As dificuldades e desafios devem servir para estimular e motivar a busca da excelência na educação. Sem esforço, dedicação e empenho não podemos atingir os altos ideais da *paidéia*... Apenas buscando os mais altos ideais é que a vida faz sentido e a educação, idem.

A *paidéia* e a educação são as obras do espírito e a formação do povo grego é a formação espiritual (Patrício, 2005) e um dos grandes mestres desta arte era Sócrates, que considerava o ensino uma missão espiritual (Carvalho, 1989). Sendo assim, voltemos à sentença do templo de Apolo que norteou a pedagogia socrática. O *Conhece-te a ti próprio* é para Sócrates um saber que consiste em tomar posse do Bem, “cuja efectivação constitui a nossa felicidade e a essência da nossa vida” (Carvalho, 1989: 314). Se atentarmos profundamente sobre essa questão, verificaremos que este *saber* não se circunscreve ao plano meramente intelectual e, sim, na reflexão de que todo conhecimento que não esteja ligado ao autoconhecimento é ignorância. O verdadeiro saber reside em ser bom e não em parecer, e ser bom consiste não só em conhecer o que é o bem e possuir senso moral, mas também capacidade no sentido prático (Carvalho, 1989), ou seja, o verdadeiro conhecimento é conhecer-se a si próprio, o qual não se diferencia da ação para o bem e pelo bem, assim como para a beleza – fazer sua a beleza

– e, também, como uma tarefa vincadamente amorosa. A ação, conhecimento e devoção são os fundamentos do *kaloskagathia*, supremo valor e ideal de perfeição da *aretê*, e nos quais se conforma a energia da *paidéia* eterna. O fator imperativo em toda a *paidéia* é a energia (Jaeger, 2003). Porém, precisamos manter a atenção para o fato de que o entendimento do divino e do espiritual não era apenas alicerçado na visão subjetiva dessa dimensão. Os grandes filósofos investigavam racionalmente a alma no sentido de “apreender o que está tecido junto” (Morin, 2000: 45) e como uma ciência válida, não quando permanece como um puro jogo mental, mas quando é útil à vida (Adorno, 2002). Esse assunto pode ser encontrado no Fédon (como por exemplo, nas etapas desse diálogo: 107a – 108c), talvez o mais brilhante tratado didático-pedagógico da vida, da morte e da alma, concluído com a morte de Sócrates, que bebeu solenemente a taça de cicuta como se estivesse sorvendo o líquido sagrado do Santo Graal.

Em se tratando de educação, sistematicamente, nós dizemos que ela existe para a vida. Como podemos educar para a vida se não educamos para a morte e, muito menos, investigamos a vida após a morte?

O conceito de *paidéia* sempre esteve vinculado ao processo de desenvolvimento da *aretê*, pois esta era o princípio fundador dos ideais daquela. Neste sentido, houve um tempo em que a *aretê* que valia era a *aretê* da pólis na constituição da cidade perfeita. Era a incorporação aos ideais pessoais, aristocrático e heróico “pelo ideal da dedicação cívica à *polis*, portanto, pela supremacia do interesse da cidade-Estado e da vida política e urbana” (Carvalho, 1989: 303) e o orgulho e a dedicação sem limites à sua pólis. Jaeger (2003: 575) conta que Sócrates, em dada ocasião, exortou o orgulho e a *aretê* dos atenienses, proferindo as seguintes palavras: “Oh! tu, filho da cidade maior e mais famosa pela sua sabedoria e poder”. A cidade era a rainha que vivia no peito de cada cidadão e que indicava o caminho da formação dos seus súditos. A *aretê* ateniense era o sol que encimava a atmosfera dessa cidade. Cidade que é a *paideusia* da Hélade. Que ensina o que no cidadão é física, o que é a política, o que é militar, o que é exercício, o que é ética, o que é espiritual. Que ensina, numa única palavra, o que no cidadão é ser humano, que ensina a *humanitas*. *Humanitas*: o *telos* da *aretê* (Patrício, 2005). Nos diálogos de Platão, assistimos ao desfile de idéias, argumentações e reflexões a respeito da mais alta riqueza na formação humana: no Protágoras, a dialética do ensino da virtude; no Banquete, o Eros e o eros (amor pessoal e universal e as paixões); no Fédon e no Fredo, a imortalidade da alma; em A República, um tratado sobre política, justiça, espiritualidade, educação, etc; no Menon, a possibilidade de saber o que é a virtude; no

Górgias, o debate sobre a retórica, entre outros. No entendimento de Patrício (1996: 52): “A História da Filosofia e da Pedagogia encontra-se cheia de referências à educação (...), e mesmo de teorias e projectos globais da educação, implícitos ou explícitos” e, nesta linha de raciocínio conclui: “Em Platão as referências são explícitas e não é difícil de aceitar a idéia de que toda a sua filosofia é, no fundo, uma *paideia*: uma teoria da formação humana. Com menos evidência (...), o mesmo se passa com Aristóteles”.

Todavia, a fonte que jorrou essa sabedoria pedagógica, não secou: apenas, ao que parece, ficou esquecida. Nossa intenção é lembrar aos esquecidos que não podemos prescindir da sua inspiração e vitalidade pedagógica em nossas ciências, modelos, projetos e práticas educativas. Na *paidéia* contemporânea, podemos colher os mesmos frutos, e ainda mais saborosos, daquela época helênica. Para isso, devemos construir um corpo de educação que inicie na mais tenra infância e se desenvolva até a morte, em todos os momentos e de modo integral e pleno. O sentido é a perfeição humana, a educação total (*aretê* total) como uma fórmula da eterna procura, tal como a justiça, a democracia, o amor, a sabedoria, a tolerância e os demais valores que fazem do homem um verdadeiro e genuíno Ser. Onde a tradição e o moderno possam oferecer o que cada um tem de melhor e mais rico a fim de que a educação possa cumprir a sua finalidade: a elevação e o aperfeiçoamento humano.

2.11 - Aretê como caminho de vida

Neste momento de grande desafio é que encontramos as melhores oportunidades de dar o *grande salto* na direção de um sentido de vida e, com isso, fazer frente a uma determinada realidade e superá-la. O objetivo não é outro senão o de motivar e de impulsionar as nossas atenções e atos no sentido de resoluções concretas. Visto desta maneira, ao contrário do que se poderia supor, este momento, em que nos encontramos, é especialmente rico a aprendizagens e, portanto, revestido de um caráter eminentemente pedagógico. Para nós, no horizonte se descortina uma oportunidade ímpar, qual seja “A *aretê* como possibilidade extrema do humano” (Caeiro, 2002: 5).

O que significa isso? Quando estamos diante das situações mais difíceis em nossa existência, onde a saída parece cada vez mais estreita e os riscos cada vez maiores, é que surge a luz de valores, a *aretê* – virtude e excelência – como esperança de encontrarmos a tão procurada felicidade. Segundo Caeiro (2002: 127), “A *ἀρετή* é o que permite constituir (...), quer a respeito das coisas particulares, quer a respeito da

cidade. Essa particularidade torna aquele que a detém no mais poderoso sobre aquelas coisas que dizem respeito à cidade tanto no agir como no falar, faz dos homens bons cidadãos”.

Aprofundando essa temática, verificamos que a *aretê* pode, incorporando o seu sentido, libertar-nos das dificuldades que ora enfrentamos. O prazer, o sofrimento, a injustiça, a perversão, o medo, a angústia são o resultado das nossas relações intrapessoais, interpessoais e com o ambiente. Todos os humanos enfrentam periodicamente esses estados. Como fazemos para superá-los? É uma tarefa difícil. Para Caeiro (2002: 179) o importante é saber “se somos constantes e perseverantes numa situação tremenda”. Aqui, ele nos dá uma pista sobre a resolução de alguns problemas. A perseverança, tida como uma das virtudes, é também a excelência que nos permite resistir ao sofrimento. Neste princípio, entendemos que a perseverança (*aretê*) é a principal arma para enfrentar o sofrimento e, ao mesmo tempo, a ponte para a felicidade, pois, uma vez vencida a etapa da dor, a felicidade estará encaminhada.

Analisemos, então, o prazer e o sofrimento. É da natureza humana correr atrás do prazer e, ao mesmo tempo, fugir do sofrimento. Essa parece ser a lógica mais conhecida da vida humana. Entretanto, como num *jogo de espelhos*, o prazer conduz ao sofrimento – especialmente os prazeres vinculados ao corpo³¹ – ou seja, os nossos objetos do prazer, na verdade, são os mesmos que nos oferecem o sofrimento. Senão, vejamos: é através da experiência de prazeres ligados à comida, à sensualidade, ao conforto, ao tabaco, à droga, entre outros, que nós encontramos grande parte dos problemas enumerados durante esta narrativa. Isso nos tem trazido a perda da saúde física, mental, emocional, ambiental, etc. Pagamos um preço extremamente elevado para usufruirmos desses prazeres: o sofrimento.

Qual será, então, a saída? Descortinamos duas possibilidades: quando estamos lidando com um ou com mais prazeres, temos de convocar a moderação e, para superarmos o sofrimento, necessitamos da perseverança corajosa (Caeiro, 2002).

Entretanto, a vida sem a possibilidade de prazer pode se tornar limitada e enfadonha. Sendo assim, é preciso discernir entre os tipos de prazer que nos levam ao

³¹ Os prazeres relacionam-se com o corpo e com a alma: quanto aos prazeres do corpo, seguimos de perto aqueles que Aristóteles nos aponta e que vale a pena ter cuidado com os excessos. O posicionamento de Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1109b, 5) sobre esse tema: “Em todas as coisas, contra o que mais devemos nos precaver é o prazer e o que é agradável, pois não podemos julgá-los com imparcialidade”. O filósofo de Estagira adverte que o intemperante anseia por todas as coisas agradáveis, e é levado pelo seu apetite a escolhê-las custe o que custar; por isso sofre não apenas quando não as consegue, mas também quando simplesmente anseia por elas (pois o apetite – apetites – é acompanhado pelo sofrimento), embora pareça um absurdo sofrer por causa do prazer (Ética a Nicômaco, 1119a, 5). Quanto aos prazeres referentes ao corpo, que devem ser cultivados são as suas *aretai*: a força, a saúde, a destreza, etc.

sofrimento e aqueles que nos levam à felicidade. Por um lado, sabemos que os prazeres da alma são os mais elevados (Ibañez, 1976). Por outro, temos os prazeres do corpo, de curto prazo e sem a observância da moderação, os quais nos indicam a possibilidade de sofrimento e dor. Temos ainda o paradoxo de que o sofrimento pode nos trazer felicidade. Vejamos as palavras de Simônides, chamado por Sócrates (Protágoras, 340d): “...anteposto ao mérito, colocaram os deuses o suor – e que, quando alguém atinge o cume desse mérito, torna-se fácil depois, por difícil que seja, conservá-lo”.

Como podemos chegar à distinção entre esses diferentes tipos de manifestação de prazer e de seus resultados? A resposta não é fácil. Para Caeiro (2002: 310) “É no modo como nos confrontamos com estes limites e nos habituamos a resistir-lhes – ou no prazer relativamente à moderação e ao sofrimento relativamente à perseverança – que vamos constituindo modos de estar ou maneiras de ser”. Todavia, necessitamos, também, de muita sabedoria, situada como a virtude das virtudes (Jaeger, 2003), a qual passa a ser mediadora de nossas escolhas.

Há muitos desafios a serem enfrentados, uma vez que o humano costuma construir sua visão de felicidade sobre fundamentos inconsistentes. Contudo, é importante lembrar a necessidade da virtude da coragem para o enfrentamento a toda e qualquer situação de risco e também considerar que a “sabedoria é a excelência (*ἀρετή*) do apercebimento e da perícia” (Caeiro, 2002: 435).

Precisamos, portanto, fundar em nossas vidas uma educação baseada no autocontrole, conforme nos ensinou Sócrates através da sua vida, “na incessante tendência ao aperfeiçoamento do nosso próprio ser” (Jaeger, 2003: 494), e da autoridade de educador da Grécia Clássica. Esse estilo de educação e de cultura era a finalidade da *paideia* helênica. Era a formação do homem ideal e total, partindo de si, em direção a pólis e à alma universal. Para esse modelo de cultura, o fio condutor e princípio restaurador era a *aretê* (Jaeger, 2003), e as virtudes (*aretai*) que a compunham eram, entre outras, a moderação, a perseverança, a justiça, a coragem, a sensatez, a santidade, a piedade. Munidos dessas virtudes, podemos enfrentar qualquer tipo de revolução, especialmente a revolução interna. Perdemos muitos anos, energia, vidas e dignidade, fazendo revoluções, guerras e violências.

As guerras e a paz, a ignorância e a sabedoria, o ódio e o amor estão dentro de nós e a manifestação de cada um deles depende, em grande parte, da nossa deliberação (controle) sobre uns e outros e da nossa escala de valores. Vejamos esta pequena história: Um guerreiro samurai pediu ao mestre Hakuin para que falasse sobre o inferno

e céu. O mestre deu uma olhada para o samurai e começou a insultá-lo, dizendo, *você é guerreiro tão pescoçado que nunca vai entender nada*. O samurai, furioso, puxou sua espada. *Isso!* Disse Hakuin, *Isso é o inferno*. O samurai teve um lampejo de iluminação e dominou-se com gratidão. Humildemente curvou-se diante do mestre. *Isso!* Disse Hakuin, *Isso é o céu*. (Freke, 1999).

Achamos que é conveniente ilustrar essa parte da discussão com as observações efetuadas por Reboul (2000: 9), quando aponta que “a educação é o facto humano por excelência” e por Garcia (2002: 4), que torna mais específico o tema salientando que “uma escola que não procure a virtude e/ou a excelência não pode ser considerada como um verdadeiro local de educação”. Nesse princípio, podemos reconhecer que, mais do que uma necessidade ética, a busca da excelência nas escolas é um imperativo para a sobrevivência da humanidade. Por outro lado, Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1141a, 10) afirma que “ (...), por sabedoria não queremos dizer outra coisa senão a excelência na arte” e Comênio (1957: 47) revela que “a educação (...) é a arte das artes”. Concluimos, então, que a grande missão da escola e de seus professores é, inicialmente, a de incorporação e de manifestação da *aretê* (excelência e virtude) em suas vidas (institucional e pessoal). Para além disso, necessita-se da sabedoria na arte de educar através da informação e do exemplo, do conhecimento técnico, do encontro consigo mesmo e do reconhecimento de si próprio como um ser especial, num planeta especial, numa vida especial e que tem uma tarefa fundamental a ser executada a cada dia e a cada momento (Ibañez, 1976).

O destino do homem é humanizar-se, desenvolver ao máximo as suas potencialidades e excelências, todas de um modo ordenado e, sendo assim, todos os momentos da sua existência são, passam a ser, uma maravilhosa oportunidade de “tornar-te quem és” (Píndaro, evocando por Jaeger, 2003: 263)). Fazer-se homem é acordar toda a humanidade (interna e externa) e inspirá-la através de algo profundamente pessoal e próprio e, por isso, universal. Uma vez mais se patenteia quanto é profunda a vinculação social, espiritual e histórica desta *paideia* dos nobres ao espírito educacional da filosofia (Jaeger, 2003) e vincadamente importante é o seu reconhecimento, estudo e desenvolvimento para a atualidade.

Em nossa longa escalada da vida, através das nossas gerações, o humano construiu o bem e também o mal, deparou-se com a luz e com as trevas, agiu e petrificou-se, tornando-se uma realidade inacabada. Entretanto, o nosso projeto continua, não pode parar, a nossa cultura e nossa educação são os nossos condutores

mais importantes, mas, para que elas sejam realmente aquilo que esperamos, precisamos definitivamente reconhecer a importância do mundo espiritual, da nossa capacidade de conhecer e de amar, a qual transcende o mundo material, além das virtudes da justiça, da prudência, da coragem, da perseverança, da sensatez, do heroísmo e da solidariedade para, dessa forma, restaurarmos a alma da *aretê* como fonte da suprema educação.

Temos a oportunidade de encontrar, em nossa cultura, grandes ícones da educação, como, por exemplo, Sócrates. Entretanto, seria interessante chamarmos a atenção para Homero, considerado pelos próprios filósofos e poetas gregos, como o maior educador da Grécia. Encontramos na *Ilíada*, um dos grandes épicos escritos por Homero, uma descrição de profunda sensibilidade pedagógica, quando o mestre de Aquiles (herói dessa história), o sábio Fênix (como vimos no capítulo anterior), diz, referindo-se a Peleu (pai de Aquiles): “Por isso ele me mandou, para que eu te ensinasse tudo, como ser orador de discursos e fazedor de façanhas” (*Ilíada*, IX 442-443). Analisemos sucintamente essa frase pelo seu conteúdo educativo. Inicialmente, podemos notar que as palavras e as ações devem, naquele contexto, ser formuladas de modo coerente, ou seja, as ações devem estar vinculadas às palavras e estas devem ser um produto de seus pensamentos; portanto, essa organização, para ser, de fato, completa, deveria ser subordinada aos ideais da *aretê* individual, ou heróica, ou do nobre. Em seguida, podemos perceber que para se proferirem as palavras e as ações nobres é necessário que essas sejam direcionadas a alguém, à comunidade, à sociedade: entenda-se aqui a relevância da exposição da *aretê* na pólis ou coletiva. Em outro aspecto, podemos também considerar que as palavras e ações, para serem o substrato de uma profunda nobreza pedagógica e espiritual, devem ser formuladas a partir da *aretê* da sabedoria e, finalmente, quando toda essa estrutura condutora de palavras e ações forem derivadas das distintas *aretai*, conseguindo desenvolver o verdadeiro sentido da vida, encontraremos a *aretê* transcendental.

2.12 - Os grandes exemplos culturais

Agora, gostaríamos de evocar os grandes exemplos da humanidade, os quais serviram, ao longo dos tempos, como faróis que guiam as embarcações humanas, tanto na calma como nas tempestades. Entre eles, escolhemos Hércules, Jesus Cristo, Arjuna e Buda.

Começamos com Hércules³². Conta a história que Hércules, um semideus, filho de Zeus e de Alcmena, teve uma excelente educação, nomeadamente através das artes, das guerras, das escritas e da educação física. Certo dia, quando deparou-se com uma bifurcação teve que fazer sua escolha! As opções eram, por assim dizer, absolutamente distintas: um dos caminhos era, aparentemente, mais tranquilo, enquanto que o outro parecia mais desolador. Diz a lenda que surgiram, vindas dos dois caminhos, duas belas mulheres. A primeira delas veio do caminho cujas características eram mais sedutoras aos olhos de Hércules. A moça belíssima era extremamente hábil na escolha das palavras e seu modo de falar era persuasivo e doce ao narrar as vantagens daquele caminho. Hércules ouviu a promessa maravilhosa de uma vida repleta de prazeres, fortuna e bem-aventurança. Muito vinho, muita música, muitas festas, etc. O caminho sugerido por essa mulher era fácil, sem problemas, sem obstáculos e tristezas. Um convite realmente tentador. No entanto, no final desse caminho aparecia um cenário bucólico: uma intensa neblina não deixava que o nosso herói visse o que existia mais adiante.

Logo em seguida apareceu uma segunda moça, tão bonita como a primeira; aproximando-se de Hércules, traçou um cenário completamente diferente da sua antecessora. Logo de início, ela não prometeu nenhuma vantagem, nem fortuna e nenhum benefício, a não ser aqueles que Hércules conquistasse com a sua própria força, empenho e dedicação. Além disso, este caminho era de difícil acesso, contendo morros, pântanos e subida íngreme e perigosa. Apesar disso, havia uma vantagem em relação ao outro, qual seja, que, no final dele, havia montanhas verdes, céu azul, que garantiriam a fama àqueles que decidissem enfrentar o desafio de alcançá-las. Era a fama para aqueles que se esforçassem e se superassem, todos os dias, durante toda a sua vida. Quando Hércules perguntou o nome da moça, guia deste caminho, ela respondeu que era conhecida como Virtude. Hércules perguntou o nome da primeira moça e ela disse que se chamava Preguiça. Hércules escolheu o caminho da Virtude como guia, porque entendeu que o maior valor provém daquilo que conseguimos através do esforço, da perseverança, da dedicação e da justiça. Por isso, dizem que Hércules veio para salvar a humanidade e, para isso, usou a Virtude (*aretê*) como companheira nesta empreitada. (Bennet, 1995) (Xenofonte, Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates, II, 1, 22-34).

Jesus Cristo nasceu em Belém, na Judéia, era filho de Maria e José e tido como filho de Deus. Conta o Novo Testamento que Jesus foi até o deserto onde jejuou por

³² Em grego Herácles. Herói mítico considerado como uma encarnação da tendência para a *aretê*.

quarenta dias seguidos. Após esse período, sentiu fome e foi tentado a fazer das pedras pães para a sua alimentação. Ele recusou, dizendo que não era apenas o pão que servia de alimento aos homens. Depois foi impelido a arriscar-se desmedidamente para que os anjos viessem ao seu socorro. Ele, sensatamente, também recusou. Depois lhe foi oferecida toda a glória, reinos e fortuna. Mais uma vez, não aceitou a oferta (São Mateus, 4, 1-11); ao contrário, essas facilidades traziam consigo o amargo da insensatez dos prazeres fáceis e a indignidade da falta de merecimento. Jesus Cristo seguiu por um caminho bem mais difícil e escarpado, mas os seus passos foram na direção do amor, da ternura, da determinação e da ação virtuosa.

Arjuna é um guerreiro da ação. Sua história é narrada através do épico hinduísta denominado o Canto do Senhor. Embora originário da atmosfera da Índia, a narrativa tem um apelo universal. É a própria vida de cada um de nós que se encontra descrita neste texto. Acontece num cenário especialmente elucidativo, ou seja, num campo de batalha. Nosso herói é o maior dos guerreiros e comanda os demais companheiros para uma luta entre o bem e o mal. Entretanto, quando Arjuna leva a sua carruagem para o centro deste campo, verifica, com pesar, que entre os seus adversários encontravam-se primos, tios, avós, mestres, entre outros. Diante desta situação, ele tende a recuar e fica paralisado, dizendo que se fosse para lutar contra aqueles que um dia quis tão bem era melhor desistir da vitória, do reino e de todos os prazeres. Além disso, preferia, se fosse necessário, morrer a matá-los. O guia da sua carruagem de guerra era o senhor Krishna, o mestre de todos os mestres que, vendo Arjuna desanimado, chama-lhe a atenção, dizendo que seus argumentos eram artificiosos e que o homem virtuoso está seguro de chegar aos pés sagrados de Deus e libertar-se de todos os tipos de medos e tristezas. O senhor Krishna adverte sobre as questões da vida e da morte. Quem morre? Nós? Nós, segundo o senhor Krishna, nunca deixamos de existir; assim como passamos pela infância, juventude e velhice, também, na morte do corpo, o Ser passa para outro corpo. O que não existe, jamais poderá ser existente, e o que existe não poderá nunca deixar de existir. Além disso, aconselha Arjuna a ter um objetivo ou motivo definido. Mas que se tornasse desinteressado dos seus frutos, pois estes acabariam por segui-lo. Não se deve desejar os frutos de uma ação, mas também não se deve amar a inatividade. Encontramos, assim, através do Canto do Senhor, um eterno diálogo entre o ser individual e o Ser universal. Arjuna é impelido a seguir o seu caminho, a cumprir a sua missão de acordo com a sua natureza, na busca da perfeição pelo combate interno,

utilizando as armas da coragem, da devoção, da perseverança, da fé e do conhecimento divino (Tilak, s/d.)

Nosso convidado agora é o Senhor Buda. Esse homem nasceu numa pequena cidade aos pés do Himalaia, em maio de 563 a.C. Seu primeiro nome era Gautama. Era educado, rico e nobre. Combinava um aspecto nobre com a destreza de um atleta e a inteligência de um erudito. A sua aventura começou aos vinte e nove anos aproximadamente, quando deixou seu palácio, sua esposa e seu filho para tornar-se um monge. Abandonando o conforto e a segurança (que muitos dizem trazer felicidade), seguiu a sua inquietude mental, que há muito o assolava, na busca das respostas que pusessem fim ao sofrimento do humano. Depois de tentar, durante anos, o caminho do ascetismo, abandonou-o, assim como havia feito com o caminho dos prazeres do corpo e, então, vislumbrou o caminho do meio entre os dois extremos (seria uma coincidência com Aristóteles?). Ele salientou que um estado de paz e de harmonia poderia ser alcançado através do esforço, dedicação e de um desprendimento lentamente aperfeiçoado. Ao que parece, as últimas palavras de Buda foram um conselho para que todos lutassem cautelosamente. Essas palavras serviriam de inspiração para nós, humanos, apropriarmo-nos das virtudes, como a sensatez, a prudência, a coragem, a perseverança e a justiça. (Saddhatissa, 1977).

Concluindo, percebemos que tolerar com prudência e sensatez é ver o mundo e os nossos parceiros de jornada sem preconceitos e julgamentos racionais, sem inveja ou ódio; para isso é necessário que nos conheçamos intimamente bem, sendo essa intimidade a nossa fonte de felicidade e infelicidade. Assim, considerando a virtude e a excelência (*aretê*) como proteção ao combate da vida, disciplinando a nossa ação através do autoconhecimento e, conforme queria Aristóteles (Ética a Nicomaco, 1103b), mediante o seu costume, estaremos desenvolvendo a possibilidade de uma educação não só para a vida, mas, e principalmente, para o sublime.

2.13 - Conclusão

Nossa intenção foi a de propor um debate a respeito dos paradoxos, das dúvidas, das reflexões e desafios que permeiam essa longa escalada humana, rumo ao seu crescimento, desenvolvimento e formação, enfim, àquilo que conhecemos como educação. Esse caminho nem sempre foi trilhado de modo reto; como em qualquer processo há, naturalmente, desvios, atrasos, recuos e, também avanços, encantamento,

crescimento e superação. Na focagem elaborada, verificamos alguns pontos primordiais:

- 1) Enfrentamos, no passado e no presente, inúmeras dificuldades relativas à educação, seja de crianças, de jovens, de adultos e de idosos, o que parece estar inviabilizando – num futuro próximo – a vida do nosso planeta
- 2) Há consenso, entre vários autores, referente à importância dos valores, especialmente os valores tradicionais (éticos, religiosos, transcendentais...), como bases de uma educação que privilegie não apenas a transmissão de conhecimentos, mas, principalmente a formação do homem na sua essência fundamentalmente humana.
- 3) Sempre que faltam os autênticos valores e, concomitantemente, grassam o relativismo, o niilismo e a falta de cuidado nas relações de interdependência, nos deparamos com grandes desafios, dificuldades, incoerência e, mesmo, trevas.
- 4) Para nós, há um modelo de educação, baseado na *aretê-paidéia*, que, por sua magnífica riqueza pedagógica, pode servir de inspiração, de recuperação e de modernização de um projeto de educação para fazer frente aos desafios dos nossos tempos.
- 5) Os grandes exemplos da humanidade, as suas palavras e atitudes, foram marcados pelas ações valorosas vinculadas ao Bem e, portanto, à Perfeição. A lição de vida desses homens demonstra que essa riqueza do agir bem e bem feito está à disposição de todos!

Notamos que a nossa cultura desenvolveu um perfil de sociedade humana submetido a princípios tais como: o dualismo, a efemeridade, o conflito, o relativismo etc., como nos alerta Patrício (1996: 54): “O espírito da época é outro: é ôntico e não ontológico, (...); é positivo e não axiológico, (...); é objectivista e não existencial”. Se é dessa maneira, os nossos principais problemas se dão em função de uma ilusão crônica introjetada no seio da nossa sociedade, da educação e da cultura e não a superaremos sem uma perfeita reflexão a respeito dos caminhos que devemos tomar.

Sendo assim, imaginamos que seria interessante voltarmos a nossa atenção, atenta e serena, aos eternos ideais encontrados na profundidade pedagógica da *aretê-paidéia*, a fim de superarmos esses desafios que parasitam a nossa cultura atual. Precisamos recuperar os postulados da excelência e da virtude que formem um novo homem, uma nova sociedade e um novo mundo. E isso só será possível pelo reordenamento completo da educação (Patrício, 1996), portanto, uma nova educação.

Para uma educação de excelência, é necessário considerar: “Excelente é, pois, o sumamente bom na ordem de ser de determinada coisa: coisa, ou pessoa, ou acção, pensamento, sentimento, desejo ou vontade ou movimento”. Esse conceito precisa ser apreciado por aqueles responsáveis pela organização, desenvolvimento e aplicação dos

planos e modelos da educação atual. Atentemos para o fato de que a excelência é um imperativo ético de fazer, o que se tem que fazer, bem feito. Adorno (2002: 92) interpreta a sabedoria socrática: "...o mal consiste em não ter sabido agir, em ter permanecido aquém da acção (...), em ter permanecido passivo, ao passo que quem, através do debate, tem consciência de si, discorrendo, tendo presente todos os dados, consegue inserir-se numa situação, modificando-a num sentido justo e por isso útil, actua bem, ou melhor, faz bem". Essa postura é reclamada, em nossos dias por Morin (2000: 23), quando este autor aponta a "verdadeira racionalidade" como forma de superarmos nossas ilusões: "A racionalização é fechada, a racionalidade é aberta. A racionalização nutre-se nas mesmas fontes que a racionalidade, mas constitui uma das fontes mais poderosas de erros e ilusões". Interpretamos como um dos nossos maiores enganos o não saber exatamente a distinção entre meios e fins. Voltemos a Morin (2000: 45): "Daí decorre o paradoxo: o século XX produziu avanços gigantescos em todas as áreas do conhecimento científico, assim como em todos os campos da técnica. Ao mesmo tempo, produziu cegueira para os problemas globais, fundamentais e complexos, (...) gerou inúmeros erros e ilusões, a começar por parte dos cientistas, técnicos e especialistas". Ou seja, o conhecimento científico é meio, o conhecimento tecnológico é meio, o conhecimento teórico é meio. Qualquer conhecimento desta natureza é conhecimento-meio. A interrogação é: como se atinge e qual é o conhecimento-fim? Vamos ver. O homem se realiza como homem, na medida em que atua numa determinada circunstância: na família, na sociedade, no mundo. A *paidéia* grega aconselha que se aja de maneira correta; fazendo bem aquilo que se faz, quer seja cientista, técnico, professores, sapateiros ou qualquer outro profissional, pois cada acto é válido na medida em que é útil, e cada ação, para ser boa, é preciso que resulte da inteireza do ser humano (Adorno, 2002). Agindo dessa maneira, entendemos que o conhecimento é fim na medida em que realiza a si próprio e aos outros justamente/juntamente? Tendo êxito pessoal e coletivo. Mas, no seu âmago, é aquele que fala a respeito da nossa essência (*Conhece-te a ti mesmo*): conhecimento da alma, investigação sobre o espírito, exame sobre a sua consciência do Ser. Diz respeito a nossa herança divina a qual muitos dos mestres da humanidade encontraram nas suas reflexões, meditações e ascese. O conhecimento-fim é a simplicidade da sabedoria de que nada se sabe e, ao mesmo tempo, o interesse investigativo diante de um saber, ou conhecimento, porque a investigação profunda é um mergulho na própria alma. Aquele que se envaidece com o conhecimento (técnico ou científico), apenas pensa que é

intelectual e, muitas vezes, oferece um exemplo de pouca educação, portanto gerador de infelicidade.

Ao aceitarmos o conselho para fazer bem feito, não se pode desprezar, abandonar ou esquecer todas as nossas dimensões e nossos valores (especialmente os tradicionais). Por isso, devemos atender os postulados de valor circunscritos na *aretê* desde os tempos dos heróis de Homero. Precisamos, como educadores, ter *coragem e valentia* para agir e, ao mesmo tempo, não se calar; ter *responsabilidade* de assumir uma educação baseada em valores; ter a *honra* de ser professor e aluno; ter *lealdade* com a formação dos nossos alunos, ter *perseverança e sabedoria* no sentido de uma auto-educação permanente... Esse é um tipo de herói, é quem faz a diferença e está além dos campos de batalha! Esse heroísmo “exige de cada vez sejamos nós próprios, que vivamos conscientemente, não dominados pelos belos discursos, por esta ou aquela ideologia, por este ou aquele ofício, que nos convida cada qual a assumir as suas responsabilidades, a realizar bem o que cada um é, sempre dentro do contexto humano” (Adorno, 2002: 96). Em benefício de si, do outro, da cidade e da sociedade e do planeta.

Para se atingir, concretamente, a educação propugnada pelos pensadores helênicos, bem como o seu programa, a práxis pedagógica de ensino e os seus ideais de cultura (Júnior, 1995), vai exigir muito da alma dos educadores, legisladores, políticos e das famílias. Entretanto, como já observamos, não se atinge nenhum grau de felicidade sem esforço, sem sacrifício, coragem, perseverança, sensatez e sabedoria. Júnior (1995: 490) via na *aretê-paidéia* uma harmonia pedagógica articulada “às virtudes paradigmáticas de um sistema operativo de educação que tanto contribuiu ao longo de tantos séculos para suavizar e harmonizar diferenças entre os homens, para aproximar os povos e os fazer compartilhar de um mesmo código de valores culturais e espirituais”.

Finalmente, achamos ser urgente o restabelecimento da pluralidade, da tolerância e da convivência religiosa, porque sem essa divina harmonia não é possível superarmos as dificuldades de coexistência entre os povos. Neste contexto, é necessário superar as idéias pré-concebidas baseadas no dualismo; ciência e espiritualidade, sujeito e objeto, individualidade e coletividade, vida e morte, fato e valor, interno e externo ou objetividade e subjetividade, disciplina e transdisciplinariedade, corpo e alma... Como? A partir de uma visão alargada, baseada na totalidade e integralidade como nos foi ensinada pela *paidéia* antiga. McFarlane (2005: 21) nos oferece uma boa argumentação quando registra o comentário de Einstein: “Todas las religiones, artes e ciencias son

ramas del mismo árbol. Todas estas aspiraciones van encaminadas a ennoblecer la vida del hombre, elevándolo de la esfera de la existencia física y conduciendo al individuo a la libertad”. Ao contrário, lutamos pela posse de valores materiais. Não que isso seja ruim mas, precisamos também buscar a riqueza de ser humano, tomar posse dos valores que visem à excelência de ser. Como já previa Reboul (2000: 44), “a educação (em todos os sentidos do termo) deve transmitir tipos de saber-fazer, saberes e valores, por outras palavras, permitir a cada um apropriar-se da maior e da melhor parte possível do património humano”. Sendo assim, imaginamos que a fé e a dúvida, a lógica e a intuição, unidade e a diversidade são aspectos compartilhados tanto por professores, alunos, cientistas e espiritualistas; e a diferença entre os aspectos se desfaz ou, pelo menos, se reduz, através da análise de *continuum*, pois a predominância de um fundamento não implica em rechaçar outro. Portanto, a lista que acima oferecemos é vista como falsa por McFarlane (2005: 75): “Ninguno existe com independencia del otro y ambos son los aspectos inseparables de una realidad única y no dual”. Ou seja, são dois lados de uma mesma moeda, assim como a vida e a morte são etapas da mesma Vida. Para situar esse processo como total e integral faz-se necessário colocar em prática todas as nossas faculdades intelectuais, racionais, afetivas, intuitivas e, também, muita transpiração e inspiração na busca de uma educação de excelência. Como nos ensina Patrício (2005) logo na primeira página: “A raiz da excelência é de natureza ontológica. A excelência define-se pelo ser, não pelo ter”. E acrescenta, fazendo uma leitura de Platão: “...ele sugere que existe uma verdade transcendente (o Bem, para lá de tudo) sem nunca nos dizer o que ela é, deixando-nos o desejo de a encontrar...”. Sem dúvida, Platão, como educador, nos aponta um caminho que nos leva à *paidéia*.

Em suma, a meta da formação ideal (*paidéia*) é o conhecimento sobre si (base da pedagogia socrática), os meios são, por um lado, a reflexão, pessoal e interna, a respeito do conhecimento ou do saber que nos leve a agir bem (pessoal e coletivamente) e utilmente; e, por outro, os valores e os princípios da *aretê-paidéia* devem ser os orientadores e mediadores das ações, das atitudes, das palavras e das próprias reflexões que nos conduzam à contemplação e ao exercício do Eu interno. Adorno (2002: 136) ao exaltar aquele que conduzia sua vida desta maneira, foi enfático: “um daqueles homens que não viveram apenas para a sua época e para o seu povo, nem somente para alguns séculos, mas que conservarão a sua importância enquanto houver homens”.

2.14 - Síntese

Ao longo deste capítulo, tivemos a oportunidade de discutir alguns dos aspectos que facilitam e que dificultam a transmissão de uma educação em valores e, também, desenvolver pontos de reflexão sobre a formação do Homem como um legado cultural através dos tempos. Para isso, optamos por formular questões como: o paradoxo das religiões, o paradoxo das guerras, o paradoxo do racionalismo, o paradoxo dos movimentos políticos e econômicos, o paradoxo da evolução tecnológica e o paradoxo do presente e do futuro. Aproveitamos o ensejo para indicar algumas saídas à problemática apontada: os valores como um caminho para a (des)paradoxização, o desafio à formação, *aretê* e *paidéia*, *aretê* como um caminho de vida, os grandes exemplos culturais e uma discussão final como conclusão. Sob essa luz, trilhamos os caminhos que nos levaram ao encontro dos nossos reptos vividos pela atual sociedade mundial e, ao mesmo tempo, vislumbramos que a possibilidade de recuperação dos princípios e valores da *aretê* helênica podem nos conduzir a um patamar mais elevado de formação, de cultura e de educação.

Anotamos ainda que, apesar do enorme desenvolvimento tecnológico e científico, a prática de uma educação, segundo alguns autores (Júnior 1995; Ibañez, 1976), muitas vezes, como um risco à desumanização. Além disso, o próprio conhecimento (científico, tecnológico, empírico, religioso, além de outros) encontrou limitações para o seu desenvolvimento e, freqüentemente às vezes, foi solapado e desprezado por setores sociais, especialmente por aqueles que possuem alguma vinculação com o poder e, portanto, com uma escala de valores (como demonstramos) que lhes são próprias (escala/valores?) e, sendo assim, a impõe aos demais. Os valores vinculados à prática científica e tecnológica acabaram por ser incorporados (e aceitos) à educação nos diferentes níveis de ensino. Acontece que, apesar de todo o desenvolvimento dessas áreas, melhorando a qualidade de vida e, mesmo, ampliando-a cronologicamente, não se pode deixar de registrar que nunca enfrentamos tantos problemas ligados às *doenças* individuais e coletivas, que estão associadas à forma como pessoas se situam frente às dificuldades que lhes são apresentadas e à velocidade das mudanças, sociais, econômicas, ecológicas e outras. As alterações provocadas nos indivíduos, nas populações e no planeta nos remetem diretamente à reflexão necessariamente calcada no mundo dos valores, das crenças e das atitudes. Neste

cenário que nos é apresentado, não é difícil encontrar casos de depressão, anorexia, ansiedade, pânico, etc. Além disso, o uso freqüente de drogas, o alastramento das doenças sexualmente transmissíveis como a aids e, ainda, a fome, a violência, a corrupção, entre outros, do ponto de vista da interdependência humana, afetam negativamente a todos nós; sofremos todos. Diante desses desafios, propusemos uma educação que incorporasse, pelo menos, o mesmo peso que possuem os valores científicos e tecnológicos (evidentemente não os desprezamos; ao contrário, enaltecemos os conhecimentos e os bens que provêm desses domínios), valores conforme a proposta de Patrício (1993), Ibañez (1976) e de outros autores.

Com essa perspectiva em vista, apontamos os princípios e valores da *aretê* grega como uma estratégia pedagógica que visa a recuperar os valores humanos e tradicionais, em especial os espirituais, como forma de se fazer frente as nossas angústias, às doenças sociais, aos conflitos, aos desmandos, às incoerências, à insensatez... Consideramos mesmo que, conforme Caeiro (2002), é a *aretê* uma possibilidade extrema do homem. Chamamos, a atenção de que assim como aparecem bons motivos para o desenvolvimento material, existem também muitos exemplos da humanidade (citamos apenas alguns): homens e mulheres que conseguiram mostrar que é possível fazer mais, e melhor, pelo bem-estar e pela alma de todos, do que o que estamos acostumados a notar, ou seja, a excelência do ideal de formação encarnado em diversas culturas. A *aretê* foi considerada por Jaeger (2003) como a alma da educação grega e a *paidéia* surgiu como a maior *aretê*; em função disso, realizamos alguns apontamentos referentes à *paidéia*, justamente para compararmos algumas das diferenças entre a educação da Antiga Grécia e a nossa educação atual.

Uma das nossas metas de investigação é a recuperação dos ideais de formação humana, marcados pela excelência e a virtude, ideais esses que são a estrutura da *aretê* grega e que nortearam o caminho dessa cultura. Nessa perspectiva, sugerimos a *aretê* como um caminho de vida e, sendo assim, abordamos alguns pontos pedagógicos, baseados em autores como Caeiro (2002), Ibañez (1976), Jaeger (2003), Reboul (2000), Garcia (2002), Aristóteles (Ética a Nicômaco), Platão entre outros, que vislumbraram a possibilidade de superação dos desafios encontrados em nossa comunidade mundial (*cosmópolis*).

Ao concluir esse capítulo, conduzidos pela tese socrática descrita no Oráculo de Delfos – *Conhece-te a ti mesmo* – analisamos a finalidade do conhecimento, devido à importância dada pela nossa formação intelectual através dos tempos. Nesta premissa,

identificamos dois tipos fundamentais de conhecimento: o conhecimento-meio e o conhecimento-fim. Todo o tipo de conhecimento é meio e visa ao conhecimento sobre si mesmo: um estímulo à simplicidade, à paciência, à perseverança, à coragem, à sensatez, à temperança, entre outras virtudes, na busca do real saber. E esse saber não será concretizado, se não realizarmos a Excelência (a verdadeira *aretê*) em nós mesmos, isto é, uma educação para todos os momentos da vida, para todos e para o alcance definitivo da liberdade e da autonomia humanas.

CAPÍTULO 3 - DESPORTO: UM CAMINHO PARA A EXCELÊNCIA

3.1 - Introdução

No capítulo anterior, o nosso esforço foi demonstrar que muitos dos problemas enfrentados por jovens, adultos, sociedade e culturas encontram-se à sombra de uma desorientação axiológica, forjada através de centenas de anos. Sugerimos que a maneira de enfrentar e superar esse desafio é ajustarmos a nossa educação – técnica e científica – pela incorporação, vivência e ensino dos valores, especialmente os mais elevados. Para isso, apontamos a *aretê* grega e os seus valores bem como a sua outra face, a *paidéia*, como modelo de educação e de formação do homem grego antigo, mas que pode perfeitamente servir de inspiração à nossa pedagogia moderna.

Nesse contexto, vamos examinar a importância do desporto, como espaço de enunciação axiológica para o auxílio da construção de um caminho de vida, que vise aos mais altos ideais da humanidade, ideais esses que, segundo vimos no primeiro capítulo, são eternos e encontram-se nobremente inseridos na perenidade da *aretê* e da *paidéia*. A eternidade aponta para uma dimensão sem tempo, portanto, o sentido dessas palavras gregas permanece atual.

Dentre as atividades humanas que podem ser designadas como fenômeno, nenhuma apresenta tamanha importância sócio-cultural como a prática desportiva. Mesmo havendo, ao longo dos anos, uma constante mudança na sua configuração, o fato é que os desportos exercem um incrível atração – amor e paixão – em inúmeros praticantes, bem como no público assistente em geral. No campo acadêmico, o desporto tem contado com inúmeros estudos, artigos, livros, seminários e congressos nas suas diferentes áreas de interesse, tais como: na área biológica temos a fisiologia, biologia, a metodologia do treino, a cinesiologia, psicologia entre outras, além dessas, e como expressão de significados, encontramos: a sociologia, a antropologia, a filosofia, etc. São as chamadas Ciências do Desporto (Gaya, 2006). O “desporto como objecto de estudo da ciência, com inúmeros ramos do saber interessados na sua análise, (...) editam grandes obras, publicam revistas, promovem reuniões, permeabilizando o desporto às novas descobertas científicas e às novas tecnologias” (Garcia, 1993: 6). Além disso, o desporto é concebido e interpretado como um fenômeno polissêmico e

uma realidade polimórfica, múltipla, e não-singular. É um construtor que se baseia num entendimento plural e num conceito representativo, agregador, sintetizador e unificador de dimensões biológicas, físicas, motoras, lúdicas, técnicas e táticas, culturais, mentais, espirituais, psicológicas, sociais e afetivas. O ato desportivo tem implícito tudo isso, sem o esgotar; o desporto encerra um sentido abrangente e maior (Bento, 2006a). Apesar da relevância do tema, é fato que, no tocante às ciências humanas – vistas como parcela das Ciências do Desporto –, ainda carecemos do devido interesse, da consistência e da profundidade desses estudos. O desporto é visto, nas palavras de Scheler (lembrado por Garcia, 1993: 8) “como um fenómeno muito importante na nossa sociedade mas com pouca expressão ao nível do estudo do(s) seu(s) sentido(s)”, embora seja necessário reconhecer que tem havido, nos últimos anos, um gradual aumento das publicações e trabalhos científicos nessa área.

É importante a tomada de consciência que o desporto é uma oficina da manifestação humana por excelência, e o desportista surge, então, como o artesão da excelência local e prática de realizações e de sublimações. Um sitio onde não há espaços para vacilo, vicio e insensatez, onde se enaltece e se honra aos que se dedicam a fazer o melhor e o útil. O melhor é para superar, superar-se e, superando-se, superar os seus adversários; útil, porque gera o aperfeiçoamento físico, técnico, tático, comportamental e espiritual. E a integração desses planos molda um homem especial e feliz. A essa luz Bento (2006a: 20) confirma: “Sim, a *areté* dos gregos, que converge para ação correta, para a arte e a felicidade de viver”. Essa *aretê*, que é símbolo e significado de perfeição por via da virtude e da prática virtuosa, a reconhecemos no desporto através das suas inúmeras dimensões, as quais se traduzem em virtude e excelência.

Neste capítulo, mesmo diante da nossa limitação em descrever tudo aquilo que a alma e o coração sentem, pelo fato de o desporto, como vimos, ser um fenómeno de característica plural, multifacetada e comovente, gostaríamos de meditar sobre o homem e a sua prática desportiva, seguindo a combinação e a variedade de conhecimentos, observando as suas inter-relações e procurando combinar a diversidade de saberes com vistas a encontrar, confrontar e harmonizar os diversos sentidos que fazem do desporto um espetáculo de enaltecimento do homem, da sociedade, da comunidade, do país e do

planeta. Esperamos, assim, descortinar um mosaico de sentidos³³ e, por intermédio deste, aproximar – nos da grandeza de ultimitude inserida no universo desportivo.

Diante do exposto, devemos perguntar, juntamente com Costa (1997: 14): de onde “tira o desporto toda a sua força misteriosa que faz dele um fenómeno que quanto mais estudamos, mais o mistério parece insondável?” As respostas podem ser oferecidas pelas ciências que estudam o *como* planejar, administrar, fazer e propor conteúdos para o desenvolvimento da prática desportiva, ou seja, a aplicação da ciência, especialmente as ligadas à área da biologia e da ciência aplicada (tecnologia). Para isso, Garcia (1993: 7) verifica que há “uma verdadeira invasão das novas tecnologias no desporto (...), para a sua análise, (...) à recuperação de atletas, à construção de espaços, (...) à fabricação de material específico (...), que vai desde o mais simples calçado até ao sofisticado equipamento”. Além da tecnologia, sabemos da importância de determinadas disciplinas científicas vinculadas ao desporto: a fisiologia, a biomecânica, a metodologia do treino, etc.. Embora importantes, consideramos que essas matérias disponibilizam respostas que se encontram na categoria do *como*. Outra categoria é a do *por quê*. Esta classe de palavra nos oferece um maior aprofundamento, uma vez que nos permite indagar sobre algo que (não) correu bem na performance desportiva; a psicologia, por exemplo, assume um relevante papel na análise que faz, não tanto no *como*, mas especialmente no *por quê* (Garcia, 1993).

Embora esta temática seja importante para o entendimento dos mistérios do desporto, imaginamos conseguir aprofundar essa análise seguindo os passos de Pascoaes (1993: 72), quando esse poeta/autor estabelece uma sutil relação entre a poesia e a ciência, considerando que a “poesia finda onde principia a ciência, e principia onde a ciência finda. É o *antes* e o *depois*, o *por quê* e o *para quê*. E, entre eles medeia o *como*, o vaivém, o fluir e o refluir da onda, um palpitir de reflexos irisados...”. Sem dúvida que a produção tanto científica como tecnológica são apoiadas pelos seus sentidos e, naturalmente, quando aplicadas a estudos relativos ao desporto há uma interação de sentidos. Para isso, podemos voltar a citar a psicologia que, embora possa, pela idéia de sentido expressada pelas palavras de Pascoaes, alcançar o status de poesia, o que queremos é uma poesia ainda mais profunda, aquela que participa da própria substância³⁴ do desporto e, dessa forma, atinge a Beleza misteriosa oculta nas coisas

³³ O que temos em mente é a busca dos significados do desporto, ou seja, a essência que orienta as ações visíveis e invisíveis no desporto.

³⁴ Conforme Maurício Murad (2006), em notas: “Etimologicamente, substância significa aquilo que está por baixo, o que dá sentido, o que dá sustentação, a essência das coisas”.

belas (Pascoaes, 1993). É o sentido do desporto que buscamos, destacado pela categoria que a voz poética de Pascoaes refere-se como *para que*. Algo que preenche todos os nossos atos e que nos desafia a encontrá-lo, assim como o silêncio existente entre as notas musicais, sem o qual não há possibilidade de a música existir. Do mesmo modo que, sem o mistério do belo e do estético contido no silêncio transcendente do movimento, o desporto não pode evidenciar a sua essência.

3.2 - Desporto como um universo simbólico

Nesse sentido, o caminho que escolhemos para situar o entendimento do fenômeno desportivo é aquele que não se vê com os olhos físicos, nem através do tato, da audição, etc., mas entendemo-lo e o sentimos através da excelência do ser, do fazer e do estar. Naturalmente que essa escolha deve-se ao fato de que o desporto, além das expressões do *como* e do *porque*, nos brinda permanentemente com uma mensagem mais refinada e profunda do que o seu universo de funcionamento (Costa, 1997). A psicologia, a fisiologia, a biomecânica, entre outras, podem, por intermédio da observação, descrever e explicar muitos dos fatores circunscritos à esfera desportiva, mas não podem explicar tudo; a determinação e a explicação da natureza e do significado do desporto visam a reforçar o seu lugar especial no esquema da vida (Huizinga, 2005). Fiquemos com um exemplo simples: vejamos atentamente o lançamento de uma bola através do uso do pé, ou da mão, de um jovem – ou adulto – atleta. A bola sozinha é um objeto inerte; quando o jovem dela se aproxima e a chuta, a passa ou a lança, o objeto ganha vida, vida lúdica. Desse modo, pede que se jogue com ela que também brinca com o jovem. Quem olha o desporto desatentamente, vê apenas uma luta pela bola, empreendida por uma equipe, para conseguir vencer um jogo de futebol, ou qualquer outro desporto de bola. Entretanto, com atenção, vamos nos certificar que, quando o jovem (ou adulto) atleta lança uma bola ao ar, no éter, junto vai também algo de si – emoção, expectativa, sensibilidade, força, inteligência – a ser entregue a alguém ou evitando a outrem. Ninguém dúvida dessa verdade. E a bola, pelo jogo, pelas inúmeras intervenções dos seus participantes (crianças, jovens e adultos), ganha vida na vida. Essa “reunião de energia, joga conosco enquanto jogamos com ela. Estabelecendo-se como foco de nossa intencionalidade, permite que projetemos a distância certos aspectos de nós mesmos” (Leonard, 1999: 100); é um jogo cósmico. Esse sentido está para além do entendimento apressado e pouco sensível, mesmo em se

tratando de alguém com *bagagem científica*. É necessário ter tido a oportunidade de colocar um calção, ou qualquer abrigo desportivo, e realizar algo – fazer, ou sofrer um gol, marcar, ou levar um ponto; estabelecer uma marca – no terreno do jogo, para conhecer o verdadeiro significado expresso nas palavras alegria, satisfação, graça, felicidade, êxtase e experiência. Aqui, a agonia é apenas a ponta do iceberg lúdico.

Desse modo, a bola, como objeto da vida e da arte de jogar e viver, passa a encarnar algumas das metáforas, que falam das verdades e dos símbolos existentes entre o homem e o universo, que nos ajudam a exemplificar um dos sentidos do desporto; isso acontece, especialmente, quando, através dessas relações, se elucida uma das metáforas mais citadas, na qual o desporto é visto como um microcosmo da vida (Da Matta, 1989; Costa, 2006; Lynch e Al Huang, 1998). De fato, o universo demonstra traços e movimentos que se assemelham ao padrão encontrado nos desportos, onde “os principais símbolos de natureza cosmológica são a bola, imagem do sol, do cosmos e da terra e o terreno de jogo, imagem do mundo e representação do espaço *cosmisado* da vida humana” (Costa, 2006: 47) sem contar que a esfera do jogo é a representação perfeita, vista por todos os lados, do círculo, o qual é concebido como uma figura geométrica perfeita.

Atuam sobre a bola (no futebol, no basquetebol, no voleibol, etc.), sob perspectiva metafórica, as forças e as expressões humanas, telúricas e divinas. Essas palavras unem-se à expectativa poética de Pascoaes (1993: 68), as quais descrevemos de modo linear: “*Ó Natureza, qualquer coisa existe; De íntimo entre o meu peito e a tua essência!*”. Quanto às expressões humanas, já fizemos algumas referências – e faremos mais ao longo do texto. A telúrica também acontece, quando a bola é jogada pelo próprio terreno do jogo: a relva, a terra (molhada, embarrada, seca ou irregular) e dependente da sua localização, altitude, do clima, da temperatura, do vento, do espaço, etc.. Quem não se recorda de algum lance em que o goleiro (guarda-redes) é ludibriado pela saliência do terreno de jogo? Ou, quando um zagueiro (defesa) ou atacante é enganado, ou beneficiado, por uma poça d’água?³⁵ É a terra exigindo, no detalhe, a sua participação no desporto (e na vida) do humano. Aqui, anotamos apenas alguns exemplos, mas existem inúmeros deles.

Em relação às forças divinas, podemos notá-las circundando a atmosfera desportiva, ajudando uns e desafiando outros: o acaso, a sorte, o imponderável, o

³⁵ No Brasil, situações desse tipo acontecem com tanta frequência que, popularmente, quando há um gol em que a bola resvala ou desvia a sua trajetória por causa do terreno do jogo, se fala que foi gol do *montinho artilheiro*.

imperceptível...³⁶ Juntos, o homem e a terra são os símbolos da vida (e da morte), lutando pela manutenção do espírito divino, portanto, da imortalidade. “Isto mostra a unidade e a universalidade do homem e diz-nos que a sua existência visa uma vitória que ultrapassa a condição actual, pois constitui uma abertura para a eternidade” (Costa, 2006: 63). Uma pequena amostra dos significados culturais e antropológicos do desporto.

3.3 - Reflexões pedagógicas e antropológicas sobre o Desporto

Na sequência das nossas reflexões, pedimos a colaboração de Patrício (1992: 345), quando se refere à obra de Leonardo Coimbra e destaca a parte relacionada à sua pedagogia: “...se trata de uma obra *pan-anagógica*, ou seja, de uma obra que fala, da primeira a última sílaba, da criação contínua de perfeição para Perfeição”, e conclui o seu raciocínio, sugerindo que “ela não fala apenas do Caminho; ela é o Caminho. Daí que falar dela tenha que ser, passo a passo, esse Caminho”. A educação *anagógica* “tem que servir para construir o ser humano, concretizando assim o supremo ideal de *paideia*” (Garcia, 2004a: 14). Transferir essas palavras para a pedagogia do desporto significa reconhecer as modalidades desportivas como Caminhos, assim como fazem as artes marciais, e cada passo é o sentido – sentido, experimentado e ajustado – do Caminho. Interpretamos que os Caminhos do desporto podem despertar-nos, ou levar-nos a buscar a perfeição (*aretê*) que existe em nós. “A acção humana tem de inserir-se na finalidade moral do cosmos” (Patrício, 1992: 414), ou seja, ela deve existir no sentido da cooperação universal e inserir-se no divino foco para onde convergem todas as atividades religiosas (Patrício, 1992); essa estreita inter-relação das forças sagradas e das forças humanas fazem todo sentido no universo da expressão desportiva. O espírito divino apresenta-se, para além dos aspectos científicos e tecnológicos, no campo desportivo, junto à intimidade dos desportistas, nos espaços dos estádios ou das várzeas, ensinando, aprendendo e inspirando a arte de jogar e de competir; revigorando-se com o comprimir e com o expandir das forças da excelência humana – no ritmo e no pulsar do coração –, imprimindo e recolhendo da atmosfera desportiva as virtualidades necessárias à sua consagração no espetacular, no particular e no relativo jogo desportivo e no transcendente, no eterno e no absoluto Jogo da Vida. Assim, o futebol, o

³⁶ Como dizia o saudoso jornalista brasileiro Nelson Rodrigues, era o sobrenatural de Almeida, referindo-se aos aspectos insondáveis pela razão humana, mas que encontravam, no futebol, *razão* de manifestação.

basquetebol, o ciclismo e outros desportos podem ser considerados como disciplinas espirituais (Ryan, 1989); desse modo, ou ficamos refletindo ou acabamos por concordar... Lembremos as considerações de Slusher, destacadas por Lenk (1989: 133), quando declara que, muitas vezes, se é “tentado a dizer que o homem só é todo quando ele se engaja no esporte”. Essas palavras parecem corresponder à realidade, quando tomamos contato e observamos, atentamente, os exemplos, as metáforas e os significados a que nos referimos acima. Intuímos que o homem do desporto – tanto no espetacular quanto no (do) transcendente – se torna um agente da *finalidade moral do cosmos* quando é, ou passa a ser, o intermediário e colaborador entre as expressões telúricas e divinas, bem como o catalizador e o harmonizador dessas mesmas forças; por esse sentido, o homem regenera, potencializa e conscientiza – portanto, educa (-se) – a sua dimensão essencial e verdadeiramente humana.

Talvez, por isso, não custe salientar que o homem e a sociedade, por não se sentirem e não se reconhecerem mais como religiosos (Costa, 1991), podem encontrar, através da participação ativa no desporto, ou pela sua admiração e ou pelo seu estudo, o sublime significado de sua formação e de sua espiritualidade, a busca da salvação através do seu desempenho no inevitável, simbólico, belo e bom jogo cósmico. Será essa a dimensão oculta e, ao mesmo tempo, a esperança de uma vida e de um mundo melhores? Pois, por mais que se disparem ataques e se interponham desafios, o desporto segue sendo uma fonte inesgotável de amor, paixão e fidelidade, reconhecido por inúmeras pessoas, desde as mais simples até as celebridades, como um fenômeno de grandeza planetária, de dimensões universais e, por esse passo, com uma intrínseca oportunidade de resgate dos valores humanos, culturais e pedagógicos, de exposição das dificuldades e problemas inerentes à humanidade, os quais, ao expô-los, ajudam-nos a entendê-los e a resolvê-los.

Outro aspecto relacionado ao prestígio desportivo vincula-se à sua autenticidade e à sua verdade como elementos significativos e de importância pedagógica. O futebol, por exemplo, muitas vezes é visto como um exemplo de honestidade (Da Matta, 1989). Ampliando, notamos que outros dizem que nos desportos destaca-se, em primeiro lugar, a sua autenticidade interna que é o ser pessoal; o desportista que participa da aventura de enfrentar a vitória, o fracasso, o existir, o persistir, o ressaltar, o superar falsos semideuses pode, pela sua liberdade, alcançar o ser autêntico e a verdadeira existência pessoal (Lenk, 1989). O desporto exige do homem e, ao mesmo tempo, o desafia a encontrar valores e sentidos na sua prática. Os estímulos, os desafios e as confrontações

agônicas são algumas das categorias basilares para uma conquista maior: ir além, sempre um mais além... uma verdadeira escola de transcendência, talvez a ultimidade de sentidos do *ser vida*. Visto assim, o homem do mundo e o homem cósmico são a confluência dos valores e dos sentidos éticos e da verdade. Antevemos que, por intermédio do desporto, tanto o homem como a sociedade podem vislumbrar as suas origens, a sua natureza e o seu destino (Costa, 1997). Portanto, as competições desportivas não podem ser observadas de modo banal, mas, sim, pressentindo as suas peculiaridades e singularidades enquanto universo simbólico, onde se festejam a beleza, o prazer, o estético, o ético, o sublime...

3.4 - Desporto e a areté

A partir dessa versão, consideramos que não podemos ficar satisfeitos em “elaborar listas de possibilidades de sentidos e de práticas desportivas, sem recorrer a conceitos de sentidos pedagogicamente relevantes, suscetíveis de apresentarem um fundamento mais sólido para a abordagem do problema” (Bento, 2006a: 44). Nessa premissa, surge, para nós, através da investigação de Caeiro (2002: 5) “a *areté* como possibilidade extrema do humano”. Quando a excelência (*areté*) está presente, em função de uma ordenação, cada coisa encontra a possibilidade de se tornar autenticamente ela própria, isto é, de encontrar a sua realização plena (Caeiro, 2002). O desporto pode oferecer ordem ao caos. Aliás, os gregos antigos valeram-se dele para instituir a ordem no caos social em que viviam (como vamos ver mais adiante). Além disso, por esse equilíbrio o desporto desponta como uma manifestação da excelência humana e, ao mesmo tempo, visa a dar sentido à realização plena da excelência do seu criador.

Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1098b, 15) nos chama a atenção, considerando que “os bens que se relacionam com a alma são os bens mais próprios e de verdadeiro sentido do termo”. Nós, que labutamos no interior do desporto, consideramo-lo como um bem³⁷ e, desse modo, qual seria a argumentação que daria consistência à afirmação de que o desporto é um bem e, como tal, poderia contemplar o pensamento de

³⁷ Seguimos aqui, como não poderia deixar de ser, o pensamento de Aristóteles acerca do bem: “o bem é aquilo a que as coisas tendem. Mas entre os fins observa-se uma certa diversidade” (Ética a Nicômaco 1094a). Encontramos, também, na Ética a Nicômaco (1095a 15) “O bem supremo é a felicidade” e, ainda, que “a felicidade é a atividade conforme a virtude” (Ética a Nicômaco, 1098b 30). E finalmente: “concebemos o sumo bem como posse ou exercício (...), como estado de ânimo ou atividade, pois pode existir o estado de ânimo sem produzir qualquer bom resultado (...). E do mesmo modo como nos Jogos Olímpicos não são os homens mais belos e mais fortes que conquistam a coroa, mas os que competem (...), assim também as coisas nobres e boas da vida só são conquistadas pelos que agem retamente” (Ética a Nicômaco, 1099a 5).

Aristóteles?. Essa possibilidade surge quando somos orientados por Bento (2006a: 19) e por suas palavras: “No cenário desportivo configura-se um palco de afirmação multicolor da corporalidade e de expressão do domínio do ser humano sobre o corpo, onde se procura saber e experimentar aquilo de que ele é capaz: as suas potencialidades e limites” e, completa, demonstrando que é no espaço desportivo que se movimenta o “corpo plural: desajeitado, pesado e lerdo, grotesco e bestial, dramático e trágico, transcendente e heróico, lúdico, ágil, belo e estético, harmonioso e sublime. Do corpo que corre, salta, luta e voa; que nos eleva e glorifica”. O desporto, por meio do corpo, expressa o que vai na alma; o corpo e a alma são glorificados e elevados pela oportunidade encontrada no universo dos desportos. Por essa visão, o corpo, por intermédio do desporto, vai do grotesco ao belo, do pesado ao ágil, do desajeitado ao estético, do bestial ao lúdico, do dramático e trágico ao transcendente e heróico e, portanto, ao concretizar essas assertivas, traz ao homem uma grande felicidade.

A *aretê* significa ação, ou conhecimento, vinculada ao bem, portanto, a *aretê* agônica é a ação desportiva que visa a um bem. De acordo com a teoria das inteligências múltiplas de Gardner (1995), o movimento inteligente baseia-se na capacidade que um atleta tem para solucionar questões desportivas. Já na perspectiva de Vaz (2004: 219), a *aretê* grega “é a excelência do ser que se manifesta no seu operar” e esse operar no desporto é o desempenho humano em sintonia com um bem. Por isso, somos tentados a avaliar o desporto como um dos bens a que o filósofo de Estagira se referia. Por essas assertivas de cariz filosófico, vinculadas à pedagogia dos desportos, inclinamo-nos a aceitar que um dos sentidos relevantes na prática desportiva é o de oportunizar o encontro do ser humano com o universo da excelência, da virtude e da perfeição, um caminho que precisamos apresentar, estimular e defender para que todas as crianças, jovens e adultos tenham o direito de dele usufruir.

3.5 - Das raízes gregas ao surgimento dos Jogos Olímpicos

Desde os tempos da civilização grega que a idéia agônica era ligada à competição e esta, por sua vez, era um dos principais componentes que regia a sua vida social: “O caráter sagrado do *agon* manifesta-se em toda a parte” (Huizinga, 2005: 82). Os gregos – reis, heróis e atletas – procuravam organizar competições para celebrar qualquer situação: festejos, mortes, etc. Tanto que Huizinga (2005: 84) não se conteve e declarou: “Na Grécia, não houve transição da *batalha para o jogo*, ou do jogo para a

batalha, mas um desenvolvimento *da cultura na competição sob a forma de jogo*”; onde se fazia desfilar um mosaico de *aretai* (honra, dignidade, beleza, superação, determinação, heroísmo), resumidas na *aretê* agônica. Estamos assim, diante das origens culturais de nossa civilização que, de certo modo, convêm recuperar um pouco, tendo o desporto como estatuto de virtude e de excelência.

A origem dos jogos desportivos, ao que parece, ficou perdida na poeira dos tempos imemoriais. Ferreira (2000) cita que, até o século IX a. C., as disputas desportivas eram celebradas em Olímpia. Consultando a história da Grécia Antiga, Cousineau (2004) relata que em Olímpia eram realizados, desde o século XIII a.C., os jogos fúnebres e os exercícios militares. Conforme o canto XXIII, da *Ilíada*, os jogos fúnebres organizados por Aquiles, em homenagem a Pátroclo, foram realizados no século XII a.C.; o “acto desportivo aparece, na tradição homérica, como sinal da identidade dos heróis – de cada herói em particular” (Sobral, 2000: 208). Há relatos de que as primeiras provas competitivas foram realizadas por Hércules³⁸ e seus irmãos³⁹, em tempos ainda mais remotos; no tempo em que nasceu Zeus (Pausânias; Descrição da Grécia, V, 7, 6). Num dos textos mais antigos sobre a origem dos tempos, Hesíodo (*Teogonia*, 435-438) relata, em meio à narração sobre deuses e titãs, aquilo que seria o justo apoio dos deuses às competições desportivas: “quando os homens competem numa prova, também aí a deusa os socorre e ajuda; quem consegue a vitória, pela força e vigor, belo prémio colhe, facilmente e com alegria, e orna de fama os seus pais”. Melo (1996) acrescenta que a divindade, em honra da qual se desenrolavam os jogos, era Zeus e o seu primeiro atleta vitorioso foi Pélope na corrida de carros de cavalos. Concluímos, assim, que a origem das provas desportivas se confundem com os tempos mais remotos alcançados pela memória dos antigos poetas e historiadores gregos.

Nesse período aconteceu, também é necessário destacar e com toda justiça, a origem da polidez e da gentileza nos desportos; pelo menos, isso ficou patente nas atitudes dos antigos guerreiros no momento em que competiam em paz (Jogos fúnebres, por exemplo). Seria interessante ver o boxeador Epeio reerguendo seu adversário Euríalo, após o duro golpe que acabava de pô-lo fora de combate (*Ilíada*, XXIII, 694). Era um “duro golpe” no físico do adversário mas, ao mesmo tempo, um exemplo de

³⁸ Quando nasceu Zeus, Rea o entregou aos cuidados dos Dáctilos de Ida: Herácles, Peoneo, Epímedes, Yasion e Idas. Herácles propôs uma competição de corrida e coroou o vencedor com um ramo de oliveira (Pausânias; Descrição da Grécia, Livro V, 7, 7). Portanto, os Jogos Olímpicos foram organizados para divertir a Zeus menino. Por isso, não confundir o Herácles Ideo, com o Herácles, filho de Alcmena e Zeus que mais tarde também foi considerado como o criador dos Jogos Olímpicos.

³⁹ O nome – dáctilos – significa “os dedos” e explicava-se pela habilidade que tinham para os trabalhos manuais, sobretudo com os metais. Os dáctilos são seres lendários aos quais, segundo se dizia, havia sido confiado Zeus, na sua infância. Segundo a tradição, podem ser cinco, dez ou mesmo cem; vulgarmente consideram-se dez: cinco femininos e cinco masculinos.

solidariedade, de educação e de dignidade que só os mais corajosos eram capazes de demonstrar; o verdadeiro desportivismo estava, nessa passagem, sendo exposto e, talvez, fundado.

Sendo assim, embora os jogos desportivos sejam considerados uma manifestação bastante antiga, foi nos idos de 776 a.C. que essa história passou a ser contada (Melo, 1996; Ferreira; 2000; Cousineau, 2004). Na verdade essa data é estimada como a primeira restauração dos jogos desportivos – a segunda foi em 1896 da nossa era.

O período imediatamente anterior ao renascimento dos Jogos Olímpicos era marcado por terríveis turbulências sociais, tanto que ficou conhecido historicamente como a *Idade das Trevas*. “No início do séc. IX a.C., com o aparecimento da pólis, o Peloponeso vive momentos efervescentes pela disputa do culto e dos jogos em Olímpia” (Melo, 1996: 529). Conta-se que o rei Ífito de Élida estava desolado. Sua terra havia sido arrasada pelas doenças contagiosas e pela guerra interminável. Como era de costume, foi solicitar apoio e conselho ao oráculo de Delfos. Após a sua chegada ao templo, disse à sacerdotisa que estava ali para descobrir um meio de acabar com a guerra e a peste que estavam destruindo o seu reino. A resposta foi clara: os Jogos Olímpicos deveriam ser restaurados e uma trégua deveria ser realizada durante a sua celebração (Cousineau, 2004). Especialmente rica de simbolismos e de significados essa narrativa. Ela acontece, inicialmente, num cenário de escuridão; o ator é um rei que, mesmo sendo bom, se encontrava esgotado e sem forças para enfrentar as mazelas que se abatiam sobre o seu reino e, sem alternativas, apelou aos deuses que enviassem uma luz; para a sabedoria divina essa luz era o desporto. Um ritual de passagem das trevas à luz. Os acontecimentos posteriores todos conhecemos: a Idade das Trevas foi substituída por um período de ouro para a humanidade em geral e para o desporto em particular. Os Jogos Olímpicos começaram assim e já duram 29 séculos.

Os Jogos Olímpicos foram, como era de se esperar, considerados sagrados e, ao mesmo tempo, “constituíram para os gregos uma força centrípeta” (Ferreira, 2000: 299); o desporto conseguiu, para aquela época, o que parecia quase impossível: unir o povo grego. Ao considerarmos esses fatos e datas, verificamos que o desporto, no seu nascimento, já recebia essa grande missão. O tempo se ocupou de mostrar que ele – o desporto –, uma instituição humana e de caráter sagrado, estava preparado para enfrentar e superar os desafios que lhe fossem destinados.

À medida que a sociedade grega foi tráfegando do período arcaico à época clássica, foi incorporando e aprimorando o seu sistema de pólis, espaço onde o indivíduo passa a se reconhecer enquanto cidadão. Surge, então, o cariz democrático do desporto configurado particularmente, quando, na “vitória olímpica, o atleta colhe o prestígio para si próprio e, através da sua pessoa, para a família a que está ligado e para a cidade a que pertence” (Silva, 2000: 66). É a socialização do êxito e, dessa forma, todos são vitoriosos, pois, contribuem – família e cidade –, de alguma maneira, para o triunfo de seu representante. Por intermédio desse *diálogo social* é que se desenvolveu o prestígio dos jogos pan-helênicos⁴⁰ e, com eles, a irmandade como expressão de união helênica. Nesses termos, cabe ressaltar que os atletas gozavam de grande prestígio por dois motivos principais: o primeiro é que, ao competir, o atleta expunha sua *aretê* e, depois, no suceder temporal, o desportista era o último elo da cadeia familiar de deuses e heróis e, como já observamos anteriormente, colocava-se sob a proteção divina que o fizera belo e bom: o *kaloskagatia* (Ferreira, 2000). Hesíodo (Teogonia 943-1008) canta, em seus versos que Hércules⁴¹ e Aquiles são exemplos de uma concepção híbrida entre humanos e deuses; o primeiro, filho de Zeus e o segundo, filho da deusa Tétis.

Nesse cenário repleto de mitos, simbolismos, deuses, heróis e atletas nasceram e eram disputados os grandes jogos pan-helênicos. Ao competir, nos limites das suas forças, em busca de uma vitória, o atleta desportivo encarna o espírito da *aretê* agônica cuja expressão é maior do que a própria competição; ele “luta contra a sua caducidade, contra os seus limites, exercitando-se nas virtudes, vencendo-se a si mesmo para que nele triunfe a sua centelha divina” (Urbano, 2000: 191), e o homem, por mediação daquele espírito, expõe-se a uma competição de dimensão divina. Por outro lado, é a “afirmação do poder humano, da sua capacidade de enfrentar os riscos impostos à própria condição, como o ideal de um objectivo que dá sal a vida e a perpetua para além das sombras, esta é uma filosofia de vida humana que enobrece o homem e que o cenário olímpico se tornou palco privilegiado” (Silva, 2000: 65), e surgem, com todo o vigor, o herói e o atleta sob a *pele* humana. O homem cria e participa dos desportos e, ao mesmo tempo, é recriado por ele que, simbolicamente, “se convierte asi en un reflejo de la vida, en una palestra adecuada donde entrenamos para encarar los conflictos, internos y externos, que aguardan su hora de asaltarnos” (Fernández, 2004: 39).

⁴⁰ Além dos Jogos Olímpicos, faziam parte dos chamados jogos pan-helênicos: os Jogos Píticos, em Delfos, em homenagem a Apolo, os Jogos Ístmicos em honra a Poseidon, em Corinto, e os Jogos Nemeus, em Neméia, em honra a Zeus. As mulheres competiam nos Jogos de Hera, quadrienais, em tudo semelhantes àqueles.

⁴¹ Herácles, ou Hércules, filho de Alcmena e Zeus era considerado o exemplo da encarnação da *aretê*.

A afinidade entre os desportos e o povo helênico fazia com que todas as pessoas do mundo grego, canonizadas pela trégua sagrada, seguissem em comunhão para o solo sagrado dos estádios, para assistir às disputas sagradas e participar delas. Nessa perspectiva, “os helenos estavam a celebrar os Jogos Olímpicos e contemplavam os concursos gímnicos e hípicos” (Pereira, 2000: 24); era a contemplação, antes de uma mera assistência ou entretenimento, de um ritual que marcaria para sempre a história da humanidade.

Os Jogos Olímpicos evoluíram no tempo e no espaço, pois os gregos de todas as pólis reuniam-se para realizar cerimônias religiosas, competições artísticas, poéticas e desportivas (Cousineau, 2004), além das outras oportunidades que estes momentos produziam. Conta-se que, num certame deste quilate, se enfrentaram Homero e Hesíodo (os grandes e antigos poetas gregos), tendo, ambos, competido de modo admirável, mas dizem que Hesíodo venceu (315, 6)⁴². Aliás, além de evidenciar as raízes de um modo de vida grego, simbolicamente estavam ali desfraldadas as bandeiras da concepção de *aretê* que, junto aos desportos ou a qualquer tarefa humana, até hoje se debate: a da aristocracia, a de sangue ou da natureza, a do esforçado, a do suor e a conquistada no dia-a-dia.

Naturalmente os Jogos Olímpicos, assim como os outros concursos desportivos, eram, e continuam sendo, uma ótima oportunidade de exposição das *aretai*. “O vencedor da mesma modalidade nos quatro jogos chamavam-se *periodonikes*” (Pinheiro, 2000: 96) ou seja: o campeão do circuito. Esse tinha direito à galeria dos imortais, além de poemas, esculturas e honras na sua cidade. A glória alcançada pelos vencedores olímpicos fazia deles semideuses e verdadeiros senhores da terra. Dessa *aretê* expressada nos jogos desportivos é que resulta a imperecível glória dos atletas, conquistada através do esforço e da superação dos desafios impostos aos mesmos; em uma única palavra: superioridade. Pereira (2000: 24) traduz a palavra *aretê* por superioridade, a qual exprimia, para aquela época, “um misto de coragem e de valor”. A essa luz, os principais poetas helênicos como Píndaro e Simónides foram os grandes interlocutores dos feitos dos atletas, conforme expusemos no primeiro capítulo.

Os desportos antigos foram gradativamente incorporando, junto com os ideais de harmonia e irmandade, o seu sentido democrático e plural – em grande parte verificado na atualidade, pois é fácil notar, especialmente se nos ativermos ao que foi descrito por

⁷ Passagem descrita no anexo do livro *Teogonia e Trabalhos e Dias*, do poeta Hesíodo (Introdução, tradução e notas de Ana Elias Pinheiro) e corresponde ao texto intitulado “Certame entre Hesíodo e Homero” (Anônimo).

Marrou (1969), referindo-se a várias etapas da história grega e, em particular, ao período helenístico, a sua construção plural: jogos desportivos destinados a meninos, a jovens (de ambos os sexos), às mulheres e aos homens. Os certames de que, inicialmente, apenas participava a aristocracia foram, aos poucos, sendo difundidos entre representantes das camadas populares, sendo, estes, convidados a competirem, em igualdade de condições, com aqueles. Havia uma variedade de modalidades desportivas, tais como: ginástica, atletismo, luta, jogos com bola, entre outros, além da natação. Essa modalidade levou Platão (Leis, 689d) a colocar em dúvida a sabedoria daqueles que não sabem nem ler nem nadar. Verificamos, também, que havia exercícios desportivos e atléticos vinculados à saúde, à escola, ao alto rendimento, etc. Esse movimento desportivo era responsável pela organização de um processo de treino muito parecido com a nossa prática de treinamento desportivo, com exercícios de várias intensidades e dirigidos por um mestre de atividades desportivas, o qual deveria ter conhecimentos, tais como: leis de higiene, prescrições relativas ao desenvolvimento do corpo, efeitos que os exercícios causam, assim como dieta para cada tipo de temperamento. Então, por isso, Filostrato (in Marrou, 1969: 196) analisa as qualidades dos *pedótribas*, aos quais exigiam-se “a cada uma das especialidades atléticas para aquilatar a que grau de requinte e de precisão o gênio analítico da razão grega pudera chegar neste domínio”. Destacamos, ainda, a importância do caráter pedagógico dos desportos que, desde aquela época, visava à educação para a vida. Sobre esse tema há uma referência singular, pela qual Marrou (1969: 185) distinguiu o desporto no seio e ao longo do processo de educação, na civilização grega: “O esporte não é para os gregos apenas um divertimento apreciado; é algo de muito sério, que se relaciona com todo o conjunto de preocupações higiênicas e médicas, estética e éticas a um só tempo”; desde os tempos mais remotos o desporto, esboçado pelo sentido do verdadeiro e perfeito cavaleiro, herói e atleta, assim também como pelos deuses (dos quais tudo se originou), no sentido de formação integral e coroado pelos valores, ensinou “como portar-se no mundo, como reagir ante as circunstâncias imprevistas, como proceder e (...), como falar” (Marrou, 1969: 22); uma educação forjada desde os tempos de Homero e que foi exposta pela voz de Fênix.

3.6 - *Desporto e o mosaico das aretai*

A *aretê* helênica pode revelar, a partir de cada período de manifestação, alguns dos mais profundos sentidos e significados dos desportos. No tempo de Homero e Hesíodo, encontramos e identificamos alguns dos mais significativos atributos vinculados ao significado da *aretê* aristocrática como: nobreza, valentia, vigor físico (força, velocidade, resistência), disciplina e determinação, trabalho, superação, entre outros (Jaeger, 2003; Kitto, 1990; Ferreira, 1996; Marrou, 1969). A questão é simples: qual é o atleta desportivo que pode prescindir dessas qualidades nas tarefas de treino e de competição? Resposta fácil: nenhum. O exemplo também é simples: para o caso de uma ação tática defensiva (futebol, basquetebol, handebol, etc.), na maioria das vezes, necessita-se de atletas determinados, valentes e corajosos, disciplinados (Monteiro, 1995) e, além disso, esforçados e trabalhadores – tanto nos treinos quanto nos jogos de confronto –, enfim, um exemplo de superação.

É na estrutura social da pólis que acontece a vida comunitária e, com isso, uma ampliação da cultura clássica. A pólis é tida como o centro irradiador de todas as virtudes, já que, entre elas, encontramos a amizade, a cooperação e a solidariedade. Nesse tempo, o atleta desportivo era o real representante de sua cidade e, como tal, “eram recebidos com festejos nas suas cidades e cumulados de honras” (Ferreira, 1996: 299). Com isso verifica-se que, nos desportos, ontem como hoje, se desenvolve, a partir da competição, um sentido de organização coletiva entre os diversos integrantes dos diversos clubes, das diversas comunidades, das diversas culturas, de diversos sentimentos e outras diversidades, os quais estão disponíveis e entretidos na natureza universal dos desportos, uma vez que, entre outras acentuações a “competição é uma força socializadora, porque para competir precisa-se dos demais: ninguém compete só” (Savater, 2000: 97). Pela competição aprende-se a cooperar. A cooperação é a base de uma duradoura relação de companheirismo; nesses domínios, a criança, o jovem e o adulto aprendem, desenvolvem e aprimoram os sentidos de amizade, solidariedade, comunhão, etc. Trabalhar juntos ajuda a conseguir coisas importantes e, além disso, os adversários são dádivas valiosas que nos ensinam desenvolver atributos físicos, motores, emocionais e espirituais que, talvez, não se conseguisse sem eles (Lynch e Al Huang, 1998). Do ponto de vista ético importa que os adversários se exijam mutuamente. É por essas razões que, nos fundamentos do desporto, provavelmente encontremos a síntese de múltiplas determinações sociológicas, axiológicas e culturais, e é na síntese múltipla dos diversos jogos que se compõe a dialética da existência

humana (Murad, 2006). É no clube desportivo, no estádio, na pista, na piscina, ou em qualquer outro espaço em que se perfila o desporto que surge algo de comunitário, alinhado aos valores de solidariedade, amizade, sacrifício pelo bem comum e os princípios da ética, além de outros valores especialmente caros à humanidade.

Foi, então, através de Sócrates – primeiramente –, Platão e Aristóteles que a *aretê* passou a ser considerada como virtude. São elas, nos diálogos de Platão, a sensatez, a perseverança, a prudência, a justiça, a modéstia, a sabedoria e, além da preocupação constante em elucidá-las, essas virtudes são a base da educação do homem ideal que estaria a serviço da cidade ideal. Nesse sentido, ocorre-nos a intenção de estabelecer a relação entre as virtudes socráticas e o desporto que, a nosso ver, demonstra a abrangência do cariz educativo estabelecido, desde há muito, no âmbito da prática desportiva. Bento (1989) considera o desporto, além de outras acentuações, como sensato. Essa sensatez está estampada no cuidado do ritmo de incremento de cargas, do desenvolvimento multilateral do organismo e da capacidade de rendimento, além da possibilidade de ampliação e aperfeiçoamento das relações coletivas, melhoria da qualidade de vida e fluidez de dignidade.

A perseverança é o esforço continuado com vistas a um interesse definido e livremente escolhido. Marques (2006: 146) relembra que os “motivos que perfazem o valor educativo do desporto (...) de trabalho persistente para superar as dificuldades”; o atleta desportivo nunca será capaz de concretizar os seus mais acalentados sonhos se não estiver munido de uma das mais significativas *aretai*, a perseverança. Quanto à prudência, podemos salientar o que nos aponta Monteiro (1995) a respeito da tática desportiva e, particularmente, do momento em que uma equipe deve manter prudentemente a posse de bola, a fim de não dar oportunidade aos adversários que, estando de posse dela, podem oferecer perigo a sua baliza. Torna-se prudente, em certas ocasiões, junto ao treino desportivo, aconselhar uma conduta de vida adequada com as exigências da vida desportiva e, no mesmo passo, dependendo do momento, estabelecer uma prudente relação entre a quantidade e a qualidade de cargas de treino. Além de tudo, no desporto para crianças e jovens, é considerado de extrema prudência à necessidade de desenvolvimento das competências nas disciplinas escolares.

A justiça era um tema tão importante para os antigos gregos que, de acordo com Vaz (2004), havia para eles uma correspondência reinante entre a ordem do universo e a ordem da cidade regida por leis justas. As regras (leis) eram, então, a sustentação da pólis, uma vez que evitava, pela ordem, o caos (ao contrário do que, atualmente,

assistimos em muitas das nossas cidades), uma das bases da idéia grega sobre a ciência do agir humano (a ética). Nesse entendimento, o desporto dá uma grande contribuição pedagógica, demonstrando a possibilidade da manutenção da ordem universal através do seu sentido de ser a própria ordem no caos (Bento, 1992). Para referendar, confirmar e não deixar dúvidas a respeito dessa tese, lembremos, então, Sócrates no diálogo Górgias (504b-504c): “Que nome tem, no corpo, o efeito da ordem e do equilíbrio?”. Cálicles responde: “Referes-te talvez à saúde e à força” e Sócrates declara: “Nem mais. (...). Afirmo eu, portanto, que se dá o nome de sanidade à ordem do corpo que gera a saúde e as outras boas qualidades corporais”. O desporto, assim como todas as sociedades, possui as suas leis, as vinculadas ao direito e ao desportivismo – o universo também é dirigido por leis físicas, químicas, biológicas, entre outras. As regras desportivas são erigidas em “face a um valor ético – igualdade entre os praticantes – balizado por uma norma jurídica – regulamentos federativos” (Garcia, 2006a: 159). Essas regras impõem, entre outras, determinados limites aos atletas desportivos na busca de suas metas, por meio de exames antidoping e leis anti-racismo, contra a violência e as fraudes. Recentemente, o futebol da Itália ofereceu um extraordinário exemplo à sociedade ao punir, logo após o campeonato mundial de futebol (2006), quando a Itália sagrou-se campeã, todos os clubes da 1ª divisão italiana envolvidos em caso de trapaça no campeonato italiano de 2005/2006. “Há um limite ético e esse limite é o quadro axiológico por onde o desporto se rege” (Garcia, 2006a: 149). A essa luz, verificamos que tudo é possível na perspectiva da libertação das forças do homem ideal e do equilíbrio dessas com o universo imanente e transcendente. Sendo assim, a superação física, vista como a exploração dos limites físicos humanos, encontra-se subordinada à ética. A partir dessa observância, a ética deixa de ser um fator limitador para transformar-se num *trampolim* axiológico; um salto para a transcendência; um movimento interno que eleva, conduz e torna os desportistas mais plenos e em harmonia com a ordem universal.

A humildade, quando genuína, era uma virtude especialmente considerada entre os gregos, porém Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1123b, 10) chama a atenção para o fato de que as “pessoas que se consideram menos merecedoras do que são em verdade, são indevidamente humildes, quer seus méritos sejam grandes ou moderados, quer sejam pequenos mas suas pretensões ainda menores”. Falsa humildade – e modéstia – ou baixa auto-estima, esses sim não eram dignos de serem considerados e apreciados, pois, atitudes dessa natureza levam os homens a consumirem-se em atitudes, sentimentos e

esperança aquém das suas necessidades e possibilidades. Entretanto, a autêntica humildade, aliada à suprema dignidade foi apresentada por Platão (Apologia de Sócrates, 21b), nas palavras de Sócrates quando, no seu julgamento, não aceitou ser considerado como sábio: “Sei muito bem que não sou sábio, nem muito nem pouco”. Essa afirmação era coerente ao fato de, quando o filósofo consultou o oráculo sobre qual seria o homem mais sábio da Grécia, a resposta ser: Sócrates, aquele que “reconheceu que o seu saber é, na verdade, inteiramente, desprovido de valor” (23a). Essa simplicidade, verdadeira, admite que, contrariamente ao que muitos *sábios* imaginam, o conhecimento humano possui suas limitações e que a sabedoria só pode ser encontrada por meio do autoconhecimento ou do conhecimento divino. Esse estado de consciência revela a força da alma que nada teme e, por isso, a sua defesa no tribunal ateniense, embora ele tenha sido condenado, rendeu-lhe a imortalidade. O modo de ser, de estar e de fazer do filósofo da maiêutica era um compromisso inarredável com uma pedagogia profunda da vida do corpo e da alma, um domínio de si e da liberdade interior. No desporto moderno, todos sabem que se paga um preço muito alto, quando não se observa a lei da humildade e da modéstia. Se achamos que somos especiais e nos situamos acima dos nossos adversários, imediatamente a *professora derrota* castiga-nos com a sua frustrante presença. É a “pedagogia da modéstia e da humildade” que Bento (1999) nos apontou e que voltaremos, mais tarde, a discutir melhor. Por agora, assinalamos que essa é uma pedagogia que escreve, na prática desportiva, pelas tintas do sentimento, um ideal de fortalecimento e aprimoramento das estruturas internas com o intuito de uma realização harmônica da conduta pessoal, desportiva e transcendente.

A sabedoria⁴³ nos diálogos de Platão, em particular no Protágoras, é considerada como uma virtude fundada no conhecimento. Como exemplo, podemos citar que os corajosos assim o são, porque conhecem a arte de analisar as diferentes situações de risco e distinguir, baseados no conhecimento sobre si e do que é capaz, a melhor maneira de atuar e de enfrentar os desafios (Protágoras, 359a – 360e). Assim, a *aretê* é considerada como um conhecimento, um saber (sabedoria), ou seja, o conhecimento do bem. Para agir bem, visando à excelência, é necessário o conhecimento. Aristóteles nos deu notícia de duas sabedorias: a prática e a filosófica. A sabedoria prática relaciona-se

⁴³ Existem muitas definições sobre sabedoria; neste trabalho, consideramos o que nos foi legado por Sócrates, Platão e Aristóteles. Sócrates espelhava a sabedoria como um saber do homem sobre o homem, e com essa sabedoria era possível ser um verdadeiro sábio (Reale e Antiseri, 1991). Na *Ética a Nicômaco* (1141a, 15) se lê: “A sabedoria (...), entre todas as formas de conhecimento, a mais perfeita. Daí se segue que o homem sábio não apenas terá conhecimento do que decorre dos primeiros princípios, como também terá uma concepção verdadeira a respeito desses próprios princípios. Portanto, a sabedoria deve ser uma combinação da razão intuitiva com o conhecimento científico – uma ciência das coisas mais elevadas, isto é, a excelência que lhe é própria”

com uma determinada capacidade, ou competência, verdadeira e raciocinada de agir; os dotados de sabedoria prática podem ver e fazer o que é bom para si e para os homens em geral (Ética a Nicômaco, 1140b, 5-10). Além disso, o filósofo de Estagira acrescenta que a arte é uma sabedoria que somente os mais perfeitos expoentes (escultor, citarista, ator e, por que não, o atleta) possuem; “por sabedoria não queremos dizer outra coisa senão a excelência na arte” (Ética a Nicômaco, 1141a, 10). A fim de reunir, num só contexto, as expressões da sabedoria prática e a sua consorte, a arte, recordemos a ação desportiva que acontece no espaço do futebol, quando um atleta com pleno domínio do seu corpo e do ambiente desloca-se, salta, dribla, chuta, cria e recria, imprimindo em cada técnica, direcionada à perfeição, um requinte artístico de excelência e de virtuosidade; a partir do entrosamento com seus companheiros de equipe, agita-se e agiganta-se na direção do lúdico e do lúcido, promovendo alegria, satisfação e êxtase. Esses princípios são alguns dos que ajudam a libertar a felicidade de todos. Sendo assim, no estádio de futebol, como em qualquer outro estádio ou ginásio, “entram o espanto, a invenção artística, a liberdade, a espontaneidade. Um futebol cheio de fagulhas de gênio, apolíneo sem deixar de ser dionisíaco...” (Bento, 2006b: 141).

No desporto, é necessário o conhecimento do corpo e de suas condições, possibilidades, limitações e potencialidades e, também, a inteligência aplicada ao movimento: um tipo de sabedoria, uma possibilidade de realização pessoal e de um exercício de renovação com o objetivo de fazer da excelência desportiva a obra de uma vida. “A atividade desportiva é uma genuína exercitação da pessoa, revestido inteiramente a forma de um exercício de autodisciplina, de um processo de purificação, isto é, uma *forma de ascetismo* secularizado” (Bento, 2006a: 54). Ver o desporto desse modo é vê-lo como uma forma de sabedoria expressada pelas mãos e pelos pés, partes da anatomia, que retêm a forma da alma e que, ao mesmo tempo, a desenha e a modela.

Sendo assim, não fica disparatado considerar a pedagogia do desporto, rematada pelos princípios e valores da *aretê*, como uma (pode ser) uma pedagogia dialéctica do desporto, senão vejamos: “O conhecimento do bem (...), é algo mais vasto que a bravura, a justiça ou qualquer outra *arete* concreta. É a *virtude em si*, que se revela de modo diverso nas diversas virtudes” (Jaeger, 2003: 566). Ou seja, pegando o exemplo da coragem: um homem corajoso, mas irracional, injusto e desregrado poderá ser um bom (mesmo assim, é duvidoso) soldado na guerra, mas nunca será um valente para si próprio e para os seus inimigos internos e invisíveis, que são os seus instintos desenfreados e os sentimentos deformadores e paralisantes (Laques, 191d). A essa luz, a

sabedoria incrustada na pedagogia do desporto é a possibilidade de formar o atleta e o homem para o entendimento de que não são apenas as vitórias conquistadas nas quadras, nas piscinas e nos campos as únicas que eles podem alcançar; as vitórias desportivas são a oportunidade de educação para a aquisição de vitórias sobre si. Quando concebida desse modo, a pedagogia do desporto converte-se na *paidéia* dos desportos, orientando e disponibilizando as *aretai* como a determinação, a disciplina, a superação, o heroísmo, entre outras, para as grandes realizações humanas e mesmo para a salvação humana, pois “a vontade baseia-se sempre, por natureza, no saber; e a consecução deste saber (...), representa a perfeição humana (Jaeger, 2003: 570). “O fim de todos os nossos actos é o bem” (Górgias, 499e), portanto, o fim de toda a aventura, de todos os desportos, de toda a vida e de todas as *aretai* é o bem.

Como já vimos no primeiro capítulo, a *paidéia* grega foi considerada por Jaeger (2003), como a mais alta *aretê*. Desde os tempos mais remotos, a educação grega foi sendo efetivada através da prática da fala ao ouvido e da ação aos olhos e daí para a alma, formando a personalidade, a alma e, portanto, o modelo de homem ideal que se apresentava coerentemente no modo de ser e de estar. Nesse sentido, consideramos interessante salientar alguns dos meios utilizados na consagração desse ideal e que também, de várias maneiras, se apresentam associados ao desporto. São eles: O Exemplo, Limites e Oportunidades, Conselho e Aprendizagem e Valores do Desporto.

Os grandes exemplos do processo de educação, nos tempos primitivos, podem ser ilustrado através dos grandes mestres dessa arte, como Quíron e Fênix (Jaeger, 2003; Marrou, 1969). De sabedoria pedagógica, Quíron era um mestre por excelência, dedicava-se à educação dos seus discípulos (heróis), inspirando-lhes o amor ao heroísmo, além do tratamento para a saúde, a caça, as nobres artes cavaleirescas, o desporto e etc. (Jaeger, 2003; Marrou, 1969). Além de Aquiles, Quíron foi também o educador de guerreiros como: Asclépio (o filho de Apolo), Jasão, Nestor e outros (Marrou, 1969). Com uma personalidade menos mística, Fênix, é considerado, conforme aparece na *Ilíada*, o verdadeiro educador do herói Aquiles, uma proposta de formação destinada a erigir o duplo ideal do cavaleiro perfeito (*Ilíada* IX, 442-443). Encontramos, portanto, desde o princípio da cultura ocidental um tipo de educação na qual “o jovem recebia dos conselhos e dos exemplos de um mais velho...” (Marrou, 1969: 25) uma orientação a ser seguida. Desse modo, o herói passa a ser, igualmente, modelo de educação de um outro herói, bem como de toda a juventude durante gerações. Hesíodo (Trabalhos e Dias, 296) revela uma especial disposição em

consolidar esse modo de educar, quando declara: “...bom é também aquele que obedece a quem bem o aconselhar...”

Nos desportos se aprende muito através do exemplo, do conselho e, por meio desses, também são conhecidos os limites e as oportunidades; “o *atleta* é um *símbolo cultural*, uma expressão paradigmática do Homem ocidental” (Bento, 2006a: 83). O exemplo, assim como o conselho prático desses heróis da atualidade, inspiram os jovens a terem uma atitude saudável e positiva em relação às suas possibilidades futuras e adquirirem a confiança de que podem – pelo esforço, dedicação, disciplina, modéstia e superação – transcenderem, muitas vezes, um destino que, de início, parece nebuloso, mas que, depois, torna-se realidade isto é, o sonho de vencer as dificuldades e desafios, convertendo-se num campeão, nos desportos e na vida. Um belo caminho, uma bela *aretê* conquistada.

No ambiente desportivo, Quíron e Fênix simbolizam os atuais treinadores: os que dão atenção à vida escolar, social e familiar de seus atletas, apóia-os em suas dificuldades técnicas, comportamentais e emocionais, preocupam-se em promover treino (técnico, tático, ético e teórico) de qualidade superior, desenvolvem uma relação de confiança mútua, incentivam e orientam um estilo de vida saudável e compatível com o desporto além de estimular, nos horários de folga, o desenvolvimento de novos conhecimentos e de uma saudável relação social (pais, amigos e colegas) (Marques, 2006).

O item referente aos valores do desporto como estrutura pedagógica e de expressão formativa, como edificação da excelência nos desportos, será tratado mais adiante, quando discutirmos sobre a importância axiológica da vitória e da derrota.

Após termos demonstrado algumas espécies de *aretai*, chegamos ao que poderíamos chamar de cume das *aretai*: *aretê* transcendental. Essa designação, e seu estudo, se deve ao fato de autores clássicos (Platão, Sócrates, Aristóteles, Píndaro, Simônides e outros) e autores atuais (Jaeger, Kitto, Marrou, Pereira e outros) considerarem a *aretê* como divina: “...parece que só por obra do acaso divino que a *arete* pode existir no mundo...” (Jaeger, 2003: 716). Dada a importância do tema, preferimos realizar, no próximo capítulo, as reflexões a respeito da *aretê* transcendental e a sua manifestação no universo do desporto.

Mesmo sustentado por valores religiosos, humanos e éticos e contando com uma extraordinária distinção popular, o desporto, como qualquer instituição humana, foi alvo de pesadas críticas, embora pontuais, por parte de alguns pensadores como Xenófanes

(tratado no capítulo 1) no seu “Elogio da Sabedoria” (Pereira, 1982: 119-120), que, quando estabelece uma crítica ao desporto, expõe, na verdade, um carácter corporativo e utilitário que não deixava de existir já naquela época: “Pois melhor que a força de homens e de corcéis é a nossa sabedoria (...). Pequeno prazer seria para a urbe que alguém vencesse nas provas (...). Pois não é isso que enche os cofres da cidade”. Outro que dirigiu alguns ataques à prática desportiva foi Séneca (séc. I d.C.) que, talvez por razões de saúde ou por adesão aos ideais da religião monoteísta, opõe-se claramente às atividades desportivas (Pimentel, 2000). Sem contar que, com a cristianização do Estado e dos costumes, foi desencadeada, muito em função da dicotomia entre os valores do corpo e os da alma, uma repressão a tudo que lembrava o estilo de vida pagão. Mensagens em tom de admoestação severa, dirigidas à população cristianizada, pregavam a repressão ao “acesso dos crentes aos jogos, e apela para a sua extinção” (Dias, 2000: 167). Pelos motivos expostos, no ano de 394 d. C., os Jogos Olímpicos foram, bem como todas as outras festividades pagãs, proibidos pelo então Imperador Teodósio I. E, em 420 d. C., Teodósio II ordena o incêndio do templo de Zeus, (Melo, 1996; Cousineau, 2004); atingindo barbaramente o berço e o coração dos Jogos Olímpicos.

Os desportos perderam a sua magnanimidade do período grego (arcaico, clássico e helenístico), mas aguardaram pacientemente a oportunidade para ressurgir; eles não haviam sido esquecidos... Apesar de tudo, as histórias dos grandes heróis e dos atletas, embora distantes, permaneciam inspirando muitos corações e almas; o ideal olímpico de um modo de vida baseado nos princípios e nos valores norteadores da *aretê* – saúde, beleza e virtude – esperava pelo seu segundo ressurgimento. A espera foi longa, mas o renascimento aconteceu...

3.7 - O ressurgimento dos Jogos Olímpicos

O segundo surgimento dos Jogos Olímpicos, curiosamente, se deu também num momento de turbulências sociais, causadas, principalmente, pela revolução social francesa no século XVIII e na lógica económica da revolução inglesa no século XIX (Garcia, 2006a). Foi assim que o francês Pierre de Coubertin, de fé inquebrantável (os verdadeiros desportistas são assim), conseguiu apoio à sua ideia de reintrodução dos Jogos Olímpicos através do Congresso Internacional realizado em 23 de Junho de 1894

(Universidade de Sorbone)⁴⁴. E, em 1896, em Atenas, fez ressurgir os Jogos Olímpicos da era moderna. Esse eminente pedagogo e historiador foi inspirado pela tradição de uma história sagrada, que conseguiu e manteve a união de um povo (grego). E poderia acontecer novamente. Entretanto, como sinal dos tempos, os investimentos financeiros deveriam ser feitos pela própria sociedade, os jogos deveriam ter a participação do público em geral e, principalmente, deveriam servir à formação de rapazes moralmente sãos e úteis à sociedade (Botelho, 1990). No rumo desses acontecimentos, verifica-se que “o século XIX pode ser considerado como o século do(s) materialismo(s) pelo que é de aceitar que muitas das actividades humanas se tivessem tornado interessante do ponto de vista mercantil” (Garcia, 2006a: 153). Muda-se o tempo e altera-se a escala de valores. Agora são questões relacionadas com investimentos, recursos financeiros, infraestrutura sofisticada, profissionalismo, eficácia, etc.. Os interesses políticos e econômicos são, não raramente, os causadores de infertilidade das grandes idéias e os grandes movimentos de aproximação humana. As diferenças sócio-econômicas e o desequilíbrio de poder, muitas vezes, são apontados como elementos que geram uma relação de pouca solidariedade e de menor consideração pela dignidade alheia. Os desportos, muitas vezes, expõem essas contradições mas, paradoxalmente, são o espaço da regeneração das diferenças e das oportunidades. Por isso, o nosso foco é a discussão da vertente mais livre, encantadora e reconstrutora que os desportos possuem. Há motivos de sobra para essa nossa escolha, mas um deles repousa na manifestação de Moltmann (1989: 109): “Se os jogos olímpicos sofrerem, toda a comunidade universal sofrerá. Se morrer a idéia olímpica, é sinal de que o nosso futuro está morrendo”. Que vivam os ideais olímpicos!

O desporto sempre despontou como um força norteadora e catalizadora das mais nobres referências circunscritas no âmago da identidade humana. Do seu ressurgimento para cá, ele tem que se confrontar com a vertente dos valores econômicos e utilitários; o que, sem dúvida, é um desafio e, ao mesmo tempo, essa relação acaba por oferecer munição aos críticos contumazes. Além da vertente econômica, gradativamente, em função da ênfase racional, o desporto olímpico foi buscando cada vez mais a lógica das ciências e da tecnologia. Garcia (2005) sustenta que a racionalidade cognitivo-instrumental tem-se imposto no espaço desportivo, limitando um outro tipo de pensamento, de cariz mais contemplativo, e que agora importa recuperar.

⁴⁴ Este congresso levou à constituição do Comitê Olímpico Internacional, do qual o barão de Coubertin seria secretário-geral. Foi também decidido que os primeiros Jogos Olímpicos da era moderna teriam lugar em Atenas, na Grécia, e seriam realizados periodicamente, de quatro em quatro anos.

Exatamente por isso, mesmo tendo os ventos desfavoráveis tal como as velas de uma embarcação que aproveita, para sua navegação, até os ventos contrários, o desporto, munido dos valores humanistas, culturais e espirituais (como no seu primeiro renascimento em 776 a.C.), realçando o interesse de patrocinar união entre os povos, baseado nos princípios da amizade e da solidariedade, cruzou o oceano de riscos, acabou por conquistar a confiança, a simpatia e, por conseguinte, uma massiva adesão a sua causa, tornando-se, hoje, um dos maiores eventos de enaltecimento e de elevação da humanidade – a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos. Esses ideais, em grande parte vinculados nas colunas e no interior dos templos da Antiga Grécia, e imortalizados por Pierre de Fredy, têm sido os grandes pilares que sustentam, em meio a diferentes desafios, a pureza do desporto e, ainda hoje, fazem parte da sua dimensão ética (Garcia, 2006a). Enquanto instituição, os Jogos Olímpicos renasceram e se desenvolveram à luz dos mais sublimes ideais éticos, como a superação de barreiras preconceituosas (cor, religião, status social, sexo, etc.) e a busca pela paz entre as nações e a amizade, cooperação e solidariedade entre os povos. Diante de tamanha importância, o olimpismo foi considerado por Coubertin como uma religião, exaltando assim os valores religiosos: “o novo esporte olímpico foi glorificado como *dom dos deuses...*” (Moltmann, 1989: 110). Os atletas, os dirigentes, adeptos, população e a humanidade inteira deveriam, unidos pelos laços fraternais, estar ligados à religião do desporto; ninguém deixaria a sua religião, mas a participação na religião olímpica seria um modo de trazer paz à rivalidade religiosa no mundo (Moltmann, 1989). Esses, afinal, são os valores que devemos lembrar, recuperar e atualizar, a fim de louvar aquilo que de melhor a humanidade concebeu ao longo de toda a sua civilização.

Os Jogos Olímpicos despertam em todos, em meio à exposição dos movimentos que exaltam a força, a beleza, a garra, a harmonia, o sincronismo, a alegria, a intensidade e o excesso, uma profunda lembrança que gira em torno do nosso íntimo, ali onde está plasmada a alma humana (Melo, 1996); num momento somos corpo feito de alma e uma alma em forma de corpo. É desse modo que podemos entender a perfeição humana, ou seja, quando observamos, por exemplo, nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992, aquele arqueiro, encarnado pela centelha de Zeus, enviar, como um raio coruscante, certamente, a flecha que transmitiu definitivamente a chama olímpica àquele estádio! (Melo, 1996: 523). Quem pode ficar indiferente àquele momento? Nem os homens mortais, nem os deuses imortais!

Os jogos desportivos modernos são uma atividade de busca pelo reencontro com as nossas origens, onde os deuses e os seus poderes são colocados à prova na luta, primeiramente, para sua sobrevivência e, depois, contra o caos e os Titãs (Hesíodo, Teogonia, 390-394). É na origem que se encontra “a fonte onde o homem procura continuamente o sentido da sua existência” (Costa, 2006: 50) e porque, convenhamos, não faz sentido viver uma vida sem sentidos. Ao percorrermos acerca do sentido de nossa existência, vamos encontrar nos desportos algumas respostas que podem nos dar algum conforto, uma vez que, tanto nos desportos como na vida “no es solo lo que hacemos, sino el porqué de nuestro actuar, lo que rubricará el éxito o el fracaso de nuestra existencia” (Fernández, 2004: 40). É no *por quê atuar* que se desenrola o drama humano e a finalidade de viver com que os atletas das diferentes modalidades e níveis de capacidade se deparam no seu dia-a-dia. Sendo assim, devemos considerar a saga dos atletas-heróis, ao longo da jornada olímpica, como um mosaico de crônicas e de fatos, que ilustram a verdadeira face da história dos homens, de cada homem e da humanidade. E, ao expô-las, estamos, mais do que narrando acontecimentos históricos ou enaltecendo os eventos, evidenciando o encontro com as nossas raízes e com os sentidos que conformam a nossa herança divina e a exaltação da existência humana. Essa, talvez, seja uma das maiores, senão a maior enunciação pedagógica dos desportos.

Isso pode ser uma utopia? Pode ser! Entretanto, o “desporto cumpre uma importante função utópica” (Garcia, 2006a: 155). Lembramos que a propalada crise dos valores com ênfase no materialismo é responsável, em grande parte, pelo mal-estar que grassa em nossa sociedade. Para Costa (2006: 60) uma “redescoberta do sentido do desporto e da sua mensagem mítico-religiosa e verdadeiramente profética pode ser o caminho da salvação para o homem do terceiro milénio”. Voltaremos a esse assunto mais adiante. Por ora, vamos lembrar alguns dos feitos humanos desfraldados no *podium* desportivo; são os exemplos de excelência e de virtuosidade que ajudam a animar as almas, inspirando-as – *pindaricamente* – para serem o que devem e podem ser.

Citemos, então, alguns exemplos de excelência e de virtuosidade nos desportos.

Nos Jogos Olímpicos de Berlim, Cousineau (2004) narra o caso em que os árbitros desportivos encerraram a prova de salto em altura por causa da iluminação deficiente; resolveram, por isso, dar, de forma arbitrária, as medalhas de prata e de bronze, respectivamente, para Shuhei Nishida e Sueo Oe. Os dois atletas japoneses, por não se contentarem com a decisão dos juizes, cerraram as duas medalhas no meio e as

colaram de novo, metade prata e metade bronze, demonstrando, assim, uma prova de solidariedade e amizade que, através dos tempos, emociona a todos. Roma (1960) foi palco da história da atleta Wilma Rudolph, conhecida como a Gazela Negra que, na infância, foi acometida de várias doenças que a obrigaram a andar de muletas. Ela superou todas as dificuldades e, como exemplo de coragem e de perseverança, aos 16 anos, foi jogadora de basquetebol e, depois, ganhou duas medalhas de ouro nas provas de 100 metros (bateu o recorde dessa prova) e de 4x100 metros. As Olimpíadas de Sidney (Austrália) ficaram conhecidas como os jogos da reconciliação. A principal demonstração ocorreu na cerimônia de abertura, quando a corredora Cathy Freeman, uma aborígene australiana, perante três bilhões e setecentos milhões de pessoas, entrou no estádio totalmente lotado, carregando a tocha e acendeu a pira olímpica. A mensagem de reconciliação interna era também uma demonstração de pendor multicultural que surgia e se afirmava naquela celebração. Dias depois, Freeman venceu a prova de 400 metros, batendo o recorde; na volta da vitória, carregavam as bandeiras a aborígene e a australiana (Cousineau, 2004). Uma sólida demonstração de que a *aretê* permanece viva e nasce em todas as partes do planeta e em todas as pessoas; um exemplo de determinação e de heroísmo que, com certeza teve, e tem, um grande impacto junto aos jovens australianos e aos da comunidade indígena. O ideal de excelência que permeia os desportos, *Citius, Altius e Fortius*, significa mais rápido, mais alto e mais forte; e se constitui num autêntico imperativo ético da vida humana naquilo que consideramos ser uma eterna inspiração e aspiração à transcendência (Garcia, 2005) e que designa a sede das referências humanas para a construção de uma sociedade melhor, a qual só pode ser construída através de pessoas melhores.

Os Jogos Olímpicos, através das suas diferentes versões (Verão, Inverno e Paralímpico) assumem-se, no tempo presente e passado, como uma das “manifestações onde o homem busca transcender-se, de transpor os limites da sua condição – fatalmente mortal –, de ascender à dignidade de herói mítico, saindo desse tempo linear para entrar num outro tempo, o tempo do eterno retorno, o tempo do sempre” (Garcia, 2006a: 142). E, desse modo, entrar no *Panteão da Humanidade*, dimensão onde se encontram aqueles imortais, os mais dignos representante da espécie humana, tais como: Gandhi, Einstein, Madre Teresa de Calcutá, Leonardo da Vinci, Miguel Torga, Sócrates, entre outros (Garcia, 2006a). Da mesma forma, não temos dúvidas em apontar, pelos seus feitos extraordinários, muitos atletas que podem figurar nessa Academia, conforme demonstramos no parágrafo anterior. Pelo menos essa é a assertiva de Garcia (2006a:

142) quando pergunta: “Quem duvida da presença de Zatopek na galeria dos imortais?”. O próprio autor responde: “Foi através do desporto, particularmente das suas proezas olímpicas, que a locomotiva humana ganhou o direito de se sentar junto das pessoas mais ilustres de sempre”. Pelo seu talento, esforço, dedicação, perseverança, paciência, coragem e superação, Zatopek, e outros desportistas dignificam, elevam e tornam melhor a nossa existência.

3.8 - Desporto: Um caminho para crianças e jovens

Antes de tratarmos o assunto sobre a importância pedagógica e antropológica do desporto para crianças e jovens, é necessário realizar duas observações preliminares. A primeira é, como já vimos, que desde muito cedo, na Grécia Antiga, as crianças e os jovens eram educados, especialmente, através do desporto. Platão, na *A República*, tratando sobre a cidade ideal, indica a necessidade da educação dos jovens ser aprimorada pelos desportos (ginástica) e pela música no sentido da alma. Segundo Marrou (1969), na Grécia Antiga, a educação no desporto e pelo desporto era, antes de tudo, uma idealização moral. A pedagogia era para se desenvolverem as *aretai* do corpo como a saúde, a força, a destreza, etc. e assim, submetendo o corpo ao esforço e à superação, atingir a beleza externa e, ao mesmo tempo, aprender a dominá-lo. Além disso, havia outro objetivo mais profundo, o da educação da alma, à qual se dava, adquirindo as suas correspondentes *aretai*, sagacidade e penetração (Jaeger, 2003); o desenvolvimento e aprimoramento tanto de um (corpo) como da outra (alma) situavam-se na esfera ética. Uma especial oportunidade, desde muito jovem, de auto conhecimento e de tornar-se um *kaloskagatia*, a saber, o bom e belo. Esses atributos eram colocados em prova na competição e não significavam simplesmente a superação física do adversário, mas a comprovação da *aretê* conquistada na rigorosa exercitação e exploração das suas qualidades pessoais (Jaeger, 2003). Nesse sentido, os jogos pan-helênicos, no primeiro dia, destinavam provas desportivas às crianças e jovens (Cousineau, 2004). Nessa faixa etária, para o ensino e o treinamento dos desportos, se verificava a importância do exemplo prático e também da teoria; os gregos já se haviam alçado acima do puro empirismo. (Marrou, 1969).

A segunda observação é a da tentativa de se requisitar uma educação desportiva para crianças e jovens (do homem) de excelência, baseada nos princípios de uma *peda(antropa)gogia* do desporto, pois, segundo as reflexões de Patrício (1992: 11): “O

termo pedagogia (...) – é hoje inadequado para exprimir o conceito actual da disciplina e actividade humanas que têm por objeto a educação. A educação é-o da criança por sê-lo homem”. Portanto, o autor sugere uma disciplina que ele denomina como antropagogia, tendo essa, a finalidade de formação do homem na sua humanidade: “uma pedagogia que quer despertar o homem presente na criança, mas que quer ao mesmo tempo conservar a criança presente e viva no homem” (Patrício, 1992: 11). Vista dessa forma, a pedagogia ou antropagogia do desporto passa a ser, simultaneamente, um meio de conhecimento da criança e do jovem, enquanto homem, e reveste, ou recupera, o cariz ético do caminho ascensional do ser humano. Cumpre-nos, então, apontar as configurações antropológicas, ontológicas e axiológicas da pedagogia dos desportos. “Por isso o apelo pós-moderno ao regresso da Antropologia e da Filosofia pela mão da Pedagogia é, sobretudo, um apelo para penetrarmos na profundidade dos problemas da educação” (Bento, 1999: 24). A pedagogia (ou antropagogia) dos desportos está especialmente vincada pela filosofia, particularmente quando conformada pelos princípios e os valores da *aretê*, uma vez que deduzimos ser a *aretê* agônica, nos desportos, a síntese e a expressão de todas as *aretai*. Uma pequena assertiva dessa configuração nos é dada por Bento (1999: 29), quando diz: “sobre o corpo e sobre os músculos, sob a condição física e sob todas as capacidades motoras, sobre e sob tudo quanto é criado no desporto brilham valores, perfilam normas e princípios de conduta moral, alojam-se qualidades volitivas”; enfim é o espírito humano presente em todas as dimensões das potências, capacidades e sentimentos do homem.

Essas anotações iniciais são necessárias, porque o desporto não é uma tarefa para ser desenvolvida, especialmente em se tratando de crianças e de jovens, sem o devido cuidado e carinho. Platão, nas Leis (636a-b), quando realiza uma discussão sobre virtudes como a temperança⁴⁵ e a coragem, e se essas podem ser inspiradas pelos exercícios desportivos, considera que “prescrever para um determinado corpo um tipo de exercício físico (...), este mesmo exercício em determinadas circunstâncias pode se revelar prejudicial enquanto que em, noutras, ser realmente vantajoso”. Ou seja, desde aquela época o desporto reclamava, pelas palavras de Platão, uma autêntica pedagogia. Pegando como exemplo a temperança, uma das duas virtudes platônicas ventiladas acima, vamos ver que, no desporto, existem inúmeras situações pelas quais uma criança

⁴⁵ Atualmente, através dos estudos apresentados pela inteligência emocional, essa virtude tem o caráter de gestão do excesso das emoções; autocontrole emocional: manter emoções e impulsos destrutivos sob controle; flexibilidade na adaptação a situações voláteis ou na superação de obstáculos. A superação esta relacionada ao ímpeto para melhorar o desempenho pessoal nas diferentes esferas do relacionamento, a fim de satisfazer padrões interiores de excelência.

ou um jovem podem rapidamente perder o controle. Sendo assim, os mecanismos de intervenção pedagógica podem ajudar o desportista a entender o processo e, desse modo, evitar que ele se deixe levar por emoções e impulsos ocasionais. Essa aprendizagem pode levar o jovem a desenvolver a autogestão dos sentimentos em outros contextos da vida e, assim, tornar-se uma criança, um jovem, um homem mais temperante.

Sob esse prisma, o futebol pode, como um dos desportos mais procurados por crianças e jovens, ser um valioso aliado pedagógico para a estruturação de uma personalidade sadia e, com isso, ser um elevado caminho de vida; “é no seu espaço de excelência que se prende a competência de jogar, e adicionalmente, a forma humana, a saúde, a felicidade, a vida boa e a arte de viver” (Bento, 2004: 76).

O desporto para crianças e jovens é um mundo especialmente belo, interessante, interrogante, arriscado, simbólico, inteligente, frustrante, otimista e impulsionador. Aqui, conforme Bento (2006a: 18), “vemos crianças a meter golos na baliza do medo, a saltar por cima e além da timidez, a mergulhar na fundura do riso, a cair nos braços da confiança, do otimismo e do entusiasmo, a trocar receios e fantasmas pelas cores e formas do mundo sonhado e pintado pelo seu engenho e confabulação”. Mesmo sendo coroado de possibilidades, estrutura e oportunidades pedagógicas, a prática desportiva para crianças e jovens, muitas vezes, é alvo de críticas, especialmente por parte de alguns intelectuais da educação; é bem verdade que, nem sempre muito sensatas, essas críticas são, muitas vezes, apoiadas na falta de conhecimento a respeito das suas bases pedagógicas bem como da sua estrutura cultural e, também, por falta de experiência desportiva.

Nessa perspectiva, cabe descrever, a fim de esclarecer num único pensamento, a defesa do desporto, pois o “terreno desportivo é visto como um espaço, por excelência, de formação, educação e desenvolvimento da personalidade, de florescimento do Eu moral. Enfim, o desporto é uma forma de educação moral, cumprindo funções ao serviço de uma elevada formação ética dos indivíduos e da *saúde moral* da sociedade” (Bento, 2006a: 53). Portanto, dadas as ações, os movimentos e as experiências (físicas, motoras, psíquicas, emocionais e espirituais), além dos significados, sentidos e valores envolvidos é que se conquista o desenvolvimento e aprimoramento do Eu e de Todos; o que nos assusta não é a nossa incapacidade, a nossa limitação, o nosso abatimento e a nossa fraqueza, mas sim, a nossa luz, a nossa ilimitada habilidade, a nossa inesgotável determinação e o nosso potencial; enfim, a nossa excelência, a nossa grandeza moral e o

nosso valor⁴⁶. Para aqueles que não ponderam, quando assistem a essa realidade e, também, quando não a entendem, nós diríamos: cuidado com os desportistas que detêm a excelência (*aretê*), pois a excelência, assim como o amor, é contagiosa⁴⁷.

3.9 - Formação desportiva para crianças e jovens

De fato, o desporto de crianças e adolescentes possui muitos desafios a serem enfrentados, por exemplo: a relação com os pais, a formação de professores e treinadores, a organização dos treinos e das competições com a devida adequação ao calendário escolar, entre outros.

Na nossa experiência profissional de treinamento e de competição, junto às chamadas categorias de base (formação), consideramos o item que trata do relacionamento com os pais, que é o mais sensível. É notório que, em muitas ocasiões, os pais mais atrapalham do que auxiliam: xingamentos aos árbitros, tentativa de interferência na escalação dos seus filhos, incitamento à violência e todas as nefastas conseqüências dessas atitudes são algumas das dificuldades enfrentadas por aqueles que trabalham com mais jovens. Todavia, estamos de acordo com Marques (2006: 151) quando pede “investimento na *educação* dos pais. (...) – desenvolver estratégias para informar e formar os pais, ajudando-os a perceber como podem contribuir para uma mais adequada participação dos seus filhos na atividade desportiva”. Gostaríamos de lembrar que, analisando essa matéria pelo prisma da Antropagogia defendida por Manuel Patrício, temos um rico material para debate. Todos sabemos que as crianças e jovens aprendem e desenvolvem, com facilidade, atitudes de cooperação, respeito, simplicidade, consideração, etc. Elas apresentam, não raras vezes, uma natural e especial educação desportiva. Por essa exposição, não temos dúvidas em afirmar que o ideal de formação do homem interior ou do atleta interior (Garcia, 2005; Millman, 1994, Leonard, 1999), que reside em cada criança e em cada jovem, é perfeitamente factível de ser concebido através da *Peda(antropa)gogia* do Desporto. Por outro lado, os pais – os adultos – pelo comportamento demonstrado, não espelham a criança que ainda deveria haver neles, abafada por conflitos, experiências e frustrações mal resolvidas. A Antropagogia do Desporto tem por objetivo recuperar ou “conservar a

⁴⁶ Inspirado no filme intitulado “Coach Carter” cujo tema é baseado na vida de Ken Carter. Paramount Pictures, direção de Thomas Carter.

⁴⁷ Suscitado pelo filme intitulado “Pat Adams: o amor é contagioso”; baseado numa história verdadeira. Columbia Pictures, direção de Tom Shadyac.

criança presente e viva no homem” (Patrício, 1992: 11). Que bela contribuição o desporto daria a esse segmento social!

Às vezes, se considera que as cargas de treinamento e de competição são elevadas e que podem prejudicar o organismo dos jovens em crescimento e em desenvolvimento. Essa é uma questão que encontra muitos argumentos a favor dos interesses e das possibilidades das crianças e dos jovens: “O volume de carga não é sentido da mesma maneira pelos atingidos. Porventura devido a um elevado índice de motivação intrínseca e extrínseca...” (Bento, 2006a: 64) e, talvez, pela elevada capacidade de resistência que as crianças e os jovens possuem; por exemplo, em termos de volume máximo de oxigênio, as crianças, quando analisadas proporcionalmente aos adultos, demonstram altos níveis de capacidade aeróbica. Em outras capacidades e aptidões físicas acontece o mesmo, conforme nos conta Garcia (2006b: 2): “...o treino pliométrico sempre foi criticado por todos aqueles que estudam estes problemas. Mas, e desculpem a pergunta ingênua, como é que uma criança brinca no recreio da escola? É com multi-saltos, que nada mais é do que uma forma de treino pliométrico”.

No que diz respeito à tarefa do treinador, cabe ressaltar alguns aspectos que podem ajudar a promover uma formação desportiva de excelência: A questão inicial, e central, é se há interesse em formar excelentes jogadores de futebol, mesmo tendo como treinadores pessoas com formação duvidosa. Então, Garganta (2006: 325) pergunta: “O que fazer para promover o desenvolvimento de melhores jogadores e de melhores pessoas?”. É necessário que os treinadores das categorias de formação sejam especialmente bem qualificados; além de conhecer bem métodos e conteúdos de treinamento referente às crianças e aos jovens, necessitam fundamentalmente atender às orientações de Bento (2006a: 13) que, sobre essa temática, oferece uma contribuição especial, afirmando que o “desporto é um agir moral e cultural enquanto permanecer jogo; enquanto os motivos extrínsecos não predominarem e não reprimirem o sentido genuíno do jogar; enquanto o desportista for realmente jogador, respeitando volitivamente as regras e jogando com empenho total das forças pessoais”.

O prazer e a alegria, a satisfação e o encantamento, a magia e a surpresa são alguns dos sentidos que devem estar permanentemente envolvidos no ritual e na organização do treino e da competição. Outra regra que não deve ser quebrada é aquela que diz que, no futebol profissional, treina-se para competir, no entanto, entre os jovens compete-se para treinar (Garganta, 2006). Essa observação reveste-se de uma sabedoria

prática e que é preciso dar-lhe a devida atenção, como marco balizador metodológico, aplicável pelo treinador e pelo professor do desporto.

Outra questão que gera inúmeras preocupações trata da organização das tarefas escolares. O treinador e o clube de futebol devem dar total atenção ao rendimento escolar de seus atletas. Sabemos todos que as tarefas escolares, sendo bem realizadas, podem ajudar no desempenho do atleta desportivo, uma vez que, a “consciência que adquirem no desporto, de que só com o esforço, organização e disciplina se pode chegar a objetivos elevados, serve à perfeição para a escola e para os estudos. Com frequência, muitos grandes desportistas são também os melhores alunos” (Marques, 2006: 148). Quando o desempenho escolar não se apresenta de maneira satisfatória, o clube desportivo, a escola, o treinador e o atleta-aluno devem estabelecer um frutífero diálogo com propósito de integração, de atenção e de cuidados essenciais ao equilíbrio, à formação e ao desenvolvimento do aluno-atleta. Numa situação desse gênero, todos são chamados e confrontados a dar o seu apoio ao jovem que, em última análise, é o responsável por tomar decisões importantes para sua vida; a qualidade dessas decisões determinará, em grande parte, o seu futuro. O apoio de todos “ajuda-os a tomar consciência de que há coisas mais importantes na vida do que a carreira desportiva e a compreender que esta, de vez em quando, também pode ser interrompida” (Marques, 2006: 148), o que não deixa de ser lamentável, mas, na vida como no desporto, não há vitórias (e nem derrotas) garantidas. “Com efeito por meio da formação deverá o homem ascender ao horizonte da perfeição. Logo a “formação” é sempre um exercício do sujeito em si mesmo, na mira da procura da perfeição, visando tornar cada vez mais perfeita a nossa imperfeita perfeição” (Bento, 2006a: 48). De modo que, independente da esfera de atuação, a Pedagogia e a Antropologia do Desporto apóiam a criança e o jovem no seu trajeto desportivo e/ou de vida.

No âmbito do desporto se fala, defendem-se e se adotam concepções que visam à aplicação do humanismo baseado em princípios e em valores, nomeadamente aqueles que integram a *aretê* e que nortearam a sociedade grega. Nesse aspecto, consideramos que há uma invulgar rede de estímulos pedagógicos, antropológicos e axiológicos que configuram a formação dos jovens por intermédio do desporto, como o *fair play* e, em decorrência, o estudo e a compreensão da ética desportiva.

Ao penetrarmos nas raízes do desporto, particularmente no período da Antiga Grécia, vamos encontrar o atleta desportivo conhecido e conceituado por encarnar um protótipo do ideal de empenho, superação, correção e desportivismo (Silva, 2000). Na

Idade Média, as atitudes de coragem, honra e justiça dos cavaleiros da aristocracia medieval, pela sua importância, tiveram o justo reconhecimento público. Apoiado nesses exemplos de grandeza e majestade de conduta, o ideário olímpico incorporou “a noção do comportamento cavaleiresco no esporte” (Rubio e Carvalho, 2005: 353). A esse código de comportamentos chamou de *fair play*.

No desporto para crianças e jovens, as ações, atitudes e comportamentos baseados no *fair play* são: serenidade, generosidade, respeito, cordialidade, solidariedade, amizade, equilíbrio, honestidade, dignidade, entre outros (Rubio e Carvalho, 2005). Esses valores devem fazer parte na formação de qualquer pessoa e devem apresentar-se em qualquer atividade por ela desenvolvida. O desporto, dadas as suas particularidades, é um espaço especial para uma educação em valores, e disso todas as crianças, todos os jovens e todos os adultos podem se beneficiar e não podem prescindir.

Vivemos atualmente, tanto no desporto como em qualquer outra atividade humana, no limite entre o ideal⁴⁸ e o real. Mesmo diante desse problema, pela mão do desporto, o jovem tem oportunidade tanto de conhecer quanto de aplicar os conhecimentos referentes à ética e, a partir deles, conformar e ajustar a sua conduta dentro e fora do desporto. Outrossim, não podemos deixar de levar em consideração as palavras de Aristóteles (Ética a Nicômaco 1144a, 10) que partem do seguinte princípio: “assim como dizemos que algumas pessoas que praticam atos justos não são necessariamente justas por isso (referimo-nos às pessoas que praticam os atos determinados pela lei a contragosto...)”; e acrescenta que “para alguém ser bom é preciso ter uma certa disposição quando pratica esses atos, isto é, a pessoa deve praticá-lo em decorrência de escolha e visando aos próprios atos”. Portanto, num olhar atento, vamos-nos inquietar com a aproximação das *aves de rapina* que povoam um mercado estigmatizado por um capitalismo selvagem e que, muitas vezes, buscam nas categorias de base encontrar jovens talentos para satisfazer os seus interesses de negócio. “A absolutização do sucesso e da maximização do rendimento, a todo o custo e por todo e qualquer meio, favorece uma nova configuração do desporto, que é o da sujidade e rapina do doping e coloca este a cabeça dos fatores de um negócio sem escrúpulos” (Bento, 2006a: 75). Quanto ao negócio que envolve os jovens, cabe ouvirmos a preocupação destacada por Marques (2006: 152): “o treinador deve ter a preocupação

⁴⁸“Ética entendida como os valores ideais e moral compreendida como a realização humana desses valores. O ideal seria que a moral e a ética fossem equivalentes, não existindo nenhum distanciamento entre eles” (Garcia, 2006a, 158).

pedagógica de lhes mostrar que o desporto como fonte de receitas pode esgotar-se rapidamente”. Outro repto ético encontra-se na busca da superação a qualquer preço. Embora seja muito difícil acontecer no futebol de formação, o doping é um assunto que todos conhecem e debatem no âmbito desportivo; por isso, é importante considerar que o surgimento de casos de dopagem podem ser um exemplo negativo para os jovens. Nesse caso, Garcia (2006a: 158) ilustra, esse assunto, ao expor: “A droga é condenada pela sociedade mas o doping é mais condenado no desporto”. A lição moral que o desporto oferece a todos, e em particular aos jovens, referente a esse assunto, é que no desporto ninguém poderá assumir uma atitude semelhante, pois corre o risco de ser imediatamente erradicado da prática desportiva (Garcia, 2006a). Uma conduta orientada pelos valores éticos deve ser enfatizada por todos aqueles profissionais que militam no desporto de alto rendimento, principalmente, em se tratando da faixa etária em tela. As atitudes dos treinadores, dos atletas, dos dirigentes e dos pais diante desses desafios e em relação ao jogo, à competição e aos competidores são as que definem o compromisso ético-social do desporto. “O campeão é um exemplo moral não apenas por saber aquilo que é correto, mas sobretudo por saber agir em conformidade, exibindo assim um alto índice de formação “prática”. Assim, o sucesso e o êxito não o são a qualquer preço, apenas o são verdadeiramente quando são um produto da vontade e perseverança, da honestidade e correção” (Bento, 2006a: 55). A conquista desses valores se dá, no caso das crianças e jovens com maior acentuação, através da educação, da formação e da prática dos ideais olímpicos situados nas virtudes *Citius*, *Autius* e *Fortius* como uma afirmação concreta e exemplar do ideal grego e da busca e concretização, livre e espontânea, no esforço pessoal e na superação desportiva com a finalidade de ser melhor. O futebol, visto pelas lentes do desporto olímpico, é uma constante procura da excelência humana (Garcia, 2006a). Ainda mais se atentarmos para a constatação de que o futebol é integrante do ser (crianças, jovens e adultos) lúdico que joga e cultiva a sua inteligência em movimento e se diverte, criando e se recriando; ao buscar o *Citius*, *Autius* e o *Fortius*, os jovens agem como um escultor em busca da obra perfeita (Garcia, 2006a), assim, da criança ao adulto, por intermédio de uma pedagogia de perfeição que não se exaure com os erros e nem com os fracassos, pelo contrário, que se fortalece diante deles; na direção para frente, para cima, mais longe...De preferência dentro da baliza adversaria!!! Agindo dessa maneira, somos bafejados pela extraordinária sensação de que somos merecedores das dádivas dos deuses desportivos, pois, embora os tenhamos esquecidos, eles permanecem vivos e

ativos; a ética não é, portanto, um limite e sim um ponto de partida para a transcendência; isso é em grande parte, à luz da *aretê*, aquilo que nos cabe recuperar nos desportos para crianças e jovens.

3.10 - Talento e excelência

Após anunciarmos, baseados na ética, alguns limites para a busca da superação no desporto, importa, agora, invocarmos os critérios do reconhecimento e desenvolvimento do talento desportivo. Em se tratando de jovens, esse é um tema muito estudado, todavia, imaginamos que podemos oferecer algumas contribuições no sentido de aprofundar o debate. Iniciemos, então, com Garcia (2006a: 144) quando infere que o “desporto celebra a vida e a vida conformada aos princípios éticos do desporto vale a pena ser vivida. É uma vida justa que exalta o trabalho. Ninguém é campeão sem trabalhar muito”. Entretanto, só trabalhar não é tudo; é pouco provável que um jovem venha a conquistar êxito, por exemplo, no futebol, se ele não amar, do fundo da sua alma, esse desporto. Voltemos à opinião de Garcia (2006a: 144): “Mas ao mesmo tempo que exalta o trabalho, o desporto também celebra a alegria e o prazer. (...). E os verdadeiros campeões sabem como o trabalho e o prazer não são coisas opostas, antes condições humanas que se completam”. É nessa complementaridade humana que reside nos traços mais importantes do talento desportivo.

Sabemos que, no domínio desportivo, até a fase da adolescência, deve-se selecionar, aproveitar e aplicar os melhores recursos pedagógicos e metodológicos para o desenvolvimento do talento desportivo; caso contrário, poderá ser demasiado tarde para se atingir um nível de excelência. Ferry e Vincent (2003) alertam que privar uma criança talentosa de praticar o seu desporto, torná-la-á infeliz, pois a verdadeira felicidade está na atualização tão completa quanto possível das virtualidades naturais. Na perspectiva da *aretê*, os talentosos são os melhores e por isso são chamados de *aristoi*. E, entre esses seres especiais, no caso dos desportos, havia, desde jovens, a luta pelo prêmio da *aretê*; a competição e a vitória são a autêntica prova de fogo das virtudes (Jaeger, 2003).

É evidente que essa concepção da prática desportiva não desapareceu do nosso universo atual. Os talentos desportivos são encontrados a partir da investigação, principalmente, dos dotes naturais de um indivíduo. Nesse caso, “o ensino terá como objectivo principal (...) com o fim de ajudar os que os possuem a realizá-los ou, (...), a

actualizá-los” (Ferry e Vincent, 2003: 34); portanto, estamos diante de uma visão essencialmente aristocrática, a qual foi objeto de identificação dos heróis, guerreiros ou atletas, por Homero e Píndaro, quando os associavam aos seus antepassados; deuses ou heróis. Para os desportos não importa se uma criança, ou jovem, é, ou não, dotada de um talento especial. A prática desportiva, por ser absolutamente democrática e ética, está a disposição de todos. A partir dessa identificação, o talento desportivo pode derivar de outra vertente; o mérito. O esforço, a dedicação e a superação são os ingredientes básicos para uma concepção de *aretê*. O desporto tornou-se um trabalho, uma disciplina de que se espera, acima de tudo e independentemente do resultado final, que ela seja formadora da personalidade da criança e do jovem (Ferry e Vincent, 2003). Assim, o mérito, o trabalho, a perseverança, entre outras virtudes, valem mais do que o talento. Esse modo de ver a *aretê* era professado, principalmente, por Hesíodo. No futebol, inúmeras vezes, o atleta que possui menos “talento”, mas que é voluntarioso e esforçado tem, às vezes, a preferência do treinador, em detrimento daqueles que aparentemente *poderiam fazer melhor*.

Nessa perspectiva, sugerimos, com vistas à fomentação de talentos desportivos, que consideremos o talento numa perspectiva de permanente atualização, ou seja, de educação e potencialização dos dotes naturais (habilidade, força, altura, velocidade, etc) em consonância às qualidades que podem ser adquiridas através da educação da personalidade e da alma. Garcia (2006a: 156) identifica que, através do desporto, “perseguimos, a sociedade justa onde o mérito é conseguido pelo esforço e não fruto de factores adicionais eticamente reprováveis”. Visto dessa maneira, o fomento de talentos desportivos é uma matéria em aberto e sem nenhuma identificação determinista.

Voltemos à idéia de prazer e de alegria. Para se conquistar um padrão de excelência no âmbito desportivo, é necessário o somatório de vertentes internas e externas, do ser e do fazer humanos. Para que os jovens sejam os melhores praticantes, devem conjugar, se possível, as qualidades naturais, uma determinação entusiasmada, esperança inquebrantável, confiança inabalável, superação corajosa, além de alegria, prazer e satisfação. Bento (2006a: 39) advoga que a “configuração exterior e a interior, a física e a espiritual, o comportamento motor e o moral são indissociáveis”.

Ainda tratando da relação da interação de valores circunscritos na esfera do talento, (Ferry e Vincent, 2003: 37) inferem que “isso aplica-se à ética como a qualquer outra atividade como, por exemplo, a aprendizagem de um instrumento musical: sem dúvida que o exercício é necessário para vir a ser melhor, o mais excelso, mas,

sobretudo, necessita-se de talento”; o enigma pedagógico está em harmonizar, equilibrar e gerir as disposições encontradas tanto no dom natural como nas aptidões do *gênio* da vontade. Precisamos socorrer-nos, mais uma vez, das palavras de Bento (2006a: 39): “No desporto, (...). Nele sobressai muito mais aquilo que nos falta do que aquilo que nos abunda. Certamente ele torna evidentes as nossas fraquezas, insuficiências, mazelas e contradições, pondo a nu e convidando a cultivar as forças e virtudes que não temos. Mas, por isso mesmo, é educativo e pedagógico por excelência”. Desse modo, ampliando o enfoque, enquanto o jovem se dedica ao desenvolvimento e aprimoramento das virtudes necessárias ao talento desportivo está, ao mesmo tempo, educando o homem – que mora nele – que fará a diferença em qualquer esfera de atividade social ou profissional. Uma vitória da sua humanidade.

Em sintonia com a ótica dialética (interior/exterior), acreditamos no atleta/homem interior que reside em cada criança, em cada jovem e em cada adulto. Por isso, consideramos que uma pedagogia de excelência deve reconhecer e enaltecer as dimensões endógena e exógena, a fim de considerar todos como possuidores de talento, pois, todos possuem virtudes e excelências capazes de, quando devidamente despertadas, estimuladas e potencializadas, fazer aparecer esse valor (Talento) interior. Essa, pelo menos, era a maiêutica socrática; que partia da concepção derivada do oráculo de Delfos: conhece-te a ti mesmo (Adorno, 2002). Assim, Sócrates procurava estimular cada jovem e cada adulto a desenvolver um processo pedagógico de auto-conhecimento. Esse é um caminho que deve ser feito pelo próprio peregrino, mas o desporto pode oferecer o *mapa*. O que se segue é uma dura competição entre as esferas internas e externas no sentido de aperfeiçoar a criança, o jovem e o adulto, onde cada passo representa uma grande vitória: vencer-se a si mesmo!

3.11 - Futebol: Um desporto de excelência

O futebol, tal como os Jogos Olímpicos, também foi organizado definitivamente no rastro da revolução industrial inglesa e da revolução francesa, porém a sua instituição se deu ainda mais cedo; de acordo com o site da FIFA⁴⁹ (2007), esse acontecimento se deu no dia 26 Outubro 1863, quando, reunidos Tavern Freemason, os representantes de

⁴⁹ A Federação Internacional de Futebol foi fundada em Paris, em 21 de Maio de 1904. O ato de fundação da FIFA foi assinado por representantes das associações da França, Bélgica, Dinamarca, Holanda, Espanha, Suíça e Suécia (7). Hoje, a FIFA conta com 207 membros, sendo considerada como a "United Nations of Football".

clubes e escolas de Londres instituíram um regulamento próprio para o futebol⁵⁰. Em 8 de Dezembro de 1863, o futebol e o rugby resolveram, a partir dessa data, trilharem caminhos diferentes.

Entretanto, o surgimento do futebol, tal como é jogado hoje, aconteceu a partir de uma longa evolução dos jogos com bola. Na Antiga China, cerca de 3000 anos a.C., os chineses usam um tipo de jogo com bola para o desenvolvimento físico de guerreiros. No Japão, foi criado um jogo de bola, que muito se assemelhava ao futebol atual, chamado *Kemari* (FIFA, 2007). Há notícias de que ocorreram jogos de futebol entre as equipes japonesas e chinesas.

Na Grécia, havia um jogo de bola chamado *Episkiros*, em que os atletas gregos se dividiam em duas equipes de nove jogadores num terreno triangular. Havia, também, outros tipos de jogos com bola: a bola no muro, bola ao ladrão, etc. (Marrou, 1969). Na Itália o jogo de bola era conhecido por *Harpastum*. Nesse jogo, cada membro da equipe tinha funções táticas definidas (defensores e atacantes). Foi uma atividade que permaneceu popular até a Idade Média (FIFA, 2007).

No século XVII, o *gioco de calcio* chegou à Inglaterra, onde foi sistematizado e disseminado por toda a Europa. Embora os italianos se considerem introdutores do futebol moderno, a FIFA, por intermédio do seu site, aponta que os jogos de bola desenvolvidos pelos italianos não podem ser entendidos assim, pois, “é duvidoso considerá-lo como um precursor do futebol contemporâneo” (FIFA, 2007). Dúvida à parte, o fato é que o futebol se tornou, pela simplicidade⁵¹, beleza estética, simbolismo, ludicidade, agonismo e, conseqüentemente, pelo seu valor pedagógico, o desporto mais popular do mundo: o desporto-rei.

Dito dessa maneira, entendemos que o futebol se constitui como um cenário especial para captarmos as manifestações da *aretê* grega, bem como os vários sentidos contidos nos desportos que põem em relevo a busca épica da humanidade por um bem ainda maior do que o ordinário, a busca da excelência. Pascoaes (1993: 74) destaca que o “ser excedeu-se, no homem, como num instante genial ou de suprema inspiração” e, do mesmo modo, podemos considerar, aproveitando essa reflexão de Pascoaes, que os desportos se excederam no futebol. Assim, o homem e o futebol (em excesso) se encontram para contarem a história do ser e da humanidade. Como nos diz o próprio poeta do Marão: “A tentação do futebol é a bola, no ar, o mundo impelido por um

⁵⁰ Esta reunião marcou o nascimento da Associação Inglesa de Futebol.

⁵¹ Em termos recreativos, joga-se futebol em qualquer parte, basta ter algo parecido com uma bola e um espaço (grande ou pequeno). No alto rendimento, o futebol é regido por apenas 17 regras.

coice...”. Nessa frase, o poeta resume todo o manancial de símbolos, de emoções, de força e de sensibilidade lúdica que esse desporto comporta. Nada mais sugestivo para iniciarmos essa parte do debate.

Não é fácil compreender a grande atração que é exercida pelo futebol, enquanto jogo, em seus admiradores. Huizinga (2003: 19) faz as seguintes perguntas: “Por que é que o jogador se abandona à sua paixão? Por que é que uma multidão entra em delírio com um jogo de futebol?”. Evidentemente, essas respostas não podem ser dadas pela biologia ou fisiologia, ou mesmo pela psicologia; isso porque, segundo o próprio Huizinga (2003), no desporto há qualquer coisa em jogo que transcende as necessidades imediatas da vida e que confere sentido à ação e, por isso, todo o jogo tem um significado. O significado (assim como os sentidos) pode, constantemente, ser atualizado; entretanto, há uma raiz significativa mais profunda que dirige e, também, ajuda no entendimento da variedade de significados. Ouçamos, então, Costa (2006: 37): “...o fenómeno desportivo permite-nos estudar o comportamento do homem a partir das suas raízes arcaicas e esclarece-nos sobre o sentido profundo da existência humana”. Deve existir, assim, no mito ou no herói e nos símbolos, a fonte dos sentidos que mobilizam as multidões no universo do futebol. Assim, por exemplo, as derrotas e as vitórias são símbolos da morte e da vida e os grandes triunfos simbolizam a imortalidade e a entrada no paraíso” (Costa, 1997: 16). A liturgia que reina nos estádios de futebol gera uma atmosfera na qual todos se sentem como que magnetizados, atraídos, à espera dos acontecimentos que ali vão se desenrolar; os estádios de futebol, grandes ou pequenos, são um apelo à estrutura ritualista, dramática, heróica e festiva. O público e os atletas são muito mais do que simples pessoas e as atividades estão além do comum; tudo é extraordinário, uma experiência rica em emoções e inesquecíveis significados. Isso nos transporta à dimensão do sagrado, do tempo parado, do tempo eterno, onde nos esquecemos da vida ordinária para apenas sermos felizes. Quando procuramos estudar e discutir os sentidos do desporto, “temos a sensação que ele significa muito mais do que ele próprio, que a mensagem que ele transmite vai muito além do seu universo de funcionamento” (Costa, 1997: 14). O estádio expõe o homem e a humanidade assim como nas suas diferentes relações, àquilo que somos fora dele. Para se conhecer bem um povo, basta observar a maneira como ele joga e como se comporta num estádio (Cousineau, 2004). Os estádios deveriam ser mais visitados pelos ministros da educação e da saúde – e outras autoridades –, não para fins políticos partidários, mas a fim de se formularem políticas para suas pastas e, ao mesmo tempo, compreender

melhor o seu povo. Vamos ilustrar algumas relações que permeiam os estádios e, conseqüentemente, a sociedade.

O futebol, além do seu universo simbólico, pode ser visto pela ótica da prática utilitária e econômica. Aliás, como o futebol é um desporto de repercussões e de valor extraordinários, tudo aquilo que acontece em seu meio ecoa por toda a parte, é uma caixa de ressonância da própria sociedade. Embora o futebol não se restrinja ao alto rendimento⁵², é fato que essa categoria desperta maior atenção em todos os setores da sociedade. O futebol de alta performance é acompanhado com fervor por torcedores, sociedades, ideologias, grupos culturais, diferentes faixas etárias e por ambos os sexos. Isso transforma o futebol no desporto mais adorado do planeta com um sem-número, para usar uma linguagem de mercado financeiro, de consumidores. A disponibilidade de meios econômicos é fantástica: mobiliza recursos gigantescos em patrocínio, publicidade, transmissão televisiva, salários, etc (Murad, 2004). Esses investimentos estrondosos subsistem em função do intercâmbio apaixonado existente entre os torcedores, o público em geral e o futebol. Analisado por uma visão estreita, muitas vezes, o futebol foi considerado como alienante, como reprodutor do sistema dominante e como o ópio do povo. Essa tese revela um gosto, um mau-gosto utilitário-funcionalista, familiar a alguns setores das ciências sociais. Nesse caso, Da Matta (1989: 63) decreta: “Se um sociólogo estivesse considerando um partido político ou uma atividade econômica, a mesma equação poderia ser utilizada, mas ele seria mais cuidadoso ao dizer que um certo partido político ou instituição econômica é o ópio do povo...”; e acrescenta, expondo e interpretando a opinião desses críticos, que: “...o futebol (...), sua função é desviar a atenção do povo e iludi-lo, como se as únicas pessoas a saberem a verdadeira função do futebol na sociedade (...) fossem os críticos, ...”. Esses analistas estão, quase sempre, desprezando o lado mais singular, sério, alegre, inteligente, interessante e especial do desporto em geral e do futebol, em particular. O futebol, como bem disse Murad (2004), é um processo lúdico que ajuda a educar e reeducar, uma vez que sua lógica desportiva está fundamentada na igualdade de oportunidades, no respeito às diferenças e na assimilação de regras e normas de convivência coletiva (companheiros, adversários, treinadores, dirigentes, funcionários e adeptos).

⁵² No Brasil, há uma expressão muito interessante referente às distintas fases de formação no futebol: *da pelada ao Pelé*. O menino que dá os primeiros passes, chutes e dribles (na rua, na várzea, na escola ou no clube) pode chegar a ser um grande atleta de futebol. Pedagogicamente, é ir do simples para o complexo, do fácil para o difícil, do jardim-de-infância à universidade, do menino para o homem, da vida ordinária para a transcendência.

Consideramos que o clube de futebol, hoje, possui alguma correspondência com os ideais gregos vinculados à polis. Essa premissa também pode ser encontrada na opinião de Murad (2004), quando descreve que o futebol realiza, na prática, um dos ideais fundadores da democracia, daquilo que os gregos clássicos consideravam como especial, isto é, a ação deve ser sempre coletiva, mas sem excluir o brilho da iniciativa pessoal. Isso é um valor que o futebol procura dentro e fora dos relvados. De igual maneira, o autor descreve o modo como uma pessoa se qualifica no futebol: eu sou Flamengo, eu sou Porto. Murad (2004: 12) interpreta da seguinte maneira: “*Eu é a individualidade, Sou é a identidade profunda, Flamengo é a equipe; a coletividade*”. Parece que, de igual maneira, diriam os gregos antigos, ao se referirem à senhora detentora de todos os atributos da *aretê*; a polis. Os clubes, atualmente, possuem esse caráter de aglutinação, necessitam incorporar o seu enorme e importante papel na educação dos jovens, dos treinadores, dirigentes e torcedores. Afinal, os clubes de futebol, assim como a polis grega, são a encarnação da alma coletiva; as cidades atuais tornaram-se muito grandes, impessoais e desumanas. Fica assim revelado que o futebol tem um importante papel educativo e social, que se insinua desde a infância e que pode ser evidenciado por Gonçalves (2002: 129), quando identifica: “Se perguntarmos a uma criança: *o que é que tu és?* A resposta mais provável será *benfiquista (portista ou sportinguista)* e não *português, lisboeta, rapaz ou rapariga...*”. É seguramente nesse sentido que caminha a antropologia e a pedagogia do desporto; o clube como ambiente de excelência e virtude resulta em verdadeira ilha de educação, de entendimento e de valorização da ação e das expectativas humanas, desde a infância até a fase adulta. Albert Camus, futebolista juvenil nos seus anos argelinos, conta que depois de muitos anos em que o mundo ofereceu tantos espetáculos, declara que o “melhor que sei sobre a moral e as obrigações dos homens devo-o ao futebol” (in Gonçalves, 2002: 129; in Savater, 2000: 95). O futebol “se assume hoje como uma importante escola de virtudes. Desporto e ética estabelecem uma ligação íntima, indestrutível e imprescindível” (Garcia, 2006a: 151).

Nessa modalidade desportiva, aprende-se a conviver com valores como justiça, beleza, heroísmo, honra, amizade, cooperação, prazer, solidariedade, paz e transcendência. Nessa perspectiva, não podemos deixar de salientar a importância pedagógica que possuem, na formação das crianças, dos jovens e dos adultos, as regras desportivas; são elas “que obrigam os atletas a procurar – no campo da dificuldade, da transcendência e excelência, e não no chão da facilidade, baixeza e violência – as

respostas aos problemas postos pelo jogo e pela competição” (Bento, 2006a: 33). Camus, provavelmente, orientou a sua declaração por identificação com preceitos pedagógicos desta natureza.

Do ponto de vista do jogo, o futebol possibilita o surgimento de vários talentos desportivos, virtuosos atletas que fazem desse desporto uma arte de fintas, dribles, lançamentos e chutes, exprimindo qualidades como: criatividade, imaginação, espontaneidade, inteligência e genialidade. Numa partida de futebol, diante do novo, do inesperado, do imprevisível, do desafio e dos riscos, o atleta vislumbra, uns mais e outros menos, sempre um jeito novo de fazer melhor. A educação para a vida não devia ser dessa maneira? O campo relvado é um cenário perfeito para o desenrolar de uma peça que tem começo e fim, mas o seu enredo é sempre novo, diferente e singular, onde não há textos, mas há uma “*arte performática*” (Bento, 2006a: 10). E, quando, essa performance individual se soma à performance coletiva em busca do êxito, o resultado, se tivermos olhos e ouvidos afinados (dado a sutileza, a sensibilidade, a força e a vitalidade), é de um jogo que se transmuta numa orquestra executando uma sinfonia que comove a todos; talvez, seja esse o grande ideal de formação do homem, tão propalado pelos gregos: do desporto e da música, do individual e do coletivo, e desses (munido de sabedoria) ao transcendente; um caminho que se percorre nos campos, nas várzeas, nas praças, nas areias e em todos os lugares onde a bola de futebol está sendo jogada. Quando o lúdico e o *agon* se encontram para ajudar na formação de crianças, de jovens e de adultos, a excelência e a virtude não ficam assim tão distante.

Não raramente, notamos que, na participação dos atletas nos jogos de futebol, mais do que os predicados expostos acima, eles precisam demonstrar uma enorme dose de sacrifício, de coragem, de valentia, de solidariedade e de outros atributos, como ouvimos o treinador Mourinho (citado por Alves, 2003: 129) dizer a respeito de algumas das qualidades do jogador Deco: “Quando a *coisa está preta* e as táticas, estratégias e planos de jogo desaparecem (...), emergem os que assumem os riscos e as responsabilidades (...). Para mim, Deco é o corajoso”. Guardando a diferença de linguagem, essa narrativa é bem parecida com aquelas que Homero – na *Ilíada* e *Odisséia* – saúda a nobreza e a valentia dos seus heróis detentores da *aretê*. Ou, também, quando vemos os comentários a respeito do jogador Washington no site de seu ex-clubes (Atlético Paranaense, 2007), entre os quais destaca-se: “Exemplo de superação e perseverança, Washington foi muito mais que um jogador dentro de campo. Foi campeão da vida”. Esses e outros atletas são um exemplo para a juventude e essa função

atravessou os tempos, ensinando e inspirando inúmeras pessoas na construção de sua personalidade. Eles, os “ídemos desportivos são verdadeiros representantes dos seus irmãos, semideuses, entre os deuses e os homens, modelos de imitação para os seus admiradores” (Costa, 2006: 47). Esses guerreiros lutam pelo mérito (*aretê*) e pelo respeito, fazendo prova de seus atributos na arena desportiva, assembléia do povo, onde são vistos e avaliados e onde depositam, para a apreciação de todos, a sua *arte performática*: um misto de alegria e de drama, de êxtase e agonia, de confiança e dúvidas, beleza e força, mas, sempre do mesmo jeito com verdade, bravura e autenticidade; ações de excelência, ou seja, aqui entra novamente a noção grega da *aretê*, pois como já vimos, “a excelência do ser que se manifesta em seu operar” (Vaz, 2004: 219). Por isso é que eles possuem uma legião de seguidores, o que, convenhamos, pode suscitar alguma inveja; muitos acham que eles são apenas aqueles que estão preocupados com a sua conta bancária. Antes de qualquer conclusão, vejamos o que diz Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1099a, 30): “a felicidade necessita igualmente dos bens exteriores, pois é impossível, ou pelo menos não é fácil, praticar ações nobres sem os devidos meios” e, mais adiante completa o raciocínio considerando que “mesmo que a felicidade não seja uma graça concedida pelos deuses, mas nos venha como resultado da virtude e de alguma espécie de aprendizagem ou exercício, ela parece incluir-se entre as coisas mais divinas” (1099b, 15). Certa ocasião, Jackson e Delehanty (1997: 87), considerando os atletas de basquete da NBA, disseram que “o que impele a maioria dos jogadores de basquete não é o dinheiro e nem a adulação, mas o amor pelo esporte”. Lembramos que muitos dos atletas de futebol, independentemente dos números salariais, desde muito jovens aprendem a lidar com as diferenças sociais, culturais e econômicas; vários deles vêm de família de baixa renda e conhecem os rigores da desigualdade (especialmente a econômica). Essa experiência, antes de torná-los indiferentes aos problemas alheios, faz com que desenvolvam sensibilidade e solidariedade; revelando nobreza e conduta ética, dão exemplo a governos e à sociedade como um todo, mantendo, por exemplo, programas e instituições que abrigam ou apóiam crianças e jovens. Mesmo os atletas menos conhecidos – a maioria não divulga as suas realizações no campo social – prestam solidariedade a muitos jovens, adultos e idosos mais desafortunados. A Fundação Luís Figo⁵³, o Instituto Ronaldinho Gaúcho⁵⁴,

⁵³ A Fundação Luís Figo, com sede localizada na Rua do Pólo Sul – Lote 1.01.1.1-3º A, 1990-273 Lisboa. Uma instituição de direito privado, com autonomia financeira e sem fins lucrativos, tendo como exemplo o exemplo do atleta de futebol Luís Figo, um cidadão

a Fundação Gol de Letra⁵⁵ são alguns dos exemplos de compromisso social e humano dos atletas de futebol; levam felicidade a muitos e, por isso, são mais felizes.

Tendo como meio o futebol, podemos derivar para a discussão que aponta para as maneiras de se conquistar a *aretê* através desse desporto. Concordamos que, em linha geral, no futebol tal como nas artes, os atletas expõem, através da combinação da eficácia desportiva e do desempenho estético, um movimento virtuoso na busca da superação e da excelência. Uns nascem com talento, conforme as palavras de Da Matta (1989: 72); no Brasil e, imaginamos, em outros países também, alguns setores adotam a idéia de que “quem é bom já nasce feito”. Por outro lado, existem aqueles que buscam melhorar as suas habilidades por intermédio do esforço e da superação de suas deficiências, segundo as palavras de Garganta (2006: 325): “...importante que a prática desportiva decorra na observância de princípios orientadores e se oriente pela edificação de atitudes que conduzam ao gosto pelo esforço, pela superação e pelo aperfeiçoamento”. Sabemos todos que o ideal é o somatório das duas vertentes, a do talento nato e a do adquirido, o prazer e o esforço. No futebol, podemos encontrar, também, a *aretê* tanto de Hesíodo como a de Homero, bem como a fusão delas. Muitos são os atletas que assim edificaram a seu desempenho nos campos de todo o mundo; entre eles estão Pelé, Zico, Eusébio, Figo, futebolistas por excelência, que incorporaram e aplicaram, sistematicamente, no limite, no treino e na competição, um ideal de aperfeiçoamento corporal, motor, gestual, comportamental, ou seja, aproveitaram as suas condições naturais e desenvolveram plenamente a técnica do futebol. Como destaca Bento (2006a), o que chamamos de excelência é servido pela técnica. A lição serve para todos os artistas, da bola, da pena, do pincel, etc.: apenas por intermédio do esforço e da superação consegue-se o direito de figurar naquele *Panteão da Humanidade*.

Da Matta (1989: 72) refere-se ao “futebol como exemplo de honestidade”. O autor se baseia, para essa afirmação, em alguns acontecimentos que ocorrem no universo do futebol; o futebol possui caráter meritocrático, pois ninguém pode ser

Português movido por um ideal, a perfeição, e por uma paixão, o desporto. O objetivo dessa instituição é oferecer aos mais jovens oportunidades: estudar, ter saúde, ter uma profissão e de ser feliz.

⁵³ O Instituto Ronaldinho Gaúcho, com sede localizada na Estrada Edgard Pires de Castro 120, Zona Sul – Porto Alegre. A intenção do atleta é manter um atendimento a cerca de 3500 crianças carentes. Ronaldinho, na inauguração, em lágrimas, disse: “Esse foi o meu maior gol...”.

⁵⁵ Em dezembro de 1998, Raí e Leonardo realizaram um sonho que nasceu da força da amizade. Enquanto jogavam na mesma equipe e dividiam as conquistas, ambos vislumbravam a possibilidade de oferecer oportunidades de acesso à educação e à cultura para crianças de baixa renda. Essa instituição possui sedes em São Paulo (Tremembé) e no Rio de Janeiro (Niterói).

proclamado um astro do futebol, sem que isso possa ser comprovado pelas suas qualidades e por seu rendimento diante do público; as regras simples e universais que governam o jogo não podem ser modificadas por ninguém, uma vez que elas traduzem a idéia e o ideal democrático e de justiça em que, pelo menos dentro de campo, todos são iguais. Há, nessa configuração, aquilo que se costuma chamar de transversalidade social do futebol, pois, segundo Gonçalves (2002), tanto os praticantes como os espectadores pertencem à generalidade das classes sociais. O futebol, dentro e fora do relvado, é um modelo de coexistência democrática e social, onde transcende-se as diferenças para viver o mesmo triunfo ou o mesmo fracasso do seu clube. É, segundo Bento (2006a: 17), o “fervor que a todos irmana num amor que transcende o clube da nossa afeição e se derrama no coração da cidade”. Os idealistas gregos ficariam maravilhados com tamanha devoção dedicada à pólis. O clube é um genuíno representante das nossas cidades e o estádio de futebol é a sua assembleia ou a *ágora*.

Naturalmente que nem tudo são flores; afinal de contas, o futebol é, dos desportos, aquele que mais representa a vida em sociedade e por isso vemos, de tempos em tempos, a violência (simbólica ou prática) eclodir nos estádios. Mesmo assim, Gonçalves (2002) acrescenta que o futebol assume, entre outras coisas, a função de terapeuta social, prevenindo conflitos potenciais. Além disso, serve como válvula de escape das tensões, agressividades e ressentimentos da vida cotidiana. Como fonte de catarse, ele proporciona atitudes que aliviam as ansiedades e as frustrações que penalizam o homem moderno.

O futebol expõe, através da forma de jogar de seus atletas, a cultura dos povos: “a arte dos brasileiros, a entrega dos ingleses, a rapidez dos holandeses, a eficácia dos alemães, a tática dos italianos, o entendimento dos franceses, a técnica dos portugueses...” (Gonçalves, 2002: 121). Mesmo que possamos discordar de alguma dessas acentuações referentes ao modo de jogar de cada país, admitimos que o futebol seja mesmo “um caleidoscópio da diversidade de problemas e tramas da vida e do homem, das suas fraquezas e contradições. Pela sua janela entra e contempla-se o mundo “ (Bento, 2006a: 17). O futebol, além de ser um meio para o desenvolvimento de tantos valores, pode, identicamente, pôr em relevo as apreciações de gênero universal, comum a todos os seres humanos, como a força, a velocidade, a técnica, a habilidade, a precisão, a elegância, o desportivismo, etc., e “celebrar como própria a excelência onde quer que ela ocorra e seja quem for aquele que a demonstre” (Savater, 2000: 98). É especialmente curioso o exemplo oferecido por esse autor, para justificar o sentido

intercultural que o futebol apresenta: “o meu sobrinho de nove anos que, para o desespero dos mais próximos, (...), apesar de nascido em Madrid, declara-se entusiasta seguidor do Barcelona na liga Espanhola e do Brasil no campeonato do mundo” (Savater, 2000: 98). Sem dúvida, temos muito que aprender com as crianças e com o futebol!

O “futebol é a expressão do estético, da beleza e do sublime que tanto buscamos. Sentimos prazer nessa busca; esta, talvez, seja a raiz do (verdadeiro sentimento) lúdico” (Monteiro, 1995: 21). Tentar compreender de maneira racional a beleza e a riqueza existentes no *planeta futebol* torna-se uma experiência difícil, uma vez que o que está em jogo é mais que a própria competição. Todo o corpo está a serviço do movimento, da inspiração, da transpiração, da sublimação humana e expectativas e de rituais coletivos. Para se aproximar do seu entendimento, faz-se necessário vivê-lo, senti-lo, jogá-lo e saboreá-lo como essência de um espetáculo marcado pelo inimaginável, pelo prazer e pela possibilidade de transcendermos o real e nos salvarmos da rotina do trabalho e da vida.

Lastimavelmente, mesmo diante desses importantes sentidos e valores humanos, éticos, universais e espirituais que podem, sistematicamente, ser aplicados e desenvolvidos através dos desportos e pelo futebol em particular, ainda se registram algumas opiniões dissonantes sobre essa atividade: “É por isso que se tornam incompreensíveis os ataques ao desporto provindos de gentes do nosso ofício” (Garcia, 2006a: 160). Dentre os desafios que o desporto enfrentou, ao longo de séculos, alguns dos maiores foram exatamente estes: a interpretação parcial, a visão míope, a síndrome das ideologias, a (pro)vocação pedagógica, os interesses e abordagens periféricas, ignorância, etc.

Alguns intelectuais e filósofos torcem o nariz para o desporto, mas esquecem que a existência deles depende do seu corpo e do que se faz com ele. Lembramos que, ao criticarem o desporto, esquecem também do início da filosofia, que aconteceu no centro do ginásio, local onde se praticavam vigorosos exercícios físicos e desportivos, além de terem esquecido os ensinamentos dos verdadeiros filósofos; os “inimigos doutrinários da competição desportiva podem entender muito bem o que certos homens querem e o que fazem, mas nunca saberão a profundidade daquilo que os homens querem e porque é que o fazem” Savater (2000: 100). Quanto a nós, sabemos que esses homens fazem desporto porque sentem prazer, alegria, têm amor e encantamento por

jogar futebol; em última análise, o atleta de futebol sente-se feliz jogando futebol⁵⁶. Futebol é uma atividade lúdica por excelência. A palavra excelência é uma tradução atual da *aretê* grega e que os latinos designaram como *excellere*. Especialmente elucidativa e estimulante é a compreensão dessa palavra para Cousineau (2004: 180): “*Excellere* também é a fonte da palavra inglesa *exhilaration* (alegria, divertimento, animação), um termo que está relacionado a *hilaris*, que significa alegre, contente, animado”. É na composição e na harmonia dessas palavras que encontramos, talvez, o mais expressivo sentido do desporto, a sua *aretê*. Voltemos a Cousineau (2004), quando refere que o desempenho desportivo é o esforço estimulante que traz consigo animação e satisfação supremas, porque o atleta superou a si mesmo num momento de verdade, graças ao seu esforço, coragem e entusiasmo. Apenas aqueles que provaram, ou têm sensibilidade axiológica, essa poção mágica podem reconhecer o real significado de viver o futebol e os outros desportos.

3.12 - Vitórias e derrotas

Em se tratando de competição desportiva, a vitória tem um peso, na maioria das vezes, absoluto. Entretanto, consideramos que as palavras competição e, especialmente, vitória e derrota possuem um sentido muito maior do que aqueles que, normalmente, nos são apresentados. Começemos com Bento (2006a: 13) e a sua referência à competição desportiva: “o desporto exhibe um estatuto moral e cultural precisamente por ser um jogo de confronto, ou competição. Em que as pessoas se opõem umas às outras, para medir forças, para sustentar a aposta de querer ser manifestamente melhor, mais forte e mais rápido e chegar mais alto e mais longe”; onde os homens lutam para mostrar o seu valor, a sua *aretê*. Por isso que, por mais que se verifiquem opiniões contrárias, a verdadeira natureza simbólica do desporto é, e continua sendo, mais importante do que a natureza econômica ou outra qualquer. Heródoto, há aproximadamente 2500 anos nos conta, pela descrição de Pereira (1982: 227), que os homens de valor estão além dos prêmios em dinheiro, conforme a seguinte passagem: “Ai, Mardonio, que homens são esses contra quem nos levas a combater. Se eles não lutam pela riqueza, mas só pela superioridade” (ἀρετή). O espanto seria maior se essa frase fosse dita em nossos dias. Entretanto, há cerca de menos de 25 anos, Nancy

⁵⁶ Atribui-se a Nilton Santos, antigo jogador do Botafogo de Futebol e Regatas e da Seleção Brasileira de Futebol, campeão do mundo nos anos 1958 e 1962, um pensamento que se tornou celebre por sua simplicidade: *Faço aquilo que eu mais gosto de fazer que é jogar futebol e eles ainda me pagam...?*

Hogshead, através da narrativa de Cousineau (2004: 167), quando foi questionada por que deveria superar-se, respondeu, atualizando o espanto: "...porque as recompensas de tentar chegar a excelência de fato são muito grandes. Não estou falando de prêmio em dinheiro, de uma condecoração, nem mesmo de uma medalha de ouro. Estou falando de ter um sentido de vida ou vocação (...). De um orgulho profundo de levar a vida que estamos levando". Embora os atletas desportivos da atualidade sejam, muitas vezes, vistos como pessoas preocupadas com os recursos financeiros, o fato é que aquilo que dá sustentação e valia à vida desses desportistas é a exposição do valor, a luta por ser melhor, o reconhecimento de seu desempenho, o estímulo à busca da felicidade, a superação das adversidades e a disponibilidade para o excesso, numa sociedade que não se reconhece mais como valorosa. Talvez seja este o motivo da incompreensão de alguns críticos.

Ninguém, mesmo a longo prazo (e só desse modo se conquista o reconhecimento em qualquer atividade), poderá ter sucesso na modalidade desportiva que escolheu, se não venerá-la do fundo da sua alma; portanto, por uma fundamentação interna. Por outro lado, mesmo nos dias de moral utilitária, a expectativa de apenas ganhar muito dinheiro através da sua prática desportiva é muito pouco para alimentar, a longo prazo, os necessários e relevantes valores que alimentam a performance de elite.

Parte da sociedade atual considera que muitos dos problemas que enfrentamos alojam-se na competição e na busca desenfreada pela vitória. A competição, e mesmo a busca da vitória, é a base e o pretexto à cooperação (Savater, 2000). Isso em qualquer atividade e em qualquer instituição ou lugar. Estamos, na verdade, carecidos de uma sólida aprendizagem da competição, capaz de enraizar profundamente uma ética do jogo e do jogador (Bento, 1998), do reconhecimento da importância ética da luta pela vitória. Afinal, não faz sentido nenhum jogar e competir, sem que estas tarefas estejam apartadas do esforço ético para vencer.

Os gregos, precursores dos ideais desportivos, adoravam a vitória. "Os gregos antigos saboreavam a vitória, reverenciavam os campeões e imortalizavam os seus heróis esportivos tanto quanto a cultura moderna" (Cousineau, 2004: 225); a vitória era o coroamento da *aretê*; logo, uma das medidas de excelência. Em consonância com os princípios relacionados com a vitória, Garcia (2006b: 4) afirma a sua posição, salientando que o "primeiro desses princípios é que o desporto é para ganhar. Talvez reformulando este princípio possa ser melhor entendido. O objectivo de desporto é lutar para ganhar. Considero este princípio indiscutível". E tem razão o autor, uma vez que é

no valor da luta para vencer que repousam os demais princípios e valores éticos e educacionais do desporto e que dão sabor, cor e sentido à vida.

Como já nos referimos, existem limites éticos que devem ser observados, assumidos e incorporados à luta para se conquistar uma vitória no desporto, assim como deveriam ser de igual medida para o êxito nos estudos, o sucesso pessoal e profissional. No tocante ao desporto, Garcia (2006b) estabelece outro limite para se alcançar a vitória: a dignidade humana. Estamos, neste princípio, recuperando a especial observância do respeito e valorização da pessoa humana; vencer a qualquer custo é desvalorizar a vitória e vencer, quando alguém é desrespeitado ou desonrado, é uma *derrota* que possui reflexos em todas as dimensões da vida. Por isso, Garcia (2006b) enumera, a fim de garantir o entendimento dessa relevante questão, alguns dos aspectos a serem observados na busca da vitória: lutar para vencer de acordo com as regras; ter consciência e respeito pela vitória e pela derrota; o treinador terá que ensinar aos seus atletas que devem respeito aos adversários (vitoriosos ou derrotados); vencedor e vencido são duas faces de uma mesma moeda; é importante treinar o atleta para lutar, para vencer, e também educá-lo para aceitar a derrota. Com isso, notamos que há, através da expectativa vitória e derrota, uma ótima oportunidade do desenvolvimento de uma educação em valores e, ao mesmo tempo, por intermédio dos símbolos incrustados nas faces da vitória e da derrota, de conhecermos mais sobre o homem, refletirmos sobre o seu passado, presente e futuro.

Vejam outras observações provenientes do estudo sobre as vitórias e derrotas. John Wooden, considerado um dos melhores treinadores de basquetebol norte-americano, chamado por Cousineau (2004: 224), disse certa vez que a “vitória nunca é final, a derrota nunca é final. É a coragem que conta...e permanece o que você aprendeu”. A educação de alguém acostumado a lidar com os dois lados da moeda agônica é uma educação especial, porque a vida, nas suas pequenas e grandes lições, está permeada pelo perfume e pelo suor, pelo êxtase e pela agonia, pela alegria e pelo sofrimento, pela dor e pelo prazer, pela certeza e pela dúvida e por outros convites paradoxais que nos acalentam a experiência da vitória e da derrota. Aprender com esse conteúdo eterno é uma medida de sabedoria.

Outra consideração prende-se às consequências da vitória. Se, por um lado, para a pátria, a vitória é motivo de prestígio e orgulho e, em virtude disso, o vencedor passa a ser heroizado, para o vencedor, por outro lado, receber a honra e demais prêmios, simbólicos ou materiais, pela vitória significa atingir um momento memorável da sua

biografia, sinônimo de dedicação, força e destreza, que fazem dele um modelo para qualquer cidadão. “Assim, a nika atinge não só o autor de tão grande feito como contagia toda a pátria, levando-a a festejar entusiasticamente o seu regresso” (Pinheiro, 2000: 101). Antigamente, essa pátria era a pólis, depois transformou-se em estados e países; hoje, todos os seres humanos, em todos os cantos do planeta, admiram os feitos notáveis de um grande atleta; assim, o desporto torna o mundo menor e mais íntimo.

Mas não podemos deixar de lembrar, à luz da *aretê*, que a vitória é algo fugidio e do mesmo modo que surge e nos entusiasma, desaparece e nos frustra. Como lidar com uma *donzela* tão volúvel assim? Ela está sempre buscando o melhor, o excelente, o excelso. Assim é a deusa grega *Nikê*⁵⁷ (vitória). Através dela podemos conhecer melhor o homem e a sua grandeza quando luta e compete no desporto e na vida. Ouçamos o que nos diz Pereira (2000: 43): “Comemorando a supremacia no combate e no desporto, a *Nike* era o coroamento natural do espírito agônico grego. É nesse sentido que entendemos que o motivo artístico servia, ele também, para simbolizar uma das mais altas manifestações desse desejo de superação”; o confronto e o gesto desportivos são uma especial fonte de inspiração para as artes em geral; assim também, para lidar com a experiência da vitória, é necessário uma boa dose de arte e de sabedoria pedagógica.

Desde os tempos mais remotos a vitória possui uma força especialmente poderosa. Muitos são atraídos por ela mas, sem preparo ou sem a devida prudência, acabam embriagados pelos resultados da sua conquista, esquecendo a sua verdadeira mensagem, que é encontrar a simplicidade na vitória e a força na derrota. É na transitoriedade do sucesso e do fracasso que reside e, também, é comprovada a verdadeira força do atleta interior. “*Nikê* é a mensageira angélica que entrega a cobiçada coroa de louros enviada pelas verdadeiras fontes da vitória, Zeus e Atena, respectivamente o deus do poder e a deusa da sabedoria” (Cousineau, 2004: 225). A vitória pode trazer o poder mas, se este for usado sem sabedoria, ao invés de felicidade, o atleta, o político, o artista podem encontrar desventura. Continuemos com as reflexões. *Nikê* possui asas e isso não é por acaso – revelam sua natureza, que é efêmera e volúvel. “*Nikê* não traz somente a notícia da vitória, mas também a notícia de que a vitória não dura muito tempo” (Cousineau, 2004: 225). O simbolismo é notório. A

⁵⁷ Trata-se da personificação de *Nikê* e é representada com asa e voando com grande rapidez. Pertence à geração dos deuses anteriores aos Olímpicos e o escritor grego Hesíodo dá-a como filha do Titã Palas e de Estige. Outra tradição dá-a como tendo sido criada por Palante, que lhe teria consagrado um templo no cimo da sua colina, em Roma, o Palatino. Em Atenas, *Nikê* é apenas um epíteto de Atena. A deusa Atena é, muitas vezes, denominada Palas Atena; daí que Palas seja considerado um epíteto ritual de Atena.

deusa pousa sobre o vencedor que tenha conquistado a sua presença mas este não a detém indefinidamente, ele necessita de perseverante esforço e dedicação genuína para que, numa outra oportunidade, a deusa retorne e traga consigo o signo da vitória. Porém nada está garantido, pois a deusa tem a liberdade, ou determinação de Zeus, de escolher o próximo vitorioso; vê-se em determinadas situações fortuitas o vencedor, embora não sendo o melhor, ser bafejado pela sorte. Quantas sensações e situações novas e inesperadas trazem consigo a vitória? Nesse tema somos sempre um *eterno aprendiz*. *Nikê* “representa a transitoriedade do triunfo, a evanescência da fama, a impermanência do talento pelo qual os vitoriosos costumam ser tão esplendidamente recompensados” (Cousineau, 2004: 226). De posse dessas meditações, não podemos deixar de considerar o significado pedagógico da experiência de vencer e de perder. Voltando à pedagogia da modéstia e da humildade, Bento (1999: 28; 2006a: 39) a considera como “a mais alta pedagogia humana, porque a humildade é um lugar de reconhecimento da nossa limitada dependência, da nossa imperfeição, dos nossos erros, das nossas fraquezas, mazelas e misérias. Abrindo a porta à tolerância e à aceitação da igualdade dos outros”. Assim, o desporto nos oferece uma possibilidade de exercitarmos, particularmente, por intermédio do vencer e do perder – ninguém vence sempre e nem perde sempre – a pedagogia da modéstia e da humildade; um modo de ser, de saber e de lidar com os diferentes contextos do desporto e da vida.

Do ponto de vista da nossa prática com os desportos de competição, verificamos que atletas de todas as idades enfrentam um grande desafio, ao se depararem com a realidade trazida pela derrota e pela vitória. Esta é uma situação que exige muito da alma humana; “...lidar com inêxito, como também, embora em menor escala mas não com menor importância, com o êxito” (Garcia, 2006b: 8). Tanto a vitória como a derrota não são os fins do desporto e, sim, um dos meios do processo pedagógico dos desportos, até porque, há sempre uma nova competição e, com ela, uma nova ocasião em que se pode lutar mais uma vez para vencer. Quando vencemos, aprendemos algumas lições: a vitória acontece pelo mérito do esforço realizado todos os dias para se atingir o estado de merecimento e de excelência; a vitória deve ser saboreada e digerida, e o produto da digestão deve gerar energia suficiente para alimentar o corpo, a mente e o espírito para novos desafios; saber que a lembrança das vitórias serve para tornar-nos mais preparados para lutarmos por um ideal; recordar que a vitória mais valiosa é aquela conquistada diante de um adversário valoroso e, sendo assim, demonstrar respeito e consideração pelo oponente faz do desportista mais do que um vitorioso, torna-o a

encarnação da própria excelência. Outrossim, pela pena de Bento (2006a: 15), lembramos o ensinamento de Carlos Drummond de Andrade: “perder é uma forma de aprender. E ganhar – pode ser – uma forma de se esquecer o que se aprendeu”. Por isso, precisamos aprender que, quando a vitória não vem, o desportista, antes de tudo, deve ter certeza de que a derrota aconteceu apesar do seu empenho máximo para evitá-la. Cabe retirar dessas experiências alguns ensinamentos: encontrar motivos para continuar o seu esforço no sentido de melhorar o seu rendimento, nos treinos e nas competições; reconhecer, naquela jornada, o desempenho superior de seus adversários; verificar que a derrota pode servir, entre outras coisas, para revelar o quanto estamos preparados para enfrentar os nossos *companheiros* internos, tais como: vaidade, inveja, medo, egoísmo, insegurança, raiva, entre outros. O desporto desponta como um microcosmo da vida enquanto que a “vitória ou derrota resultantes parecem fornecer uma metáfora adequada para o entre-jogo entre destino e biografia...” (Da Matta, 1989; 67); no desporto como na vida não se pode controlar tudo, mas o que está ao nosso alcance é o treino, a preparação, a compreensão e a determinação de fazer – sempre – melhor, na esperança de vencer o destino; é a vontade versus o determinismo.

Na dialética relação entre vitória e derrota, encontramos espaço para anunciar, além da pedagogia da modéstia e da humildade, as diversas pedagogias (da dor, das pequenas grandes coisas, do Eu moral, entre outras) citadas por Bento (1999). Porém, o extrato axiológico do desporto e da *aretê* nos aconselha a destacar o que Bento (1999: 27) chamou de *pedagogia profunda*, ou seja, a “da tomada de consciência da nossa imperfeita perfeição, da necessidade de criação contínua da perfeição para se abeirar da Perfeição, da consciência do homem como pessoa moral e livre, dos grandes exemplos e arquétipos humanos”. Com isso, auferimos, ainda na perspectiva da vitória e da derrota, que vencer vale a pena, quando é fruto de uma permanente luta para tornar-se o melhor, tanto em competência técnica como em competência moral, ou seja, caminhar na direção do imperfeito para o perfeito; a vitória externa, assim, é apenas um reflexo da supremacia interior. E perder é a oportunidade de provar que derrota maior é aquela em que, empreendendo um esforço máximo para vencer, não reconhecemos o nosso valor e o do adversário vencedor que, numa determinada jornada, saiu vitorioso. Quem perde, no desporto, sabe que haverá sempre uma nova oportunidade e essa é a esperança de que o imperfeito pode se transformar no perfeito; quando não abandonamos a idéia de vencer, mesmo que percamos, nunca saímos derrotados; ao “...lançarmos um olhar sobre os caminhos percorridos pelo espírito agônico e pelos os sentidos da ascense,

notamos que em primeiro lugar é o exercício do atleta que o leva à perfeição e à vitória”. (Urbano, 2000). Considerando esses argumentos, reconhecemos que desportista detentor da *aretê* é aquele que desenvolve, através dos tempos – durante toda uma vida – tanto na vitória como na derrota, uma atitude semelhante às duas faces da *moeda* da vida (interna e externa), isto é, cada uma delas está contida na outra. Essa *pedagogia profunda* de aperfeiçoamento passa pelas vitórias e pelas derrotas, mas não sem antes perguntar: Quem vence? Quem perde? Quem vence quem? E quem é derrotado por quem? A resposta pode estar na luta para vencer que foi referência de Garcia (2006b), a consciência de que podemos fazer das vitórias e das derrotas um sucesso permanente e que não há vitórias e derrotas definitivas, apenas experiências orientadoras do autoconhecimento. Na perspectiva da excelência, há uma sutil diferença entre ser um vencedor e ser um campeão.

3.13 - Desporto: A transversalidade dos sentidos

Partindo dessa premissa e por tudo que foi referenciado, o desporto, pela mão da sua pedagogia, antropologia, axiologia, ontologia e filosofia, descortina a lógica de como ajudar na proteção e na evolução da espécie humana e do planeta. De acordo com Garcia (s/d), o desporto *está* condenado a servir o homem muito além daquilo para que foi inventado. *Está* condenado a salvar o homem.... Com esse propósito, então, vamos considerar algumas das grandes obras transversais que o desporto desenvolve nos planos culturais, sociais e educacionais.

As modalidades desportivas detêm, há algum tempo, o estatuto de pluralidade. Isso se deu com o advento da pluralidade cultural a qual, segundo Garcia (2006b: 2), levou em consideração o sentido da “existência *daquele* homem, *daquela* criança, enfim, *daquela* pessoa”. Também, nessa perspectiva, Gaya (2006) relaciona algumas das manifestações do desporto: desporto de excelência, desporto de lazer, desporto para desenvolver a saúde, a qualidade de vida, como meio e fim terapêuticos, preventivos e de reabilitação e o desporto escolar. Cada uma dessas expressões do desporto dá sentido à sua prática e ao seu praticante. Pelo seu caráter transversal, o desporto libera a formulação de outros sentidos, por exemplo: no desporto vinculado à saúde, descobriu-se, já é senso comum, que determinadas enfermidades cardíacas só poderiam ser diagnosticadas – os testes submáximos não eram suficientes – a partir de testes máximos de aptidão física. Outrossim, podemos auferir que, em se tratando de

educação, somente em situações de alta exigência é que se demonstra a verdadeira educação. Para muitos, conforme Fagundes (2001), é numa situação de confronto que se tem oportunidade de transmitir e desenvolver os valores educativos. Através da experiência no desporto competitivo, podemos comprovar essa afirmação: no desenrolar de uma competição acirrada e limite pelos mesmos objetivos, os adversários desportivos, mesmo assim, tratam-se com respeito, educação e consideração, as rusgas e a indisciplina são punidas pelas regras e pela justiça desportiva; um exemplo especialmente significativo que vem do desporto de alto rendimento. E também o desporto-espetáculo conseguiu o feito de instigar e motivar um grande número de pessoas a praticarem ativamente desporto (Garcia, 2006b). O desporto, pelo ideal de Comenius (como nos referimos no capítulo anterior) é para todos, para praticar tudo, durante toda a vida e de todas as formas (Bento, 2006a; Garcia, 2006a). Que bela mensagem de transversalidade, formação e de educação nos oferece o desporto!

Precisamos convocar todos – crentes e descrentes – a enxergar os verdadeiros sentidos dos desportos como nos aponta Garcia (2006c: 16): “Basta procurar aquilo que de mais humanos lá existe”. Esse mesmo autor nos convida a contemplar o rosto de uma criança quando recebe uma bola que pode ser de trapos ou do último modelo oficial, mas é uma bola (Garcia, 2006c); os olhos da criança transbordam de alegria, entusiasmo e satisfação e, depois... rumo ao *grande* e mais *importante* jogo. A vida desse ser extrapola todos os sentidos, é linda e divina. Ninguém pode manter-se indiferente frente a esse episódio.

Do mesmo modo que faz brilhar mais intensamente a luz da criança, o desporto há muito inspira os mais ilustres poetas: de Píndaro a Carlos Drummond de Andrade, de Simónides a Miguel Torga. Todos expressaram pela escrita o que a alma desses imortais, refletindo o desporto, fez questão de manifestar, ou seja, palavras de enriquecimento e de reconhecimento da ação simples e excelente do espírito humano. “É que o desporto, dada a sua natureza e simplicidade, permite alcançar alegrias que, para muitos, são únicas...” (Garcia, 2006a: 144). Assim sempre foi e sempre será...

O desporto desde o seu início ofereceu material objetivo e simbólico como matéria-prima para a inspiração e realização artística. A ação desportiva, pelas suas cores e suas formas, é a tradução de uma estética magnífica mas, esta “beleza tem o carácter evanescente de um sonho, e contudo evoca-se frequentemente a estatuária a seu propósito, o das artes que assegura mais a perenidade da obra” (Fernandes, 2000: 201). Os escultores não se contentavam simplesmente em ver o desempenho dos atletas, eles

queriam, pela beleza e pela expressão dos gestos desportivos, eternizar aquele grande momento.

3.14 - Desporto: Limites e oportunidades

Durante a sua epopéia, o desporto enfrentou, e ainda enfrenta, os desafios de mares revoltos e de tempestades ameaçadoras, como: a truculência de reis e imperadores, os dogmáticos, filósofos de alma pequena, os intelectuais de pouca prática e sem corpo, além de enfrentar as mudanças culturais e axiológicas da sociedade. Podemos ver, atualmente, vinculadas ao desporto, a ação dos princípios da sociedade industrial como a técnica, a eficácia e o rendimento (Costa, 2006). No entanto, o desporto, durante os séculos, foi a instituição que mais rapidamente se adaptou às circunstâncias e que delas saiu altivo e fortalecido. “Só uma actividade edificada com uma estrutura ética indestrutível é que poderia resistir a tanto tempo, a tanta convulsões e a tantos ataques soezes” (Garcia, 2006a: 151). Diante da paradoxal evolução científica e tecnológica, o voraz desenvolvimento comercial e industrial, a falta de referências exemplares da sociedade e todas as outras contradições dos nossos tempos, o desporto surge como “sendo o espelho da sociedade, com todos os seus problemas, crises e contradições, o desporto é também, e talvez mais ainda, a expressão deste desejo profundo do homem de qualquer coisa que o ultrapassa, da vitória a que aspira, da festa de que se sente necessidade, das alegrias e emoções sem as quais a vida humana não tem sentido” (Costa, 2006: 64). Durante toda a sua existência, o desporto, na sua configuração interna, permaneceu tendo como esteio, e realizando o sentido humanista e cultural, tais como: é um meio de sobrevivência humana, é um instrumento de expressão cultural, de felicidade e de realização mística (Costa, 1997). Por isso, aqueles que olham para o desporto na perspectiva externa fazem uma análise contaminada pelos sintomas periféricos e superficiais. Entretanto, os mais atentos verificarão que os laços que unem os seus diversos atores à sua essência são os dos valores humanos, sagrados e transcendentais. Apoiado nessa índole, o desporto traça o seu rumo e o seu destino cultural junto à humanidade. Essa saga começou com a história humana e a finalidade é a autêntica dimensão espiritual, esse âmbito que diferencia essencialmente os desportistas do resto do mundo vivo (Fernández, 2004).

Sabemos muito bem que falar sobre a vertente situada nos valores do desporto, não raramente no momento atual, é considerada descompassada ou fora de propósito.

Há muitos que pensam assim e se esmeram em apresentar argumentos. Entretanto, como discutimos no capítulo anterior, isso, muitas vezes, é causado pela crise de identidade, de sensibilidade e de orientação axiológica que, em consequência, gera uma retração na disponibilidade em ver, conhecer, entender e viver os valores mais caros (atualmente raros) da cultura humana. Nessa absoluta *prova de fogo* da nossa civilização, o desporto não tem como ficar isento deste envolvimento. Nessa medida, cumpre salientar que há atitudes e comportamentos reprováveis no desporto. Bento (2004: 80) registra que existem “nele criaturas disformes, sem honorabilidade e sem alma e com o corpo mostrengo medonho e grosso. (...), à arrogância e a impunidade de figurões que se afirmam pelos desvios desse caminho”. O desporto pela sua espetacularidade, projeção e aceitação mundial acabou por atrair investimento e, com isso, uma grande disponibilidade de recursos financeiros. A partir disso, arrastou também algumas pessoas de índole duvidosa. Esse é justamente um dos aspectos que os críticos do desporto aproveitam para carregar nas suas análises desfocadas. Porém, propomos às pessoas de bom senso uma pequena reflexão: todos (pessoas, empresas, universidades, sociedades, países e os organismos internacionais) têm interesses econômicos. Imaginamos que todos querem que o mundo seja próspero e que todos tenham uma vida digna. A maioria necessita de carro e também de aviões para viajar. Mas, nenhuma fábrica de carros ou de aviões pode convencer-nos de que não podemos viver sem eles, simplesmente porque o homem criou o carro, a economia, a televisão e o avião, não o contrário. O homem existia antes disso tudo e existirá depois (Tilak, s/d). Portanto, não são os recursos financeiros que criam e detêm o poder sobre o desporto; antes dos recursos financeiros (maiores ou menores), o desporto já existia e, se, algum dia, faltarem esses recursos, o desporto perdurará. Como salientou Garcia (2006c: 19) que para “além do homem se constituir como fundamento do desporto, assume-se também como a sua finalidade (*telos*). Fundamento e finalidade (...), fundem-se mutuamente, sendo o homem o elemento charneira”. É nessa perspectiva que todos “compreendem que a instituição desportiva é, não somente a que melhor resiste à tempestade, mas também a que mais depressa recupera o seu próprio equilíbrio” (Costa, 1997: 128). Ao falar sobre as sombras e os desafios que o desporto enfrenta (enfrentou) e, certamente, vai enfrentar, temos a oportunidade de realçar, ainda mais, as possibilidades axiológicas, pedagógicas, antropológicas e humanas do desporto.

O desporto sempre foi, como vimos, uma verdadeira bússola axiológica e um pólo dinamizador de sentidos, nos quais a humanidade pôde buscar a sua orientação e

expressão de vida. Quem, por exemplo, pode duvidar da importância dos desportos na construção da paz? Garcia (s/d) informa que, atualmente, acredita-se que foi o desporto que ajudou a evitar a guerra entre as duas grandes potências mundiais, durante um longo período, a que se deu o nome de Guerra-fria. Ampliando esse cenário, salientamos ainda que o reinício das relações sino-americanas foi conseguido através da política do ténis de mesa. Foi por intermédio dessa modalidade que o gelo se quebrou. Por essa e outras incursões é que podemos considerar o desporto “como a expressão de uma sociedade alternativa, como a interrogação sobre o funcionamento de uma dada sociedade, como um certo desvio do real pela construção imaginária de um mundo ideal” (Costa, 2006: 64). Desse modo, se entende por que, durante as grandes guerras, os Jogos Olímpicos foram suspensos. Como poderia existir espaço para uma instituição que celebra a paz e convida à harmonia e à solidariedade entre os povos de todo o mundo, enquanto as instituições políticas e económicas encontravam-se movidas pela insensatez, pela arrogância e pelo rancor?

Nessa premissa nos deparamos com o sentido de salvação e de recuperação da humanidade. Quantas vezes o desporto é chamado para a resolução de problemas humanos e sociais e, particularmente, se nota “ainda que uma das formas mais comuns para evitar que os jovens sigam as veredas da marginalidade e do consumo de drogas é promover a prática desportiva (Garcia, 2006a: 158). São muitas as lições a serem consideradas a partir do desporto! Se, como nos disse Sua Santidade, o Papa João Paulo II (visto no capítulo anterior), o desporto é um “Dom de Deus” precisamos disponibilizar, através da poesia, da arte, da literatura, dos saberes, da ação e da emoção, essa dádiva a todos. Assim, o desporto surge como um sentido da profundidade da alma humana, quando clama por um ser humano melhor que não aceita o pessimismo imposto e nem a derrota antecipada, que luta contra a renúncia do dever e do sucesso indigno; esse sentido impulsiona os desportistas na direção das conquistas situadas nas categorias do belo, do estético, do ético, do bom, do útil, da alegria e da felicidade. Entretanto, não podemos imaginar que isso não exija esforço, perseverança, disciplina e superação, pois, conforme nos adverte Bento (2004: 68) “cada um de nós é operário do edifício da sua formação. (...); funda-se em esforço e suor, em sacrifício, disciplina e renúncia, afínco, rigor, respeito pelos companheiros, obrigações, deveres, normas, princípios e valores morais e universais”. Não é sem outros motivos e competências que o desporto é visto por muitos autores como uma escola de virtudes (Bento, 2004; Garcia, 2006a). É como escola de virtudes, situada no espaço planetário, que se aprende

com o *professor corpo*, onde a *matéria* é o *auto-conhecimento* e a *formatura*, a *transcendência*.

Seguindo a tradição da educação oral, há um relato que nos interessa destacar neste momento. Certo dia, Tilak (s/d) perguntou: Conhecem a relação entre um ferro velho e enferrujado e as estrelas? E respondeu: É que, se esse ferro velho e enferrujado for polido e tratado todos os dias, acabará por refletir as estrelas do céu! Assim é no desporto, nessa dinâmica de transcendência que, para nós, deveria ser imperativa; fazendo sempre algo para melhorar, polindo-se todos os dias, o homem e a humanidade, pela atitude virtuosa de empenhamento, atinge a excelência e daí a transcendência.

Nesse sentido, o desporto é a via e a anunciação daquilo que pode libertar e dar autonomia aos homens. Uma proposta de humanização do homem, da sociedade, dos poderes, da prática e da palavra, pois o destino desse homem é humanizar-se, decolar ao máximo suas potências, todas e de um modo ordenado (Ibañez, 1976). Essas considerações não são exageradas, uma vez que, ao observarmos as tarefas do treino e da competição desportiva, verificamos e acolhemos o fato que, embora sejam os corpos que estejam em movimento, o exercício é do valor. O suor derivado dessas práticas, mesmo muitas vezes incompreendido, é mais do que o produto da transpiração causada pelos exercícios físicos, é o resultado da escultura do “Homem-Todo, na pessoa de fora e na expressão da sua grandeza na pessoa de dentro. E a esse entendimento e estado holístico da forma humana eu atrevo-me a chamar de excelência e arte, a *areté* dos gregos” (Bento, 2004: 68); sem dúvida um dos maiores sentidos disponibilizados pela prática desportiva. Celebramos o desporto como um extraordinário meio a serviço da formação integral do homem, promovendo um saudável equilíbrio entre as dimensões físicas, éticas, intelectuais, emocionais, sociais e espirituais.

3.15 - A relação dialética entre o externo e o interno

Julgamos que se possa também encontrar o sentido e o significado do desporto junto ao universo do sagrado, do mito, do religioso (Costa, 2006), do imponderável, do indomável... Ele (o jogo desportivo) apenas se torna possível, quando um influxo da mente, concordância da alma, desmonta o determinismo absoluto do cosmos (Huizinga, 2003), mas não altera a sua ordem. “Assim, enquanto universo de comunicação simbólica, o desporto tem como conteúdo principal da sua mensagem o mundo e o homem, sendo este o actor principal do jogo mundano” (Costa, 1997: 18) e o atleta é o

artesão que constrói com os fios invisíveis do universo e descreve com as tintas do seu suor, advindos do seu esforço, a sua peça épica.

Ao longo da sua epopéia o homem tem-se perguntado: Quem sou? De onde vim? E para onde vou? Essas perguntas sempre ficaram sem respostas definitivas; apenas existem reflexões sobre elas. Vamos colaborar com mais uma meditação sobre esse assunto e, através dela, estabelecer mais uma relação entre os sentidos transcendentais e os profundos sentidos do desporto.

Segundo a Bíblia, no Evangelho de João, Jesus disse: “Eu Sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (São João, 14, 6). Se atentarmos para essas palavras, talvez possamos responder àquelas indagações do parágrafo anterior. A reflexão é a seguinte: podemos aceitar as palavras Eu Sou como Jesus, referindo-se a si próprio como pessoa. Porém, do ponto de vista místico, Jesus poderia situar o Eu Sou como simplesmente o Ser. Dito dessa maneira, a tríade pergunta, que atravessa os tempos e originou essas meditações, aponta para o Sentido dos sentidos; quando sei quem eu sou, de igual maneira, sei de onde vim e para onde vou, ou, pelo menos tenho noção do meu passado e do meu futuro; um Caminho de Vida que nos faz contemplar a Verdade. Provavelmente, a busca desse sentido levou Sócrates, há 2500 anos atrás, a estimular as pessoas na procura do ideal de formação e de perfeição, contido na célebre frase descrita no Oráculo de Delfos: Conhece-te a ti próprio (Adorno, 2002). O conhecimento do Ser, quando se chega a dizer Eu Sou!

Qual é a relação dessas fórmulas religiosas e espirituais e o sentido do desporto? Será que é possível conhecer a si próprio sem conhecer todas as manifestações e dimensões, potencialmente disponíveis no corpo e na alma humana? Vamos a uma possível resposta. De um lado temos as interrogações: De onde viemos? Para onde vamos? Isso dá uma idéia clara de Caminho. E por outro, há o atleta de alto rendimento, ou o simples praticante de rendimento recreativo, de uma determinada modalidade desportiva onde se destacam duas dimensões: a interna e a externa. Olhando através da perspectiva externa, o praticante desportivo *está* engajado na tarefa da sua modalidade e, por isso, realiza treinamentos, competições; ao mesmo tempo, algumas vezes vence, em outras, fracassa; lida com um sem número de dificuldades, problemas e desafios que precisam ser enfrentados e, também, com a alegria, a satisfação e a felicidade advindas da sua experiência, do que realizou e passou e, sendo assim, demonstra confiança, entusiasmo e motivação para enfrentar novos e maiores confrontos. É a *vida*, o *caminho*

e a *verdade* que esses homens, mulheres e jovens escolheram e que dão brilho a sua *vida*. Com que sentido? Superar-se, melhorar-se e educar-se.

Na perspectiva do atleta interior, o *Eu Sou* é a Luz do desportista. Para quê? Para treinar, competir e vencer na maior de todas as competições, o Jogos dos jogos (Leonard, 1999), o Jogo da vida, o *Caminho* que realiza a formação cultural e a transcendência; um *Caminho* de pura felicidade que leva esses atletas a sua verdadeira morada. Para isso, é necessário aprender a olhar como é preciso, e um olhar assim é a visão da Idéia no seu esplendor visível (Patrício, 1996). Completando esse tema: “O Logos-Cristo é o verdadeiro educador dos homens” (Patrício, 1996: 49).

A *paidéia* grega e a educação são obras do espírito, por isso a formação do homem é a formação espiritual (Patrício, 2005), pois, o fator decisivo de toda a *paidéia* é a energia, a energia que vai do físico e do movimento (desportivo) ao espírito: a formação espiritual (Jaeger, 2003). Daqui, com toda energia, retiramos os substratos que nos remetem à *aretê*. A *aretê* na natureza ou no ser, identificando a virtude e o conhecimento: “conhecer bem e inteiramente é, desde logo, ser virtuoso; no que toca à dimensão moral, é ser excelente” (Patrício, 2005: 5). O desportista se exhibe, diariamente, como um ser virtuoso em sua prática e, do ponto de vista ético, não perde nenhuma oportunidade de fazer cada vez melhor a sua obra desportiva. Com isso, podemos ouvir Humboldt, lembrado por Bento (2006a: 47), quando disse que “o fim supremo do Homem é formar-se, isto é, reforçar, elevar, espiritualizar e transcender a sua natureza animal e o seu aparato físico”. Sendo assim, não temos dúvidas de que a pedagogia da dialética entre o homem (atleta) exterior e interior pode nos conduzir pelo caminho que nos leva e nos eleva ao Eu Sou. Na vida, o Ser caminha do externo para o interno e desse para a intimidade: ultimidade. Talvez podemos levar muito tempo para completar essa jornada, mas, assim como na maratona que só pode ser concluída com a segurança do primeiro passo e com a esperança do último, não podemos deixar de descobrir, mesmo com esforço e sofrimento, a alegria e satisfação decorrentes do encontro com essa grande finalidade. Indubitavelmente, o primeiro passo na direção desse grande intuito pode ser assistido, todos os dias, em diversas regiões do planeta, por diversas pessoas, em todas as culturas, independentemente do gênero, idade, perfil sócio-econômico ou cor da pele, através do desporto. Atentemos para o que nos sugere o exemplo do homem de meia-idade, obeso e sedentário, ao conseguir dar a primeira volta laboriosa e dolorosa numa pista; um herói (Ryan, 1989). O grande atleta, ao enfrentar os desafios embutidos na prática desportiva, luta para libertar o homem,

apontando para a imortalidade ao superar simbolicamente a morte, e participa da corrida ascensional para Deus. Recordemos o “combate simbólico do desporto, onde a ordem luta contra o caos, onde a vida luta contra a morte, pode falar-nos da esperança de que um dia a morte será definitivamente vencida pela vida” (Costa, 2006: 53). Esse simbólico combate torna-se uma realidade, quando vislumbramos a força e o poder que nos posiciona frontalmente para a luta, a saber, a *aretê*. Participamos, assim, da opinião de Caeiro (2002: 31) quando refere que “a análise da excelência (*ἀρετή*) da vida neste nível de consideração pergunta só pela possibilidade de levar a morte de vencida...”.

Ao admitirmos as duas dimensões, interna e externa, consideramos também que deve haver um, necessário, desdobramento dos sentidos no desporto. Os sentidos que parecem mais vinculados à esfera externa são aqueles que se revestem da categoria do *como*, ou seja, os das ciências e da tecnologia. Por outro lado, os sentidos ligados à esfera interna são aqueles que se encontram vinculados às categorias *para que e por que*; aqui falamos a partir da poesia, do simbolismo e da alma. “É sobretudo uma questão de aperfeiçoar nossos sentidos interiores e exteriores para a presença do Sagrado, diariamente em nosso meio” (Ryan, 1989: 116).

O ponto de encontro, ou de mutação, entre a dimensão interna e a externa acontece, quando discernimos que a experiência externa é um mero reflexo da experiência interna. A competição e o treinamento externos refletem a competição e o treinamento interno, assim como todas as ações humanas. Do mesmo modo que músicos treinam suas mãos, *atletas*, seus reflexos e técnicas; *lingüistas*, seus ouvidos; *eruditos*, suas percepções; nós devemos treinar nossas mentes e corações (Dalai-Lama, 2006). Sua Santidade nos oferece um isento diagnóstico a respeito da importância do treinamento realizado pelos atletas. É claro que se treina para conquistar algo: uma vitória, um campeonato, uma experiência, um estágio superior e a conquista de Si. Sendo assim, não podemos contrariar o conselho de Sua Santidade. Serres (2004: 44) também oferece uma ótima referência dizendo que “ao treino nada resiste. Não posso; estou a treinar; acabo por poder. Não sei; estou a treinar; sei. Não compreendo; estou a treinar: compreendo”. Portanto, aquilo que se aprendeu, exercitou, experimentou no treino e na competição desportiva se aplica em qualquer área de atuação humana. Dessa maneira, a educação, seja a técnica, a intelectual e a em valores, por meio deste ou daquele método, pode alcançar os melhores resultados e fazer frutificar a formação permanente; no desporto, treina-se todos os dias para que se possa ser cada vez melhor

na arte de competir, na formação permanente, deve-se fazer igual para que se possa ser vitorioso, mesmo antes de competir.

3.16 - Conclusão

Durante a sua longa trajetória, o desporto aproximou pessoas, povos, nações e o mundo inteiro, reduziu distâncias sociais, econômicas e religiosas, construiu pontes entre o passado, o presente e o futuro, foi motivo de inspiração, de alegria, de amor e paixão, elevou o corpo humano e transportou o homem para sua dimensão mais sagrada.

Podemos comemorar que é no seio do desporto que se reproduzem tensões e contradições da vida, tornando-as suportáveis e resolúveis como, por exemplo, a tensão entre a ordem e a desordem que encontramos em muitos jogos infantis, ou a tensão entre sucesso e insucesso que perpassa quase todo o desporto. O jogo alterna e inverte papéis e situações: quem até agora perdeu, pode ser em breve o vencedor; quem ganha, pode estar seguro de que isso não acontecerá sempre (Bento, 1998). Por isso, como atividade lúdica, simbólica e agônica o “jogo verdadeiro e espontâneo também pode ser profundamente sério. O jogador pode entregar-se ao jogo de corpo e alma, e a consciência de que se trata “apenas” de um jogo pode ser relegada para um segundo plano. A alegria inextrincavelmente associada ao jogo pode transformar-se não só em tensão como arrebatamento” (Huizinga, 2003: 37). Esse arrebatamento nos eleva, nos transporta às esferas do simples e do sublime, do próximo e do inalcançável, do profano e do sagrado; não são lugares comuns. O espaço de encontro entre a criança, o jovem, o adolescente, o adulto, o idoso e o espírito, onde não se precisa mudar, e sim incorporar as experiências das diversas etapas da vida e é por isso que adoramos o desporto: “Porque nos torna sempre próximas a infância, a adolescência e a juventude, mesmo que longínquas e perdidas na memória” (Bento, 2006a: 17). O desporto, dessa maneira, pode desenvolver e aprimorar um caminho de vida, mas não uma vida comum, e sim, uma vida especial que valha a pena ser vivida. Pela transcendência, pela ética, pelos valores e princípios da *aretê*.

Ao longo do texto, ficou evidente a nossa defesa da *aretê* (excelência e virtude) como um dos sentidos mais importantes ligados ao desporto. Por isso, cumpre destacar uma especial e antiga mensagem na qual se conforma uma das mais brilhantes defesas da educação e da formação baseada nos ideais, princípios e valores atribuídos à *aretê*, e que se encontram disponíveis nomeadamente no desporto. Essa passagem se dá na

Política (1337a, 33 - 1337b, 11), e bem poderia ter sido escrita hoje, onde Aristóteles exalta a pedagogia da *aretê*, salientando: “Este assunto tem presentemente gerado controvérsia, na medida em que nem todos estão de acordo acerca do que deve ser ensinado aos mais novos, no que se refere à virtude, e no que diz respeito à vida melhor. Também não é evidente se é mais adequado que a educação vise as capacidades intelectuais ou o carácter da alma” e depois o grande filósofo assume uma posição definitiva: “E devemos considerar aviltantes todas as tarefas, artes e disciplinas que não preparam o corpo, a alma, e a mente do homem livre, para o exercício e a prática da virtude”. É obvio que existem disciplinas que devem fazer parte de um curriculum que visem à educação dos nossos filhos, mas não somente porque é útil, mas porque promove a nobreza humana e libera o espírito. Recentemente, Marques (2006: 146) expôs a sua preocupação a respeito da mesma problemática, quando declarou: “Na obsessão educativa em definir prioridades – os olhos na competitividade e na concorrência econômica – os responsáveis pelas políticas de educação, em muitos países europeus, estão a cometer um erro. Sobrevalorizam as competências básicas como a capacidade de leitura, formação em matemática e as ciências naturais, em prejuízo de outras como as capacidades desportivos-motoras”. Não ouvir a opinião dos sábios e não auscultar a intimidade humana é uma exposição de falta de sensatez. Salientamos que é no cenário desportivo que encontramos uma possibilidade de educação integral – corpo, alma e a mente – conforme ponderou Aristóteles. Além disso, os nossos dirigentes políticos e intelectuais, aceitando apenas a lógica do mercado (produtividade) e da economia (rendimento) estão, há muito, cometendo equívocos, e os resultados têm provocado mais tormentos do que satisfações. Um bom teste para esse grupo social, proposto por Savater (2000: 140), detectar os prejuízos causados por suas ações “é perguntarem sinceramente se ainda podem responder, com o rigor da modéstia de Albert Camus, a quem lhes pergunte o que têm feito face aos terríveis males do mundo: “Para começar, não os agravar”. Se isso nos parece pouco, é mau sintoma...”. Por outro lado, atendendo às orientações de Aristóteles sobre a *aretê*, devemos ter atenção às palavras de Xenofonte (Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates, III, 12, 8) quando exclama: “é sumamente deplorável envelhecer em meio ao puro descuido, sem perceber em que tipo de ser humano é possível se tornar promovendo a força e a beleza físicas em seu grau máximo”; salvemos as crianças, os jovens e os adultos desse terrível destino.

Achamos que, ao recuperar os princípios e os valores da tradicional *aretê* grega, estamos contribuindo para a restauração do legado cultural deixado pelos nossos mais valiosos ancestrais. Precisamos manter acesa a chama que Prometeu entregou aos homens, precisamos manter viva a luz das palavras do Oráculo de Delfos, precisamos recuperar a nossa identidade divina e precisamos confiar que tudo isso é possível; mesmo vivendo numa “época em que as experiências e viagens espaciais questionam profundamente as antigas representações cosmologias, o desporto pode ajudar o homem a ver qual é o seu lugar no cosmos e qual o sentido do seu destino: ocupa um lugar central no universo e participa num jogo onde tem todas as condições para vencer” (Costa, 2006: 55). Sim, o desporto demonstra que sempre é possível vencer desde que se lute para isso. A prova disso é encontrada, pelos milênios afora, junto aos atletas de todos os tempos, como guardiães de um templo da dignidade, da honra e da superação, ou como tecelões de uma parte significativa da cultura humana que tecem o tecido da civilização através dos cordéis da *aretê*. Temos que aceitar que todas as coisas mudam, é inexorável; a Grécia foi grande, depois foi Roma, depois a Inglaterra; Napoleão, um dia era imperador e, num outro dia, estava na prisão. Entretanto, aquilo que vai no coração, na alma e se expressa pelo amor e pela dedicação, é eterno. Mas, por isso mesmo, enquanto a sociedade moderna nos empurra para as máquinas, os desportos nos trazem de volta as pessoas. Enquanto a cultura moderna nos impele ao individualismo, o desporto promove a socialização. Enquanto a tecnologia moderna nos fascina com a sua passividade e conforto, o desporto nos aconselha a sermos ativos (Ryan, 1989). Enquanto a escalada de relatividade axiológica nos atordoa, a *aretê* agônica nos estimula na educação em valores. E enquanto, atualmente, a expressão do sagrado é, por muitos, depreciada, o desporto nos inspira a nos conhecermos muito além da superfície; ou seja, melhor e mais profundamente.

Ao discorrer sobre a multiplicidade de sentidos do desporto, não se pode esquecer daquilo do qual provém a sua existência genuína, ou seja, de uma cultura baseada nos ideais e princípios da *aretê* eterna a qual pode ajudar a recuperar e a conformar um homem de ação, confiante, corajoso, solidário, excelente e virtuoso; e, por intermédio desses atributos, impulsioná-lo à sagrada busca da transcendência. Para elucidar esse relevante sentido do desporto é preciso voltar a Xenofonte (Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates, I, 2, 19), quando ele registra que, do mesmo modo que, os que não exercitam o corpo, não conseguem realizar as proezas do corpo, também aqueles que não exercitam o espírito, não conseguem realizar as proezas do espírito. O corpo é a

encarnação do espírito; logo, seguindo o caminho do desporto, crianças, jovens e adultos, guiados pela virtude e pela excelência, podem alcançar a glória da transcendência. Avaliamos o desporto como um sentido de vida e de transcendência, construído através dos princípios e valores da *aretê*, os quais apóiam a sentença: supero-me, e assim, garanto a minha existência.

3.17 - Síntese

Neste capítulo preferimos refletir a respeito dos sentidos do desporto. Essa nossa preferência é justificada pela idéia de que os sentidos estão dirigidos e orientados pelos valores de uma cultura num determinado período. Como o desporto é sensibilizado pelas transformações sociais, axiológicas e culturais, imaginamos que os sentidos vinculados à sua prática podem oferecer material suficiente para o estudo do *por que* e *para que* o homem, ao longo dos milênios, está tão peculiarmente envolvido com ele.

Devido à natureza polissêmica, polifacetada e plural do desporto nos indica um mosaico de sentidos que seria impossível analisar dentro dos limites de nosso trabalho. Nessa perspectiva, resolvemos salientar aqueles que estão mais intimamente vinculados ao nosso estudo.

Sendo assim, evidenciamos inicialmente os inúmeros sentidos associados às Ciências do Desporto. Entretanto, fomos buscar, em áreas como a antropologia, a ontologia, a axiologia, a pedagogia, e mesmo a poesia, argumentos que nos conduzissem aos sentidos mais profundos, como requer a *aretê*, da prática desportiva.

Inicialmente, consultamos um dos grandes poetas portugueses; Pascoaes (1993: 72), poeta/autor que estabelece uma sutil relação entre a poesia e a ciência, considerando que a “poesia finda onde principia a ciência, e principia onde a ciência finda. É o *antes* e o *depois*, o *porque* e o *para que*. E entre eles medeia o *como*, o vaivém, o fluir e o refluir da onda, um palpitar de reflexos irisados...”.

Por isso, descortinamos os sentidos do desporto vinculados ao universo simbólico, ao lúdico e ao metafórico. Em seguida, conduzimos as nossas reflexões a partir da pedagogia e da antropologia vinculadas ao desporto. Ilustrando essa discussão, lembramos Patrício (1992) e a pedagogia de Leonardo Coimbra como uma obra *pan-anagógica*. A educação *anagógica* “tem que servir para construir o ser humano, concretizando assim o supremo ideal de *paideia*” (Garcia, 2004: 14). Nesse passo, reconhecemos que as modalidades desportivas como Caminhos, assim como fazem as

artes marciais, e cada passo é o sentido. A essa luz, interpretamos que os Caminhos do desporto podem despertar – nos, ou levar-nos à busca da perfeição (*aretê*) que existe em nós.

Como idéia central, do nosso estudo, consideramos, junto com Caeiro (2002), que *aretê* é a determinação de um sentido supremo (no desporto e na vida) ou uma possibilidade extrema do humano. Nessa perspectiva, o desporto é visto como uma atividade restauradora da ordem no caos, desponta como uma manifestação da excelência humana. O desporto, por meio do corpo, expressa o que vai na alma; o corpo e a alma são glorificados e elevados por intermédio do universo desportivo; a atividade desportiva tem um sentido mais amplo e mais profundo.

Discutimos, também, os sentidos do desporto e as raízes da *aretê* ligadas aos desportos, desde a sua instauração até a sua reedição, através do Barão de Coubertin, em 1986, em Atenas, na Grécia.

Colocamos em relevo algumas ações patrocinadas pelos atletas desportivos, a fim de registrar, por um lado, a *aretê* disponibilizada pelos desportistas e, por outro, evidenciar os sentidos decorrentes da prática desportiva.

Estabelecemos a relação entre a prática desportiva e o mosaico de sentidos encontrados nas diferentes manifestações das *aretai* do nosso estudo.

Seguindo as manifestações do desporto em nossa investigação, situamos o futebol como um cenário especial para captarmos as manifestações da *aretê* grega, bem como os vários sentidos nele contidos, em especial a busca da excelência.

A essa luz, Huizinga (2003) considera que, no desporto, há qualquer coisa em jogo que transcende as necessidades imediatas da vida e que confere sentido à ação e, por isso, todo jogo tem um significado. Achamos que a resposta pode, quem sabe, ser encontrada no mito ou no herói e nos símbolos, os quais são a fonte dos sentidos que mobilizam as multidões no universo do futebol.

Citamos autores como Da Matta (1989), que considera o futebol como um exemplo de honestidade; Murad (2004), que vê o futebol como um processo lúdico e ao mesmo tempo identifica, indiretamente, esse desporto com os ideais da antiga pólis grega; Gonçalves (2002), que registra a importância das características sociológicas do futebol; Bento (2004), que alude ao desporto como espaço de excelência e da arte de viver, entre outros.

Descrevemos alguns, dos muitos, desafios à prática desportiva para crianças e jovens; a relação com os pais, a formação de professores e treinadores, a organização

dos treinos e das competições com a devida adequação ao calendário escolar, fair play, doping, ética, entre outros.

A partir das opiniões de diversos autores, estabelecemos, a partir dos ideais da *aretê*, uma discussão sobre a importância e os aspectos pedagógicos, entre outras acentuações, do desenvolvimento do talento desportivo

No rastro da formação desportiva para crianças e jovens e o desenvolvimento do potencial desportivo nessa população, nos entregamos ao debate sobre a importância ética, pedagógica, antropológica, simbólica, metafórica e dialética – além de algumas incursões na mitologia grega – das experiências da vitória e da derrota, além da importância educativa e social da competição.

Assinalamos, também, os sentidos dos desportos advindos da sua pluralidade, do seu cariz democrático e da sua transversalidade pedagógica e antropológica. A partir desses fundamentos, apontamos alguns exemplos oferecidos pelo desporto às áreas da saúde, da educação e da justiça. Após essa etapa, apontamos que o desporto, dentre tantos sentidos, é um meio de sobrevivência humana e de prevenção a determinadas situações de risco, como a guerra. De acordo com Garcia (s/d), acredita-se que foi o desporto que ajudou a evitar a guerra entre as duas grandes potências mundiais durante o longo período a que se deu o nome de Guerra-fria.

Arriscamos sugerir, entre os sentidos humanos, pacíficos, solidários e outros, um sentido de ultimidade; o autoconhecimento, a partir da superação dos desafios e das limitações da vida ordinária, desportiva e da alma. Essa sugestão se deu a partir do ideal de formação e de elevação do homem, refletido pela *paidéia* grega; a educação, pela *paidéia*, é uma obra do espírito e, por isso, a formação do homem é a formação espiritual (Patrício, 2005). O fator decisivo de toda a *paidéia* é a energia; a energia que vai do físico e do movimento (desportivo) ao espírito: a formação espiritual (Jaeger, 2003). Daqui, com toda energia, retiramos os substratos que nos remetem à *aretê*.

Desse modo, a pedagogia da dialética entre o homem (atleta) exterior e interior pode nos conduzir pelo caminho que nos leva e nos eleva ao Eu Sou. Na vida, o Ser caminha do externo para o interno, e desse para a intimidade: ultimidade.

A partir desse ponto, esclarecemos que desporto pode desenvolver e aprimorar um caminho de vida, mas não uma vida comum, e sim, uma vida especial que valha a pena ser vivida. Pela transcendência, pela ética, pelos valores e princípios da *aretê*. Aristóteles, na Política (1337a, 33 - 1337b, 11), sublinha a defesa da *aretê*, considerando-a imprescindível à educação e à formação humana. Já Xenofonte decreta:

que desgraça para um homem envelhecer sem nunca ter visto a beleza e a força de que é capaz o corpo! Salvemos as crianças, os jovens e os adultos desse terrível destino.

Finalmente, achamos que, ao recuperar os princípios e os valores da tradicional *aretê* grega, estaremos contribuindo para a restauração do legado cultural deixado pelos nossos mais valiosos ancestrais, pois, precisamos manter acesa a chama que Prometeu nos entregou, precisamos manter viva a luz das palavras do Oráculo de Delfos, precisamos recuperar a nossa identidade divina e precisamos confiar que tudo isso é possível; mesmo vivendo numa época muito difícil para esses valores. Mas, a prova de que isso é possível é encontrada, pelos milênios afora, junto aos atletas de todos os tempos, como guardiães de um templo da dignidade, da honra e da superação.

Ao discorrer sobre a multiplicidade de sentidos do desporto, não se pode esquecer daquilo do qual provém a sua existência genuína, ou seja, a de uma cultura baseada nos fidedignos ideais e princípios da *aretê* eterna. O corpo é a encarnação do espírito; logo, seguindo o caminho do desporto, crianças, jovens e adultos, guiados pela virtude e pela excelência, podem alcançar a glória da transcendência (mínima ou máxima); o desporto tem um sentido de vida e de transcendência o qual é constituído pelos princípios e valores da *aretê*. Um excelente atleta diria: supero-me, logo, garanto a minha existência!

CAPÍTULO 4 - *ARETÊ* E DESPORTO NO PORTAL DA TRANSCENDÊNCIA

4.1 - *Introdução*

A demanda pedagógica no desporto, além das experiências causadas pelas vitórias e derrotas, tem um fim muito além do próprio cenário desportivo, já que ela invoca uma realização que, embora esteja inserida na sua prática, também, está para além dela: uma construção do belo e do bom, realizado pelos atletas de todas as idades, sexo e categorias de exigência, identificando-se com os mais elevados princípios éticos vinculados na *aretê* (excelência e virtude) e, ao mesmo tempo, a exposição do simbolismo dos sagrados rituais humanos, a grandeza interna do homem espelhada através da projeção no cerimonial externo. Nessa expectativa, o ser humano, livre, criador e sensível que modela o belo e exalta o sublime (Einstein, s/d.), surge o ideal de pedagogo da transcendência. A busca transcendente pelo ser interior e superior passa a ser uma possibilidade real, porque o ser humano sensibiliza-se e humaniza-se ao conseguir realizar a harmonia da sua verdadeira identidade. Contudo, sabemos que a manifestação humana é o resultado de uma multiplicidade de grandezas que podem ser dinamizadas pelo desporto na sua estreita identificação com os ideais e os valores situados na divina *aretê* (Jaeger; 2003). Quando se olha um ser humano de perto, ele não é nada grande; se o procuramos de cima de um edifício, ele fica muito pequeno e, se estivermos voando alto, num avião, ele desaparece; é, portanto, um pequeno mundo que possui energias físico-químicas como os seres inorgânicos, cresce e se desenvolve como as plantas; se move e tem instintos como os animais. Todavia, tem algo de original e próprio que lhe é específico e o torna extraordinariamente grande: o mundo espiritual, sua capacidade de conhecer e de amar que transcende o universo material (Ibañez, 1976). O homem é um ser em projeto, aberto ao futuro, mas aquilo que ele é hoje depende de suas escolhas, suas apostas e realizações: passadas e presentes. Desse jeito, ordena o presente e projeta o seu futuro na busca do sentido de sua vida. O sentido da vida pode (e deve) ser a realização dos valores, especialmente os valores superiores, que podem ser reconhecidos naquela bela frase do poeta Píndaro (recuperado agora por Ibañez 1976: 34): “Llega a ser lo que eres”. Sócrates também chamou a atenção para a inscrição contida no Oráculo de Delfos “Conhece-te a ti mesmo” (Adorno, 2002: 85).

Especulamos que somente será possível sermos nós mesmos, se tomarmos conhecimento a respeito do que somos. Eis a questão: Será que podemos nos conhecer sem conhecermos a nossa possibilidades de dedicação, de disciplina, de superação e de transcendência? Será que o desporto pode oferecer-nos os meios e as oportunidades adequadas para alcançarmos essas dimensões? Olhando para a essência do desporto, vamos detectar que os atletas são absolutamente enamorados pelo desporto, amam o que fazem, e, assim, despejam um turbilhão de emoções e alegria na arte desportiva: “levar o amor a todo lado onde exista solidão, separação, desolação – está por assim dizer encarnada na própria humanidade” (Comte-Sponville e Ferry, 1998: 219). Essa mensagem é a base da tarefa desportiva, pois, onde quer que o desporto se apresente, há luz, emoção, unidade e integração. É a exaltação da unidade na diversidade, portanto, da transcendência individual e coletiva. Quando Platão, na A República (411a), disserta sobre a educação do corpo e da alma, conclui que dessa harmonia resulta uma alma moderada e corajosa e, com isso, lembra que é a alma que é preciso educar. Concluímos que a alma pode ser educada através das atitudes engendradas pelo corpo físico, bem como suas emoções, inteligência, palavra, ou seja, conjugando a sua totalidade em benefício da alma, – que retroage sobre o corpo – através, tal como a ginástica e a música de Platão, do desporto e da estreita relação com os princípios e valores impregnados na *aretê* grega; esses valores repousam na prática desportiva e, por isso, torna-se possível, pela intenção pedagógica, a realização deles, atendendo assim aos ensinamentos de Píndaro, de Sócrates e de Platão.

Todos percorrem diferentes caminhos na vida. Alguns encontram no desporto um dos meios para ajudar na travessia dessa existência, que não pode ser feita de qualquer maneira e sem um fim especial; o homem precisa, para a sua realização mais sublime, atender à causa e ao chamamento à transcendência, excelso valor da *aretê*, um desporto de origem divina. Por isso, mais do que uma descrição literária, a finalidade de retratar a experiência de transcendência é um dever e uma tarefa profundamente humanas.

Durante o exercício de buscar referências para conceituar a palavra transcendência ocorreu-nos a seguinte indagação: Será que transcendência é algo que se possa delimitar, definir ou mesmo conceituar? Parece-nos que a transcendência que podemos conceituar não é exatamente a verdadeira transcendência. Esse estado de consciência é para ser realizado e a intimidade da realização supera em muito os termos lingüísticos que podemos sugerir. Exatamente por isso, mais adiante, vamos

disponibilizar alguns testemunhos de pessoas que, aparentemente, se encontraram num estado especial e, possivelmente, transcendental.

Quando se ouve alguém dizer a palavra “transcendência”, imediatamente a sua lembrança nos remete, por um lado, a uma reflexão sobre os mistérios a respeito de Deus e, por outro, achamos que se trata de alguma coisa boa, ou do bem, portanto, de valor. Segundo Tugendhat (2002), atualmente a palavra transcendência passou a ser designada como supra-sensível, ou seja, aquilo que se encontra além do espaço e do tempo. Esse mesmo autor considera que, antropologicamente, o conceito de transcendência se refere à relação dos seres humanos com o que está além.

Sendo assim, podemos designar que transcendência é ir além do natural, do conhecido, do comum, é estar mais próximo ou em contato com o sagrado. Este é um momento saboreado por alguns de nós, humanos, em situações especiais, que só podem ser traduzidas pela sua realização plena ou direta.

Sem dúvida que é a transcendência a finalidade última da jornada humana. O homem não pode viver apenas do supérfluo e da superficialidade nas suas ações, relações e experiências. Durante séculos ele foi desenvolvendo e aceitando uma existência fragmentada e, por isso, muitas vezes, limitada, e que talvez o tenha afastado, ou desviado, da sua finalidade última. Para Boff (2000b: 31) a “transcendência, fundamentalmente, é essa capacidade de romper todos os limites, superar e violar os interditos, projetar-se sempre um mais além”. Se é assim a maneira de *vivenciá-la*, devemos então fazer uso da nossa imaginação e da nossa coragem a fim de sermos dignos dessa mais importante *revelação*.

Para além disso, Boff (2000b: 22) salienta que “a transcendência é talvez o desafio mais secreto e escondido do ser humano”. Embora seja assim, o mesmo autor admite que o homem almeja uma realidade diferente da qual se encontra e também se percebe maior e mais valioso do que tudo que o cerca. No seu olhar para fora, ele enxerga desafios e limitações, mas, quando olha para dentro, encontra oportunidades e grandiosidade, pois aquilo que a cerca não o deve cegar. Essa experiência interior/exterior pode despertar o nosso pacífico-samurai. Este guerreiro luta para a construção de caminhos e o fortalecimento dos meios para elevar a pessoa humana ao Céu; como queria, e quer, a *paidéia* grega.

Ao mesmo tempo, Pereira (2003: 17) verifica que: “O homem nunca está satisfeito, acabado. (...), uma estrutura essencialmente aberta, de tal modo que deve dizer-se que o homem é simultaneamente animal *transcendens* e animal *inconclusum*”.

Com efeito, cremos que o homem estará concluído, se isso for possível, na medida em que a transcendência deixar de ser para ele uma experiência rara, ou um mito, para fazer parte da sua própria existência e da sua educação.

Sabemos que o homem não é apenas um corpo. O homem, sem dúvida, é uma corporificação de várias dimensões (física, emocional, espiritual, mental, etc.). Conforme Pereira (2003), o homem pode, aproximando-se do mundo, mediante a crença e a dúvida, a esperança e a inesperança, ou o desespero, o amor e o desamor ou o ódio, transcender esses sentimentos pela sabedoria e pela arte de viver. Esse mesmo autor (2003), revela que Scheler, considera o homem como um asceta da vida, pois é o único animal capaz de dizer não aos impulsos instintivos e, completamos nós, também dizer sim aos impulsos do espírito. Desse modo, podemos supor que o corpo do homem é, passa a ser, o principal veículo de comunicação e de manifestação de um projeto divino.

Se esse nosso projeto é divino, imaginamos existirem inúmeras possibilidades de manifestação da transcendência no dia-a-dia de nossas vidas. Boff (2000b) nos dá um bom exemplo, quando fala sobre o enamoramento. Esse sentimento faz com que a pessoa pela qual estamos apaixonados seja uma espécie de divindade e, neste caso, estaríamos diante de uma relação transcendental. Aliás, em se tratando do amor que sentimos por uma pessoa, quando ampliado e visto por uma perspectiva universal, ele possui uma dimensão de transcendência ainda maior do que aquele amor pessoal, pois *amar a todos como a si mesmo é perceber os outros como a si próprio* e isto é, sem dúvida, um critério antigo de virtude e de valor sagrado (*aretê*). Podemos dizer também que o olhar e o sorriso de uma criança são uma manifestação insuspeita de transcendência da pureza, da beleza interna e externa e de um brilho maravilhoso, pois, como sugere Boff (2000b), Deus habita numa luz inacessível, mas possível de ser revelada através daqueles sorrisos e olhares infantis os quais se caracterizam como o segredo da comunicação com Ele. São os lampejos da perfeição (*aretê*) que nas crianças reluzem.

4.2 - Vida em valores: Um caminho para a transcendência

Agora que situamos, resumidamente, aquilo que entendemos como transcendência, cabe-nos, a seguir, discuti-la no âmbito dos valores humanos. Ibáñez (1976), quando formula sua tabela de valores, baseada nos estudos de diversos autores, introduz o que ele chama de valores transcendentais, os quais são compartilhados com os

religiosos, os filosóficos e a cosmovisão. Incluem-se aqui as reações extraídas da experiência com a transcendência, tais como o sentimento de (in)dependência e adoração, felicidade e segurança nas convicções últimas.

Levando em consideração a hierarquia dos valores, verificamos que a maioria dos autores formula estudos sobre os valores religiosos, ou do sagrado, ou ainda do espírito (Patrício, 1993; Ibáñez, 1976). Parece ser uma devota-obrigação fazer constar os valores espirituais ou religiosos na formulação das escalas de valores; afinal, todas culturas, sejam ocidentais ou orientais, encontram-se permeadas pela liturgia religiosa. Atendendo essa linha de raciocínio, Patrício (1993: 288) anuncia que “a finalidade da educação é realmente a apropriação por cada educando da cultura, na sua unidade e integridade e na diversidade das suas formas”. Mais adiante, Patrício (1993: 289), ao dar voz a Willmann, prescreve que cabe a todos os grupos humanos “transmitir à nova geração o seu legado cultural, cujo o núcleo mais valioso é constituído pelos bens espirituais”.

A transcendência é a finalidade última (e a primeira) da vida e da prática dos valores humanos. Entendemos nós que o homem, na busca de ir além, de não se contentar com a sua existência material e na ousadia em sondar os mistérios da sua Criação, se configura como um ente transcendente.

Nessa premissa, advogamos a idéia de que os valores religiosos, sagrados e divinos, nos quais se inscreve a transcendência, são aqueles que representam a síntese de todos os demais valores. Ibáñez (1976: 27) indica que “Los valores espirituales tienen un carácter transcendente, absoluto, y en cierto modo, engloban e son fuente de los demás, sobre todo os los de la verdad, belleza e moral”.

As religiões, a espiritualidade e o próprio homem estreitam suas relações a partir da santidade como fim e como processo. Atuar como os santos é, do ponto de vista axiológico, particularmente ético (processo). Aqui podemos entender quando Santo Agostinho, chamado por Patrício (1993: 171), faz a seguinte revelação a respeito da interação dos valores éticos e os religiosos: “Aconselho-te um meio pelo qual podes louvar a Deus todo o dia, se quiseres: Faz bem tudo o que fizeres e terás louvado a Deus”; é a prática da *paidéia* de Deus (Jaeger, 2002). Naturalmente que este santo indica como caminho de vida o dever moral que deve ser cumprido, de forma natural e espontânea, durante a sua permanência nesse planeta. Isso tem a ver não só com a religiosidade mas também com as demais áreas de atuação dos seres humanos, em

particular o desporto, e refere-se igualmente ao modo como encaramos e projetamos a nossa identidade, especialmente nos planos éticos e sagrados.

4.3 - Aretê: Um bem divino

Já nos tempos da Grécia antiga, a ética estóica⁵⁸ baseava-se no fato de que o homem para se tornar um sábio devia viver de acordo com a natureza divina. Pereira (1988: 515) descreve como Capelle vê este assunto na perspectiva estóica: “Esta concepção uniu de maneira indissolúvel a filosofia e a religiosidade”, para em seguida definir uma concepção tão brilhante a respeito da humanidade que pode ser enquadrada, ao mesmo tempo, como emocionante e como um exemplo de cosmovisão: “o homem é uma parte do cosmo, que se encontra mais próximo da divindade. A sua alma é... uma partícula viva, uma centelha divina”. Dada esta proximidade podemos aceitar que a possibilidade de transcendência mais do que um bem valioso é um ideal para os deuses-humanos.

Cabe salientar que os gregos antigos possuíam uma palavra, *aretê*, que expressava um modelo de pedagogia voltada para a unidade e plenitude do homem-herói grego; além de referir-se aos valores da virtude, em vários planos, considerava a excelência em diversas áreas (desporto, arte, literatura, etc.), a honra e a capacidade de superação. Pereira (1988: 363), relembramos, confia que a “capacidade de superação vem dos deuses”. Evidentemente, nessa época, os valores sagrados eram de tal forma predominantes que não se distinguia claramente a diferença entre o corpo e a alma, mas ambos eram intimamente ligados, pois o Homem era unificação; para eles (gregos antigos) havia, e era o ideal, simplesmente o homem total; “Na concepção aristotélica (...), o espírito não se opõe à vida, mas é a sua realização suprema” (Vaz, 2004: 219). Quanto ao fenômeno da transcendência, verifica-se que, de acordo com os feitos e a grandeza ético-espiritual do homem grego, este poderia transcender simbolicamente a morte. Esse modo de ver os feitos heróicos foi admiravelmente narrado por Simónides, através do registro de Pereira (1982: 146): “Dos que morreram em Termópilas, glorioso é o destino, bela é a morte (...). Esta sepultura de homens corajosos escolheu para guardar a fama excelsa da Grécia. Testemunha-o Leónidas, rei de Esparta, que deixou o ornamento de uma grande valentia (*arete*) e um renome imperecível”. Seu nome, suas ações e sua imagem eram o testemunho da sua imortalidade e exemplo para seus

⁵⁸ Fundado por Zenão o estoicismo foi a escola mais famosa do da época helenística. Zenão propôs uma filosofia tríade: a lógica, a física e a ética. Sua doutrina filosófica acreditava que a felicidade era alcançada na medida que se abandonava todas as paixões materiais, os aborrecimentos e toda as formas de dependência.

descendentes e compatriotas; para além disso, havia a crença na possibilidade de ele ascender ao estágio dos deuses. Como vemos, desde sempre se conhece a relação de intimidade entre os deuses e o homem e, mais do que intimidade, o ser humano é uma *centelha divina*. Na visão de dualidade, podemos especular que os deuses deviam ter conhecimento sobre a axiologia pois sempre recompensavam os esforços humanos de superação, oferecendo-lhe – com justiça – a transcendência.

Isso posto, podemos aceitar que, desde sempre, o que é mais sagrado, valioso e importante nesse mundo é a vida humana: cada pensamento, cada emoção, cada palavra e cada movimento possuem uma dimensão universal e o Universo não estará completo com a ausência de uma dessas manifestações como acontece também na geometria, onde um círculo deixa de sê-lo, quando apenas um ponto da sua estrutura é retirado. Da mesma forma, a vida humana participa de uma odisséia cósmica e a sua finalidade é tomar parte na construção deste Universo.

4.4 - Desporto: No portal da transcendência

Podemos procurar razões para o entendimento do por que, nós seres humanos, em algum momento (ou sempre) da nossa existência, somos instigados a perguntar e a buscar algo que diga respeito a nossa identidade mais profunda e a nossa importância neste Universo esplendorosamente misterioso. Muitos são os que se dedicam a essa tarefa, mas poucos obtêm sucesso na conquista da transcendência. Esta é uma virtude rara e a sua realização depende de muito esforço, dedicação, persistência, paciência e superação, mas, tal como nos desportos, a vitória não é garantida. Todos podem (deveriam) tentar alcançar esse feito; entretanto, como tentar atingir *algo* que exige tanto e promete tão pouco? Estamos, é claro, falando da fé e da confiança (em si e no processo). Essa jornada de desafios é destinada a pessoas especiais, àquelas que lutam para alcançar seus objetivos, mesmo sob grande dificuldade, mas não esmorecem na luta por seus ideais.

A educação, há muito tempo, deixou de abordar profundamente, e de modo plural, os princípios fundamentais que revelam a identidade do Homem, incluindo a restauração espiritual e os mecanismos de sua apropriação integradora.

Um dos temas mais candentes desde sempre trata do desporto e de seus princípios como sendo um fruto eminentemente cultural. Dentre esses princípios está aquele que manifesta a possibilidade de libertação do homem através da transcendência,

assim como demonstrou Bento (1995: 303): “Como elemento da civilização o desporto é um sistema de valores espirituais, uma prática cultural para espiritualizar o mais possível a dimensão física, motora e biológica do homem, para esclarecer e legitimar, para a dignificar e elevar”.

A cultura dá-se na formação integral do Homem, na sua conduta, no seu comportamento exterior bem como na sua atitude interior. Entretanto, nem um e nem outra (comportamento exterior e atitude interior) nascem do acaso e se completam nele, mas são antes de tudo um produto de uma disciplina consistente e coerente (Jaeger, 2003). O fato é que as facetas internas e externas da cultura e do desporto se concretizam através da práxis humana e são reveladas a partir de categorias do desporto e, dentre elas, incluímos a transcendência⁵⁹.

O desporto como “funcionamento místico se apresenta sob uma forma secularizada, a sua mensagem poderá ter mais influência sobre a cultura moderna numa sociedade que não se reconhece mais como religiosa” (Costa, 1991: 113). Nessa premissa, entendemos que o desporto, embora seja um produto das atividades cultural e educativa, é por isso um agente de exploração desses limites na busca do sagrado. O desporto pode oferecer com isso a possibilidade de transcendência humana.

Se perguntarmos a um monge religioso qual é o sentido de suas práticas religiosas, ele, por certo, responderá que é a sua emancipação divina, ou a realização de Deus, ou ainda, superar a sua condição humana. Se fizermos essa mesma pergunta sobre as práticas desportivas a um atleta, a resposta, para a maioria, será: superar-me, atingir o máximo, conquistar uma medalha (ou campeonato). Como já vimos anteriormente, a dedicação a *causas especiais* exigem muito da alma humana.

Podemos dizer, então, que uma grande parte dos atletas, de qualquer idade, raça ou sexo, treinam e competem por razões que transcendem a própria competição, o treino e a própria condição humana. Dentre as razões que encontramos para tamanha dedicação temos: incentivo de nos recriarmos, a lembrança de que podemos ser mais que seres comuns e a coragem para enfrentar os limites e explorar o extraordinário.

A força e a destreza do empenhamento são as oferendas no altar do sacrifício (Silva, 2000). Por isso, os deuses unem-se aos homens na suprema harmonia e, não se consegue definir com exatidão a diferença entre um e o outro. É nessa desconhecida experiência mística que reside, talvez, o grande mistério do verdadeiro ideal do desportista e a possibilidade de extrairmos do desporto de rendimento os mais

⁵⁹ Garcia (2005) observa que o desporto é fundamentado em três categorias especiais: a lúdica, a rendimento e a superação.

poderosos substratos pedagógicos, conforme foi detectado por Garcia (2005: 4-5) “O homem interior surge assim em toda a plenitude e é, em grande parte, esta concepção que nos interessa desenvolver no desporto”.

Já não é de hoje que o desporto possui um caráter religioso e transcendente. A Grécia Antiga legitimava as competições através dos valores sagrados. No seu renascimento, formulado por Coubertin, os Jogos Olímpicos foram considerados como uma nova religião. Atualmente, não há quem não conheça a organização dos chamados *atletas de Cristo e*, recentemente, o Papa João Paulo II (2000: 4) disse (cabe recuperar) que o desporto é “um Dom de Deus”.

O desporto sempre esteve permeado pela senda sagrado-religiosa. Fernández (2004) considera o desporto como uma dimensão épica. A saga dos grandes eventos desportivos e de seus atletas começou a ser contada nos Jogos Olímpicos há 776 a.C. após a consulta ao oráculo de Delfos no séc. IX a. C. (Melo, 1996). Essas vertentes exaltam e impelem a capacidade humana na direção do sublime e, ao mesmo tempo, desafiam a sua busca. O empenho desportivo é a ação e a mão divina, a sua direção.

No sentido humano, a vitória desportiva é uma grande conquista; no sentido divino é a espiritualização a grande vitória. Por isso, as *vitórias* são os resultados de uma obra cooperante entre o *aretê* humana e o favor dos deuses (Silva, 2000); a vitória desportiva passa à qualidade de uma grande metáfora da suprema vitória do espírito humano.

Enfrentar a existência no sentido desportivo só pode significar, hoje e como sempre, não vacilar diante dos obstáculos, ou seja, não abandonar nunca a idéia de conseguir superá-los. É pela dedicação a esse processo que encontramos a possibilidade de transcendermos e, daí, celebrarmos a nossa existência de maneira plena. Consideramos aqui as observações de Bento (1995), quando descreve que no desporto se supera a dicotomia entre corpo e espírito com vistas à unidade e ao cumprimento do seu destino de perseguir a utopia da eternidade, de tornar possível o impossível.

4.5 - Desporto: A metáfora religiosa

Considerando a importância dos textos religiosos de tradição cristã para a nossa cultura e, especialmente, quando retratam, através das metáforas desportivas, a necessidade de incentivar e persuadir ao *exercício* da fé e da ascensão espiritual Dias (2000: 166) comenta que os “textos evangélicos, apostólicos e patrísticos exploram

como recurso expressivo uma linguagem conotadora do esforço agônico, colocando-a ao serviço da exortação da fé”.

Nesse sentido, a metáfora desportiva era utilizada como recurso pedagógico de incitamento à perfeição, à purificação interior e ao esforço de transformação pessoal na busca da realização divina ou transcendência.

As narrativas como “ (...) é comparada a um atleta invencível, que, revestida em Cristo, através de muitos combates e de derrotado o adversário, transporta a coroa da imortalidade” (Dias, 2000: 173), ou ainda “ (...) o galardão mais alto da vida é Jesus Cristo. Não se contentem com menos, e subirão vitoriosos ao pódio da eternidade” (Paulo II, 2000: 4), e os termos como: *disposição divina*, *título precioso*, *imaculada vitória*, entre outros, embora sem a intenção de valorizar a linguagem e nem a prática dos desportos, denotam, ainda assim, a vitalidade do contexto desportivo focado no sagrado.

Podemos ver então o combate espiritual como um *treinamento* com vistas ao fortalecimento interior contra as forças exteriores e, tal como São Paulo, o monge é um pugilista enérgico, um atleta de Cristo que, fustigado pelos socos da continência e empurrado pelas luvas do jejum, traz ao espírito vitorioso a coroa da imortalidade (Dias, 2000). Cristo combate o mal deste mundo tal como o corpo-desportivo que, ao exercitar-se, combate os males deste mundo material como as doenças, a preguiça, o medo, a depressão, etc. Se é assim, Ryan (1989) desenvolve esta questão, chamando a atenção para o fato de que deveríamos considerar os desportos como um grande, fiel e poderoso amigo e falar mais da sua santidade e de como ele contribui para o desenvolvimento espiritual do homem. No sentido de fortalecer ainda mais esta idéia, vamos considerar as palavras do Papa João Paulo II (2000: 4) que, no Jubileu dos Desportistas, do alto do seu prestígio junto aos católicos declarou; “agradeço a Deus a força do espírito, graças à qual todos os dias não poupais fadigas e superais a debilidade pessoal, para conquistares em nobre competição o louro nas diversas modalidades desportivas”.

As modalidades desportivas como o futebol, o basquete e o voleibol, pelos valores como a necessidade de coragem, disciplina, esforço e dedicação, livremente escolhidos, demonstram nitidamente que estamos lidando com atividades que possuem as marcas de cariz espiritual, e seus praticantes, normalmente, possuem a têmpera de um asceta. Ryan (1989) convida-nos a ver um lado diferente do asceta, quando diz que, comumente, as pessoas associam ascetismo com jejum, penitência e reclusão, mas, para

esse autor o ascetismo é modelar o próprio Eu e transformar a sua vida em algo belo para Deus. Consegue-se esta glória sobretudo através do desejo espontâneo e na busca permanentemente apaixonada. Essas qualidades encontram-se firmemente enraizadas nas atitudes dos grandes atletas.

4.6 - *Desporto: Um caminho do corpo ao espírito*

Por outro lado, vale a pena considerar uma outra cultura cujos desportos, conhecidos como artes marciais, possuem suas origens na cultura oriental e, tal como os antigos gregos, ainda mantêm o caráter religiosos e espiritual dessas práticas. O processo desportivo possui, antes de tudo, um significado sagrado e místico e a sua prática é a senda, a direção para a realização espiritual. Justamente por isso Kushner (1988) diz que os japoneses pospõem o sufixo *dô* aos nomes das artes marciais. Esse termo é uma tradução japonesa da palavra chinesa *Tao* e que significa (embora sem tradução exata para o português) *Caminho*. Sendo assim, verificamos, que os desportos nesta cultura são chamados primeiramente por *Caminhos*, ou seja: *kendô* é o caminho da espada; *karate-dô* é o caminho do punho desarmado, *judô* é o caminho suave (Virgílio, 1994) e *kyudô* é o caminho do arco (Kushner, 1988). Com essa forma de ver, o *Caminho*, intuímos que ele proporciona condições para o progresso espiritual. A vida do espírito se manifesta a partir do caminho, caminhando em cada ação, em cada ato humano de excelência, portanto, ato do espírito (Vaz, 2004).

A história do aperfeiçoamento humano através dos desportos, nas mais diferentes culturas, conta que as verdadeiras conquistas são o resultado de um longo e contínuo processo na busca da perfeição empreendida pelos atletas de todas as idades, sexos, etnias e nações. Embora a perfeição seja para os deuses, para nós ela é a finalidade reguladora, e a atividade desportiva é o sentido para a perfeição. Tal como nos destacou Ryan (1989: 121) “...quando se está nadando chega um momento em que não se pode separar a água da própria pessoa, e num ímpeto de gratidão nosso coração celebra essa união”. Algo pode ter um melhor sentido de perfeição do que essa inteireza?

O sentido pedagógico do desporto está na sua possibilidade de restauração dessa unidade no Homem. Não estamos falando apenas de corpo e mente e sim da integração dinâmica do homem com a natureza universal. Uma educação consciente pode mudar a natureza física do Homem, mas o espírito humano conduz progressivamente à

descoberta e o encontro consigo próprio e cria, pelo conhecimento do mundo interior e exterior, as melhores formas de existência humana (Jaeger, 2003). Portanto a educação verdadeira, já diria Tilak (s/d), deve disciplinar não só as atividades exteriores mas também sistematizar e valorizar o mundo interior.

É nessa perspectiva de educação integral que nós situamos o desporto e a sua tarefa pedagógica do rendimento, o seu ideal de superação e na sua difícil, mas autêntica possibilidade da libertadora transcendência do corpo na relação com o espírito. Bento (1992: 17) sublinha categoricamente que; “O rendimento desportivo tem um caráter total: não é possível sem empenhamento pessoal, sem emprego da energia individual, sem impulso volitivo-motor, sem espontaneidade e presença de espírito, sem uma inteligência e uma vontade aplicadas e correspondentes às situações”. É nesta exata configuração de sentidos que repousa a plenitude da essência humana cuja prática, apaixonada e apaixonante, pode nos levar a presença de Deus.

4.7 - A experiência de transcendência no desporto

Ao expor esta possibilidade de conexão entre a prática desportiva e o Reino dos Céus, sugerimos (imaginamos) também que esta identificação e comunicação possam ser realizadas mediante um intenso exercício de consciência, que, segundo Ryan (1989), é igual à percepção, à atenção, como atividade fundamental de experimentar e de viver com maior concentração. Como o Reino dos Céus (ou Reino de Deus, ou o Nirvana), ainda com o auxílio de Ryan (1989), não é um lugar, mas uma experiência especial de intensidade, qualidade, profundidade e êxtase que não se alcança apenas pela oração, ou pela meditação (ou por outras práticas formalmente religiosas) mas também, consideramos nós que, pela perfeita sintonia entre o amor à tarefa, no seio da experiência prática e da concentração plena depositadas na ação desportiva, o homem atleta pode atingir estágios superiores de consciência.

Ao vermos um alpinista trapeziando a ponta de uma rocha, no alto de uma montanha, temos a impressão de que ele está brincando com a ponta de um dos dedos de Deus, talvez para Lhe chamar a atenção, talvez para buscar intensamente a excelência (*aretê*) da comunhão/integração com Ele.

Muitos são os relatos feitos por atletas a respeito deste tipo de *experiência* que a literatura desportiva, embora timidamente, vem, aos poucos, colocando a nossa disposição. Divulgaremos aqui algumas narrativas dessa aventura humana que, através

das asas da prática de um determinado desporto, nos leva à missão de explorar os limites do nosso pretenso conhecimento acerca do ser humano.

Dan Millman, campeão mundial de trampolim e ginasta (nome incluído no Hall of Fame), narra um momento especial da sua laureada carreira; “Uma força que estava além do vigor físico irrompeu dentro de mim; (...) Vi-me fazendo um movimento que nunca fizera antes numa competição. Então o tempo parou quando soltei a barra e voei para cima, flutuando, dando mortais, (...). Foi apenas a experiência de tudo acontecendo como que por vontade própria – um momento maior do que eu, maior do que a vida. Eu nunca mais seria o mesmo. Eu vivenciara um Todo maior do que a soma das partes; a minha vida se tornaria mais simples e, ao mesmo tempo, mais interessante” (Millman, 1994: 165).

Yuri Vlasnov, campeão mundial de pesos, observa a respeito de seu estado de transcendência: “No ponto culminante de um esforço tremendo (...), de repente tudo fica quieto dentro de você (...). Naquele momento, você tem a convicção de que todo o poder do mundo está contido em você (...). Não há momento mais precioso da vida que este, (...), e você vai trabalhar muito arduamente durante anos só para saboreá-lo de novo” (Cousineau, 2004: 175; Lenk, 1989: 137).

O corredor Roger Banister, que conquistou a milha em quatro minutos, demonstrou o que ocorreu num momento de rara participação na sua melhor prova; “A terra parecia mover-se comigo (...) um ritmo vivo dominou meu corpo. Perdendo a consciência sobre os meus movimentos, descobri uma nova união com a natureza (...) uma nova fonte de poder e beleza, que eu desconhecia” (Lynch e Al Huang, 1992: 28).

O atleta de basquetebol Danny Ferry dos Cavaliers de Cleveland (NBA) descreve um momento pelo qual passou e que não pôde mais esquecer. Segundo ele, tudo começou num “estado de quietude e paz, no qual estou completamente inconsciente do barulho dos expectadores; é uma zona mágica, onde tudo vai bem, uma absorção total no que estou fazendo, um estado fluido, sem necessidade alguma de controle, e uma sensação de transe, quando tudo se move suavemente, naturalmente, como se tudo fosse perfeito” (Lynch e Al Huang, 1998: 73).

Essa experiência, em algumas culturas, é considerada como a vivência do fluxo, um estado de serenidade e de perfeição, possível em qualquer atividade, desde que esta ação seja o nosso objeto de dedicação plena. Sendo assim, nos abandonamos e nos entregamos totalmente a essa função (*ergon*) e, neste ponto, a tarefa deixa de existir como tal para se tornar um ritual de devoção e de inspiração para aquilo que se faz.

Fica-se ligado à empreitada sem a manifestação da ação e do atuator, e nesse estado, tem-se a sensação do *Todo* indivisível das coisas. No todo compenetrado, no abandono do particular e na intimidade última do ser, vive-se um estado de singularidade e de perfeição. Beber e saborear o conteúdo deste cálice é a grande tarefa da vida, cuja essência é o insondável. Quando a tarefa perde a forma e a pessoa que a realiza perde a personalidade, o que sobra é perfeição. Essa era a finalidade principal da *aretê* dos tempos dos gregos antigos e que muitos atletas da atualidade trazem consigo. Talvez tenhamos que aceitar que os antigos gregos tinham razão, ao conferir às atividades desportivas um valor sagrado. Pereira (1988: 363) amplia esta observação, referindo-se ao período da Grécia Arcaica, chamando-nos à atenção que os deuses eram as principais testemunhas da exposição da *aretê* e assim os atletas buscavam nas “competições (...), perdurar na memória dos vindouros”, e conquistar, para além da vitória, o reconhecimento divino.

Assim concebida, a prática desportiva detém um enorme valor pedagógico e visa ao equilíbrio, necessário e fundamental, do ser humano entre o seu corpo e o seu espírito; um entendimento de que um é o veículo, enquanto o outro é a essência, a finalidade. Pela prática de uma modalidade desportiva, o veículo é fortalecido e a essência disponibilizada; então, ambos se aproximam e se tocam, recuperando a *unidade-de-ser*, pela transpiração de um e a inspiração do outro. O homem, ao não se conformar consigo próprio, busca o relacionamento com uma realidade da qual se distingue ou que está para além dessa realidade (Vaz, 2004). O ser humano é um excesso ontológico que supera a história do mundo e a sua própria.

A título de provocação, gostaríamos de expor aquilo que poderia ser uma outra maneira de vermos, ou revermos, a teoria da evolução humana. Inicialmente, para atender a esta expectativa, verificamos, através de (Pereira, 1988), que, na origem dos Jogos Pan-helênicos, estavam Zeus, a divindade para quem os jogos eram realizados, Hércules, o seu criador e Pélope, o primeiro vitorioso. Nesse sentido, vemos que a hierarquia Zeus, Hércules e Pélope são os nossos ancestrais no mundo do desporto. Como Fernández (2004: 34) diz; “O desporto converte-se, assim, numa metáfora dessa grande metáfora que é a vida”. Convidamos, então, para que façamos uma reflexão sobre as nossas origens divinas e para que consideremos o desporto como a nossa mais valiosa herança.

4.8 - Conclusão

Pelo que notamos, através das situações de superação vivenciadas na prática desportiva e narradas pelos atletas desportivos, podemos deduzir que há algo de transcendente que guia a performance deles e que os levam de volta ao lar. Jarger (2003), a essa luz, reflete que se “Deus é bom por essência, mais ainda, se é o próprio Bem, então a suprema *aretê* acessível ao Homem constitui um processo de aproximação de Deus”; assumimos, então, que a *aretê* agônica disponibilizada pela prática desportiva é um caminho (de vida) que leva crianças, jovens e adultos desportistas ao seio da sua (feli)Cidade.

4.9 - Síntese

Os valores transcendentais são a síntese de todos os valores e, através da realização deles, realizam-se também todos os outros. De igual modo, a *aretê* grega se constituía a síntese dos valores vividos na cultura grega (arcaica e clássica). Por outro lado, o desporto, a prática desportiva e seus atletas foram, e ainda são, os guardiães da expressão e do significado da *aretê* (excelência e virtude) nas suas mais distintas manifestações. Nessa perspectiva, consideramos especialmente importante fazer uma discussão do tema, referente ao valor da transcendência, conforme a sua importância, através de um capítulo especial: *Aretê e Desporto no Portal da Transcendência*.

Seguimos alguns autores (Boff, 2000b; Tugendhat, 2002) para situar o nosso entendimento de transcendência e, desse modo, a conceituamos dentro de uma perspectiva dos valores sagrados, religiosos e espirituais; como supra-sensível, como uma relação que se encontra além da natureza física, como superação do comum, etc.

Como já sabemos a *aretê* grega pode ser considerada como um valor e nesse quadro destaca-se o de mérito divino. A cultura grega era rica em símbolos, crenças, mitos, além de religiosa e profundamente espiritualizada. Por essa consciência, encontramos na *aretê* a vertente sagrada das ações humanas, um símbolo da busca da perfeição – transcendência.

O desporto, pelas suas características e fundamentos, situa-se de igual maneira, no espaço do sagrado, conforme nos apresentou Costa (1991: 113): o desporto como “funcionamento místico se apresenta sob uma forma secularizada, a sua mensagem poderá ter mais influência sobre a cultura moderna duma sociedade que não se conhece mais como religiosa”.

Consideramos o homem como um projeto em desenvolvimento e permanentemente aberto; os desafios, as dúvidas e os medos são experiências que, ao contrário do que se possa imaginar, avaliam a capacidade humana de resistência e de superação. Diante dessa situação, o guerreiro interior se apresenta para lutar na construção de caminhos que pode levar a criatura humana ao seu lugar eterno.

O homem é um asceta da vida, pois é o único animal capaz de dizer não aos impulsos instintivos e dizer sim aos impulsos do espírito. O corpo do homem passa a ser uma verdadeira antena humana, o principal veículo de comunicação com o plano divino.

A *aretê* grega enfatizava o sentido de transcendência vinculada às realizações heróicas, pois, quanto mais nobres eram as suas realizações mais reconhecido seria o seu nome; transcendendo a morte através do testemunho das suas ações e a sua imagem.

Todos os seres humanos, num dado momento da sua existência, perguntam sobre a razão e o sentido da sua vida. A essa luz, muitos homens investigam sobre o conhecimento intrapessoal e, para isso, necessitam de muito esforço, dedicação, persistência, paciência e superação. Assim mesmo, tal como nos desportos, o sucesso não está *a priori* garantido. Entretanto, somos da opinião que todos devem tentar atingir e decifrar o mistério escondido na alma humana; essa deveria ser a mais importante meta da educação. Entretanto, a educação há muito tempo deixou de se preocupar com esses temas; a ciência, idem e, positivamente, não há tecnologia suficiente para tal.

Ao questionarmos o monge religioso e o atleta desportivo sobre o sentido de suas práticas, a resposta, guardando as devidas proporções, será: superar-me, atingir o máximo, conquistar o prêmio mais valioso... Na pedagogia desportiva o mais importante é, segundo Garcia (2005), o surgimento e a plenitude do homem interior.

Nessa escalada transcendental, conta-se que, no ano de 776 a.C., após consulta do oráculo de Delfos, os Jogos Olímpicos foram restaurados e, com eles, iniciou-se a saga sagrado-religiosa dos seus participantes: atletas, juízes, parentes, público em geral, etc. No sentido humano a vitória era uma grande conquista, no sentido da alma a espiritualização era a meta. O desporto supera a dicotomia entre o corpo e o espírito com vistas à unidade e ao cumprimento de seu destino de perseguir a utopia da eternidade, de tornar possível o impossível (Bento, 1995). Talvez tenha sido por esse motivo que os santos recorreram às metáforas desportivas, a fim de incentivar e de motivar os seus discípulos na senda religiosa. O Papa João Paulo II (2000), no Jubileu dos Desportistas, declarou que o desporto é um Dom de Deus.

Considerando a sensibilidade de outra cultura (japonesa), apresentamos que os desportos conhecidos como artes marciais possuem um caráter eminentemente religioso e espiritual. Essa afirmação é notada quando verificamos que, após o nome da arte, os japoneses pospõem o sufixo *dô*. Esse termo é uma tradução da palavra chinesa Tao que significa, em português, Caminho: judo, karatê-do, kendô, etc. Esse caminho é o que se faz em cada ato, bem e melhor; uma contemplação do que se faz; um ato espiritual e uma ação humana de excelência (Kushner,1988).

Sendo assim, seguindo o veio de alguns autores, demonstramos a íntima relação entre a *aretê*, a prática dos atletas desportivos e a transcendência: Dan Millman (1994: 165), campeão mundial de trampolim e ginasta (nome incluído no Hall of Fame), narra um momento especial da sua laureada carreira; “Uma força que estava além do vigor físico irrompeu dentro de mim; (...) Vi-me fazendo um movimento que nunca fizera antes numa competição. Então o tempo parou quando soltei a barra e voei para cima, flutuando, dando mortais, (...). Foi apenas a experiência de tudo acontecendo como que por vontade própria – um momento maior do que eu, maior do que a vida. Eu nunca mais seria o mesmo. Eu vivenciara um Todo maior do que a soma das partes; a minha vida se tornaria mais simples e, ao mesmo tempo, mais interessante”. Além desse, foram citados outros exemplos como dos atletas Yuri Vlasnov, Roger Banister e Danny Ferry, os quais conseguiram estabelecer uma ligação especial entre o que estavam realizando e a experiência do fluxo; um estado de tanta serenidade e de perfeição que só podemos considerá-lo como transcendência. Talvez tenha sido pelo significado dessas vivências que os gregos antigos reconheceram o cariz espiritual dos jogos desportivos.

Assim concebida, a prática desportiva detém um enorme valor pedagógico e visa ao equilíbrio, necessário e fundamental, do ser humano entre o seu corpo e o seu espírito; um entendimento de que um é o veículo enquanto o outro é a essência, a finalidade. Pela prática de uma modalidade desportiva, o veículo é fortalecido e a essência, disponibilizada; então, ambos se aproximam e se tocam, recuperando a *unidade-de-ser*, pela transpiração de um e a inspiração do outro. O homem, ao não se conformar consigo próprio, busca o relacionamento com uma realidade da qual se distingue ou que está para além dessa realidade (Vaz, 2004). O ser humano é um excesso ontológico que supera a história do mundo e a sua própria.

Concluimos, salientando que, através das situações de superação vividas na prática desportiva e narradas pelos atletas desportivos, podemos inferir de que há algo de transcendente que guia (*aretê*) a performance deles e que os levam de volta ao lar.

PARTE II – DIMENSÃO METODOLÓGICA

CAPÍTULO 1 - OBJETIVOS DO ESTUDO

1.1- Problema

Será que a excelência e a virtude (*aretê*) ajudam as crianças e os jovens, tendo como referência os adultos, a construir, através do futebol, um caminho de vida?

1.2- Objetivos gerais

1. Evidenciar a importância do desporto como um estratégico instrumento pedagógico para a recuperação da *aretê* (excelência e virtude) na concretização dos mais nobres valores humanos.

2. Revelar a importância de se desenvolver a cultura de rendimento e de superação no desporto, nomeadamente no futebol, baseadas no princípio da *aretê* (excelência e virtude).

1.3- Objetivos específicos

Quanto aos valores inscritos no *aretê* (excelência e virtude) como base para um caminho de vida, formulamos os seguintes objetivos específicos:

1. Verificar como as crianças, jovens e adultos percebem a busca da excelência e da virtude (*aretê*), no seu projeto de vida desportiva.

2. Verificar quais as diferenças e similitudes que existem nas representações (discursos), entre crianças/jovens e adultos, na busca da excelência e da virtude (*aretê*), através do futebol.

3. Conhecer quais os parâmetros utilizados por crianças e jovens para a eleição de seus exemplos de atletas (ídolo e ideal).

4. Averiguar se a excelência e a virtude (*aretê*) são um modelo no qual os atletas (crianças, jovens e adultos) se inspiram.

5. Conhecer quais os valores da *aretê* que são conquistados pelos atletas: crianças, jovens e adultos, no percurso da sua vida desportiva.

6. Averiguar se os atletas (crianças, jovens e adultos) transferem a busca da excelência e da virtude (*aretê*) para as suas vidas particulares.

7. Identificar, segundo a opinião dos atletas (crianças, jovens e adultos), quais os caminhos que levam à busca da excelência e da virtude (*aretê*) no futebol.

8. Sugerir uma hierarquia de valores baseada nos princípios da excelência e virtude (*aretê*).

1.4- Questões de estudo:

Tendo em consideração o nosso problema de investigação, bem como os objetivos gerais e específicos da presente pesquisa, apresentaremos em seguida as nossas questões de estudo (questões investigativas) e para as quais vamos tentar encontrar respostas. Assim, consideramos como grandes questões de estudo:

Q1 – Quais são as representações que os atletas adultos de alta competição manifestam nas dimensões da *aretê* individual, *aretê* coletiva, *educare(tê)*, *aretê* sabedoria e *aretê* transcendental?

Q2 – Quais são as representações que os atletas de formação (crianças e jovens) competição manifestam nas dimensões da *aretê* individual, *aretê* coletiva, *educare(tê)*, *aretê* sabedoria e *aretê* transcendental?

Q3 – Haverá diferenças nas representações dos atletas adultos de alta competição, quando confrontadas, com as dos atletas de formação (crianças e jovens) com referência às dimensões da *aretê* individual, *aretê* coletiva, *educare(tê)*, *aretê* sabedoria e *aretê* transcendental?

CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

2.1- Aspectos gerais

Na Grécia Clássica surgiram, nomeadamente através de Aristóteles, os fundamentos científicos que posteriormente influenciaram a ciência ocidental. A admiração e a contemplação da beleza e da ordem do universo levaram aos gregos antigos à assunção de um modo de vida baseado na filosofia e na ciência. Segundo Vaz (2004: 33), “Aristóteles é considerado, (...), o primeiro que tentou sistematicamente uma síntese científico-filosófica em sua concepção de homem”. Antes dele, Sócrates, por intermédio de Platão, realizava diariamente, junto aos jovens e cidadãos atenienses, investigações acerca da alma humana. A sua pesquisa⁶⁰ deveria “levar à sabedoria e com ela, necessariamente, à verdadeira *areté* (teoria da virtude-ciência)” (Vaz, 2004: 29). Pelo estudo dessa literatura estabelecemos, para o nosso trabalho, os objetivos e os devidos meios para alcançá-los. No entanto, é preciso considerar a advertência de que o propósito do método é o de explicar como conduzir um estudo e a regra-padrão é que a descrição deve ser suficientemente completa de tal forma que permita a sua reprodução (Thomas e Nelson, 2002). Por isso, é a metodologia o principal meio – cuidadoso e sistemático – de se alcançar, através dos recursos instrumentais, a operacionalização dos resultados e o alcance dos objetivos previamente propostos. A nossa opção foi por uma metodologia qualitativa. E, por isso, preferimos não fazer uso de nenhuma técnica quantitativa (estatística, presença ou ausência de termos e enumeração – embora tenhamos estado atentos a essas informações - e outras) e também não usar nenhum programa de computador para o tratamento do processo analítico das informações.

Nosso objetivo é levantar as representações sociais sobre as relações do desporto de alto rendimento, os valores da antiga *aretê* (excelência e virtude) e a sua configuração no caminho de vida das crianças, dos jovens e dos adultos, através dos discursos de atletas profissionais e de atletas de formação. Desse modo, escolhemos a técnica de entrevistas semi-estruturadas individuais (realizamos também entrevistas – em grupo - entre os jovens de cada escalão; essas serão utilizadas em outro estudo) para

⁶⁰ Ao mencionar as palavras pesquisa ou investigação, dependendo da experiência anterior, cada pessoa idealizará uma imagem diferente em sua mente. Uma poderia pensar em ir a uma biblioteca mais próxima; outra poderia imaginar a visita a um laboratório ou realizar um trabalho que envolva todos os princípios, métodos e resoluções de problemas de uma tese (Thomas e Nelson, 2002).

a recolha de informações (*corpus* do trabalho) as quais, posteriormente, seriam analisadas e interpretadas.

2.2- Tipo de estudo

Este estudo se caracteriza como descritivo interpretativo, seguindo o veio do paradigma interpretativo próximo a uma hermenêutica filosófica.

2.3- Grupo estudado

Os grupos que participaram deste estudo foram compostos: a) por atletas de futebol de alta competição (profissionais), do sexo masculino e b) por atletas dos escalões de formação do Sporting Clube de Braga, do sexo masculino. Quanto ao primeiro grupo, foram contactados dez jogadores de futebol profissional e três deles aceitaram participar da investigação em tempo útil: Paulo Turra (Turra), Washington Cerqueira (Washington) e Anderson Souza (Deco). O segundo grupo foi integrado por crianças e jovens praticantes de futebol competitivo e organizado pela Federação de Futebol de Portugal; além disso, estavam regularmente matriculados nas escolas públicas ou privadas em Portugal, distribuídos da seguinte maneira: 13 anos (8º ano) iniciados B; 14 anos (9º ano) iniciados A; 15 anos (10º ano) juvenis B; 16 anos (11º ano) juvenis B e 17 e 18 anos (12º e universidade) juniores (Anexo 1).

Quanto à escolha dos atletas, seguimos os seguintes critérios: os atletas de futebol profissional foram escolhidos pelo seu elevado nível desportivo (campeões e/ou convocados para a seleção de futebol profissional de seu país) e que mostraram disponibilidade para esse estudo. Quanto aos atletas dos escalões de formação, utilizamos dois critérios para a formação do grupo a ser estudado, são eles: dois jovens foram indicados pelos seus respectivos treinadores de acordo com a qualidade desportiva (aqueles que eram considerados, pela equipe técnica, como promissores atletas desportivos) e, os outros dois foram escolhidos através de um sorteio (aleatória) realizado na presença dos elementos que compõem a comissão técnica de cada escalão e o investigador, perfazendo o número de quatro atletas por escalão e um total de vinte atletas representando todos os escalões de formação. O Sporting Clube de Braga foi escolhido por ser o clube mais representativo da região onde se insere a Universidade do Minho.

CAPÍTULO 3 - PROCESSO DE RECOLHA DE INFORMAÇÕES

3.1- Entrevistas

A entrevista, enquanto instrumento de coleta de informações, possibilita que a fala revele suas referências normativas, sistema de valores, experiências, normas e símbolos (Minayo, 1996; Campenhoudt e Quivy, 2003); portanto, transmite as representações de grupos determinados. Existem três formatos de entrevistas claramente identificados: estruturado, semi-estruturado e aberto. As entrevistas podem caracterizar-se como mais fechadas (estruturadas), quando há uma certa expectativa em relação às respostas, até as mais abertas (semi-estruturada e aberta) que possuem a noção de ambiguidade visando desenvolver no entrevistado “o seu próprio raciocínio a propósito de um tema muito geral que não inclui qualquer quadro de referência particular” (Lemos, 2006: 74). Nos seus diferentes tipos, as técnicas de entrevistas distinguem-se pelo aproveitamento dos processos indispensáveis de comunicação e de interação humana; desse modo, os investigadores podem extrair das suas entrevistas um manancial de informações que servem, por sua riqueza, de reflexão, desenvolvimento e conhecimento do seu objeto de estudo.

3.2- Entrevistas semi-estruturadas

Na entrevista semi-estruturada, geralmente, o entrevistador possui um roteiro de perguntas, relativamente abertas, com o propósito de receber informações por parte do entrevistado (Campenhoudt e Quivy, 2003). Esses autores ressaltam que a entrevista é um instrumento que garante autenticidade e profundidade às informações recolhidas. Ao entrevistador cabe formular uma seqüência de perguntas, relativamente abertas, e os tópicos temáticos que permitam um relato flexível, além de oferecer ao entrevistado liberdade para descrever situações, idéias, opiniões e valores. Entretanto, o uso desse instrumento deve ser efetuado de modo que o comportamento do entrevistador não induza as respostas por parte do entrevistado. Por outro lado, a função do pesquisador deve ser, inicialmente, a de cuidar para que o seu interlocutor não abandone o campo da investigação e, também, de buscar informações complementares e elucidações que não tenham sido abordadas voluntariamente. Campenhoudt e Quivy (2003: 193) discorrem

que é pela “análise do sentido que os actores dão as suas práticas e aos acontecimentos com os quais se vêem confrontados: os seus sistemas de valores, as suas referências normativas, as suas interpretações de situações conflituosas ou não, as leituras que fazem das próprias experiências, ...”. Por esses motivos, a entrevista semi-estruturada (ou semi-diretiva) é o instrumento de recolha de informações mais utilizado em pesquisa social. Entretanto, a escolha por essa técnica deveu-se ao fato de ser ela a mais eficiente consoante ao tipo de informação que buscamos em nosso estudo.

3.3- Construção e validação do guião das entrevistas

Após termos definido os objetivos desse estudo, o tipo de entrevista a ser utilizado e estabelecermos o grupo de pessoas a ser estudado, procedemos a elaboração do guião de entrevistas (Anexo 2). Inicialmente, fizemos diversas leituras com vistas à construção de capítulos da revisão de literatura e, ao mesmo tempo, fomos elaborando o esboço daquilo que viria a ser o nosso itinerário de entrevista. Além disso, a nossa prévia experiência no campo desportivo (atleta, preparador físico e treinador) ajudou na formulação, filtragem e seleção das questões que deveriam ser dirigidas tanto aos atletas adultos como às crianças e aos jovens.

Desse modo, foi elaborada a primeira versão do guião de entrevistas. Para assegurar que as perguntas estavam bem formuladas, que seriam entendidas pelos entrevistados e que as respostas correspondiam às informações procuradas, foi necessário testar as questões (Campenhoudt e Quivy, 2003). Para isso, realizamos o estudo prévio e seguimos alguns passos⁶¹ para a sua validação. Inicialmente, escolhemos um grupo reduzido de atletas desportivos a fim de testar o respectivo guião de entrevista; aplicamos essa entrevista a dois atletas de futebol profissional e a quatro atletas de futebol de formação (um de cada escalão). Salientamos que esses atletas, embora façam parte do universo do nosso estudo, evidentemente, não fizeram parte do grupo estudado, o qual foi constituído posteriormente.

Como o grupo estudado por nós era constituído de crianças, de jovens e de adultos foi necessário realizar uma adaptação na estrutura lingüística do guião de

⁶¹ Em síntese, os passos que seguimos foram aqueles aconselhados por Garcia (2004b) e são os seguintes: 1) revisão bibliográfica exaustiva a fim de isolar as grandes categorias de onde saíram as perguntas a realizar na entrevista; 2) elaboração de um primeiro modelo de entrevista; 3) sujeição desse modelo a um corpo de peritos; 4) introdução das alterações sugeridas pelos peritos; 5) entrevistas a elementos do universo do estudo a fim de verificar o grau de adequação das respostas às expectativas do pesquisador; 6) discussão dos resultados obtidos com o grupo de peritos que entenderá, ou não, introduzir novas alterações ao modelo; 7) caso haja necessidade de alterações, proceder a partir do n.º 4, quantas vezes forem necessárias; 8) caso não sejam necessárias alterações, passar à fase de aplicação da entrevista.

entrevista para que as crianças e jovens tivessem um melhor entendimento de cada pergunta (Anexo 3).

3.4- Aplicação das entrevistas

O grupo estudado foi composto por crianças, jovens e adultos, todos atletas desportivos da modalidade futebol. O grupo dos atletas adultos foi escolhido a partir da consulta realizada por nós a vários atletas de futebol profissional que possuísssem os critérios previamente relacionados (campeão e/ou convocado para a seleção de futebol representando o seu país). O grupo de crianças e jovens desportistas (futebol) foi selecionado junto ao Sporting Clube de Braga, da cidade de Braga, o qual se insere na região da Universidade do Minho.

Conforme salientamos no item anterior, para realizarmos as entrevistas com as crianças e com os jovens desportistas elaboramos uma adaptação ao guião de entrevistas. Quanto aos atletas adultos não foi necessário introduzir nenhuma adaptação ao guião.

As primeiras entrevistas foram realizadas com os atletas profissionais. Solicitamos, inicialmente, a autorização (individual) formal (por escrito) de cada um dos entrevistados, a fim de que o teor de cada entrevista fosse utilizado para fins desta investigação e académicos. Além disso, como se trata de atletas profissionais, solicitou-se a permissão para o uso (com os mesmos fins) dos seus respectivos nomes (essas autorizações foram enviadas via e-mail – Anexos 4, 5 e 6). Em relação ao grupo de crianças e jovens, devido à não existência de comissões de ética no campo das Ciências do Desporto, seguimos de perto as recomendações do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida⁶². Neste documento, no ponto 25 é afirmado: "When a subject deemed legally incompetent, such as a minor child, is able to give assent to decisions about participating in research, the investigator must obtain that assent in addition to the consent of the legally authorized representative", pelo que pedimos autorização para entrevistar os jovens futebolistas a seus pais/ responsáveis (Anexo 7), ao clube (Anexo 8), aos treinadores (Anexo 9) e às próprias crianças (Anexo 10).

A partir dessas preocupações éticas, iniciamos o processo de aplicação das entrevistas. Com o grupo de atletas adultos as entrevistas foram realizadas respeitando o horário disponibilizado por cada um deles; dois deram a entrevista diretamente ao

⁶² Declaração de Helsínquia modificada em Edimburgo (Outubro-2000).

investigador nas suas residências (Porto e Barcelona) e o terceiro, por estar atuando no Japão, participou da entrevista pelo sistema Skype, num total de três entrevistas. A duração média aproximada de cada entrevista foi de 52 minutos, sendo que a mais demorada durou 61 minutos e a mais rápida, cerca de 47 minutos.

Quanto ao conjunto dos atletas das categorias de formação, as entrevistas foram realizadas antes e depois do horário de treinamento, de acordo com o cronograma previamente elaborado em reunião entre os treinadores, o pesquisador e o coordenador dos escalões de formação (Anexo 11), nas dependências do Sporting Clube de Braga e numa sala disponibilizada para essa tarefa. Foram entrevistados, individualmente, vinte jovens atletas e realizadas cinco entrevistas coletivas com os mesmos (as entrevistas coletivas não foram utilizadas para esse trabalho), reunidos em grupos de quatro de acordo com o escalão a que pertencem (iniciados B, iniciados A, juvenis B, juvenis A e júnior), nas mesmas condições das entrevistas individuais. A duração média aproximada de cada entrevista foi de 31 minutos, sendo que a mais longa durou 42 minutos e a mais rápida, cerca de 19 minutos.

Durante o processo de entrevistas, seguimos um roteiro de procedimentos com vistas ao melhor aproveitamento do tempo disponível e do discurso dos entrevistados. Preliminarmente, para deixar os entrevistados à vontade, falávamos rapidamente sobre a nossa experiência trabalhando com o futebol; depois, verificávamos se o entrevistado encontrava-se pronto e motivado a iniciar a entrevista; a seguir, lançávamos a primeira questão; finalmente, dirigíamos o curso da entrevista, realizando, sem nunca interromper, intervenções e esclarecimentos pontuais a fim de detectarmos aspectos relevantes referentes ao nosso foco de pesquisa.

As entrevistas foram recolhidas através do gravador com o sistema Digital Pocket Memo 9300/00 (digital) e, além disso, registramos anotações acerca da conduta do entrevistado (apenas na entrevista do atleta Washington é que não fizemos tais anotações).

3.5- Diário de campo

No diário de campo, procuraram-se anotar aspectos decorrentes da entrevista visto que os mesmos não poderiam ser registrados pelo meio (gravador) que estávamos empregando. Sendo assim, antes, durante e depois da realização das entrevistas fazíamos anotações a respeito do comportamento e atitudes dos entrevistados, tais como, risos

(alegre, nervoso, simpático), movimentos (inquietação, atenção, dúvida, etc.), interferências externas (sons, movimentação, etc.), além de, quase sempre, no final da entrevista – após o desligamento do gravador – haver um pequeno espaço para uma conversa informal (não usamos nenhum conteúdo dessas conversas), a qual ajudou a identificar, dentre outras coisas, o interesse, a satisfação, a curiosidade, a dúvida e o prazer a respeito do assunto tratado.

PARTE III – PROCEDIMENTO ANALÍTICO E INTERPRETAÇÃO

CAPÍTULO 1 - PROCEDIMENTO ANALÍTICO

1.1- Constituição do Corpus

Através das leituras elaboramos um sistema de categorias que serviu de base para a interpretação do material conseguido junto ao discurso dos atletas (profissionais e amadores) de futebol (*corpus* do trabalho). Assim, depois de constituído um corpus documental, esse foi submetido ao processo denominado análise de conteúdo (Anexos 12 e 13), conforme Bardin (1977) e Silverman (2000). Deste corpus faz parte a transcrição de todas as entrevistas individuais.

1.2- Transcrição das entrevistas (Anexo 14, em CD)

As entrevistas foram transcritas pelo próprio investigador. Para a entrevista dos atletas adultos o tempo médio aproximado de transcrição foi de 5 horas e 20 minutos para cada entrevista, sendo que a mais demorada durou cerca de 6 horas e 10 minutos e a mais rápida, aproximadamente 4 horas. Quanto à transcrição das entrevistas referentes aos atletas de formação, o tempo médio aproximado foi de 2 horas e 21 minutos, sendo que a mais demorada durou cerca de 3 horas e 20 minutos e a mais rápida, aproximadamente 1 hora e 23 minutos.

1.3- Tipo de análise

Trata-se de um tipo de análise do tipo confirmatória, já que foram estabelecidas as categorias *a priori*, com a possibilidade de apresentação de mais categorias a partir da análise de conteúdo. Após a conclusão dessa fase, realizamos um aprofundamento do material recolhido nas entrevistas dos atletas (jovens e adultos) de futebol, através da hermenêutica dos discursos.

1.4- Análise de conteúdo

A análise de conteúdo foi um dos processos escolhidos para esse estudo. Alguns autores, como Campenhoudt e Quivy (2003), Bardin (1977) e Vala (2003), têm opinião de que a análise de conteúdo é, atualmente, uma das técnicas mais comuns nas investigações empíricas. Nessa expectativa, fizemos um levantamento das principais palavras e expressões ligadas aos princípios e valores da *aretê* a fim de confirmar, ou não, as categorias e sub-categorias previamente retiradas da literatura referente ao nosso objeto de estudo.

1.5- Unidade de registro, contexto e enumeração

1) Unidade de registro de palavras ou expressões reveladoras da existência de determinada categoria.

2) Unidade de contexto: com essa dimensão analisamos o âmbito em que a unidade de registro foi utilizada. As palavras e expressões foram analisadas no contexto de toda a entrevista.

3) Unidade de enumeração: neste trabalho buscamos verificar a existência ou ausência das categorias e enunciados. Não foi nossa preocupação quantificá-los, embora estivéssemos atentos à prevalência das ditas categorias, especialmente no que concerne à relação existência/ausência.

1.6- Hermenêutica dos discursos

No sentido de buscarmos a elucidação das nossas questões de pesquisa e sob a orientação da concretização dos nossos objetivos do estudo, consideramos que seria recomendável aplicar uma combinação de técnicas de interpretação qualitativas. Por isso, ao termos consciência de alguma limitação referente à análise de conteúdo para o nosso estudo, resolvemos interpretar o texto produzido a partir das entrevistas dos atletas de futebol (crianças, jovens e adultos) através da hermenêutica do discurso. Conforme Krippendorff (1997: 251): “Como cabe afirmar de la mayoría de las investigaciones, los análisis de contenido rara vez acaban completándose. Aunque un buen análisis puede responder a algún interrogante, también es previsible que plantee otros nuevos que obliguen a revisar los procedimientos...”. Aquilo que dizem os

entrevistados, através dos discursos extraídos das entrevistas, é a expressão do que claramente o entrevistado quer declarar, como também a representação implícita (latente) daquilo que dizem de modo inconsciente; daí a necessidade de um esforço para a sua interpretação.

Utilizando as categorias (bem como as sub-categorias) realizamos uma análise hermenêutica dos discursos dos atletas de formação e profissionais. Com isso, procuramos a melhor maneira de reconstruir os significados outorgados por cada um dos entrevistados aos princípios e valores da *aretê* (excelência e virtude), comparando-os à bibliografia clássica e atual. Além disso, segundo Ricoeur (s/d: 201), toda “linguagem é metafórica”, portanto, essa comunicação, transformada em texto, apresenta uma subjetividade a qual possui uma rede própria de significações, valores e ideais, logo, em alguma medida, toda leitura de um texto, ou mesmo o contato com o outro, com grupos sociais e com a própria vida acaba por passar pelo crivo da interpretação. No nosso estudo, a partir das entrevistas, construímos, ou reconstruímos, um texto que fosse “mais do que uma sucessão linear de frases” e, sim “um processo cumulativo, holístico” (Ricoeur, s/d: 202), que pudesse realçar o sistema de valores, princípios e ideais da *aretê* circunscritos nos discursos dos atletas de futebol (crianças, jovens e adultos).

1.7- Sistema categorial: as categorias a priori e a posteriori

A prática da análise de conteúdo visa simplificar para potencializar a apreensão do conteúdo referente ao discurso que, no nosso caso, trata-se do documento extraído das entrevistas realizadas com os atletas de futebol (crianças, jovens e adultos). Por isso, Vala (2003: 110) considera que a “categorização é uma tarefa que realizamos quotidianamente com vista a reduzir a complexidade do meio ambiente, estabilizá-lo, identificá-lo, ordená-lo ou atribuir-lhe sentido”. No princípio, identificamos um quadro de categorias (e de sub-categorias) e, depois da análise das entrevistas, esse quadro foi ampliado. Para Vala (2003: 111) a “construção de um sistema de categorias pode ser feita *a priori* ou *a posteriori*, ou ainda, através da combinação destes dois processos”; o nosso sistema categorial foi definido pela combinação dos dois processos: *a priori* e *a posteriori*.

1.7.1- As categorias *a priori*

O sistema categorial foi elaborado com base na revisão bibliográfica e em outros elementos, tais como a nossa experiência desportiva e a partir do conteúdo das próprias entrevistas.

A análise do corpus (entrevistas) serve para confirmar, ou não, a existência dessas categorias, nesse caso, no discurso dos atores sociais. No entanto, admitiu-se sempre a possibilidade de, a partir da análise, surgirem novas categorias ou sub-categorias, ou seja, admitiu-se a função heurística da análise de conteúdo.

1.7.2- As categorias *a posteriori*

Depois de cumprida a etapa anterior (os caminhos de análise *a priori*) começou a emergir, a partir da análise de conteúdo das entrevistas, uma riqueza de conteúdo que nos *obrigou* a considerar novas categorias e sub-categorias que, inquestionavelmente, vieram enriquecer a nossa investigação. Sendo assim, consideramos mais uma categoria: *Educare(tê)*, bem como as suas sub-categorias: O exemplo, Limites e Oportunidades, Conselho e Aprendizagem e Valores do Desporto.

1.8- Apresentação e justificativa do sistema categorial

Categorias: *Aretê* individual, *aretê* coletiva, *educare(tê)*, *aretê* sabedoria e *aretê* transcendental.

A definição dessas categorias deu-se em função de dois aspectos, abrigados na literatura e após a análise de conteúdo dos discursos, referentes à *aretê*: o primeiro está de acordo com o pensamento de alguns autores clássicos, os quais ao longo dos tempos, situaram a *aretê* conforme as suas percepções, sensibilidade e necessidades nas diferentes épocas. No capítulo referente à *aretê* como uma exigência antropológica, podemos observar que a *aretê* de início era a excelência ou mérito, que pode abranger vários sentidos: a coragem em combate, em Homero e Tirteu; a justiça e o trabalho em Hesíodo; a justiça em Sólon e Teógnis de Mégara; o espírito agônico em Píndaro e Simónides; a pólis em Sólon; para referir apenas alguns. Só a partir de Sócrates, a *aretê*, passa a ter o significado preponderante de virtude: a sensatez, a prudência, a coragem, a perseverança, a justiça e a sabedoria, sendo esta a síntese das outras. Autores da

atualidade, como Garcia e Bento, retratam a *aretê* como excelência. Já Cousineau, ora a trata como excelência, ora como virtude e ora como excelência e virtude. O segundo aspecto trata da constatação de que a *aretê* (em qualquer época) foi uma especial fonte de inspiração e de expressão das ações humanas. Desta feita, podemos encontrar uma *aretê* do indivíduo a qual corresponde aos atributos que demonstram o seu modo de ser. Na *aretê* coletiva os princípios e os valores estão unidos à forma pela qual o indivíduo se relaciona com a sua comunidade, com a sociedade, e a torna melhor; é a *aretê* da pólis.

Entretanto, para que as relações interpessoais possam acontecer de forma sadia, frutífera e feliz, tanto do ponto de vista individual como, e principalmente, coletivo, encontramos a *aretê* sabedoria, cujos adornos são os valores de justiça, moderação e prudência, sensatez, coragem, perseverança, entre outros, que são pedagogicamente instruídos por Sócrates nos vários textos produzidos por Platão.

Finalmente, para o coroamento épico da *aretê*, verificamos que ela aparece também naqueles indivíduos que possuem uma relação particular com o divino, com o sagrado e, portanto, ela passa a ter um caráter transcendental. A *aretê* transcendental é a configuração da alma humana e, desse modo, os princípios e os valores são: a felicidade, o prazer e alegria, a fé, o ritual, a sorte, a divindade na prática e a devoção.

A partir da análise dos discursos dos atletas de futebol (crianças, jovens e adultos), encontramos nesses uma estreita relação (através de frases e expressões) com aspectos de teor pedagógico e educativo: o exemplo, limites e oportunidades, conselho e aprendizagem e valores do desporto. Visto que esse agrupamento de sub categorias pode ajudar no entendimento da *aretê* como um importante componente pedagógico e como um rico manancial de formação e de elevação (*paidéia*) da criança, do jovem e do adulto, foi gerada uma categoria que chamamos *educare(tê)*.

É claro que o ideal de perfeição seria a posse de todas as dimensões da *aretê*, no entanto, convém estarmos conscientes de que esta situação não é comum e, o mais provável, é que cada indivíduo aja de acordo com a sua sensibilidade, maior ou menor, a cada uma das manifestações da *aretê*. Desse modo, torna-se mais fácil o reconhecimento destas manifestações a partir da visão de um *continuum*, cuja trajetória vai da *aretê* individual à *aretê* transcendental, mediadas pela categoria *educare(tê)*. O estudo da *aretê* faz parte de um tema transversal, portanto permeando toda a atividade humana, seja ela acadêmica, desportiva, artística, religiosa e especialmente educacional.

Muitos autores reclamam por uma educação em valores e a *aretê* (excelência e virtude) situa-se no eixo dos valores (Patrício, 2005). Assim, podemos dizer que os princípios e valores ligados à *aretê* podem ressaltar a educação do período da Grécia Antiga; expressa através da *paidéia* – ideal de formação e de elevação humana. E o desporto pode expressar esses valores e, em consequência, ser um meio eficaz para aquela formação.

Sendo assim, vislumbramos as seguintes categorias e suas respectivas sub-categorias, bem como os seus objetivos e interesses a atingir durante as entrevistas:

Categorias

Aretê Individual

Aretê Coletiva

Educare(*tê*)⁶³

Aretê Sabedoria

Aretê Transcendental

Categoria: *aretê* individual.

Objetivo da entrevista:

Verificar quais são os valores da *aretê* individual que os atletas (crianças, jovens e adultos) de futebol mencionam como parte do seu processo de desenvolvimento desportivo e pessoal.

Sub-categorias:

Nobreza

Vigor e Saúde

Mérito/Honra

Determinação e Disciplina

Sucesso

Superação

Trabalho

Valentia e Coragem

Categoria: *aretê* coletiva.

Objetivo da entrevista:

Diagnosticar se os valores da *aretê* coletiva (*clube/pólis*) são considerados importantes pelos atletas (crianças, jovens e adultos) de futebol como meios que apoiam o seu desenvolvimento desportivo e pessoal.

⁶³ Incluída após a análise de conteúdo realizada nos discursos dos atletas de futebol (crianças, jovens e adultos).

Sub-categorias:

Amizade

Clube-pólis

Tradição

Cooperação

Solidariedade

Educare(tê)

Sub-categorias:

O Exemplo

Limites e Oportunidades

Conselho e Aprendizagem

Valores do Desporto

Categoria: *aretê* sabedoria.

Objetivo da entrevista:

Verificar se os valores da *aretê* sabedoria encontram-se incorporados aos princípios e atitudes de atletas (crianças, jovens e adultos) de futebol, como parte do desenvolvimento das suas relações pessoais e interpessoais na esfera do desporto e da sua vida pessoal.

Sub-categorias:

Sensatez

Perseverança

Moderação e Prudência

Justiça

Modéstia e Humildade

Sabedoria

Categoria: *aretê* transcendental.

Objetivo da entrevista:

Investigar de que forma se manifestam as questões relacionadas da *aretê* transcendental com a vida desportiva e particular dos atletas (crianças, jovens e adultos) de futebol.

Sub-categorias:

Felicidade

Prazer e Alegria

Fé

Ritual

Sorte

A Divindade na Prática

Devoção

CAPÍTULO 2 - ANÁLISE INTERPRETATIVA: PARA UMA HERMENÊUTICA DOS DISCURSOS

Após esse processo analítico seguiu-se uma tarefa interpretativa do tipo hermenêutica, onde se confrontaram as declarações dos entrevistados com o universo teórico apontado pela bibliografia consultada.

2.1- Atletas adultos

Aretê pessoal:

Nobreza

Nos poemas épicos da Grécia Antiga, as figuras de Aquiles e de Ulisses – também Ajax, Heitor e outros – representavam os ideais heróicos e o desejo integrador dos princípios e valores da emergente sociedade helênica. O espírito de sacrifício, o valor altruísta, a responsabilidade aristocrática, o compromisso com a dignidade humana e a coragem de enfrentar os desafios compunham a argamassa na constituição da excelência e da virtude (*aretê*) daqueles homens (Ilíada e Odisséia⁶⁴).

Atualmente, encontramos correspondência com os ideais que marcaram aquela época, quando os nossos heróis desportistas como, por exemplo, o Deco declara que: *“Eu acho que o compromisso que eu tenho é pessoal (...). Eu sei que eu tenho responsabilidades como um atleta”* e complementa: *“Acaba por ser um desafio sempre pessoal”*. Os tempos são outros e os desafios também, mas o discurso do Deco possui a mesma marca das sagas dos antigos heróis. Tanto é que, se não soubéssemos o autor das frases acima (em itálico) e também retirássemos a palavra atleta do texto, poderíamos imaginar que elas foram trazidas dos poemas de Homero. O herói do desporto português aceita e assume o seu compromisso; não os divide com os outros, porque, por mais que execute as suas tarefas na companhia de outros atletas, a sua liderança fala mais alto e ele chama para si a responsabilidade de enfrentar pessoalmente o desafio. Assim sendo, o que permanece vivo é a tradicional e autêntica *aretê*, a qual é comprovada através dos desafios e estes, por sua vez, são a medida dos grandes heróis. Essa antiga (e atual) dignidade é renovada dia-a-dia, desde dos tempos imemoriais, por aqueles que, em nome dela, expõem-se aos riscos e à avaliação da sua capacidade segundo a tarefa que

⁶⁴ Trata-se da referência aos textos épicos de Homero. Neste caso, Ilíada foi traduzida por Frederico Lourenço, ano de 2005 e Odisseia traduzida por Manuel Odorico Mendes, ano de 2002.

têm de realizar. Munidos de nobres valores: coragem, responsabilidade e altivez diante da exposição ao sacrifício, esses homens encontram-se em luta com o seu destino. Uma vez concluída a empreitada, o sentimento de orgulho e de satisfação pelo dever cumprido irrompe na alma do guerreiro, podendo ser traduzido pelas palavras do Washington: *“Foi a sensação de dever cumprido. Acho que essa é a melhor sensação que tem...Você, quando termina uma competição, você sai de cabeça erguida e fala assim: Eu fiz o meu melhor e por isso eu tenho sucesso”*. Essa era a característica dos poemas de Homero; o verdadeiro homem (herói e nobre) era aquele que se impunha uma medida exigente e sentia-se à vontade diante dela, pois sabia que ela era a comprovação da sua *aretê*. Há, na educação, algo que revele mais explicitamente o verdadeiro fundamento da formação humana? Jaeger (2003: 73) faz a seguinte afirmação: *“A grande epopéia não representa apenas um progresso imenso na arte de compor (...); significa também uma consideração mais profunda dos conteúdos íntimos da vida e dos seus problemas (...) e outorga aos poetas (...), uma função educadora no mais alto sentido da palavra”*.

Vigor e Saúde

Desde os tempos da Grécia Antiga, o homem contempla a ordem e a beleza do universo e, assim também, todos os aspectos que dele fazem parte. Dessa admiração, *“segundo o testemunho de Platão e Aristóteles, terá origem a filosofia”* (Vaz 2004: 21). Assim como a filosofia surgiu do espanto com a natureza, nos parece lógico pensar que ali foram dados os primeiros passos de uma ecologia.

O universo é o corpo físico de Deus e, numa perspectiva transcendente, o corpo do ser humano é um microcosmo divino; por conseguinte, há necessidade de cuidados tanto no que diz respeito ao corpo do homem como no corpo de Deus. Essa é uma observação vinculada a uma ecologia transcendente e não meramente econômica; muito menos tem a intenção de verter algum compromisso com algum tipo de ideologia. Queremos sim, colocar em relevo que grande parte dos problemas enfrentados pela relação do homem com a natureza se deve principalmente a dois fatores: o primeiro reside no fato de não mais observarmos a natureza como os antigos, ou seja, com espanto, amor e reverência e disso resulta a falta de sensibilidade e de poesia; o segundo encontra-se na afirmação religiosa de que o homem foi criado *à imagem e semelhança* de um Deus estranho e exterior à natureza (Bourg, 1996). Desse modo, o homem, sendo

superior à natureza, deixa de se sentir integrado nela e assume a postura arrogante de apropriação sem limites.

A nossa questão visa a buscar uma harmonia entre a relação do corpo do homem (universo individual) e o corpo de Deus como universo de diversidade. Como o desenvolvimento da consciência de uma ecologia pessoal pode ajudar na compreensão e no desenvolvimento de uma ecologia planetária? E outra pergunta se impõe: Como é que podemos ter realmente um avanço na consciência ecológica, se não tivermos consciência da ecologia corporal? Na Grécia Antiga, os sábios não faziam por menos; era a *aretê* do corpo a saúde, a força, o vigor físico, etc. (Jaeger, 2003). Aristóteles (Ética a Nicomaco) imaginava que, para se ter felicidade, era necessário possuir as virtudes corporais já mencionadas e também a beleza, a altura e a capacidade de lutar (destreza). Deco, mesmo sem conhecer muito sobre Aristóteles, demonstra sua sabedoria, forjada na prática, quando aborda a questão do corpo da seguinte maneira: *“Eu acho que primeiro é a questão da saúde. Você praticando desporto, você acaba tendo essa noção maior do seu corpo, de se cuidar e de conhecer melhor o seu corpo...”*. Esse modo de ver o corpo sugere um saber, uma desenvolvida ecologia pessoal e uma personalidade saudável. O conhecimento de si passa pelo reconhecimento do corpo ou, se preferirmos uma metáfora, a sabedoria sobre o microcosmo conforma a sabedoria do macrocosmo. Para Fernandes (2000: 198): *“Qualquer aprendizagem desportiva deve revelar a personalidade do atleta, mas também constranger o seu corpo para que a desordem da natureza dê lugar à harmonia da cultura física e à beleza”*. Nesta direção, Deco oferece uma argumentação consistente quando fala a respeito do conhecimento sobre o seu corpo: *“Conheço... Acho que tem algumas coisas que ainda desconheço. Mas hoje consigo saber realmente o que eu preciso fazer pra estar bem...Já tenho a noção exata do que eu preciso fazer”* e diz como: *“Eu aprendi...é treinar bem. Num treino procuro dar o máximo, porque sei que isso faz com que no dia do jogo, eu esteja legal”*. Esse tipo de aprendizado do treino, deve ter estimulado Fernandes (2000: 198) a declarar: *“Este treino, que combina o progresso da consciência do corpo com a aquisição de mecanismos ou automatismos, é acompanhado pouco a pouco de um sentimento de libertação”*. Estamos diante daquilo que os gregos viam como o homem ideal: era o *kalóskagathós*, o bom e o belo, a simbiose perfeita da beleza e do contentamento físico mais a beleza moral, ou seja, a mais alta *aretê*. Platão, no diálogo Górgias (451e) define a felicidade deste modo: *“A coisa melhor é ter saúde; depois, ser belo; e, em terceiro lugar, ser rico sem fraude”*. Concluindo essa discussão,

salientamos o que ensinou Fernandes (2000: 199), “O treino permite que o desportista melhor se conheça, possibilita-lhe responsabilizar-se pelo corpo. Este autoconhecimento tem uma incidência evidente sobre o comportamento geral. A cultura física é também uma educação moral que toca e disciplina a vontade”. Talvez tenha sido por isso que o Washington sentenciou: *“Eu acho que é o mínimo que a gente pode fazer pelo nosso corpo é...ter muito cuidado com a saúde, com a alimentação...cuidados (...) não consumir drogas, não beber bebidas alcoólicas. Eu acho que a maior riqueza que temos é o nosso corpo (...)*. E retornamos ao tema da ecologia. Mediado pelo conhecimento do corpo e das suas excelências, encontramos a sabedoria de viver, a disciplina e a vontade na busca da harmonia e da estética, as quais nos conduziram à posse do entendimento pessoal e global para fazer nossa a beleza da alma universal.

Mérito/Honra

“Agora a única coisa que eu gostaria...no fundo é ser respeitado, acho que era isso...era o meu grande desejo e a grande lembrança que gostaria que as pessoas tivessem” (Deco). Também o Washington, quando comenta sobre como gostaria de ver o seu esforço recompensado, diz: *“Não só como um jogador que faz muitos goals, nem campeonatos não...claro que isso aí é conseqüência...mas como uma pessoa com caráter, uma pessoa que seja respeitada sempre por onde passei... Seja aonde eu for...seja daqui um ano, daqui a dez anos ou daqui a 20 anos, aonde eu trabalhei, eu seja respeitado”*. Na literatura, existem várias referências aos feitos dos grandes atletas e dos antigos heróis e que guardam as características aqui sublinhadas pelos nossos entrevistados, como vemos na seguinte sentença: *“O prêmio da virtude (aretê, excelência notável) é o louvor dos companheiros e da posteridade”* (Kitto, 1990: 407) e que o Paulo Turra reconhece num colega de profissão a importância do respeito (aretê), quando diz: *“Dunga é muito importante, (...), que tem muito respeito, que impõe respeito, que o seu comando gera uma onda positiva”*. Já, quando retornamos às palavras do Washington, verificamos que há uma subordinação, *“uma pessoa com caráter, uma pessoa que seja respeitada sempre por onde passei...”*, ou seja, o valor encontra-se naquilo que ele é e não simplesmente naquilo que faz. Desse modo, o Washington resume o seu ideal: *“Isso que eu mais é...luto pra acontecer...”*. Muitas vezes, o que é rotina para o homem comum é (era), para os de alma de escol, a verdadeira essência da sua vida e que o faz (fazia) lutar, sem cessar, para alcançar conforto em si e coletivamente. Por outro lado, em sintonia com o *“grande desejo”* do

Deco, que também é do Washington, estão as palavras de Píndaro na VIIª Ode Olímpica, quando pede a intermediação dos deuses: “Mas, ó Zeus pai, (...), presta honras ao hino ritual da Olímpica vitória, ao homem que nos punhos encontrou a supremacia (*arete*); dá-lhe, de concidadãos e estranhos, respeito e agrado” (in Pereira, 1982: 162). A imagem da sua *aretê*, conquistada na exercitação das qualidades naturais e adquiridas que acompanharam e dirigiram a sua vida, é o tribunal da sua consciência, e é perante ele que o Deco e o Washington expõem aquilo que para eles é o mais íntimo dos seus desejos “*no fundo é ser respeitado*” e “*uma pessoa que respeitada sempre por onde passei*” e com o qual Píndaro já concordava há mais de 2600 anos.

Determinação e Disciplina

No futebol, como no desporto em geral, a conquista da excelência é, muitas vezes, o resultado de um grande período de dedicação, esforço e de sacrifício. Visto desta maneira; “El esquema de los deportes parece reproducir el esquema de la vida: afanarse en la búsqueda de un logro que apunta a la excelencia” (Fernandez, 2004: 40). Deco, por sua vez, fala desta forma: “*Se você não consegue ter outros desafios além desses que você acha que você atingiu, é complicado. Acho que o grande segredo do atleta que tem continuidade no sucesso é nunca estar satisfeito com o que conseguiu...*”. O Washington vê esse assunto da seguinte forma: “*Quando você atinge o sucesso, você, automaticamente, vai conseguir a excelência e a riqueza e aí você vai ter que ter inteligência pra poder se manter...isso que é o mais difícil...Você, chegando no sucesso de repente, pode ser muito fácil e rápido...só que você manter o sucesso é o que é difícil*”. Diante dessa dificuldade, o nosso entrevistado nos oferece um conselho: “*Nunca parar, nunca estacionar num lugar e achar que já está bom. Eu tento me concentrar cada vez mais, me preparar cada vez mais para que eu possa melhorar cada vez mais*”. A “*inteligência*” referida é aquela expressada como sendo um modo de intervenção através do aprimoramento da determinação, da vigília, da superação e da fé. Essa permanente busca da excelência pode ser um grande antídoto contra a preguiça e o risco da acomodação – o que leva, facilmente, qualquer um ao fracasso – além de expor a nobreza de uma alma coroada pela excelsitude, termo que Patrício (2005: 16) descreve como “a excelência da excelência, o topo, o cume da excelência”.

Para muitos, o desporto é uma caixa de ressonância da cultura, da sociedade e da vida da própria pessoa. A esse respeito há palavras que se referem à determinação e à dedicação que caracterizam o trânsito entre as tarefas desportivas e pessoais: “*Lógico*

que a vida pessoal é diferente da profissional mas...você é a mesma pessoa, então você acaba...o mesmo empenho que você põe na sua vida profissional, se você tem essa característica, você põe na sua vida pessoal” (Deco). As palavras determinação e dedicação terminam com a palavra *ação* e iniciam com os verbos *determina* e *dedica* os quais são conjugados no cerne do caráter e no íntimo da alma humana e, por isso, devem fazer parte de uma educação para a vida. Quem é dedicado e determinado, ao contrário daqueles que esperam resultados fáceis e imediatos, busca insistentemente a excelência em todas as áreas de atuação.

Sucesso

No percurso da vida desportiva, os atletas buscam desenvolver meios, métodos e atitudes que visem à conquista de seus objetivos; dentre eles, encontra-se a busca pela vitória. Afinal, Píndaro considerava a vitória a maior prova da *aretê* humana. Lidar com as questões e pressões de ser o melhor, o primeiro e o vencedor não é uma tarefa muito fácil. Por isso, o desporto de alto rendimento apresenta-se como uma atividade cultural, onde é realçado o esforço humano para a conquista e o aperfeiçoamento da *aretê*. Nesse pressuposto, podemos facilmente encontrar, entre os desportistas de grande valor, o desprezo pela derrota e mesmo uma certa irritação causada por ela: *Eu não gosto de perder, não gosto de perder e, quando o time não vai bem, as coisas não vão bem é...é difícil...Pior é quando você sente que não pode fazer nada pra mudar* (Deco). Entretanto, podemos notar nas entrelinhas desse conteúdo o fato de ser fundamental, mesmo nos dias de hoje, a busca pelo sucesso e pela excelência como uma constante nos grandes desportistas. Esses fatores, aliados à honra e ao reconhecimento social, são para os atletas de futebol tal como eram para os guerreiros aristocratas das epopéias gregas, os atletas desportivos dos versos de Píndaro, assim como junto dos filósofos daquela época; conforme nos informa Jaeger (2003: 31): “A ânsia de se distinguir e a aspiração à honra e a aprovação (...): os Gregos, porém, viram nisso a aspiração da pessoa ao que é ideal e super-pessoal, onde começa o valor”, onde se expõe a *aretê* e se alcança o sucesso em excelência.

Superação

Desde que o rei Ífito foi recomendado pelo oráculo de Delfos, em 776 a.C., a reintroduzir os Jogos Olímpicos, a saga dos atletas começou a ser contada em verso, prosa e suor. É a vida de homens e de mulheres junto com a dedicação genuína à causa

do rendimento, da superação, da coragem de enfrentar os desafios, da perseverança em suportar as frustrações e da alegria na concretização de seus feitos (um rosário de *aretai*). Junto com esses atributos os desportistas levantam todos os dias para treinar, competir e superar. Nancy Hogshead (medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, 1984) chamada por Cousineau (2004: 167) dá o seu depoimento sobre um dos mais tradicionais princípios da *aretê* individual, a superação: “Por que se superar? (...): porque as recompensas de tentar chegar à excelência são de fato muito grandes. Não estou falando de prêmio em dinheiro, de uma condecoração, nem mesmo de uma medalha de ouro. Estou falando de ter um sentido de vida ou vocação que dá vida as tarefas mais banais. De um orgulho profundo de levar a vida que estamos levando”. Ou seja, em cada ação deve existir a marca virtuosa. Desta maneira, o Washington informa que: “*Levo sempre com o espírito de vencedor, eu não me deixo abater com qualquer desafio, eu tento superá-los sempre. E sempre com alegria, eu nunca baixei a cabeça...*”. Ninguém pode dar um maior testemunho de dignidade, prova inequívoca de conhecimento sobre si. O Deco, quando falou de um assunto semelhante, expressou-se da seguinte maneira: “*Eu acho que são os momentos de superação...porque os momentos de superação faz com que...é assim, se você se superar você tem que treinar, se você quer se superar você tem que competir é...100%...Então, no fundo, a superação é o que te faz crescer...*”. Superar o adversário é a conduta externa, visível e clara, entretanto, o crescimento é interno; este, invisível e apenas expressável, mas traduzível numa beleza ímpar “que para os Gregos significa ao mesmo tempo nobreza e eleição” (Jaeger 2003: 35). Nesta direção temos a opinião de Paulo Turra: “*Nunca fugindo desses desafios, vencer esses desafios. (...) tanto profissionais como particulares são desafios...*”. Nas competições desportivas “A capacidade de superação, a *arete*, vem dos deuses” (Pereira, 1988: 363). Desde os tempos de Hércules (fundador dos Jogos Olímpicos), a glória é um resultado da superação. E aqueles homens disputavam as competições desportivas para superar-se e, superando-se, superar também os oponentes, perdurando, dessa forma, na memória de todos. É razoável que assim seja, pois é no valor da conduta de superação que se anuncia a perfeição; esse modo de ser está à disposição de todos os seres humanos nas mais diferentes atividades. Precisamos apenas recuperar, em todos os domínios da atividade humana, os preceitos da superação com vistas ao homem ideal (humanizado e forte). Sendo assim, julgamos que a afirmação de Cousineau (2004: 180) é uma cristalina contribuição para esse assunto: “O desempenho excelente é o esforço estimulante que traz consigo animação ou satisfação suprema,

porque o atleta ou o artista superou a si mesmo num momento de verdade, graças ao seu esforço, coragem e entusiasmo”. E que o Deco resume: “*Eu acho que o prazer dá superação...*”. E o Washington, assim: “*Você vai superando o seu limite, você acha que está no seu limite, acha que já conquistou...mas, se você tiver força de vontade e treinar para superar esse limite, então é melhor ainda, porque você vai melhorando cada vez mais, você vai se doando...*”. Lynch e Al Huang identificam-se com essa idéia: “Quando você vê limites, esses limites tornam-se seus”. A palavra superação existe para fazer calar a palavra limite. Neste sentido, a pergunta que mais procede neste momento seria a respeito das limitações humanas, entretanto o atleta que vive esta experiência todos os dias responde assim: “*you never have an end*” (Washington).

Trabalho

Chegamos agora à subcategoria trabalho. Esse é um assunto delicado – especialmente em se tratando do desporto – e, dado a sua natureza, envolve muitas vezes, opiniões passionais e ideológicas, as quais acabam por reduzir essa discussão à superfície dos conteúdos utilitários e doutrinários; abandonando e esquecendo, amiúde, uma análise racional, profunda e ampla relativa a essa questão.

Há muito tempo que no desporto discute-se a relação deste com o trabalho. Por causa disso, muitos o acusam de reproduzir este ou aquele sistema e de incorporar expedientes advindos da sociedade de consumo e de rendimento. Será que a análise da importância da dimensão sócio-cultural do desporto pode ser reduzida a algumas idéias daquela natureza? Vamos ver a opinião dos nossos entrevistados e da literatura consultada por nós.

Antes de mais nada, para nos situarmos criticamente em relação aos códigos de lista pronta e, ao mesmo tempo, sermos coerentes na reflexão, devemos ser “nós próprios, nunca dominados por esta ou aquela corrente (...ser conservador ou revolucionário é o mesmo, (...)) em tal sentido ser conservador ou revolucionário é sempre acomodação, é passionalidade, e deixar-se apanhar, ...” (Adorno, 2002: 91). Completando esse raciocínio, o mesmo autor (2002: 96), ao examinar essa questão, inclui o significado do que seria para Sócrates viver como homem: “...nunca, a nunca aceitar nada a não ser através do crivo crítico, em cada caso, segundo a razão, mediante ao exame;” e finaliza: “...nos exige de cada vez que sejamos nós próprios, que vivamos conscientemente, não dominados pelos belos discursos, por esta ou aquela ideologia, por este ou aquele ofício, que convida a cada qual assumir as responsabilidades, a

realizar bem o que cada um é, sempre dentro do contexto humano”. Isso é, antes de tudo, um alerta contra o dogmatismo, o preconceito, a unilateralidade e a favor da autonomia, da liberdade e da pluralidade. Essas dimensões não podem deixar de fazer parte da formação humana (*paidéia*) e, por isso mesmo, não pode deixar de fazer parte do contexto desportivo e, também não, da análise referente a esse âmbito dos saberes e dos fazeres humanos.

Não é pouco comum encontrar, entre os atletas desportivos, manifestações a respeito do desporto como ambiente de trabalho: “*Porque, na realidade, se se você está num ambiente de trabalho...*” (Deco); “*...desempenhar o seu trabalho.*” (Washington). Para esses atletas o desporto é também trabalho, profissionalismo e companheirismo: “*E ter um ambiente saudável de trabalho como uma empresa, como um escritório...tem muita gente trabalhando e se dão superbem*” (Deco).

Entretanto, o profissionalismo exigido aos atletas não os limitam, ao contrário, ajudá-os a vislumbrem os valores da atitude profissional, conforme podemos notar, quando o Deco fala da dignidade profissional de um colega de clube: “*...ver o profissionalismo dele, ver a maneira como ele...a postura dele, eu acho que é o exemplo...pra muita gente...*”. O profissionalismo, a postura e o exemplo são qualidades que se encontram no mesmo plano e, desse modo, o profissionalismo vinculado a uma postura digna perfaz um exemplo de excelência a ser seguido.

Hesíodo buscou no trabalho argumentos para defender uma *aretê* do trabalhador. Para o poeta, o trabalho é visto como o único, ainda que difícil, caminho para alcançar a *aretê*; pela sua labuta e pela qualidade de seu empreendimento encontrava a sua *aretê*, pois o “conceito da *arete* abarca simultaneamente a habilidade pessoal e que dela deriva – bem-estar, êxito, consideração”(Jaeger, 2003: 100). A *aretê*, aqui, não estava apenas na alma do aristocrata ou do guerreiro e nem na herança; a *aretê* podia ser buscada e conquistada pelo esforço, habilidade e técnica do homem comum; “porque, anteposto ao mérito, colocaram os deuses o suor” (palavras de Simónides, expostas através do diálogo Protágoras 340d). Não é novidade para ninguém que grande parte dos atletas desportivos, especialmente do futebol, vêm de famílias de homens comuns e é no cenário desportivo que encontram espaço para o desenvolvimento na busca da excelência, assim como queria Hesíodo. Entretanto, segundo o Deco, “*muitos jogadores não conseguem chegar a ser profissionais*”, uma vez que a exigência é muito alta e somente aqueles que estiverem dispostos a suar diante dos deuses são os que obtêm êxito na carreira futebolística. Esta é a opinião de Paulo Turra: “*Porque hoje o futebol*

é... fisicamente está muito evoluído, hoje qualquer equipe pode trabalhar muito e...tem muita capacidade tática, técnica e coletiva e hoje só na camisa, ou na tradição tu não ganha mais nada. Tem é que trabalhar... Hoje trabalhar todo mundo trabalha e tu tem que trabalhar muito mais do que os outros". Sabendo que o requisito é esse, Washington não se faz de rogado quando salienta que: "...*me preparar cada vez mais para que eu possa melhorar cada vez mais*". Em outras palavras: o que corre nas veias e artérias do desportista é a tradicional busca pela excelência ou *aretê*, e a sua aquisição, sabem eles, só é possível por intermédio de uma grande dedicação. Washington também chama à atenção que isso não acontece fora de um contexto profissional, de conhecimento e de qualidade técnica, quando afirma: "...*você vai se afirmando e com ajuda, é claro, de profissionais...*" ou ainda; "...*o comportamento técnico meu como os outros jogadores de equipe, ...*", e dessa maneira nos remete para uma outra discussão a respeito do tema trabalho vinculado à técnica. Para Adorno (2002: 83) "...é necessário que cada qual faça bem, seja sério naquilo que faz; é necessário que cada qual empregue a maior competência possível naquilo que faz". A competência técnica não é um fazer isolado e nem supervalorizado dentro do âmbito desportivo, mas sem o saber-fazer técnico nenhum atleta atinge as suas metas e "*não ganha nada*". Essa opinião de um dos nossos atletas entrevistados, embora pragmática, é direta e trata das consequências de não se abordar que os conhecimentos, a ciência e a teoria têm que se fazer presentes na prática, como Patrício (1992: 64) anunciava: "A técnica (...): estava envolvida na prática".

É no trabalho e através da técnica (entre outros) recomendada para solução de problemas de natureza da vida prática que o desporto, mediante a transmissão de vivências de eficácia na aquisição de técnicas desportivas, pode influenciar positivamente em outros domínios da vida, e, sendo assim, contribuir para a formação de expectativas otimistas de competência com enorme relevância em termos sociais (Bento, 1998). Essa relação das partes com o todo da vida é corroborada pelo Washington quando aponta: "*é a minha vida, é a minha profissão...*".

Nesta perspectiva, pedimos auxílio às reflexões sobre a educação a Patrício (1992: 63): "Educar é realizar algo de ideal; é produzir (pro-ducere). Não é possível compreender uma educação sem uma profunda meditação da técnica. É pela técnica que se faz. Educar é fazer. Para saber o que é o educar é preciso saber o que é o fazer" e conclui: "Fazer o homem em humanidade, realizar no homem em plenitude que nele existe como um poder-ser: eis a essência, e a tarefa, da educação". Esse poder-ser

baseado no saber-fazer-bem é a verdadeira *aretê* que Hesíodo defendia! Grego como esse poeta, Sócrates, pela pena de Adorno (2002: 83) diz: “O homem é homem na medida em que actua e a sua actividade é a actividade que desenvolve na sociedade através daquele que é o seu trabalho quotidiano, fazendo bem aquilo que faz. Por isso, é preciso que se faça aquilo que se sabe fazer, e para fazer bem o que fazemos (seja quem for, o sapateiro e o albardeiro, o professor e o advogado) é indispensável toda uma educação técnica”. Neste sentido a educação técnica pode libertar o homem e apoiar a sua autonomia.

Não podemos deixar de reconhecer os riscos advindos de uma acentuação exagerada da técnica. Patrício (1992) chama atenção para a tecnificação das universidades e, acrescentamos nós, ao ensino como um todo, além de realçar que a meditação da técnica não é, por conseguinte, a idolatria da técnica. Como toda criação humana a técnica pode servir a Deus, ao diabo ou ao homem; sendo tão importante e, ao mesmo tempo, perigosa é que devemos pensar, refletir e meditar sobre a aplicação dela. A essa luz, consideramos que a essência da técnica deve ser consubstanciada junto aos valores da educação, em intimidade com as diversas formas de saber e como pilar da excelência humana.

O saber-fazer só tem um valor absoluto, quando está profundamente apoiado por um ideal de perfeição, o fazer bem feito e útil para si e para os outros, pois “...não existem homens em abstrato, mas homens que fazem algo, em algum país, nesta ou naquela cidade, entretecidos de uma ou outra cultura. E para que cada acto seja bom, é preciso que ele resulte na sua inteireza” (Adorno, 2002: 83). Nessa inteireza reside a *aretê* do homem aristocrata ou comum, no professor ou no aluno, no atleta de alto rendimento ou no atleta escolar, no masculino e no feminino, etc. O êxito que Hesíodo queria para todos pode ser encontrada hoje, de modo simples e direto, através da observação do Paulo Turra, aludindo ao desporto: “*Ter sucesso é ter a técnica que poucos têm...*”, embora o atleta esteja referindo-se aos fundamentos do futebol como o passe, o chute, o cabeceio entre outros; sabemos que, além desses, há outras abordagens técnicas para o desenvolvimento da carreira profissional de um futebolista como técnicas psicológicas, médicas, treino, didáticas, pedagógicas e outras. A aquisição de uma técnica é o meio para se obter um determinado fim; quando agimos no desporto, ou em qualquer outra atividade (profissional ou não) o fim é o sucesso, é o êxito, é a vitória. E, numa visão integral da formação humana (*paidéia*), o exemplo do desporto pode levar-nos a entender um outro nível dessa discussão, uma vez que podemos

aprender que, usando corretamente os meios (elementos técnicos, científicos, teóricos e valores) – fazendo da melhor maneira possível – passamos a nos conhecer melhor e, adicionalmente, conseguimos melhores resultados para todos; “...como é bom fazer bem aquilo que fazemos...da afirmação socrática de que ninguém faz mal voluntariamente, de que o mal é ignorância porque consiste no não ter sabido agir, no não ter tido capacidade (virtude) ...” (Adorno, 2002: 90)

Valentia e Coragem

Ao discorrermos sobre a educação homérica e a sua influência junto aos antigos gregos, vamos encontrar nas suas epopéias o desenvolvimento de um ideal de homem que toma forma através de uma formação voltada para a aprendizagem e apuramento de habilidades – normalmente guerreiras – e destrezas – normalmente na prática desportiva – e também de um sentido ético, “algo mais que uma simples moral de preceitos” (Marrou, 1969: 25). Baseado nesses princípios, os heróis dessa época projetavam sua vida e, muitas vezes, a sua própria morte. Nesse período guerreiro, era normal que a *aretê* fosse um bem vinculado à conjugação de nobreza, valentia e habilidade nos cenários desportivos e militar: “A ἀρετή é, de modo muito geral, o valor, no sentido cavalheiresco da palavra, aquilo que faz do homem um bravo, um herói” (Marrou, 1969: 29).

Heróis valentes e corajosos nos combates guerreiros, nas competições desportivas, além de uma conduta refinada e diferenciada em relação ao comum dos homens, conformavam (e conformam) o ideal de formação humana. Pereira (1982: 412) nos disponibiliza um comentário de Aristóteles a respeito de uma das *aretai*: “Valentia (*arete*), escopo laborioso do gênero humano, alvo mais belo da vida”. Aristóteles (Ética a Nicômaco) traça o perfil de um homem corajoso – valente – pormenorizado; “...ninguém mais que o homem corajoso é capaz de enfrentar as coisas verdadeiramente temíveis” (1115a, 25). Um atleta, na atualidade, enfrenta, no campo desportivo e em seus bastidores, “coisas verdadeiramente temíveis” e, diante desse quadro desafiador, o Paulo Turra reage dessa maneira; “*O que eu faço professor eu enfrento, enfrento... A perspectiva de vencer. Você tem que saber ser forte para dar a volta por cima, levantar a guarda de novo e enfrentar novamente os desafios. Levantada e olho no olho...*” e acrescenta: “*Você tem que ser forte, ter muita personalidade e muita frontalidade pra procurar arranjar alternativas pra conseguir vencer esses desafios*”. Notemos que o atleta denota uma confiança no futuro, quando se refere “*a perspectiva de vencer*” e

Aristóteles (1116a) já avisava que a confiança é registro dos corajosos (valentes): “O corajoso, em contraste, (...), pois a confiança é a marca característica de uma disposição esperançosa”. E, dessa forma, oferece oportunidade para outras manifestações dos atletas entrevistados: “...tenho mais confiança, os companheiros, também, têm mais confiança em mim, ...” (Paulo Turra); “Acho também que na nossa carreira a confiança é um ponto primordial para o sucesso. Você entrando em campo com confiança, com alegria... aí é muito difícil dar errado...” (Washington) ou como verifica o Deco “...essa confiança, acho que tem jogadores que tem uma confiança nele enorme...não falam só...sentem isso de uma forma...e quando tem qualidade então aí é...mas sentem isso...”. Interpretando as palavras dos nossos entrevistados, consideramos que os atos ligados à confiança são aqueles que resultam de uma determinada experiência da prática desportiva (competição, pressão, riscos, performance, etc). Esse conhecimento, adquirido através da experiência, foi o que levou Sócrates a vincular a coragem à sabedoria (conhecimento)⁶⁵. Mais especificamente, Deco anuncia que não bastam as palavras, se elas não estiverem vinculadas a uma disposição de caráter e à prática (nesse caso, desportiva) e nos faz recordar da tradicional formação dos antigos e nobres gregos que viam na ação, na palavra e no sentimento uma unidade coerente em consonância com a honra, “estes heróis homéricos não são combatentes selvagens, guerreiros pré-históricos, como se compraziam em imaginá-los nossos predecessores românticos: em certo sentido, já são cavalheiros” (Marrou, 1969: 20). O motivo dessa declaração levou o mesmo autor (Marrou, 1969: 29) a aligeirar-se em definir que “a ética homérica é uma ética de honra” e, interpretamos nós, uma ética de dignidade ou, conforme o registro de Aristóteles (1117a, 15) “a marca do homem corajoso é enfrentar as coisas que são e parecem ser temíveis a todos os homens, porque é nobre fazê-lo e desonroso não o fazer”.

Para uma visão mais abrangente e alusiva à formação humana integral (*paidéia*), é forçoso salientar que as ações de coragem e valentia não ficam circunscritas às ações externas de heroísmo convencional. Por isso, notamos que os nossos heróis de hoje

⁶⁵ É no Protágoras (360d) que Sócrates defende a relação entre as virtudes, considerando e defendendo a coragem como uma virtude da sabedoria: “E a sabedoria das coisas que causam temor e das que não o causam é coragem...”. Aristóteles (1115a, 5) considera a coragem como “um meio-termo em relação aos sentimentos de medo e temeridade”. Aqui preferimos, por haver uma aproximação marcante entre os atributos da coragem e da valentia, discuti-las numa mesma categoria como qualidades da ação coerente com a palavra, o sentimento e o pensamento, apontando para um ideal de herói (conhecidos e anônimos) que protege e defende a si, os seus e a sua sociedade, além das suas idéias e ideais. Não apenas pelos seus atos de bravura física mas, principalmente, pelo combate pessoal, discreto e solitário com o fim de vencer os seus demônios internos como o medo, a angústia, a insegurança, o ódio, etc.

possuem uma sensibilidade promissora a respeito desse tema, quando o apresentam da seguinte maneira: “*Você não é valente querendo vencer os outros. Acho que você, quando vence os seus desafios, a chance de vencer os outros é muito maior*” (Deco); “*Falando do futebol, (...), eu trabalho mais com a razão do que com o coração, hoje eu estou mais próximo de ser maior valente*” (Paulo Turra). Dessa forma, confirma-se a relação das dimensões interna e externa associadas ao ser humano herói, valente e corajoso, pois o que acontece no cenário da vida prática é apenas um reflexo de uma outra epopéia interna e pouco conhecida (numa sociedade permeada por valores econômicos, práticos e utilitários, o conhecimento e a investigação sobre a dimensão interna soa, muitas vezes, como fantasiosa e de pouco interesse). Dentro de uma compreensão dialética a respeito do objetivo (externo) e do subjetivo (interno) foi que os filósofos gregos se regozijavam, debatendo sobre a *aretê* e que Reale e Antiseri (1991: 90) analisam: “Tradicionalmente el héroe era la persona capaz de triunfar sobre todos los enemigos, peligros, adversidades y fatigas exteriores; el nuevo héroe es aquel que sabe vencer a los enemigos interiores”. Portanto, os desportistas consultados demonstram uma medida mais ampla em relação ao nosso conhecimento exterior de valente e corajoso e, desse modo, eles nos ajudam tanto na compreensão da relação entre a *aretê* individual e a *aretê* sabedoria (vamos discutir mais adiante) quanto na complexidade da formação humana e na singularidade do Ser.

Depois dessas observações, talvez possamos entender melhor o significado de valer a pena ter uma vida longa e indigna ou, se mais vale uma vida curta e digna, e o que podemos fazer para se ter uma vida longa e digna. Acreditamos que a resposta foi dada na construção deste texto, uma vez que uma vida indigna não vale a pena ser vivida. Caso não seja assim, não podemos considerar-nos desprovidos de sorte, quando somos prisioneiros e vítimas da violência marginal, quando somos aviltados por políticos corruptos ou incompetentes, quando sucumbimos ao primeiro grito prepotente e quando não somos um exemplo de dignidade para as gerações. A excelência da educação passa por uma formação para indivíduos corajosos, valentes e heróis, os quais possam empunhar as armas da dignidade, da ética, do conhecimento e do humanismo. Uma existência para o bem e para o belo.

Aretê coletiva:

Amizade

A amizade é aquilo que podemos chamar de um bem, portanto, um valor supremo. Próximo à amizade temos a cooperação e juntas são as irmãs gêmeas aplicadas nas ações coletivas e benignas. No futebol, há maneiras de se verificar essa afirmação, por exemplo: *“Nós tínhamos um grupo muito bom, uma convivência muito sadia é... que o grupo só pensava no grupo, não pensava individualmente (...). Nisso sobressaíram valores individuais e coletivos e todo mundo saiu ganhando”* (Paulo Turra).

Quem de nós poderia sobreviver dignamente se não fôssemos capazes de dar e de receber amizade? Amizade é parente da solidariedade, da harmonia, do amor, da justiça, da reciprocidade entre outros, e, juntas, formam os pilares da felicidade quer seja, na família, na instituição, na sociedade, na nação ou no mundo. Essa dimensão universal da felicidade é encontrada no diálogo Górgias (508a): *“Dizem os sábios, Cálicles, que o céu e a terra, os deuses e os homens, estão ligados entre si pela amizade...”*. A amizade é um dos elementos agregadores e ordenadores do cosmos. Verticalizando o assunto, temos em Aristóteles (1155, 24) que: *“A amizade também parece manter as cidades unidas (...), uma virtude (...) extremamente necessária à vida”*. Do universo à individualidade temos que render homenagem à importância dessa virtude. Haveria um vazio enorme em nossas vidas, se não tivéssemos um amigo para compartilhar os momentos de dificuldade ou de alegria. Por isso, Chalita (2003: 42), ao dar a palavra a Oscar Wilde, anota que *“de fato não há nada neste mundo mais nobre e raro que uma amizade dedicada”*. Essa preocupação é real, mas o exercício da amizade torna-a mais próxima e dedicada, conforme podemos notar nas palavras do Washington: *“Tenho, tenho muitos amigos. Faço amizade muito fácil. Eu me sinto bem assim. Logo, logo a pessoa me demonstra grande confiança, eu busco a confiança desta pessoa e já a considero um grande amigo!”*. Deco, por sua vez, ao expor a sua maneira de ver a amizade entre os seus companheiros de clube, na família e na vida particular sustenta: *“Ah, os meus amigos de verdade é 100%. Meu nível de dedicação é 100%”*. Mesmo sem a referência direta aos companheiros de clube, o fato desse desportista considerar que a sua dedicação a um amigo é total constitui indícios da busca pela excelência na relação de amizade. Por outro lado, a cooperação entre os amigos, os conhecidos e, mesmo, entre os desconhecidos é uma prova de solidariedade que, muitas vezes, é mais importante do que a própria amizade.

Outrossim, precisamos investigar o nível de cooperação e de amizade existente entre os componentes de uma equipe desportiva; Jackson e Delehanty (1997: 29) são de opinião que no desporto se “precisa da interligação sutil de seus jogadores quando estão a toda velocidade, pensando e correndo como uma só pessoa. (...), eles precisam confiar uns nos outros visceralmente...” e, com isso, conseguimos ver aqui uma certa sintonia ligada à manifestação da excelência coletiva através da experiência de unidade e entendimento, conforme nos esclarece a prática do Washington: “*Então, você tem que unir os dois pensamentos para que esse pensamento dos dois sejam um objetivo só... Então, você tem que tentar se unir...cada vez mais*”. Do mesmo modo Deco, ao invocar o sentido de coletividade e de harmonia, diz: “*Agora quando o time está bem...se pode ter um ou dois jogadores que não estão bem, porque as coisas vão caminhar bem*”. Essas formas de agir e de estar demonstram afinidade, companheirismo, apoio, reciprocidade e cooperação e são os elementos que ocupam a centralidade da excelência nas relações interpessoais. Há um dito popular, muito conhecido, de que *a união faz a força* e que vale a pena ser lembrado neste momento, não só pela sua importância junto aos clubes desportivos mas também junto às famílias, cidades e países. Para que isso aconteça naturalmente, é necessário que haja, na vida dos clubes, outros aspectos característicos como: “*Gosto do ambiente de vestiário. Gosto de estar num time em que as coisas vão bem, que... a gente tenha um bom relacionamento, então o que eu puder fazer pra que isso aconteça...*” (Deco). Do vestiário ao campo de jogo o “*bom relacionamento*”, que poderíamos chamar de uma forma de amizade, está presente e orienta os seus participantes. “*Acho que é uma das coisas mais importantes que existe no esporte coletivo é a amizade. Você tem uma grande parcela para o sucesso, né? Ou para o fracasso, né? Mas...não depende só de você (...). Então, quanto a amizade for...mais chance de ter sucesso*” (Washington). Curiosamente, é no Górgias (507e) que encontramos o motivo pelo qual as “*coisas*” correm dessa maneira em alguns clubes desportivos: “*...sem interesse comum, não pode haver amizade*” e, sem a cooperação entre os amigos e companheiros não se concretizam os interesses comuns: “*Você depende dos demais companheiros, de seus amigos*” (Washington). A expressão “*demais*” põe em relevo especial a importância dada ao coletivo na satisfação de fins comuns a todos. Se esses interesses tiverem como fim o bem e a felicidade, a amizade será boa e a cooperação cumprirá o seu papel. Essa afirmação (Górgias, 507e), tão antiga, ecoa até os nossos dias e a sua ressonância é um apelo às nossas consciências para o cuidado com duas questões: a manutenção da ordem do universo (familiar,

social, mundial) e o exemplo desportivo. A manutenção e o equilíbrio do universo se dá pela cooperação, pela amizade e pelos interesses comuns; por exemplo, Eurípedes convocado por Aristóteles (1155, 3) salienta: “a terra seca ama a chuva, e o divino céu, quando pleno de chuva, adora cair sobre a terra”. Já no desporto, a possibilidade de desenvolvimento do espírito de equipe, da união e do companheirismo, através do interesse (nobre e bom) comum, oferece um exemplo – patente nas palavras dos atletas – no qual as cidades, as famílias e as nações podem se espelhar e, assim, conquistar o sucesso e a felicidade para todos. Muitos dos problemas das famílias, das cidades e das sociedades e das nações têm sua origem na falta de cooperação entre os seus membros, especialmente por falta de carinho, de afeto, de amor e de amizade. Por que é que as escolas não ensinam sistematicamente a importância da amizade e de sua manutenção? Quais os tipos de amizades? Quais são os motivos para a sua manutenção? Para a restauração dos princípios da formação do homem ideal (*paidéia*), não se pode prescindir do desenvolvimento na escola, no desporto, na sociedade e nos países, da excelência da amizade como tema prioritário, a fim de superarmos o caos em que vivemos e restabelecemos uma nova ordem. Nesse sentido, já temos alguém disponível para tal empreitada, “*o que eu puder fazer para que isso aconteça...*” (Deco).

Clube-pólis

Ao considerar os princípios da cidade ideal, Aristóteles (Política, 1337b) vislumbrava que “o fim de toda cidade é único” e completa o seu raciocínio, afirmando que “nenhum cidadão se pertence a si mesmo, e sim que todos pertencem a cidade, pois cada um é uma parte dela”. Era a cidade quem detinha a *aretê*. Já o Deco indica que “*um clube com muita história, onde passou muitos jogadores, é um clube acostumado a vencer...como no caso do Barcelona...Também no próprio Porto. O Barcelona é um clube com muita ambição porque é um clube acostumado a ganhar com muita história*”. Atletas, funcionários, dirigentes e clubes estão intimamente ligados e constituem a história e a tradição das atuais pólis desportivas. Por isso, Deco demonstra que os atletas não ficam insensíveis diante destes fatos, mas, ao contrário: “*isso mexe com o jogador*” e o Washington amplia, falando das relações vividas no interior dos clubes: “*Essa convivência com os funcionários, essa convivência faz com que você conheça a história do clube e, aí, você realmente aprende a valorizar mais o clube que você defende...*”. Desse modo, acreditamos que esta relação (clube, atleta e outros) assemelha-se ao que queria Aristóteles, pois a vida e a história de cada atleta e de seus

funcionários fazem parte de seu clube e por elas são construídos os modelos de clubes ideais para os nossos dias.

Seguindo adiante nessas reflexões, reconhecemos que o fim de qualquer arte ou técnica é a produção de alguma coisa e o fim de um clube de futebol, em parte, é obter sucesso naqueles campeonatos de que participa. Como a cidade ideal é uma cidade feliz, seria interessante aprofundar essa discussão da seguinte maneira: Será que a luta por conquistas desportivas pode embotar a felicidade dos indivíduos que compõem a *pólis-clube*? Antes de mais nada, imaginamos que não exista nenhuma dúvida a respeito da excelência e do virtuosismo (*aretê*) na arte de jogar futebol do Deco e de seus companheiros do clube Barcelona (aqui representando um tipo de pólis). Outrossim, precisamos conhecer como decorre o funcionamento interno do grupo de atletas (cidadãos), a relação destes com o ambiente que é desfrutado por todos, e se as virtudes individuais e coletivas ajudam na busca da felicidade geral. Atenção para as seguintes palavras do Deco: “*Se o ambiente é saudável; a sua vontade e a sua alegria de chegar para treinar, para jogar...Então, você também tem ânimo, tem vontade, tem alegria de chegar todos os dias pra treinar. Não só a tua alegria pessoal mas a alegria do convívio, alegria do ambiente saudável, acho que é fundamental*”. Uma reflexão parecida, de caráter mais específico, foi feita por outro dos nossos entrevistados: “*No momento que você faz um trabalho de grupo não pensando só unicamente... (pensando em si próprio) mas pensando no grupo, automaticamente vão aparecer os valores individuais, pode ser um, podem ser três, podem ser dez, ...podem ser vinte. Se for num grupo extremamente forte e coeso pode aparecer todo o mundo*” (Paulo Turra). Parece que essas observações estão de acordo com as ilustres palavras de Aristóteles (Política, 1332a), quando se refere aos fatores que levam uma cidade a ser feliz: “*consiste que seja correto o propósito e a meta das ações que conduzam a essa meta (...) as vezes os médicos (...), nas artes (...), nas ciências devem dominar esses fatores, o fim e as ações que levam a este fim. Assim é, que todos andam atrás do bom viver e da felicidade é evidente; mas uns possuem os recursos em suas mãos e outros não...*”⁶⁶. Os recursos são os meios pelos quais se atinge um determinado fim e, mesmo reconhecendo a excelência na arte do desempenho desportivo dos atletas do Barcelona, é preciso considerar outras dimensões da excelência e da virtude coletiva o que leva o Deco às seguintes considerações: “*Ter um ambiente saudável. Se consegue se dar bem, (...); respeito entre todos...a chave do sucesso...a possibilidade de sucesso é grande*”.

⁶⁶ Consideramos que, além destes, é possível considerar e acrescentar o desporto nesta relação.

Alguém duvida de que, quando há sucesso de todos, a felicidade não é dividida? Claro está que nem todos os clubes possuem essa “chave do sucesso” e nas cidades também não é diferente. A marca do sucesso e da felicidade é a *aretê* dos indivíduos à disposição da pólis (cidade ou clube). Mediante a manutenção da excelência e da virtude, mesmo em condições adversas (quando há um alto nível de exigência física, psicológica etc.), e exercitando-as em condições que, muitas vezes, não são as melhores, é que podemos medir o verdadeiro valor do desporto como um meio de educação individual e coletiva, portanto, na busca da excelência e da felicidade.

Tradição

Atualmente, as palavras, a velocidade (informação, conhecimento, experiências e tudo mais), o novo e o diferente traduzem o nosso modo atual de viver e de estar, ou seja, de um consumidor inveterado. Garcia e Kátia (2005: 22) consideram que: “..., nunca o ser humano viveu a vida a tal velocidade ou presenciou tantos acontecimentos notáveis em tão pequeno lapso de tempo”. Desse modo, parece soar um pouco fora de propósito citar a palavra tradição, pois esta nos remete – pela nossa forma de entendê-la – a uma idéia conservadora e ultrapassada. Sabemos que essa é uma questão dialética. Entretanto, o que nos interessa demonstrar é que a tradição das sagas dos heróis, atletas, filósofos, poetas e educadores foi o que conformou os ideais da formação do homem e do estado grego e, através dos tempos, inspirou, incentivou, apoiou e influenciou a sociedade ocidental (Marrou, 1969). Não se pode negar e nem esquecer que a tradição, na maioria das vezes, se traduz em confiança e respeito, conseguido após um longo tempo de boas realizações, conduta correta e êxito, quer seja numa empresa, numa escola ou num clube desportivo. Quantas vezes ouvimos a citação dos órgãos de comunicação desportiva sobre a tradição de um clube, da mística de uma camisa e da história de sucesso de um determinado clube ou atleta! Realmente, essa tradição, esse mérito e esse respeito é a *aretê* do clube-pólis, conquistada através dos anos no enfrentamento e nos desafios desportivos; esquecer esse importante detalhe pode colocar em risco a imagem e a vida de um clube, como vimos recentemente com alguns clubes de futebol da Itália. Além disso, os clubes poderiam destinar algumas horas – no momento da contratação de atletas e nas categorias de base – para uma formação na tradição desses clubes, conforme nos orienta o Paulo Turra: “*O que eu sei da tradição dos clubes que eu passei (...). Eu fiquei sabendo, por conversa com pessoas, ou por curiosidade minha, mas não tive nenhum dirigente que quando eu cheguei no clube me*

levou num lugar... essa é a história do meu clube é... o meu clube ganhou isso, ganhou aquilo é um clube (...). Eu acho que isso poderia ser importante, quando o jogador chegar num clube”.

Cooperação

Os verdadeiros detentores da *aretê* não admitem perder uma oportunidade para manifestá-la e, neste sentido, Jaeger (2003: 26) considera que “Originariamente a palavra (*aretê*) designava um valor objectivo naquele que se qualificava, uma força que lhe era própria, que constituía a sua perfeição”. Do mesmo modo, o Deco demonstra o seu inconformismo na relação com os companheiros de equipe, quando a busca pelo objetivo competitivo – o qual exige que ações sejam as mais próximas possíveis da perfeição – é colocada em segundo plano: “*A crítica no sentido de que não estamos fazendo aquilo que é pra fazer ou...não estamos tão sério, não estamos tão bem. Acho que estamos criando as oportunidades e estamos brincando e...esse tipo de critica. Mas é mais neste sentido...de querer ganhar e de querer vencer*” (Deco). Entendemos, também, que essa maneira de ver as ações coletivas diz respeito ao sentido de sucesso, alegria e bem-estar que são os *aretai* vinculados à pólis e onde todos (companheiros de clube ou da cidade) devem esmerar-se para fazer o melhor por ela. A relação do todo com as partes é, ou deveria ser, uma relação de perfeição e o futebol, como desporto coletivo, nos afirma esta condição, conforme podemos notar nas palavras do Washington: “*Você, com a ajuda coletiva, se cada um ajuda, se você tem um defeito ou algum problema mas esse jogador te completa, e você com outro jogador que tiver algum problema, falta alguma coisa...Com certeza, isso faz com que o coletivo cresça...E aí... a parte vai aparecendo, vai sobressaindo cada vez mais. Se você tiver o sucesso coletivo, com certeza, você vai ter o sucesso individual e isso é o grande passo para o sucesso*”. Completando este quadro, aduzimos o seguinte testemunho: “*Você fazendo as coisas bem, você tendo alegria, prazer naquilo que está fazendo, você procurando ter um bom ambiente, você procurando ajudar...estar disponível pra ajudar isso...já é um meio caminho andado pra fazer com que o outro que está ao seu lado, os companheiros, também tenham mais sucesso*” (Deco). E desse modo conseguimos visualizar a relação de excelência entre o indivíduo e a coletividade com vistas ao êxito de todos. “*Você é um grande atleta e pode fazer com que os outros companheiros também sejam melhores*” (Deco). A busca da perfeição é um dos temas centrais da *aretê* e – nos clubes desportivos – é uma tarefa desenvolvida pelo somatório

do esforço e do talento individual na construção de uma coletividade de “sucesso”; por outro lado, aquela retroage sobre o individual, executando uma trajetória espiral ascendente na direção da excelência. Isso é, de fato, não perder nenhuma oportunidade individual, coletiva e individual/coletiva de mostrar a sua *aretê*. Como podemos observar pela narrativa do Paulo Turra: “*No fracasso de alguns colegas, esses colegas podem ser carregados pelo restante dos colegas que estão bem. Isso é uma coisa que acontece no nosso futebol*”.

Solidariedade

Na era das telecomunicações, da Internet, da sociedade de informação e da mundialização, talvez sejam os atletas aqueles capazes de liderar um novo processo civilizatório, uma nova *paideia* e uma *cosmopolis*, onde o cidadão é, ao mesmo tempo, local e mundial e os problemas, onde as dificuldades bem como as facilidades e a felicidade são de responsabilidade de todos. Morin (2000: 76-77) ensina que, “A união planetária é a exigência racional mínima de um mundo encolhido e interdependente” e mais adiante apela às consciências humanas uma educação baseada no “sentimento de pertencimento mútuo que nos une à nossa terra, considerada como primeira e última pátria” e, assim, funda o cidadão planetário. Nessa perspectiva, convém conhecer o papel dos atletas de futebol em relação a essas observações: “*(...) acabam não sendo só jogadores dentro do campo mas tem muitas outras coisas, tem um papel muito mais importante fora também, um papel social. Neste sentido os jogadores deixaram de ser só os jogadores no campo, a imagem passa a ter outra dimensão. Eu acho, hoje em dia, quem tem possibilidade...tem que ajudar, tem que aparecer mesmo, porque é uma forma de atrair os outros...porque nós vivemos num mundo que a mídia, a TV, elas fazem promoções*” (Deco). De acordo com essa intenção, o Washington salienta: “*Já tive oportunidade de...campanhas para crianças carentes...que tenham dificuldades financeiras, com dificuldades financeiras...que a família não tem posses...crianças com deficiências...Então já tive várias oportunidades*”. Ou ainda como ampliou o Paulo Turra: “*(...) ir em alguma entidade de caridade: creches, orfanatos ou é... por exemplo aqui no Boavista, em Portugal, nós fomos no Hospital de crianças que tem câncer, a gente foi lá, dar um pouco de atenção, chama a atenção do poder público e político, pra necessidade disso...*”. Nota-se que a ação não é apenas para o conforto e busca de recursos, mas para chamar a atenção dos agentes políticos, sociais e do público. E o Turra reconhece que, quanto maior for o prestígio do atleta, maior é a repercussão das

suas atitudes, sugerindo que: “*se vai um Ronaldo, um Ronaldinho, um Zidane com certeza chama mais atenção*”. A solidariedade pode se constituir na mola propulsora da união planetária que queria Morin. Nesta direção, esses atletas já possuem a experiência do cidadão planetário: o Deco é brasileiro de nascimento, português por vontade própria, joga num clube catalão/espanhol e no continente europeu; o Washington é brasileiro, jogou na Turquia e atualmente joga no Japão; o Paulo Turra é brasileiro e atualmente joga em Portugal. Por outro lado, sabemos que as grandes empresas de comunicação fazem uso da imagem do atleta desportivo e é uma prova de sabedoria revolucionária dos atletas aproveitar o interesse dos meios de comunicação por sua imagem, veiculando, assim, campanhas de conteúdo social, humano e pedagógico numa perspectiva global. Isso demonstra sensibilidade e interesse pelas grandes causas e dificuldades humanas como fica evidenciado na sentença do atleta: “*Mas ajudar. Explorar a tua imagem no sentido de ajudar os outros...Até porque hoje em dia é...além da só da parte social a imagem já vale dinheiro*”, ou seja, a sua imagem não é só sua, ela é um instrumento que pode ajudar a disponibilizar recursos materiais a quem, neste mundo, necessite. Por isso, quando o Deco se expressa de modo humano e excelente em relação ao uso de sua imagem para fins de recuperação e de ajuda aos que precisam, oferece metaforicamente um cartão vermelho ao difícil mundo em que vivemos e funda um novo ideal de atleta; o grande atleta, pois, é aquele que, para além das suas qualidades técnicas, táticas, psicológicas, etc. tem algo mais e de muito valor. “Dar vida nova à nossa idéia de vitória com a compreensão que os antigos tinham da *aretê* pode nos ajudar, não porque leva à glória, à fama ou a contrato com fabricante de tênis, mas porque libera o espírito e enobrece a alma” (Cousineau, 2004: 180) e ajuda na sobrevivência e união humanas.

Educare(tê):

O Exemplo

Se há algo no desporto que não é possível desprezar é o valor do exemplo. Os ídolos desportivos são referências desse sentido, num mundo um tanto desprovido de exemplos, ídolos e de mitos... Só que nos desportos eles são reais e, por isso mesmo, inspiram, influenciam e educam. “*Se eu tivesse que me inspirar em alguém, acho que o próprio Dunga era um dos jogadores que simbolizava o que era o vencer no futebol. Outros pela qualidade...O caso do Gaúcho o próprio caso do Zidane, são jogadores pela qualidade eu continuo admirando e gosto de ver jogadores assim.... (...) eram*

mais exemplo...por incrível que pareça não eram muito aqueles que eram considerados craques...Eu comecei a admirar muito o Zico, mas eu o vi pouco jogar. Eu achava a trajetória dele foi difícil, tudo que ele passou, a história dele me atraía muito.... Esses jogadores pra mim eram como exemplos assim...de vitória, de dedicação. Então, talvez se eu tivesse que me inspirar em alguém, ...naqueles momentos, acho que eram eles” (Deco). *“Foi um grande exemplo...É o Zico”*; e um segundo, de outro desporto: *“Ayrton Senna (piloto de fórmula 1). Ele, (...), foi um grande campeão e mostrou toda a sua garra corporal, coração, mental pra conseguir ser...”* (Washington). Quanto ao Paulo Turra: *“E como jogador o Dunga foi capitão da Copa de 94 foi um exemplo para mim”*. Os motivos que levaram o Paulo Turra a escolher o Dunga como exemplo foram os seguintes: *“Na Copa de 90 foi muito criticado, foi praticamente culpado pela...pelo fracasso da seleção, (...) teve muita personalidade, muita força, muita ambição para conseguir dar a volta”*; o que aconteceu quatro anos depois: *“Em 94, foi considerado um exemplo no título de campeão pela seleção e, além de tudo, pela personalidade que ele tem dentro de campo e pelo seu comportamento fora de campo”*.

Vários são os exemplos e, reconhecemos, de diversas matizes, porém aquilo que é mais importante fica registrado ao longo dos anos, disponibilizado agora pelas entrevistas desses atletas.

O que se distingue nos discursos (entrevistas) desses atletas é a plêiade de palavras e expressões a qual compõe o grupo da *aretê* individual (Kitto, 1990; Jaeger, 2003; Cousineau 2004) como: vencer, vitória, qualidade, força, ambição, ou habilidade numa determinada arte, história do ídolo, dedicação. No entanto, olhando mais atentamente, verificamos que essas palavras estão vinculadas a expressões que indicam a importância do caráter pedagógico da *aretê* na formação do ser humano: *“Se eu tivesse que me inspirar em alguém...”*; *“Dunga era um dos jogadores que simbolizava...”*; *“...continuo admirando e gosto de ver...”*; *“...era mais um exemplo”*; *“...comecei a admirar muito o Zico”*; *“...a trajetória dele foi difícil”*; *“...a história dele me atraía muito”* e, também: *“Esses jogadores pra mim eram como exemplo (...) se eu tivesse que me inspirar em alguém, (...) eram eles”* (Deco); *“mostrou a sua garra”* (Washington) e *“personalidade dentro de campo”*; *“seu comportamento fora de campo”*; *“maneira de pensar, agir e falar”* (Paulo Turra). O valor do exemplo como meio de educação e de formação faz parte de uma herança cultural que atravessou os tempos e que vale recordar, valorizar e atualizar. *“Além de mostrar esse meu trabalho, eu faço com que as crianças acreditem nelas mesmas. Eu acho que, a partir do*

momento em que a pessoa acredita nela mesma e tem fé que vai conseguir, que vai conquistar o seu objetivo...isso aí é um grande passo...para que elas se esforcem, acreditem no futuro e tenham muita fé nelas” (Washington). Convém que atentemos para a sentença de Kitto (1990: 284-285) quando responde a respeito do valor educativo e elucidativo do exemplo para os gregos e para a nossa civilização: “Porque, sendo Gregos, não se podiam ver em nenhum contexto que não fosse o mais lato possível, a saber, como homens. O seu ideal não era especificamente cavalheiresco, como o da Cavalaria ou do Amor – chamavam-lhe *aretê*...”. Parece-nos que esta abordagem é coerente com o exercício de reflexão dos atletas entrevistados.

Para além disso, cabe ressaltar que nos desportos o valor do exemplo não é algo abstrato, mas algo bem concreto, como podemos notar através das entrevistas realizadas com os jovens – todos possuem os seus ídolos e exemplos – assim como através do dia-a-dia. Tanto os grandes desportistas, por meio de sua vida dedicada ao desenvolvimento da excelência desportiva e pessoais, quanto aqueles que, mesmo não sendo grandes atletas, realizam algo de sensacional, exuberante e acima do normal são exemplos para todos e não apenas para os mais jovens, pois o Washington entende assim: “*Um jogador de grande caráter...Ser responsável fora de campo é... mostrar exemplo para as crianças, para os próprios adultos e por ser também dentro de campo um jogador exemplar*”. “O desporto cumpre, assim, um papel fundamental para a sociedade em geral, não apenas pelos benefícios directos para os praticantes mas também pelo facto de cada um se assumir como um exemplo para os outros” (Garcia e Kátia, 2005: 48). Considerando o que acabamos de mencionar e o ideal de formação plena do Homem, poderíamos perguntar: Será que o desporto, ao longo dos anos, não acabou por ter uma reconhecida importância cultural por causa da permanente interação pedagógica entre *mestres e discípulos* na arte de jogar e praticar as diferentes modalidades desportivas? Se isso é verdade, e nos parece que sim, então cabe-nos voltar os nossos olhares atentos para essa atividade (desporto) e assim procurar extrair e revitalizar a importância do exemplo como fonte inspiradora e motivadora para uma educação que vise à excelência? A resposta parece ser encontrada na especial manifestação de um dos entrevistados: “*Crianças são puras, são a obra de Deus, obra divina e...eu sempre fico orgulhoso de poder apresentar a minha vida e fazer com essas crianças sigam...olhem o meu exemplo e consigam conquistar sucesso dentro das suas vidas*” (Washington). Essa maneira de expressar a intimidade pedagógica da natureza do exemplo deriva do facto de que, imaginamos, não é necessário ser professor para ser mestre, para se educar;

antes, necessitamos de sensibilidade educativa. O orgulho que o Washington sente é a prova inequívoca da expressão de um mestre digno e nobre. Dentre os meios que formaram a personalidade humana e sensível do Washington encontra-se, mais uma vez, o legado do exemplo: “...o exemplo dos meus pais estão assim... Então, é isso que eu quero mostrar para os meus filhos também”. Finalmente, consideramos que a união do exemplo e do desporto à formação humana (*paidéia*) podem ser comunicados através da orientação do Paulo Turra, quando nos ensina: “..., e no momento que a criança gosta do futebol e está no futebol, ela se preocupa, além de estar no colégio, ela se preocupa com o futebol, sabe que quer vencer, tem como ídolos, um Zidane, um Ronaldo... e querem chegar neste patamar e pra tu chegar neste patamar, a criança sabe que vai ter que fazer vários sacrifícios, então o que acontece... Ela não pensa em coisas erradas e não abre espaço para as drogas, para o álcool... Eu acho que é isso. Eu, se tiver um filho. Vou apoiar totalmente pra ser jogador de futebol. Eu era assim, quando era criança, dormia de noite pensando em jogar no outro dia. Acordava de manhã todo feliz, se chovia...se não vai ter jogo; ficava triste...Eu gostava muito de futebol. E no momento que eu me preocupo, eu não me preocupo em arranjar outras coisas...”. Aqui podemos considerar que o atleta em tela reconhece no futebol, e em seus ídolos, mais do que um desporto, um meio de ser feliz e um caminho de vida.

Consolidando este tema, não podemos deixar de registrar a relação educativa que existe entre o modelo do ídolo e o seu caráter formativo: “Um ídolo...eu gostaria que uma criança me visse como ídolo em todos os sentidos não só como jogador...” (Deco). Isso é exatamente o que pensa um dos jovens que pertence à categoria de base do Braga Sporting Clube quando lembra o nome do Deco como seu exemplo...analisa-o da seguinte maneira: “(...) e o Deco. A forma de jogar a sua técnica...a forma como eles encaram o jogo...e sua atitude dentro de campo, dão tudo pelo seu clube e já mostraram isso. Acho que são bons profissionais, pelo menos pelas entrevistas que ouço deles e pelo que leio, penso que são sinceros e bons desportistas” (FH42). O exemplo inspira todos e gera encantamento e, através destes canais, ajuda a formar a personalidade mais sadia. Um atleta adulto e um atleta jovem, sem se conhecerem pessoalmente, estimulam-se um ao outro na direção da educação para a prática desportiva e para a vida, exatamente como aconteceu, e continua a acontecer há milhares de anos, nos quais os detentores da *aretê*, os *aristoi*, eram os que serviam de símbolo, de modelo e de ídolos para os jovens que procuravam seguir os passos dos exemplos míticos, incorporando à sua vida as lições, os feitos e a inspiração. Na *Ilíada* e

na Odisseia, o herói, e/ou o ídolo, eram para os jovens uma grande inspiração pedagógica; eles sabiam que deviam imitar os seus ídolos e, como eles, alcançar a sua *aretê*.

Limites e Oportunidade

Os princípios pedagógicos da *aretê* são, por um lado, inspiradores e por outro, impiedosos. Vejamos a narrativa, feita pelo Deco, referente a um dos melhores atletas de futebol profissional de todos os tempos: “*O M. além da qualidade que ele tinha...Ele tinha uma vontade e uma garra especiais é...Ele não venceu só pela qualidade que tinha. Eu acho que ele tinha uma força interior e, às vezes, até extravasava de uma forma não mais correta... Mas, no fundo, ele tinha uma confiança nele, uma coisa que levava...não sei depois...*”. Pela descrição do Deco podemos reconhecer no M. alguns atributos da *aretê*, tais como vontade, garra, vencedor, qualidade, força interior e confiança. Entretanto, com a ressalva “*não sei depois*”, evidencia a sua preocupação com o que veio acontecer (depois) àquele grande atleta! Essa mesma preocupação é dividida por outro dos nossos entrevistados: “*...mas que aprenderam a se drogar, aprenderam a ficar alcoólatras. O que leva uma pessoa a ter sucesso, tecnicamente falando, o M. levou... Agora sucesso como pessoa não levou nenhum*” (Paulo Turra). Notamos, através dessas observações (e preocupações), e também por tudo que já foi noticiado pelos órgãos de comunicação, que o M. envolveu-se com as drogas e acabou dependente do seu uso. Será que, por isso, esse homem perdeu a sua *aretê*? Se atentarmos para o que diz Pereira (1982: 78), quando alude a Homero e à sua magnífica obra Odisséia “*Zeus de voz potente retira metade do valor (arete) ao homem, no dia em que a escravatura dele se apossa*”, a escravidão dos nossos dias é diferente daquela da época de Homero; entretanto, não é menos terrível. Naquele período, a escravidão poderia tornar o guerreiro um serviçal; atualmente, as drogas, o álcool, o tabaco, a gula, a ambição desmedida, entre outros, são as mazelas da nossa civilização, e não podemos nos queixar, quando a *aretê* do corpo, como o vigor físico e a saúde, nos abandona. Mudam-se os grilhões e permanece a escravidão. Hoje, como ontem, a escravidão é a mesma. No entanto, a diferença é que agora se escravizam não somente os homens mas também as suas almas. Portanto, parece-nos que, enquanto naquele período o homem era sentenciado pelos deuses em perder metade da sua *aretê*, hoje, dado ao nível de dependência causada pela escravidão moderna, o homem pode perder a sua *aretê* por inteiro!

Conselho e Aprendizagem

Uma das nossas tendências atuais é a de menosprezar o valor dos conselhos. Há quem diga que, se o conselho fosse bom, ninguém os dava, vendia! Outrossim, sabemos todos que, em nossas andanças pela vida, um conselho dado por alguém próximo e de confiança, muitas vezes, faz a diferença e orienta nossas ações. Vejamos o que diz Deco a esse respeito; *“Um conselho que eu acho que foi uma coisa que meu pai sempre falou comigo é...primeiro era estudar. Um das regras que ele impunha e... Então, na realidade, você tem que se preparar um pouco pra vida num outro sentido porque a vida não é só jogar futebol...”* (Deco). Em concordância, o Paulo Turra nos descreve a importância das orientações que são oferecidas pelos professores, treinadores e mestres do dia-a-dia, referindo-se ao Prof. Ademir: *“...ele ajudou muito dentro de campo como jogador, me ensinou muito como pessoa fora de campo, como comportamento e outras coisas...”* e complementa: *“...como um atleta de futebol deve ser e deve se comportar dentro e fora de campo, nas suas atitudes, na maneira de pensar, agir e de falar. Principalmente os jogadores mais conhecidos...são figuras públicas são pessoas que servem de referência (...) para o mais jovens...”*. Esse modo de ver as coisas parece retirado da *Ilíada* de Homero, quando Aquiles, o herói dessa epopéia, ouve os conselhos do sábio Fénix: “Por isso ele me mandou, para que eu te ensinasse tudo, como ser orador de discursos e fazedor de façanhas” (*Ilíada* IX, 442-443). O conceito da *aretê* já possuía uma outra conotação e trazia uma nova imagem do homem perfeito para quem, ao lado da ação (jogar futebol), estava a nobreza do espírito (o desenvolvimento do saber, do conhecimento e da educação), e só na união de ambas se encontrava o verdadeiro sentido da *aretê*.

Valores do Desporto

O desporto é uma das atividades do homem em que podemos estudar e refletir a respeito dos nossos valores e da nossa cultura. Muitos consideram que no desporto repousam todos os valores e, dependendo do ângulo de análise, podemos focar mais uns do que outros. Ao examinarmos uma das partes do discurso do Deco, do Washington e do Paulo Turra, ficou transparente uma certa tabela de valores vinculada ao desporto: *“Desporto ensina a viver porque...Traz outras coisas, traz outros valores, (...), respeitar as pessoas, (...) cuidar da saúde, (...), você aprende, (...) você quer chegar a algum lugar, tem que se dedicar, abdicar. Você aprende a optar o que é melhor pra tua*

vida ou não...Acho que aprende muita coisa...” (Deco). “*Você evita muita coisa que pode prejudicar a sua vida e você entra numa coisa totalmente saudável, numa coisa totalmente divina: o desporto....*”; (...), *ter muita dedicação, força de vontade*”; “ (...) *se doar, se dedicar, a ser sempre os primeiros, que realmente eles se sobressaem e...os obstáculos...fazendo o melhor deles, se esforçando e dando o máximo, os obstáculos serão menores*”; “*...eu trato o desporto como uma outra vida. Você ganha uma outra vida, então te ensina a viver...e você vai aprendendo muita coisa e...você vai fazendo com que a sua vida melhore e...aprende a viver...no lado do bem da vida*” (Washington). “*...viver só do meu esforço*”; referindo-se ao desporto: “*Isso é uma faculdade da tua vida. É uma faculdade que não tem diploma, não...*”; “*...fiz faculdade, mestrado, doutorado e mais alguma coisa pra tu ser um ser humano*” (Paulo Turra). Por esses motivos nos aliamos às palavras de Patrício (2005: 15), quando analisa: “*A arete instala-nos de imediato no eixo do valor*”. Desse modo, no discurso dos atletas está implícita uma axiologia educacional, onde se encontram presentes os valores-meios e valores-fins, desenvolvida através da sua prática desportiva. Os valores sempre aparecerão coerentemente, quando os meios e os fins são de excelência ou, como vimos: “*o que é melhor pra sua vida*”. Naturalmente que citamos algumas das muitas expressões referentes aos valores, anotadas pelos entrevistados, ligados ao desporto. Vale a pena assinalar que aquilo que foi escolhido por nós, destaca o valor da virtude e da excelência na perspectiva de um caminho de vida: “*A arete é valor, é mesmo o valor que define a vocação destinal do homem. Homem é aquele ser que quer o melhor: aristoi*” (Patrício, 2005: 15). Na preparação para a nossa jornada *destinal*, encontramos o desporto e os seus valores como fiéis aliados.

Aretê sabedoria:

Sensatez

Uma das teses que mais foi abordada pelos antigos filósofos dizia respeito ao fato de a *aretê* ser possível, ou não, de ser ensinada. Particularmente, no diálogo Protágoras, essa questão foi extensamente abordada. Foi também, nesta obra, que o sofista Protágoras e o filósofo Sócrates (pela pena de Platão) discorreram sobre a relação entre o todo e as partes que compunham a *aretê*. Partindo desse princípio, encontramos no discurso dos atletas de futebol algumas referências que podem fazer-nos refletir sobre o tema da discussão entre Sócrates e Protágoras: “*E você fazendo desporto...é onde você consegue encontrar essa sabedoria também. (...) O coletivo te*

traz um pouco de senso responsabilidade, senso de respeito pelas pessoas...ter noção de que o seu espaço é esse e o espaço do outro é aquele, e saber respeitar esse lado...” (Deco). Uma das partes da *aretê*, discutidas por Sócrates, é justamente aquela em que ele fala sobre a sensatez: “...os homens agem de modo correcto e útil, (...), ao agir assim, agem com sensatez...” (Protágoras, 332a). Esse modo de ver a manifestação da sensatez foi incorporada por diferentes pessoas, em diferentes espaços de tempo, condição e atribuição. No futebol, encontramos nas palavras do Washington a manifestação da sensatez: “*Abdicando de coisas que pode te prejudicar no futuro, você...às vezes, foge de...estar no caminho errado, de partir pra uma...vamos dizer assim...ter um caminho errado como o das drogas, como o do roubo...então, você se abdicar dessa parte do mundo ruim da vida... e entra numa parte totalmente ótima, saudável...é praticar esporte...tentar dar uma condição financeira pra você e pra tua família...Então, seu pensamento vai ficar sempre no esporte e do estudo...*”. Pelo que podemos perceber nas exposições do Deco e do Washington, estes atletas indicam, do mesmo modo que aconselhou Sócrates, uma maneira de agir correta e útil. Portanto, estamos diante de duas narrativas que contemplam a sensatez, uma das virtudes socráticas. Durante o diálogo, o filósofo esforça-se para provar que as virtudes particulares estão contidas no conhecimento (sabedoria), como no caso sensatez e sabedoria, justiça e piedade, coragem e sabedoria. Por isso, somos forçados admitir que, no modo de aqueles atletas agirem, existem indícios de uma sabedoria, forjada pelo conhecimento prático, conforme um deles aponta: “*é onde você consegue encontrar essa sabedoria também*”. E ambos fazem coro acentuando de que isso decorre do “*fazendo desporto*”, ou “*entra numa parte totalmente ótima, saudável...é praticar esporte...*”. Podemos, assim, vislumbrar a possibilidade de interpretar as duas questões da obra de Platão: a primeira, como já vimos, se a *aretê* poderia ser conquistada através do treino e da aprendizagem, como nos disponibiliza o Paulo Turra quando fala da sua experiência: “*Eu posso dizer que estou mais tarimbado, mais experiente pra não perder pra mim mesmo*”; ou, se era o resultado da herança de sangue, transmitida de pais para filhos no seio das famílias nobres. Quando observamos as palavras “*fazendo*” ou “*praticando*”, entendemo-las como: através de, ao longo de um determinado período de tempo e através de algo; neste caso, através do desporto. Por isso, avaliamos que um dos espaços de excelência para o aprendizado da *aretê* sensatez é o do desporto. A segunda é a respeito da unicidade, ou não, das virtudes socráticas. Essa relação pode ser percebida nas palavras do Deco, pois o atleta descreve uma relação entre a sabedoria

(pelo menos um tipo de conhecimento) e o senso de responsabilidade, de respeito, de consideração e do bom senso de não exagerar na análise. Acrescenta-se a isso o fato de que condutas indicadas pelos desportistas acontecem no interior de um universo coletivo do futebol, portanto, de múltiplas relações e de difícil controle. Nesta perspectiva, acreditamos que através da prática desportiva – e a experiência de seu universo – conquistam-se a excelência e a virtude assim como a possibilidade de encontrar um dos caminhos na arte de viver, legado de Prometeu (Protágoras, 321d), à luz da *aretê*.

Perseverança

Quando estamos diante de uma dificuldade, temos que disponibilizar energia e sabedoria para transpô-la, ao mesmo tempo em que procuramos sair ilesos desses infortúnios. Essa é uma questão de vida e, habitualmente, somos confrontados com essa experiência. Para o desportista Deco, a forma como ele enfrenta esses momentos é desta maneira: *“Eu sou muito de decidir assim...Penso e decido... Tenho que resolver e a única forma de resolver é ir batalhando e também a vida pessoal é um pouco isso”*. Aparecem aqui algumas observações interessantes sobre o modo de lidar com a experiência de dificuldades: a decisão pensada e a perseverança (*“é ir batalhando”*). Para Caeiro (2002: 435) a sensatez é a *“excelência da deliberação-escolha”*, e quanto àqueles que possuem a excelência da perseverança, o mesmo autor (2002: 182) destaca que o seu detentor *“abre o seu coração para um sentido que vai para além de tudo quanto surge com o vigor do instante presente – para além do medo, do receio, do que é desagradável e doloroso (...), vê com horror o que seria pôr-se em fuga, sem qualquer tentativa de reacção e de combate...”*. De forma similar, o Washington fala da atitude de um dos seus companheiros de clube: *“...esse companheiro meu...ele, na verdade, quase não jogava, ficava esquecido...mas todas as vezes ele treinava com muita vontade, ele treinava com muito afinco, se dedicava totalmente aos treinos e...passando o tempo, a idade foi chegando e ele precisava se profissionalizar...Esse jogador que estava esquecido...com os treinamentos...esse jogador acabou tendo sucesso, porque ele sempre teve força de vontade, sempre acreditou nele mesmo...e treinou, treinou dedicadamente...”*. É deste modo, confrontando esses momentos de dificuldades nos desportos, que nos habituamos a resistir-lhes e vamos construindo o nosso modo de estar e a maneira de ser no dia-a-dia desportivo e também na vida pessoal. Como ninguém luta ou batalha sem a presença da coragem, encontramos nessa simples

resposta uma composição que interrelaciona algumas das virtudes socráticas, como a perseverança, a sensatez, a coragem e a sabedoria.

Nessas mesmas considerações, Deco amplia a questão quando indica: *“Eu não procuro ficar muito lamentando. É como no futebol: se eu estou mal, eu não vou me lamentar pelo treinador, pela imprensa, ou por isso, ou por aquilo”*. Além da demonstração de sensatez ao tratar do problema (não expondo pessoas e instituições diante de uma dificuldade que ele reconhece como sua), essas palavras lembram uma elucidação de Kitto (1990: 285) sobre os antigos e originais ideais da *aretê*: “Assim o herói da Odisseia é um grande combatente, (...) e grande sensatez, que sabe agüentar o que os deuses mandam, sem se queixar muito...”, e conclui, dizendo que nestes “a sua *aretê* é superior”. Deco credita a concretização do seu êxito a *“uma grande virtude, que eu consegui chegar até onde eu cheguei um pouco por isso, por essa persistência, por essa...então eu acho que foi um pouco a persistência...que fez, eu consegui ter algum sucesso na minha carreira...”*

Moderação e Prudência

A moderação é uma das virtudes enfatizadas pelos antigos filósofos atenienses. Essa afirmação é fácil de ser confirmada, quando observamos nas obras de Aristóteles uma preocupação, quase que constante, de enaltecer o meio, o meio-termo, o equilíbrio, a prudência... (Ética a Nicômaco e Política)⁶⁷. Sabemos que o treino desportivo é constituído de uma alternância de esforços (intensos e leves), os quais estão em consonância com as orientações (poderia ser de fisiologia do esforço) aristotélicas. Entretanto, a maioria das pessoas conhece os esforços de grande intensidade desenvolvidos pelos atletas. Mas, o que passa mais despercebido é o caráter da moderação desenvolvido pelos atletas, ao longo da sua vida desportiva: *“Os cuidados que eu tenho é...procurar descansar sempre, um pouco...não exagerar... E se eu não fizer, eu sei que...Não é só psicologicamente mas sei que chego no jogo não tão bem quanto devia”* (Deco). Podemos verificar que nos poemas de Teógnis, recuperados por Pereira (1982: 141), havia um recado para atletas como o Deco, e estava assim: “Não te esforces demasiado, o meio é sempre melhor. Assim possúras um mérito (*arete*) que é difícil de alcançar”. Deco, Aristóteles e Teógnis não pertencem à mesma equipe

⁶⁷ Trata-se de dois clássicos de Aristóteles: Ética a Nicômaco, edição de 2004, tradução de Pietro Nassetti. Política, edição de 2004, tradução de Carlos Garcia Gual.

desportiva, mas o modo de agir e de ver a moderação fazem deles uma equipe de sabedoria.

Justiça

Dentre os problemas vividos atualmente pela humanidade estão os relacionados com as questões da justiça. A sensação de injustiça e a própria prática da injustiça requer muita atenção por parte não só dos magistrados, políticos, organismos nacionais e internacionais, mas, especialmente, dos educadores, pais e instituições de educação. A tendência para uma educação comandada pela relatividade de valores, e mesmo ausência destes, constitui-se num dos maiores desafios da nossa civilização moderna. E, sendo assim, é imprescindível realizar, descobrir, debater e disseminar estudos que, de alguma forma, possam diminuir a ferida arraigada no seio da justiça. Temos a sensação de que a principal causa por que as pessoas não se envolvem nos empreendimentos coletivos, está relacionada com a idéia de fragilidade da nossa justiça. Esse não é um problema de agora, mas vem-se avolumando. Como seria essa discussão à luz dos discursos de atletas desportivos é a nossa empreitada de agora.

Uma das maiores preocupações dos antigos gregos era destacar a importância da justiça. Quase toda literatura clássica desfila uma grande quantidade de debates, argumentações e teses a respeito da justiça, a qual consideravam como uma das maiores virtudes (*aretê*) e sabedoria, especialmente quando a pólis passou a ser o centro organizador e potencializador da vida dos homens. A partir daí que “O conceito de *aretê* passa a se vincular, intimamente, ao conceito de justiça (*dikê*), e o herói fundador passa a ser celebrado como herói legislador (*nomotêthes*), como no caso exemplar de Sólon” (Vaz, 2004: 22). A justiça era de tal forma importante para o modo de viver do grego que levou Sócrates (Ménon 73b) a considerar que “o homem e a mulher, caso andem a tentar ser bons, necessitam das referidas qualidades, isto é, da justiça e da sensatez”. Tentar ser bom é não praticar nenhuma injustiça contra alguma coisa ou alguém: “*Injustiça é uma coisa que não vem de Deus, (...). Isso aí é uma coisa...é um pecado muito grande que se comete na terra...ser injusto com uma pessoa*” (Washington). Olhando o panorama da justiça, em particular a justiça desportiva, podemos considerar que a mesma procura, através de leis, regras e normas, organizar o desporto de acordo com a idade, o sexo, a categoria, o peso, a possibilidade (caso dos portadores de necessidades especiais, ou não), entre outros, para que a competição entre os atletas possa ser considerada entre pares - em igualdade de condições e de justiça. Mesmo

sendo assim, parece que a sensação dos atletas é diferente conforme o Deco nos relata: *“No futebol há muita injustiça”*. Ao que tudo indica, é nas relações interpessoais e institucionais que reside o problema: *“Eu achei injustiça, depois eu fui falar com ele e acabamos até discutindo, mas depois...ele pediu desculpas pra mim e eu também pedi desculpas pra ele; mas, eu no momento achei injustiça. Isso que aconteceu com o E.”* (Paulo Turra). Esse mesmo atleta ainda expõe uma outra questão: *“Muitos clubes acontecem isso hoje que existem muitos problemas e...estrutura, problemas de salários atrasados, problemas de injustiças”*. Essas questões ultrapassam em muito as relações desportivas, porque, segundo o Deco *“o mundo tem muita injustiça”*. A raiz desse problema está na própria existência humana; como podemos notar na A República de Platão (338c), a justiça sofre ataques de Trasímaco: *“Afirmo que a justiça não é outra coisa senão a conveniência do mais forte”*. Cabe ressaltar que Trasímaco cita o exemplo dos mais fortes - entre outros - considerando as instituições pretensamente democráticas daquela época. Lógico que os filósofos atenienses não deixavam escapar a possibilidade de defender a justiça; podemos citar dois exemplos interessantes como: *“... , na verdade, a justiça é sabedoria e virtude, julgo que facilmente se demonstrara que é mais forte que a injustiça, uma vez que a injustiça é ignorância ...”* (A República, 351a) e, naturalmente considerando essa sabedoria filosófica, Sócrates sentenciou que *“...se tivesse de escolher entre praticar e sofrer uma injustiça, preferiria sofrê-la”* (Górgias, 469c). Não podemos deixar de lembrar que foi por esse motivo que Sócrates, ao sofrer uma injusta sentença de morte, submeteu-se à lei, não aceitando outra coisa a não ser o cálice de cicuta. Que diferença em relação aos nossos tempos e para a maioria de nós (pessoas ou instituições)!

Cabe-nos saber qual seria a reação dos nossos entrevistados diante da injustiça. Vamos ouvir: *“...eu não costumo me meter na vida dos outros...”* (Washington); *“Já me revoltei muitas vezes mas é...infelizmente nós é... nós não vamos conseguir mudar ele...por mais que tentemos...”* (Deco). À primeira vista, parece que a posição dos nossos heróis é a de *lavar as mãos* para os fatos, entretanto, ao aprofundarmos nossa leitura das entrevistas verificamos: *“...eu procuro sempre, quando posso, se tiver uma oportunidade, eu tento ajudar aquele que foi injustiçado...”* (Washington); *“...agora também se nós pesarmos que não vamos conseguir mudar e não vamos fazer nada...temos que fazer...mas a minha atitude é de revolta, de tentar ajudar, (...) e tentar ajudar de outra forma, acho que é isso”* (Deco). A revolta é, sem dúvida, em relação à injustiça. A possibilidade e o desejo de ajuda são a atitude de quem

não se conforma com a injustiça. Esse discurso tem correspondência com a prática desses atletas, como podemos notar através das atitudes de solidariedade social nas quais eles estão permanentemente envolvidos (atenção à subcategoria solidariedade). Num quadro de injustiça, os nossos entrevistados dão a entender que estão do lado da justiça. Ou, para ser ainda mais radical nesta matéria, temos a implacável visão do Paulo Turra, quando salienta que gostaria de ser lembrado como uma pessoa “*que sempre enfrentou os problemas e sempre teve a personalidade (...), estarem as coisas certas ou erradas sempre falar, de nunca baixar os braços para as coisas erradas. Eu nunca fui assim...independente se eu estava num bom momento ou num mal momento, se acho que as coisas estão erradas na minha concepção, eu falo...não interessa se vai doer ou se ele é o presidente, ou se ele é o treinador, ou se ele é o rico ou é pobre, eu falo...*”. Um atleta que gostaria de ser lembrado dessa maneira é mais do que uma atleta, é um exemplo de compromisso, mesmo em situação de dúvida com a justiça e, para isso, é necessário coragem e valentia, não sucumbir diante da importância da instituição, da pessoa ou das circunstâncias. Por outro lado, corresponde à educação dos nossos dias ajudar no desenvolvimento da sabedoria referente à justiça. Reboul (2000: 14) é de opinião que “Se se perguntar a alguém o que é a justiça, terá, sem dúvida, muitas dificuldades em responder. Mas se lhe perguntar o que é a injustiça, já saberá; porque todos nós encontramos a injustiça sempre e em toda a parte”. Se o valor da justiça encontra-se no ideal de todos serem iguais perante a lei, o estado e as instituições, então estamos diante de um conteúdo ensinável do qual a educação e a formação humanas não podem prescindir. Faz-nos refletir o fato de que a tecnologia é capaz de conhecer o mundo material e objetivo nos seus mais íntimos detalhes; o átomo já é uma coisa enorme! Como nunca, conhece-se sobre os planetas e sobre o átomo. Entretanto, não conhecemos, ou não nos importam tanto as razões e as causas que nos unem (como a justiça) enquanto civilização, quanto o que nos separa, nos angustia e nos faz sofrer. Precisamos de uma *tecnologia* que restaure a nossa confiança, a nossa inspiração e o nosso encantamento pela vida individual, coletiva e planetária.

Menos mal que o exemplo vindo do desporto não deixa de ser alentador. Trata-se do que aconteceu com o futebol italiano (que foi largamente tratado pelos meios de comunicação na época): mesmo vencendo a Copa do Mundo de Futebol versão 2006, na Alemanha, os clubes italianos, envolvidos com a maquinação de resultados, foram rigorosamente punidos pela justiça desportiva daquele país. Na punição, intuímos nós, está implícita uma observação de que mesmo os campeões do mundo têm de obedecer à

lei. Outrossim, não podemos deixar de lamentar, em consonância com as aflições destacadas pelos nossos entrevistados, que essa disposição da justiça desportiva italiana não é aplicada com o rigor necessário pelos demais órgãos de justiça desportiva em outros países. A justiça desportiva italiana deu um exemplo para todas as instituições, desportivas ou não...

Modéstia e Humildade

Antes de tudo, devemos salientar que a modéstia, no tempo da Antiga Grécia, era uma virtude que merecia alguns cuidados, como podemos verificar, quando Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1125a, 25), ao falar a respeito do homem magnânimo, se refere a ela: “as pessoas indevidamente modestas se abstêm mesmo de nobres ações e empreendimentos, julgando-se indignos, e do mesmo modo privando-se dos bens exteriores”. E, quanto ao homem magnânimo, era aquele que não era indevidamente humilde e nem pretensioso (Ética a Nicômaco, 1125a, 15); ou seja, a modéstia e a simplicidade, sem a preocupação de exibí-las, devem ser virtudes naturalmente vinculadas às ações e às palavras sábias.

Entretanto, mesmo que seja dessa maneira, consideramos que tanto a modéstia quanto a humildade e a simplicidade são, para os nossos dias, consideradas como virtudes assim como as pessoas que agem de acordo com elas, são especialmente consideradas como sábias. Além disso, no ambiente do clube desportivo e em particular na equipe de futebol, posso dar o testemunho (pela minha experiência nesse âmbito) de que a maioria dos atletas são realmente pessoas muito simples. Por isso, não é de estranhar que o Washington, ao se referir a sua maneira de ser e de estar, tenha dito: “*É muito complicado...vou dizer assim...pelo exemplo...que as pessoas falam pra mim, né? Humildade e perseverança*”. O simples fato de o atleta ter ficado *sem jeito* para falar sobre si demonstra uma boa dose de simplicidade e, não obstante pareça ser sua a opinião sobre si, quando expõe a forma de se ver, prefere sugerir a opinião de outras pessoas. Ainda nessa direção vemos que o Paulo Turra, embora sendo sincero, ao abordar o mesmo tema, se considera: “*Mas também como eu não sou e não fui um jogador de topo*”. Muitos atletas querem ser excelentes e poucos o são; entretanto, somente, em nossa interpretação, os verdadeiros e modestos é que conseguem fazer uma auto-avaliação isenta. “Esses momentos de liberdade, de simplicidade, de serenidade, são os mais belos momentos da palavra” é a reflexão de Comte-Sponville e Ferry (1998:

217), quando falam a respeito dos textos taoístas, ou seja, a sabedoria é a interação de inúmeras virtudes e, entre elas, se inclui a simplicidade.

Sabedoria

Há muitas maneiras de se definir a sabedoria, conforme podemos aprender com as anotações de Aristóteles, Platão, Sócrates, Sponville, Ferry, Lynch, entre outros. No contexto desportivo, achamos que seria mais interessante uma discussão que incorporasse o pensamento de um alto ideal relacionado à demonstração do saber e do saber-fazer (melhor discutido na subcategoria trabalho) na ação desportiva. Como se sabe, a leitura dos diálogos de Platão é uma fonte na qual jorra a *paidéia* grega como exaltação do conhecimento, pois, na Grécia, “o ímpeto de conhecer e a fé no conhecimento” (Jaeger, 2003: 564), eram a expressão do modo de ser daquele povo. O conhecimento é uma forma de saber e de transcendência em relação ao estado de ignorância. Dizem os antigos que mais sábio é aquele que aprende com a experiência dos outros; no desporto, com o objetivo de desempenho excelente, convém aprender com a própria experiência. Foi assim que o Washington nos descreveu: *“Quando o meu time não consegue a vitória, eu, de imediato, já fico triste. E aí, com o tempo, eu vou recuperando alegria, eu esqueço um pouco a tristeza e vou pensar nos erros que eu cometi para que eu não cometa novamente, mais tarde, na próxima partida; então, eu tento sempre melhorar aqueles erros que eu cometi”*. Os erros, vistos nessa perspectiva, são os nossos melhores mestres e, no desporto, a sua assiduidade é permanente; uma oportunidade de aprendizagem e conhecimento – muitas vezes traduzida como experiência desportiva – nos elevam a um outro patamar de sabedoria. Essa sabedoria encontra-se nas porções mais internas da alma; o conhecimento do bem, do que faz bem para um fim proveitoso e que traga felicidade. Quem não fica feliz com uma atuação – desportiva, artística, educativa, empresarial, espiritual – especial? Porque a finalidade é a formação integral do homem e que podemos ver concretizada numa celebre frase do Paulo Turra: *“...eu acho que eu estou satisfeito com que eu aprendi com o futebol, que eu aprendi como ser humano”*. Ou, ainda, quando o Washington vislumbra, passo a passo, como uma progressão pedagógica, o caminho do peregrino desportivo na direção das suas metas: *“Você tem que galgar direitinho, galgar direito o seu caminho, ...buscar o seu melhor...ter uma mentalidade sadia...ter um objetivo...aí é um grande passo...”*. Essa maneira de se colocar diante das tarefas desportivas indica sensatez, paciência, simplicidade e, portanto, sabedoria. As ligações que os desportistas fazem

entre as suas aprendizagens e os desafios de performance reforçam o caráter eminentemente pedagógico contido nos desportos de rendimento. Marrou (1969: 28) faz uma aproximação dos atletas de hoje com os heróis e guerreiros antigos, considerando aquilo que ele chamou de “sabedoria de vida, a habilidade do herói (...); converte-se na arte de saber desvencilhar-se em qualquer circunstância”. Para ampliar essa temática, temos que conferir o relato de que é no cenário desportivo que acontecem as tensões e contradições da vida, tornando-as possíveis de serem suportáveis e resolvidas; local onde se espreme a tensão entre ordem e desordem, ou a tensão entre o sucesso e o insucesso que perpassa quase todo o desporto. No desporto, alteram-se e invertem-se papéis e situações: quem perde, pode ser um futuro vencedor; quem vence, aprende lições de simplicidade, já que a vitória não acontecerá sempre (Bento, 1998). Essa sabedoria conquistada na prática desportiva é a aspiração a sua *aretê*.

Os momentos de alegria, sucesso, relaxamento e controle são paradoxalmente ligados aos de tensão, frustração, pressão e de descontrole; assim, o mundo desportivo é um universo onde nos deparamos com “um cocktail de ordem e desordem, um cocktail muito diferente consoante os casos, as condições, os lugares, os momentos...” (Morin, 1996: 240). É exatamente, nesse contexto, que o desporto passa a ser visto como um campo onde a necessidade de aprendizagem e desenvolvimento pessoais e coletivos indicam a indispensabilidade do compromisso com a racionalidade. “O conhecimento, ao buscar construí-se com referência ao contexto, ao global e ao complexo, deve mobilizar o que o conhecedor sabe do mundo” (Morin, 2000: 39); a essa informação podemos acrescentar o que nos disse o Paulo Turra: “Que eu estou perdendo o jogo, ou erro um lance, eu não fico desesperado pra conseguir automaticamente, já dá volta por cima, então a gente trabalha mais com a razão. Acho que é uma afirmação...”. Será que essa afirmação de que nos fala o atleta não é a autonomia que o conhecimento da sua função traz? Se é assim, podemos interpretá-la como uma virtude que vise à recuperação da ordem no espaço desportivo. Nessa direção, consideramos importante a declaração do Washington sobre o conhecimento dos passos (estágios) que levam o homem na direção do sucesso, tanto desportivo como pessoal: “...*para você superar a sua adversidade e...você precisa que na competição você se ganhe...você passe do seu limite: e pra você, na competição, passar do seu limite você tem que treinar; sem treino você não chega lá*”. Vamos entender... Em primeiro lugar, necessita-se do desafio; seja ele qual for... A partir do surgimento do obstáculo, surgem as batalhas internas e externas; interna como o Washington anotou: “...*você se ganhe...você passe do seu*

limite” e, para que haja a superação externa do desafio – nesse caso a competição – é necessário o treino, porque, segundo o Washington “*sem treino você não chega lá*”. Esse “*lá*” tem um grande significado: pode ser qualquer objetivo que você deseje realizar como a conquista de um campeonato, de um exame vestibular, de um bom emprego, de uma boa jornada e, até mesmo, superar o caos pela ordem. Do ponto de vista pedagógico, achamos que podemos aprender com as declarações desses atletas, uma vez que, como podemos verificar, para se conseguir alguma coisa que valha a pena é necessário que a ênfase seja dada ao processo e aos meios; os fins serão os mais nobres, desde que atingidos através da fidelidade e do compromisso com o esforço e a dedicação, como instrumentos da arte de enfrentar os desafios. Só dessa maneira consegue-se vislumbrar a perfeita compreensão dos benefícios da racionalidade; quando eles são aplicados de forma boa, útil e para que cada um se conheça melhor.

Ponderamos ser interessante uma reflexão, uma reflexão final: a questão de uma formação que privilegie o conhecimento, mesmo que seja o do bem, é um paradoxo especialmente interessante, uma vez que o verdadeiro conhecimento – o conhecimento-fim – está além do próprio conhecimento do bem. Esse saber é para Jaeger (2003: 565), apoiado em Sócrates, “uma verdade de firmeza absoluta, pois se demonstra ser ela a base de todo o pensamento e de toda a conduta moral...”

***Aretê* transcendental:**

Felicidade

Achamos que não é demais, dada a natureza da excelência, considerar que, entre a arte dos atletas desportivos e os seus êxitos, há algo que aponta para o transcendente. Verifiquemos então a opinião do Deco: “*Eu consigo ter mais êxito nos anos em que estive melhor...tem tudo a ver com a felicidade...a felicidade interna, sentir bem...as coisas vão muito melhores...*”. Muito próxima à concepção do Deco a respeito dessa matéria, encontra-se a opinião do Paulo Turra: “*Absoluta felicidade...Geralmente quando acontece isso, numa partida tu ganha e numa época tu ganha o campeonato, ou tu consegue o teu objetivo e acontece, claro que acontece, acho que pra todo mundo acontece...*”. A felicidade e a inspiração, para os nossos entrevistados, são a fonte que nutre o desempenho dos atletas desportivos, conforme nos demonstra o Washington: “*Todas as vezes que eu entro numa competição, num jogo, com alegria e felicidade, o percentual de sucesso é quase 100%*”.

No que se refere ao desporto e à formação integral do homem, Melo (2005: 15) salienta que: “A natureza intrínseca do desporto pertence a dimensão religiosa”. Considerando esta dimensão, Millman (1994: 144) cunha a expressão “atleta interior” e associa a ela a idéia de que “serão os elementos sutis do talento (...) que vão determinar os melhores atletas”. É extremamente positivo pensar nessas possibilidades e dimensões, porque, afinal, a palavra excelência ou *excellencia* tem um significado de elevação e grandeza e, portanto, não podemos ter medo de considerá-las, também, como grandeza espiritual e de elevação à dimensão transcendental. Garcia (2005: 4-5) quando descreve, do ponto de vista antropológico, o objetivo mais precioso e sutil da educação desportiva, afirma: “O homem interior surge assim em toda a plenitude e é, em grande parte, esta concepção que nos interessa desenvolver no desporto”. Ao que parece, essa dimensão interna pode trazer aos atletas a felicidade que todos almejam e, desse modo, os desafios assim como as dificuldades acabam por ser superadas. Ao pensar num projeto de recuperação da formação do homem ideal, podemos deixar de levar em consideração essas revelações? A resposta está com Patrício (2005: 8) “A *paideia* e a educação são obras do espírito” que o desporto coloca em relevo no momento em que os atletas, na busca da superação e do rendimento, imprimem, no solo com as gotas de suor e no universo com a energia da inspiração, a marca da insatisfação com os limites, oferecendo aos deuses o que de melhor possuem. Kitto (1990: 288), considera o desporto como espaço de excelência e, portanto, de “estimular e revelar a *aretê* humana, o que constituía valiosa oferta ao deus”.

Prazer e Alegria

Não é pouco comum às pessoas que falam do desporto, imaginarem que, na configuração do discurso de um atleta, haja preocupações relacionadas às suas obrigações profissionais, suas recompensas, sua especialização e outras referências que indiquem relações com o sistema de produção. Entretanto, ao contrário, o que podemos notar, mesmo tratando-se de um atleta de futebol profissional como o Deco, possuidor de uma carreira desportiva brilhante (sempre esteve no alto da excelência da prática do futebol, um jogador de altíssimo nível, várias vezes considerado como um dos melhores atletas do mundo nesta modalidade e campeão inúmeras vezes), é que nas suas considerações ao longo da entrevista, a marca principal é a satisfação no que faz.. Ouçamos o desportista: “*É o prazer de fazer e alegria...Gosto muito de treinar, então...se tem um treino, procuro dar o máximo, porque eu sei que isso é...treinado*

bem, eu sei que vou estar bem no jogo”, ou, como em outro momento: *“Eu acho que a qualidade, junto com a entrega...e a entrega, o prazer e alegria. Porque aí vai fazer com que a entrega seja maior...Acho que é a chave para o sucesso”*, ou ainda: *“Então esse prazer, essa vontade ainda de lutar é o que assim me motiva sempre”*. Observemos mais: *“quando você tem prazer naquilo que está fazendo é...você é capaz de tudo”* para mais adiante enfatizar: *“Você é capaz de treinar bem, você é capaz de se dedicar, você é capaz de abdicar de outras coisas em função disso...”*, mas não podemos deixar de citar: *“o prazer e a alegria, acho que é o que simboliza...o resto tudo vem atrás...”* e finalizar com uma luminosa e instigante afirmação: *“Eu, na realidade, o futebol me encanta e...eu tenho prazer ainda no que faço”*. Outro desportista com a carreira tão brilhante quanto a do Deco é o Washington (acrescente-se aqui o fato de esse atleta ter o título de maior goleador, de todos os tempos, do campeonato brasileiro) e, ao colhermos sua impressão sobre esse tema, ele disse: *“ (...) ano passado, foi quando eu...fui o maior artilheiro da história do campeonato brasileiro. Então, eu jogava com alegria, eu entrava em campo sorridente, com alegria e transmitia essa alegria para os meus companheiros e...assim, sucessivamente...meus companheiros também transmitiam alegria pra mim...”*. Precisamos admitir que a alegria, o prazer assim como o próprio amor naquilo que se faz são contagiantes. É óbvio que analisamos e configuramos esse prazer e essa alegria como estados da alma, os quais levam, e elevam, os indivíduos à prática das melhores ações (rendimento) e das melhores palavras (são aquelas que possuem correspondência com a prática) ou, como preferia Aristóteles (Ética a Nicômaco 1099a 7-9), *“A vida de atividade conforme à virtude é aprazível por si mesma, pois o prazer é um estado da alma, e para cada homem é agradável aquilo que ele ama”*. Além disso, fica clara a noção hierárquica dos valores desportivos, pois um dos atletas diz claramente que depois do prazer e da alegria o resto, isso mesmo, o resto vem atrás... Notemos também que foi mencionado o encantamento e a magia do desporto como um modo de transmitir e realçar o prazer e alegria no desporto de alta competitividade. Esses são os principais ingredientes que nos ajudam a promover os melhores feitos, a melhor aprendizagem, a melhor felicidade e a transcendência da alma. Perseguindo a origem dessa transcendência, encontramos as palavras de Cousineau (2004: 180): *“Em sua longa viagem pela história até chegar a nós, a palavra aretê foi traduzida por estudiosos latinos como excellere, que passou a significar o esforço de superar a si mesmo. Excellere também é a fonte da palavra inglesa exhilaration (alegria, divertimento, animação), um termo que está relacionado a hilário,*

que significa alegre, contente, animado”. Há, aqui, um encontro cristalino entre a alegria, o prazer, o divertimento e a animação, portanto, daquilo que muitos chamam de lúdico, e a superação desportiva e o simbolismo mágico de transcendência. Supera-se assim, naturalmente e com um prazer indizível, os desafios desportivos, os desafios da vida e os desafios da eternidade ou, como vemos em Bento (1998: 2): “Recitaria versos extensos e generosos em estímulos, desafios, simbolismos, significados e ideais, convidando à superação, à transcendência e afirmação individual no quadro mais lato da exaltação da humanidade”, e conclui o seu raciocínio, lançando a semente do ideal de transcendência: “Para configurar o rascunho, o esboço e o projecto do homem atleta que mora dentro de nós”, que o Deco e o Washington puseram em relevo e que a nossa educação formal esqueceu. Educar, ensinar e formar não devem ser palavras de um dicionário pedagógico; elas só possuem o valor espiritual de que precisamos, quando estiverem entretecidas, na prática, por um sentimento de encantamento (Garcia e Lemos, 2005) para, através desse, desenvolvermos os princípios e os valores da excelência e da virtude (*aretê*) com vistas ao sucesso, ao êxito, ao bom e ao belo na educação, na vida profissional, na sociedade ou nas relações internacionais.

Fé

Em nossa opinião, a fé é o lado transcendental da confiança (discutida na subcategoria: valentia e coragem) e, no desporto, esta é importante e aquela, essencial. A fé é a confiança em algo bom que está sempre por acontecer e acontece, uma vez que mantém acesas as crenças mais fundamentais que permitem ao desportista desenvolver, aprimorar e executar os seus dotes e talentos, dirigindo-os à realização de seus sonhos e ideais (Chalita, 2003). Esse sentimento profundo da alma humana é o substrato da pedagogia do otimismo que – ao dar voz ao desporto – é a proposta de Bento (1998). Aqui, vamos dar a palavra ao Deco e ao seu testemunho na aplicação dessa pedagogia: “...é um fator muito importante é...e no fundo, a fé não se resume em só ter fé em Deus. É ter fé. Eu acho que quando um cara trabalha muito e ele tem fé naquilo que está fazendo, de certa forma é fé... Mesmo que ele não esteja trabalhando tão bem, mas só o fato de ele sentir e acreditar realmente que aquilo é a coisa certa e que vai ter resultado...já é uma forma de fé”. Interpretamos que, quando o Deco diz “É ter fé”, significa, neste contexto, ter fé na própria fé. De outro modo, “sentir e acreditar” para além de tudo é ter certeza de que só dessa maneira a fé pode operar o que dela se espera. Notamos que, para o atleta, a fé é algo muito especial e não condiz com uma reflexão

superficial, como podemos entender através das seguintes palavras: “...é um fator muito importante é...e, no fundo, a fé não se resume em só ter fé em Deus”. O Washington denota a fé vinculada a sua religião: “Eu tenho muita fé em Deus, sou católico...Ele já me provou muita coisa, já consegui muita coisa...perante Deus”. Determinando a necessidade da fé e caracterizando-a como inabalável em função das circunstâncias, Paulo Turra acha que “independente de fé em crenças, você tem que ter fé, em alguma coisa tem que ter fé, eu tenho muita fé, tem que ter essa fé realmente, nos bons e nos maus momentos” e conclui: “tenho muita fé em Deus, tenho muita fé em N.S. da Aparecida”. Perante esses pronunciamentos, podemos aceitar a colaboração de Costa (1991: 115) a respeito do homem desportivo moderno, o qual se apresenta como “imagem secularizada do *homo religiosus* das sociedades arcaicas”. De fato, no interior do desporto, encontramos os mais diferentes princípios, dogmas e valores religiosos (como a fé) como substância do seu funcionamento. O universo do Homem se expande e se contrai; desde o homem desportivo até Deus, a exteriorização da fé segue o mesmo trajeto, como a fé na sua recuperação de uma grave lesão (ou enfermidade), a fé de que vai conquistar a vitória (campeonato ou torneio), a fé em si mesmo, a fé no desenvolvimento das suas potencialidades através do treino e da competição, a fé na Divindade, a fé na fé... A intimidade dos atletas desportivos com a fé é, sempre foi, motivo de muitas (e quantas) histórias que retratam não uma fé meramente abstrata, mas uma fé que se concretiza diariamente no panorama desportivo como, por exemplo: Hermann Maier voltou a esquiar a nível de elite, depois de um grave acidente e de escutar uma sentença unânime dos médicos de que jamais voltaria a esquiar; talvez, – e ele se desse por satisfeito – voltasse a caminhar com a ajuda de muletas (Fernández, 2004). Essa fé invoca a vontade férrea de não aceitar a parada nas sombras, mas, ao contrário, impulsiona o desportista na senda de um infinito de luz onde encontra e expõe a sua *aretê*. E todos nós ficamos extasiados sem acreditar. Na formação e educação dos jovens, assim como a do ser humano em geral, há muito se perdeu a identidade com a fé, especialmente a fé em si mesmo. Lynch e Al Huang (1998) fazem-nos apreciar que, de fato, só conseguimos caminhar porque os pais, os tios, os avós e todos os que cercam os bebês os incentivam e os fazem acreditar (ter fé) que vão conseguir. Por que não atentamos para esse exemplo em todos os outros desafios da vida escolar, profissional, familiar, etc? A fé, como um meio religioso, pode levar-nos à realização de um ideal divino e, como meio não-religioso, ao sucesso nos diferentes setores da vida.

Ritual:

O desporto é uma atividade simbólica por excelência e, por isso mesmo, um espaço de revelação dos mais variados rituais. O campo de jogo, a bola, os árbitros, os espectadores, os atletas, o dinamismo, a energia, o espaço, o tempo, o insondável, o prático e o objetivo são alguns dos componentes que patrocinam o desporto, especialmente o futebol, como um fenômeno simbólico e ritualístico, conforme a interpretação de Costa (1991: 110), “No desporto, os principais símbolos de natureza cosmológica são a bola, imagem do sol, do cosmos e da terra, o terreno de jogo, imagem do mundo e representação do espaço *cosmisado* da existência humana”. Nos espetáculos desportivos são introduzidos rituais que apontam para essas dimensões de significados e de outros, como o que é reproduzido pelo Washington: *“Eu uso ritual, sim... e eu costumo fazer sempre as mesmas coisas, durante os jogos, durante as partidas. Eu costumo sempre... me concentrar bastante, acho que isso é importantíssimo...Se você está bem preparado, você se concentra bem...e você tem maior facilidade para desempenhar o seu trabalho”*. Realizar sempre as mesmas coisas e observar a concentração fazem parte da rotina e do comportamento nos rituais dos templos religiosos; o estádio de futebol é um templo de referência cósmica e universal e o ritual é uma forma de captar e concentrar energias. Por outro lado, se perguntarmos ao atleta por que ele realiza esses rituais, a resposta é rápida como uma conclusão à baliza: *“Porque esse é o segredo do sucesso...”*. O Paulo Turra ao realizar o seu ritual convoca a oração (tratada por nós como uma outra sub-categoria) salientando que *“Antes dos jogos eu rezo... Estou no quarto pra ir para o estádio, rezo. Chego no estádio, antes de aquecer, rezo. Volto do aquecimento, antes de entrar em campo, rezo. No intervalo, rezo. No final, rezo, agradecendo...”*. Se fizermos a mesma pergunta para o Washington, a resposta é a seguinte: *“Sempre fiz, sempre fiz isso, é uma maneira que eu tenho de entrar em campo tranquilo... Se eu não fizer isso...eu não me sinto bem. Eu não encaro isso como superstição...Encaro ..., sim, que eu sempre fiz isso na minha vida”*. O desporto e a vida são vias que dão acesso e expressão a nossa intimidade. Visto desse modo, podemos entender que os rituais são, sobretudo, a expressão da configuração interna do homem, uma vez que podemos ver todo o espaço cosmológico como representação da dimensão interna do homem. Os rituais, portanto, pertencem à natureza ontológica, denotam a essência do Ser. Ao longo dos tempos, muitas vezes, nos deparamos com certos tipo de rituais bárbaros que nos causam arrepios, como na época da Grécia Antiga (assim como em outras culturas), em que eram sacrificados

animais e seres humanos em oferenda aos deuses. Que categoria de deuses ficaria satisfeita com esse tipo de sacrifício? Outrossim, encontramos e ressaltamos que os jogos desportivos, desde a sua origem, possuíam um corolário de rituais. Nesse período (como hoje), dada a enorme identificação entre os rituais e os desportos, não há como saber quando terminavam os rituais e quando iniciavam os jogos. Píndaro, lembrado por Silva (2000: 62) declamava: “Mãe dos jogos, onde se ganham as coroas tão preciosas quanto o ouro, Olímpia! Senhora da verdade, onde os adivinhos, (...), questionam Zeus (...) para saber se ele favorece os homens, cuja alma arde de desejo de obter uma vitória distinta e a recompensa dos seus labores”. Essa poesia demonstra a atmosfera ritualística existente daquela época e, ao mesmo tempo, era uma oração que invocava e ressaltava a *aretê* dos atletas. Esse duplo significado conseguiu atravessar os tempos e chegar até nós, conforme o registro dos nossos entrevistados.

Sorte

Na origem dos jogos desportivos, os seus primeiros competidores eram os deuses. Pausânias (V. 7. 10) contou que Zeus lutou com Crono pelo poder e que, depois, organizou os jogos por motivo da sua vitória. E se contava que, entre os vencedores, se encontrava Apolo, que venceu Hermes, na corrida, e Ares, no pugilato. Sendo assim, desde que o desporto existe, os deuses dele participam, competindo, assistindo e decidindo; a “mão divina, na descrição homérica (...), está presente (...), porque deles desfrutam também, participam e sobretudo decidem...” (Silva, 2000: 59). Nessas circunstâncias, podemos considerar, através da simbologia dos deuses gregos, detentores da *aretê* (Pereira, 1988), que Zeus pode enviar a sua deusa da *Nikê* àqueles que, segundo os desígnios divinos, são considerados como merecedores da vitória.

Ao que parece, foi isso o que aconteceu com o Paulo Turra, como podemos verificar pela sua narrativa: “*A equipe era média mas a sorte teve do nosso lado, a competência esteve conosco e... a união do trabalho...tudo dava certo pra gente. Primeiro jogo das finais nós ganhamos de 3x0, nós tivemos duas bolas na trave e...E dava tudo certo, nós sentíamos que dava tudo certo, tudo certo! É nesse momento...existem outros, mas o marcante foi esse...*”. A equipe não era a melhor do campeonato, as bolas não conseguiam entrar na baliza da equipe do Paulo Turra e, segundo ele, “*dava tudo certo*”; os deuses gregos pareciam estar presentes e decidiram o resultado do jogo; quem pode se opor a vontade deles? Acontecimentos dessa natureza são muito comuns no futebol, e o Campeonato Europeu de 1992 nos reservou

uma especial oportunidade para se alargar o entendimento da relevância da actividade divina – vista como sorte – nos resultados desportivos. Nessa competição, conforme nos relata Costa (1997: 51), “os deuses do futebol tinham uma surpresa fantástica reservada para toda a Europa e para o mundo inteiro”. O que aconteceu? A Dinamarca foi campeã. Isso seria normal se, de acordo com Costa (1997: 51), essa equipe não estivesse praticamente “excluída da fase final (...), sem grande preparação, sem nenhum favoritismo e, mesmo, sem dar a impressão de levar o assunto muito a sério, sagra-se campeã da Europa”. As comparações e mesmo a identificação do fato como um fenómeno transcendental foram marcadas nas seguintes palavras: milagre, gloriosa incerteza do desporto, dádiva do céu e outras (Costa, 1997).

Finalmente, não podemos deixar de perceber que o Paulo Turra salienta que havia mais alguma coisa além da sorte: “*a competência esteve conosco e...a união do trabalho*” também. Não por outro motivo Silva (2000: 59) identificou que “a vitória é a obra cooperante da *arete* humana com o favor divino”.

A Divindade na Prática

Aquilo que mais notabilizava o ideal do antigo homem grego era a necessidade de agir como os deuses e, dessa maneira, expor a sua cristalina *aretê*. Vaz (2004: 28) confirma que: “A alma, segundo Sócrates, é a sede de uma *areté* que permite medir o homem segundo a dimensão interior na qual reside a verdadeira grandeza humana”. A ligação entre a *aretê* e o divino nunca passou despercebida pelos filósofos, poetas, escritores, guerreiros e atletas daquela época, como podemos ver em boa parte da literatura clássica. Independentemente do significado atribuído à *aretê* através dos tempos, podemos considerar que, no íntimo das definições da *aretê*, havia a marca do sagrado, como podemos constatar por exemplo: nos tempos das duas epopéias (Ilíada e Odisséia), a *aretê* era enviada aos guerreiros por Zeus; Pereira (1982: 147), ao considerar as palavras de Simónides, destaca que a “*Arete* habita em rochedos inacessíveis, na companhia de um coro sagrado de céleres ninfas”; Píndaro (através de Pereira 1982: 162), ao cantar as proezas dos grandes atletas, vinculava a *aretê* desses à divindade, sentenciando, “...Zeus, senhor do raio coruscante, sobre os seus desígnios para com os homens de espírito ansioso por atingir a supremacia (*arete*) ilustre, repouso dos seus trabalhos”. No Ménon, e mais especificamente no Fédon, é especulado se a *aretê* é um dom da alma; aliás, também na opinião de Jaeger (2003: 529), o pensamento de Sócrates sobre a *aretê* é de “um valor espiritual”. Kitto (1990: 288) refere-se à *aretê*

do corpo e do espírito na relação com a música e o desporto: “Mas, uma vez que a *aretê* é tanto do espírito como do corpo, não havia a mais leve incongruência ou afetação em juntar as competições musicais com as atléticas”. Sendo assim, não é de estranhar que os nossos atletas entrevistados tenham demonstrado alguma sensibilidade voltada ao espiritual, ao divino e à contemplação no decorrer da prática desportiva. Paulo Turra, por sua vez, informa: “*Eu tive um jogo espetacular, foi esse jogo mais marcante pra mim... Muito bem, não cansei, corri, corri, corri, pulei...aí você tem que está bem espiritualmente, fisicamente, tecnicamente, taticamente, tudo...*”. O jogo considerado espetacular e marcante é, na opinião do entrevistado, aquele em que corre tudo muito bem e para o qual o atleta deve estar preparado integralmente; mas notemos que, na sua preparação, a palavra que precede todas as outras é “*espiritualmente*”. Especialmente interessante é salientar a íntima relação, disponibilizada pelos atletas entrevistados: “...o divino te ajuda, as coisas te ajudam, as coisas fluem...a sempre melhorar...sempre você atingir o seu sucesso... com certeza, o divino te ajuda” (Washington) e, também, “...as coisas vão fluir” (Deco). Essa sensação de fluidez, experimentada pelos atletas, é considerada por Lenk (1989: 132): “A vivência do fluxo é rara, é experimentada como exceção, mesmo como uma atividade carregada de significação, religiosa, transcendental, que possui um conteúdo simbólico”. No entanto, Boff (2000b) admite que o homem almeja uma realidade diferente da qual se encontra e também se percebe como maior e mais valioso do que tudo que o cerca. E, dessa maneira, podemos considerar que os nossos entrevistados, ao falar sobre a sua experiência prática, vislumbram um contato com o espiritual, com o divino e a vivência do fluxo durante as suas prestações desportivas. Essa situação é descrita por outros desportistas de modo ainda mais pormenorizado. Ouçamos, então, o que tem para nos dizer o atleta de basquetebol, Danny Ferry dos Cavaliers de Cleveland (NBA), sobre um momento pelo qual passou e, segundo ele, não pôde mais esquecer: tudo começou num “estado de quietude e paz, em que estou completamente inconsciente do barulho dos espectadores; é uma zona mágica, onde tudo vai bem, uma absorção total no que estou fazendo, um estado fluido, sem necessidade alguma de controle e uma sensação de transe, quando tudo se move suavemente, naturalmente, como se tudo fosse perfeito” (Lynch e Al Huang, 1998: 73). No momento em que vemos o aparecimento do estado fluido vinculado à perfeição, podemos verificar o que dizem os nossos entrevistados sobre essa grandeza (perfeição). “*Atingir a perfeição é muito difícil acontecer...mas, chegando quase lá, quase perfeito, já tive sim*” (Washington). Deco, por sua vez, cita que já teve

não só mais de um jogo perfeito, mas uma temporada: “*A Liga dos Campeões pelo Porto foi perfeita. Principalmente a semi-final, quartas de final, semi-final até chegar a final foi perfeita*” (Deco). A necessidade de disciplina, esforço e dedicação, livremente escolhidos, demonstram nitidamente que estamos lidando com atividades que possuem as marcas de cariz espiritual e seus praticantes, normalmente, possuem a têmpera de um asceta. Ryan (1989) convida-nos a ver um lado diferente do asceta, quando diz que, normalmente, as pessoas associam ascetismo com jejum, penitência e reclusão, mas, na verdade, o ascetismo é modelar o próprio eu, transformar a sua vida em algo belo para Deus. Consegue-se esta glória sobretudo através do desejo espontâneo e na busca permanentemente apaixonada. Essas qualidades encontram-se firmemente enraizadas nas atitudes dos grandes atletas e na qual o Deco se incorpora: “...fazer coisas que até que...não que você não imagine, mas sai com uma naturalidade fora do normal”. Essa “*naturalidade fora do comum*” completa o ciclo do agir da divindade na prática desportiva. Essa exposição, feita pelos homens, torna-se especial, principalmente quando são associadas à manifestação do esforço, dedicação, persistência, paciência e superação – entre outras virtudes – mas assistidas pelo sagrado.

O desporto, como metáfora, é um microcosmo da vida, logo, ela própria pode tornar-se um grande jogo do fluir, que todos podem e devem jogar (Lenk, 1989). Ampliando a metáfora, podemos sugerir que o futebol é um desporto que o humano pratica e a vida é o desporto praticado pelo espírito. Com a finalidade de enaltecer os valores do movimento desportivo, pedimos atenção para o que diz Melo (1996: 533), acerca da natureza educativa e integral dos desportos: “...os gregos olhavam para o homem na sua totalidade e os Jogos Olímpicos destinavam-se a pôr à prova a sua excelência em honra a Zeus...” e completa: “...na prossecução do movimento pan-helénico da fraternidade e paz que melhor entendemos o conceito de *aretê*”. Atualizando esse tema, Bento (1992: 17) aduz: “O rendimento desportivo tem um carácter total: não é possível sem empenhamento pessoal, sem emprego da energia individual, sem impulso volitivo-motor, sem espontaneidade e presença de espírito, sem uma inteligência e uma vontade aplicadas e correspondentes às situações”. É nesta exata configuração de sentidos que repousa a plenitude da essência da *aretê* humana, cuja prática apaixonada e apaixonante pode levar-nos à comunhão com a nossa dimensão interior. Afinal, em nossa opinião, se a *aretê* é virtude (todo o virtuoso executa bem a sua função), se a *aretê* é excelência, ou seja, aquilo que não pode ser melhor (excelcitude), então é perfeição, e perfeito em plenitude é Deus. Sendo assim, não

podemos deixar de conceber que a *aretê* é Deus (Jaeger, 2003). Neste caso, a beleza cultural e pedagógica dos desportos é encontrada na sua natureza divina, onde aquele que prescinde de fazer o melhor, perde; e aquele que busca a excelência, encontra a divindade na sua prática e, assim, torna-se um vencedor mesmo antes de a competição começar.

Devoção

A devoção ao que parece é o amor dispensado ao objeto da devoção e que nos identifica intimamente com ele. A devoção pode manifestar-se de diversas maneiras; dentre elas, temos aquela apresentada pelo Washington: *“Eu sempre tenho uma medalhinha de N.S. das Graças...Rainha da Paz. Eu sempre uso essa medalha para jogar...”*. Já a maneira do Deco demonstrar a sua devoção é através da oração: *“...sempre antes do jogo fazer uma oração...para pedir proteção as pessoas que estão no estádio, para que nada de mal aconteça, uma coisa assim. Nunca pra ganhar um jogo...”*. Esse modo de expressar a devoção também é acompanhado pelo Washington: *“...costumo rezar bastante. Então, eu costumo rezar bastante e entrar protegido...para que eu faça o meu trabalho honestamente...”*. E o Paulo Turra completa, comentando do seguinte modo: *“Eu peço pra mim e para os meus colegas, para termos sucesso, principalmente, pra nem eu nem os meus colegas e os adversários não saíam machucados...”*. Podemos notar que é a oração o principal meio de se invocar os deuses e os santos assim como deles solicitar favores divinos. Curiosamente, os nossos atletas entrevistados não pedem benefícios que garantam a vitória desportiva; de certo modo até não os aceitariam, como na frase do Deco: *“Nunca pra ganhar um jogo...”*. Diversamente, encontramos as citações: *“... entrar protegido”*; *“... pra nem eu, nem os meus colegas e os adversários não saíam machucados...”* ou ainda: *“para pedir proteção as pessoas que estão no estádio, para que nada de mal aconteça”*. Apenas o Paulo Turra projeta a intenção de *“teremos sucesso”*. A proteção pedida, no momento de devoção, é, predominantemente, no sentido da solidariedade e com o cuidado pessoal com a equipe e com a coletividade. Há, sem dúvida, nesse culto à divindade, um momento – de afeto e de amor – em que o atleta se dispõe a orar por aqueles que participam do espetáculo desportivo (companheiros, adversários e torcedores). Daí a ligação entre os atletas e *“...a essência da piedade e o culto grego exprimem-se no fato de louvar a divindade. Ser piedoso quer dizer honrar a divindade. Honrar os Deuses e os homens pela sua arete é o próprio homem primitivo”* (Jaeger, 2003: 32).

Podemos falar também sobre o desporto como objeto de devoção (já o fizemos em pormenor, quando tratamos da subcategoria prazer e alegria); afinal, somente pelo amor absoluto – Eros do banquete de Platão – é que nos doamos e nos sacrificamos, deixando de lado muitos prazeres ordinários em benefício do desporto: “*Eles se doavam não só o corpo, mas se doavam mentalmente e com o coração, isso foi o mais importante deles*” (Washington). Esse mesmo desportista acrescenta que “*se você colocar a força de vontade, a alma e o coração juntos...com certeza, esse é o caminho do sucesso*”. O sucesso é a recompensa para tamanha devoção. O sucesso no desporto é, pelas suas peculiaridades, como se referia Ryan (1989: 117), uma contribuição “para o nosso progresso espiritual”.

2.2- Atletas das categorias de base

Aretê Individual:

Nobreza

Não sei se conseguiremos traduzir bem qual o verdadeiro sentimento que arrebatava a maioria das pessoas no momento em que ouvem, falam, lidam ou discutem assuntos relacionados com o que chamamos de nobreza. Parece certo que, atualmente, quando se fala a respeito de nobreza – basta a pronúncia da palavra para que a maioria das pessoas, com exceção evidente dos próprios nobres, se coloque em posição defensiva – imediatamente a atmosfera relacional, se era de confiança e de relaxamento, passa a dúvida e a tensão. Por outro lado, principalmente nos países que possuem o regime monarquista, a maioria da população parece sentir-se à vontade como súditos da realeza.

Incertezas à parte, o fato é que na Antiga Grécia – e em outros períodos da história também – a nobreza tanto era reconhecida, como mantinha uma atitude diferente daquela que verificamos em tempos atuais. Tanto é assim que Jaeger (2003: 26) foi absolutamente claro: “A *arete* é o atributo próprio de nobreza”. O nobre era aquele que possuía uma elevada estima e segurança pessoal. Ele aspirava à honra e, por isso, defender a sua terra e a sua gente era mais do que uma moral do tipo burguesa, era um sentimento de grandeza no estilo total da vida. “A força educadora da nobreza reside no fato de despertar o sentimento do dever em face do ideal, que deste modo o indivíduo tem sempre diante dos olhos” (Jaeger, 2003: 28). O homem de têmpera de aço sempre é o nobre; o combate e a vitória eram partes integrantes de suas vidas, pois

ambos representavam a realização prática da virtude humana. A dedicação e empenho em tudo com que se comprometiam realizar eram marcas registradas da nobreza daquela época, diferentemente dos dias de hoje. Diante do exposto, podemos então ter a oportunidade de confrontar algumas das apreciações dos jovens atletas de hoje com a herança cultural e educativa dos ideais da nobreza daquela época. Inicialmente, encontramos um forte sentimento de nobreza quando: “*Temos que ser superiores a isso...*” (**GJ3**); “*...senti-me orgulhoso de mim próprio...*” (**OJ4**); “*...porque seguimos aquilo que somos capazes e sabemos que temos que fazer ainda melhor*” (**CD3**) e “*...pra poder evoluir cada vez mais*” (**FH2**). Cousineau (2004: 157) verifica que “os verdadeiros campeões são aqueles que seguem seus sonhos com dignidade e orgulho”. Hoje, como ontem, os vencedores são a nobreza dos grandes atletas e guerreiros, quer estejam na escola, no clube, na família, nas competições, etc. Outros nos trazem a seguinte visão: “*Acho que um líder é sempre aquela pessoa em que uma pessoa se agarra mais, se junta mais, porque sabe que ele consegue juntar o grupo, consegue juntar as pessoas em volta de um objetivo*” (**FP4**); “*É um atleta que transmite a força a uma equipa...Nós olhamos pra ele e vemos que ele quer ganhar...Ele ajuda os outros a ter esse espírito*” (**TB1**) ou, “*É o que eu tento fazer com todos os meus colegas da minha equipa é isso assim. Tentar fazer com que eles sejam melhores do que são. Ter vontade, ter força, ser honesto*” (**LO2**). A assunção de responsabilidades coletivas e individuais é, na maioria das vezes, o grande desafio de uma pessoa. O desporto oferece oportunidade do exercício dessa atitude, pois os nossos entrevistados demonstram consideração, aceitação e reconhecimento para com os atletas que assumem a função de “*um líder*”, ou de “*transmitir a força*” ou, quando ele próprio traz para si a tarefa de liderança e orientação “*É o que eu tento fazer com todos os meus colegas*”. Nesta exposição, pode-se encontrar as marcas de uma profunda nobreza, uma vez que, no antigo código de nobreza, constava que os homens deveriam nortear as suas condutas de modo superior e digno na vida privada, na guerra e no desporto (Jaeger, 2003).

Outra reflexão que nos impomos fazer através deste texto, refere-se às próximas narrativas dos nossos jovens atletas: “*Sinto vontade de ganhar, principalmente. De jogar e de fazer um bom jogo*” (**PJ3**); “*É sempre bom nós sentirmos...quanto mais formos melhores, melhor nos sentimos*” (**PO1**) e “*...tenho que fazer bem e que tenho que sempre fazer aquilo melhor do que eu sei, tentar fazer muito melhor e ajudar a equipa a conseguir aquilo que quer*” (**VT2**). Pelo que foi dito, podemos compreender a afirmação de Ferreira (2000: 45) quando salientou que “os Gregos gostavam de

participar em competições e jogos desportivos que reunissem a fina-flor dos atletas”. Quanto maior for a provocação desportiva, maior é a oportunidade de os nossos atletas mostrarem a sua nobreza. Aqueles que dizem “*Sinto vontade de ganhar*”, “*quanto mais formos melhores, melhor nos sentimos*” e “*fazer muito melhor e ajudar a equipa*”, na verdade, dizem sim ao cultivo da mais bela flor do jardim desportivo.

Cabe ainda ressaltar que os nobres da época de Homero se distinguiam, principalmente, por dois motivos: uma educação técnica, onde a criança e o jovem eram preparados progressivamente no manejo das armas, nas destrezas desportivas e nos jogos cavaleirescos, nas artes, etc. E uma ética, algo mais do que uma simples moral de preceitos: era um ideal de existência e um tipo de homem a ser realizado (como a formação de um tipo bravo e refinado de cavaleiro) (Marrou, 1969). Achamos, ainda, convidativo apreciar o que nos foi narrado por outros atletas: “*É melhorar cada vez mais em termos futebolísticos e pessoais...ser cada vez melhor pessoa e ser cada vez melhor jogador*” (ON1). Acreditamos que aqueles ideais educativos indicados por Marrou (1969), referentes aos antigos gregos, permanecem vivos entre nós, ainda mais se ouvíssemos: “*Eu acho que ele sempre tem que levar as coisas a sério...Se quer mesmo chegar ao cimo, (...) e tentar melhorar sempre mais e...há sempre aquele espaço pra brincar, mas...tem que levar as coisas a sério e tentar chegar o mais alto possível*” (GJ3). Essa forma de discurso é a encarnação viva dos mais altos ideais da formação humana: levar a sério significa responsabilidade e doação, tentar melhorar sempre mais é um conselho ético, o objetivo é o cimo, ou seja, a busca da excelência (*aretê*). E, finalmente, o que emerge desse processo é a eterna alma infantil, porque não haveria nenhuma nobreza, em tempo algum, se não houvesse espaço para a excelência do brincar; talvez, por isso, os nobres gregos gostavam tanto dos jogos desportivos...Não será na dialética do sério e do brincar, do útil e do agradável e dos desafios e conquistas que podemos encontrar o verdadeiro sentido da vida humana? E a sua mais nobre formação?

Vigor e Saúde

Ao que parece, desde a antiga Hélade, nenhuma cultura teve tamanha sensibilidade em relação à estética, à harmonia, à beleza e à forma do que o povo grego. A alegria e satisfação na contemplação do universo foram sendo transmitidas pela cultura aos diferentes povos, ao longo dos séculos, até chegar aos nossos dias. Cultuava-se a beleza nas artes, na literatura, na arquitetura e no respeito ao corpo. Neste cenário,

Platão idealizou que o homem é um microcosmo e que a saúde do corpo é um bem considerado por todo homem sensato. Por esse prisma, não poderíamos deixar de encontrar uma designação da *aretê* para o corpo: vigor e saúde. Também podemos ver a altura, a força (Ménon, 72d), a habilidade física entre outras espécies de *aretai* do corpo (Jaeger, 2003). Na A República de Platão, (352e) fala-se a *aretê* do olho, do ouvido e etc., cada órgão tinha que executar bem – com perfeição – a sua função (A República, 353b) e cada ação guerreira, desportiva ou artística, realizada com perfeição, era o testemunho da própria *aretê*. Talvez, na atualidade, não haja tema com maior interesse por parte da maioria da população; todos querem ser altos, fortes, bonitos e saudáveis. Do ponto de vista dos valores humanos, também é saudável essa manifestação, especialmente quando eles estão pautados na busca da excelência do corpo, uma vez que essa excelência reflete os anseios internos da beleza essencial, conforme nos ensinam Garcia e Kátia (2005): “belo, beleza e estética, quando percebidas através desta visão humanista, não mais poderão ser consideradas como elementos simbólicos da futilidade ou da frivolidade dos nossos tempos...” E essa manifestação da *aretê* encontra-se entre nós, como podemos notar: “*Por outro lado sou grande...que é bom, nos dias de hoje é bom ser grande, sou...digamos que sou forte...*” (TB1). “*Pra ter um bom porte físico...*” (VT2). “*Desenvolve-se o corpo...cresce melhor fisicamente...*” (GJ4). Com ênfase na estética, encontramos: “*...acho que gosto de me sentir bem e gosto que as outras pessoas sintam bem ao estar ao meu lado. Gosto de ter boa aparência*” (OH1). No Górgias (452b), Sócrates, depois de dizer que aos médicos compete a promoção da saúde, indica que a arte do professor de ginástica era a de “tornar belos e fortes os corpos dos homens”, ou seja, para além da saúde no corpo existe a possibilidade de se buscarem outras excelências.

Todas as *aretai* do corpo não são possíveis de revelação mas, ao contrário, podem até mesmo ser reduzidas ou retiradas, quando não se observam algumas normas e cuidados: “*Isso não é o meu caso, mas temos que ter cuidado com drogas e fumar...isso não pode ser pra jogar, pra praticar desporto...Eu tento ser muito cuidadoso com o meu corpo...*” (TB1); “*Por exemplo, não beber álcool, não deitar tarde...ter uma vida condizente com o futebol*” (FP4); “*Imenso. Tenho que ter cuidado: alimentar-me bem, fazer desporto que também faz falta para o organismo...e não meter em vícios e muitas coisas*” (FH2); “*Tenho a preocupação de comer bem, fazer exercícios...tenho, não sair pra noite, antes dos jogos (...) Não beber álcool, não fumar,*

essas coisas que podem fazer mal ao corpo, tentar que ele seja o mais saudável possível” (PO1).

Aristóteles, em sua *Ética a Nicômaco* (1101b, 15), declara: “louvamos o homem forte, o bom corredor, e assim por diante, por possuírem determinadas qualidades e se relacionarem de certo modo com algo bom ou importante”. Essas sábias palavras parecem, mais que uma observação, um conselho para os jovens atletas desportivos, que estão no início de suas carreiras, e, de alguma maneira, fazem parte do vocabulário dos nossos entrevistados, senão vejamos: “*Treino todos os dias, tenho uma vida regrada, em termos de alimentação não abuso. Se vou comer certas coisas que me fazem mal, não como...Pra poder me manter bem*” (GL2); “*...correr, abdominais...tudo que ele pede...também fico em forma e me sinto bem...*” (LD3); “*Responsabilidade...Tratá-lo bem, beber pouco bebida gaseificada, outras porcarias que fazem mal à saúde*” (LO2); “*Tento sempre cuidar bem dele, porque...é ele que eu preciso pra jogar, pra minha vida desportiva, por isso tenho que ter os maiores cuidados. Principalmente a minha alimentação, higiene...nos treinos, condição física, tudo*” (CD3); “*Uma boa alimentação; temos que tratar bem o nosso corpo...Para o desporto é essencial estarmos bem fisicamente...*” (SR4); “*Temos que ter uma alimentação equilibrada, não exagerar nos doces*” (OJ4); “*Eu alimento-me bem...Faço bastante exercício físico...Evito aquelas comidas mais...Eu tenho uma boa alimentação. É melhor pra mim, pra minha saúde e ajuda-me mais aqui no futebol*” (GJ3), ou ainda, como indicava o filósofo Sócrates, no início do nosso texto, a respeito da competência dos médicos: “*É das coisas mais importantes, no futebol, é o corpo...tem que estar sempre em boa forma para jogarmos bem; (...) alimentar-me sempre bem cuidar da mente e se tiver algum problema dizer ao posto médico*” (PJ3); “*Sou muito cuidadoso com o meu corpo, acho que é fundamental. Praticando exercício físico, tendo uma boa higiene, dormindo o tempo suficiente.... Hidratação também. Isso tudo pra que eu me sinta bem com meu corpo...*” (ON1).

Como foi visto, parece que os nossos entrevistados possuem um ótimo arsenal de cuidados e regras que visam a cuidar bem do corpo, tanto que poderíamos construir um pequeno manual de enriquecimento corporal, baseado nas indicações dos nossos entrevistados. Para a construção de um corpo *forte*, com *bom porte*, de *boa aparência* e *saudável*, devemos fazer o seguinte: não usar *drogas* e nem *fumar*, também *não beber álcool*, *não deitar tarde*, *alimentar-me bem*, *fazer desporto*, *não meter em* (quaisquer outros) *vícios*, *preocupação de comer bem*, *fazer* (mais) *exercícios*, (moderação) *não*

sair pra noite (especialmente) antes dos jogos, uma vida regrada em termos de alimentação, Responsabilidade, beber pouco bebida gaseificada, outras porcarias que fazem mal à saúde, higiene, alimentação equilibrada, não exagerar nos doces, cuidar da mente, dormindo o tempo suficiente, Hidratação. Para que serve esse manual? *Isso tudo pra que eu me sinta bem com meu corpo...* Não temos dúvidas que, se alguém seguir esse manual, encontrará a saúde e o vigor físico (as *aretai* dos corpo), além de, como é óbvio, desfrutar do bem-estar e da satisfação no relacionamento com o seu microcosmo. Salientamos que Platão, por intermédio de Sócrates (A República, 403c-406b), ao discorrer sobre a educação pela ginástica, destaca algumas palavras que estão de acordo com o manual servido pelos nossos entrevistados, tais como: “abster-se de embriaguez”, “dieta mais apurada”, “líquidos”, “exercício”, “abster-se de tudo isso”, (cuidado com) “as jovens de Corinto”, “gozo da doçaria ática”, “vícios”, (necessidade) de “médicos”. Parece que filósofos e desportistas seguem critérios parecidos, quando se trata da busca e manutenção da *aretê* do corpo!

Como o valor estético ocupa uma posição importante na escala de valores e foi lembrado por alguns dos nossos entrevistados, não podemos deixar de fazer uma referência a ele. Façamos isso, chamando, mais uma vez, a interveniência de Aristóteles (1099a, 5) e a sua célebre advertência: “...nos Jogos Olímpicos não são os homens mais belos e os mais fortes que conquistam a coroa, mas os que competem (pois é no meio destes que surgirão os vencedores) ...”. Portanto, nunca devemos perder a oportunidade de realçar o ideal de formação humana (*paidéia*) e, na matéria aqui tratada, não deixa de ser particularmente especial; no desporto aprende-se, desde sempre, que, para fazer sua a Beleza, é necessário agir, e agir bem e da melhor maneira possível. A busca da excelência deve fazer parte de um ideal de vida expressado em cada palavra, em cada ação, em cada sentimento, em cada pensamento e, assim, em cada rosto resplandecerá a estética da alma.

Honra/Mérito

Uma das facetas mais interessantes da cultura grega – que se propagou para outras culturas, como a romana e nas demais partes da Europa, especialmente na Idade Média, com ideais cavaleirescos – era o esforço dos indivíduos em buscar, entre os seus pares, o reconhecimento público e social. Até mesmo entre os deuses (como podemos ver na Teogonia de Hesíodo), a luta, a batalha e a vitória sobre os adversários, além do agir sensata e sabiamente, eram motivo de grande honra. Aquilo que, mais

tarde, o cristianismo considerou como vaidade, para os homens gregos era a aceitação do seu valor e para isso estavam dispostos a realizar os melhores atos, dirigir as melhores palavras, escrever os melhores poemas, esculpir as melhores peças artísticas e, no caso do desporto, competir do modo mais exuberante possível. Aristóteles (Ética à Nicômaco 1095b, 26) acentua que é sabido que os homens buscam “à honra para assegurar o seu valor próprio (...), a sua virtude. Deste modo, aspiram a ser honrados pelas pessoas sensatas que os conhecem, e por causa do seu próprio e real valor”. Píndaro, compositor das famosas odes aos vitoriosos dos jogos desportivos da antiguidade, chamado por Ferreira (2000: 45), descreve na Olímpica II:

“Têm os homens por vezes de ventos a maior necessidade;
têm-na também das aguas dos céus,
pluviosas filhas da nuvem.
Mas se alguém com esforço alcança vitória, melodiosos hinos,
prelúdio de futuros elogios, nascem e são promessa fiel de grandes façanhas”.

Esses versos atravessaram o oceano do tempo até os nossos dias, e a atualização das palavras de Píndaro são uma realidade, como podemos notar através do desejo dos nossos atletas de formação: “*Gostaria de ser uma grande glória...; tipo Eusébio. Aquelas lembranças que lhe dão quando ele faz anos ... É a maior glória... Ajudou o clube no tempo que esteve ativo; ajudou o clube da melhor maneira possível...foi o melhor jogador de sempre do clube*” (LF4); “*Gostava que toda a gente se lembrasse de mim, ter um quadro meu em casa e toda a gente nunca se esquecia*” (OJ4); “*Como se fosse um ídolo para as outras pessoas...um bom jogador e como boa pessoa*” (GJ4); “*Gostava de ser lembrado como um bom jogador, exemplar e acima de tudo gostava de sair em alta*” (CD3); “*...ficar na memória das pessoas pelo sucesso que tive e pelas coisas que fiz de positivo*” (FP4); “*Tipo o Beckembauer foi um grande jogador, gostava de ser como ele. O Eusébio que toda a gente conhece, ou mesmo o Figo...ser como eles, respeitado e isso...é para orgulhar o nosso clube e a nossa família*” (OG1).

Há aqueles que vêm a sua recompensa a partir do amor e da dedicação ao clube desportivo: “*Gostaria de ser lembrado como aquele...aquela pessoa que sempre jogou pelo Braga com amor ao clube e que fez tudo pelo Braga*” (VT2); “*Gostaria de ser lembrado pelas coisas boas que eu fiz, contribui...os momentos bons que eu contribui para o clube...*” (PO1) e, assim, os seus “feitos atléticos, traz honra e glória à família e a pólis” (Ferreira, 2000: 50). Outros entendem que a vida desportiva encontra-se pontilhada de obstáculos e riscos e, com isso, pretendem conquistar honra a partir de

outras qualidades, além das desportivas: “*Gostaria de ser lembrado basicamente como uma pessoa honesta, trabalhadora... É claro que não vou dizer que gostaria de ser lembrado como um grande jogador...Eu gostava de ser lembrado como uma boa pessoa...*” (TB1); “*...sempre como uma pessoa que nunca teve problemas, que andou aqui sempre tranquilo e como amigo*” (GL2); “*Gostava de ter uma carreira digna de...sem ter alguns percalços*” (ON1); “*Como boa pessoa, um amigo e ter um bom relacionamento com as pessoas mais próximas...e ter uma boa imagem em todo o mundo*” (FH2). Essas declarações indicam uma expectativa no poder humano de gerir seus ideais e objetivos que dá o sal à vida e a perpetua para além das sombras; essa é uma filosofia de vida humana que enobrece o homem e que o cenário desportivo se tornou um palco privilegiado (Silva, 2000). Verificamos também que alguns entrevistados vinculam o seu mérito às realizações no âmbito desportivo: “*...acho gostava de ser lembrado por ter sido um bom jogador...*” (OH1); “*Gostaria de ser lembrado por ter sempre dado o seu melhor, que nunca desistiu...*” (PJ3). E, de acordo com essas opiniões, Silva (2000: 60) nos oferece um trecho do poema de Homero (Odisséia): “Porque não há para um homem, ao longo da vida, glória maior do que arrebatá-la com os pés e com os braços”. Talvez por uma questão de proteção (os meios de comunicação, em geral, promovem uma adulação permanente aos atletas), alguns encontram no caminho da simplicidade a forma mais pedagógica de não se esquecerem da sua origem, ou da sua intenção de permanecer humilde: “*A ser lembrado como um grande jogador, claro, como todos querem. Gostava de ser lembrado como uma pessoa humilde, uma pessoa humilde...e que acima de tudo, encarar o futebol como um modo de vida um...uma forma de estar na vida até*” (GV3); “*Como um bom jogador e humilde...que dava tudo pelo clube mas acima de tudo humilde*” (LD3); “*Não ser só bom jogador, também...ter...personalidade, falar com toda a gente...*” (CH2). Os cuidados não são exagerados, porque, segundo Da Matta (1989: 66), o jogador que hoje está iniciando sua carreira “pode tornar-se uma estrela de um time de futebol e tornar-se uma super-pessoa e centro das atenções, uma personalidade notável que não pode ser substituída”. Essas orientações (dos entrevistados e do autor) fazem lembrar o princípio que acreditar em si e dar-se valor é saudável, mas perder a simplicidade e a modéstia (trataremos esse assunto mais adiante como uma subcategoria) podem levar-nos ao embriagamento das luzes e das adulações e, dessa maneira, corremos o risco de perder a nossa honra.

Existem aqueles que se identificam com as causas sociais. A sua honra e a sua glória iniciam no contexto desportivo e se estendem a outros setores da vida: *“Gostava de ser lembrado como um grande jogador. Como alguém que não se preocupava só como o futebol; preocupava-se com outras causas, como muitos jogadores fazem; campanhas contra a guerra, contra a ... A fama para ao mesmo tempo, estar a ajudar as pessoas” (SR4); “Como um bom jogador, um dos melhores jogadores da história do clube, ou da história de um país..., não ser o único a desfrutar da sua riqueza, não só pra ele mas para outras pessoas. Como um bom homem” (GJ3).* Aqui, entendemos nós, a honraria adquirida pelos atletas deve servir de inspiração e poder no sentido de reduzir – *como muitos jogadores fazem* – o sofrimento de outras pessoas. O verdadeiro “vencedor ultrapassa os limites estreitos da sua existência; porque a vitória desportiva mais não era do que o pretexto para êxitos superiores, onde se impunham as coroas, essas de ouro, do espírito” (Silva, 2000: 58). Essa narração refere-se às jóias dos ideais de vida dos antigos atletas desportivos dos tempos imemoriais da nossa história e que aqui foram relembradas, portanto, permanecem vivas junto aos nossos entrevistados; cada um a sua maneira, mas todos, de alguma forma, deram uma demonstração de fidelidade aos antigos e tradicionais valores dos desportos. É confrontando os desafios que o futebol – diariamente – apresenta, será possível mostrar o seu verdadeiro valor e angariar para si a tão sonhada honra. E, desta forma, o Sócrates-platônico (A República, 413e – 414a) reconheceu que “quem tiver sido sempre posto à prova, na infância, na juventude e na idade viril, e sair dela inalterável (...), devem prestar-se-lhe honrarias...”.

A modernidade incorre num erro de desatenção ao mérito e por isso, muitas vezes, limitam-se a dar valor a tudo e, às vezes, a nada; algumas vezes, os verdadeiramente valorosos (atos e pessoas) ficam diluídos na fuligem da mesmice. No desporto, as oportunidades, conforme nos alertou Da Matta (1989), são oferecidas aos que podem e querem mostrar o seu valor desportivo. Dadas as características sociais, democráticas e pedagógicas dos desportos, a grande maioria tem a oportunidade de mostrar o seu valor, a sua nobreza e a sua magnanimidade, e assim conquistar uma fama perdurável e a sua *aretê*; mola real de todos os seus atos (Kitto, 1990).

Determinação/Disciplina

Os princípios de determinação e de disciplina estão na raiz da construção de qualquer empreendimento. Sem eles, os desempenhos acadêmicos, desportivos, pessoais, sociais e políticos ficam seriamente comprometidos. Muitas obras e projetos orientados para o desenvolvimento do bem-estar e da felicidade das pessoas e dos povos, muitas vezes, não produzem os efeitos esperados, porque falta determinação para sua implantação e perseverança para a sua manutenção. No desporto, se não houver determinação e disciplina, não haverá desempenho, rendimento e superação e na ascense não haverá transcendência. Por isso, achamos estranho que nas estruturas responsáveis pela educação (escola, clube, universidade, família), a importância dada àqueles princípios e valores é, na maioria das vezes, puramente secundária.

Mesmo sem uma referência direta aos princípios e valores da *aretê* tradicional, tanto a determinação quanto a disciplina encontram-se intimamente ligadas a ações que comprovam a excelência pessoal.

Jaeger (2003) conta que na *Ilíada*, Glauco, ao enfrentar Diomedes no combate guerreiro, relaciona os seus antepassados e depois assinala que fora advertido para que lutasse sem cessar por alcançar o poder da mais alta virtude humana. Uma outra situação que demonstra a incrível determinação e perseverança cultural de um povo é encontrada na guerra do Peloponeso (Atenas e Esparta); ninguém leva 27 anos lutando sem estar, primeiramente, munido das armas da determinação, da disciplina e da perseverança. Esses princípios podem ser observados e pacificados no palco desportivo, pois o “esforço exigido pela excelência, a luta para superar uma desvantagem, a determinação de superar, é o que mais se admira” (Cousineau, 2004: 183). Nesse sentido, encontramos as seguintes afirmações: “...trabalho sempre o máximo em todos os treinos, todos os dias...não se pode facilitar...facilitando uma vez, depois a pessoa vai facilitando ainda mais...” (TB1); “...não pensar que já está tudo conquistado, tudo feito e cruzar os braços, estacionar o seu trabalho. Trabalhar todos os dias e tentar cada vez ser melhor” (GL2); “...treino com muita determinação e ao fim, até aos gastos...” (LF4); “...só conseguimos vencer se tivermos mesmo uma vontade de vencer” (ON1); “...temos valor se vamos para dentro do campo é pra nos esforçar ao máximo” (FH2); “Eu acho que nós nunca temos que perder a esperança temos que tentar sempre alcançar todos os objetivos, temos que lutar sempre, nunca podemos baixar os braços...” (GJ3); “...esforçar-se ao máximo nos treinos, faz aquele treino como se fosse um jogo e cada jogo como se fosse uma final, acho eu é assim que se deve...” (OH1); “Diria pra se esforçar no máximo, nos treinos e nos jogos, e...num

clube dar sempre o seu melhor” (PJ3); “O Braga tem é que ganhar...não pode perder tem sempre que ganhar, nosso objetivo é sempre ganhar” (CD3). Determinação e disciplina são virtudes acionadas no presente com vistas a um futuro melhor, é o que podemos notar através das expressões e das palavras como: não se pode facilitar, cruzar os braços, até aos gastos, vontade de vencer, temos valor, determinação, nunca temos que perder a esperança, cada jogo como se fosse uma final, dar sempre o seu melhor, objetivo é sempre ganhar. É no desporto que aprendemos a desenvolver “o esforço humano de procura e realização de sentidos” (Bento, 1998: 10), porque, na vida privada assim como na desportiva, as provações existem e, “Pra conseguir vencer, tanto os desafios pessoais como os desportivos, nós temos que ter muita força de vontade e pra ambas é preciso...” (LD3). Aos riscos da vida famosa a resposta deve ser dada, a partir de uma disciplina forte e uma determinação inabalável, para não sucumbir: “A fama tem que estar com os pés no chão, pensar que não há nada eterno...somos famosos hoje e temos que continuar a lutar...não podemos esperar que as coisas continuem assim a acontecer...Porque somos famosos e temos que continuar a provar isso...” (SR4). Nessas palavras encontramos a idéia de transitoriedade das pessoas, dos fatos e da própria vida e, mesmo diante do que nos parece efêmero, há que ser determinado e disciplinado.

O futebol, embora seja um desporto coletivo e, por isso, exige esforço, empenho e determinação coletivas, para um dos nossos atletas de formação o que traz mais sabor, tem a ver com a contribuição pessoal: “...as coisas boas que nós conseguimos, somos nós que temos de lutar por elas, até porque, se fosse pelas outras pessoas, não tinha tanta piada” (PO1).

Uma das maiores aprendizagens que pode ser desenvolvida através do desporto, através da prática da determinação, é considerar as dificuldades, os riscos e os desafios como oportunidade de comprovar o valor da firmeza e da disciplina: “Nas camadas jovens teve um momento mal, mas depois...com a determinação de que queria jogar futebol, conseguiu ser alguém no futebol...” (VT2). Toda habilidade, competência, técnica, sentimento, aprendizagens podem ser aperfeiçoadas pela adversidade e, neste caso, a determinação de querer jogar futebol superou um mau momento. A determinação e a disciplina, sendo a expressão da solidez de caráter, tornam-se necessários ao destaque e desenvolvimento na formação de todos os indivíduo e, ao mesmo tempo, indispensáveis à existência no sentido desportivo e pessoal, o que significa não vacilar ante os obstáculos, pois estes são a base da determinação de um

novo esforço, “para comenzar otra temporada de fe perfecta, donde la única certeza será el entrenamiento y el trabajo duro y la esperanza...” (Fernández, 2004: 40).

Sucesso

O sucesso é a pedra filosofal da humanidade. Desde a pessoa mais simples ao mais poderosos individuo, desde a menor empresa até a maior das corporações, desde o país menos desenvolvido até as grandes potências e desde o menor dos seres unicelulares até a cosmo, todos tentam concretizar sonhos de sucesso; nada é mais justo e digno do que o interesse e o esforço em alcançá-lo e, por outro lado, nada é mais avassalador do que a resistência e o pessimismo diante da caminhada na direção do sucesso. Por isso, Lynch e Al Huang (1998: 36) admitem que “aqueles que se identificam com o sucesso são bem acolhidos pelo sucesso; os que se identificam com o fracasso são, do mesmo modo, bem acolhidos pelo fracasso”.

Pode-se admitir que a vida feliz é uma vida permeada pelo sucesso. Entretanto, com vistas à formação humana, a questão é saber quais são os meios utilizados na conquista do mais simples ao mais complexo objetivo, quer seja ele pessoal, empresarial, político ou religioso. Quando se atinge o sucesso ou se conquista uma vitória, utilizando meios ilícitos, o resultado, apesar da aparente utilidade, é indigno e não traz e nem causa nenhum bem. Talvez seja por isso que a *aretê* não se encontre diretamente ligada ao sucesso, assim como, segundo Jaeger (2003) o êxito não traduz exatamente a palavra grega ἀρετή. A *aretê* tem a ver com o sucesso, a partir da dignidade das excelências pessoais e coletivas com vistas a um determinado fim. Neste princípio, Jaeger (2003: 257) nos oferece um bom exemplo, ao comentar sobre a visão de Píndaro a respeito da *aretê*: “A vitória é para ele a manifestação suprema da *areta* humana”, deixando, assim, registrado que o poeta pensa é no esforço de superação, exposto pelos atletas, durante as competições desportivas, com vistas à possibilidade de sucesso.

Podemos também dizer que existem várias medidas de sucesso: elas podem ser desde conseguir um trabalho, entrar numa universidade, assinar um contrato até a conquista de um campeonato mundial, ou de um Prêmio Nobel. Essas são as vitórias externas, às quais estamos mais acostumados a presenciar e as que são mais valorizadas socialmente; no entanto, existem aquelas vitórias referentes à dimensão interna, mais sutis e menos observáveis, como a superação do medo, da angústia, do ódio, etc. e, para

além desses, ainda somos capazes de transcender a nossa condição humana e material, deparando-nos com o que é divino em nós.

Essa visão plural de sucesso ficou constatada entre os nossos entrevistados, quando comentaram, por exemplo, “*O sucesso é bom mas, as vezes é um bocado exagerado*” (OJ4). Nesse caso, o sucesso, embora importante, é considerado a partir de uma análise de moderação. “*...se quiser ter sucesso, se quiser seguir...acho devem apoiar é...basta ajuda da família, ter fé, amigos, acho que isso tudo leva ao sucesso*” (OH1). Aqui, verificamos que a estrada que leva ao sucesso possui contornos, curvas e riscos, para os quais se necessita de apoio da família, dos amigos e da fé. “*...uma instituição que nos acolhem e...tenta nos dar as melhores condições possíveis e ajudar pra que a gente tenha sucesso*” (TB1). O apoio institucional é visto como essencial para se atingir o sucesso desportivo, principalmente pelo fato de o atleta pertencer às categorias de formação. “*Se nós temos uma dificuldade...um adversário, por exemplo, se eu conseguir passar por ele, eu acredito em mim e, ao ultrapassar isso, sinto-me confiante, penso que já não é impossível, e então, por muito bom que ele seja...e vou sempre tentando e já passa facilmente, já ajuda acreditar em mim*” (PO1). “*É o trabalho e a vontade de querer ter sucesso, de querer afirmar...*” (ON1). “*Se tiver valor...o valor dele começa a sobressair*” (LD3). “*Foi quando ganhamos assim...algum torneio e somos campeões de alguma coisa, campeões, campeões do nosso campeonato*” (GJ3). O realce das ações individuais e coletivas na edificação do sucesso passa, necessariamente, por diferentes desafios e, no caso desses jovens atletas, a dificuldade é que indica o caminho à confiança e ao sucesso. A estratégia pedagógica no desenvolvimento do êxito – desportivo, científico, artístico, etc. – é aquela em que há uma decisão de se concentrar no processo, não apenas no resultado, e recomeçar sempre (educação da vontade). Este deve ser o verdadeiro compromisso e, ao mesmo tempo, uma medida absoluta de sucesso: continuar em meio à adversidade (Lynch e Al Huang, 1998). Agindo excelentemente, o sucesso está garantido...

É do conhecimento de todos que para o atleta desportivo obter sucesso, especialmente no futebol, tem que contar com o seu todo o seu potencial e, ao mesmo tempo, aplicação no desenvolvimento e no aprimoramento da formação técnica. Neste prisma, encontramos: “*No seu dia-a-dia, nos treinos com a equipa, dar tudo nos treinos porque se não der tudo nos treinos, também não vai ajudá-lo para o fim-de-semana*” (CD3).

A idéia de excelência também pode ser vista da seguinte maneira: “*O sucesso é que uma pessoa começa nas camadas jovens e..... ida para um clube maior europeu ou português... todos sonham com isso...poucos que podem conseguir...*” (LF4). “*Atingir os melhores clubes...se até Portugal, representar a selecção, o seu país*” (CH2). Esses nossos entrevistados orientam a sua visão de sucesso por intermédio do crescimento e desenvolvimento na trajetória desportiva e, ao mesmo tempo, tecem comparações entre o mais simples e o mais complexo, entre o mais fácil e o mais difícil e entre o de menor e o de maior importância. Vendo desse modo, Patrício (2005: 1) assevera: “*A ideia de ser superior a implica a comparação de uma entidade com a outra. A comparação implica, ela própria, a excelência na pureza da sua ideia*”. Concluindo a análise sobre este tema, nos deparamos com um ideal, descrito pelos entrevistados, de recompensa (ligada ao sucesso desportivo) profundamente particular e pessoal: “*Eu acho que o sucesso pode trazer um bónus à felicidade*” (GV3). “*Acima de tudo o bem-estar comigo próprio, sentir-me realizado naquilo que faço e naquilo que mais gosto de fazer...*” (FP4). “*Acho que fazer bem porque se querem ter algum sucesso nesse desporto...devem se aplicar naquilo que gostam*” (VT2). Ao vincularem o sucesso à felicidade, bem-estar e satisfação, os nossos entrevistados ajudam na reflexão a respeito de um registro de Platão (Apologia de Sócrates, 30b) a respeito das palavras de seu mestre: “...não é das riquezas que nasce a virtude, mas que é da virtude que provêm as riquezas e todos os outros bens, tanto públicos como particulares”. Partindo desse princípio, podemos estabelecer alguma ligação entre o que foi dito pelos atletas jovens e o depoimento de Sócrates, considerando, então, que a felicidade não vem do sucesso, e sim o sucesso da felicidade, do bem-estar, da satisfação no que se faz; bem como “*todos os bens, tanto públicos como particulares*”. Afinal, não é só o modo como fazemos as coisas no desporto e, ou na vida privada que nos permite encontrar o êxito (sucesso), “*sino el porqué de nuestro actuar, lo que rubricará el éxito o el fracasso de nuestra existência*” (Fernández, 2004: 40). Quando no desporto se carrega demais nas tintas pela vitória – que não deixa de ser uma medida de sucesso –, devemos atentar para o que disse Da Matta (in Grael, 2001: 127): “*O esporte é importante para modernizar nossa visão de mundo porque socializa a gente na vitória e na derrota*”. Acrescentando algo a essa análise, Garcia (2006b) diz que ganhar é o objectivo e saber perder, sair derrotado, é condição básica para lutar pela vitória, portanto, é tão importante treinar o atleta para a vitória como para aceitar a derrota e, desse modo, estar sempre preparado para enfrentar

o êxito e o fracasso e saber que verdadeiramente o que importa é “triumfar no maior jogo que existe – o jogo da vida” (Lynch e Al Huang, 1998: 12).

Superação

No âmago do espírito das antigas narrativas gregas, vamos encontrar inúmeros testemunhos de vidas devotadas à superação. Essa atitude era a marca consagrada dos grandes guerreiros, os quais encontravam no terreno de batalha o cenário edificante da sua nobreza. Nesse mesmo ambiente, foi onde brotou o grande manancial da educação e da cultura de um povo digno, sábio, tenaz e espiritualizado. Por isso, Marrou (1969: 20) evidencia que os “heróis homéricos não são combatentes selvagens”, ou mesmo bárbaros; eles, para esse autor, já são cavalheiros. E esses cavalheiros distinguem-se dos demais, uma vez que a sua vida era, também, destinada ao polimento de atitudes, tais como: amabilidade, cortesia, delicadeza com as mulheres, entre outras, como podemos notar através do papel desempenhado por “Aquiles em seu papel de organizador e de árbitros dos jogos” (Marrou, 1969: 22).

Dessa maneira, consideramos que o valor axiológico da superação está para além da sua evidência física. “A corrida, o combate, a prova que coloca o homem contra o outro homem, a competir pela vitória, aquilo que chamamos de espírito agônico (...) é decerto mais do que a competição” (Urbano, 2000: 183). Se essa *aretê* agônica é mais do que a competição, o que pode ser mais? A mesma autora encarrega-se da resposta, enfatizando: “É uma luta do homem para superar a si mesmo, para superar os seus limites e a sua caducidade”. Não é por outro motivo que encontramos, ao longo da história da vida humana, grandes feitos realizados por homens e mulheres que tiveram a coragem e o interesse em explorar os seus limites e a sua caducidade. Talvez, vendo dessa maneira, Garcia (2004b) considerou a superação, ao lado do rendimento e do lúdico, como categorias antropológicas do desporto. Sem dúvida, para um profundo conhecimento do homem, é necessário considerar o significado antropológico e educativo da superação. Nessa perspectiva, Ibañez (1976: 34) nos disponibiliza um pensamento refinado e, ao mesmo tempo, provocador: “El hombre que no se super decae”. Ampliando o tema, o autor diagnostica que aqueles homens e mulheres, que não se levantam todos os dias para empreender a tarefa ética de aperfeiçoamento, de melhorar algo dentro de si, em seu entorno e nos demais seres que os rodeiam, desertam da sua condição humana. Superação, disciplina, coragem, excelência e perfeição são valores centrais do significado educativo da *aretê* e, na grande maioria das vezes, as

pessoas que incorporam esses atributos – em particular, a superação – em todos os setores da atividade humana, são bem sucedidas; *“Pois, uma pessoa transcende e...há aqueles atletas que chegam no limite...chegam um certo ponto...e dizem: ah! Eu não sou capaz...e há aqueles, os bons, que chegam e dizem...transcendem, dão sempre mais um bocado do que aquilo que pensam que têm, vão buscar forças onde ninguém pensa que existe e são os melhores” (GL2)*. Mais do que o sucesso de uma pessoa ou equipe, achamos aqui exposto o genuíno significado da formação humana. Ou, como a opinião de outro entrevistado que, mesmo acompanhado de uma certa sensatez, salienta: *“Temos que ter noção das nossas limitações e das nossas capacidades, mas...temos que tentar ultrapassar a nós mesmos, sempre...temos que ser exigentes conosco próprios e eu tento ser sempre...Apesar das nossas limitações, nós temos que querer sempre mais...fazer mais do que aquilo que se calhar pensamos que podemos. ... É pra isso que aqui estamos” (TB1)*. Ainda nesse rumo, encontramos também: *“Acho que se nós acreditarmos em nós...e se conseguirmos mostrar a nós próprios que conseguimos e chegamos mais longe...acho que superamos a nós próprios e isso dá-nos mais força” (LD3)*. Pela experiência da superação é que almejamos a ser maiores e, ao mesmo tempo, jogar para outro nível o limite a superar: *“É aquele que sabendo...que...consegue superar-se a si próprio, não é? Consegue ir além das suas capacidades” (PO1)*. Esse quadro de princípios, tais como o desafio, o estímulo e, até mesmo o valor da transcendência, conta-nos a verdadeira história pedagógica desenvolvida ao longo dos séculos, especialmente pelos gregos, romanos, cavaleiros, atletas desportivos e artistas. Mas, a superação não é apenas uma marca excepcional, ou um resultado, ou algo distante; é tudo isso também, mas a encontramos, especialmente, na simplicidade da abordagem de Bento (1998: 2), num *“fazer de todo o menos um mais em cada dia da nossa existência. A celebrar o humano, o belo, o estético e o ético”*. Esses são alguns dos principais motivos pelos os quais aprendemos como é bom superar: *“...porque o que mais gosto é de jogar futebol e tenho que superar tudo” (CD3)*. Parece que o futebol é um bom motivo para a prática da superação, pois os jovens atletas estão dispostos a *“Dar o tudo por tudo, dar o litro...” (LF4)* e de *“...estar sempre a ultrapassar isso” (CH2)*. São grandes os momentos, no desporto, em que colocamos em jogo todas as nossas sinergias na busca de uma conquista especial, ou, ainda, quando estamos procurando superar a nossa condição – física, emocional, espiritual, técnica, etc – atual, conforme Bento (1998: 2), é pelas “possibilidades humanas conduzidas até aos limites. Da realização do desabitual, contra as restrições de

tipo físico, cultural e social. (...). Da necessidade feita liberdade. (...). Do obstáculo feito impulso. Do perigo feito tentação. (...). Do cenário colectivo feito aventura individual”. Na seqüência dessas considerações, identificamos que alguns dos nossos entrevistados inicialmente parecem restritivos: *“Há limites que podem ser ultrapassados...”* (GV3). Depois, começam avançar um pouco mais: *“No próximo jogo tento fazer sempre melhor...”* (GJ4). até que acabam por expor uma extraordinária peça pedagógica, fundida pela prática desportiva: *“Dei o meu máximo. Acho que mostrei todos os meus dotes, toda a minha capacidade de jogar a bola e partir daí evoluí muito. Moralizei-me nesse jogo e evoluí muito”* (OJ4). Consideramos, também, interessante enumerar as apreciações feitas pelos nossos jovens atletas acerca das outras dimensões de superação, enquanto horizonte de excelência humana. Vamos ver: *“É também uma coisa importante, porque muitas vezes nós não conseguimos jogar, porque estamos chateados conosco próprios e temos que ultrapassar isso...”* (ON1), ou quando *“temos assim algum sentimento que estamos a ser prejudicados assim...temos que lutar para nos sentirmos melhor, cada vez mais”* (FH2). A inquietação em função das dificuldades existe; entretanto, eles acham que: *“...se nós conseguimos superar estes problemas, acho que, muito melhor pra nós, nós conseguimos ser superiores aos problemas que nos apareceram, ultrapassá-los”* (GJ3) e, principalmente em relação ao corpo, eles vêem a superação da seguinte maneira: *“Acho que não há limites, o nosso corpo, acho que não há limites”* (OH1). Garcia, (2002: 5) ao dar a palavra ao Padre Guardini, aprecia o fato de “há que superar dificuldades, que se dão em nós mesmos e em nosso meio: por exemplo, o medo a um dano, a um perigo ou a uma oposição social”. Tudo aquilo pelo qual lutamos, nos esforçamos e nos superamos tem um valor excepcional, que pode ser traduzível de diversas maneiras, mas escolhi a de um grande atleta que nos ensinou: *“Quando lutamos muito por alguma coisa e atingimos...é que uma pessoa aprende, que uma pessoa vê que nada, nada é impossível...nós podemos concretizar tudo...lutamos muito e esses momentos que estamos atingindo isso é...são os melhores momentos no desporto pra mim”* (SR4). E ficamos ainda mais emocionados quando ouvimos as palavras de Garcia (2002: 6) para este contexto: “Sabemos que este apelo à superação, que traduzo talvez incorretamente por apelo à transcendência, é um grito em busca da excelência da pessoa, pois mais que uma aptidão motora requer a mobilização da vontade, ou, diriam alguns filósofos, quiçá encimados por Kant, do espírito”. De fato, somos capazes de caminhar do primeiro suspiro ao sopro divino, ou como nos disse (GL2), assumindo o elevado valor de transcendência vinculada à superação:

“*transcendem, (...), vão buscar forças onde ninguém pensa que existe e são os melhores*”.

Muitos são os conhecimentos – acumulados pelos menos nos últimos três milênios – a respeito do homem e – inclusive destacamos alguns neste texto – no entanto, muitos desses saberes vieram acompanhados da composição de um Cogito, de modo a salientar e destacar as evidências deste ou daquele saber. Na sabedoria do templo de Delfos, a inscrição: *Conhece-te a ti mesmo*. No racionalismo integrava-se a afirmação *penso, logo existo*. Na inteligência emocional perfila-se a sentença, *sinto, logo existo*. Para o desporto, como na vida, nada pode ser mais simples: supero-me, logo, garanto a minha existência.

Trabalho⁶⁸

Não são poucos os que consideram que o trabalho deveria ser uma atividade realizada com prazer, alegria e encantamento. Há, inclusive, teoria que considera que o jogo é uma maneira de os jovens atingirem uma certa preparação para trabalhos sérios que a vida lhes disponibilizará mais tarde (Huizinga, 2003). O desporto é uma atividade que motiva os jovens para o desenvolvimento de habilidades físicas e de fundamentos técnicos, além de salientar a necessidade do esforço, da determinação e da superação; isso requer uma prática consciente e constante, livre e sistematizada. Essa situação pode aproximar-se dos eventos sérios da vida humana como o trabalho; entretanto, as crianças e os jovens demonstram uma enorme alegria por estarem envolvidos com as tarefas de rendimento e treino na área desportiva. Talvez a resposta seja encontrada na abordagem de Lynch e Al Huang (1998: 141), quando sugerem que a “prática torna-se uma experiência gratificante, metódica, rápida, na direção do aperfeiçoamento”. Todos nós, sejamos crianças, jovens ou adultos, nos regozijamos com a sensação de ser capaz. Nós somos vocacionados para o sucesso, o êxito e a excelência, ou seja, para o bem e para o belo, para o ético e o estético, para o melhor... Reboul (2000: 73) faz um apelo para que não “tenhamos medo das palavras bem e melhor; são indispensáveis na educação”, assim como, evidentemente, são as outras palavras. Em se tratando de educação, não podemos desprezar o cariz pedagógico intimamente ligado ao jogo e ao desporto, pois, conforme perguntava Jeanne Girard, na descrição de Brougère (2003: 122), sobre qual seria a natureza educativa do jogo, ela própria respondia: “É o que

⁶⁸ A Declaração Universal dos Direitos da Criança, no artigo 32, refere-se aos cuidados e limitações (trabalho e exploração económica) em relação à criança. O artigo 31 reconhece à criança o direito de participação em jogos e em outras atividades. (http://www.apfn.com.pt/declaracao_universal_dos_direitos_da_crianca.htm)

responderá mais exatamente à idéia que dele se pode fazer após essa definição: agir, aprender, educar-se sem o saber através de exercícios que recreiam, preparando o esforço do trabalho propriamente dito”. Na Grécia Arcaica, o trabalho era considerado como um meio justo de conseguir a riqueza material e, ao mesmo tempo, de evitar a fome e as demais dificuldades da vida prática e, acima de tudo, era um dos caminhos para se alcançar a excelência. Desse modo, Hesíodo (Trabalhos e Dias, 309) avisava que “pelo trabalho serás muito mais estimado pelos imortais”, ou seja, os deuses admiravam aqueles que conquistavam, graças aos seus esforços, a sua *aretê*. Dito dessa maneira, podemos ouvir alguns dos nossos jovens entrevistados, por exemplo: “*Trabalhar mais para que no próximo jogo o rendimento seja bom...eu acredito no trabalho*” (FP4). Nesse caso, o jovem atleta aponta o trabalho como treinamento que vise ao aprimoramento do desempenho no curto prazo (“*próximo jogo*”) e acrescenta que confia no trabalho: Qual será esse tipo de trabalho? Mais adiante vamos tentar elucidar essa questão; por enquanto, vamos continuar ouvindo os nossos jovens entrevistados: “*Sempre trabalhar durante a semana...*” (CH2). Agora a idéia é de um prazo maior de trabalho. Vamos adiante: “*...nós trabalhamos o ano todo e no final...conseguimos atingir esse objectivo*” (TB1). O prazo se alarga e atinge “*o ano todo*” e com uma finalidade maior do que um único jogo, provavelmente a conquista de um campeonato, ou melhoria de suas condições físicas, técnicas, táticas, etc. Voltando à pergunta sobre o que seria esse tipo de trabalho, vamos notar que a noção referente à tarefa a ser realizada pelos jovens é a de formação do indivíduo – neste caso, como desportista, mas, sem dúvida, com repercussões na vida comum – pois, as considerações vinculam-se ao curto, médio e longo prazos e, ao mesmo tempo, estão identificadas a um objetivo, ou fim e esses são os conteúdos que persistem tanto na vida formal como na desportiva. O trabalho passa a ser o esforço, a determinação, a persistência e a responsabilidade na aquisição de competências, especialmente as técnicas, com o intuito de satisfazer a um ideal ou a uma aspiração: “A formação exhibe assim o caráter de trabalho, o que foi deveras enfatizado por Hegel. (...) O sujeito (ou aluno) é trabalhador e operário da sua formação. Esta é acompanhada de desconforto, de suor, de dispêndio energético e até de dor” (Bento, 2006a: 48). Não terá sido pelos mesmos motivos que Hesíodo (Trabalhos e Dias, 290) declarou que, para se conquistar o mérito (*aretê*), era necessário cuidado, atenção e superação, pois: “longa e íngreme é a senda que leva até ele, árdua no início mas, quando se chega ao cimo, torna-se acessível em seguida, por difícil que seja

Para aqueles que se julgam em condições de escolher o seu futuro pode-se oferecer este pensamento: “*Agora tornou-se mais uma missão profissional...*” (GL2). Prognosticar o seu futuro tem a ver com um ideal, o qual Huizinga (2003: 70) descreveu assim: “O valor pode ser material ou simbólico, mas também pode ser ideal. O que “está em jogo” pode ser uma taça de ouro, uma jóia, uma princesa ou uns patacos” mas, nesse caso, o que está valendo é a vida do atleta. Outros parecem demonstrar uma grande devoção à aquisição, por intermédio do trabalho, de competências que os habilitem, ainda e cada vez mais, para o desempenho no futebol, além de apontarem um exemplo: “*Trabalhar, trabalhar muito mesmo... Como o Ronaldinho... luta, trabalhar muito, muito... e dedicar-se a alguma coisa para conseguir ser o melhor*” (SR4). Como já vimos em outras ocasiões, querer “*ser o melhor*” é a marca daqueles que possuem a *aretê*. Outra maneira para a exposição da excelência é encontrada na seguinte frase: “*Acho que o meu trabalho foi perfeito...*” (CD3). Quando operamos com perfeição (excelência), nos aproximamos dos deuses e, em contrapartida, eles nos oferecem as suas dádivas: “Com facilidade Zeus concederia a muitos riqueza infinita: sendo muitos, mais é o trabalho, maior o rendimento” (Trabalhos e Dias, 379). O melhor rendimento é consequência de um trabalho perfeito, e essa ação traz consigo os frutos da riqueza: a financeira, a cultural, a educacional, a espiritual, a formação suprema do Homem (*paidéia*). Uma grande lição: o fruto de nosso trabalho é consequência dele. Quanto melhor, e para o bem, for executada uma tarefa, mais excelentes serão os seus frutos; e o mais importante: não precisamos nos preocupar tanto pelos resultados (frutos), eles virão...A garantia, conforme palavras de Hesíodo descritas acima, é de Zeus.

Na esteira dessas considerações sobre o trabalho como um modo de se conquistar e garantir a *aretê*; ideal existente desde do período arcaico grego, consideramos que as ponderações a seguir podem elucidar, ainda mais, essas reflexões: “*Acho que fundamental trabalharmos a sério mas também divertir-me um pouco com os colegas*” (ON1). Ele fala de “*trabalharmos a sério*” e, ao mesmo tempo, de brincar e divertir. Voltamos à questão: A que tipo de trabalho, no desporto, está se referindo? O trabalho é algo sério, ou é um brinquedo? Brincar é coisa séria, ou é só brincadeira? Uma vez que para a criança e para o jovem jogar futebol é trabalhar e brincar, o jogo deveria necessariamente entrar na linha de consideração e de aplicação da educação desde a mais tenra idade (Brougère, 2003). Para além dessa apreciação, o desporto e o jogo de futebol, em particular, possuem uma representação que vai além do próprio treino e competição, pois, a sua influência não se perde. Pelo contrário, “continua a

espalhar o seu brilho sobre o mundo vulgar do exterior” (Huizinga, 2003: 30). Por isso, somos forçados a especular: talvez a noção de trabalho, objetivada pelos nossos entrevistados, não seja exatamente aquela que os adultos possuem. Talvez os jovens usem a palavra trabalho como forma de designar aquilo de que eles mais gostam de fazer: brincar. Se for assim, o termo trabalho surge como uma metáfora para disfarçar o prazer de brincar e, ao mesmo tempo, fazer concessões ao mundo dos adultos. Assim, os jogos desportivos – Olimpíadas, Copa do Mundo e outros – surgem como uma expressão dos espaços de brincadeiras, para que o humano nunca abandone a sua essência genuína. Cousineau (2004: 63) ao dar vista a um artigo publicado na National Geographic, de Franf Deford, referente às Olimpíadas de Roma, em 1960, descreve: “A origem do esporte é o impulso humano de transformar o trabalho, a guerra – na verdade, toda a vida – em jogos”. Afinal os jovens têm razão; não precisamos de muito mais para exposição da *aretê*.

Coragem e Valentia

Em todos os períodos da história da humanidade, a coragem sempre foi considerada uma virtude (*aretê*) do mais alto valor e, por isso, sempre apareceu como a principal substância da personalidade dos grandes heróis das histórias da literatura universal. Os grandes protagonistas épicos eram detentores dessa qualidade e a sua demonstração, ao mesmo tempo, anunciava um homem, ou mulher, de alma nobre, gerando segurança e tranquilidade naqueles que dele, ou dela, estavam próximos. Esse tema foi, e ainda é, motivo de interesse de vários poetas, historiadores e filósofos. Em Homero (*Ilíada* e *Odisseia*), vê-se que a característica principal dos seus heróis eram os atos de bravura corajosa. Aristóteles (*Ética a Nicômaco*, 1115a, 5) dizia que “a coragem é um meio-termo em relação aos sentimentos de medo e temeridade”; Sócrates no Protágoras (360d) considera: “...a sabedoria das coisas que causam temor e das que não o causam é coragem”. Mais recentemente, Melo (1996: 533), referindo-se aos ideais dos Jogos Desportivos da antiguidade, indica que só naquele contexto poderia surgir o herói olímpico: “a um tempo, demonstração de valentia física e coragem moral”; Bento (1992: 15), discorrendo sobre o desporto para crianças e jovens, mesmo sem citar diretamente a palavra coragem, nos oferece uma plêiade de considerações que invocam essa qualidade: “significa desafiar os limites, assumir o risco, aceitar o desafio...”. Diante dessa pequena listagem de idéias e reflexões já nos foi possível verificar a importância da coragem na vida humana; vamos averiguar, agora, qual é o seu

significado junto aos nossos entrevistados: “...enfrento o problema... sendo honesto, falando a verdade ... então resolvo da melhor maneira” (LF4); “Se tivermos um caso difícil no desporto nós temos que arranjar uma solução para o combater...e passar por cima deles” (FH2). Esses jovens, ao associarem outras qualidades (“sendo honesto, falando a verdade”) e o saber como “arranjar uma solução”, fazem-nos lembrar a necessidade de uma “firmeza de espírito para enfrentar situação emocionalmente ou moralmente difícil” (Chalita, 2003: 73), o que, definitivamente, é uma maneira sutil de demonstrar a sua coragem e valentia. De outro modo, temos: “Porque ficamos com mais confiança nos colegas que temos...mais confiantes mesmo” (LO2). Um dos atributos mais firmemente vinculados à coragem é a confiança; tanto é assim que Chalita (2003) anuncia que quando há coragem, o espírito é tomado pelo entusiasmo e pela sensação antecipada de vitória, embora nem sempre os corajosos alcancem a vitória no fim de sua jornada. Mas há sempre um recomeço e há a confiança ilimitada no amanhã. A exposição de uma confiança coletiva e individual aponta para a idéia de uma equipe desportiva corajosa.

Coragem é aquilo que nos empurra para frente e não nos deixa abandonados à própria sorte. Isso é o que podemos notar: “Não há de ter medo de nada, acho que é sempre seguir em frente” (OH1); “Sempre enfrentei as dificuldades, sempre em frente, não abaixar a cabeça e tentar sempre ultrapassar os momentos menos bons” (PJ3); “... foi sempre de cabeça erguida...” (GJ3); “É assim, enfrentar. Não deixar pra trás quando posso fazer...fazer logo no momento. (...) não abaixarem os braços...” (GJ4). Os inconvenientes são muitos e esses jovens deixam implícito, ou podemos deduzir, que as dificuldades podem ter origem interna (medos, angustias, dúvidas, etc.) ou externa (jogo, adversários, lesões, etc.). Independentemente da origem dos desafios, Píndaro, convocado por Pereira (1982: 167-168), nos oferece a seguinte narrativa: “...depois de terminar o hino para os filhos de Deinómenes, que ao longo das límpidas margens do Hímeras, merecem por sua coragem, por derrotarem tais inimigos” ou, para uma argumentação com base na pedagogia do desporto, seria interessante atentarmos para o que nos diz Lynch e Al Huang (1992: 29): “...tem a coragem de arriscar-se ao fracasso, aprende com as adversidades e vai em frente”.

Outros entrevistados citam diretamente a coragem e a valentia como virtudes que ajudam na direção do desempenho excelente: “Essa expressão quer dizer se nós formos corajosos até nós conseguimos vencer, porque nós conseguimos superar o que nós não conseguimos superar antes” (OJ4); “...acreditamos que podemos ser sempre

melhor e temos que fazer sempre melhor e conseguimos fazer sempre melhor, eu acho que isso é que é valentia” (PO1); “Valentia temos que ter com nós próprios porque quando temos medo de alguma coisa...temos que lutar...ter valentia sempre até o fim...” (SR4). Essas abordagens situam a coragem e a valentia como irmãs de outras virtudes, como a perseverança, a determinação e a disciplina. Píndaro, agora, empresta sua sabedoria através da pena de Ferreira (2000: 52): “Os homens, esses valem conforme os deuses concedem pela coragem ou pela arte”. Como os nossos atletas de formação, através dos discursos, evocaram a coragem/valentia e, também, como praticam a arte de jogar futebol, podemos depreender que, segundo o que disse Píndaro, esses jovens são valorosos.

No futebol, desde cedo, aprende-se que a coragem e a valentia devem entrar em campo de treino e jogo junto com o atleta; na tática defensiva, por exemplo, essas qualidades são fatores determinantes para o bom desempenho individual e coletivo. Sendo assim, o desporto possui diversos conteúdos que possibilitam o desenvolvimento das virtudes de que estamos tratando. Entretanto, é interessante notar que um dos nossos entrevistados faz uma associação entre o que acontece na vida desportiva e pessoal, salientando: “*Na desportiva ...e na vida pessoal também, é encará-la de frente, dá-lhe o máximo, (...) lutar com tudo que tenho pra resolver este problema” (PO1).* Visto dessa maneira, valerá sempre a pena correr os riscos da tarefa desportiva, pois esta ajuda na renovação da crença em si mesmo, como atleta e como pessoa.

Ao longo do texto fomos abordando, a partir das referências dos jovens desportistas, as diferentes finalidades atingidas a datar da aplicação das *aretai*, como a coragem e a valentia. Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1115b, 20) exclama: “Ora, a coragem é nobre, portanto, seu fim também é nobre, pois cada coisa é definida por seu fim. (...) é com uma finalidade nobre que o homem corajoso age e resiste conforme lhe aponta a coragem”. A partir dessas observações, vemos emergir a possibilidade e a necessidade de uma educação em valores privilegiar os conteúdos que visem ao desenvolvimento da coragem e da valentia, entre as crianças e os jovens. Além disso, não podemos esquecer que, para Sócrates, coragem era um tipo de sabedoria. Para a excelência de caráter e da alma, configuramos as virtudes da coragem e valentia associadas à nobreza e à sabedoria. Baseados nesses princípios, olhemos, então, para um exemplo pedagógico que foi contado no filme de Akira Kurosawa “Os sete samurais”, lembrado por Comte-Sponville e Ferry (1998: 223). A história se dá numa aldeia de camponeses pobres, que é saqueada por um bando de delinquentes. Os camponeses

pedem ajuda a um samurai e este vai à procura de outros samurais, até que encontra “um velho samurai, cheio de sabedoria e glória” que aceita lutar em defesa dos aldeões. O primeiro samurai comunica: “nós somos muito pouco numerosos, os salteadores são inúmeros, nós vamos certamente morrer...”. O sábio e nobre samurai “não responde, mas sorri. Sorri! Esse sorriso, é o sorriso da sabedoria”. Conclusão: o herói do filme vai arriscar a sua vida sem necessitar de nenhuma recompensa, nem financeira e nem outra qualquer, apenas por um fim nobre. Esse valente não luta por alguma vantagem, mas sim porque é nobre fazê-lo e nada é mais prazeroso para aquele que conhece a sua coragem; afinal, parece que Sócrates tinha razão! Comte-Sponville e Ferry (1998: 223) completam: “ele faz o que quer, ele é completo no momento, perfeito no momento, (...), e é por isso que ele se bate tão bem, sem angústia, sem medo, e com tanta eficácia!”

Porque será que esse homem é assim? Independentemente da análise cultural (que caberia neste história), se olharmos atentamente para os conteúdos, os meios e os objetivos desenvolvidos na atividade desportiva, vamos ver que, para se tornar um samurai é necessário, entre outras coisas: treinar, superar, competir; além de experimentar e aprender com o sucesso e com o fracasso, transcender a si e ao seu treino. Ter coragem de enfrentar as limitações externas e internas é uma ótima oportunidade de descobrir o ilimitado; isso é a excelência (*aretê*) da educação e, por isso, precisamos “reabilitar na Escola o conceito que está impregnado na palavra *aretê*” (Garcia, 2002: 4) e, no desporto, destacarmos a sua importância.

***Aretê* Coletiva:**

Amizade

Na marcha do tempo, a *aretê* pessoal reconfigura-se como *aretê* da cidade, tendo Tirteu como um dos seus principais idealizadores da noção de comunidade – pólis. Logo, o heroísmo guerreiro dá vez ao heroísmo patriótico e a verdadeira medida da *aretê* é a cidade e quanto a favorece ou prejudica (Jaeger, 2003). Sendo assim, não é difícil compreender que a amizade se vincula como uma virtude agregadora de seus habitantes.

Amizade é um sentimento que pode ser listado entre os mais nobres da natureza dos seres vivos. Quem não viu ou ouviu histórias e se emocionou a respeito da amizade entre pessoas, entre pessoas e animais, entre animais? A amizade é fundamental para o equilíbrio, a harmonia, integração e perpetuação de uma relação afetuosa e assiste o estado de alegria, segurança e felicidade. A mais expressiva e sublime forma de

manifestação da amizade se dá em qualquer tempo *coletivo*, ou seja, é um sentimento que só existe no plural; entre nós, eu e tu, eu e nós, tu e eles, etc. Talvez, por isso, a pólis grega dependia tanto dessa importante forma de *aretê*, tanto que Aristóteles (Política, 1262b, 5) considerava que “a amizade é o maior dos bens para a cidade”. Graças ao espírito de amizade e de superação canalizados pelos atletas, no ambiente desportivo, é que conseguimos extrair algumas declarações como: “*É apoiá-lo sempre quer nas boas situações, quer nas más situações, principalmente nas más...tentar apoiá-lo sempre. Pra mim ser um bom amigo é passar por várias situações com ele, quer boas quer más...*” (TB1); “*É estar sempre presente, nos bons e maus momentos e estar sempre pronto a ouvir, sempre pronto a ajudar, quer ele esteja com problemas... Eu gosto muito de ajudar os meus amigos principalmente*” (OH1); “*Pra mim um bom amigo, quando precisamos dele, ele está ao nosso lado*” (LO2); “*Um amigo é amigo, seja pobre, seja rico, seja famoso ou não...tá lá...*” (SR4). Com isso, interpretamos que a amizade, para os nossos entrevistados, tem um caráter plural, porque se manifesta em todos os momentos (*é passar por várias situações com ele*), condições (*quer nas boas situações, quer nas más situações*), disposição (*estar sempre pronto a ouvir, sempre pronto a ajudar*), disponibilidade (*quando precisamos dele*), satisfação de servir (*gosto muito de ajudar os meus amigos*) e sem preconceitos (*seja pobre, seja rico, seja famoso ou não*). Assim como as cidades da Grécia Antiga, o ambiente desportivo, escolar, familiar e outros necessitam dessas características para a sua sustentação e bem-estar. Conforme Tucídides (in Pereira, 1982: 297): “Também na generosidade de conduta somos o oposto da maioria. Não é por recebermos benefícios dos amigos, mas por lhes fazermos bem, que os conservamos”. A amizade também assume uma atitude de proteção: “*Um bom amigo é aquele que percebe que estou a fazer alguma coisa mal...tenta-me mostrar o lado melhor pra fazer as coisas. Às vezes, quero sair à noite e ele diz-me: “Não, não vai...tens jogo, é jogador*” (LD3). Assumir responsabilidades de cuidado com os amigos demonstra, por um lado, a importância social do desporto e, por outro, a relevância da assunção de atitudes de comprometimento coletivo; e no exercício dessas experiências, desenvolvem-se e aprimoram-se a amizade e a convivência entre pares: “Experimentamos o valor de formas de colectividade simples, a importância da observância de regras e acordos, e também das consequências das batotices, de incorrecções e desrespeito das regras, o sentimento de partilha social que o desporto cria, a intimidade e a convivialidade que nele se encontram...” (Bento, 1998: 13). Dentre os propósitos da educação desportiva está o desenvolvimento de um ambiente

que propicie a prática de relacionamento interpessoal e coletivo e, através deste, a possibilidade de desenvolvimento das diferentes manifestações de amizade: *“Uma pessoa dentro de campo nem pensa com a bola nos pés, nem tem tempo pra distinguir se é o amigo ou se é o colega, porque dentro de campo todos somos amigos” (GL2)*. A atmosfera competitiva e a necessidade de confiança entre os companheiros de uma mesma equipe proporcionam boas condições de relacionamento *“dentro de campo”* e oferecem o desenvolvimento da amizade e, ao mesmo tempo, da superação de qualquer limitação a ela. Chalita (2003: 42) entende que a amizade, entre outras dimensões, *“é a capacidade de propiciar o estabelecimento de conexões entre indivíduos pelas vias enigmáticas do pensamento e pela transmissão contínua de energia”*, tal como ocorre durante uma prestação competitiva, em que os atletas precisam estar em absoluta sintonia uns com os outros, para que o ato de jogar seja um momento de eterno fluir e onde se espera que a amizade vivenciada possa ser compartilhada fora do campo. Nessa perspectiva, incorporamos outras citações que parecem participar deste ideal: *“Penso que sim, aqui todos somos amigos...tratamos os amigos da melhor maneira. Penso que as amizades são feitas com relativa facilidade...” (ON1)*; *“Que é um companheiro de equipa e no fundo é um amigo, pode ser um amigo fora da equipa” (VT2)*. A relação de amizade tende a ser duradoura: *“Se for no coletivo é jogarmos todos bem com um fim comum” (OG1)*; essa afirmação encontra eco nas palavras de Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1159b, 30) que, ao citar um provérbio, ensina que *“os amigos têm bens em comum (...), pois a amizade depende da comunhão de bens”*. Desde os tempos mais remotos, a comunhão entre os seres humanos foi um objetivo perseguido como forma de enaltecer os valores tradicionais, entre eles a amizade e, nesta direção, os desportos sempre deram uma valiosa colaboração, como podemos perceber naquilo que foi descrito por Silva (2000: 61): *“Importava mobilizar a Grécia inteira, os povos de todas as cidades, para um encontro onde todos partilhassem de um espírito e de um objectivo comum”*. Anteriormente, citamos que a amizade necessita da confiança entre os pares, para que possa manifestar-se em toda a sua plenitude; por isso, é necessário dar atenção às seguintes advertências: *“Acho que um bom amigo tem que ser aquele em que nós confiamos...” (GJ3)*; *“Primeiro tem que ser fiel. Ser fiel nos momentos maus e nos bons, claro” (CD3)*; *“É saber que podemos confiar nele e que ele confia em nós” (PJ3)*. A relação amistosa pode ser uma oportunidade única de felicidade, pois ela se conforma a partir de inúmeras qualidades como solidariedade, ética, confiança (como acabamos de ver), tolerância, afeto, dedicação etc. Entretanto, consideramos que a

excelência da amizade é traduzida, quando ela surge através da alegria advinda do relacionamento: “A boa interação com os amigos...Faz bem a saúde também e nos divertimos em jogar futebol” (FH2); “É apoiar é...falar, é rir, é ri todos juntos. É trabalhar junto, é viver junto, é enfrentar a vida juntos” (GV3). Já dizia o ditado popular: “rir é o melhor remédio”. “É rir, é ri todos juntos” e, isso, é que “faz bem à saúde”. Por essa alegria, busca-se (“juntos”) a excelência no desporto e na vida; uma história a ser contada através dos tempos. Com efeito, segundo Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1157b, 15), “nada é mais característico dos amigos do que o desejo de estarem juntos”. Ao que adicionamos, como moldura deste assunto, o comentário de um jovem atleta: “...o amigo é aquele que está ao nosso lado nos maus momentos, tanto no futebol como na vida pessoal” (PO1) e, aproveitamos para associar um pensamento de Migliori (1998: 26), quando relata que a “vida é o exercício do nosso ser” e, esse exercício pode ser realizado, como foi mencionado pelos entrevistados, com alegria. Alegria é para Coimbra, na pena de Patrício (1991: 346) a “expressão da Realidade, naturalmente”. Essa expressão é muito bem contada pelos nossos jovens entrevistados e retrata o exercício de ser naturalmente motivado, especialmente, pela amizade entre os companheiros de uma mesma equipe de futebol, como encontramos na proposição: “No futebol tem esse privilégio de se conviver todos os dias com um grupo de pessoas e, pronto... Dessa convivência diária vamos a fazer amizade que duram para o resto da vida...” (FP4). Para isso, Chalita (2003: 41) considera que “a amizade é um elo capaz de unir as pessoas para sempre, mesmo que elas estejam geograficamente distantes”. Parece que essa maneira de ver a amizade ultrapassa não só as fronteiras geográficas como também as diversas fases do tempo, conforme é demonstrado por Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1157b, 10): “A distância não faz desaparecer a amizade em absoluto...”.

Como vimos, os atletas de formação consultados expuseram um rosário de sentimentos e de situações relacionais que fazem parte da índole da amizade. Não podemos deixar de referenciar que os jovens fizeram essa exposição a partir das suas experiências no clube desportivo e pela prática do futebol (“No futebol tem esse privilégio”), embora tenha sido dessa maneira, eles não deixaram de comentar que o cultivo da amizade pode (e deve) ultrapassar os limites do clube de futebol (“É trabalhar junto, é viver junto, é enfrentar a vida juntos”; que duram para o resto da vida...”; pode ser um amigo fora da equipa”). A amizade é uma bússola que aponta para caminhos maravilhosos, tanto é que, para muitos, a amizade é um sentimento

superior ao amor, especialmente àquele que se encontra arraigado às paixões e, conseqüentemente, ao desassossego de sentimentos. Ao contrário, a amizade está intimamente relacionada com o amor universal (impessoal e ilimitado) e, por isso, encontramos no diálogo *Górgias* (508a) uma luminosa síntese desta conexão, sugerindo que a ordem do universo se dá pela amizade. Essa ordem se dá no desporto, quando verificamos que há amizade, companheirismo e sinergia entre os componentes de uma mesma equipe; entretanto, a verdadeira ordem se instala no momento em que os adversários são os principais intermediários do espírito cooperativo, conforme nos ensina Lynch e Al Huang (1998: 158): “Os concorrentes são como conselheiros espirituais, que o ajudam a cavar bem fundo e a compreender a si mesmo mais completamente, fazendo aflorar em você o melhor de si mesmo”. Desse modo, no desporto, temos uma ótima oportunidade de construir um tecido de amizades próximas, palpáveis e visíveis junto a companheiros de uma mesma equipe e, ao mesmo tempo, ampliar essa amizade à equipe adversária, embora esta seja mais distante, sutil e invisível. Se a amizade organiza e ordena o cosmo e, conforme Bento (1992: 14): “O desporto é a ordem no caos”, deveríamos considerar a importância da prática dos conteúdos da prática desportiva, como exemplo do desenvolvimento de estruturas educativas que visem à busca da excelência relacional, tendo a amizade como sentimento inspirador e sustentador da harmonia das pessoas, famílias, sociedades e países.

Clube-pólis

A excelência das pólis gregas era sustentada na integração e na organização de um trabalho de equipe, onde todos os cidadãos tinham e executavam suas funções sob a orientação das leis e da fidelidade à cidade. Daí acharmos alguma similitude entre a pólis e o clube desportivo. Além disso, do mesmo modo que é muito difícil compreender a alma e as realizações gregas, se não tivermos uma noção clara do que representava a pólis, também é muito difícil entender a nossa sociedade e cultura atuais sem a compreensão do que representa um clube de futebol para a sociedade moderna. As afinidades entre a pólis e os clubes são evidentes: Na Grécia antiga, havia pequenas e grandes cidades – mais poderosas ou menos – e, assim como os clubes da atualidade, os gregos designavam-se como representantes das suas cidades: Espartanos, Atenienses, Coríntios (Ferreira, 1996), como hoje denominam-se os torcedores de futebol: Corinthianos, Portistas, Benfiquistas. Nas cidades, o que realmente interessava eram os

cidadãos, não o aglomerado urbano e, da mesma maneira, ao clube o que interessa é o atleta, são os treinadores, dirigentes e adeptos, sendo secundário o espaço de construção. A ligação da religião com a pólis era absolutamente natural – tanto que cada uma delas tinha o seu deus protetor; já o clube desportivo é a representação de uma catedral religiosa, tanto que Costa (1991; 115) salienta que, na atualidade, há “uma certa identidade do homo ludens e do homo religiousus”. Outras provas da identidade entre uma e outra instituição são percebidas através das competições desportivas que existiam entre as cidades, as relações comerciais e os interesses comuns. Essas ocorrências nos levaram a cunhar a idéia de *clube-pólis* e verificar se existe alguma afinidade entre os discursos dos atletas desportivos e a essência cultural da pólis antiga.

Inicialmente, fica claro que, no interior da pólis e do clube desportivo, a participação do cidadão-atleta se dá especialmente pela relação coletiva: “*É na realidade fazer parte de um grupo, interagir socialmente...*” (TB1). Era nessa interação que residia a verdadeira vida na pólis; analogamente, Kitto (1990: 118) descreve o diálogo de uma peça teatral: “*Não é polis a que for governada por um só homem*”. E, de acordo com o mesmo autor, essa declaração “evidencia outro aspecto importante da concepção total de uma *polis*, a saber, que se trata uma comunidade e que os seus problemas são os problemas de todos”. O princípio de Sócrates e reafirmado por Aristóteles (Política, 1261a, 10) dá conta que “para toda a cidade, a maior unidade possível é o maior dos bens”. Em outras palavras, o princípio dos filósofos permanece vivo: “*O espírito de grupo é importante numa equipa. Só uma equipa com grande espírito de grupo e união entre os...elementos pode ir longe. Se calhar cada qual puxar pra o seu lado e...pensar que...sobrepõe o individualismo ao coletivo, não dá*” (GL2); como numa cidade – igual no clube – o individual deve estar a serviço da coletividade: “O individualismo não desaparece, mas suaviza-se e solta-se das amarras do radicalismo egoísta. E assim a nossa existência individual passa a incorporar uma dimensão social, a fazer parte e ostentar as marcas da vida coletiva” (Bento, 2006a: 17). Outras escolhas referentes a esse mesmo assunto são: “*Ai temos que estar todos unidos, ajudar uns aos outros. Tem que ter um espírito de entreaajuda muito grande...pra conseguirmos bons resultados*” (LD3); “*...há um bom convívio entre todos e isso leva a ter um grupo unido e só unidos é que nós conseguimos sucesso no futebol e em tudo na vida*” (FP4); “*Estamos mais unidos e quando estamos mais unidos, sempre é mais fácil...É mais fácil ganhar o jogo, quando estivermos...do que quando estiverem alguns zangados uns com os outros*” (PJ3). É do conhecimento de todos que só é possível a materialização de

feitos elevados com a união dos membros de um determinado grupo social. Quem não conhece o ditado popular: *a união faz a força?* Por conseguinte, na antiga pólis – e na moderna pólis (clube) – dizer que “todos têm o dever de ajudar a *polis* não exprimia qualquer sentimento elevado; antes devia tomar-se no mais imediato senso comum” (Kitto, 1990: 121); os entrevistados percebem esse dever como uma tarefa coletiva plasmada no “*convívio*”, o que leva à “*união*” (mediado pela amizade) e, dessa sinergia, surgem, como conseqüência, os melhores resultados. Na tradição helênica, a família, a aldeia e a cidade eram os três níveis que compunham a pólis; hoje, com o crescimento exagerado das cidades, os clubes desportivos, assim como as escolas, podem servir de referência aos ideais das antigas pólis: “*O clube é uma segunda família, uma segunda alternativa... O clube é muito importante no que eu faço, cá dentro é claro mas lá fora também*” (PO1); “*A nossa equipa também é uma família, tem que ser uma família pra superar também*” (CD3); A pólis é o espaço onde acontece a excelência da experiência do indivíduo e as suas demais inter-relações; portanto, afirmar que o clube “*é uma segunda família*” e que a equipe “*também é uma família*” são maneiras de identificar o espaço do clube como uma caixa de ressonância das diversas dimensões da pólis. Essa idéia revela a consistência da força coletiva, para se atingir determinados fins (dentro ou fora do clube) e mostra a força do caráter educativo, incrustada nos esforços individuais e coletivos (família e equipe), com vistas à formação de uma índole voltada à superação. Extrapolando as fronteiras do *clube-pólis*, temos: “*Está sendo conhecido em todo o mundo e em Portugal já está metendo muito respeito*” (LF4). Ou seja, quando a pólis se fortalece pelo esforço e dedicação de todos, ela se torna um exemplo a ser seguido e, ao mesmo tempo, a “*vida social é dotada de formas suprabiológicas, que se revestem do aspecto de jogo, e que contribuem para lhe aumentar o valor*” (Huizinga, 2003: 65). A essa luz, podemos também atentar para o que diz Silva (2000: 66) sobre o processo de retroalimentação: “*Com a vitória olímpica, o atleta colhe prestígio para si próprio e, através da sua pessoa, para a família a que está ligado e para a cidade a que pertence. Todos participam do êxito obtido: a família, (...); mas como é de um estado (...), a cidade está presente no contributo elementar que também ela dá para a formação e o enobrecimento do indivíduo*”. Para além disso, não há como negar a incomparável relação afetiva e amorosa que aproxima o clube dos jovens, senão vejamos essas declarações de amor: “*Ah! O clube pra mim...eu sou de cá, sempre gostei do clube, acho que é o meu clube do coração, em primeiro está o Braga. O que eu mais gosto no clube é... não sei, é o prazer...gosto de ir ao estádio, vibro completamente com o*

Braga” (OH1); são palavras que exprimem um sentimento puro e de genuíno amor que, muitas vezes, os jovens não as dirigem, nem mesmo, às pessoas mais próximas como os pais, os amigos, as namoradas. “*Dou o máximo...à camisola do Sporting Clube de Braga pra ganhar o jogo*” (CH2); “*O clube representa ter grandes colegas...e fazer que esse clube, por mim, tenha o maior sucesso. (...) quase todos da minha equipa estão a jogar por amor ao Braga*” (VT2). Essas duas citações iniciam com a palavra *máximo* e terminam com a palavra *amor*, as quais, podemos analisar, são formas de transcendência do corpo e da pessoa, como também da alma e da intimidade. As duas, juntas, formam um conjunto de fazer inveja aos autores que descrevem as qualidades humanas necessárias à pólis helênica. “*União ...representamos...um conjunto de atletas a tentar singrar (vencer) na vida...representa...um modo de sobreviver de muitas pessoas, não é? Pessoas trabalham aqui. Representa muita coisa...é uma grande instituição o clube*” (GV3). Aristóteles (Política, 1252a, 1) defende que “toda a cidade é uma certa forma de comunidade e que toda a comunidade é constituída em vista de um bem comum”; esse bem comum é plasmado nas palavras *união*, *singrar*, *sobreviver* e *trabalhar*. Ainda nesse passo, Aristóteles (Política, 1252a, 6) declara que esta “comunidade é chamada “cidade”, aquela que toma forma de uma comunidade de cidadãos” e, depois, amplia essa argumentação, citando as diferentes funções das pessoas que compõem a pólis. Do mesmo modo, encontramos: o “*conjunto de atletas*”, “*muitas pessoas*” e “*pessoas que trabalham aqui*”, além da referência ao lugar “*uma grande instituição*”. Seguindo vemos: “*Nós temos sempre que defender o clube onde representamos, (...) esforçar mesmo pra orgulhar o clube...ter um jogador como nós*” (OG1); “*Eu sempre gostei do Braga é o meu clube desde de pequenino...eu acho que faço tudo por esse clube*” (GJ3); “*Representa tudo, é o clube do meu coração. Acho que nunca vou mudar de clube, mesmo que vá pra outra equipa vou ser sempre do Braga. E é uma grande responsabilidade representar esse escudo no peito*” (OJ4); “*Temos que pensar bem no clube que representamos. Quando vamos para dentro de campo, temos que nos esforçar ao máximo...estamos a representar aquilo é porque temos valor...*” (FH2); “*O clube representa tudo. Estamos a representar o clube, o que nós fizermos...estamos a representar o Braga... Se algum de nós fizemos uma má ação, o Braga é que fica mal...Por isso temos que ser bons companheiros de equipa e bons jogadores para representarmos o clube. Fazemos parte de uma equipa é como uma família...*” (SR4). É necessário ver o brilho no olhar desses meninos quando falam do seu clube! As palavras brotam como se fossem ditas por um poeta. Neste caso, são

poetas da arte de jogar futebol, mas a alegria com que eles desenvolvem a mestria de jogar futebol parece inspirá-los – não se sabe como – na construção de uma canção de amor ao seu clube, à sua pólis. Eles são felizes ao defender, representar, *esforçar*, *orgulhar*, fazer tudo, *ser sempre*, assumir *responsabilidade*, dar o *máximo*, ao ter cuidado com o clube e, mais uma vez, fazer *parte de uma equipa é como uma família*. Esse jeito de caracterizar o sentimento remete os nossos entrevistados, através das asas do *clube-pólis*, aos sonhos de uma vida real: “quando sinto ampliar minha identificação com a cidade, um estado, um país, abraçando o mundo inteiro” (Cousineau, 2004: 119). Mais adiante, encontramos: “*O clube é aquilo que nos permite a nós concretizar um sonho e no qual nós temos que dar tudo por esse clube... Tem que haver muito respeito entre atleta/clube e clube/atleta*” (FP4). Desde os tempos antigos, o desporto tem realizado (mais do que menos), por sua característica plural, diversa e multidimensional, o sonho de muitos jovens e adultos. Nessa premissa, podemos atentar ao que nos diz Melo (1996: 536): “Até aqui era a pólis que se ocupava da formação dos seus jovens, propiciando-lhes um desenvolvimento harmónico das suas faculdades intelectuais e físicas durante a sua juventude com o sonho do triunfo olímpico”. Os clubes de futebol, além de interessados na descoberta de jogadores de qualidade, na maioria das vezes, têm patrocinado o desenvolvimento e a formação de crianças e jovens e foi assim que demonstrou um dos entrevistados, quando disse: “...foi um clube que me ajudou a crescer e está a ajudar cada vez mais...é um clube bom para mim, é um clube que receberam bem, porque vim de outro clube...é um clube que sempre me deu apoio e é um clube que eu gosto muito” (ON1). Esse raciocínio indica que a pessoa foi bem acolhida e sente-se bem, mesmo fora da sua origem. Essa característica também era notada no seio da sociedade grega, conforme nos conta Jaeger (2003: 23) que, entre os mandamentos seguidos pelos Gregos, constavam: “honrar os deuses, honrar pai e mãe, respeitar os estrangeiros...”. Nota-se que a consideração aos estrangeiros estava ao lado da veneração aos deuses e à família, portanto, um lugar de destaque e excelência no relacionamento.

Aristóteles (Política, 1262b, 5), quando dissertou sobre a amizade ser o maior dos bens de uma pólis, aduziu a esse comentário outro aspecto sobre o mesmo tema, pois, a amizade “pode ser o melhor meio de evitar revoltas”. Concordando com essa visão, temos: “...se houver, discussões, conflitos... uma equipa não pode ser considerada uma equipa...” (SR4). A unidade de uma equipe e, conseqüentemente, do *clube-pólis* pode ser arruinada por atitudes como as que foram referidas. A vida

comunitária foi um marco sócio-político da história e da formação do homem grego; igualmente, a vida desportiva é um padrão sócio-cultural de criar e recriar o homem. Por essa ótica, perguntamos: Será que a amizade fortalece o espírito de comunidade⁶⁹ (*aretê* da pólis) ou, os interesses comuns, vinculados à pólis (ou clube), são os motivos pelos quais as pessoas se tornam amigas? Essa discussão deve ser levada a cabo no interior do processo de educação, pois, não se trata apenas de saber quem nasceu primeiro, e sim conhecer, realçar e valorizar a noção de sintonia e de harmonia entre a “sociabilidade e individualidade, ordem e espontaneidade, unidade e diversidade” (Watts, 1999: 17). A essa luz, os desportos podem sugerir meios à superação dessa polaridade com vistas à formação integral do ser humano. Afinal, no desporto em geral e em particular, no futebol, as nossas vertentes pedagógicas vão muito além das vitórias. Por isso que, aos olhos dos poetas (de ontem e de hoje), o desporto apresenta-se como uma inesgotável fonte de estímulo e inspiração; foi assim que Kitto (1990: 291) decifrou a mensagem dos antigos poemas: “... a *aretê* mostrada pelo vencedor; e desta, é bastante natural, para um poeta grego, passar para qualquer forma de *aretê*, quer no indivíduo, quer na *polis*. A vitória é apreciada no seu contexto mais lato”. Esse contexto, interpretamos nós, é o da vida prática a qual exige uma determinada arte: a *ar(e)te* de viver.

Tradição

Tradição, em sentido antropológico, é a passagem de um conjunto de dados culturais de um antecedente a um conseqüente que podem se configurar como família, grupos (entre eles os desportivos), gerações (entre elas a geração de atletas), classes e sociedades. As tradições acumulam, a longo prazo, significados que nascem, enriquecem, transformam-se e dissolvem-se segundo processos que fazem parte integrante dessa herança onde se refletem instintiva mas unitariamente, os múltiplos valores do espírito humano, cuja inserção nas tradições representam a vitalidade e a presença do passado em nossas vidas (Prandi, 1997). As diferentes formas de culturas foram, ao longo dos tempos, introduzindo, absorvendo e disseminando os valores que caracterizam o tradicionalismo, o qual sugere a identidade e o caráter dos diferentes povos. Na maioria das vezes, os valores e as práticas culturais tradicionais são expressos através do folclore, da arte, da história, ritos, religiões, jogos, entre outros tantos. Existem costumes e instituições orientais e ocidentais, locais e nacionais, familiares e

⁶⁹ Onde decorre a troca de experiências práticas e figuradas através do mesmo idioma, costumes, cultos e estatutos cívicos, sob um regime e em vistas de um interesse comum (notas do tradutor, nº 1, livro I da Política de Aristóteles).

comunitárias e todos possuem a sua tradição. Nosso foco é a meditação sobre a importância da tradicional *aretê* helênica – seus símbolos e referências – identificada, particularmente, com o período de *polisação*, pois o conceito da *aretê* heróica deriva da *polisação* da glória heróica inscrita na épica dos tempos de Homero (Jaeger, 2003). A pólis é – passa a ser – a detentora da tradição dos valores individuais da *aretê* e, ao mesmo tempo, do mosaico de valores coletivos. A pólis é a mestra do homem e a sua expressão máxima; todas as coisas humanas e divinas (Ferreira, 1996). Nesse espaço era possível o desenrolar das diferentes manifestações da tradição grega. As duas maneiras, sempre recorrentes, em que a civilização se desenvolve através dos jogos e da competição, são os ritos sagrados e os jogos desportivos (Huizinga, 2003). Sendo assim, os desportos acabaram por catalizar todo o ideal da *aretê* e, ao mesmo tempo, de todo o simbolismo inerente a sua tradição. Atualmente, como antigamente, o desporto está carregado de significados, os quais identificam cada clube, bem como toda a sua magia reinante no mundo desportivo. Dentre os mais diferentes símbolos temos: “*Grandes feitos...antigos...estátua...*” (LF4). Além desses, temos também os hinos, as bandeiras, as camisas, as cores, etc; e, junto, uma grande dose de emoção: “O meio-campo Renato, destaque do Flamengo nos últimos jogos, teve o privilégio de hastear a bandeira do clube, nesta terça-feira, na cerimônia de comemoração pelos 110 anos de fundação. Emocionado, o jogador se disse honrado por ter sido o escolhido” (disponível em www.aol.com.br/esporte em 16 de Novembro de 2005). Tradição de ontem e de hoje; antigas e recentes como: “*Foi uma vez a Taça Portugal...foi a UEFA, nunca conseguiu chegar a Liga dos Campeões*” (GJ3). Desse modo vai-se construindo a história de um *clube-pólis* e, por acréscimo, a sua tradição. “...*esse clube é um clube que sempre foi bom na formação...*” (ON1). Quando o jovem desportista fala “*sempre*”, significa o desabrochar de uma tradição vinda de um passado distante, onde, de acordo com Simónides (in Melo, 1996: 534) “a *pólis* é a mestra do homem”, e todos os indivíduos (jovens e adultos) deveriam ter “orgulho e dedicação sem limites à *polis*” (Carvalho, 1989: 303). Desse jeito, não é de se estranhar a tomada de posição de alguns dos atletas de formação, quando expõem: “*Penso que estou a ajudar para o desenvolvimento do clube e isso me deixa muito feliz...por fazer parte desse clube, desse grande clube Braga*” (VT2); “*Se pensamos no que o clube é...um grande clube...temos que dar o nosso melhor para seguir as tradições do clube...*” (SR4); “...*quanto maior é o clube mais difícil é fazer parte da sua história, portanto, se eu faço parte disso, faz - me sentir bem, também*” (PO1). A intimidade de relacionamento entre o clube e o atleta,

demonstrada por essas narrativas, lembra os tempos em que o ideal de formação humana (*paidéia*) era circunscrito, no mais alto nível, à pólis. Outra revelação é o significado inquestionável de que o futebol é um dos universos ideais à “encarnação viva do ideal eterno de competir por uma causa maior que o interesse pessoal, o ideal de competir por seu país ou pela própria história” (Cousineau, 2004: 53); e desse modo fazer a sua pólis (clube) mais feliz.

Voltando à política de formação desportiva junto aos clubes desportivos, verificamos haver evidências de que essa tradição vem sendo desenvolvida sistematicamente: “...*acima de tudo nas camadas jovens o Braga está, quase sempre, nas partes finais e por isso o Braga, pra mim também é um grande clube*” (CD3); “*Aposta nas camadas jovens e acho que...de certa forma é o clube que me tem ensinado e espero me ensinar muito mais a jogar futebol e aprender muita coisa*” (LD3). Essa é uma tradição que, vinculada ao mundo desportivo, deve ser valorizada e enaltecida, uma vez que é por intermédio dela que se pode conduzir e elevar o sujeito à sua condição de excelência, como podemos ver expresso não só na perspectiva do corpo e dos músculos mas também, “sob a condição física e sob todas as capacidades motoras, sobre e sob tudo que é criado no desporto brilham valores, perfilam-se normas e princípios de conduta moral, alojam-se qualidades volitivas. (...). O exercício físico repercute-se no corpo e na alma, agita a corrente do sangue e das ideias, faz o traço de união entre o coração e o cérebro, entre a razão e a emoção” (Bento, 1999: p.29). É a energia que vai do físico para o movimento e daí, para o espírito; sim, porque a “*paideia* e a educação são obra do espírito” (Patrício, 2005: 8). A tradicional formação do homem grego era a formação espiritual.

Apesar de a tradição ser uma marca importante para todos os clubes desportivos, parece que os responsáveis por alguns clubes não dão muita importância a sua disseminação, conforme as seguintes declarações: “*Tenho muito respeito, mas se calhar pela camisola e...se calhar, sabendo as tradições e isso...teria a ajudar ainda mais...Se calhar, se eu soubesse o seu passado, suas tradições...*” (TB1); “*Mas nunca falaram do seu historial. Podia ajudar, podia nos motivar a tentar ser...como eles foram...Se calhar podia nos ajudar e impulsionar pra tentar ser melhor...*” (GL2); “*Conhecendo melhor o clube, claro que ajudava a ganhar mais crença pelo clube...identificar mais com o clube*” (FP4); “*Se calhar ajudaria a ficar mais...mais confiante no clube que estou e...possivelmente ter mais força pra ir para o campo e tentar ir mais longe possível*” (LO2). Não obstante nossos entrevistados apontarem alguns valores

tradicionalmente repousados nos desportos como: “*Tenho muito respeito*”, “*tentar ser melhor*”, “*confiante*”, notamos uma grande preocupação, exposta pelos atletas, com o fato de os clubes desportivos não oferecerem uma formação que envolva o conhecimento a respeito da sua tradição e da sua história. Portanto, os nossos clubes desportivos (atuais) devem estar atentos a essa demanda e aproveitá-la, não perdendo a possibilidade de salientar os momentos de excelência que, ao longo da sua trajetória desportiva, tiveram a oportunidade de experimentar. Esse percurso, sem dúvida, foi impregnado dos mais reluzentes valores e devem ser incorporados pelos jovens atletas com vistas ao êxito desportivo e pessoal. Não esquecer esses valores equivale a ajudar na perpetuação da educação pelo exemplo e, neste caso, o exemplo institucional. Dizemos isso no sentido de demonstrar cuidado com o atual estado de desorientação axiológica a que estamos submetidos; segundo Lipovetsky (1996: 35) é espantoso “quando se vê que as boas maneiras são consideradas mais importantes que a solidariedade”, e mais, “numa lista de 17 qualidades morais, as cinco virtudes que desejaríamos ver prioritariamente incultadas nas crianças, apenas 15 por cento dos europeus se preocupam em mencionar o altruísmo”. Registra-se aqui o conselho de Huizinga (2003: 67): “quanto maior for a sua capacidade para estimular a intensidade da vida do indivíduo ou do grupo, mais prontamente se tornará parte da própria civilização”. O estímulo deve ser na direção dos valores. A tradição é uma das mais importantes formas de se sustentarem alguns valores universais, como é o caso da *aretê* grega que não aceita quaisquer relativismos.

Finalizando esse tema, salientamos que “vivemos num pluralismo de mundos” (Bento, 2006a: 48) e, por isso, num pluralismo de tradições. A partir daí, verificamos, também, a abrangência e a pluralidade na formação humana individual e coletiva. Como nos disse Patrício (1996: 52) a educação “é acção de uma certa espécie. Realizada pelo homem, e apenas pelo homem, tem por objecto o homem, e apenas o homem. O que essa acção visa é a construção plena do próprio homem enquanto homem, a construção plena do homem na sua humanidade. O homem é, ao nascer, apenas homem virtual. O que faz dele homem real é a educação”. Por intermédio da tradição, pelo menos uma parte dessa educação é transferida em forma de cultura aos nossos descendentes. Também a essa luz, contemplamos a abordagem de Bento (2006a: 48): “por meio da formação deverá o indivíduo ascender ao horizonte da perfeição” e, prontamente diríamos que será por meio dos princípios e dos valores da tradicional e atual *aretê* que

disponibilizaremos às diversas gerações (presentes e futuras) a inspiradora luz da busca da excelência.

Cooperação

Cooperação e amizade são grandezas vinculadas ao bem. A amizade, como já tivemos a oportunidade de destacar, é uma das grandes virtudes necessárias à cidade. Já a cooperação é a ação que dá expressão à amizade, e uma amizade tem a dimensão do grau de cooperação que existe entre os amigos. A cooperação gera condições de desenvolvimento pessoal e coletivo: *“Um atleta capaz de criar um bom espírito de grupo e...laços de amizade e de confiança, entreaduda entre a equipa” (GL2)*. Entendemos aqui que a idéia de *“entreaduda”* representa a cooperação coletiva e atuante; afinal, o futebol é um desporto que tem sobrenome: associação. Sem a participação e cooperação de todos os elementos da equipe, não se joga futebol e, principalmente, não se conseguem bons resultados desportivos. Na A República (415a), Platão, pela voz de Sócrates, declara: *“Vós sois efectivamente todos irmãos nesta cidade”*. Se todos eram parentes nas cidades helênicas, significava que todos deveriam cooperar entre si e com a pólis. Essa cooperação, por seu dinamismo, aparece de várias maneiras, como podemos constatar: *“...se eles jogarem melhor, nós também vamos jogar melhor” (PO1)*. É a ação cooperativa de uns agindo para estimular e beneficiar os companheiros. *“Somos todos uma equipa onde...queremos ganhar e ajudar uns aos outros” (CH2)*. A dimensão cooperativa da equipe leva as vitórias desportivas e as vitórias da alma. *“É que nos demos bem dentro do campo e puxamos todos para o mesmo lado” (PJ3)*. Puxar para o mesmo lado significa cooperação de esforços na direção de um bem comum, sem desperdício de energia e sem a destruição dos objetivos. *“Todos têm que ajudar uns aos outros como uma família” (SR4)*. Como queria Sócrates (acima citado), é na instituição de uma família que se vislumbra a possibilidade de maior cooperação e amizade; conseqüentemente, a sustentação da pólis. *“Quando entramos todos dentro de campo tentamos ajudar uns aos outros...” (ON1)*. O campo desportivo é o espaço sagrado onde se expõem as virtudes e as dificuldades humanas. *“A equipa tem que estar sempre unida pra jogarmos...ganhamos se jogamos unidos...” (GJ4)*. Aqui, a união é a excelência da cooperação e da amizade movendo-se na direção da felicidade de ganhar e aprender o valor da união. *“Se tivermos todos juntos, sim há facilidade pra confiarmos uns nos outros...e jogarmos bem” (OG1)*. Jogar bem é a finalidade, e para caminhar nessa direção é necessário estar

juntos e, sendo assim, encontrar maior facilidade. São os caminhos da cooperação desenvolvendo a sabedoria de viver. “...eu acho que o espírito de grupo tem que ser sempre forte e apoiarmos sempre uns aos outros” (FH2). Os valores encontrados no espírito de equipe são: amizade, cooperação, companheirismo, pacto, aliança, reciprocidade e outros. Essas qualidades geram um elo de conforto e segurança diante das dificuldades que devem ser transpostas e, uma vez superado o desafio, o que fica é a sensação agradável de bem-estar. “É o espírito de entreaajuda...Quando nos momentos difíceis apoiar sempre... não só evolui ele como evolui os colegas...” (OJ4). Essa observação deixa claro que a cooperação e a solidariedade, ao mesmo tempo, facilitam a tarefa desportiva, fazem com que os jovens caminhem na direção da excelência da arte de buscar juntos (Lynch e Al Huang, 1998). “Essencialmente, trabalhar pra equipa, trabalham muito pra equipa e, depois tem as suas qualidades...” (TB1). A pólis, em nossa opinião, era um trabalho em equipe – assim como é o clube de futebol – e essa tarefa consistia em tornar-se “uma entidade viva, formativa, que exercitava o espírito e formava o carácter dos cidadãos. Constituía uma preparação para *aretê*” (Ferreira, 1996: 79). Algumas dessas características são facilmente notadas no interior de um projeto desportivo, pois o prazer pelo treino e pela competição faz com que os atletas de todas as idades, sexo, idade e através dos tempos, conforme acontecia com os helênicos que se encontravam nas competições, tenham a possibilidade de demonstrar a sua excelência em confronto com os outros (Ferreira, 2000). Nesta ordem de considerações inscrevem-se outras declarações: “Dentro do campo...ajudávamos todos, com alegria, éramos todos amigos uns dos outros, não ia passar a bola aquele...era igual, um ambiente bom” (LD3). “Se tivermos a confiança dos amigos e...da equipa...pode se integrar mais fácil e fazer melhores exibições com a ajuda deles...se tiver o apoio deles” (VT2). “Dando apoio a sua equipa...a equipa sobe de moral e muitas vezes faz coisas que nem pensavam que fossem capazes de fazer. O que sabemos também podemos ensinar aos próximos, aos outros...” (LF4). A interação de sinergias, aplicada à atividade desportiva, realmente produz efeitos positivos e favoráveis à formação dos jovens, conforme vemos na exibição de palavras como “alegria”, “ajuda”, “amigos”, “ambiente bom”, “confiança”, “apoio”, “equipa”, “integrar”, “melhores exibições”, “moral”, “ensinar os próximos”. É interessante notar que, se estudarmos a derivação do verbo competir, veremos que o seu significado é “buscar juntos” (Lynch e Al Huang, 1998: 158), e a idéia de buscarmos juntos não se prende apenas à cooperação entre os companheiros de uma mesma equipe, mas também com os adversários. Esse modo de

ver a competição desportiva atinge um nível de sublimação dos sentimentos e dos pensamentos, uma vez que aponta para um sentido apurado de autodescoberta, portanto, uma chance de mostrar as habilidades físicas e os sagrados princípios de excelência como: “alegria”, “ajuda”, “amigos”, “ambiente bom”, “confiança”, “apoio”, “equipa”, (...).

Existe uma história muito interessante a respeito da virtude da cooperação, ocorrida entre atletas de atletismo nas Olimpíadas de Amesterdã, em 1928, contada por Cousineau (2004: 60): “Nurmi tropeçou e caiu na água que devia ter pulado. Um dos seus rivais, (...) Lucien Duquesne, parou e ajudou-o a levantar e voltar à corrida. Nurmi ficou tão agradecido pelo gesto inesperado que se recusou a ultrapassar o outro (...). Cruzaram juntos a reta de chegada”. Esse tipo de cooperação vale mais do que uma medalha, troféu ou prêmio. Situações como essa são relativamente normais no interior dos desportos, senão vejamos o que nos conta, agora, os nossos jovens entrevistados: “Incentivo-o, ajudo-o, me preocupo em dizer: *erraste agora mas, daqui um bocado, na outra bola já vais conseguir passar, marcar golos e não se preocupar*” (OH1). “...têm que fazer com que as pessoas sintam-se motivadas pra jogar...que sintam...sintam fortes e mais fortes até do que realmente são...” (GV3). Mesmo tratando-se de parceiros de uma mesma equipe são, na verdade, o *ouro* dos sentimentos, das ações e das cooperações humanas, e não podemos deixar de considerá-los na busca de uma educação em valores. Talvez, por isso, Bento (1998: 11) deliberou que, no desporto, “abre-se ao homem a vivência do jogo, da competição, do rendimento, do risco, da configuração, da comunicação e da cooperação, da convivialidade, intimidade e sociabilidade”. Nessa perspectiva, temos que perguntar qual seria o tamanho e a importância da educação e a formação dos jovens e adultos, caso não se considerassem seriamente esses princípios, valores e virtudes. Quem responde é o próprio Bento (1998: 11): “Ora a educação e a formação (...), mas também as categorias fundadoras do homem, voltadas para configuração significativa de espaços de liberdade. Até porque a criação e manutenção de sentidos, no âmbito de vivências, afectos, sentimentos e emoções livres de finalidades utilitárias, é vista em muitas reflexões antropológicas e pedagógicas como necessidade humana”. Essa necessidade dirige a sua *flecha* para o coração da excelência humana.

Solidariedade

Depois de discutir alguns pontos importantes, relacionados aos princípios e valores referentes à *aretê* da pólis grega, como a amizade, a tradição e a cooperação, achamos necessário aprofundar essa reflexão, apreciando um dos mais expressivos valores da comunidade humana: a solidariedade. Enquanto a amizade e a cooperação, normalmente, estão ligadas à relação entre pares; conhecidos, colegas, parentes e amigos, a solidariedade vai além, ao encontro de todos (conhecidos ou não) e de tudo (humanos, animais, meio-ambiente). Um sentimento que brota da mais profunda fonte no cantinho dos corações ternos, para, daí, jorrar a cristalina compaixão, despertando a intenção de prestar auxílio aos homens, às mulheres, às crianças, aos animais, à natureza e a todos os seres que necessitam de apoio, amparo, proteção, conforto, consolo, ajuda e assistência moral. “A consciência de nossa humanidade nesta era planetária deveria conduzir-nos à solidariedade e à comiseração recíproca, de indivíduo para indivíduo, de todos para todos” (Morin, 2000: 78). Aproximando essa perspectiva, temos algumas manifestações dos entrevistados: *“Pelo contrário...ajudá-los e apoiá-los, principalmente os que mais precisam...quando eles falham e tento sempre apoiá-los...nunca tento deitá-los abaixo, sinceramente faço um esforço pra isso”* (TB1). A verbalização demonstra cuidados mais amplos do que simplesmente a relação de companheiros de equipe. Há uma nítida noção de solidariedade e compaixão, principalmente com os que mais precisam e, junto, a consciência da necessidade de uma auto-educação; em termos kantianos, fazer o seu dever: *“sinceramente faço um esforço pra isso”*. Outra opinião: *“...quando ele erra, ele próprio não queria errar, e se errou, aconteceu e tento dar moral pra ele se sentir bem com ele mesmo e pra próxima jogada...não correr mal, para ele entrar com mais confiança na próxima jogada”* (LD3); *“Nós nunca podemos deitar abaixo um colega...senão ainda fazes ficar pior...se um colega falha, temos que dar mais apoio pra melhorar...”* (SR4); *“Também ajudá-los a levantar a moral, não é? Incentivar, não deixar a equipa ir abaixo, e eu não me deixar ir abaixo também, não é?”* (PO1). Sponville (1996: 149) ensina que a moral “é uma imitação do amor: agir moralmente é agir como se amássemos” e, dessa maneira, quando os nossos atletas de formação falam sobre “dar moral” e “ajudá-los a levantar a moral”, talvez estejam oferecendo-nos uma demonstração de afeto, consideração, amor e solidariedade. Essas declarações indicam que a solidariedade acontece entre os companheiros de uma mesma equipe. Contudo, há no contexto desportivo, uma outra manifestação de solidariedade; aquela que é dirigida aos

adversários: “*No final do jogo cumprimento todos, desejo boa sorte e...Não posso fazer muito mais...*” (TB1). Desejar boa sorte e cumprimentar os adversários, embora pareça pouco, é uma prova de civilidade e de um coração solidário. “*Dou os parabéns na mesma, mas uma pessoa fica...que ganhe sempre mas é os outros jogos*” (GL2). Aqui, embora com alguma brincadeira irônica, há o cumprimento e a parabenização; denotando assim que há mais do que o esforço para se vencer uma competição. Já um outro entrevistado amplia: “*Ao fim do jogo costumo cumprimentá-los e desejar felicidades*” (LD3). Quando se deseja felicidade, além do cumprimento e dos parabéns, é porque estamos interessados que aconteça o melhor para o adversário, e este passa a ser um companheiro de jornada – todos queremos ser felizes na caminhada do viver. Em consonância a essa opinião: “*Cumprimento-os ao fim do jogo...não gosto de estar mal com ninguém e no fim do jogo, desportivamente cumprimento os meus adversários*” (CD3); “*Claro que vou cumprimentá-los no fim do jogo, vou cumprimentar o adversário que...é fair play isso...acho que deve ser feito. Nunca gozo com eles porque...porque, se fosse eu a perder, não gostava que gozasse comigo*” (OJ4). Aqui, o termo “*desportivamente*” significa o sinônimo do ideal de “*fair-play*” que, entre outros valores, alberga a solidariedade, conforme podemos notar, também, através das considerações de Rubio e Carvalho (2005: 350), quando esses autores estabelecem a relação entre a *aretê* e o *fair-play*. “O movimento olímpico contemporâneo buscou, por meio do *fair-play*, reviver a *aretê* grega”. Nessa direção encontramos também: “*Cumprimento-os...digo que fizeram um bom jogo e felicidades para próxima*” (LF4). -“*Cumprimento-lhes e desejo felicidades para o futuro*” (ON1). “*Cumprimento-os e...felicidades pra próxima sair melhor*” (PJ3). “*Ao fim do jogo cumprimenta-se é claro, felicidades pra os jogos*” (VT2). “*Normalmente costumo...dar os parabéns aos jogadores pelo esforço que eles tiveram e...desejar felicidades*” (LO2). Quer seja pelo valor do esforço, quer seja por outro valor qualquer, o fato é que há, junto com o cumprimento, a vontade de desejar felicidades a todos. Essa felicidade é a expressão de viver bem por intermédio do desporto. Com efeito, não foi por outro motivo que a Sua Santidade, o Papa João Paulo II (2000: 4), discursou: “A vossa paixão pelo desporto é um ponto de referência para a solidariedade humana”. Seguindo essa trajetória, verificamos: “*Normalmente, no fim do jogo, cumprimento todos os adversários, cumprimento toda a gente, caso tenha havido discussões ou não, acho que no fim é assim...*” (OH1); “*Cumprimentar e desejar as felicidades para o campeonato. Às vezes há picardias mas depois passa, no final resolvemos tudo*” (CH2); “*Faço sempre o*

mesmo, que a equipa ganhe ou perca...cumprimento os jogadores... Há sempre aquela competição, temos que ganhar mas no final do jogo somos todos amigos” (SR4). Observamos que essas palavras demonstram haver a possibilidade de superação das diferenças competitivas – e outras – através da tolerância. A prática desportiva pode oferecer-nos um ótimo exemplo da observância desses valores e, segundo Bento (2006a: 21), é “em nome dessa finalidade civilizacional que a sua prática se justifica. Porque os homens e o mundo têm fome de justiça, de solidariedade...”. Atentemos para essa singela e, ao mesmo tempo, edificante opinião: “*Ter boa sorte...pra eles também não ficarem...tristes...dá-se um ânimo” (GJ4).* Existe algo que demonstre mais solidariedade – o jovem entrevistado, nitidamente, se coloca na posição do outro – com tamanha simplicidade? Vamos adiante: “*No fim do jogo vou cumprimentá-los, respeito. Só se um jogador pegar comigo durante o jogo... Mas no fim faço sempre as pazes, cumprimento e pra próxima vai haver mais, a brincar com ele. Ficamos sempre amigos” (OG1); “Continuo com o mesmo respeito...a equipa adversária e...no fim do jogo, cumprimento-os de forma simpática e desejo-lhes boa sorte pra o resto do campeonato” (FH2); “Eu respeito sempre os meus adversários, nunca troço, nunca...respeitar sempre o adversário é sempre bom pra nós... sabe sempre bem ganhar” (GJ3); “A dar apoio a esse amigo nos bons e maus momentos...Ajudando-o a resolver um problema...Dizendo qual a melhor maneira ou ficando ao lado dele...” (LF4); “É uma pessoa que nos felicita quando erramos e quando...cumprimos bem o nosso trabalho. Uma pessoa que nós estejamos a jogar bem ou mal...nos favorece sempre, que sempre defendemos e quer o melhor pra nós” (GV3).* O respeito, a superação dos desafios, a consideração, a amizade e a simpatia são os princípios e as bases onde se alicerçam a excelência das relações, remetendo-nos à solidariedade e ao ideal de fraternidade, pois, considerar “os membros da própria equipe e os oponentes como irmãos e irmãs continua sendo uma das metas do esporte moderno” (Cousineau, 2004: 41). O ambiente desportivo não é, de modo algum, imune aos acontecimentos exteriores; pelo contrário, há uma íntima relação entre as dimensões desportivas e pessoais, senão vejamos: “...ele estava a jogar connosco, estávamos num torneio e, durante o torneio recebeu a mensagem de que o pai havia falecido...isso aí ficou muito e...todos ficamos abatidos e...fomos para o jogo tristes mesmos, assim interior. Triste por nós e triste por ele...foi mesmo assim, acho que foi o pior” (OH1); “Eu comecei a falar muito mais com ele e...chamá-lo pra ir à minha casa e íamos sair, íamos fazer alguma coisa, pra ele não pensar nisso...que ele esperasse...” (SR4). A solidariedade é

o sentimento que nos torna humanos. É uma sensação íntima que nos perturba afetivamente, impressiona-nos ou nos comove, trazendo à tona sentimentos que não são meus, mas de um outro (Alves, 2006). Isso é a revelação da mais excelsa *aretê*

Em se tratando de excelência, as declarações (a seguir) de dois dos nossos entrevistados são para ser consideradas como jóias deste assunto: “*Mas eu acho que não deve pensar só em ti, também na evolução dos outros*” (OJ4); *O fato que estamos constantemente a ser solidários. Acho que a solidariedade no desporto, permite-nos...não só na vida pessoal*” (FP4). Desde sempre a humanidade dependeu da solidariedade para sua sobrevivência e, ao que parece, dela dependerá ainda mais, dados os grandes desafios civilizacionais. É Morin (2000: 113) que nos adverte: “A partir do século XX, a comunidade de destino terrestre impõe de modo vital a solidariedade”. Nesta parte das entrevistas, pelo que foi dito, interpretamos que há vestígios, pontos e indícios de solidariedade e que há várias maneiras de demonstrá-la: em relação aos companheiros de equipe, aos adversários; individual e coletivamente, além de produzirem relações de aprofundamento referentes à natureza solidária, conforme nos ensinaram, isto é, que “*não deve pensar só em ti, também na evolução dos outros*” e, também, aprendem que “*a solidariedade no desporto, permite-nos...não só na vida pessoal*”. Alves (2006) considera que não saberia ensinar solidariedade, e mais, ele afirma que a solidariedade, assim como a beleza, não pode ser ensinada. A questão é importante e nos remete ao discussão socrática, em outras palavras, se a virtude (*aretê*) pode ser ensinada ou não. Contudo, mesmo aceitando as considerações de Alves acima citada, vamos aprofundar a discussão à luz da responsabilidade da educação. A solidariedade, assim como a *aretê*, não pode ser ensinada? Assim sendo, a determinação pedagógica seria de reconhecimento e de apoio e não de dificultar o seu desabrochar. Ela existe em estado latente? A solidariedade não mora no mundo exterior, mas dentro do corpo, enterrada na carne, como semente à espera (Alves, 2006). Ou, a solidariedade, assim como a *aretê*, pode ser ensinada? Para Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1103a, 30) se atinge a virtude através da sua prática. Na verbalização dos nossos entrevistados a solidariedade aparece em diversos momentos e de diferentes manifestações. Portanto, independentemente da possibilidade de ser, a solidariedade (e a *aretê*), ensinada ou não, o fato é que os educadores e treinadores desportivos não podem deixar de, na sua prática pedagógica, incentivar, apoiar e dar exemplos de solidariedade; um dever ético e que nenhum agente de formação pode prescindir. Não podemos abandonar a possibilidade de transmitir a solidariedade, bem como todas as espécies de *aretai*, quer na pólis

(escola e clube), quer na cosmópolis (cidade, país e planeta), ou seja, realizá-la em nossas próprias vidas, a fim de superarmos os grandes desafios de nossa época. Colocar uma pessoa em situações de confronto seria, conforme acontece no desporto, a melhor maneira de transmitir os valores (Fagundes, 2001). O desporto como meio de formação vive essa responsabilidade todos os dias através do treino, da competição e na profundidade de seu sentido. Afinal, “a formação desportiva deve encaminhar para a solidariedade sem a qual a felicidade não é possível” (Bento, 2006a: 37). Essa visão humanista, em relação à tarefa desportiva, e a sua repercussão social e educativa contempla o ideal da *paidéia* nas cidades helênicas. Jaeger (2003: 147) confirma essa ilustração: “A antiga cidade-estado é o primeiro estágio, depois da educação nobre, na caminhada do ideal humanista para uma educação ético-política geral e humana”.

Educare(tê):

O Exemplo

Uma das práticas, nitidamente definida, da antiga civilização grega era a utilização do exemplo dos mais velhos e das sagas dos famosos heróis como meio de formação. Era a pedagogia do exemplo. Foi dessa maneira que os grandes homens (heróis e semi- deuses) foram formados. Por um lado, as “sagas encerram todo o tesouro dos bens espirituais que constituem a herança e o alimento de cada geração” (Jaeger, 2003: 58). E, por outro, os ensinamentos de Quiron (o centauro) e Fênix (o educador de Aquiles), muitas vezes, eram transmitidos pelo exemplo. Assim, a educação que os jovens recebiam era fruto “dos conselhos e dos exemplos de um mais velho...” (Marrou, 1969: 25). Aquiles e Fênix desenvolveram uma relação tão especial que o herói da *Ilíada* considerava o seu mestre como um velho e bom pai (Marrou, 1969).

Na consulta que fizemos aos jovens atletas de futebol, verificamos que todos possuíam afinidade com um ou mais ídolos desportivos. Um deles disse: “*Posso dizer, neste momento o Ricardo Carvalho, do Chelsea...pra mim, penso que é um exemplo...*”, depois, continuou enumerando os seus exemplos desportivos: “*(...) John Terry...vejo que ele é...de fato, é o líder e ele é que manda e...transmite o espírito e rege bem a equipa toda. É uma pessoa comedida, não é exagerado...*”. Mas o que nos chama atenção é o comentário envolvendo o pai desse atleta: “*Um atleta que de fato é um grande ídolo é o meu pai. Posso falar do meu pai que psicologicamente ele é muito forte. Ele dentro de campo é o líder da equipa...é o que eu gostava de ser, sinceramente*” (TB1). Ao analisarmos esse depoimento, avaliamos que, embora o atleta

tenha outros exemplos no campo desportivo, é seu pai, como atleta, o seu grande exemplo: “*é o que eu gostava de ser, sinceramente*”. Ou seja, a formação desse jovem atleta, se dependesse dele, seria pautada, pelo menos em parte, no exemplo do seu atleta-pai. Presenciamos, também, outras manifestações como: “*O Quaresma. A sua capacidade de fintar em velocidade...e depois...melhor é finalizar*” (PO1). “*Adriano. Do Inter de Milão. É a forma de jogar e como é da minha posição...é sempre uma referência pra mim*” (GJ3). “*O Ronaldinho. Ronaldinho do Brasil. Do Barcelona. A sua técnica...a sua forma de jogar, assim...muito à vontade, ele não tem medo de transportar a bola, muito rápido...ele cabeceia bem, ele tem tudo; de bom jogador ele tem tudo, acho que não lhe falta nada, mesmo*” (OJ4). “*Gosto do Cristiano Ronaldo, do Ronaldinho (gaúcho) e também gosto muito do Quaresma e do Lucho Gonzales. A maneira como eles jogam. O Ronaldinho, o Cristiano Ronaldo e o Quaresma, gosto...acariciam a bola, dá gozo ver. O Lucho é com passividade ele faz o jogo todo um espetáculo*” (OG1). Aqui, a escolha é realizada levando em consideração a virtuosidade e a excelência técnica demonstrada pelos atletas adultos, os quais servem de “*referência*” à carreira desportiva e estímulo à formação desses atletas. Entretanto, os jovens exigem um pouco mais do que apenas as qualidades técnicas de seus escolhidos: “*Ronaldinho Gaúcho. A vontade com que ele joga a bola. Joga a bola é muito contente, ri...sai-lhe tudo bem, as fintas que ele faz...*” (LD3). “*Pra mim é o Ronaldinho, o gaúcho. É a forma dele jogar, está sempre a sorrir, por mais que o jogo corra mal ele está sempre a sorrir, por mais que ele esteja em desacordo com o árbitro, está sempre a sorrir, não é jogador que resmunga, não é um jogador que tem maldade entre aspas...acho que joga com felicidade e gosta de jogar e por isso mostra no físico dele, na cara dele, mostra que gosta de jogar futebol*” (OH1). A identificação com o ídolo reflete-se agora não apenas na forma técnica de jogar o futebol, mas sim no modo como se joga. Alegre, contente, felicidade, gostar, otimismo, sem maldade e vontade são palavras ligadas ao aspecto lúdico do desporto e que denotam, entre outras acentuações, a relação da criança ou do jovem com a maneira prazerosa de jogar futebol; nenhuma parte da formação humana pode prescindir desses princípios. A maioria dos jovens que foram consultados por nós foi ainda mais exigente. A princípio, apontaram virtudes mais gerais: “*O Figo. A sua coerência, a sua vida...na vida pessoal e na vida futebolística*” (GL2). Depois passaram à análise mais detalhada para definir o perfil do seu ídolo e exemplo: “*Figo, tanto dentro do campo como fora do campo... Dentro de campo é as qualidades dele... (...). Joga para a equipa, mas a nível*

individual também é muito bom (...). Como ele está fora do campo, a presença dele... O fato de usar a sua imagem...uma imagem conhecida por todo o mundo. Para ajudar crianças (...) pra todos” (FP4). “O Figo. Quando vai para uma entrevista ele sabe o que dizer, ...assim admiro muito no Figo...e depois as suas qualidades técnicas. A sua personalidade no mundo do futebol. Sei que tenta ajudar os jovens...É uma fundação que os bens é pra ajudar; caridades” (CH2). “Talvez o Figo, pela sua maneira de... Acho que é um exemplo pra todos os jogadores porque...através do mérito que ele teve, que ele conquistou...é um excelente jogador, é um dos melhores jogadores do mundo e não se envaideceu” (ON1). “O Figo e o Deco. A forma de jogar a sua técnica...a forma como eles encaram o jogo...e sua atitude dentro de campo, dão tudo pelo seu clube e já mostraram isso. Acho que são bons profissionais, pelo menos pelas entrevistas que ouço deles e pelo que leio, penso que são sinceros e bons desportistas” (FH2). O desfile de atributos relacionados ao comportamento técnico e das atitudes pessoais referentes aos atletas espelham o interesse e a predisposição dos entrevistados em valorizar a personalidade, a educação, a alma e o homem completo; e, com isso visualizamos, do mesmo modo que no período da Grécia Antiga, uma excelente forma de educação pelo exemplo. Jaeger (2003: 68) ao discorrer sobre o tema do exemplo, ou do modelo, nos poemas de Homero, ressalta que o poeta: “Louva e exalta o que no mundo é digno de elogio de louvor” e acrescenta que os exemplos míticos eram “para todas as situações imagináveis na vida em que um homem pode estar na presença de outro para aconselhar, advertir, admoestar, exortar e lhe proibir ou ordenar qualquer coisa”. A épica de Homero, tendo no seu interior o modelo de homem ideal, é, por natureza, a cobiçada idéia de um mundo ideal.

Seguindo o mesmo princípio já comentado, vamos notar outras configurações feitas pelos atletas da categoria de formação e que dizem respeito a seus modelos desportivos; atentemos para as qualidades que norteiam as escolhas: “*Há sim, o Rui Costa. A forma dele jogar...Honesto, humilde...*”(LO2). “*Nuno Gomes... Honestidade... A maneira como ele leva o futebol como uma coisa normal na vida. Não se enerva...faz o seu papel... (...) ao grupo*” (LF4). Honestidade, simplicidade, serenidade, cooperação e consciência do dever não é pouco para tão poucas palavras, ou seja, a capacidade desses jovens é quase cirúrgica, quando se trata de reconhecer as virtudes de seus ídolos. Vamos adiante: “*Pra mim, ... é o João Moutinho. Joguei no Sporting; dois anos e tive muito tempo com ele. O que mais aprecio nele é a humildade. É uma pessoa normal, fala conosco...bem como eu. Aprecio o esforço dele, esforça-se*

no campo, tenta fazer sempre o melhor dele” (PJ3). Além das outras qualidades já mencionadas, esse entrevistado acrescenta o apreço pelo valor da superação, uma marca do estudo da *aretê* grega. Vejamos outras observações: *“Sim, O Lampard e o Figo. A maneira deles jogarem e mantêm sempre o...a mesma...tipo aqueles jogadores que...depois de serem famosos mudam logo o penteado e fazer aquilo...Eles não. Eles sempre foram profissionais, sempre a jogar futebol...sempre da mesma forma de quando começaram...” (VT2).* *“O Manuel Fernandes do Benfica. A simplicidade dele...a inteligência dele...a maneira como ele fala, a vontade dele...é a maneira dele jogar também claro, é um grande jogador...é isso” (GV3).* Verificamos que os desportistas mais jovens, quando se trata de eleger o seu modelo de atleta, sabem muito bem distinguir aquilo que apreciam do que não apreciam (*“depois de serem famosos mudam logo o penteado e fazer aquilo...”*); não se deixam levar pela aparência e apostam na essência dos grandes atletas. O que prova que esse é um tema que merece interesse e estudo por parte da pedagogia e de outras áreas afins. *“Cristiano Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho. São jogadores rápidos... O Ronaldinho gosto das fintas que ele faz...é bonito vê-lo jogar, gosto de ver jogar. (...) Cristiano Ronaldo que...quando era mais novo ajudou um colega a ficar no Sporting. O Sporting não ia lhe dar casa nem nada...ele ajudou...ficou no quarto dele. Achei uma atitude bonita” (GJ4).* Como se pode notar, essa a observação baseia-se num fato, as vezes pouco assinalado pela imprensa, de solidariedade e que leva o jovem a dizer: *“Achei uma atitude bonita”*. Nós interpretamos que as pessoas que agem com solidariedade, ensinam mais sobre solidariedade do que qualquer discurso bem intencionado. *“É o Ronaldinho Gaúcho. Acho que é jeito como ele joga futebol. Pode sofrer faltas, está sempre a rir...acho que muitos jogadores jogam por dinheiro...ele joga mesmo por amor ao desporto. Porque além dele ser o maior jogador do mundo, já participou em campanhas e em ações...Tudo que os jogadores fazem é um exemplo (...), e o Ronaldinho é, pra mim, acho que é um grande exemplo...” (SR4).* Embora o pensamento seja longo, ele está carregado de sentido: por que o atleta profissional de futebol joga? Para ganhar muito dinheiro? Pode ser. No entanto, na opinião desse moço, existem atletas profissionais que são ricos, por conseqüência de amar o desporto que praticam; uma prova da genuína excelência e, naturalmente, *“um grande exemplo...”*.

Deixamos por último uma das mais significativas apreciações sobre os modelos desportivos: *“O Eusébio foi um grande jogador antes de eu ter nascido. Eu não era do tempo dele, mas já vi jogos dele...fantásticos, mesmo fantásticos e como pessoa também*

é fantástico, uma pessoa simples” (CD3). Mesmo sem ter visto o excelente Eusébio atuar, o nosso entrevistado lembra-se dele como um exemplo de atleta (fantástico) a ser seguido. A sensibilidade do atleta de formação em assumir o ex-atleta Eusébio, como exemplo, demonstra que os grandes ídolos são modelos eternos e alcançam essa distinção pelos méritos de um passado de glória. Essa educação silenciosa vem-se desenvolvendo ao longo dos milênios o que levou Jaeger (2003: 68) a sentenciar: “Há no seu âmago alguma coisa que tem validade universal”. O desporto em geral e o futebol em particular contam a história de heróis, semideuses e mitos. Nesse sentido, os “ídolos desportivos são verdadeiros representantes dos seus irmãos, semideuses entre deuses e os homens, modelos de imitação para os seus admiradores” (Costa, 2006: 47). Uma vez, os atletas de futebol profissional do C. R. Vasco da Gama salientaram “a responsabilidade que eles têm como jogadores, devido à importância do exemplo, mais ainda para as crianças e para os jovens” (Murad, 2006: 94); o dever aristocrático dos antigos guerreiros de Homero está presente hoje, pelo menos, dentro dessa parcela de atletas de futebol. Oxalá esses meninos que aqui apresentaram suas opiniões sobre o exemplo do atleta de futebol possam, um dia, pertencer à mesma categoria daqueles atletas acima mencionados e que continuem inspirando os mais jovens a trilharem um caminho de vida, pelo desporto, que valha a pena viver; um caminho de virtude e de excelência.

Limites e oportunidades

Saber lidar com as demarcações dos limites e das oportunidades parece ser um dos pilares da educação. Considerando o desporto, vale também para qualquer área da formação humana, perguntamos: Até onde se pode ir na busca do êxito desportivo? Até onde podemos estimular, instigar, impulsionar, superar, vencer sem comprometer os limites da ética, das possibilidades, das necessidades e da dignidade? O fato é que, quando nos deparamos com os limites, estamos diante de uma oportunidade e, do mesmo modo, quando encontramos uma oportunidade, avistamos logo os seus limites. O desporto é uma atividade em que, permanentemente, crianças, jovens e adultos (e idosos também) enfrentam esse dilema. Muitos acham que, por essa razão, as crianças, os jovens e os adultos que praticam desporto, estão mais preparados para enfrentar os limites e as oportunidades que a vida lhes oferece. Albert Camus, futebolista juvenil nos seus anos argelinos, conta que depois de muitos anos em que o mundo ofereceu tantos espetáculos, declara que o “melhor que sei sobre a moral e as obrigações dos homens

devo-o ao futebol” (in Gonçalves, 2002: 129; in Savater, 2000:95). Esse tema oferece possibilidade para se discutir o ser humano e as suas experiências de carência e de limites, de competência e de incompetência, de autonomia e de dependência (Bento, 1998). Por esses princípios vamos, a partir do discurso dos entrevistados, analisar essa temática: *“Quando nós ultrapassamos as nossas dificuldades nós...nos conhecemos melhor...claro. Nós, se calhar, pensamos que temos uma certa limitação e se conseguimos ultrapassar, pronto, descobrimos algo novo em nós” (TB1)*. A questão que se avizinha é a seguinte: Será que superar uma limitação é uma possibilidade de nos conhecermos melhor? Para Sócrates a verdadeira virtude era o autoconhecimento (Jaeger, 2003) e, à medida que se vai enfrentando os desafios desportivos vai-se descobrindo *“algo novo em nós”*. Essa autodescoberta vai, pouco a pouco, desenvolvendo a autonomia; quem age com mais autonomia se conhece melhor. A confirmação vem através do julgamento: *“Há momentos, há dificuldades que não são fáceis de ultrapassar...Quando nós vencemos uma barreira, sentimo-nos bem, sentimo-nos contente com nós próprios, e assim começamos a nos conhecermos melhor, sabemos que temos qualidade para vencer outras barreiras” (FH2)*. Mesmo assim, não há perfeição. Há, sim, a nossa imperfeita perfeição (Lynch e Al Huang, 1998), uma vez que: *“Por muito bem que eu jogue, acho que posso sempre fazer melhor...acho que nenhum jogo é perfeito” (LD3)*. Parece que a perfeição é algo destinado aos deuses; sendo assim, os homens podem valer-se dos atributos ligados à *aretê* – que emanam dos deuses – a fim de empreender, passo a passo, a busca pela excelência: *“Os momentos mais difíceis é que mostram a mim o quanto é que eu sou capaz de explorar. O quanto eu sou capaz de chegar a um patamar” (GJ3)*. A designação *“eu sou capaz”*, dita duas vezes, alude à idéia de autoconhecimento e de competência; nas palavras de Adorno (2002: 67) isso pode não se tratar *“de um “saber” absoluto, mas de um “saber” que se faz, de um saber que, humanamente, nunca se esgota, mas se constitui tal na própria pesquisa contínua”*; uma prontidão para fazer mais e melhor, portanto, uma das medidas da *aretê*.

Uma das medidas de excelência é a vitória (desportiva); todavia, embora ela seja muito cobiçada, há certos limites a serem observados para a sua conquista como, por exemplo, os limites éticos, os da dignidade humana e os de respeito às regras (Garcia, 2006b). Lidar com os sentimentos que acompanham os resultados de vitória ou derrota podem, sendo cuidadosamente articulados pedagogicamente, ajudar na construção de uma personalidade saudável. Vamos atentar para essas declarações: *“Quando perdemos*

e sei que jogamos bem, sinto-me completamente frustrado e, se perdemos e não jogamos tão bem, temos que admitir a derrota e trabalhar durante a semana pra vencer o próximo jogo” (CD3). “Quando nós queremos uma coisa e se fizermos tudo por ela...acho que acabamos por ter a vitória. ...se for no lado desportivo, se perdermos e dermos tudo...acho que também é uma vitória pra nós, porque nós sabemos que demos tudo, mas...também por causa do desporto isso é uma derrota, mas em nós fica a vitória, porque nós fizemos de tudo e tentamos (...) e pra nossa evolução também” (OJ4). Pelo exposto, nos parece que essas crianças e os jovens encontram sentido tanto na vitória como na derrota, pois diagnosticam, tanto numa experiência como na outra, elementos que podem oferecer singularidade às suas vidas: “admitir a derrota” não significa acomodação, ao contrário, indica a necessidade de valorizar o trabalho “*pra vencer o próximo jogo*”; também se observa que, embora jovens, eles já descobriram que não se consegue vencer sem disponibilizar muito esforço. É particularmente interessante notar a expressão do valor ético atribuídos à dedicação e ao esforço por uma causa (vencer um jogo de futebol) “*se perdermos e dermos tudo...acho que também é uma vitória pra nós*”. Conseguir destacar, mesmo diante da objetividade do resultado, a sutileza de uma vitória (“*em nós fica a vitória*”), quando se perde, é aspirar à *beleza* (uma evolução) “*e fazê-la sua é não perder nenhuma ocasião de conquistar o prêmio da mais alta arete*” (Jaeger, 2003: 35). Essa evidência paradoxal surge, no desporto, de diversas maneiras: quer no contexto de vitórias e derrotas quer no de acertos e erros. “*...quando acerta com alguma coisa, acho que se deve dar valor a isso, e quando erra dá-se valor na mesma, é negativo mas tem-se que se dar valor porque ele tentou fazer, não é abaixar os braços, ele tenta fazer, não consegue é outra coisa...pelo menos esforçou-se para fazer*” (OH1). O que fica marcante é o fato de essas crianças e jovens terem consciência do valor do esforço; se há esforço, independente do resultado, há que se valorizar aquele que o realizou. Esse é um jeito de se verificar a importância educativa, humana e axiológica do rendimento desportivo (Bento, 1998).

Durante uma competição desportiva, encontramos-nos a cada momento com as bitolas dos limites e das oportunidades, dividimos com os nossos companheiros de equipe, no caso do futebol, o esforço para conseguirmos bons resultados e que, na verdade, são o somatório de ações realizadas a cada momento de uma partida; por outro lado, confrontamos as nossas possibilidades e competências com os adversários: “*A competição também é importante porque...competimos com alguém que (quer) sempre vencer, acho que isso é normal e ajuda-nos a desenvolver capacidades ganhadoras ...*”

(ON1). A competição é uma força socializadora, porque, para competir, precisa-se dos demais; ninguém compete só. Só quem me reconhece como igual compete comigo e é capaz de camaradagem na rivalidade (Savater, 2000). É nessa relação socializadora que se aprende a desenvolver “*capacidades ganhadoras*” através da luta ética para vencer. O homem é homem na relação com o outro e sua formação pode ser um tanto maior se aprender a reconhecer a ética do seu esforço, e a do adversário, na busca da vitória. Por isso, mais especial do que a vitória (que é muito importante) é o modo de conquistá-la: “*O objetivo é atingir o objetivo...se não feito por nós, se não sair do nosso trabalho e do nosso esforço não tem qualquer significado*” (GL2). Na educação socrática podemos ver, pelas informações de Adorno (2002: 82), a seguinte consideração: “Sócrates (...) considera homem de verdade quem tem sempre consciência daquilo que é, das suas competências, e que sabe que não há acto bom, se tal não é fecundo, não se realiza bem, não é útil...”. Não foi o que disse o nosso entrevistado? Ao se referir, com sabedoria, a respeito da sua prática desportiva à criança, ou ao jovem, fortalece a tese de que o desporto é um rico meio pedagógico de formação. Sendo assim, não se entende por que, de vez em quando, não há apoio para que as crianças e os jovens participem dessas atividades (um limite difícil de transpor): “*Há alguns que gostavam de ser jogadores de futebol, mas não tinham possibilidade pra ser, os pais não apoiavam, não lhe davam as facilidades que alguns de nós já temos agora; (...) gostavam de estar aqui no Braga mas, não conseguem...*” (LO2). Essa constatação tem duas vertentes: os pais que não apóiam seus filhos na prática desportiva por não conhecerem a sua importância e os pais que, infelizmente, não possuem condições materiais ou estruturais para isso. No primeiro caso, é um problema de falta de conhecimento ou preconceito, isto é, um questão de educação dos pais; no segundo caso, é uma questão que diz respeito aos governantes e suas políticas para o desporto. Contudo, independente da origem do problema e dos limites, Ferry e Vincent (2003: 34) repara que “privar a criança talentosa de praticar a sua arte torná-la-ia infeliz”. Se ampliarmos essa afirmativa, dada a preocupação do nosso entrevistado, podemos dizer que não oferecer oportunidade a qualquer criança ou jovem de experimentar as suas competências motoras seria um grande equívoco e, como resultado, uma redução na felicidade deles; a melancolia da frase diz tudo: “*gostavam de estar aqui no Braga mas, não conseguem...*”. No futebol, imagina-se que o gol é o momento de maior alegria, entretanto, muitas vezes, isso é um pouco diferente: “*É sempre bom fazer um golo, mas a equipa ganhar e eu não marcar é melhor. Prefiro que a equipa ganhe e eu não marque do que eu marcar e a equipa...*”

(CH2). Essa identificação coletiva, que muitos buscaram desenvolver através de teorias e ideologias, surge com extrema naturalidade no contexto dos desportos coletivos. O recado é claro: a minha felicidade pessoal não é mais importante do que a felicidade de toda equipe; só há realmente felicidade quando todos da minha equipe são felizes. Na antiga pólis grega, onde reinava a soberana *aretê*, o critério de amizade, através da identificação coletiva, formava a argamassa da união pretendida. Sócrates, pela pena de Platão, no diálogo *Górgias* (510b), revela: “A maior amizade que pode existir é, como declaram os antigos sábios, a que une semelhante a semelhante”. Portanto, fazer gol é uma felicidade pessoal de quem o faz e que retroage na equipe; entretanto, se esse gol não estiver acompanhado de uma vitória da equipe, para o nosso entrevistado, ele não tem valor; “*Prefiro que a equipa ganhe e eu não marque do que eu marcar e a equipa...*”. Analisando pela perspectiva dos limites e das possibilidades, podemos considerar que – embora a felicidade individual possa contagiar os demais companheiros de equipe - há um limite para a felicidade individual, ou seja, é quando essa não se subordina à felicidade coletiva; uma boa lição que **(CH2)** e o desporto oferecem a todos.

O clube desportivo pode ajudar na educação geral dos seus jovens atletas, quando não abdicam da sua responsabilidade sócio-pedagógica. Foi assim que aconteceu com um dos nossos atletas investigados: “*...a parte de dificuldades foi na escola. Minha directora de turma quando eu me portava mal, telefonava ao mister e ele... castigava-me... e eu tenho a melhorar o meu comportamento. O mister pôs-me fora do jogo. Melhorei o comportamento pra não ser castigado*” **(OG1)**. Os limites impostos pelo clube, pela atitude do treinador, ajudaram na melhoria do comportamento desse menino (temos acompanhado a sua evolução comportamental, pois, ele estuda na mesma escola que, diariamente, nós frequentamos). Como a genuína excelência (*aretê*) é a integração de diversas dimensões do ser humano, cabe ressaltar a interação que se deu entre a escola e o clube desportivo com vistas à melhor formação do atleta-aluno. Sendo assim, as crianças e os jovens podem adquirir “a idéia de que os seus sucessos desportivos podem influenciar favoravelmente a sua carreira escolar. É função do treinador ajudá-los a perceber que também os sucessos na escola só serão possíveis através de um grande empenho no estudo” (Kutz et al, in Marques, 2006: 149). O diálogo entre a escola e o clube pode aumentar as possibilidades de todos de ampliarem os limites em função das inúmeras oportunidades; a marca de excelência fica impressa tanto numa como na outra instituição.

Os limites desportivos são os motivos pelos quais o atleta se empenha – no treino e na competição – para superá-los. No entanto, Garcia (2006b: 5) é categórico: “O desporto tem limites, e a essa colocação de limites podemos dar o nome de ética”. Nessa visão vamos ouvir as seguintes declarações: “*O que toda a gente fala e é verdade é não deixar a fama subir à cabeça. Continuar a manter humildade... grandes promessas e devido a fama...há casos que metem-se na droga, no álcool e coisa assim e acaba-se a carreira mais cedo*” (SR4). “O lúdico e o agónico, isto é, o sentimento de brincadeira e de luta leal, terão que coexistir sempre na prática desportiva” (Garcia, 2006b: 9). Quando não é assim, o risco da pressão desmedida pela vitória, a falta de escrúpulos de alguns e as facilidades para comprar determinadas substâncias podem levar ao consumo de drogas e, assim, *fabricar* um resultado. Isso leva a criar uma falsa idéia de sucesso sem esforço; a ética indolor dos nossos tempos (Lipovetsky, 1994). O desporto desponta como uma das atividades de maior credibilidade junto à sociedade, uma vez que as suas leis contra o uso de drogas são especialmente rigorosas. Para Garcia (2006b: 9) “O desporto é um exemplo que se dá ao mundo. Nunca houve tanto consumo de drogas sociais por parte da juventude e nunca como agora houve tanto controlo antidoping no desporto”. Na perspectiva da *aretê*, também, não há dúvida: Zeus retira a metade da *aretê* àqueles que se deixam levar pela escravidão (Jaeger, 2003). Portanto, mais um motivo para se apreciar os limites dos desejos desenfreados e oferecer, através do esforço autêntico, inúmeras possibilidades de sucesso.

Conselho e Aprendizagem

Como já vimos, os ícones pedagógicos do período da Grécia Arcaica eram Quiron e Fênix, os quais, seguindo a tradicional educação dos nobres guerreiros, procuravam desenvolver a aprendizagem de seus discípulos, entre outros meios, através dos seus conselhos. Hesíodo (Trabalhos e Dias) separa boa parte da sua obra para, como um verdadeiro mestre, aconselhar o homem de todos os tempos; aconselha sobre as técnicas da agricultura (381-617), aconselha sobre a navegação (618-694), aconselha sobre a moralidade e as relações com os deuses (707-822). Também no diálogo Laques (180d), vê-se Lisímaco solicitar a Sócrates: “Mas se também tu, (...), tens algo de bom a aconselhar a este teu companheiro de demo, vá, dá lá o teu conselho”. Em outro passo do mesmo diálogo, Sócrates (184d) tece o seguinte comentário: “Acerca da preparação física do teu filho, se houvesse um conselho sobre que desporto ele deveria treinar, acaso tu seguirias a maioria de nós, ou aquele que porventura tivesse sido preparado e

treinado por um bom mestre de ginástica?”. Desse modo, por intermédio do conselho, encontramos um verdadeiro tratado sobre a educação do homem. Também nos desportos a situação era a mesma; por meio do conselho dos mais velhos e dos atletas, se desenvolvia a formação desportiva. Cousineau (2004: 218) conta que um ex-campeão do pentatlo olímpico, chamado Iço, “reuniu seus conselhos num livro, publicado algum tempo depois de 444 a.C.”. Na verdade, a formação de homens e mulheres ao longo da existência humana se deu muito por intermédio dos conselhos dos avós, dos pais, dos amigos e, ainda hoje, é uma realidade; basta sensibilidade e amor nas palavras para que o conselho produza o seu efeito. Para as nossas crianças e jovens o conselho é uma realidade, senão vejamos: *“Meu pai ajuda muito, ele é jogador. Ele ajudou mesmo, deu-me conselhos e foi por causa do meu pai que eu estou assim, estar aqui e ultrapassar as dificuldades e com isso aprendi também, tentar resolver sozinho os meus problemas”* (TB1). Os conselhos são uma realidade pedagógica; mais do que atingir os seus objetivos imediatos, eles produzem outros dividendos como a generosidade, determinação, superação e encaminha para a autonomia. *“O meu pai foi jogador de futebol profissional, então tem muita experiência nisso e sempre me aconselhou. Se calhar as vezes não da melhor maneira...mas me aconselhou. ...às vezes digo-lhe: não consigo estou cansado e ele diz-me... “tens de ir”...e ele também era consigo...”* (GL2). Embora não se concorde com o conselho, não se pode deixar de notar a sua aprovação e o seu estímulo. *“O meu pai ao fim do jogo diz-me sempre o que eu falhei e o que não falhei e isso entra-me e eu venho para os treinos, tento corrigir nos treinos, de maneira que chega ao jogo e consiga fazer bem o que fiz mal no jogo anterior”* (LD3). A orientação permanente é uma prova de carinho e, ao mesmo tempo, de cuidado. Os jovens parecem que levam em consideração, procuram seguir os conselhos paternos. *“Pode pedir conselhos aos mais velhos aqui e todos ajudavam de certeza. Os pais podem dar apoio moral pra ele sentir bem...”* (OG1). Para esse entrevistado já aparece, ao lado da figura dos pais, uma pessoa mais velha – pode ser o treinador, um dirigente, o avô – que, ao ser solicitado pode oferecer a sua experiência. *“Nos meus pais. Confio na minha família e em muitas pessoas aqui do Braga”* (LF4). O conselho, para ter o efeito pedagógico que todos esperam, deve ser presidido por uma relação de confiança. *“Tenho o meu irmão mais velho que sempre me deu conselhos...pra tudo que eu ia fazer, pra jogos, pra tudo...Sinto-me bem, sei que ele quer o melhor pra mim e dá-me mais força e mais vontade”* (LO2). Como é importante ter a sensação de segurança! O conselho pode chegar por intermédio de um irmão ou de

qualquer outra pessoa e é, muitas vezes, a luz que ilumina um momento de obscuridade e de indecisão. Isso acontece há milênios, conforme nos aparece na *Ilíada* de Homero (Canto XXIII, 225-294): o sábio Nestor dá a seu filho todas as orientações para a competição que está prestes a começar. A seguir, nos deparamos com outra opinião: *“Tentar corrigir o mal que fiz, ou seja, trabalhar e...para as coisas ficarem melhor...mas acima de tudo tentar ouvir a opinião de outras pessoas...”* (FP4). Ou seja, há muitas coisas para serem feitas no sentido da permanente correção, mas *“acima de tudo tentar ouvir a opinião (o conselho) de outras pessoas”*. Os pais, treinadores e amigos devem sempre se mostrarem disponíveis para conversar com os jovens, a fim de facilitarem a tentativa e, ao mesmo tempo, considerarem o conselho de Sócrates (Laques, 190b): *“...nos chamam a conselho sobre o modo como a presença da virtude nas almas dos seus filhos poderá torná-los melhores?”*.

Os conselhos podem ser mais gerais: *“...dá-lhe conselhos para o que é melhor”* (VT2). Ou mais específico: *“Sim, aconselhou a jogar sempre o meu melhor, pra nunca deixar os estudos pra trás...”* (PJ3). Ou, ainda, partir dos mais experientes atletas ou treinadores: *“Ouvir sempre coisas de jogadores que já passaram, como o mister Carlos Batista, que foi meu treinador e jogou...no Porto, no Braga. Ouvir conselhos desses, dessa gente...é sempre bem-vindo. ...ouvir sempre os conselhos dos mais velhos”* (CH2). Por essa declaração, o conselho por ser bem-vindo, é um bem; por isso, a maioria procura segui-los: *“...os treinadores dizem, para nós fazermos e tento fazer o que eles dizem”* (FH2). E, Hesíodo há aproximadamente três mil anos atrás, já avisava: *“...bom é aquele que obedece a quem bem o aconselha”* (Trabalhos e Dias, 295).

Entretanto, não são apenas os adultos mais velhos que detêm a capacidade de oferecer conselhos. Entre os jovens companheiros de uma mesma equipe desportiva, o conselhos e a orientação são uma prática sistemática, como podemos ver nesse exemplo: *Eu diria pra ele seguir o que pensa melhor e o que o coração manda* (FH2). Mesmo sendo ainda um menino, o seu conselho é especialmente luminoso, pois, qualquer orientação vinda do coração – seja de quem oferece ou de quem vai seguir o conselho – é um estímulo sagrado. Em linhas gerais, interpretamos que as crianças e os jovens que aqui expuseram suas opiniões estão dando um recado: todos são sensíveis aos conselhos e estão prontos a aprender com eles. Quem não está? Precisamos daquela mão amiga sobre o nosso ombro, do olhar firme e sereno oferecendo-nos toda a atenção, das palavras firmes e carregadas de sabedoria e afeto, das palavras que brotam do coração e que fazem do conselho um modo de organizar uma fase da vida e de educar a

alma. Assim, quem recebe e quem dá um conselho (pais, treinadores, amigos ou professor) participa de um processo da harmonia, conselho a conselho, da própria humanidade.

Valores do Desporto

O desporto é uma atividade de excelência humana que goza da maior credibilidade e da maior assistência em todo o planeta. Uma atividade que, embora ninguém represente nem uma comédia e nem um drama, faz, através das performances de seus participantes, muita gente rir e chorar, além de incitar a seriedade, a tensão, a expectativa, a dor, o amor, a oração e a meditação. Somente uma atividade essencialmente humana, do quilate do desporto, pode inspirar naturalmente todos os sentimentos e expectativas do ser humano; ninguém fica indiferente ao que acontece nesse microcosmo da vida. Todas as realizações do homem, arte, folclore, religião, desporto entre outros, na verdade, foram – e continuam sendo – um esforço para encarnar os valores (Ibañez, 1976). Dependendo da conjuntura cultural, têm-se maior ou menor susceptibilidade para esse ou aquele bem, por isso o desporto permanentemente atualiza e evidencia os valores humanos. Para Ibañez (1976) nenhum homem, ou sociedade, é capaz de permanecer indiferente ante aquilo que o rodeia: o conveniente e o inconveniente, o bem e o mal o afetam muito inevitavelmente. Ou seja, por “trás dos homens, estão os valores que elevam o processo e o colocam ao serviço de um princípio ou ideal” (Silva, 2000: 58). Por isso, em cada período de tempo há uma maior ou menor sensibilidade na aplicação de valores e o sistema desportivo neles se inspira, e também se atualiza, assim como a sociedade, à sua escala de valores.

O desporto erigiu pontes entre as distintas culturas e entre os tempos remotos e atuais, uniu culturas e gerações, construiu caminhos que aproximou os homens dos deuses. É por seu intermédio que o lúdico e o sagrado confundem-se com o agônico e o profano para uma exaltação do homem em todas as suas dimensões. Onde o homem descobre, aprende e pratica os mais caros “valores da civilização e humanidade, que só pode alcançar à custa da ascese” (Urbano, 2000: 184). O modo de vida do desportista assemelha-se ao do monge religioso, aquilo que cada qual busca nas suas práticas tem a ver com dedicação, inspiração, esforço, perseverança, coragem, superação, êxtase e transcendência. Valores tão caros e pouco lembrados, mas que podemos recuperar a partir da dimensão agônica da *aretê*; é na *aretê* agônica que vislumbramos a síntese de todas as *aretai*. Ressaltamos que, a essa luz, tal como Garcia (2006b) alerta que, para se

conquistar uma vitória, é necessário aceitar e ter como limite a dignidade humana, não temos receio em comunicar que o desporto só deve ser praticado quando se exaltam os valores que conformam a dignidade humana.

Vejam os quais são as percepções das crianças e jovens a respeito desse tema. *“Nós no desporto sentimos tudo, sentimos as vitórias, sentimos as derrotas...tentamos superar obstáculos é...lesões, treinador não te põe a jogar, ou seja, nós vivemos e sentimos todos os sentimentos e...é tal como na vida, na vida também...Penso que de certa forma o desporto prepara-nos pra vida também” (TB1)*. Ao lidar com um sem-número de desafios desportivos, as crianças e os jovens aprendem a orientar as suas vidas, particularmente nas palavras de (TB1), e, além de adotarem as estratégias necessárias para superar os “obstáculos”, precisam também aprender a lidar e a gerenciar os seus sentimentos, muitas vezes paradoxais, diante das incertezas experimentadas na prática desportiva. Sendo assim, não é de estranhar que o nosso entrevistado considere que “o desporto prepara-nos pra vida também”. Outros entrevistados, embora acrescentando outras acentuações, pensam de forma parecida: *“Divertir-me, abstrair de tudo que passa no dia a dia, mas...saúde também e...gostar daquilo que faz. Respeitar toda a gente...Ser pontual, nós aqui cumprimos horário e lá fora tento cumprir também, já estou habituado... Se nós no desporto...Respeitamos toda a gente, sabemos ouvir este e aquele, na vida pessoal também o fazemos e a maneira de pensarmos no desporto também transmitimos pra vida pessoal” (LD3)*. O desporto, e particularmente o futebol, se constitui, pela sua prática e pela sua essência, como um processo lúdico (Murad, 2004). Verificamos que a palavra “diversão” aponta e confirma esse sentido lúdico que o desporto possui e o encaminha para outros sentimentos relacionados com o fazer e o estar desportivos: alegria, contentamento, prazer, “gostar”, etc.. Quanto à noção de “abstrair dos problemas”, consideramos que ela pode ser analisada através da contribuição de Costa (2006: 51), quando diz: “Na ordem do imaginário, a aventura desportiva constitui um êxito na ascensão para o sublime contra o risco de atolamento numa vida prosaica, ordinária e banal” (Costa, 2006: 51). Respeito e responsabilidade são valores demarcatórios da vida em sociedade, quer no grupo dos heróis antigos, quer no grupo dos cavaleiros medievais e quer no âmbito do desporto e da vida atual, pois, conforme Jaeger (2003), os grandes heróis tratavam-se mutuamente com zeloso respeito e conheciam bem a sua responsabilidade social. Sobre a palavra “hábito”, parece que ela está dirigida para um contexto de aprendizagem de outros valores, portanto, para Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1103a,

30) “com as virtudes (...): adquirimo-las pelo exercício (...). Efetivamente, as coisas que temos de aprender antes de poder fazê-las, aprendemo-las fazendo...”. Por isso, a conclusão do nosso entrevistado de que “*a maneira de pensarmos no desporto também transmitimos pra vida pessoal*”, encontra-se materializado no contexto do seu discurso. Muito em sintonia com esse discurso encontramos as seguintes palavras: “...o desporto faz bem porque nós, quando a praticar o desporto nos abstraímos de todas as outras coisas, pelo menos eu e gosto de me sentir bem. A socializar, fazer amizades. Agora na nossa idade eu acho que é mais a responsabilidade...” (OG1). Para nós, existem pelo menos duas noções sobre os valores do desporto, parecidas com a da entrevista anterior: a abstração e a responsabilidade. Sobre a idéia de abstração, podemos interpretá-la, com o apoio de Bento (2004: 63), que o fato de “Viver o real só pelo real é demasiado banal e assim é irreal, por lhe faltarem a elevação e a sensibilidade” e, além do que, essa idéia pode estar relacionada com a ânsia de liberdade, a qual pode ser sentida ou restaurada pela atmosfera desportiva. E sobre o quesito responsabilidade, convém salientar que, num período de desafios e de riscos que estamos passando, é especialmente interessante ouvir, de uma criança (ou jovem), que a responsabilidade é considerada importante e que se a adquire no espaço do desporto. Sobre o valor da amizade, vamos ter a oportunidade de discuti-lo mais adiante. Por agora, outra manifestação: “*Eu penso pra mim e vejo atitudes que certas pessoas têm...que não sabem viver em grupo, não sabem ter uma conversa, não sabem...não respeitam os outros, a opinião deles é que conta e não conseguem ouvir os outros e eu acho que aqui...no desporto, convivemos muito...tentamos ouvir toda a gente e...compreender as atitudes das pessoas e acho que na vida pessoal ajuda imenso*” (LD3). Além de lembrar, em acordo com as declarações do colega anterior, sobre o valor do respeito, o nosso atleta iniciante chama-nos a atenção para outros valores encontrados na prática desportiva, como a convivência, que é uma arte que se exercita todos os dias e, através do desporto, “abre-se ao homem a vivência do jogo, da competição, do rendimento, do risco, da configuração, da comunicação e cooperação, da convivialidade, da intimidade e sociabilidade”; assim as crianças e jovens desenvolvem respeito mútuo, consideração e confiança, valores que fortalecem os laços sociais: “A competição é uma força socializadora, porque para competir precisa-se dos demais: ninguém compete só” (Savater, 2000: 97). Ao tentar “ouvir” e “compreender as atitudes das pessoas”, os jovens encontram uma boa oportunidade para desenvolver a empatia, que é irmã da solidariedade, valores desenvolvidos através da vida desportiva e que “na vida pessoal ajuda imenso”. Outra

referência aos valores do desporto: *“É sempre situações novas que nós encontramos, são diferentes das outras do dia-a-dia. O desporto ensina-nos de tudo na nossa vida, ensina muita coisa e é muito importante pra nós, eu não sei é como explicar mas...ensina”* (PO1). No desporto ninguém morre de tédio, uma vez que as “situações novas” fazem parte do repertório da *metodologia* do desporto e, conseqüentemente, ao se habituarem com essas experiências, crianças e jovens são ensinados a confrontar os desafios – internos e externos – que os esperam no cotidiano. Tanto é assim que Marrou, 1969, p.22) ao analisar a educação dos antigos heróis, atletas e cavaleiros, destaca que o desporto era um meio pedagógico especialmente importante para os gregos, pois, entre outras possibilidades, ele ensinava “como portar-se no mundo, como reagir ante as circunstâncias imprevistas, como proceder...”. Essa, talvez, seja uma maneira de explicar – *“eu não sei é como explicar mas...ensina”* – a possibilidade de o desporto ajudar a patrocinar a formação para a vida. Sendo assim, desde os tempos mais remotos da história da civilização ocidental, era natural que os gregos reservassem ao desporto um lugar central na sua cultura e que, ao longo dos tempos, não sofressem comparação com nada no mundo (Jaeger, 2003). Mesmo quando a explicação é genérica: *“Aprende-se muita coisa no dia-a-dia. Estamos sempre a aprender coisas com os treinadores, são eles que...pronto que nos ensinam”* (CD3). Os jovens parecem notar que, no ambiente e nas relações desportivas, há sempre mecanismos para se aprender e se formar. Seguindo com a opinião dos nossos entrevistados, temos: *“É...ter respeito pelos adversários...a não criticar... (...) é ter respeito pelas pessoas. É uma parte importante da minha vida. Sem o futebol eu já não era nenhuma pessoa”* (GJ4). Novamente aqui aparece o valor do respeito. Muito parecida com essas considerações é a de que no futebol se aprende: *“Respeitar os outros... empenho para melhorar cada vez mais. Traz mais conhecimentos futebolísticos...respeitar tanto a arbitragem como os adversários...e os adeptos”* (LF4). Só que, agora, o valor respeito surge vinculado à relação com os adversários – e também, a outras pessoas: arbitragem, adeptos, etc. – a qual nos remete às palavras de Savater (2000: 97): “Só quem me reconhece como igual compete comigo e é capaz de camaradagem na rivalidade”. Esse modo de viver o desporto sustenta o ideal de socialização, necessário à vida, e o de cooperação ética; rivaliza-se para superar o adversário e, por isso, exige-se dele e de si próprio e ambos ficam melhores. Nessa ótica, salientamos as palavras do nosso entrevistado (GJ4) que admite que sem *“o futebol eu já não era nenhuma pessoa”*; avaliamos que o futebol deu ao nosso jovem uma identidade, provavelmente ajudou na construção de uma pessoa

melhor, sendo essa maneira de se expressar uma reverência ao desporto e ao que lhe foi proporcionado pelo mesmo. Vamos a outras observações: *“Porque o desporto tem muito fair play e as vezes dá-nos educação. Ensina-nos a viver porque há maus momentos e bons momentos e na vida também há maus momentos e bons momentos”* (OJ4). Temos notícia de atitudes de desportivismo, mesmo antes de o desporto estabelecer um código de conduta a que chamou de fair play. Foi quando o boxeador Epeio ajudou a levantar o seu oponente depois de uma luta na qual saiu vencedor (Ilíada, XXIII.694). Já o fair play tido como “noção do comportamento cavalheiresco no esporte” (Rubio e Carvalho, 2005: 353) foi baseado nas atitudes de coragem, honra e justiça dos cavaleiros da aristocracia medieval e representa um mosaico de valores que devem ser aplicados à prática desportiva. Quando esses valores são observados e praticados, podem servir permanentemente para o desenvolvimento de uma educação em valores e não apenas *“às vezes dá-nos educação”*; Fica, mais uma vez, taxativo que as crianças e os jovens consultados consideram o desporto (futebol) como apoio na preparação para a vida; *“Ensina-nos a viver porque há maus momentos e bons momentos e na vida também há maus momentos e bons momentos”*. E por que essas crianças e jovens praticam futebol? *“Eu pratico futebol (...) e, também, porque acho que é uma grande lição de vida, nos ajuda a desenvolver...”* (GJ3). Uma resposta simples porém com muito significado, uma vez que *“uma grande lição de vida”* é a finalidade da educação; o desporto ajuda no desenvolvimento dos jovens, porque também participa do processo de sua formação. Ainda na temática da formação, verificamos: *“Ensina sempre a viver o desporto. Aprendemos a conviver principalmente, a perder, a ganhar, empatar... Sim, ajuda-nos sempre encarar as coisas boas e as coisas más da mesma maneira e seguir em frente na vida”* (PJ3). Consideramos que *“viver o desporto”* é ter o desporto como uma forma de vida. De fato, o desporto é uma vida; não uma vida qualquer, mas uma vida especial, Bento (2004: 40), referindo-se a um programa desportivo do canal Eurosport no qual se dizia *“que o futebol é a vida e que o resto são detalhes”*. Portanto, exagero à parte, não se pode negar a importância do desporto, e do futebol em particular, na vida da maioria dos jovens. Essa importância se torna capital, quando verificamos que os discursos estão carregados de valores: uns já enumerados por outros entrevistados – como a convivência e a temperança (aprender a perder, a ganhar e a empatar). Porém, surgem outros valores, como a coragem, equilíbrio e determinação, a fim de *“sempre encarar as coisas boas e as coisas más da mesma maneira e seguir em frente na vida”*. Essa é uma

afirmação no poder do ser humano e na sua capacidade de enfrentar os riscos impostos à própria condição, como ideal de um objectivo que dá sal à vida e a perpetua para além das sombras. Uma filosofia de vida humana que valoriza o homem e de que o cenário desportivo se tornou em palco privilegiado (Silva, 2000); o desporto, então, é visto como uma via, rico em valores que conduzem, enobrecem e dão expressão a sua vida. Chamemos, então, outro raciocínio: *“Uma campanha contra a guerra. Na palestina e Israel, acho muito positivo...juntarem dois países que estão em guerra e juntar-se por causa do futebol. Ganhamos valores no desporto que nos ajuda na vida. A união, a família, entendermos...isso pra vida também ajuda não é só para o futebol. Não é só para o futebol que temos que estar unidos, que temos que dar tudo”* (SR4). Aqui, o jovem atleta consegue expor aspectos gerais e particulares, numa síntese, por meio dos valores encontrados no desporto. Paz, solidariedade e união são valores humanos que presidem à manutenção da vida sobre a terra; sem eles viveríamos sem alma e nas sombras. O desporto, mesmo enfrentando muitas dificuldades, desfralda a bandeira desses valores. Considerando a paz (podemos incluir também a solidariedade e a união), Savater (2000: 98) estabelece que “estamos ainda muito longe de o ter conseguido, mas a simples proposta creio que basta para considerar o desporto de massas com o devido respeito”. Quem tem feito mais? Quem tem feito tanto? Garcia (s/d) sentencia: “actualmente acredita-se que foi o desporto que ajudou a evitar uma guerra entre as duas grandes potências mundiais durante um longo período a que se deu o nome de Guerra-fria”. (SR4) também convoca o valor da superação – um dos valores da *aretê* dos guerreiros e dos atletas – quando menciona *“que temos que dar tudo”*. E, em nossa opinião, produz uma frase cheia de luz educativa e elucidativa sobre o valor do(na) desporto: *“Ganhamos valores no desporto que nos ajuda na vida”* e arremata, considerando que *“isso pra vida também ajuda não é só para o futebol”*. Continuemos a ilustrar a matéria sobre os valores do desporto, por meio de outra intervenção: *“Respeitar as pessoas mais velhas aqui do Braga. Respeitar sempre o adversário e ter amor ao clube...”* (VT2). Conforme a citação de outros companheiros de clube, o miúdo considera o valor do respeito. Só que agora esse valor acompanha a relação com os mais velhos e com os adversários. Acrescenta, no entanto, o valor do amor pelo clube desportivo. Amor ao clube e amor à cidade; o primeiro é o ideal atualizado e o segundo é o ideal da Antiga Grécia; ontem, como hoje, vemos despontar a *aretê* da pólis. “A pólis educa o cidadão e modela-o” (Ferreira, 1996: 79); o clube tem possibilidade de fazer o mesmo e, para isso, basta pressentir o amor que os jovens

sentem por ele. Talvez, assim, haja uma grande sensibilização dos atuais dirigentes no sentido de fazer com que os clubes assumam a sua investidura pedagógica. Vamos a outra comunicação: *“Porque o desporto em si não ensina só a praticar...a praticar, por exemplo: no futebol, não ensina só futebol...ensina-nos muitas coisas diferentes, por exemplo: sermos homens para o futuro, a ter mais respeito pelos outros, além da própria humildade...”* (FH2). Interpretamos que o desporto (futebol), pelo seu caráter pedagógico (antropagógico), enquanto uma atividade motora, desenvolve e aprimora as forças físicas, motoras, volitivas e outras. Ao mesmo tempo, pelo seu cariz axiológico vai, enquanto se treina, evidenciando e disponibilizando os mais autênticos valores à formação humana: formação do homem enquanto criança (Patrício, 1992), respeito e humildade, a saber, a pedagogia da modéstia e da humildade, a mais alta pedagogia humana (Bento,1999). Podemos também refletir, sob a ótica dos valores, o conteúdo relativo aos riscos e mazelas da vida moderna, conforme ponderou um dos atletas dos escalões de formação, uma vez que, para ele, *“...o desporto nos ensina a viver da forma mais correta possível. Quando uma pessoa está ocupada com o desporto...a cabeça dele...está muito virada para este desporto e...há coisas que neste caso devo falar de drogas e tudo que uma pessoa não liga não...”* (FP4). Já vimos que nessa temática, o desporto encontra-se à frente da prática social, quando impõe uma luta sem tréguas ao uso de drogas em seu campo de ação. Ao que parece, o nosso entrevistado está-se referindo ao uso de drogas no âmbito da sociedade e, para isso, Garcia (2006a: 16) oferece a seguinte constatação: *“Veja-se ainda que uma das formas mais comuns para evitar que os jovens sigam as veredas da marginalidade e do consumo de drogas é promover a prática desportiva”*. Mesmo espelhando o homem e a sociedade por meio dos valores, o desporto permanece ligado a valores que transcendem aqueles praticados por esse homem e a por essa sociedade atuais, com vistas a defender, e enfatizar, os valores essencialmente civilizacionais. Essa mesma preocupação foi exposta por um outro atleta sondado por nós: *“...na prática desportiva aprendemos a ser alguém no futuro, por exemplo: enquanto andamos aqui, não andamos pra outras coisas que podem ser prejudiciais pra nós; estamos ocupados...nenhum desportista deste género tem tempo... Como, por exemplo: drogas, etc....vícios prejudicantes...o futebol ajuda-nos a crescer como homem, (...) ajuda-nos a ser melhores pessoas e...Porque convivemos com os nossos colegas...ajuda-nos a ser mais extrovertido...ajuda-nos ser mais sociáveis...encarar e conhecer melhor a sociedade, etc”* (ON1). Através da discussão sobre os riscos do uso de drogas, o miúdo elenca alguns valores - ter fé e

confiança no futuro- os quais, pela prática desportiva, parecem servir de antídoto a essa mazela social. O futebol, pelas constantes mudanças e alterações que surgem no seu interior, ensina que para se organizar para o futuro é necessário adaptar-se à lei da impermanência. A construção, dissolução e reconstrução (Bento, 2004) são etapas que se experimenta, inúmeras vezes, durante toda uma vida. A aprendizagem desses valores e de outros, no desporto, ajudam na formação do jovem. Essa é, e pode ser, uma formação contínua, como podemos depreender das seguintes palavras: “*o futebol ajuda-nos a crescer como homem*”, “*a ser melhores pessoas*”, “*convivemos com os nossos colegas*”, “*ajuda-nos a ser mais extrovertido*”, “*ser mais sociáveis*” e “*encarar e conhecer melhor a sociedade*”. Uma autêntica aula de sabedoria, mediada pelos valores do desporto, a que precisamos estar atentos para podermos distinguir a esfera de excelência associada à tarefa pedagógica, antropológica e social do âmbito desportivo. Ao examinarmos outra parte do discurso das crianças e dos jovens, descortinamos: “*Fazer amigos...bons amigos. Tentar ser humilde, honesto, força de vontade e mais coisas, a crescer como homens*” (LO2). Tanto Platão (Górgias, A República, entre outros) como Aristóteles (Ética a Nicômaco e Política) disponibilizam, dada a sua importância, inúmeras reflexões sobre o valor da amizade. Neste instante, lembramos aquela que diz. “...surgiram nas cidades as relações de parentesco(...), e os lazes. Estas instituições são obra da amizade – já a amizade é condição de escolha de uma vida em comum” (Política, 1280b, 35). O nosso entrevistado cita também a honestidade. Da Matta (1989: 72), ao considerar o futebol como exemplo de honestidade, confia nessa afirmação por causa de inúmeras situações; dentre elas, está o fato de que a “vitória será sempre a recompensa do time que jogar melhor”, pelo menos, a vitória num campeonato, às vezes longo, só é possível para quem jogar melhor mesmo. A “força de vontade” parece ser a união de outros valores como a perseverança, determinação, paciência, superação, etc.; um autêntico rosário de *aretai*. Já a intenção de “*a crescer como homens*”, imaginamos que, como as crianças e os jovens, identifica o mundo dos adultos como um mundo responsável, equilibrado entre outros atributos, ser como os homens é ter a posse desses valores, nos quais eles confiam realizar-se por intermédio do desporto. Nessa mesma linha de pensamento, temos: “*E também a amizade que se faz, ...noção das regras, a disciplina que nós apanhamos aqui também... Costuma ser uma disciplina rígida ...é essencialmente isso. É a parceria é...compreensão uns com os outros é...é união também, mas há uma palavra que me está a faltar...coordenação, não sei...Entreajuda, percebe?*” (GV3). Amizade, sociabilidade, compreensão,

disciplina e cooperação são os valores aqui ressaltados. No futebol, invariavelmente, a sociabilidade acontece a partir da necessária cooperação que os atletas precisam fomentar no treino e na competição. Assim, não raras vezes acontece a oportunidade do desenvolvimento da amizade. No desporto há, pode-se ver, cooperação entre os companheiros de uma mesma equipe, entre adversários, entre os praticantes e os deuses e assim a vitória, nas palavras de Silva (2000: 59) “é a obra cooperante da *arete* humana com o favor divino”. Por intermédio da prática da “*entreajudá*” se consegue encontrar as raízes de outros valores necessários à prática desportiva. Através da nossa experiência no âmbito do treinamento desportivo, podemos atestar que o valor da cooperação é um dos principais motivos para a obtenção dos melhores resultados. A disciplina também é fundamental para o êxito individual e coletivo. Alguém que detenha, ou desenvolva a disciplina é também detentor de outros valores como: perseverança, dedicação e paciência; a disciplina é o núcleo de uma ordem do corpo e da alma. Sócrates (Górgias, 504d) sustenta que “...a ordem e a harmonia da alma chamam-se disciplina e lei, que tornam os cidadãos justos e regrados, e é nisto que consistem a justiça e a sabedoria”. A preocupação daquela época era com a formação do homem na pólis; parece que esse postulado permanece atual no âmbito do treinamento e do clube desportivo. Temos uma outra observação: “*Porque aprendemos sempre coisas novas com o desporto e uma coisa que fascina qualquer pessoa, não só o futebol mas todas modalidades. Ah! E a conhecer melhor as pessoas...*” (CH2). A citação agora envolve a noção de aprendizagem e de relacionamento (amizade, cooperação, etc.) que já tivemos oportunidade de discutir. Entretanto, surge um novo valor, o da fascinação “*uma coisa que fascina qualquer pessoa, não só o futebol mas todas modalidades*”. Aquilo que nos fascina, nos atrai, nos arrebatá, nos encanta e é o nosso objeto de adoração; uma dimensão sagrada e, por isso, de difícil acesso para qualquer pessoa que não seja a própria. Quantas tarefas, acontecimentos, relacionamentos, saberes, entre outros, podemos dizer que nos fascinam? Foi muito por causa do fascínio pelo desporto, aqui lembrado pelo nosso entrevistado, que a cultura grega se edificou. Interpretamos que o fascínio que sentimos pelos desportos é causado por uma eventual harmonia e equilíbrio entre as dimensões lúdica e agônica da *aretê*. O que na percepção de Huizinga (2003: 85) é dizer que a esse “sentido lúdico está inseparavelmente ligado um espírito que aspira à honra, à dignidade, à superioridade e à beleza”; sentido, princípios e valores que expressam a mais tradicional *aretê* e que repetimos, “*fascina qualquer pessoa*”. Vamos a outras considerações: “*Todas coisas novas que sabemos é*

...conseguimos libertar, conseguimos inspirar pra fazer certas coisas, até pra fazer uma mera finta, uma pessoa tem que sentir bem, tem que se inspirar pra conseguir driblar o adversário. ...é conseguir estar completamente fora dos problemas que estão fora e...concentrar-se no momento e esquecer todos os problemas que andam a volta aí” (OH1). Vamos analisar os valores da liberdade, da inspiração e o da concentração. Numa tarefa competitiva tão decididamente marcada pela disciplina, determinação, esforço e superação, parece ser difícil verificar onde e quando alguém pode sentir-se em liberdade. Huizinga (2003: 37) registra que “o jogo verdadeiro e espontâneo também pode ser profundamente sério”, ou seja, a competição desportiva guarda em si a esfera do jogo espontâneo e do jogo sério e a “alegria inextrincavelmente associada ao jogo pode transformar-se não só em tensão como em arrebatamento. A frivolidade e o êxtase são dois pólos opostos entre os quais o jogo se desloca” (Huizinga, 2003: 37). Portanto, o desporto oferece espaço suficiente para o deslocamento entre, por exemplo, a submissão às regras e o rigor do treino e da competição e a liberdade e o êxtase. Na configuração de Garcia e Lemos (2005: 44) significa: “Ser livre é (...) ser feliz”. Como num círculo, a felicidade induz à inspiração ao mesmo tempo que a inspiração abre as portas da felicidade. Mais, isso tudo pode ser servido pela mão da técnica: “*fazer uma mera finta*”, “*driblar o adversário*” ou um belo chute... A inspiração técnica é uma medida de excelência; a ação bem executada é “quando está de acordo com a excelência que lhe é própria” (Ética a Nicômaco, 1098a, 15). Já o valor da concentração foi considerado a partir da expressão: “*concentrar-se no momento*”. Isso, para nós, significa uma absorção no eterno presente. O “que torna o presente empolgante é o facto de nos servir para criarmos o futuro pensado, escolhido e desejado entre todos os futuros possíveis” (Bento, 2004: 59); um tempo de ação e, pela ótica de Bento, um tempo de excelência. Ou, como no dizer de Savater (2000: 99): “A excelência não é um hábito higiénico, mas antes arriscar-se à armadilha terrível do momento que não volta e sair-se bem”. Finalmente, temos a seguinte contribuição: “*Primeiro é aprender a relacionar-se com os outros, aprender a viver em grupo. Respeitar o grupo e os elementos do grupo e depois, na prática desportiva, aprende-se a aperfeiçoar as técnicas a nível do futebol...e a jogar melhor e a ser melhor*” (GL2). Observamos que o jovem desportista relaciona muitos dos valores que já foram enumerados anteriormente pelos seus companheiros, como a socialização, respeito e cooperação. O que sobressai agora é a seguinte ênfase: “*a aperfeiçoar as técnicas a nível do futebol...e a jogar melhor e a ser melhor*”, ou seja, ao que parece, o nosso entrevistado descreve

ações de busca da excelência. A destreza e a habilidade são *aretai* do corpo (Jaeger, 2003). Sócrates, ao se referir ao guerreiro, ao atleta ou a um artífice, avisa que não “será útil àquele que não tiver adquirido o conhecimento de cada arte nem obtido a prática suficiente...” (A República, 374d). E, ampliando, Patrício (2005: 1) assinala que: “Excelente é o que é bom. É o que é muito bom. É o que é tão bom que não pode ser melhor”. O jovem atleta, pelo seu discurso, aponta para essa direção.

Ao estudarmos a *aretê* grega, vamos deparar com diversos sentidos e significados os quais se situam na coordenada dos valores. Para Caeiro (2002: 65), “A excelência (*ἀρετή*) é o que «organiza e ordena» cada coisa, isto é, o que permite desenvolver, máxima e opticamente, as potencialidades específicas de cada coisa”. Já Vaz (2004: 219) “...noção grega de *areté*, ou seja, a excelência do ser que se manifesta no seu operar, e em sua transposição socrático-platônica para o plano moral (...), transposição que foi sistematizada na teoria aristotélica das *aretai*”. Podemos ver em Marrou (1969: 29) outra acentuação: “Esse valor ideal, pelo qual a vida mesma é sacrificada, é a *ἀρετή*, palavra intraduzível (...). A *ἀρετή* é, de modo muito geral, o valor...”. Temos ainda que, embora “seja costume traduzir *arete* por virtude, (...) uma conotação moral de mérito ou valor...” (Política: notas do tradutor nº 14, referente ao livro I, p.595). E, ainda, para Sócrates, segundo a identificação de Jaeger (2003: 565, 566 e 568), a *aretê* é o “conhecimento do bem” e, para isso, estabelece uma “escala de valores” (Jaeger, 2003: 528) de forma claramente graduada: no primeiro plano os bens da alma, em segundo, os bens do corpo e no plano inferior, os bens materiais. No pensamento de Sócrates, pela leitura de Jaeger (2003: 529) a “*arete* de que ele fala é um valor espiritual”.

Durante o desenvolvimento do texto, tivemos a oportunidade de apresentar, através das partes das entrevistas das crianças e dos jovens atletas dos escalões de formação, uma lista razoável de princípios e valores ligados à prática da atividade desportiva (futebol), tais como: superação, educação e aprendizagem para a vida, alegria, prazer, responsabilidade, respeito, sociabilidade, amizade, cooperação, ética, liberdade, técnica, fascinação, excelência, entre outros. Nesse passo, consideramos que, embora os meninos consultados pela nossa investigação, possivelmente, não conheçam a escala de valores socrática, os princípios e os valores listados por eles, na relação com o desporto, encontram-se vinculados predominantemente ao plano dos bens da alma e do corpo. Por isso, somos inclinados a interpretar que, por um lado, o desporto possui uma estrutura pedagógica e cultural valiosa, capaz de ajudar a fincar as bases da

educação e da formação das crianças e dos jovens (e dos adultos) de modo total e integral (uma autêntica *paidéia* desportiva) e por outro, há uma especial sensibilidade, por parte dos jovens atletas, na observação e aplicação de valores orientadores para a vida. Mas, não sem antes observarmos, com referencia à *aretê*, o conselho de Sócrates: “... a virtude, se as qualidades naturais forem aperfeiçoadas pela educação, atingirá o conhecimento científico de si mesma e do vício” (A República, 409c). Assim, passo a passo, pela mão da pedagogia do desporto, as crianças e os jovens podem ascender ao conhecimento do que é bom, do que faz bem e do que é útil – o que pode ser partilhado – e, ao mesmo tempo, afastar-se do que é contrário a isso.

Aretê Sabedoria:

Sensatez

A partir de Sócrates e Platão a *aretê* passou a ser investigada como virtude. Tanto foi assim que Pereira (1988) anota que, no período de Sócrates, a palavra virtude passa a ser definitivamente vinculada à *aretê*. Dentre as virtudes platônico-socráticas encontra-se a sensatez (bom senso, equilíbrio, juízo). Segundo Caeiro (2002: 411), a sensatez “é a percepção específica que põe a descoberto a acção em vista do sentido corretor”; a sensatez é a excelência da decisão e da escolha de atitudes, dentro de certos limites (excesso e o defeito), especialmente no plano prático da vida. Desse modo, parece que nos encontramos prontos para convocar a opinião das nossas crianças e jovens investigados: “*Desde muito tempo que me ensinaram...que quando uma pessoa falha e a gente ainda começa a resmungar com ele...só...piora. Todos nós falhamos...*” (TB1). Podemos entender essas considerações como uma antecipação aos problemas com os quais, fatalmente, os atletas desportivos se deparam numa época competitiva. Estamos diante, nos parece, de uma ação corretiva baseada no conhecimento, ou seja, uma atitude sensata; de bom senso. Sócrates afirmava, na narrativa de Reale e Antiseri (1991), que a condição necessária para se fazer o bem consiste no conhecimento; porque se não conheço o bem, não posso fazer o bem... A essa orientação, os autores sugerem, deve ser acrescentado o concurso da vontade. Seguindo o mesmo padrão: “*Sempre que jogar que jogue tranquilo...aquilo que sabe sem se preocupar com o que está de fora...que jogue o que sabe, que jogue o futebol dele, sempre tranquilo*” (GL2). Parece que o nosso entrevistado sugere, como um conselho, a prática da serenidade e do equilíbrio, cujo conteúdo é muito parecido com a próxima opinião: “*...porque não sou pessoa de me chatear com ninguém, porque...ando sempre bem com todos*” (CD3). A

pessoa que não se aborrece facilmente, mantém a serenidade e o equilíbrio emocional, age sensatamente e, naturalmente, sente-se bem com os companheiros e esses sentem-se bem com aquela pessoa, gerando uma atmosfera predominantemente inerte aos conflitos, conforme demonstra outro atleta jovem que, em sua opinião, *“Nunca tive grandes conflitos mas... tentar entender-me ou com instituição, ou com o clube ou com quem me desentendesse aqui...”* (SR4). Nesse caso, a atitude de correção está na ideia de *“tentar entender-me”* e o contexto é o mais amplo: instituição, clube ou com *“quem me desentendesse aqui”*. Embora possam existir outras interpretações, consideramos que encontramos sinais da manifestação da virtude sensatez; o equilíbrio, a ponderação, o conhecimento prático, a serenidade são princípios orientadores de uma atitude sensata.

A sensatez é responsável pela seleção, decisão, direção, finalidade e intensidade das ações. O contexto de relação entre o desporto e a escola pode dar-nos alguns exemplos para reflexão: *“...por exemplo na escola: Não podemos deixar pra trás, não é? Porque...só virmos um caminho e só vemos um...isso acaba sempre dar mal, nós temos que ter duas opções, se uma falhar, uma está a compensar...”* (PO1). *“Primeiro de tudo seguir os estudos, porque o futebol não é certo que será profissional...”* (FH2). *“...frequentar a escola, porque, se não tiver muito sucesso no futebol...”* (OJ4). Nessa premissa, Caeiro (2002: 411) salienta que só *“a sensatez avalia a qualidade do momento da situação em que, de cada vez, particular e singularmente, nos encontramos”* e, nesses casos, com vistas à antecipação do futuro. Essas exposições seguem a linha do raciocínio sensato, tanto é que os próprios estudiosos da temática clube e escola sugerem, por exemplo, que, no período de exames escolares, os jovens devem, com o apoio dos treinadores, desenvolver a consciência da importância e o significado que essa tarefa tem para sua vida futura. Afinal, os bons resultados nos estudos podem, a longo prazo, beneficiar a própria carreira desportiva (Marques, 2006).

O atleta, durante a sua vida desportiva, depara-se com um sem-número de reveses; sejam eles de natureza física, emocional, relacional, psicológica, etc.. O desafio e o risco, bem como a oportunidade e alegria, são companheiros inseparáveis daqueles que buscam a prática desportiva: vitórias, derrotas, sucesso, fracasso, valorização, desvalorização, alegrias e dores, entre outras tantas e, ainda, inesperadas situações. Embora não seja comum a disponibilização do ensino e da educação da sensatez entre os desportistas, o fato é que, talvez sistematicamente, essa virtude parece ser desenvolvida a fim de orientar as decisões e os rumos necessários ao equilíbrio e à estabilidade emocional dos atletas: *“...levantar a cabeça que o futebol continua, tem*

mais jogos” (LO2). “Se perder, como já disse, é levantar a cabeça e pensar no próximo jogo, porque aquele já passou, é passado” (VT2). Diante de uma situação de provação, apesar de serem crianças e jovens, os nossos entrevistados buscam refúgio no conhecimento que adquiriram ao longo dos caminhos trilhados por eles e por seus modelos do desporto. Aristóteles dizia que “a razão é boa para a alma” (Ética a Nicômaco, 1096b, 25) e Sócrates considerava que a alma mais corajosa e mais sensata é a menos abalada e alterada por qualquer acidente externo (A República, 381a); não é exatamente isso o que estão revelando os miúdos? Também, nessa direção, temos: “*Quando jogo mal, tento...aceito...jogo mal e, também, consigo ver isso às vezes sei quando estou mal e quando estou bem*” (OH1). “*Penso o que fiz mal no jogo e o que é que fiz bem e depois o que fiz mal, tentar melhorar durante os treinos e jogos também...*” (PJ3). “*Eu sei quando faço mal, ao menos às vezes tenho a percepção que fiz mal e tento melhorar...*” (OG1). “A alma tem uma função (...), que é a seguinte: superintender, governar, deliberar e todos os demais actos da mesma espécie” (A República, 383d), ou seja, discernimento. No caso desses jovens, entendemos que o juízo que realizam sobre as atuações desportivas se insere na observância de critérios de mérito técnico e, assim, buscam, cada qual a seu modo, a partir dos seus erros e de maus desempenhos, meios que os façam melhorar. Certamente que estamos diante de uma atitude ética, o que nos leva a apreciar a citação de Caeiro (2002: 434): “Esta forma de abertura que a lucidez opera enquanto sensatez incide sobre o horizonte do carácter do humano e procura atingir a excelência ética”. A maneira sensata de agir desses meninos encontra, simbolicamente, um estímulo pedagógico e educativo de excelência para a sociedade como um todo, pois eles acreditam que é possível serem melhores, mesmo que o resultado não seja satisfatório, não é permitido descanso ou desistência do esforço de continuar a tentativa de mudarem-se e assim mudarem o mundo, como se nele fossem viver eternamente (Bento, 2004). Isso é um comportamento ético e sustentado pela atitude de sensatez. Outra jóia de informação é vista na seguinte declaração: “*A riqueza pode ser usada...se for bem usada, pode proporcionar uma vida melhor, (...) mas se também for mal usada, pode criar vícios, ...*” (ON1). Reparemos que o nosso entrevistado possui perfeita noção a respeito dos limites da importância econômica, na vida do desportista como na de todas as pessoas. Interpretamos essa perfeita noção como a fonte mais abundante da sensatez. Mais uma vez, cabe descrever a celebre frase de Sócrates, quando fazia sua defesa perante o tribunal ateniense, esboçou a frase que se tornou a luz de uma educação pela *aretê*: “...não é das riquezas que nasce a virtude,

mas que é da virtude que provêm as riquezas e todos os outros bens, tanto públicos como privados” (Apologia de Sócrates, 30b). Não deixa de ser curioso e, até certo ponto, incompreensível para muitos que, praticamente, a mesma mensagem do sábio ateniense esteja viva, seja atual e proferida pelas palavras sensatas de um miúdo desportista!

Perseverança

Dentre as virtudes consideradas pelos filósofos da Grécia Clássica, a mais fácil de se perceber a sua importância na prática desportiva talvez seja a perseverança. É bem verdade que, muitas vezes, os conceitos de determinação e de perseverança parecem ser os mesmos. Em nossa avaliação há uma distinção entre ambos: enquanto que a determinação é uma disposição para iniciar algum projeto, a perseverança é a assunção de uma determinação que se renova a cada dia e a cada momento para a construção do projeto, uma vez que para Cousineau (2004: 246) “perseverança, a capacidade de continuar tentando alcançar um objetivo mesmo se deparando com a adversidade”; além disso, acrescentamos, que o perseverante tem a consciência íntima de que vai conseguir, porque confia em si e em seu conhecimento para tal e espera, pacientemente, pelos resultados. Encontramos, também, em Cousineau (2004: 186), apoio a esse pensamento, quando confidencia que os atletas têm “em comum uma fé inabalável no eventual resultado positivo e a recusa a desistir”. De forma muito parecida, alguns dos nossos entrevistados falam de si, dos outros e de alguém: “*Mas sempre tento lutar por isso*” (PO1). “*...tanto nos treinos como nos jogos tem que se esforçar, aceitar a opinião do treinador, estar sempre a aprender mais...*” (LF4). “*...foi dispensado...ele sempre lutou porque gostava do futebol e sempre conseguiu seus objetivos (...)*” (VT2).

“*...sempre o primeiro a tudo, nem que seja a correr, a jogar, sempre primeiro a tudo e...Pra que nunca desista se alguma coisa correr mal*” (LD3). “*Acho que é a luta sempre...nunca abaixar os braços...é nunca desistir. Quando encontrarmos uma dificuldade, abaixar logo os braços, não. Tentar ser superiores a elas ...*” (GJ3). Notamos que, independente do contexto e de a quem se dirige a opinião dessas crianças e desses jovens, a palavra que demarca a informação é “sempre”, a qual nos oferece a possibilidade de interpretar que eles estão falando sobre a perseverança apontada pelo conceito de Cousineau. Verificamos que um dos meninos citou, por duas vezes, a expressão “nunca abaixar os braços”, o que significa: luta, determinação, não dar-se por vencido, coragem além da própria perseverança. Assim, podemos estabelecer

conexão com outras impressões, como: *“Tem que...os seus objetivos e trabalhar muito até os alcançar e nada o pode perturbar” (TB1)*. *“...nunca ir abaixo, nunca desanimar. ...nunca perder as esperanças” (FP4)*. *“Tento nunca desistir das coisas que realmente quero, dando sempre o meu melhor” (PJ3)*. *“Lutar até o fim e tentar atingir os objetivos” (FH2)*. A perseverança também se constitui numa virtude de caráter ético. A busca de objetivos, por intermédio da luta e do trabalho, sem nunca perder as esperanças e sem se deixar perturbar por nada, dando sempre o melhor são atitudes que não deixam dúvidas sobre a prevalência ética no domínio desportivo. Diante das situações mais difíceis – desafios e riscos – a perseverança é a virtude que nos acolhe e nos mantém estáveis na luta. É essa virtude que disponibiliza a potência necessária que permite não sucumbir numa situação de medo, decepção, cansaço e incerteza (Caeiro, 2002). Por isso, o esforço perseverante é um handicap dos atletas desportivos e eles aconselham a todos: *“Que se esforce, que se esforce, que para ser um jogador de futebol não depende de mais ninguém a não ser dele” (OG1)*. A palavra esforço aponta para uma determinação continuada (perseverança) e com objetivo definido. O esforço é a única coisa que o atleta tem em seu poder e que conduz, na maioria das vezes, à concretização de objetivos. E, para isso, é necessário: *“...treinar muito, não faltar aos treinos e...aplicar-se muito, dar o máximo...e treinar nas horas extras...” (OJ4)*. Essa opinião é constituída por expressões que, concomitantemente, identificam com clareza a virtude da perseverança e aludem, pela ênfase, que a prática desportiva pode, efetivamente, ajudar a formar uma personalidade com essas características. Antigos atletas, Bento (2004: 79) é quem anuncia, ao fazerem referências aos valores adquiridos no desporto, falam sobre a importância de desenvolver “as capacidades da resistência e persistência, tendo em conta que a vida é bela, mas também é dura e que é muito ténue a linha de separação entre a vitória e a derrota” e, completam, precisando “que é importante nunca desistir, saber lidar com as adversidades e contrariedades, com erros, com os problemas e os insucessos, encarando-os como pretextos e oportunidades de aprendizagem, de crescimento e desenvolvimento”. Essas citações estão muito próximas daquelas que foram oferecidas pelos nossos entrevistados.

O ensino e a prática da perseverança possibilitam a aquisição de outras virtudes como: a paciência, a coragem, a sabedoria, a temperança etc. É natural que “aquele que persevera com coragem resiste ao perigo com regozijo ou, pelo menos, sem sofrer” (Caeiro, 2002: 310). Atendendo aos anseios da educação, temos a possibilidade de fazer frente aos desafios e aos riscos causados pela procura incessante dos prazeres

(consumismo, prazeres imediatos e descartáveis e etc.)⁷⁰ que podem, a médio e a longo prazos, constituir-se em desprazer e dor; superar essas dificuldades através de uma atitude perseverante é, ao mesmo tempo, antever um futuro melhor e consistentemente prazeroso. No desporto se pratica a virtude da perseverança, logo, embora para alguns atores do cenário desportivo sejam importantes os (melhores) resultados imediatos, se aprende que a vitória, o sucesso e o êxito (prazeres) são frutos de um perseverante esforço a longo prazo.

Moderação e Prudência

Desde os tempos da Grécia Antiga, os vencedores dos Jogos Pan-helênicos eram saudados pela celebração de um hino, uma poesia ou uma escultura. Como sabemos, a maior glória era receber a *coroa* na poesia de Píndaro. Para esse poeta a inspiração vinha das extraordinárias performances dos atletas. Mesmo assim, não deixava de por em relevo as virtudes (*aretê*) da alma, pois via no atleta a personificação de um equilíbrio necessário a todos os homens. Silva (2000), ao interpretar uma das passagens da VII Ode Olímpica de Píndaro, avalia que poeta lembra as virtudes da prudência e da moderação que, aliadas à vigilância divina, trazem a verdadeira felicidade. Em tempos ainda mais remotos, tanto a prudência como a moderação eram consideradas como parte de um padrão de comportamento edificante de uma ética da honra e da dignidade. Foi assim que Marrou (1969: 29) considerou que “a glória, o renome adquirido no meio competente dos bravos, é a moderação...” e, mais adiante (Marrou, 1969: 30) cita como exemplo “o prudente Nestor”. Para a nossa cultura atual é, no mínimo, intrigante associar à prudência a glória – fama, riqueza, brilho, etc. – num ideal de formação humana; a menos que consideremos como glória o resultado de uma genuína felicidade, conquistada pelo equilíbrio das atitudes e das palavras (como ensinava o prudente Fênix) e mediado pela prudência e pela moderação; ou seja, conduzir bem a sua vida, seja ela desportiva ou pessoal, é ser moderado, e uma vida previdente e moderada é para ser bem vivida. As palavras de Aristóteles são, neste momento, um bom guia para o entendimento desse tema. E ele dizia assim: “Ora, é impossível que as coisas corram bem aos que não agem bem; e não há obra boa, seja do indivíduo seja da cidade, à revelia da virtude e da prudência” (Política, 1323b, 30). Desse jeito, vamos considerar as palavras dos nossos entrevistados: “Assim, de fato, o futebol é uma boa parte da

⁷⁰ Tanto para Aristóteles como para Platão nem o prazer e nem o sofrimento se reduzem ao bem ou ao mal respectivamente. O bem para Aristóteles é determinado pela zona média que conserva, sendo a excelência o seu fator de produção (Cairo, 2002).

minha vida, eu adoro fazê-lo...mas eu tenho a percepção que o futebol não é tudo...e mesmo que eu consiga ter uma boa carreira...o futebol há de acabar um dia, pelo menos como jogador, se quero realmente ser jogador...tenho que ter alguma coisa pra fazer na vida pra além do futebol, apesar de eu adorar futebol” (TB1). Mesmo salientando que adora jogar futebol e que esse desporto “*é uma boa parte da*” sua vida, o jovem atleta avalia que, e expõe alguns motivos, é necessário ser previdente quanto ao futuro; o desporto “*há de acabar um dia*”, assim como acaba a própria vida (precisamos educar a alma), e há a necessidade de se preparar para enfrentar as mudanças. Isso nos parece ser um diagnóstico racional da realidade, portanto, a “*sophrosyne é a prevalência do princípio racional sobre o princípio irracional. É autodomínio, moderação, equilíbrio, harmonia*” (Patrício, 2005: 7). Ainda podemos examinar esse assunto através da lupa de Caeiro (2002: 385), uma vez que o entrevistado demonstra possuir um enorme prazer ao se dedicar ao futebol: a “*moderação procura fazer surtir o seu efeito (...), avaliando a medida em função da qual faz sentido ter ou não prazer*”. Sendo assim, interpretamos, o entrevistado aparece como duplamente moderado (e prudente), quando avalia o seu futuro e, por tudo aquilo que expusemos no capítulo 3 (marco teórico) dessa tese, a satisfação de jogar futebol.

Seguindo o princípio de racionalidade apontado por Patrício, vamos topar com outras informações: “*Pra mim, eu desde cedo estudei...pra jogar o futebol tenho que manter as coisas em paralelo. Bem as duas...tenta conciliar as duas...é o que lhe diria pra nunca deixar os estudos pra trás...*” (GL2). “*...nunca deixar os estudos, que isso é muito importante*” (CH2). “*...não deixar os estudos pra trás*” (PJ3). “*Eu acho que primeiro está os estudos, ele tem que estudar primeiro, depois aí está o futebol...*” (GJ3). “*Temos que estar atentos... Não podemos pensar que há futuro garantido, estou a jogar aqui e já tenho uma carreira pela frente...porque não é assim...muitos poucos chegam e tenho que pensar na minha vida fora do futebol. (...). Quero tirar um curso na universidade e formar-me*” (SR4). Embora crianças e jovens, todos sabem, gostem muito de treinar, jogar e competir no âmbito do futebol, verificamos que, prudente e moderadamente, eles conseguem precisar, em função dos riscos provenientes da carreira desportiva, o seu compromisso na construção de um futuro (oxalá) digno e honrado. As palavras e expressões como: “*que manter as coisas em paralelo*”, “*conciliar as duas*”, “*pra nunca deixar os estudos*”, “*estudar primeiro, depois aí está o futebol...*”, “*Temos que estar atentos*”, “*tenho que pensar na minha vida fora do futebol*”, “*tirar um curso na universidade e formar-me*”, não deixam dúvidas de que se trata de reflexões

racionais, fundamentadas a partir das virtudes da prudência e da moderação com vistas a uma projeção das decisões que envolvem e podem determinar o futuro desses jovens. Essas preocupações dos entrevistados são também motivos de meditações no espaço da pedagogia desportiva. Os jovens, de tempos em tempos, precisam tomar decisões que irão afetar o seu futuro, portanto, Marques (2006: 148) invoca os treinadores a dar o seu apoio nesses momentos mais sensíveis, ajudando as crianças e jovens a considerarem que “há coisas mais importantes na vida do que a sua carreira desportiva e a compreender que esta, de vez em quando, também pode ser interrompida” ou, que um dia vai, forçosamente, ser encerrada. Pelos caminhos da prudência e da moderação, jovens, atletas, treinadores e pais, em consequência a sociedade, podem desfrutar da certeza de que estão agindo com excelência. Continuemos então: *“Sinto que tenho que cuidar, não posso cair em exageros...” (PO1). “Fazer só o que ele pode e não exagerar...” (VT2). “Não abusar...puxar por ele mas sem passar certos limites não é?” (GV3). “Faço só o treino que posso, não tento fazer sempre mais que...eu posso fazer, porque senão posso ter uma lesão...” (GJ4). “...não faço assim...coisas malucas que possam aleijar e, por em risco, por causa da minha carreira” (OG1). “No caso das lesões, não deve...forçar as lesões, quando temos uma lesão devemos ir ao posto médico” (OJ4).* A lesão física é um dos grandes problemas pelos quais os atletas desportivos permanentemente se encontram. Além disso, as repercussões, causadas pelo tempo em que os atletas ficam sem treinar e competir, revestem esse tema como central na preparação desportiva. Por isso, e não poderia ser diferente, notamos a intensa preocupação dos miúdos com os cuidados que devem ser acionados, a fim de evitar esse mal: *“tenho que cuidar, não posso cair em exageros...”, “e não exagerar...”, “só o treino que posso (...) senão posso ter uma lesão...”, “...não faço assim...coisas malucas que possam aleijar”, “ não deve...forçar as lesões”.* Naturalmente, em função de suas experiências desportivas, os jovens aprenderam a lidar com essas questões de modo prudente e moderado. O exercício dessas provações pode, ao serem ressaltadas e valorizadas, servir de meios pedagógicos para a assunção de uma vida fundada nas virtudes da prudência e da moderação. Mas, no desporto, há sempre que enfrentar, e tentar ultrapassar, certos limites; assim o treino e a competição exigem. Há, para Lynch e Al Huang (1998: 116), dois tipos de limites: “os “limites limitadores”, aqueles que são obstáculos reais e verdadeiros” como é o caso de uma lesão muscular. E “os “limites ilimitados”, aqueles que pensamos ou imaginamos serem limites”, quando não minimizamos o nosso potencial físico, motor, emocional, espiritual, ou seja, quando não

exploramos prudentemente os limites. Vamos consultar os próprios jovens: “*Tento superá-las com calma e tentar fazer o melhor possível...*” (LO2). Tentar e não desistir é ser perseverante. Perseverar com “*calma e tentar*” é ser prudente e moderado e, “*fazer o melhor possível*” é a busca da excelência.

Como já fizemos menção, as experiências desportivas podem ajudar na formação de atitudes na vida particular. Nesse sentido encontramos algumas observações, como: “*...com calma, resolvendo tudo da maneira à medida em que as coisas vão surgindo*” (ON1). Aqui, parece que o jovem atleta demonstra prudente sabedoria para a resolução de problemas na sua vida. Primeiro, antevê que os mesmos devem, para serem resolvidos, ser precedidos da calma e, depois, na atitude de ser passo-a-passo (na “*na medida em que as coisas vão surgindo*”). Na mesma direção e com outras distinções, temos: “*Da melhor forma possível, tentando arranjar uma fórmula sem...firmar conclusões, esforçando-me para evitar confusões*” (FH2). Tanto na vida desportiva como na particular somos frequentemente assaltados por conflitos. Aqueles que sabem a melhor maneira de lidar com essas situações, provavelmente, são aqueles que detêm as virtudes da prudência e da moderação – além de outras como a temperança, sabedoria, perseverança, sensatez. Nessa perspectiva, imaginamos que o jovem entrevistado nos oferece um bom material para reflexão, quando vislumbra através de uma atitude racional, equilibrada, moderada e prudente, os meios de “*evitar confusões*”; e o que nos chama a atenção é o fato de ele ressaltar que a melhor maneira de resolvê-los é “*arranjar uma fórmula*” sem tirar conclusões precipitadas. Esse modo de ver os momentos de confronto é particularmente especial, porque o jovem se coloca na situação de um sábio iniciante e pronto a aprender com a provação. Por outro lado, na maioria das vezes, se discute por coisas que julgamos de forma precipitada, portanto, imprudentemente... “Na ética de Confúcio, a pessoa ilimitada é aquela que constantemente reavalia seu estado de ser e que está disposta a fazer o que for necessário para melhorar” (Lynch e Al Huang, 1998: 115). Sendo assim, temos a oportunidade de aprender sobre valores, virtudes e excelência por intermédio de grandes sábios da humanidade: Confúcio, Sócrates, Platão e Aristóteles. Mas não podemos deixar de reconhecer a lição de (FH2).

Justiça

A justiça é, provavelmente, a virtude que mais preocupou os filósofos e políticos gregos. Para os antigos gregos havia uma estreita relação entre a ordem do universo e a ordem da cidade regida por leis justas (Vaz, 2004).

Sobre esse tema abundam escritos e reflexões. Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1129a, 5) define a justiça como “aquela disposição de caráter que torna as pessoas propensas a fazer o que é justo, e que as faz agir justamente e desejar o que é justo...”. Já na Política (1301b, 35) o filósofo de Estagira parte do princípio de que “a justiça exercida de um modo absoluto visa a igualdade”. Embora, através dos tempos, haja inúmeras reflexões, aplicações e acentuações para a justiça, em nosso trabalho seguiremos a concepção de igualdade, uma vez que essa é um dos princípios (universais) reguladores do desporto. Além disso, como sabemos, a justiça era uma das bases da idéia grega sobre a ciência do agir humano: a ética. Por isso, é nosso dever, especialmente numa época em que a justiça vem sendo, em muitas situações (políticas, sociais, econômicas e desportivas), desconsiderada e desprezada por parte das autoridades e dos organismos responsáveis pela aplicação das leis e da justiça, apresentar uma discussão sobre essa matéria. Por um lado, trazer, para reflexão, as inquietações e avaliações dos nossos entrevistados e, por outro, resgatar a satisfação de ser justo – como um marco de excelência – defendido em diversos momentos por Sócrates e Platão, em especial quando esses filósofos denunciam que “a justiça é uma virtude da alma, e a injustiça um defeito (...), a alma justa e o homem justo viverão bem, e o injusto mal (...), o homem justo é feliz, e o injusto é desgraçado” (A República, 353e-354a). Quem gostaria de ser um desgraçado? A ausência de confiança na justiça não será um dos grandes males da sociedade atual? Pois aquilo que corrompe o homem é uma *doença* e aquilo que corrompe a alma é um *inferno*.

O desporto procura ser um espaço de justiça e de aplicação de leis que visam ao equilíbrio e à igualdade entre os seus participantes; são as regras desportivas “que obrigam os atletas a procurar – no campo da dificuldade, da transcendência e excelência, e não no chão da facilidade, baixeza e violência – as respostas aos problemas postos pelo jogo e pela competição” (Bento, 2006a: 33). Dessa e de outras maneiras como as leis antidopantes, a organização de categorias (profissionais e de base), níveis (rendimento, recreação e lazer), sexo, etc., o desporto surge como uma das atividades mais abrangentes, plurais e igualitárias do planeta, sendo inclusive, considerada como um exemplo para a sociedade em geral (Garcia, 2006b). Mesmo

assim, ainda há muito por fazer no espaço desportivo, em particular no âmbito do futebol, para se atingir um nível de excelência em termos de justiça. Porém, nota-se com certa facilidade, é na vida em sociedade que se identificam as práticas mais injustas. No entanto, quando – no futebol – os atletas entram em campo todos são iguais, conforme Da Matta (1989: 71) “a igualdade perante as regras é o principal elemento da estrutura dos jogos”. Mesmo assim, muitos consideram que *“No futebol o que comanda é o dinheiro e por causa disso há muitas injustiças”* (SR4). Parece que as tentativas de se humanizar o valor econômico não têm tido uma boa acolhida junto às mais diferentes áreas de atuação do homem e, pela afirmação desse jovem, no desporto é motivo de injustiça. Entende-se que seja assim, porque o desporto e a sociedade são duas faces de uma mesma moeda (Da Matta, 1989); é a sociedade e a sua escala de valores que se manifestam junto a sua face desportiva. E cabe salientar, junto com Da Matta (1989: 72), que no desporto, em sua essência, “ninguém pode ser proclamado uma estrela do futebol por causa da sua família ou do protetor, pois ele deve provar suas qualidades em demonstrações públicas”, ou seja, paradoxalmente, um espaço que valoriza os atributos de origem humana.

Em outro passo, o que nos chama atenção é o fato de a maioria dos nossos entrevistados demonstrarem um especial senso de justiça ou, pelo menos, que não estão dispostos a aceitarem a injustiça como uma prática que não exija uma atitude restauradora: *“Dar muitas a vezes a cara aqui. Principalmente no futebol...damos a cara assim...por outros...que sairiam mais prejudicados do que eu e...que, pronto, dei a cara...”* (GL2). A expressão “dar a cara” significa, no ambiente do futebol, se for necessário, sair prejudicado, ficar exposto ou sofrer alguma punição, mas evitar que outros venham a ter algum tipo de, neste caso, injustiça. *“É tentar mostrar que...foi menos injusto ou foi mais injusto é...tentar mostrar a pessoa que...isso está errado, que pode tentar melhorar...mostrar que ela podia ter sido melhor, mais compreensiva”* (OH1). A ação corretora é no sentido de um aconselhamento, com base na sensatez (“mais compreensiva”), que visa a restabelecer a harmonia e a justiça nas relações. *“Tentava ajudá-lo e...fazer com que se fizesse justiça. Tentar ajudá-lo; é o que ele devia precisar mais”* (ON1). Aqueles que sofrem injustiças necessitam de apoio e, ao que parece, o nosso entrevistado, em caso de necessidade, demonstra disponibilidade para isso. *“Tentar fazer com que essa pessoa tenha a justiça que merece...lutar pela sua justiça e lutar pra ela não ser injustiçada”* (VT2). Aqui as expressões “lutar pela sua justiça” e “lutar pra ela não ser injustiçada” sugerem uma atitude ainda mais

incisiva na busca e na assunção da justiça. “*Ah, ia logo ajudar essa pessoa que foi injustiçada e dar apoio, com certeza e que...Quem fez essa injustiça, ia falar com ele...porque que ele fez? ...e se ele não teve culpa...*” (CH2). Interpretamos que esse menino demonstra um estado de alerta (“*Ah, ia logo ajudar essa pessoa que foi injustiçada*”) e de inconformidade (“*Quem fez essa injustiça, ia falar com ele...porque que ele fez?*”) com as ações de injustiça e, assim como os outros, está pronto para assumir a responsabilidade e com coragem de lutar pela justiça. É lógico que as declarações apontam para um tipo de justiça, qual seja, a justiça particular; “aquela que desempenha uma função corretiva nas transações entre indivíduos” (Ética a Nicômaco, 1130b, 30). Ainda, apoiados em Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1130a, 5), verificamos que, em se tratando da prática da justiça, “o melhor dos homens não é o que exerce a sua virtude em relação a si mesmo, mas em relação a um outro, pois esta é a mais difícil”. Por isso mesmo, às vezes, não se tem certeza em relação às atitudes a serem tomadas e nem se temos ou não razão, conforme nos sugere um dos jovens desportistas: “*Algumas pessoas que na minha opinião sofreram injustiça. Quem sabe na opinião dos outros...mas na minha opinião acho que sim. Naqueles casos que pudesse fazer alguma coisa, fazia...mas, há caso que nós não podemos fazer nada*” (FP4). Ou ainda como: “*Penso que não faria muita diferença se eu me metesse...Se a dificuldade fosse com o clube ele teria que resolver com a direção*” (LF4). É a caracterização da impotência que, freqüentemente, todos sentimos diante da injustiça.

Há situações em que o discernimento sobre a prática da justiça fica prejudicado: “*Os meus colegas tem os seus problemas...Se calhar alguns deles pensam que estão a ser injustiçados mas...na atitude do mister...o mister é que sabe, o mister é que sabe o que há de fazer. Se é titular, ou suplente ou não convocar; é assim*” (FH2). Parece que o atleta quer dizer que, quando se trata de seus próprios interesses, as pessoas não são as mais indicadas para um julgamento justo. “A razão é que estão a julgar em causa própria, e na maior parte dos casos os homens são maus juízes quanto aos seus próprios interesses estão em causa” (Política, 1280a, 15). Aprofundando essa discussão, temos: “*O treinador põe o jogador a jogar ou não, eu não posso fazer nada. Agora na vida é outra coisa. Na vida, de fato, também há muitas injustiças. Se alguém for acusado injustamente...se eu souber que ele está injustamente sendo acusado...posso dizer...depende da situação...Se eu puder, faço sempre, quer no caso desportivo quer na minha vida. Na parte desportiva é mais difícil...*” (TB1). Embora considere que no desporto, talvez, seja mais difícil ter uma noção exata sobre as relações de justiça, em

particular entre treinadores e jogadores, e que na vida comum “*também há muitas injustiças*”, o nosso entrevistado também se coloca disponível, condicionalmente (“*depende da situação*”), para na “*vida*” fazer alguma coisa para restaurar a justiça. Quanto à relação entre os jogadores e o treinador, prefere conservar uma prudente distância e não se envolver nessa questão, talvez por considerar que cabe ao treinador, por direito e por condição, ser um agente de justiça. Em nosso diário de campo, um atleta adulto⁷¹ disse, ao se referir àquela relação, que os jogadores de futebol esperam é que o treinador seja justo.

Atentemos, então, para esse pronunciamento: “*Acho que não devia existir injustiça, acho que devia ser justo pra toda a gente. E acho que é frustrante. Quando uma pessoa sabe o valor que tem e ninguém consegue ver este valor...*” (LD3). É nossa impressão que o miúdo em tela, embora não tenha dito claramente, já sofreu algum tipo de injustiça e que isso o deixou frustrado. De fato, todos concordamos, “*não devia existir injustiça*”. Conforme o ensinamento de Sócrates (A República, 351d), o resultado da injustiça é causar “as revoltas, os ódios, as contendas; ao passo que a justiça gera a concórdia e a amizade”. Já no diálogo Górgias (469e), o filósofo, ao debater sobre cometer ou sofrer uma injustiça, declara firmemente: “Eu propriamente não quereria nem uma coisa nem outra. Mas se tivesse de escolher entre praticar e sofrer uma injustiça, preferiria sofrê-la”. Isso é uma atitude que exige demais da alma humana mas, seguindo a mesma direção, temos: “*Depende, se for eu o injustiçado, por exemplo: se eu merecesse algum jogo ser titular...eu deixo todas as responsabilidades pra o mister, porque ele que manda na equipa, não sou eu*” (OJ4). Dois meninos e duas visões sobre o impacto de uma ação injusta. Como na maioria das vezes, no desporto, a relação de prática da justiça se encontra instalada entre o treinador e o atleta; cabe ao treinador, especialmente em se tratando do desporto de crianças e jovens, ter uma excelente formação, uma vez que, segundo Bento (2006a: 29) é “irrecusável que o treinador exerce uma influência muito pronunciada sobre as atitudes e comportamentos, sobre os princípios, valores, orientações e sentidos de vida dos atletas”. Os treinadores devem ter, entre outras virtudes, coragem para fazer justiça; não é fácil para o treinador, no ambiente do futebol, superar as dificuldades colocadas, principalmente, por pais e por dirigentes desportivos, mas “o que é próprio de um homem corajoso não é procurar ou evitar que não deve ser procurado ou evitado, mas procurar ou evitar apenas aquilo que convém, quer se trate de coisas, de pessoas...” (Platão; Górgias, 507b). Talvez seja

⁷¹ Esse atleta não participou das nossas entrevistas.

importante para os treinadores saberem que, dentre as inúmeras qualidades que eles devem desenvolver, a fim de desempenhar bem a sua tarefa, estão incluídas a coragem e a justiça. Tanto os treinadores como os dirigentes desportivos devem ouvir esse relato: *“Principalmente o meu irmão, ele jogava num clube e esteve pra vir aqui para o Braga, só que depois ele...foi injustamente, o treinador...o presidente deste clube que ele estava não o deixou vir pra cá. A minha atitude foi tentar apoiá-lo...”* (LO2). Segundo Sócrates (A República, 351a) *”a justiça é sabedoria e virtude (...) a injustiça é ignorância”*. Na situação narrada pelo entrevistado, consideramos que as orientações de Sócrates são esclarecedoras; a ignorância pode ser um componente que pode mudar, de acordo com a narrativa de (LO2), para pior o rumo da vida de uma pessoa. Temos também: *“Quando era mais novo fazia asneiras e agora toda a gente pensa que foi o (OG1) e...acho que é um bocado injusto, embora eu já tenha feito alguma coisa pra ter isso”* (OG1). O jovem, aqui, oferece uma análise paradoxal referente à concepção de justiça: por um lado, ele acha que é injusto ser rotulado como alguém que faz *“asneiras”* e não que *“fazia asneiras”*; convenhamos que no caso de ser assim, estamos diante de um preconceito, portanto, uma injustiça; por outro lado, ele quase diz que merece, *“já tenha feito alguma coisa pra ter isso”*. A partir do modo como desenvolve a sua opinião sobre o tema, o jovem atleta oportuniza a reflexão a respeito da ação corretora da justiça; aquele que é punido por uma falta que cometeu sofre uma ação justa (Platão; Górgias, 476e). Consideramos que essa ação justa é, para a faixa etária do nosso entrevistado, uma oportunidade de se estabelecerem certos limites no sentido de ajudar os jovens a buscarem o autocontrole, a viver em grupo, a lidar com as regras, etc. É *“a alma de um homem”* que pode ser *“melhorada”* (Platão; Górgias, 477a), uma intenção e uma ação justa, portanto, pedagógica e educativa.

Justiça foi considerada por Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1129b, 25) como *“a maior das virtudes”* e, ao mesmo tempo, uma *aretê* completa, pois, *“a pessoa que a possui pode exercer sua virtude não só em relação a si mesmo, como também em relação ao próximo...”*. Em outro plano, temos o futebol, e o desporto em geral, visto como um exemplo de justiça, conforme a especial narração de Da Matta (1989: 72): *“Mas o futebol, este modesto instrumento tido como mistificador das massas, provê uma experiência exemplar de respeito às leis”*. Na atual conjuntura pessoal, comunitária, nacional e internacional, a declaração de Da Matta é como um gole de água fresca no deserto da injustiça, do desrespeito à legislação e do descompromisso com a ética. E não adianta a análise de que o desporto é uma atividade em que se busca a vitória de

qualquer maneira; Não! O desporto tem limites e esses encontram-se na ética desportiva (Garcia, 2006b). Sim! Dizemos nós, aqueles que patrocinam uma atividade que não possui referências éticas, estão apostando em outro tipo de tarefa. A estrutura desportiva é, deve ser sempre, alicerçada pelos mais nobres valores humanos, especialmente a justiça, a ética e a dignidade. O desporto é uma atividade de excelência humana em todas as dimensões: técnica, tática, emocional, espiritual, ética, social, cultural, poética, mítica, racional, etc. No desporto, experimentamos e saboreamos o valor de formas de coletividade simples, a importância e a assunção da observância de regras e acordos, e também das consequências de batotices, de incorreções e desrespeito das regras, além do sentimento de partilha e solidariedade, a intimidade e a convivência (Bento, 1998), entre outros. Esses princípios e valores foram destacados pelas crianças e pelos jovens entrevistados durante a exposição que fizeram sobre a justiça. Consideramos especialmente salutar verificar que os jovens podem, através do desporto, visualizar, aprender e experimentar os princípios nos quais estão baseados a justiça, como dizia Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1103a, 30) “as virtudes (...): adquirimo-las pelo exercício, tal como acontece com as artes, Efetivamente, as coisas que temos de aprender antes de poder fazê-las, aprendemo-las fazendo...”. O desporto, por intermédio da sua pedagogia, pode ajudar, ao proporcionar a vivência de situações e de conteúdos práticos, nos desequilíbrios sociais e morais causados pela inobservância da justiça.

Modéstia e Humildade

Para os cristãos, uma das virtudes mais admiradas é a modéstia (simplicidade ou humildade) e cuja prática é um atributo do homem bom. Entretanto, Kenny (2003: 197) ao considerar e interpretar o pensamento de Aristóteles sobre essa matéria salienta que o “homem bom de Aristóteles, pelo contrário, está longe de ser humilde”. O homem bom era o magnânimo que possuía uma grande alma e que estava perfeitamente consciente da sua dignidade e aspirava a ser honrado pelos seus méritos e pelo exercício das virtudes; além disso, era característica do homem bom e magnânimo “não pedir nada ou quase nada, mas ajudar de bom grado e adotar uma atitude digna diante das pessoas que desfrutam de alta posição e são favorecidas pela fortuna” (Ética a Nicômaco, 1124b, 15). A fim de conciliar a ética cristã com a ética aristotélica, Tomás de Aquino, através das palavras de Kenny (2003: 198), afirma que a “humildade, (...), garante que as nossas ambições se baseiam na justa avaliação dos nossos defeitos; a magnanimidade,

que se baseiam numa justa avaliação dos nossos dons”. Sendo assim, ao estimarmos as nossas limitações e imperfeições, devemos ser sensatos e humildes; entretanto, ao considerarmos os nossos dons, devemos experimentar o exercício da superação.

Sobre esse tema os nossos entrevistados emitiram os seguintes raciocínios: inicialmente, são taxativos ao dizerem que é a *“Humildade acima de tudo”* (CH2). Parece que agem, ou procuram agir, *“Sempre com muita humildade...”* (PO1). Se tiverem que oferecer algum conselho: *“Principalmente pra ele ser humilde e honesto...”* (LO2). No desporto, a todos (os atletas entrevistados e outros que querem se dedicar ao desporto) é necessário: *“Pra ele trabalhar muito, ser humilde acima de tudo...”* (LD3). O treinamento e a competição desportiva são de grande valia para o desenvolvimento técnico, tático, físico e motor dos jovens, no entanto, a humildade está *“acima de tudo”*.

Os nossos entrevistados assumem que estão atentos à prática dessa virtude: *“É inacreditável...pela atitude dele todos os dia, a maneira dele estar, dentro de campo e fora de campo e...Era uma pessoa simples...não convencida”* (TB1). Ou, quando se trata de grandes atletas do futebol: *“...humildade é a principal coisa. Para conseguir qualquer coisa temos que ser humildes e penso que eles tiveram isso (Figo e Deco) ...”* (FH2). Ao atribuírem valor àqueles que agem com humildade e com simplicidade, interpretamos, os nossos jovens consultados insinuam uma admiração aos grandes desportistas com base na exposição daquelas virtudes, ou seja, os valores e as virtudes são um estreito elo entre os jovens e os adultos desportistas. Além disso, registramos que: *“Tento ficar mesmo com o sucesso a nível profissional, tenho que me manter sempre com humildade...fora, na relação com os outros, tento ser sempre igual a eles, nunca olhar de cima para eles”* (GL2). Nesse caso, avaliamos que o miúdo está num processo de formação e de educação. Ele tem consciência de que há um dever a ser cumprido (*“tenho que me manter humilde”*) e esse dever é abordado no ambiente desportivo: *“...sempre me disseram, pelos treinadores, que o bom desportista também tem que ser, dentro e fora do campo tem que ser sempre humilde, boa pessoa com os familiares, diretores, treinadores, equipa, isso”* (CD3). O projeto desportivo tem sentido quando a perspectiva de formação e de educação não são apenas obra do acaso. Conforme Bento (1999: 84), é *“irrecusável que o treinador exerce uma influência muito pronunciada sobre as atitudes e comportamentos, sobre os princípios, valores, orientações e sentidos de vida dos atletas”*. Um exemplo de sensibilidade e de sabedoria pedagógica no trato pessoal, desportivo e humano. Confirmando temos: *“Ser*

humilde...dentro de campo, (...) ser humilde, ajudar os outros...” (GJ4). E depois de tudo o que fica “...é a humildade também” (GV3).

Gostaríamos de salientar que, dentre os mais sábios da Grécia Clássica, encontrava-se o filósofo Sócrates; a sua atitude, embora não a realçasse, era de extrema simplicidade e de humildade. Essas virtudes são facilmente notadas através das palavras de Sócrates, durante a sua defesa no tribunal de Atenas, narradas por Platão na Apologia de Sócrates. Os tempos mudaram e, provavelmente, haja uma imensa necessidade pedagógica de nos lembrarmos da nossa essência de sabedoria baseada na humildade e na modéstia. Para tal, Bento (1999: 28) propõe uma pedagogia da modéstia e da humildade, como sendo, “a mais alta pedagogia humana, porque a humildade é um lugar de reconhecimento da nossa ilimitada dependência, da nossa imperfeição, dos nossos erros, das nossas fraquezas e misérias”. No desporto, qual paradoxo, ao mesmo tempo que nele aparecem essas limitações, há também um espaço em que aprendemos a lutar para ultrapassá-las; rumo à transcendência. Assim, somos forçados a admitir que Tomás de Aquino estava certo ao tentar aproximar a ética cristã da ética aristotélica. Sendo assim, estamos diante de duas realidades complementares e, em nosso caso, a base que sustenta essa complementaridade é a excelência da pedagogia do desporto.

Sabedoria

Em nosso trabalho, a sabedoria surge em duas esferas: uma categoria e uma sub-categoria. O motivo para isso situa-se no fato de que a sabedoria é uma das *aretai* que pode ser considerada sob duas circunstâncias: é um pré-requisito para o bom uso das demais virtudes (coragem, moderação, justiça, prudência); por mais bem-intencionado que seja o indivíduo, sem a mediação da sabedoria, pode cometer erros e males. E, em outro passo, é na sabedoria que se encontram todas as virtudes éticas; o homem virtuoso possui um sólido discernimento sobre a felicidade e o bem-estar humanos (Kenny, 2003); então, “o fundamento para a unidade das excelências é o saber” (Caeiro, 2002: 132). Logo, a sabedoria, como saber, possui uma identidade particular e outra geral.

Embora Sócrates, no diálogo com Protágoras, se contraponha ao sofista, salientando que a *aretê* não era um conteúdo ensinável, na verdade, durante o debate “Protágoras ignora a tese de Sócrates de que a virtude é um saber” (Jaeger, 2003: 634), conforme se pode notar na pergunta de Sócrates: “Então, sabedoria e coragem também são partes da virtude?” Ao que Protágoras respondeu: “Certamente, as mais importantes de todas, e a sabedoria é a maior dessas partes” (Protágoras, 330a) e, mais tarde,

Sócrates continua: “Serão, então, a sensatez e a sabedoria uma só? Já antes nos pareceu também que a justiça e a piedade eram próximas...” (Protágoras, 333b). Desse modo, “Sócrates, que não achava a virtude suscetível de ser ensinada, agora busca provar por todos os meios que a virtude é, por todas as formas, um saber” (Jaeger, 2003: 644). Contudo, o que fica expresso é que esse saber, como conhecimento, é possível ser demonstrado dialéticamente e a verdadeira virtude, como objeto dessa investigação, “é una e indivisível” (Jaeger, 2003: 566). Foi assim que Sócrates (Laques, 191d) descreveu, de forma magnífica, sobre a expressão multidimensional da coragem: “Eu procurava saber de ti quais são os corajosos, não apenas entre os hoplitas, (...), e não apenas os corajosos na guerra, mas também os que são corajosos nos perigos do mar e aqueles que são corajosos nas doenças, ou na pobreza, ou na política. E mais ainda: (...), mas também os que são intrépidos no combate aos desejos e prazeres, ora enfrentando-os, ora evitando-os”.

Com essas considerações sobre a sabedoria na perspectiva socrática lembramos também que um dos costumes de Sócrates era o de perambular pelos ginásios, praticando exercícios e conversando, discutindo, investigando e destilando sabedoria junto à juventude ateniense. Através do diálogo hermenêutico, vamos tentar aproximar os antigos filósofos gregos – e a visão de sabedoria – a uma pequena parcela das nossas crianças e jovens dos dias atuais – e ouvir as suas ponderações, escolhidas por nós, sobre assuntos que apontam, requerem ou afirmam conteúdos ligados à sabedoria.

Inicialmente, aceitando que a sabedoria está relacionada com o saber, com o conhecimento e, portanto, com a aprendizagem, temos: “*Penso que também é importante nós aprendermos com os nossos erros*” (TB1). Existem muitas maneiras de se obter conhecimento; uma delas é através das provas (positivas ou negativas) diárias. Há um ditado na sabedoria popular que diz: sábio é aquele que aprende com os seus próprios erros. Somente os prepotentes acham que não precisam aprender mais nada. A excelência na aprendizagem é nos darmos conta de que a perfeição pode ser conseguida através dos nossos tropeços e desacertos; sabedoria é considerar os nossos erros como benditos e, ao mesmo tempo, perceber que eles nos dirigem a inúmeras possibilidades de aprimoramento. A essa luz, encontramos uma boa reflexão no seguinte ensinamento: “*Ah! Sim, às vezes uma pessoa tem vivência e experiências e, depois, o melhor conhecimento é a experiência. A partir da experiência...nos acontecimentos futuros já...lida com o acontecimento de acordo com a experiência antiga*” (GL2); Para Mora (1991: 355) o “ideal antigo do sábio, que não é apenas o homem que sabe, mas o

homem de experiência”. Além da nítida concordância de que é através da experiência que o homem se torna sábio, o nosso entrevistado demonstra um jeito simples e sábio de lidar com as situações momentâneas com vistas ao armazenamento de sabedoria para se preparar para o futuro: um planejamento do viver e do devir. No desporto, essas experiências são o cimento do dia-a-dia dos jovens atletas e, por isso, o nosso entrevistado aponta indícios de uma autêntica sabedoria, um modo excelente de se ver as provações da vida. Mas, e o que pode ser essa excelência? Quem responde é um outro menino: “*Excelência? Acho que é ser feliz. Acho excelente, acho que é ser feliz, em tudo, seja na vida pessoal ou no desporto*” (FP4). Atentemos que é o jovem quem põe em relevo a manifestação da felicidade como proveniente da excelência na vida pessoal e desportiva. Outrossim, a união da excelência com a felicidade foi contemplada há dezenas de centenas de anos atrás, quando Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1098b, 30), no alto da sua sabedoria, sentenciou que “a felicidade é a atividade conforme a virtude”, ou seja, conforme a excelência, a *aretê*. Mais, Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1098b, 20) aludia que algumas pessoas identificavam “a felicidade (...), com a sabedoria prática, outras com uma espécie de sabedoria filosófica...”. Portanto, (FP4) pode não ser um grande sábio (não se sabe), mas as suas palavras são de sabedoria. Sem dúvida que uma pessoa se sente feliz quando faz bem alguma coisa. Quem faz bem feito sabe o quanto é bom fazê-lo (Adorno, 2002). Esse pensamento de Adorno, parece ser, também, convicção de um dos atletas consultados: “*É como eu disse a bocado, é fazer melhor do que eu fiz antes, é melhorar, é enfrentar a cada dia como se fosse um dia diferente dos outros...é principalmente isso*” (GV3). Jaeger (2003:551) conta que Sócrates “considerava um homem livre aquele que representa a antítese daquele que vive escravo de seus apetites”. A partir dessa afirmação e da opinião do nosso entrevistado, somos tentados a conjecturar que o homem livre e sábio é aquele que não é escravo dos seus limites. Para quê? Para simplesmente “*Ser uma pessoa melhor*” (PJ3). Ser melhor é ser feliz. Bento (2006a: 6) posiciona que “jamais conseguiria *ser* independente sem *ter* realizado aprendizagem”; a aprendizagem que leva a independência é a mesma que traz a sabedoria. Aqui, o que nos interessa mais profundamente é saber como essas questões se apresentam a partir das experiências desportivas e, por intermédio delas, extrair algumas reflexões sobre a sabedoria. Garganta (2006: 314) diagnostica que se treina “para ser melhor do que já era, procurando-se saber cada vez mais e fazer cada vez melhor. Por isso, ao treinador compete formar e capacitar os jovens, no respeito a tríade: saber, saber fazer, saber

estar”. Todavia, em se tratando de idosos, o treino pode ser para não perder tão rapidamente as suas qualidades físicas, motoras e outras. Ou seja, a pedagogia do desporto é, antes de tudo, para configurar “*uma pessoa melhor*”. Por ter rendimento, por ter competência motora, por ter tido oportunidade de treinar e de se colocar desafios, por ter desenvolvido aprendizagens e por tudo mais que a prática da *ar(e)te* desportiva proporciona, é que um dos miúdos disse: “*Tudo me ajuda conhecer melhor. Nos treinos fazemos o que nós nos valemos, nos jogos colocamos em prática o que aprendemos nos treinos e...Depois vemos a nossa evolução. A evolução que temos nos treinos e quando conseguimos...fazer aquelas coisas que antes não conseguíamos, aperfeiçoar...*” (PJ3). As lições desportivas, segundo o nosso entrevistado, geram mais do que uma expectativa de aperfeiçoamento, ou seja, elas aperfeiçoam realmente; a evolução e o aperfeiçoamento pessoal ajudam a (PJ3) a se conhecer melhor. Esse autoconhecimento também é percebido por outro jovem atleta: “*O treino ajuda-me a conhecer aquilo que estou mal ou bem. A competição tento fazer sempre o que aprendi no treino e...*” (GJ4). Embora Aristóteles considere que os jovens não sejam dotados de sabedoria (mesmo que seja a sabedoria prática), não podemos deixar de considerar um ensinamento desse filósofo sobre aquele que detém a sabedoria prática: “saber o que é bom para si mesmo é uma espécie de conhecimento (...) e considera-se que o homem que conhece os próprios interesses e com eles se ocupa tem sabedoria prática...” (Ética a Nicômaco, 1142a). Há um trecho da entrevista de (GJ4) pelo qual somos atraídos: “*a conhecer aquilo que estou mal ou bem*”. A sabedoria socrática se baseava na ciência do bem e do mal, ou seja, conhecer bem é agir bem, o contrário é ignorância (Adorno, 2002). Naturalmente que seria muito audacioso estabelecer uma relação entre um simples pensamento do jovem sobre o conhecimento que adquiriu na sua prática desportiva e um dos fundamentos da sabedoria clássica. Entretanto, as palavras do miúdo são importantes no sentido de apontar as inúmeras possibilidades de educação e de formação que o desporto patrocina; apenas é necessário atenção, ação, sensibilidade e amor pela pedagogia desportiva. Sendo assim, admitimos que os nossos entrevistados, mesmo sendo jovens, demonstram traços não só referentes ao conhecimento do que lhes causa bem, mas, além disso, segundo nossa interpretação, vislumbram um pouco mais do que a ideia de sabedoria prática, uma vez que o aperfeiçoamento físico-motor, a busca de ser melhor, a evolução, etc., são acontecimentos que se vinculam, além do corpo, à ética e à alma. Acrescenta-se a essa discussão a ideia de que formar-se é, na sua essência, melhorar-se, querer ser melhor,

revestir-se de gestos e reações novas e mais perfeitas (Bento, 2006a); essa é uma educação de excelência e, também, uma resumida ilustração da sabedoria socrática, que pode ser traduzida pela incessante busca pelo aperfeiçoamento do ser humano. É lógico que não podemos imaginar que a busca do auto-aperfeiçoamento é algo de fácil domínio. Ao contrário, segundo outro atleta iniciante; *“Existem barreiras e dificuldades... Temos que pensar bem no caso, se possível dialogar com alguma pessoa...se tivermos muito aflitos; e depois arranjar uma solução, tudo tem uma solução”* (FH2). Os desafios, não raras vezes, podem provocar tensões e aflições, por isso, fazem parte experiência e do desenvolvimento da sabedoria prática; é necessário conversar, dialogar e aconselhar-se, tendo a certeza de que conhecer, e conhecer bem, é a luz para a sombra da ignorância. Certos casos, como a relação desporto e escola, entre o conhecimento físico-motor e o conhecimento teórico-intelectual, entre o tempo devotado ao desporto e o tempo dedicado à escola, são questões que exigem equilíbrio, prudência, moderação, coragem e sabedoria. Temos um exemplo: *“Eu, por exemplo, consigo conciliar bem as duas coisas, mas depende do aluno que ele for também”* (GJ3). A palavra certa é conciliar e *“conciliar bem”* essas duas importantes esferas da vida do jovem, é um exercício de sabedoria; por vezes, quem diagnostica é Marques (2006: 147), *“é quase impossível compatibilizar exigências tão elevadas como as da escola e do desporto”*. Esse exercício provoca discussões acaloradas, porque, afinal, o que todos querem, pelo menos aparentemente, é o bem-estar das crianças e dos jovens. Entretanto, os meninos (e meninas), pelo menos uma boa parcela deles, vêem o desporto como uma possibilidade de *“...tentar alcançar a riqueza quer a financeira quer a pessoal...”* (TB1). Essa colocação já possui, na forma aristotélica, indícios de sabedoria, pois, tanto a riqueza financeira como a pessoal fazem bem, e são boas, ao homem. No entanto, cabe o destaque: o jovem refere-se tanto à dimensão financeira como à pessoal, antepondo o adjetivo riqueza. Interpretamos, pois, da seguinte maneira: a riqueza financeira é a fortuna e a riqueza pessoal é o tesouro do exercício das virtudes. Aquele que detém, vendo como exercício das virtudes a riqueza pessoal, possui maior sabedoria para lidar com os altos e baixos na prestação desportiva e, às vezes, com suas conseqüências, os reveses financeiros. Para essas situações Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1124a, 10) aconselha: *“conduzir-se-á também com moderação no que diz respeito ao poder, à riqueza e a toda boa ou má fortuna que lhe aconteça, e nem se rejubilará excessivamente com a boa fortuna e nem sofrerá excessivamente com a má...”*. A vida e o desporto são espaços de definição e de realização humanas e, por

isso, em escolas onde se aprende (também se ensina), se forma e se educa; há um ditado popular que diz que a vida é um mestre rigoroso já que primeiro dá a prova para depois dar a lição. Do mesmo modo acontece com os desportos. Nesse sentido, um dos nossos atletas anotou: *“Acho que são muito paralelos...pra conseguir passar esses obstáculos na vida temos que utilizar quase as mesmas manhas pra ultrapassar os objetivos, os obstáculos do desporto”* (OH1). O que podem ser essas *“manhas”*? Como elas são usadas para ultrapassar obstáculos? Interpretamos, com base no nosso conhecimento do ambiente desportivo, que *“manhas”* têm a ver com a sabedoria prática e popular, resultado de um aprendizado na prática desportiva (detalhes, conselhos, intuição, observação, truques, sutileza, habilidade, experiência) e, algumas vezes, isso significa colocar em ação certas virtudes como a sensatez, a prudência e moderação. O que se deve chamar a atenção é sobre a informação, dada pelo jovem, de que a superação dos obstáculos na vida ou no desporto é feita do mesmo modo. As aprendizagens, os saberes e as experiências realizadas no ambiente desportivo podem auxiliar no melhor modo de se lidar e organizar a vida ordinária e vice-versa.

Sabedoria, concluímos nós, é, entre outras, uma expressão prática de saberes e exprime-se, também, pelo raciocínio prático, o que no dizer de Kenny (2003: 98), é aquele que *“parte de um conceito geral ou padrão de bem-estar humano, considera as circunstâncias dos casos particulares que exigem uma decisão e conclui com uma prescrição para a acção”*. Para isso, é necessário, lembrando Aristóteles, uma certa prática ou exercício dessa virtude. Em outra medida, lembrando agora Sócrates, o exercício da virtude aprimora os dotes naturais e leva, eleva, ao auto-aperfeiçoamento.

O desporto, por sua vez, representa simbolicamente o modelo de perfeição, tanto para o homem como para a sociedade, quando exige um permanente exercício e aperfeiçoamento das propriedades físicas, motoras, éticas, intelectuais, espirituais e outras. Além disso, a atividade desportiva vista pelo âmbito do conhecimento físico-motor, ou seja, da habilidade motora, da prestação física, da performance tática, pela criatividade, pela sensibilidade, pela expressão estética e pelo necessário desempenho ético e espiritual, configurar-se-á como uma prática de sabedoria expressa pelo movimento. Esses valores, evidentemente, não se encontram restritos ao ambiente desportivo; *“transitam para além dele, para um quadro mais lato e abrangente. (...), mas sim e essencialmente para vigorarem na vida, para lhe traçarem rumos, alargarem os horizontes e acrescentarem metas e meios de as alcançar”* (Bento, 2004: 79). Por isso, e com o que os filósofos indicam como sabedoria, não consideramos um exagero sugerir

que na prática desportiva se aprende a ser mais sábio; em outras palavras, seria dizer que, pelas experiências desportivas de real significado e sentido, os desportistas conformam a sua preparação para viver uma vida melhor e mais feliz.

Temos consciência de que as representações discursivas dos entrevistados não foram formuladas apenas pelo conhecimento extraído do universo desportivo (embora tenha sido esse o contexto das suas reflexões), mas é de especial significância salientar que, por intermédio das palavras, frases e expressões aqui analisadas, surge, mais uma vez, a importância do desporto como um meio de expressão cultural e de formação humana; uma atividade de excelência para formar um homem de valor (detentor da *aretê*).

***Aretê* Transcendental:**

Felicidade

Desde que o homem tomou consciência da sua existência, ele procura a felicidade por todos os meios. Tanto é assim que a felicidade é tida como a maior aspiração de todos os homens; metaforicamente falando, significa dizer que todos os homens praticam o desporto de correr atrás da felicidade. Tudo o que fazemos, não apenas como indivíduo mas também como sociedade, é para se obter felicidade. Na verdade, é uma aspiração comum a todos os seres sensíveis; a inclinação para ser feliz e evitar o sofrimento não conhece fronteiras (Dalai-Lama, 2000). Se ela é assim tão importante, precisamos saber o que é a felicidade e como podemos alcançá-la. Uma das concepções mais aceitas a respeito dessa matéria é a de Aristóteles (*Ética a Nicômaco*, 1098b, 30), quando diz que “a felicidade é a atividade conforme à virtude”; seja a virtude em geral ou uma virtude em particular. Portanto, consideramos que toda ação e atividade tem por finalidade o encontro com a felicidade; todo ser humano ao desempenhar (excelência) a sua função (*ergon*), sente-se feliz e, para que isso se materialize numa atividade virtuosa, é necessário acrescentar um especial estado de ânimo; esse, por sua vez, é resultado do sentimento de amor e de ardor que a própria atividade desperta.

Essa atividade virtuosa é para Aristóteles (*Ética a Nicômaco*, 1099a) “necessariamente agir, e agir bem (...), assim as coisas nobres e boas da vida só são conquistadas pelos que agem retamente”. Cabe lembrar que foi nesse passo que o filósofo estagirita usou como exemplo, para explicar a matéria, o exemplo dos campeões dos Jogos Olímpicos. Naturalmente que Aristóteles se refere aos atletas que,

não sendo os mais belos e nem mesmos os mais fortes, munidos pela ética do esforço, pela ética da vontade e pela ética da ação de excelência conquistam a coroa, símbolo, entre outras coisas, de felicidade pessoal e coletiva.

O desporto pode, através do seu apelo axiológico, conformar uma atividade de excelência e, como consequência, encontrar a felicidade. Desse modo, percorrendo junto com os nossos entrevistados o cenário desportivo, ouvimos inúmeras revelações ligadas ao sentimento, ou estado da alma, de felicidade como, por exemplo: “...quando estamos felizes e...corre-nos sempre melhor, estamos mais confiantes em nós próprios também...” (TB1). A felicidade é um princípio pelo qual toda vida se move e, segundo Caeiro (2002), ela é, para além de todas as coisas que são boas, a causa responsável de todas as coisas que podem ser chamadas de boas, assim como anotou (TB1) quando se referiu a “corre-nos sempre melhor” e “mais confiantes”. Ou como acontece na ação de jogar e competir: “Quando vou para o campo gosto...adoro jogar futebol e quando jogo estou feliz...” (GL2). A noção de felicidade vinculada à prática desportiva é um dos assuntos mais significativos para a pedagogia e para a antropologia do desporto. Entretanto, pela afirmação do entrevistado, podemos considerar que o campo de jogo é um lugar que se encontra além dos espaços comuns; gostar, adorar e estar feliz apontam para as esferas do sublime, do ontológico e da transcendência. Senão vejamos essa sentença: “Felicidade, alegria...é indescritível” (LD3). No momento em que não se consegue descrever um sentimento, uma experiência ou um fato é porque, no mínimo, ele transcendeu aquela forma tradicional de expressão e essa sensação. E por ser especial, dura para além do momento em que ela se apresenta. É em Cousineau (2004: 243) que encontramos, para tentar uma aproximação com o padrão de sentimento exposto por (LD3), essa extraordinária apreciação que ele atribui a um anônimo: “Assim que a bola é atingida/O menino sai voado/para sua próxima posição. E depois para casa, feliz”. Na maioria das vezes esse estado do espírito aparece pontualmente: “Tem dias que sinto que estive muito bem e senti uma felicidade enorme, porque consigo realizar as coisas bem e pronto, isso dá-me um prazer enorme” (FP4). Para que o estado de felicidade se manifeste, para esse jovem, há um condicionante, ou seja, “que estive bem”; isso significa ter feito algo de bom, ou bem feito, ou da melhor maneira possível na sua tarefa desportiva. Conforme foi apresentado no princípio desse assunto, essas ações de excelência correspondem ao que anunciou Aristóteles, a saber, levam à conquista de coisas boas e nobres onde a felicidade é o sumo bem. De outro modo, um jovem atleta afirma que: “Penso que quando nós competimos com alegria de

jogar e com a nossa felicidade de jogar...penso que as coisas nos saem melhor...”(ON1). Da mesma maneira pensa outro menino, quando descreve: “...*sinto-me feliz e sentindo-me feliz, cada vez jogo melhor...*” (FH2). Aqui, diferentemente da opinião anterior de (FP4), os jovens subordinam o êxito (as coisas saem melhor ou o jogar melhor) ao estado de felicidade. Tais observações devem-se ao fato de o que proporciona essa felicidade é exatamente a atividade – no caso o futebol; isso permanece ainda de acordo com as reflexões de Aristóteles referentes à felicidade, uma vez que, a “vida de atividade conforme à virtude é aprazível por si mesma, (...) é um estado da alma, e para cada homem é agradável aquilo que ele ama”. Isso, para nós, foi o que os meninos (ON1) e (FH2) fizeram ressaltar; convenhamos, aqueles que falam do futebol e da competição com tanto entusiasmo realmente demonstram amor por essa atividade.

No desporto há, freqüentemente, por diversos motivos, a experiência de felicidade e, quando acontece, a sensação é inigualável: “*Sinceramente não tem comparação possível, porque aquele momento é o momento que esquecemos tudo, tudo que nós temos...tudo mesmo, só fica aquela felicidade...aquele momento*” (PO1). Começamos pelo fim. Ao dizer que “*só fica aquela felicidade...aquele momento*” ele parece registrar, e procura manter, o “*momento*” em que se dá a transcendência, esquecendo de tudo num estado de abstração. A concentração que é exigida pela prática desportiva pode levar à substituição de um estado de corpo por um estado da alma, onde o atleta abstrai-se de tudo (Fernandes, 2000); parece que a vida ordinária fica suspensa (Huizinga, 2003). Numa atividade que envolve tanto esforço, dedicação, sofrimento, dor, dúvidas e superação, parece paradoxal o testemunho do jovem. Todavia, ao consultarmos Jaeger (2003: 547), vimos que o caminho do auto-aperfeiçoamento e do autodomínio é construído através daquilo que “*Sócrates designava com a palavra grega askesis, equivalente à inglesa training*” e em bom português: treino. Por isso, não há outro comentário a não ser aquele que diz: “*Quando você está feliz nem se dá conta do tempo passar*” (LO2). E por quê? “*Sentimo-nos contentes, felizes...Estamos a fazer aquilo que mais gostamos, que é jogar futebol e, ainda por cima, com o sentimento de felicidade*” (CD3). Em certas ocasiões a felicidade parece estar contida numa ação coletiva: “*Ah, isso corre-se muito feliz por ter ajudado a equipa a conseguir mais 3 pontos e mais uma vitória...Isso dá uma felicidade imensa...*”(VT2). E, nesse caso, a felicidade acompanha a tarefa solidária, desenvolvida no seio de um grupo de jovens. A vitória é, na verdade, o símbolo da felicidade perfeita e, embora possa ser considerada

como efêmera, ela não perde o brilho do que representa. Nessa luz, podemos incluir a consagração da fé em si e em seus companheiros, a valorização de todos os esforços, da vontade férrea e de amor a uma causa que, na maioria das vezes, é vista como um projeto de origem material, mas nós acreditamos que ela se circunscreva às esferas educacional, pedagógica, ética, cultural e divina.

Nessa perspectiva é que o desporto se torna parte de um projeto de vida: “*Acho que com felicidade e alegria temos que competir sempre*” (GV3). “*Sempre*” é uma palavra que, normalmente, apresentamos, quando queremos nos referir ao que é para toda a vida ou para a eternidade e, dentro de um genuíno plano de vida, a grande e eterna competição é a luta pela transcendência, onde as ações e a atividade desportiva as simbolizam com notável singularidade.

Embora todos lutem para conquistar a felicidade, é fato que, cada vez mais, ela se encontra distante da maioria dos seres humanos. Entendemos que todas os seres sensíveis devem ter o direito de ser felizes e, do ponto de vista ético, devemos desejar, propor, organizar e oferecer condições para que todos sejam detentores desse tesouro. Como não sabemos a forma de solucionar essa questão a partir da economia ou da política, o que podemos sugerir é que pela mão do desporto, como vimos, as pessoas podem experimentar momentos de felicidade a qual pode transportar os seus praticantes para um universo de cores e luzes. Afinal, a “virtude física e a virtude espiritual não são, pela sua essência cósmica, mais do que a simetria das partes em cuja cooperação corpo e alma assentam” (Jaeger, 2003: 535). O corpo no espírito e o espírito no corpo. O desporto é o diálogo transcendente entre o veículo e a essência, onde o veículo se fortalece e a essência é disponibilizada, ambos se aproximam e se tocam, formam o único; pela transpiração de um e pela inspiração do outro é que encontramos a verdadeira e genuína *aretê* cujo exercício leva a felicidade.

Alegria e Prazer

Desde os tempos mais remotos que a tradição pode alcançar, os jogos desportivos praticados pelos nobres guerreiros estavam intimamente ligados às festas dos deuses. Festa é motivo de reunião, de alegria e de prazer, por isso, a competição desportiva, desde aqueles tempos, era uma atividade de prazer e, ao mesmo tempo, de agonia.

O prazer e alegria, o refinado sentimento estético, a reverência ao bom e ao belo, a marca de uma ética calcada no esforço e na maceração sem precedentes, expunham as

duas dimensões da *aretê*: a agônica e a lúdica. Para isso, Jaeger (2003: 253) oferece um bom argumento quando diz, e diz bem: “A unidade do físico e espiritual que nas obras-primas da escultura grega admiramos (...), aponta-nos o caminho para chegarmos à compreensão da grandeza humana do ideal agonístico...”. Nessa mesma direção, Silva (2000: 62) identifica que “dentro de uma concepção de divindade à semelhança do homem, os Gregos atribuíam aos seus deuses o mesmo prazer pela música, a dança ou o desporto que eles próprios tiravam dessas actividades”, ou seja, o desporto era a expressão e o ideal do perfeito, congregando deuses e homens num ritual de exposição da mais legítima expressão do sagrado e, ao mesmo tempo, de elevação dos atributos físicos, os quais se consagravam numa experiência de prazer e de alegria e se registrava a *aretê* divina.

Desde aqueles tempos até os inquietantes dias atuais, com maior ou menos acentuação, e mesmo que alguns não reconheçam, o desporto traz consigo o testemunho tanto do prazer e da alegria como da experiência de felicidade: provas inequívocas de que o maniqueísmo é um assunto lateral.

Para situar presentemente este assunto, vamos considerar o exemplo dado por Garcia (2006c) no seguinte relato: quando damos uma bola, seja a mais simples ou a do último modelo da FIFA, para uma criança, imediatamente um sorriso de felicidade invade aquele pequeno rosto e, de igual maneira, os corações de todos que estão próximos da cena enchem-se de alegria. “*Eu sempre gostei do futebol desde de pequenininho e...com meus olhos e amor de jogar futebol...*” (VT2). Daí para o adulto não é muito diferente: Boff (2000b: 44) diz que conhece “um torcedor que antes de um grande jogo (...). Quando chega o dia compra antecipadamente a entrada, vai ao estádio e ninguém o segura. Ele freme, ele treme e na hora do gol experimenta um salto para a transcendência. É o delírio, é o grito, é o abraço, é o gozo, é o êxtase”. O mesmo ocorre com o atleta desportivo que, num momento de extrema alegria, prazer e felicidade, agradece aos céus e se enche de graças, uma vez que, nas palavras de Costa (1997: 74), “depois de controlar eficazmente a bola e marcar um gol, eleva as mãos para o céu, mostra, mesmo que inconscientemente, que a altura é a dimensão simbólica da vitória”; e retornamos às dimensões lúdica e agônica da competição desportiva. Agora falta-nos verificar, com mais profundidade, o que se passa com os demais jovens desportistas. Inicialmente, temos: “*Foi quando eu ganhei um campeonato, não era nacional, era distrital mas...de fato foi uma alegria...*” (TB1). Esse depoimento nos faz reconhecer que, de fato, o êxito possui um enorme apelo pedagógico; não é necessário vencer um

campeonato mundial ou uma olimpíada para sentir-se feliz – isso depende de pessoas especiais em condições especiais – como, por exemplo, uma volta esforçada numa pista de atletismo. Nesse sentido, cabe à pedagogia do desporto promover experiências de alegria e de satisfação para todos os envolvidos na prática desportiva. Basta um simples jogo: “*Acho que me correu tudo bem, acho que comecei bem e...já joguei com muita alegria e dá mais prazer de jogar futebol*” (LD3). Notadamente, verificamos que nessa observação não consta a palavra vitória ou alguma correlata, e sim o jogo como disseminador de alegria e prazer. Sim, “...*é o prazer que sente em praticar desporto e no caso o futebol*” (FP4). Na mesma medida, temos: “*Sempre que entro em campo é com alegria*” (CH2). Como dizia Huizinga (2003: 19), a alegria e o prazer contidos no divertimento “do jogo, resiste a todas as análises e a todas as interpretações lógicas”; somente uma expressão de tão puro sentimento pode aproximar-se da liturgia do jogo: “*Eu adoro jogar a bola...*” (GJ4). Mesmo assim, aquele autor distingue que “o jogo verdadeiro e espontâneo também pode ser profundamente sério. O jogador pode entregar-se ao jogo de corpo e alma (...). A alegria inextrincavelmente associada ao jogo pode transformar-se não só em tensão como em arrebatamento” (Huizinga, 2003: 37); o lúdico e o agônico são as dimensões que revestem o jogo desportivo.

Seguindo com os nossos entrevistados, temos: “...*desporto pra mim é o que eu mais gosto de fazer, principalmente o futebol*” (LO2). Para muitas crianças e jovens a atividade desportiva é o que elas mais sentem prazer em realizar e, quando têm oportunidade de dizer, são absolutamente enfáticos: “*Jogo sempre com o sentimento de alegria. (...) é mais fácil as coisas saírem melhor*” (PJ3). O jogo desportivo vale a pena, porque o êxtase vale a agonia. Se você mergulhar fundo o suficiente na agonia, vai descobrir o verdadeiro significado da palavra êxtase, do grego *extasis*, que significa estar fora de si (Cousineau, 2004). Talvez seja por isso que muitos considerem o desporto: “*Perfeito pra mim é futebol. E o que sempre gostaria de fazer. Vou gostar sempre...*” (CD3). Perfeição é a excelência da obra de alguém, de alguma coisa ou de uma atividade e, pela maneira de se expressar do jovem, a perfeição ou excelência são os elementos constituintes da sua vida. Em outro exame, presenciamos: “*As coisas saem melhor o...o jogo dá prazer, há prazer em jogar...dá emoção...o jogo acaba e nós queríamos continuar...*” (GV3). Ryan (1989: 121) destacou que “...quando se está nadando chega um momento em que não se pode separar a água da própria pessoa, e num ímpeto de gratidão nosso coração celebra essa união”; do mesmo modo, interpretamos, que, movidos pelo prazer e pela emoção de jogar futebol, as crianças e

jovens podem, como ficou patente, descobrir um momento de unidade entre o ser, o fazer e o tempo, e assim transcende a si e as medidas do tempo. Algo pode ter um melhor sentido de perfeição do que essa inteireza?

Na opinião de alguns, a experiência de alegria, de prazer, de satisfação, de emoção e de felicidade alimentam as suas vidas para sempre e há outros que pensam que esses estados são anteriores ao nascimento: “...*nasci assim com prazer de jogar, com aquela vontade de jogar, não sei...Não sei o que é que me fascinou cá dentro...*” (GJ3). Lembramos aqui a lição enviada por Reboul (2000: 44) ao falar sobre a pedagogia do segredo: “Sim, motivar os alunos pelo enigma a buscar até que compreendam, no fim das contas, que o segredo se encontra neles”. O desporto pode ajudar a cada pessoa humana a encontrar e realizar esse segredo, talvez ele já nasça conosco, talvez ele precise ser descoberto, talvez ele precise ser reencontrado, ou talvez seja algo que nos fascine “*cá dentro*”, na intimidade do coração, nos limites do corpo e da alma ou na realização transcendente. No desporto, o lúdico, o agônico e o transcendente são as regras de um jogo eterno e de atletas imortais, fruto do sagrado, do profano e do mitológico. Precisamos recuperar, de formação humana um traço de magia, fascinação e de transcendência, além de contribuir com a redenção daquilo que é simplesmente concreto e humano e de elevar o homem à altura da sua dignidade espiritual.

Fé

A fé é algo que, apesar de inúmeras tentativas, é muito difícil de se traduzir, reproduzir, ou mesmo identificar. Entretanto, uma das aproximações possíveis é saber que a fé tem a ver com um objeto de confiança; pode-se ter fé na ciência, na economia, na ideologia, na lealdade dos amigos, em si mesmo, na religião e em Deus. Para Kenny (2003: 395) “a fé contrasta quer com a razão, quer com o amor”. Imaginamos, então, que, graças ao esforço perseverante e à paciência pode-se alcançar e ultrapassar os seus limites impostos, auto-impostos ou subordinados, na certeza de que temos “um céu dentro de nós. Ele representa a dimensão celestial de transcendência do ser humano. Sua capacidade de ir além dos limites da Terra” (Boff, 2000a: 80). Nessa perspectiva, o céu não é o limite, e sim a dimensão interna de impulso e coragem para novos e sensacionais horizontes. Logo, quem diz é Kenny (2003: 383), “devemos desistir da procura da certeza, abraçar o risco e dar o «salto» da fé”. Portanto, sem o risco e audácia, sem a confiança e o acreditar, sem coragem e perseverança e sem razão e amor

não há experiência de fé. A fé talvez seja o resultado do amor confiante (em si, na tarefa, no divino) em confronto com a dúvida objetiva.

Averiguar a importância da experiência de fé entre as crianças e jovens e, ao mesmo tempo, conhecer o significado e relevância que eles, na relação com o desporto, dão a esse tema são oportunidades especiais para verificar que a dimensão sagrada e os valores espirituais, mesmo no ambiente de alta performance, ainda presidem à formação da juventude. Dentre os princípios que caracterizam os valores transcendentais temos a fé e, baseado nela, Patrício (1993: 289) nomeia: "...a fé ocupa a posição mais elevada da pedagogia dos valores do espírito". E isso aparece com muita nitidez quando, sem dogmas ou preconceitos, oferecemos aos jovens a oportunidade de conversar e de esclarecer sobre os sentimentos mais profundos do ser humano, a fé: "*As pessoas que acreditam e pedem realmente com fé e rezam com fé; acho que de fato são ajudadas sim*" (GL2). Quando se está falando dos outros é porque, nesse caso, se fala de si. E as palavras "*acreditam*", "*pedem realmente*", "*rezam*", "*de fato*" e "*sim*", são a amostra do conteúdo de positividade advinda do sentimento de confiança que a fé pode oferecer. Mesmo que, às vezes, a oração não seja constante: "*Rezo por vezes...poucas vezes*" (ON1), é bem verdade que não podemos considerar que rezar pouco é insuficiente para demonstrar a fé; interpretamos, temos fé nisso, que a qualidade da oração é suficiente para fazer reluzir a fé. Em muitos casos a fé está ligada a questões pragmáticas: "*...acredita-se que há uma ajuda divina pra ganhar os jogos. (...) Sempre, desde pequeno, acredito em Deus, sempre...*" (CD3). Desde os tempos imemoriais que os deuses ajudam o homem na sua empreitada desportiva. A fé inabalável na proteção divina oferece argumentos, assim: "*Porque eu acredito em Deus. Acho que ele me deu...se nós somos bons jogadores de futebol, acho que é graças a Ele...porque Ele é que nós dá esses dotes todos e eu acredito muito em Deus; se não fosse Ele, acho que não estávamos aqui, acho que isso não existia*" (OJ4). Silva (2000: 63) ao tratar os Jogos Olímpicos da Antiga Grécia, faz lembrar que os "deuses em tudo estão presentes, para proteger, para decidir, para partilhar com os homens uma celebração de fronteiras universais".

Especificamente, há casos de lesões em que a fé na ajuda divina é requisitada: "*...no futebol, por exemplo, agora estou lesionado...é pouca coisa; são três, cinco dias e se calhar vou me afastar deste jogo, eu pedia muito pra tirar essa dor...pronto a Deus*" (PO1). Curioso que o nosso entrevistado parece resistir em reconhecer que é para Deus que ele faz o seu pedido, e é Nele que deposita a fé na sua recuperação.

Quantos atletas de futebol – por exemplo – passam por situações limites, ou mesmo supra limites, quando chegam próximos da morte (doenças, acidentes e etc.). Essas pessoas retiram forças do fundo da sua alma e superam as dúvidas, as ameaças e mesmo os traumas através da fé em si e em alguma entidade divina. Essa relação de fé cruzada é particularmente considerada quando ouvimos: “*Deus ajuda um bocado, mas, se nós não tivermos valor... ele não pode salvar nada...*”(**GJ3**). Deus ajuda os valorosos ou os valorosos é que evidenciam a força divina? Essa é uma discussão antiga. Homero achava que os atributos do homem que detinha a *aretê* eram de origem divina; Hesíodo considerava que o homem conseguia tomar posse da *aretê*, a partir do seu esforço e trabalho, e Sócrates via que tanto o homem podia deter por natureza a virtude, como, no caso da virtude ser um conteúdo do saber, dela ascender pelo seu conhecimento (Jaeger, 2003). Essa fé no valor da *aretê* constitui a força e o poder de vencer os obstáculos na vida e no desporto. O valor da *aretê* vem dos deuses e mora nos homens como aponta Kitto (1990: 288): “a *aretê* é tanto do espírito como do corpo”. Não há, portanto, a menor incoerência em aceitar a fé em si e nos deuses.

Homens e deuses possuem a mesma origem divina (Teogonia, 940-1005), por isso, não é de estranhar essa intimidade: “*Falo sempre com o nosso Amigo. Acho que isso nos ajuda também estarmos bem, porque se nós pedimos ajuda...A ajuda, pode não vir logo naquele instante, mas acho que há um Ser Deus que nos ajuda muito a ultrapassar os nossos problemas*” (**OH1**). A fé é algo que faz com que o ser humano enxergue através da barreira dos problemas, das dificuldades, desafios e obstáculos; a fé no Amigo é a certeza de que Ele não vai abandoná-lo pois, está tão junto que pode estar dentro; Sócrates identificava, em si, uma voz interior e esta era a “manifestação em mim de algum deus ou espírito divino” (Apologia de Sócrates, 31d). É a fé, a certeza, a confiança e a esperança de que: “*Deus tem que nos ajudar sempre... Se calhar dá-nos mais força pra nós acreditamos e não desistir*” (**PJ3**). A esfera da fé no transcendente objetiva, aglutina, fortalece, anima e supera todos os interditos. A essa luz é que podemos reconhecer, como queria Costa (1991), a identificação entre o *homo ludens* e o *homo religiosus*: “*Eu penso que nós temos que seguir os conselhos que Deus nos deu e no meu caso, na minha religião, ainda eu creio que é Deus. Nele... que é pra Ele nos ajudar*” (**FH2**). Sócrates (Apologia de Sócrates, 30a) dizia mais, “são ordens que recebi do deus...”. Por intermédio de uma religião ou de uma ordem direta há, ontem como hoje, no filósofo e no atleta em formação, a certeza de que a ação divina se propaga sabiamente alertando, corrigindo e ajudando; “...por isso me confio (...) e à divindade

para decidirem a meu respeito, da maneira que for mais vantajosa para mim e para vós” (Apologia de Sócrates, 34d). Essa confiança gera o abandono às leis, às ordens e aos conselhos sagrados, uma vez que, em quaisquer circunstâncias: “*Quem tem fé acredita que Deus pode ajudar... que Deus está a ajudar a melhorarmos...e atingir a perfeição...a tentar atingir sempre*” (SR4). Se Deus é perfeição, Ele realmente pode ajudar alguém “*a atingir a perfeição*”. A busca da perfeição é a excelência, é a verdadeira e genuína virtude, é a *aretê*; a fusão do bom e do belo, do estético e do ético, do sagrado e do transcendente; podemos, assim, ver a intimidade da relação entre o desporto e a religião. O fenómeno desportivo permite-nos estudar o comportamento do homem a partir da sua relação com o sagrado e, assim, esclarece-nos o sentido profundo da existência humana (Costa, 2006) e da sua identidade espiritual. A fé nasce da esperança e da certeza de que o movimento divino dinamiza o movimento humano, tanto no desporto como na vida comum, onde o primeiro provê a inspiração e a sensibilização e o segundo plasma, segundo a sua excelência, no universo material autênticas obras de arte; pela experiência de treino e competição, o movimento se torna melhor, rumo “*a atingir a perfeição*”.

Ritual

Muitas pessoas acham que a prática de rituais pertence à bruxaria e a consideram como resultado de uma costume ignorante, uma mera superstição. Na maioria dos casos, esse julgamento situa-se na esfera do preconceito e, esse sim, baseia-se na falta de conhecimento.

Se formos investigar a origem dos jogos desportivos, vamos verificar que os mesmos estavam vincadamente ligados aos rituais arcaicos entre os quais Hesíodo (Teogonia⁷², 415-438) narra assim: “...Hécate, aquela que de entre todos Zeus Crónida mais honrou (...) e é a mais respeitada entre os deuses imortais (...). Ainda hoje (...) um homem (...) faz belos sacrifícios e implora uma graça, como é de lei, invoca Hécate”. Ainda nessa narrativa, Hesíodo aponta para a relação da deusa com os praticantes de desportos: “Benigna ainda, quando os homens competem numa prova, também aí a deusa os socorre e ajuda...”. Para Costa (2006: 52), a realidade atual segue, ainda, aquelas concepções e, através dos “seus símbolos cosmológicos e pelos ritos cosmogónicos, o desporto relaciona-se com as grandes mitologias antigas, sobretudo

⁷² Considerado o texto grego mais antigo de genealogias.

com aquelas que nos falam da origem do mundo a partir do caos e das lutas sagradas das origens”. Portanto, desde os tempos mais antigos o homem dedica-se à realização de rituais. Há rituais militares, políticos e universitários. Por outro lado, na cultura dos Maias, dos Aztecas, dos Incas na América do Sul e Central; entre os índios norte-americanos e entre os africanos; os aborígenes australianos e os religiosos europeus e indo-chineses, todos possuem e praticam os seus rituais. Os rituais de peregrinação religiosa aos santuários são semelhantes àqueles expressos no trajeto das multidões rumo aos estádios de futebol. “O futebol instaura assim uma comunidade ritual de tipo universal e essencialmente popular” (Costa, 2006: 54). A comunicação que o ritual desportivo apresenta, salvo outras acentuações de violência, é o da celebração da vida, do universo, dos deuses e, por consequência, do transcendente; do mesmo modo que o desporto ritualiza a vida, a oração é um ritual que lembra que no universo, tanto material como divino, há mais coisas do que supõe a nossa limitada sabedoria.

As nossas crianças e jovens entrevistadas apresentaram muitas sugestões para meditarmos sobre este tema, por exemplo: “*Gosto de rezar uma Ave-maria antes dos jogos e sempre que passo por uma igreja ou uma capela, benzo-me... Sou bastante supersticioso e gosto de estar bem com as minhas superstições. Se jogar um jogo e...com uma chuteira, se o jogo não me correu bem, não jogo mais com ela. Não consigo jogar mais com ela*” (GL2). Aqui podemos ver algumas maneiras sob as quais os rituais se apresentam em nossas vidas; quer seja através de uma oração, quer seja através de um símbolo religioso (“benzo-me”) e respeito aos templos sagrados, ou de uma atenção especial a uma (ou mais) superstição, uma vez que essa é uma catalizadora da fé e dos princípios sagrados elaborados através da liturgia desportiva. Uma chuteira pode ser o símbolo do fazer-bem e, este, interfere no estar-bem e daí para o ser-bem; antes que essa cadeia de eventos seja abandonada pelos deuses dos estádios é preferível não jogar mais com a mesma chuteira que foi o motivo do abandono. Zagallo era considerado como supersticioso porque usava, sempre, o número treze e Valente (2006: 5) nos conta que “como devoto de Santo Antônio, distribui pãezinhos todo o dia 13 de Junho”. Outros apresentam ritos mais comuns – tanto para os templos religiosos como para os templos desportivos: “*Tento me benzer sempre...*” (LD3). Do mesmo modo, temos: “*Quando entro, benzo-me sempre*” (CH2). Muito parecido é essa opinião: “*Quando entro em campo...faço aquilo...o sinal da cruz*” (OJ4). Mantendo o mesmo padrão, temos: “*Normalmente faço é um sinal da cruz*” (VT2). Ou ainda: “*Benzo-me em cruz*” (GV3). E ainda temos: “*Quando entro, faço sempre o sinal da cruz*” (GJ4).

Benzer parece significar, no mundo desportivo, a busca do necessário apoio para a tarefa que vai começar ou um agradecimento após ela ter-se encerrado: “*Sempre antes de entrar para o campo. benzo-me sempre e antes, no balneário rezo sempre uma Ave-maria*” (CD3). Confirmando a nossa interpretação, temos: “*Sim, normalmente é antes e depois. Peço ajuda e no fim agradeço. Faço sempre o sinal da cruz e rezo sempre*” (OH1). E também: “*Sim, antes de começar os jogos benzo-me sempre. Ao entrar e ao sair, sim*” (PJ3). Entretanto, há aqueles para quem o jogo de futebol é uma autêntica cerimônia religiosa: “*Rezo sempre antes do jogo. Quando a bola está dentro de campo, estou sempre atento na bola, quase não dá tempo pra rezar mas, quando a bola sai, no mínimo, rezo sempre*” (LO2). Para Valente (2006) as orações, entre os jogadores, fazem parte de um costumeiro ritual. Pela nossa experiência no campo desportivo, verificamos, diversas vezes, que os atletas não realizam a sua prestação competitiva, e mesmo de treino, se não realizarem os seus ritos. Podemos entre os jovens notar alguma divergência na prática de determinadas atitudes ritualísticas. No primeiro caso temos: “*Posso às vezes fazer o sinal da cruz, antes de entrar em campo...de vez enquanto faço...*” (LF4). Ou seja, esse miúdo não realiza de modo freqüente o “*sinal da cruz*”, indicando, portanto, uma atitude pouco constante frente à cerimônia do ritual. Porém, a próxima consideração já coloca outra ênfase a esse tema: “*Ah! Sim benzo-me sempre, antes. (...) benzo-me ai sete vezes...e no fim agradeço...se tudo correu bem e mesmo se não*” (OG1). Esse jovem atleta, dada a intensidade com que ele se apodera dos símbolos em seu ritual, poderia ser considerado como uma pessoa revestida do sagrado, pois, tanto o êxito como o fracasso são tratados e considerados como sagrados, uma vez que o agradecimento ao divino se dá do mesmo modo; ou seja, os resultados são questões secundárias para o herói que sente prazer na batalha, no jogo e na competição. Afinal, os heróis desportivos partem de regiões mágicas (Valente, 2006) e vivem para nos fazer resgatar o que há de mais sublime, sagrado e divino em nosso interior. Ou, há aqueles que são religiosos e atendem a sua devoção, lembrando a todo o momento a sua condição: “*Dos jogos e durante o dia, antes dos treinos, assim. Rezo*” (FH2). Na prescrição de vários autores (Da Matta, 1989; Lynch e Al Huang, 1998; Costa, 2006), o desporto é um microcosmo da vida; sendo assim, apenas cabe-nos registrar a dimensão ritual desportiva a qual procede dos ritos da vida sagrada, ou simbólica, ou religiosa, etc. Isso acontece conforme nos descreve Pascoaes (1993: 68), “*Ó Natureza, qualquer coisa existe; De intimo entre o meu peito e a tua essência!*”. Para nós, é nessa extraordinária força do imponderável – os rituais são um dos elementos que a simboliza

– que reside a suprema harmonia entre deuses e homens e sem que por um só momento se perca ou esbata a noção fronteira que os une e os separa (Silva, 2000). E que demonstra, conforme Huizinga (2003: 30), que no jogo desportivo “há algo de invisível e irreal que assume beleza, realidade, forma sagrada”. Os rituais são uma obra de interação entre o divino e o humano e celebram as origens transcendentais do homem, e a sua finalidade deve ser a da construção de uma via de acesso ao que há de mais íntimo, belo, bom, excelente e virtuoso do interior do homem, isto é, um dos meios de cultura e de formação da alma voltada para a perspectiva dos valores éticos e transcendentais.

Sorte

A sorte pode ser considerada, a princípio, por diversos ângulos; dentre eles, podemos citar aquele que diz respeito à idéia de que a sorte é algo relacionado com a auto-estima (psicologia), tanto que, aqui também cabe, Lynch e Al Huang (1998: 36) reconhecerem que “aqueles que se identificam com o sucesso são bem acolhidos pelo sucesso; os que se identificam com o fracasso são, do mesmo modo, bem acolhidos pelo fracasso”. Temos também a relação da sorte com competência técnica, intelectual, científica e tecnológica, ou seja, trata-se de ver o surgimento da sorte a partir do esforço pessoal ou coletivo. Talvez, o que seja considerado como sorte, pela maioria, sejam os bens recebidos como dádivas dos deuses. Nessa perspectiva (transcendental), vamos notar, junto com Jaeger (2003: 261), que para os antigos gregos eram “os deuses que outorgam não só a felicidade e a fortuna de uma estirpe, mas também a sua *aretê*”; convenhamos que ser possuidor da *aretê* pode ser considerado como uma enorme sorte.

O desporto reúne, no seio da competição, atletas e deuses em intensa relação na busca da excelência e esta se dá por um lado, pela arte dos homens, e por outro, pela conveniência divina (Silva, 2000); os competidores simbolizam a luta pela conquista dos triunfos sagrados e a sorte exprime a vontade dos deuses. Por isso, podemos entender que: “*Em cada jogo é preciso ter um bocado de sorte. ...é preciso ter sorte, sem dúvida alguma...Mas se nós não trabalharmos pra ter essa sorte, ela não aparece. Cada golo, é preciso ter sorte ao marcar um golo...é claro que é preciso trabalhar e, ...é preciso ter sorte*” (TB1). Aos homens cabe-lhes o trabalho, a dedicação e o esforço, ou seja, os meios pelos quais invocam os deuses para que enviem a bem-vinda sorte, todos precisam dela “*sem dúvida alguma...*”. Por melhor que seja o desempenho desportivo, alguns dos jovens atletas de futebol não desprezam a sorte: “*...a*

afirmação...é o nosso trabalho mais a sorte e, sem dúvida que é. Estamos a jogar bem mas, temos que ter sempre sorte, se não tivermos sorte acho que...” (LD3). Não conseguiríamos (completamos nós) o melhor resultado, as coisas não correriam bem, poderíamos nos lesionar, etc.. De fato, há coisas imponderáveis que escapam a qualquer possibilidade de previsão e de controle. Sendo assim, não cabe outra atitude senão de: “*Ter sorte e fé em Deus*” (CH2). Aqui a referência poderia ser vista de modo invertido; É ter “*fé m Deus*” para que ele envie a sua boa “*sorte*”.

A sorte parece, para um dos entrevistados, como uma parte significativa de um processo desportivo: “*...termos a sorte de subir ao escalão principal, dar o nosso melhor...*” (LF4). No caso, o objetivo é ascender a um escalão profissional e, depois, como novos objetivos vão surgir, e com eles a luta para a sua realização, novamente a sorte terá de ser invocada, porque a “*...sorte também...é sempre preciso no futebol*” (PJ3). Por mais que se aprimore a técnica, que se evolua taticamente e que se fortaleça física e psicologicamente, o jogo desportivo tem um caráter mágico e surpreendente. E o somatório desses fatores permite-nos muitas reflexões a respeito do desempenho desportivo, incluindo, naturalmente, o fator sorte. “*Pelo trabalho de equipa ser feito em conjunto e, as vezes, há aqueles jogos que tem ajuda...aquelas ajudas, sorte no jogo...*” (VT2). O êxito desportivo possui uma marca de transcendência na medida que é resultado da superação e da interação de forças físicas, motoras, emocionais, éticas e espirituais; é o triunfo das forças boas sobre as más e é por isso que a sorte pode ter um significado de valor sagrado (Huizinga, 2003). Na maioria das vezes, os jovens descrevem um modelo que configura, ao mesmo tempo, os aspectos de valorização do desempenho individual e coletivo somado à sorte. “*A equipa se jogar bem e se...tiver sorte, de certeza que vai ganhar*” (GV3). Esse, ao que parece, pelo menos para esse miúdo, é um modelo vencedor. Além disso, e no campo da transcendência, aceitar a importância da sorte significa que, intimamente, o homem não perdeu a sua identificação com o sagrado e, em certas ocasiões, mesmo fazendo o melhor, o mais distinto e o mais penoso sente que a decisão pertence aos deuses. Mais confiante estará aquele que agiu bem e nobremente; o seu esforço costuma ser recompensado, pelo menos essa também é a convicção de Sócrates (Apologia de Sócrates, 41d), quando registra que “*...nenhum mal pode acontecer a nenhum homem de bem (...), e que nunca os deuses se desinteressam da sua sorte*”.

Ter fé, realizar algum tipo de ritual e confiar na sorte são tradições, antes de tudo, realizadas sob a inspiração divina e, de outro modo, do ponto de vista prático –

além de vital – é tentar não oferecer nenhuma vantagem ao adversário. Por maior que seja o esforço da ciência e da tecnologia para explicar e orientar a tarefa desportiva, isso está muito distante de acontecer; o desporto, particularmente o futebol, dribla a lógica e, felizmente, surpreende, desafia, instiga, inspira e desestabiliza a racionalidade para se divertir na festa das emoções, dos sentimentos, da imaginação, dos mistérios e da sorte.

A Divindade na Prática

Num tempo em que as pessoas estão, ao que parece, cada vez menos interessadas nos valores éticos, religiosos e transcendentais, a averiguação sobre a relação prática com a dimensão divina pode sugerir algo pouco apropriado e sem valor utilitário. Porém, entendemos que a nossa deserção dos valores sagrados tem trazido, em função da ruptura com a dimensão mais humana e sutil, uma série de enfermidades ao corpo e a alma do homem e vem, conseqüentemente, se ampliando a toda humanidade. Sócrates dizia, por intermédio de Platão, que ninguém age mal porque assim o quer, e sim por ignorância (Adorno, 2002). A ignorância possui muitas facetas e, entre elas, se encontra o desconhecimento acerca do que verdadeiramente somos. Por isso, o autoconhecimento foi a tarefa a que se dedicou o grande filósofo ateniense a qual era reconhecida como uma orientação divina, “trata-se aqui de cumprir uma ordem do deus, transmitida por meio de oráculos, sonhos, enfim, por todos os meios (...) uma vontade divina se serviu para prescrever algo a um homem” (Apologia de Sócrates, 33c). Em suma, o saber que ilumina as sombras da ignorância é o conhecimento da alma.

Este tema é capital para o entendimento da profundidade do estudo da *aretê*. A reflexão a respeito da ação divina no dia-a-dia pode acontecer de diversas maneiras, apenas é necessário estar sensivelmente atento para os fatos e experiências. Felizmente, as crianças e jovens desportistas por nós consultadas, contrariamente ao senso comum, ofereceram excelentes reflexões sobre o assunto: “*Acho que cada pessoa tendo uma personalidade forte consegue ultrapassar tudo e todos, é como se costuma dizer; fé, sorte...estar bem consigo próprio é...força de espírito*” (OH1). Uma personalidade forte é o resultado da combinação de vários fatores ligados à alma (fé, sorte, bem-estar) que fortalece as discussões anteriores. No entanto, o entrevistado acrescenta à lista a força espiritual. Sem dúvida, uma pessoa munida desses valores é uma pessoa forte e que supera, “*ultrapassa tudo e todos*”, é um endereço onde se encontra um estado de felicidade e de perfeição. Outra observação faz dizer que: “*São aqueles jogos em que as*

coisas correm tudo bem, uma pessoa sente-se confiante...consegue resolver os problemas com alguma facilidade, ...Já tive uns dias assim...tinha confiança...as coisas corriam bem e eu sentia-me à vontade” (FP4). A estrutura e a organização do pensamento desse jovem faz com que o interpretemos como uma experiência de fluxo: correr tudo bem, confiança, resolução de problemas com facilidade (sem estresse e com sabedoria) e a sensação de estar a vontade. O fluxo para os taoistas é o resultado de uma íntima experiência com a natureza (Watts, 1999), onde o simples supera o intrincado, a liberdade adianta-se ao controle e a alma repousa suas angústias; o homem regenera a sua natureza sabia, espontânea e criativa pela interação com o natural. Quando um momento como esse acontece, as pessoas têm a sensação de que estão de volta ao lar (Millman, 1994). Essa vivência intrínseca provoca outras acentuações: *“Ajuda, acho que é a nível interior, acho que tivermos bem com todos e se todos estiverem bem conosco, (...) conseguimos superar todos os problemas durante o jogo e durante os treinos, ...” (OH1).* Ora, a vida a nível interior é a vida da alma e essa, pelo menos na opinião do entrevistado, surge como agente de realizações e oportunidades. *“Qualquer pessoa quer ter sucesso...é sinal que é boa pessoa, quer a pessoa interior quer...por exemplo no futebol: é bom jogador” (FH2).* A excelência é a busca do melhor, do bem e da felicidade, um exercício de virtudes e uma ética de transcendência. Vários autores sugerem que a educação desportiva deve ajudar na formação e na revelação do homem interior, ou do atleta interior (Garcia, 2005; Millman, 1994, Leonard, 1999) que reside em cada criança, jovem ou adulto.

Outro modo da interioridade aparecer em nossas vidas é através dos estados de concentração: *“Eu concentro-me tanto no jogo que não me lembro de mais nada” (OG1).* O desporto como um centro catalizador da atenção acaba por ter a mesma função dos símbolos religiosos, pois, a intenção é a de uma total imersão na tarefa. E quando é assim, nada pode impedir a sua realização: *“Durante o jogo eu esqueço tudo que se passou, mesmo que eu esteja com problemas, eu esqueço tudo e acho que só penso naquilo e não lembro de mais nada” (GJ3).* Sendo assim, o tempo parece que fica suspenso: *“O jogo a acabar e eu querer que houvesse outro jogo igual” (GV3).* Essa absorção no objeto da concentração é, ao mesmo tempo, o meio e o fim de excelência, como podemos notar: *“Quando eu estou muito concentrado eu costumo jogar bem, (...), eu estou inspirado...” (OJ4).* Para Lenk (1989), a concentração acontece quando se aspira a orientar o espírito para um ponto. E no desporto o mundo exterior pode ficar excluído por uma questão de concentração. Quem já viveu uma

situação como essa, sabe que o esforço, o sofrimento, a dor e o esgotamento não são percebidos como no estado comum de “consciência”, os limites são outros e apontam para o transcendente, para o êxtase e para o simplesmente Ser.

Sendo assim, toda a sua vida e a sua atividade desportiva passa à qualidade de oração. uma oração simples e emocionante, conforme nos confidenciou um dos meninos, dizendo assim: “*Só rezo à noite assim...um bocadinho, pra me ajudar a seguir. Pra agradecer a Deus. Pra ajudar a todas as pessoas no mundo que precisam...*” (GJ4). Qualquer tentativa de tentar interpretar essas simples e preciosas palavras serão sempre limitadas. As palavras do jovem entrevistado estão carregadas de suavidade, simplicidade, solidariedade e amor. Em nossa opinião, aqui há motivos suficientes para considerarmos, através das ações e das palavras desse miúdo, a própria manifestação da divindade.

A dignidade pedagógica do desporto é aquela que possibilita a construção, ou a reparação, das vias que vão da prática, da experiência e da ação exterior para a jornada, o saber e a revelação interior. O desporto, quem ensina é Bento (2004: 83), está dirigido “para o cultivo da beleza interior e exterior, segundo a ideia de equilíbrio e harmonia de Platão e a de felicidade e acção correcta de Aristóteles” e, a essa luz, é um dos mais importantes depositário das *aretai* na busca da perfeição. Se a *aretê*, na vida ordinária e na vida desportiva, é ser bom e realizar melhor ainda (ser excelso), então, precisamos nos ater ao exame de Jaeger (2003: 878): “Se Deus é bom por essência, mais ainda, se é o próprio Bem, então a suprema *arete* acessível ao Homem constitui um processo de aproximação de Deus, (...) diálogos (...) de Platão punham em relevo, as diversas virtudes (*aretai*) têm como fundamento comum o Bem-em-si ou o próprio Bem”.

Devoção

A devoção é um sentimento e uma conduta de dedicação e entrega amorosa a um aspecto espiritual. Ryan (1989: 117) indica que a pessoa devota “é alguém que está interessado e dedicado a manejar habilidosamente o mundo, a modelar habilidosamente o próprio eu e a transformar habilidosamente a própria vida em algo belo para Deus”. A escolha desse conceito (existem muitos outros) sobre devoção foi motivada pela aproximação deste com as experiências da prática desportiva. Como Bento (2006a: 23) considerou que o homem, sendo atleta, “é espírito duas vezes, suplantando os seres divinos que apenas são espírito uma vez”, podemos aceitar que o desporto pode ser um objeto de dupla devoção; aquela, dedicada ao espírito encarnado no atleta e a outra, às

divindades. A primeira tem como base as ações de dedicação, disciplina e esforço dos atletas na intenção de lapidarem as suas performances (a vida como algo belo para Deus) e a outra, na fervorosa busca do apoio divino – *“Pedir ajuda a Deus...”* (LF4) – para causa transcendente configurada no desporto mas, que é uma aspiração de toda a humanidade. Sendo assim, podemos atentar para o que nos foi dito pelas nossas crianças e jovens entrevistadas: *“Eu (...) acredito muito e peço muito ajuda, antes dos jogos...peço sempre ajuda divina. Tenho sempre presente comigo. Sempre uma pessoa estando apoiado no poder divino eu acho que ajuda sempre”*(GL2). Temos consciência das nossas limitações e diante delas temos dois caminhos principais: o primeiro é aquele em que tentamos superar os nossos limites por intermédio da dedicação, da perseverança, da superação e etc. e o outro é quando somos devotos e buscamos apoio *“no poder divino”*. A ética do esforço e o suporte divino são os atributos que nos capacitam a reerguer-nos, quando enfrentamos dificuldades e caímos; por isso, precisamos do auxílio dos deuses, sabendo que podemos e devemos fazer o melhor (Ryan, 1989). A devoção implica numa intimidade que convida para uma conversa constante com o alvo da sua adoração: *“... falar um bocado com Deus. Antes de dormir e ao acordar. Quando acordo falo...”* (LD3). E por que os jovens buscam esse contato com Deus? *“Porque eu me sinto bem, acho que tem a ver comigo, acho que...Deus; acho que me consegue ouvir e me ajuda normalmente, sempre que Lhe peço...”* (OH1). A confiança em que Deus o ouve e o ajuda produz a sensação de bem-estar que inspira a devoção.

Às vezes, é bom ter um Amigo que nos acalente a alma e nos ofereça segurança: *“Quando preciso e quando eu acho também quando me faz falta. É quando estou a viver um...momento que preciso mais de ajuda, então tento segurar essa ajuda divina...”* (ON1). A devoção acontece, quando reconhecemos que há Alguém mais poderoso e mais sábios do que nós: *“Porque acredito que alguém superior a nós que é capaz de nos ajudar”* (GV3). E que pode nos acompanhar e ajudar em todos os aspectos da vida: *“Pra ajudar em tudo...nas escola, a nível desportivo, pra os meus pais...pra tudo no meu dia a dia”* (CH2). Ou mais especificamente: *“Pedir a Deus para ter um bom jogo...pra ganharmos o jogo”* (SR4). Mas, a devoção é um modo de ser e independe do ter: *“Se ganhamos, agradecemos a Deus por nos dar a vitória e se não ganhamos, pedimos a Deus pra nos dar força pra ganhar os outros jogos”* (GJ4). Nesse sentido, Cousineau (2004: 164), ao registrar uma entrevista da extraordinária atleta Nadia Comaneci, descreveu a sua resposta sobre o verdadeiro espírito do

desporto, e ela respondeu assim: “nunca reze para ter uma vida fácil. Reze para ser uma pessoa forte”. Parece que o desporto, pelos seus desafios e aventuras, indica não só os meios para se aprender a ter os melhores desempenhos mas, também, as melhores orações. Embora o desporto tenha, nos últimos tempos, se relacionado com as causas econômicas e utilitárias, ele ainda mantém em si o seu cariz lúdico, sagrado e religioso; a prática desses valores é essencial no cultivo da educação, da formação, da devoção e da oração: “...antes de deitar, rezo um Pai-nosso e uma Ave-maria. Pra me correr melhor o dia e porque eu acredito em Deus e se nós rezarmos é uma lembrança a Deus...que Ele nunca foi esquecido...” (OJ4). Sim, “Ele nunca foi esquecido” e nunca será. São essas “experiências supremas do coração que devemos voltar se quisermos aprender a viver em espírito de oração” (Ryan, 1989: 123). Em nossa interpretação o não esquecimento dos seres divinos significa que eles estão junto, ou dentro de nós; essa lembrança de que compartilhamos com os deuses as mesmas esferas transcendentais.

O desporto surge, assim, como uma das possibilidades de resgate dos valores espirituais, onde a alma corporizada desenvolve um espetáculo de luz e de beleza, uma expressão da ética e da estética, um sentimento de amor e oração e um sentido de transcendência e de excelência. Não podemos deixar de lembrar que Sócrates, considerado por Platão como o verdadeiro e genuíno detentor da *aretê* (Jaeger, 2003), sentia-se bem cuidando do seu corpo e no ginásio, junto à juventude, conversava, dialogava e fazia exercícios físicos. “Mens sana in corpore sano é uma frase que corresponde a um autêntico sentido socrático” (Jaeger, 2003: 537), uma exigência ética de ascese e cujo exercício simboliza uma autêntica devoção ao caráter transcendente do espírito humano. Para Garcia (2006c: 24) “o desporto é um excelente contributo para conhecermos a nós próprios”. O *conhece-te a ti mesmo* que Sócrates ensinava, tinha – e tem – como uma das vias pedagógicas o desporto.

2.3- Comparação dos discursos dos atletas das categorias de base em relação aos atletas adultos

Aretê Individual:

Honra

Na educação homérica a nobreza era a identificação social que aparecia circunscrita à aristocracia. Esse atributo era a marca dos homens dignos e superiores;

por essas condições, eram verdadeiros líderes e heróis e que faziam valer a sua superioridade através da coerência ética do seu discurso, da sua ação.

Mudaram os tempos e, com isso, a nobreza deixou de ser considerada uma qualidade restrita a uma categoria social para, então, ser identificada como um atributo da alma humana, considerando a dignidade das atitudes e a ética no comportamento. Desse modo, todos podem aspirar à honradez.

Para essa marca da *aretê* individual encontramos uma boa correspondência entre os discursos dos atletas profissionais e os dos atletas de formação. Deco ao declarar: “*Eu acho que o compromisso que eu tenho é pessoal (...). Eu sei que eu tenho responsabilidades como um atleta*” e, ao complementar: “*Acaba por ser um desafio sempre pessoal*”, demonstra os traços de uma liderança e de uma nobreza, que o torna capaz de assumir a sua responsabilidade e o seu dever como um herói desportivo. E **(TB1)** completa: “*É um atleta que transmite a força a uma equipa...Nós olhamos pra ele e vemos que ele quer ganhar...Ele ajuda os outros a ter esse espírito*”; um registro capaz de nos fazer lembrar a honra da época dos antigos gregos. A consequência desse comportamento fica estampada na apreciação do Washington: “*Foi a sensação de dever cumprido. Acho que essa é a melhor sensação que tem...Você, quando termina uma competição, você sai de cabeça erguida e fala assim: Eu fiz o meu melhor e por isso eu tenho sucesso*”. Esse sentimento de orgulho e de honradez converge para a opinião de **(OJ4)**: “*...senti-me orgulhoso de mim próprio...*”; esse orgulho é o resultado de um agir bem, ser superior e nobre.

Vigor e Saúde

O vigor e a saúde são, para antiga educação grega, as expressões da *aretê* do corpo. O corpo é a nossa parcela de manifestação cósmica e manter um corpo saudável é uma tarefa ética com contornos universais. Uma das principais funções do desportista é de buscar, através da variedade de exercícios, um lugar onde predominem a harmonia, a beleza, a liberdade e a felicidade; uma dimensão de auto-aperfeiçoamento que aponta para o autoconhecimento.

Neste tema há convergência entre os discursos dos atletas desportivos (adultos e adolescentes): “*Eu acho que primeiro é a questão da saúde. Você praticando desporto, você acaba tendo essa noção maior do seu corpo, de se cuidar e de conhecer melhor o seu corpo...*” (Deco). Esse discurso assemelha-se ao de **(GL2)**: “*Treino todos os dias, tenho uma vida regrada em termos de alimentação não abuso. Se vou comer certas*

coisas que me fazem mal, não como...Pra poder me manter bem". Atentemos para as considerações do Washington sobre o tema: *"Eu acho que é o mínimo que a gente pode fazer pelo nosso corpo é...ter muito cuidado com a saúde, com a alimentação...cuidados (...) não consumir drogas, não beber bebidas alcoólicas. Eu acho que a maior riqueza que temos é o nosso corpo (...)*. Esse modo de ver, de lidar e de manter a *aretê* do corpo é equivalente à seguinte observação: *"Tenho a preocupação de comer bem, fazer exercícios...tenho, não sai pra noite, antes dos jogos (...) Não beber álcool, não fumar, essas coisas que podem fazer mal ao corpo, tentar que ele seja o mais saudável possível"* (PO1). Enquanto ajuda na manutenção da *aretê* do corpo, (saúde, vigor, força, resistência, etc) o desporto estimula a adoção de hábitos saudáveis e de identificação com a prudência e a sabedoria através do autocontrole.

Honra/Mérito

Uma das mais emblemáticas características dos heróis, guerreiros e atletas do período da antiga civilização grega, conscientes de seu valor, era a luta que empreendiam para conquistar o respeito, através da honra e do mérito, junto aos seus (amigos, familiares e concidadãos); um enaltecimento da sua excelência.

Entre as opiniões dos atletas (tanto entre os adultos como entre os jovens), encontramos: *"Agora a única coisa que eu gostaria...no fundo é ser respeitado, acho que era isso...era o meu grande desejo e a grande lembrança que gostaria que as pessoas tivessem"* (Deco). E a do Washington: *"Não só como um jogador que faz muitos goals, nem campeonatos não...claro que isso aí é consequência...mas como uma pessoa com caráter, uma pessoa que respeitada sempre por onde passei... Seja aonde eu for...seja daqui um ano, ou daqui a dez anos ou daqui a 20 anos, aonde eu trabalhei, eu seja respeitado"*. Muito parecido com o discurso dos adultos, as crianças e jovens disseram: *"Gostava que toda a gente se lembrasse de mim, ter um quadro meu em casa e toda a gente nunca se esquecia"* (OJ4); ou queriam ser como: *"Tipo o Beckembauer foi um grande jogador, gostava de ser como ele. O Eusébio que toda a gente conhece, ou mesmo o Figo...ser como eles, respeitado e isso...é para orgulhar o nosso clube e a nossa família"* (OG1). As semelhanças são notórias. A diferença encontra-se no fato de que há nos adultos um desejo de honra e mérito como fruto dos seus feitos atuais, enquanto que, para as crianças e os jovens, há uma expectativa futura e isso é baseado no que eles vêem acontecer aos grandes ídolos, ou seja, a perpetuação de uma imagem.

A *aretê*, para muitos, só era verdadeira, se os feitos de um herói ou atleta perdurassem na memória das futuras gerações.

Determinação e Disciplina

Na literatura que trata sobre o tema da *aretê* abundam fatos, circunstâncias e frases que apontam para a importância dos princípios da determinação e disciplina. Os heróis épicos da *Ilíada* e da *Odisséia* apresentavam-se, invariavelmente, como aqueles que ostentavam uma extraordinária disciplina no treinamento de suas artes guerreiras bem como determinação no aperfeiçoamento da sua *aretê*. Essa determinação podia mesmo levá-los à morte; a *aretê* residia no homem mortal mas, com a sua morte, tornava-o imortal. Do mesmo modo, os grandes sábios da Antiga Grécia recomendavam aos homens que possuíam a *aretê*, ou seja, aqueles que se autodeterminavam e se disciplinavam, no sentido de, dando o melhor de si, serem bons, os melhores e os excelentes tanto nas causas nobres como nos hábitos saudáveis e na busca pelo auto-conhecimento.

Considerando a opinião dos nossos entrevistados – adultos e jovens – vamos verificar, para esse tema, considerações muito parecidas, como por exemplo: O Washington descreve a sua determinação e disciplina, assim: “*Nunca parar, nunca estacionar num lugar e achar que já está bom. Eu tento me concentrar cada vez mais, me preparar cada vez mais para que eu possa melhorar cada vez mais*”. E, aproximando desse parecer, temos: “*...trabalho sempre o máximo em todos os treinos, todos os dias...não se pode facilitar...facilitando uma vez, depois a pessoa vai facilitando ainda mais...*” (TB1); E, ainda “*...não pensar que já está tudo conquistado, tudo feito e cruzar os braços, estacionar o seu trabalho. Trabalhar todos os dias e tenta cada vez ser melhor*” (GL2).

Numa outra perspectiva, mas mantendo a fidelidade aos valores da determinação e da disciplina, Deco expressou-se desta maneira: “*Lógico que a vida pessoal é diferente da profissional mas...você é a mesma pessoa, então você acaba...o mesmo empenho que você põe na sua vida profissional, se você tem essa característica, você põe na sua vida pessoal*” (Deco). Em concordância com essa afirmação, um dos miúdos considerava que “*Pra conseguir vencer, tanto os desafios pessoais como os desportivos, nós temos que ter muita força de vontade e pra ambas é preciso...*” (LD3). Para o êxito nos desempenhos acadêmicos, desportivos, artísticos, científicos e outros, é necessário uma boa dose de determinação e de disciplina. Esses são alguns dos fundamentos que a

educação deve procurar valorizar, a fim de recuperar e exaltar a formação do homem, na sua humanidade, em todos os seus projetos.

Sucesso

Para Píndaro, a vitória é uma especial afirmação da *aretê* humana; por isso, os gregos amavam o sucesso e o êxito, tanto nos combates guerreiros quanto nas competições desportivas.

Assim, não é de causar surpresa quando encontramos, no desporto, alguém que não suporta perder: *Eu não gosto de perder, não gosto de perder e, quando o time não vai bem, as coisas não vão bem é...é difícil...Pior é quando você sente que não pode fazer nada pra mudar* (Deco). Naturalmente que aqueles que não gostam de perder são os que se esforçam ao máximo para obter sucesso. É como nos conta um dos nossos jovens entrevistados: “*É o trabalho e a vontade de querer ter sucesso, de querer afirmar...*” (ON1).

Cabe situar que, embora não possamos dizer que a derrota é causa de infelicidade (ela é uma boa mestre que orienta para o caminho para o êxito), a vitória e o sucesso, em todas as áreas de competência humana, podem trazer felicidade: “*Eu acho que o sucesso pode trazer um bônus à felicidade*” (GV3). Um dos meios mais significativos para a obtenção da felicidade é a conquista do sucesso, quer seja originário de uma vitória desportiva (empresarial, comercial, científica, tecnológica, etc.), quer oriundo das vitórias sobre as nossas mazelas e dificuldade internas.

Superação

Desde o momento da sua concepção, e talvez antes, a vida humana é uma eterna história de superação. Esse é um dos motivos que leva alguns a sugerirem que a busca pela excelência (*aretê*) é contada através da superação. Hesíodo dá a seguinte nota em seu *Trabalhos e Dias* (290); “a miséria, podes colhê-la, e com abundância, facilmente; o caminho é plano e habita mesmo ao lado. Mas diante do Mérito colocaram o suor os deuses imortais; longa e íngreme é a senda que leva até ele, árdua no início, mas quando se chega ao cimo, torna-se acessível em seguida, por difícil que seja”. Essa mesma composição foi, mais tarde, aproveitada por Simónides e grafada no diálogo *Protágoras*. Os atletas desportivos são, talvez, os maiores representantes de uma valorosa casta de homens que aprenderam que nada se consegue sem superação; entretanto, tudo se pode conseguir através dela. Por isso, os grandes atletas falam assim: “*Você vai superando o*

seu limite, você acha que está no seu limite, acha que já conquistou...mas, se você tiver força de vontade e treinar para superar esse limite, então é melhor ainda, porque você vai melhorando cada vez mais, você vai se doando...” (Washington). Junta-se a esse raciocínio o juízo do jovem (SR4) que diz: *“Quando lutamos muito por alguma coisa e atingimos...é que uma pessoa aprende, que uma pessoa vê que nada, nada é impossível...nós podemos concretizar tudo...lutamos muito e esses momentos que estamos atingindo isso é...são os melhores momentos no desporto pra mim”*. Indiferentemente do padrão etário, da categoria ou estágio em que se encontram, os atletas parecem coincidir plenamente em suas considerações a respeito da superação.

A superação é a essência da força que brota da divina *aretê*. E nesse sentido, podemos ouvir: *“Pois, uma pessoa transcende e...há aqueles atletas que chegam no limite...chegam um certo ponto...e dizem: ah! Eu não sou capaz...e há aqueles, os bons, que chegam e dizem...transcendem, dão sempre mais um bocado do que aquilo que pensam que têm, vão buscar forças onde ninguém pensa que existe e são os melhores”* (GL2). E por que a superação é a *segunda pele* do atleta desportivo? Resposta: *“...porque o que mais gosto é de jogar futebol e tenho que superar tudo”* (CD3). E o Deco resume: *“Eu acho que o prazer dá superação...”*. Ambos concordam que a chave da superação é o prazer, a satisfação e o gosto de enfrentar os desafios; *“Nunca fugindo desses desafios, vencer esses desafios. (...) tanto profissionais como particulares são desafios...”* (Paulo Turra). Os desafios desportivos são uma perfeita imagem dos desafios internos e estes como aqueles existem para serem superados, pois só assim garante-se a existência humana e conquista-se a beleza do esplendor da verdade na alma corporificada.

Trabalho

O trabalho é tratado por Hesíodo como a forma mais digna que cada homem possui para conquistar a sua *aretê*. Embora, em se tratando de crianças e jovens, o trabalho seja visto com reservas por parte da maioria dos educadores, o fato é que a maior parte da educação dos jovens é destinada à formação para o trabalho.

Em nosso caso, o trabalho surge junto à arte desportiva, ao mesmo tempo, agônica e lúdica. Nesse sentido, o desporto, considerando as dimensões lúdicas e agônicas da *aretê*, situa-se como um meio de formação e de elevação humanas (*paidéia*), disponibilizando concomitantemente os recursos pedagógicos capazes de

fundamentar uma ética balizada pela liberdade e pelo prazer na realização pessoal, através de seu próprio esforço.

É lógico que para os atletas adultos o prazer de, por exemplo, jogar futebol faz parte de algo especial, pois, “*é a minha vida, é a minha profissão...*” (Washington). E mesmo para os jovens, o desporto surge como uma expectativa (futura) de trabalho: “*Agora tornou-se mais uma missão profissional...*” (GL2). Por ser algo que crianças e jovens amam apaixonadamente, é que eles dizem: “*Acho que o meu trabalho foi perfeito...*” (CD3). Um trabalho divertido e uma brincadeira séria são os contornos da felicidade. Nessa perspectiva, Deco sugere: “*E ter um ambiente saudável de trabalho como uma empresa, como um escritório...tem muita gente trabalhando e se dão super bem*”, e os jovens aduzem: “*Acho que fundamental trabalharmos a sério, mas também divertir-me um pouco com os colegas*” (ON1). “*...é trabalhar a sério... Há sempre aquele espaço pra brincarmos com os colegas...*” (GJ3).

A excelência e a virtude desportivas se conquistam por intermédio de muito esforço e dedicação: “*Porque hoje o futebol é... fisicamente está muito evoluído, hoje qualquer equipe pode trabalhar muito e...tem muita capacidade tática, técnica e coletiva e hoje só na camisa, ou na tradição tu não ganha mais nada. Tem é que trabalhar... Hoje trabalhar todo mundo trabalha e tu tem que trabalhar muito mais do que os outros*” (Paulo Turra). Esse modelo vinculado ao esforço para se tornar o melhor tem correspondência com a lembrança de (SR4), ao se referir aos seus ídolos: “*Trabalhar, trabalhar muito mesmo... Como o Ronaldinho... luta, trabalhar muito, muito... e dedicar-se a alguma coisa para conseguir ser o melhor*”. Talvez, embora possa causar certa inquietação, os modelos desportivos se constituem, através do esforço, da determinação e da disciplina, da superação e do trabalho, em um exemplo vivo, real e honesto de como ser alguém especial na vida, como ensinava a *aretê* de Hesíodo e Píndaro.

Valentia e Coragem

Nas epopéias (Ilíada e Odisséia) constituem-se os cenários onde desfilam, através dos atos de bravura dos inúmeros guerreiros, as virtudes da valentia e da coragem. Tanto a coragem como a valentia eram virtudes particularmente consideradas pelos sábios gregos. Aristóteles (Política, 1323a, 25) fala assim a respeito dessas virtudes: “Ninguém, com efeito teria por venturoso o homem que não possuísse um rasgo de coragem...”. Do mesmo modo, tanto na vida pessoal como na vida desportiva,

ninguém pode ser considerado um homem especial, se não apresentar esse traço na sua personalidade.

Os desafios desportivos são muitos e variados, os riscos, idem e as adversidades também. Por isso, Paulo Turra decreta: *“O que eu faço professor eu enfrento, enfrento... A perspectiva de vencer. Você tem que saber ser forte para dar a volta por cima, levantar a guarda de novo e enfrentar novamente os desafios. Levantada e olho no olho...”* (Paulo Turra). Nessa mesma direção, os jovens oferecem a seguinte descrição: *“Não há de ter medo de nada, acho que é sempre seguir em frente”* (OH1); *“Sempre enfrentei as dificuldades, sempre em frente, não abaixar a cabeça e tentar sempre ultrapassar os momentos menos bons”* (PJ3); *“... foi sempre de cabeça erguida...”* (GJ3); *“É assim, enfrentar. Não deixar pra trás quando posso fazer...fazer logo no momento. (...) não baixarem os braços...”* (GJ4). Essa composição assume uma configuração praticamente igual àquela apontada pelo atleta Paulo Turra.

Deco, por sua vez, diz que, *“Você não é valente querendo vencer os outros. Acho que você, quando vence os seus desafios, a chance de vencer os outros é muito maior”* (Deco). (SR4), concorda com essa imagem do indivíduo valente, quando registra que a *“Valentia temos que ter com nós próprios porque, quando temos medo de alguma coisa...temos que lutar...ter valentia sempre até o fim...”*.

A valentia e igualmente a coragem são atributos desenvolvidos por intermédio de várias situações vividas no palco desportivo. Competir, antes de tudo, é ter coragem de se expor a julgamentos, é correr o risco de cometer uma falha terrível, é submeter-se à possibilidade de perder, etc.. Além disso, competir é uma luta por um ideal (a conquista de um campeonato, ou de uma medalha, ou prêmio, entre outros) e ninguém se torna um competidor de excelência sem demonstrar um rasgo de valentia – nem hoje, nem ontem, nem na vida desportiva e nem na vida pessoal. Entretanto, a título de registro dialético, ninguém consegue vencer os seus obstáculos, os seus vícios e as suas carências, se não lutar obstinadamente contra eles, ou seja, a coragem e a valentia não são apenas atributos para serem ostentados nos campos desportivo e guerreiro; o campo mais importante para aplicação dessas *aretai* é o da formação do homem.

Síntese

Após a verificação dos discursos dos grupos de atletas estudados por nós e de acordo com as análises e as referências aqui apresentadas, podemos considerar que houve convergência entre as exposições dos atletas adultos e as dos atletas adolescentes

referente à categoria *aretê* individual. Essa convergência ficou particularmente exposta e consubstanciada nas subcategorias honra, vigor e saúde, honra/mérito, determinação e disciplina, sucesso, superação, trabalho, coragem e valentia.

***Aretê* coletiva:**

Amizade

Como já vimos, houve um período em que a sociedade grega (antiga) passou a ser organizada no interior da pólis. Nesse espaço de vida, o valor da amizade passou a ser considerado um dos mais importantes ingredientes de coesão entre os indivíduos que compunham essa comunidade. Essa união, capitaneada pela amizade, tornava os Estados bons e prósperos.

Do mesmo modo, em todos os domínios – particularmente no futebol –, a amizade é geradora das maiores recompensas e, ao mesmo tempo, é honroso ter uma boa amizade. O Sócrates de Xenofonte (II, 6, 35) considerava que “nada (...) causa tanto prazer quanto bons amigos...”. A consideração e a satisfação de ter bons amigos levaram o Washington a dizer: *“Tenho, tenho muitos amigos. Faço amizade muito fácil. Eu me sinto bem assim. Logo, logo a pessoa me demonstra grande confiança, eu busco a confiança desta pessoa e já o considero um grande amigo!”*. Essa importância dada ao valor da amizade encontra ressonância nos discursos dos miúdos: *“Penso que sim, aqui todos somos amigos...tratamos os amigos da melhor maneira. Penso que as amizades são feitas com relativa facilidade...”* (ON1); *“Que é um companheiro de equipa e no fundo é um amigo, pode ser um amigo fora da equipa”* (VT2).

O clube desportivo é um espaço, pelas suas características, em que há oportunidade de se desenvolverem amizades. A essa luz, há quem considere (treinadores, atletas, jornalistas e outros) uma equipa desportiva como uma família. Nessa perspectiva, Deco descreve o seu sentimento de satisfação, quando se encontra no convívio de seus companheiros de equipe: *“Gosto do ambiente de vestiário. Gosto de estar num time em que as coisas vão bem, que... a gente tenha um bom relacionamento, então o que eu puder fazer pra que isso aconteça...”* (Deco). A dedicação no sentido de produzir um ambiente de amizade e consideração reflete a opinião de (FP4): *“No futebol tem esse privilégio de se conviver todos os dias com um grupo de pessoas e, pronto... Dessa convivência diária vamos a fazer amizade que duram para o resto da vida...”*.

A amizade é como uma árvore que só possui frutos maduros e saborosos e, mesmo que haja dificuldades, é na doçura do *afeto amigo* que aparece a força para a sua superação. Desde sempre a amizade foi responsável por alimentar os maiores e melhores empreendimentos e entendimentos coletivos. Recuperar e pôr em relevo o valor da amizade são tarefas pedagógicas preponderantes para o desenvolvimento de uma cultura de união e de solidariedade; o desporto, mesmo assistematicamente, patrocina essa virtude.

Clube-pólis

O *clube-pólis* é uma figura simbólica que nos auxilia, nesse trabalho de investigação, a auscultar, imaginar e tornar atual, pelo menos um pouco, as experiências vividas pelos gregos no interior de sua pólis.

A pólis, no tempo da Antiga Grécia, era considerada como a rainha do homem. Tudo era feito pelos seus cidadãos, para que ela fosse um espaço de excelência, uma entidade de luz e força, viva e formativa; a sua principal função era a educação para a *aretê*. Nessa comunidade, a familiaridade (entre os pares), as atividades (religiosas, desportivas e outras), a participação ativa e o respeito pelas leis conformavam um modo de ser e de estar.

Nessa premissa, o clube desportivo pode ser visto, até certo ponto, como uma pólis moderna e atual. Por isso, vejamos o que o Washington disse, ao se referenciar aos clubes pelos quais ele passou: *“Essa convivência com os funcionários, essa convivência faz com que você conheça a história do clube e, aí, você realmente aprende a valorizar mais o clube que você defende...”*. Viver o clube dessa maneira era, em se tratando da pólis dos gregos antigos, um modo de respeitá-lo e honrá-lo, promovendo, assim, a *“União ...representamos...um conjunto de atletas a tentar singrar (vencer) na vida...representa...um modo de sobreviver de muitas pessoas, não é? Pessoas trabalham aqui. Representa muita coisa...é uma grande instituição o clube” (GV3)*. Como nos tempos antigos, o clube não é uma entidade sem vida. Aliás, é a vida de cada um dos seus atletas, dirigentes, funcionários, torcedores bem como a sua tradição que compõem uma instituição digna, a qual a percepção do Deco acaba por sugerir: *“um clube com muita história, onde passou muitos jogadores, é um clube acostumado a vencer...como no caso do Barcelona...Também no próprio Porto. O Barcelona é um clube com muita ambição porque é um clube acostumado a ganhar com muita história”*. Dessa maneira, podemos entender e aproximar a opinião de (FP4): *“O clube*

é aquilo que nos permite a nós concretizar um sonho e no qual nós temos que dar tudo por esse clube... Tem que haver muito respeito entre atleta/clube e clube/atleta". Ao longo dos anos, os clubes desportivos foram as entidades, nas quais os sonhos de muitos jovens se realizaram; hoje é a materialização dos antigos sonhos do Deco, do Washington, do Paulo Turra e de outros atletas, amanhã é a concretização dos sonhos de **(FP4)** e de outros tantos. Talvez, a grande finalidade da pólis grega fosse a concretização dos melhores *sonhos* da sua gente e que, hoje, os clubes desportivos atualizam e ajudam a realizar.

Pelas considerações dos nossos entrevistados (atleta profissional e atleta de formação), consideramos que existe sintonia sobre a matéria em tela entre o conteúdo do discurso dos mesmos. Entendemos também que existem vestígios de ligação entre a antiga pólis e o atual clube desportivo. Embora os clubes desportivos apresentem, em nossos dias, dificuldades – éticas, educativas, organizacionais, etc. –, o certo é que a dissertação dos entrevistados registram, para a esfera do clube desportivo, um potencial pedagógico e axiológico que não deve ser desprezado.

Tradição

Embora a palavra tradição, muitas vezes, possua uma conotação voltada ao que é antigo, histórico e ultrapassado, o fato é que, por intermédio dela, transmitimos os nossos valores culturais, humanos e sociais. Os gregos antigos tornaram tradicionais os valores vinculados à pólis (justiça, ética, cidadania, religião e liberdade) e esses eram os fundamentos da vida comunitária, vivida em pequenas cidades independentes.

O que se verifica, atualmente, parece ser um descaso em relação à importância da tradição de um clube desportivo e coube ao Paulo Turra situar: *“O que eu sei da tradição dos clubes que eu passei (...). Eu fiquei sabendo, por conversa com pessoas, ou por curiosidade minha, mas não tive nenhum dirigente que quando eu cheguei no clube me levou num lugar... essa é a história do meu clube é... o meu clube ganhou isso, ganhou aquilo é um clube (...). Eu acho que isso poderia ser importante, quando o jogador chegar num clube”*. Entre os atletas das camadas de base de futebol, conquanto haja registro a respeito da tradição dos clubes, o assunto que predomina encontra-se de acordo com as opiniões do Paulo Turra. *“Tenho muito respeito, mas se calhar pela camisola e...se calhar, sabendo as tradições e isso...teria a ajudar ainda mais...Se calhar, se eu soubesse o seu passado, suas tradições...” (TB1); “Mas nunca falaram do seu historial. Podia ajudar, podia nos motivar a tentar ser...como eles foram...Se*

calhar podia nos ajudar e impulsionar pra tentar ser melhor...” (GL2); “Conhecendo melhor o clube, claro que ajudava a ganhar mais crença pelo clube...identificar mais com o clube” (FP4); “Se calhar, ajudaria a ficar mais...mais confiante no clube que estou e...possivelmente ter mais força pra ir para o campo e tentar ir mais longe possível” (LO2). Ou seja, uma parte dos atletas de futebol compete e defende seu clube por uma tradição que, muitas vezes, desconhece.

Cooperação

O valor da cooperação surge, para os antigos gregos, em inúmeras oportunidades: na guerra, no desporto, nas festas religiosas, etc.. Alguns exemplos marcantes podem ser descritos: o salvamento, na guerra, de Alcibíades, realizado por Sócrates (O Banquete, 220e); nos jogos fúnebres de Patroclo (Ilíada, XXIII, 280), Aquiles coopera com os competidores, organizando e arbitrando as contendias; a própria vitória é tida como resultado de uma obra cooperante entre o desempenho do atleta e os favores divinos (Silva, 2000). Na pólis, a cooperação se dava em todos os sentidos, quer na organização das cerimônias religiosas, quer na sua defesa, quer no apoio aos Jogos Desportivos, etc..

Sendo assim, a cooperação pode ser vista como uma ação de excelência em relação ao outro. Atualmente, no futebol, podemos presenciar também várias maneiras da ação cooperante entre os diversos praticantes, nas diferentes idades e categorias. Paulo Turra nos oferece um brilhante exemplo: *“No fracasso de alguns colegas, esses colegas podem ser carregados pelo restante dos restantes dos colegas que estão bem. Isso é uma coisa que acontece no nosso futebol”*. Essa prática cooperativa, vista no ambiente do futebol, é compartilhada por (OJ4), quando descreve: *“É o espírito de entreaajuda...Quando nos momentos difíceis apoiar sempre... não só evolui ele como evolui os colegas...”*. Vejamos a opinião do Deco: *“Você é um grande atleta e pode fazer com que os outros companheiros também sejam melhores”* (Deco). Muito parecido com a opinião do Deco, alguns jovens declararam: *“Incentivo-o, ajudo-o, me preocupo em dizer: erraste agora mas daqui um bocado, na outra bola já vais conseguir passar, marcar golos e não se preocupar”* (OH1). *“...têm que fazer com que as pessoas sintam-se motivadas pra jogar...que sintam...sintam fortes e mais fortes até do que realmente são...”* (GV3).

Realmente, no desporto e em particular no futebol, existem vários meios e modos de se aprender, demonstrar e praticar a cooperação. Vejamos a avaliação do

Washington: *“Você, com a ajuda coletiva, se cada um ajuda, se você tem um defeito ou algum problema mas esse jogador te completa, e você com outro jogador que tiver algum problema, falta alguma coisa...Com certeza, isso faz com que o coletivo cresça...E aí... a parte vai aparecendo, vai sobressaindo cada vez mais. Se você tiver o sucesso coletivo, com certeza, você vai ter o sucesso individual e isso é o grande passo para o sucesso”*. Em sintonia com essa avaliação temos: *“...eu acho que o espírito de grupo tem que ser sempre forte e apoiarmos sempre uns aos outros” (FH2)*.

Aprender a cooperar é desenvolver a arte da superação em equipe, em grupo e em sociedade. A excelência do comportamento sócio-coletivo passa necessariamente pela educação para a cooperação.

Solidariedade

A solidariedade distingue-se dos demais valores circunscritos à pólis, uma vez que se dirige para uma abrangência ainda maior, isto é, a todos os seres vivos. Provavelmente, a espécie humana só conseguiu superar os seus grandes desafios, quer pessoalmente, quer coletivamente, através da participação da solidariedade.

Os atletas desportivos, na maioria das vezes, entendem (e entendem bem) a solidariedade como uma atividade de responsabilidade social. Por isso, muitos assumem essa responsabilidade conscientes da sua importância como exemplo a ser seguido: *“... acabam não sendo só jogadores dentro do campo, mas tem muitas outras coisas, tem um papel muito mais importante fora também, um papel social. Neste sentido os jogadores deixaram de ser só os jogadores no campo, a imagem passa a ter outra dimensão. Eu acho, hoje em dia, quem tem possibilidade...tem que ajudar, tem que aparecer mesmo, porque é uma forma de atrair os outros...porque nós vivemos num mundo que a média, a TV, elas fazem promoções” (Deco)*. *“Já tive oportunidade de...campanhas para crianças carentes...que tenham dificuldades financeiras, com dificuldades financeiras...que a família não tem posses...crianças com deficiências...Então já tive várias oportunidades” (Washington)*. *“ (...) ir em alguma entidade de caridade: creches, orfanatos ou é... por exemplo aqui no Boavista, em Portugal, nós fomos no Hospital de crianças que tem câncer, a gente foi lá, dar um pouco de atenção, chama a atenção do poder público e político, pra necessidade disso...” (Paulo Turra)*.

Quanto aos jovens, como já era de se esperar, a solidariedade possui outros contornos e não está ainda vinculada a grandes empreendimentos sociais (como no caso

dos atletas adultos). Tal é o caso de um companheiro de equipe que incorre num erro: “...quando ele erra, ele próprio não queria errar, e se errou, aconteceu e tento dar moral pra ele se sentir bem com ele mesmo e pra próxima jogada...não correr mal, para ele entrar com mais confiança na próxima jogada” (LD3). Na relação com os adversários: “Faço sempre o mesmo, quer a equipa ganhe ou perca...cumprimento os jogadores... Há sempre aquela competição, temos que ganhar, mas no final do jogo somos todos amigos” (SR4). Numa demonstração de desportividade pode estar patente a conduta solidária. Nesse sentido, os jovens vão construindo um caminho que os levam a reconhecer a importância da solidariedade: *O fato que estamos constantemente a ser solidários. Acho que a solidariedade no desporto, permite-nos...não só na vida pessoal*” (FP4). A experiência solidária no desporto pode ser um excelente estímulo para o aprimoramento de atitudes de cuidado, de cooperação e de solidariedade. Uma educação de excelência deve priorizar a formação solidária; no desporto, há muito tempo, vemos desfilar, diante de nossos olhos, atitudes de solidariedade e de cooperação; essas foram as grandes finalidades para as quais ele (o desporto) nasceu e renasceu.

Síntese

De acordo com as mensagens veiculadas pelos nossos entrevistados e selecionadas por nós – atletas profissionais e crianças e jovens dos escalões de formação – a respeito da categoria *aretê* coletiva, verificamos que houve uma convergência acentuada entre as subcategorias amizade, clube-pólis, tradição e cooperação. Quanto à sub-categoria solidariedade, consideramos que, embora haja sintonia nas declarações acerca dessa matéria, observa-se que os adultos, por se reconhecerem como pessoas responsáveis do ponto de vista social e entenderem que a imagem de um atleta é altamente valorizada, sugerem, por seus discursos, que a prática da solidariedade deve ser dirigida às pessoas menos favorecidas socialmente; já os jovens desportistas indicam e admitem outras práticas solidárias, as quais parecem estar mais próximas das suas possibilidades e condições (companheiros e adversários). De qualquer modo, ambos os grupos distinguem a solidariedade como um costume proporcionado pela prática desportiva.

Edurare(tê):

O Exemplo

Na cultura grega (arcaica e clássica) podemos notar, pelas sagas dos grandes heróis míticos, pelos feitos dos heróis desportivos, pela vida ética dos grandes sábios e pelo simbolismo da mitologia, uma profusão de grandes exemplos que se constituíam num enorme tesouro pedagógico para enriquecer a formação das crianças, dos jovens e dos adultos daquela época.

Os tempos antigos se foram, mas a inspiração pedagógica do exemplo permaneceu. É bem verdade que o período em que estamos vivendo carece, em todos os setores da atuação humana, de grandes e bons exemplos. Apesar da indiferença, muitas vezes anotada por educadores, sociólogos, psicólogos e outros profissionais sobre a importância e o significado do tema do exemplo, consideramos e constatamos que a sua força constitui-se num propósito especialmente instrutivo e orientador, portanto educativo para todas as pessoas que, de alguma maneira, estão envolvidas na prática de um desporto.

A essa luz, nos deparamos com declarações que não deixam dúvidas a respeito da importância que os desportistas conferem ao exemplo. Deco, por sua vez, após enumerar vários dos seus ídolos e exemplos desportivos, resumiu: *“Eu comecei a admirar muito o Zico, mas eu o vi pouco jogar. Eu achava a trajetória dele foi difícil, tudo que ele passou, a história dele me atraía muito.... Esses jogadores pra mim eram como exemplos assim...de vitória, de dedicação. Então, talvez se eu tivesse que me inspirar em alguém, ...naqueles momentos, acho que eram eles”* (Deco). Podemos verificar que associado ao exemplo há, é o motivo, uma série de valores e circunstâncias que determinam a preferência. Desse mesmo jeito, Washington fez as suas escolhas: *“Foi um grande exemplo...É o Zico”*, além de apontar um atleta de outro desporto: *“Ayrton Senna (piloto de fórmula 1). Ele, (...), foi um grande campeão e mostrou toda a sua garra corporal, coração, mental pra conseguir ser...”*. Já o Paulo Turra: *“E como jogador, o Dunga foi capitão da Copa de 94, foi um exemplo para mim”*. Os motivos que levaram o Paulo Turra a escolher o Dunga como exemplo foram os seguintes: *“Na Copa de 90 foi muito criticado, foi praticamente culpado pela...pelo fracasso da seleção, (...) teve muita personalidade, muita força, muita ambição para conseguir dar a volta”*; o que aconteceu quatro anos depois: *“Em 94, foi considerado um exemplo no título de campeão pela seleção e, além de tudo, pela personalidade que ele tem dentro de campo e pelo seu comportamento fora de campo”*. Entre as crianças e jovens desportistas acontece exatamente da mesma forma. Atentemos então às seguintes declarações. *“O Quaresma. A sua capacidade de fintar em velocidade...e*

depois...melhor é finalizar” (PO1). “Adriano. Do Inter de Milão. É a forma de jogar e como é da minha posição...é sempre uma referência pra mim” (GJ3). “O Ronaldinho. Ronaldinho do Brasil. Do Barcelona. A sua técnica...a sua forma de jogar, assim...muito à vontade, ele não tem medo de transportar a bola, muito rápido...ele cabeceia bem, ele tem tudo; de bom jogador ele tem tudo, acho que não lhe falta nada, mesmo” (OJ4). “Gosto do Cristiano Ronaldo, do Ronaldinho (gaúcho) e também gosto muito do Quaresma e do Lucho Gonzales. A maneira como eles jogam. O Ronaldinho, o Cristiano Ronaldo e o Quaresma, gosto...acariciam a bola, dá gozo ver. O Lucho é com passividade ele faz o jogo todo um espetáculo” (OG1). A escolha dos exemplos segue os mesmos critérios desenvolvidos pelos atletas profissionais, apenas com a acentuação na virtuosidade técnica dos seus ídolos. Entretanto enganamo-nos, quando imaginamos que os jovens apenas valorizam, para a escolha de exemplos desportivos, os aspectos vinculados à performance desportiva. “O Figo. Quando vai para uma entrevista, ele sabe o que dizer, ...assim admiro muito no Figo...e depois as suas qualidades técnicas. A sua personalidade no mundo do futebol. Sei que tenta ajudar os jovens...É uma fundação que os bens é pra ajudar; caridades” (CH2). “O Figo e o Deco. A forma de jogar a sua técnica...a forma como eles encaram o jogo...e sua atitude dentro de campo, dão tudo pelo seu clube e já mostraram isso. Acho que são bons profissionais, pelo menos pelas entrevistas que ouço deles e pelo que leio, penso que são sinceros e bons desportistas” (FH2). Associadas a habilidade técnica e a virtuosidade desportiva, os jovens elegem como seus modelos de atleta desportivo aqueles que apresentam características para além do campo de futebol; um exemplo bem escolhido é uma referência a ser consultada a cada momento da vida desses jovens. Isso parece funcionar, pois, empiricamente, podemos notar que os atletas desportivos são, cada vez mais, melhores (tanto em termos de desempenho desportivo como cultural) e as instituições desportivas são valorizadas e reconhecidas como fenômenos sócio-culturais. Como testemunho dessa afirmação, podemos citar o extraordinário pensamento do atleta Washington: “Crianças são puras, são a obra de Deus, obra divina e...eu sempre fico orgulhoso de poder apresentar a minha vida e fazer com essas crianças sigam...olhem o meu exemplo e consigam conquistar sucesso dentro das suas vidas” (Washington). Essa responsabilidade e sensibilidade fazem do exemplo, ao mesmo tempo, um exercício de humanidade e de excelência pedagógica.

Sendo assim, podemos considerar que o exemplo desportivo funciona como um elo de educação tanto prática quanto em valores. Esse modelo, segundo Jaeger (2003),

de validade universal, procede diretamente e intimamente da idéia de modelo da ética da *aretê* desde os tempos de Homero.

Limites e Oportunidade

Tanto os limites como as possibilidades são as bitolas pelas quais se orienta a vida desportiva e pessoal. No desporto há limites que devem ser observados – entre os mais importantes estão os éticos e os físicos – e, ao mesmo tempo, a performance desportiva, através das inúmeras e variadas oportunidades, oferece condições para cada pessoa testar os seus limites e superá-los, encontrando assim, uma nova oportunidade de auto-conhecimento e de transcendência.

Os atletas desportivos detentores da *aretê* representam simbolicamente um modelo do homem ideal (determinados, fortes, corajosos, perseverantes, sensatos, honrados, etc.) que buscam, teimosamente, a transcendência; em outras palavras, são os ascetas no desporto. Por isso, como já nos referimos na revisão da literatura, a *aretê* é um atributo dos deuses. Desse modo, os seres divinos podem dar ou retirar, a qualquer momento, a sublime *aretê*. A justiça divina é uma matéria insondável para os seres humanos e a sua manifestação, às vezes, causa surpresa e perplexidade. Desse modo, o relato do Deco é emblemático, quando descreve: *O M. além da qualidade que ele tinha...Ele tinha uma vontade e uma garra especiais é...Ele não venceu só pela qualidade que tinha. Eu acho que ele tinha uma força interior e às vezes, até extravasava de uma forma não mais correta... Mas, no fundo, ele tinha uma confiança nele, uma coisa que levava...não sei depois...*"; completado pelo Paulo Turra: *“...mas que aprenderam a se drogar, aprenderam a ficar alcoólatras. O que leva uma pessoa a ter sucesso, tecnicamente falando, o M. levou... Agora sucesso como pessoa não levou nenhum”*. Esse é um fato que, infelizmente, surge volta e meia no desporto e em qualquer área de atuação humana. Em sintonia com essas afirmações, falando numa perspectiva mais geral, um dos meninos mencionou: *“O que toda a gente fala e é verdade é não deixar a fama subir à cabeça. Continuar a manter humildade... grandes promessas e devido à fama...há casos que metem-se na droga, no álcool e coisa assim e acaba-se a carreira mais cedo” (SR4)*. Lidar com os limites e não se submeter a limitações é uma tarefa pedagógica que envolve sensibilidade, respeito, consideração e, ao mesmo tempo, autoridade, disciplina, ética e perseverança. Nesse sentido, o clube desportivo, aliado à escola, pode ajudar no projeto de educação dos jovens atletas e estudantes: *“...a parte de dificuldades foi na escola. Minha directora de turma quando*

eu me portava mal, telefonava ao mister e ele... castigava-me... e eu tenho a melhorar o meu comportamento. O mister pôs-me fora do jogo. Melhorei o comportamento pra não ser castigado” (OG1). A escola e o clube desportivo bem como professores e treinadores podem, fortalecendo os laços de união pedagógica, desenvolver e aprimorar estratégias que visem a uma educação em valores, oferecendo limites e, ao mesmo tempo, oportunidades com vistas à excelência na formação do homem.

Conselho e Aprendizagem

Ao tratarmos desse tema, é impossível não lembrar os grandes mestres dos antigos heróis gregos, Quirón (o centauro) e Fênix (o sábio mestre de Aquiles), os quais utilizavam os conselhos como meio de desenvolver aprendizagem de seus *alunos*, em diversas áreas de atuação como, por exemplo, discursos, hábitos, comportamentos e também a luta, a culinária, a medicina, etc.. Igualmente, não podemos esquecer que Sócrates era, podemos considerar, um verdadeiro conselheiro do povo ateniense.

Ao longo dos anos, o conselho de alguém próximo (pai, amigo, parente, professor, treinador, entre outros) sempre serviu, na maioria das vezes, para organizar um pensamento, para identificar a saída de uma crise, para prevenir contrariedades e para incentivar na conquista de um objetivo. Por isso, o conselho, desde a ótica da excelência na educação, é um instrumento especialmente esclarecedor e orientador e que somente aqueles que nos querem bem dele fazem uso. Neste tema, a experiência do Deco resultou no comentário: *“Um conselho que eu acho que foi uma coisa que meu pai sempre falou comigo é...primeiro era estudar. Um das regras que ele impunha e... Então, na realidade, você tem que se preparar um pouco pra vida num outro sentido, porque a vida não é só jogar futebol...”* (Deco). Coincidindo com essa assertiva: *“Meu pai ajuda muito, ele é jogador. Ele ajudou mesmo, deu-me conselhos e foi por causa do meu pai que eu estou assim, estar aqui e ultrapassar as dificuldades e com isso aprendi também, tentar resolver sozinho os meus problemas”* (TB1). Questões desportivas e pessoais são pérolas colocadas pelos deuses a fim de aproximar pais e filhos, mestres e discípulos na relação de aconselhamento e de aprendizagem.

Como apontamos inicialmente, existem pessoas especiais (não necessariamente o pai ou o parente) que, por intermédio dos seus conselhos e orientações, se tornaram indispensáveis em nossas vidas. Paulo Turra, emocionadamente, lembrou-se de um treinador (Professor Ademir). Na narrativa, o atleta disse que *“...ele ajudou muito dentro de campo como jogador, me ensinou muito como pessoa fora de campo, como*

comportamento e outras coisas...” e complementa: “...*como um atleta de futebol deve ser e deve se comportar dentro e fora de campo, nas suas atitudes, na maneira de pensar, agir e de falar. Principalmente os jogadores mais conhecidos...são figuras públicas são pessoas que servem de referência (...) para o mais jovens...*”. A mesma experiência nos foi contada por (CH2): “*Ouvir sempre coisas de jogadores que já passaram, como o mister Carlos Batista, que foi meu treinador e jogou...no Porto, no Braga. Ouvir conselhos desses, dessa gente...é sempre bem-vindo. ...ouvir sempre os conselhos dos mais velhos*”.

Terminamos este tema, salientando a forma simples e, ao mesmo tempo, bela (como deve ser uma educação em excelência) pela qual (FH2) brinda, aconselhando, a todos nós: “*Eu diria pra ele seguir o que pensa melhor e o que o coração manda*”.

Valores do Desporto

Os valores no desporto repousam; a *aretê* é um valor (Patrício, 2005); o desporto é permeado pelos valores da dimensão agônica e lúdica da *aretê*; Patrício (1993) reclama uma educação em valores e Bento (2006a) decreta que o desporto exhibe um estatuto moral e cultural por ser um jogo de competição. O inventário referente à relação do desporto com o sentido mais nobre da educação poderia ser imenso, mas aquele que foi exposto, por agora, basta. O que vamos mostrar é uma outra lista de valores, realizada pelos nossos entrevistados, a qual nos parece ainda mais impositiva para o momento. Começamos com os atletas de futebol profissional. Segundo eles, o “*Desporto ensina a viver porque...Traz outras coisas, traz outros valores, (...), respeitar as pessoas, (...) cuidar da saúde, (...), você aprende, (...) você quer chegar a algum lugar, tem que se dedicar, abdicar. Você aprende a optar o que é melhor pra tua vida ou não...Acho que aprende muita coisa...*” (Deco). “*Você evita muita coisa que pode prejudicar a sua vida e você entra numa coisa totalmente saudável, numa coisa totalmente divina: o desporto...*”; (...), *ter muita dedicação, força de vontade*”; “*(...) se doar, se dedicar, a ser sempre os primeiros, que realmente eles se sobressaem e...os obstáculos...fazendo o melhor deles, se esforçando e dando o máximo, os obstáculos serão menores*”; “*...eu trato o desporto como uma outra vida. Você ganha uma outra vida, então te ensina a viver...e você vai aprendendo muita coisa e...você vai fazendo com que a sua vida melhore e...aprende a viver...no lado do bem da vida*” (Washington). “*...viver só do meu esforço*”; referindo-se ao desporto: “*Isso é uma faculdade da tua vida. É uma faculdade que não tem diploma, não...*”; “*...fiz,*

faculdade, mestrado, doutorado e mais alguma coisa pra tu ser um ser humano” (Paulo Turra).

As crianças e jovens, praticantes da modalidade futebol nas categorias de base do Sporting Clube de Braga, reconhecem e oferecem um mosaico de valores situados, segundo as suas experiências, no âmbito da sua prática desportiva. A lista é longa mas vale a pena ser considerada. *“Nós no desporto sentimos tudo, sentimos as vitórias, sentimos as derrotas...tentamos superar obstáculos é...lesões, treinador não te põe a jogar, ou seja, nós vivemos e sentimos todos os sentimentos e...é tal como na vida, na vida também...Penso que de certa forma o desporto prepara-nos pra vida também” (TB1); “Divertir-me, abstrair de tudo que passa no dia a dia, mas...saúde também e...gostar daquilo que faz. Respeitar toda a gente...Ser pontual, nós aqui cumprimos horário e lá fora tento cumprir também, já estou habituado... Se nós no desporto...Respeitamos toda a gente, sabemos ouvir este e aquele, na vida pessoal também o fazemos e a maneira de pensarmos no desporto também transmitimos pra vida pessoal” (LD3); “Porque o desporto tem muito fair play e às vezes dá-nos educação. Ensina-nos a viver, porque há maus momentos e bons momentos e na vida também há maus momentos e bons momentos” (OJ4); “Uma campanha contra a guerra. Na palestina e Israel, acho muito positivo...juntarem dois países que estão em guerra e juntar-se por causa do futebol. Ganhamos valores no desporto que nos ajuda na vida. A união, a família, entendermos...isso pra vida também ajuda não é só para o futebol. Não é só para o futebol que temos que estar unidos, que temos que dar tudo” (SR4); “Porque o desporto em si não ensina só a praticar...a praticar, por exemplo: no futebol, não ensina só futebol...ensina-nos muitas coisas diferentes, por exemplo: sermos homens para o futuro, a ter mais respeito pelos outros, além da própria humildade...” (FH2); “...na prática desportiva aprendemos a ser alguém no futuro, por exemplo: enquanto andamos aqui, não andamos pra outras coisas que podem ser prejudiciais pra nós; estamos ocupados...nenhum desportista deste género tem tempo... Como por exemplo: drogas, etc...vícios prejudicantes...o futebol ajuda-nos a crescer como homem, (...) ajuda-nos a ser melhores pessoas e...Porque convivemos com os nossos colegas...ajuda-nos a ser mais extrovertido...ajuda-nos ser mais sociáveis...encarar e conhecer melhor a sociedade, etc” (ON1); “E também a amizade que se faz, ...noção das regras, a disciplina que nós apanhamos aqui também... Costuma ser uma disciplina rígida ...é essencialmente isso. É a parceria é...compreensão uns com os outros é...é união também, mas há uma palavra que me*

está a faltar...coordenação, não sei...Entreajuda, percebe?” (GV3); “Porque aprendemos sempre coisas novas com o desporto e uma coisa que fascina qualquer pessoa, não só o futebol mas todas modalidades. Ah! E a conhecer melhor as pessoas...” (CH2); “Primeiro é aprender a relacionar-se com os outros, aprender a viver em grupo. Respeitar o grupo e os elementos do grupo e, depois, na prática desportiva aprende-se a aperfeiçoar as técnicas a nível do futebol...e a jogar melhor e a ser melhor” (GL2).

Como podemos notar, na intenção de expressar os valores encontrados na prática desportiva, os nossos entrevistados (adultos e jovens) realizaram uma composição em que encontram-se frases e palavras referentes a uma estreita sintonia entre os valores do desporto e a educação. Direta ou indiretamente, foram citados pelos dois grupos de atletas valores como: união, paz, respeito, saúde, dedicação, divino, esforço, sentimentos, crescimento pessoal, extroversão, disciplina, ética, amizade, socialização, cooperação, humildade, sensatez, família, superação, divertimento, prazer, doação, prudência, abstração, atenção/cuidado, fair-play, compreensão e fascinação. E a ligação com os fundamentos da educação situaram-se junto às palavras: educação, ensina, aprender, *apanhar*, conhecer e faculdade.

Salientamos, também, que tanto os atletas adultos quanto os atletas adolescentes identificam que os valores aprendidos no desporto possuem importância e são incorporados à vida pessoal: “*desporto ensina a viver*”, “*melhor pra tua vida*”, “*lado do bem da vida*”, “*desporto prepara-nos pra vida também*”, “*a maneira de pensarmos no desporto também transmitimos pra vida pessoal*”, etc.. A finalidade principal parece ser a de crescer como homens, melhorar como pessoa, ser melhor... Desse modo, podemos entender o sentido das palavras de Patrício (2004), quando nos revela a face inconfundível da *aretê* helênica: excelente é o que é bom. É o que é muito bom, tão bom que não pode ser melhor, pois, ser melhor seria exceder o potencial de ser aquilo que é o sujeito da excelência. Excelente é o sumamente bom na ordem de ser de determinada coisa: coisa, ou pessoa, ou acção, pensamento, sentimento, desejo ou vontade ou movimento. Da união do homem e do atleta surge a excelência de “*ser um ser humano*”, ou seja, aquele que propõe e faz o “*melhor para sua vida*”.

Nos tempos em que a *aretê* era um atributo dos deuses e em que todos os homens se esmeravam na sua conquista, encontramos no Sócrates (tido por Platão como a própria encarnação da *aretê*) de Xenofonte a assertiva: “é sumamente deplorável envelhecer em meio ao puro descuido, sem perceber em que tipo de ser humano é

possível se tornar promovendo a força e a beleza física ao ser grau máximo” (Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates, III, 12, 8).

Síntese

Conforme as mensagens veiculadas pelos nossos entrevistados a respeito da categoria *educare(tê)*, verificamos que há uma especial afinidade entre os discursos dos atletas adultos e os dos atletas de categorias de formação em todas as subcategorias: o exemplo, limites e oportunidades, conselho e aprendizagem e valores do desporto.

Aretê sabedoria:

Sensatez

Recuperando o que foi dito por nós em outra ocasião: a sensatez é a excelência da decisão e da escolha de atitudes, dentro de certos limites (excesso e o defeito), especialmente no plano prático da vida. A nossa esfera prática é o desporto. Portanto, dentre as reflexões referentes à sensatez temos: *“E você fazendo desporto...é onde você consegue encontrar essa sabedoria também. (...) O coletivo te traz um pouco de senso responsabilidade, senso de respeito pelas pessoas...ter noção de que o seu espaço é esse e o espaço do outro é aquele, e saber respeitar esse lado...”* (Deco). Essa responsabilidade e o senso de respeito pelas pessoas denotam um registro e uma contribuição de uma atitude sensata. Entre os jovens, podemos considerar, como aproximação à opinião do Deco, a seguinte construção: *“Desde muito tempo que me ensinaram...que quando uma pessoa falha e a gente ainda começa a resmungar com ele...só...piora. Todos nós falhamos...”* (TB1). Por ter a exata noção de que todos falham, e que aprender a respeitar as pessoas, quando estas cometem erro, levam os atletas desportivos a desenvolver o senso de responsabilidade em relação, e na relação com o outro, parece-nos ser uma atitude sensata.

Outro modo de analisarmos a sensatez nos é proporcionado pelo Washington: *“Abdicando de coisas que pode te prejudicar no futuro, você...às vezes, foge de...estar no caminho errado, de partir pra uma...vamos dizer assim...ter um caminho errado como o das drogas, como o do roubo...então, você se abdicar dessa parte do mundo ruim da vida... e entra numa parte totalmente ótima, saudável...é praticar esporte...tentar dar uma condição financeira pra você e pra tua família...Então, seu pensamento vai ficar sempre no esporte e no estudo...”*. Nesse contexto, se unirmos algumas das advertências apontadas pelos atletas de formação, vamos conseguir

demonstrar alguns traços característicos vinculados à virtude da sensatez: “...por exemplo na escola: Não podemos deixar pra trás, não é? Porque...só vimos um caminho e só vemos um...isso acaba sempre dar mal, nós temos que ter duas opções, se uma falhar, uma está a compensar...” (PO1). “Primeiro de tudo seguir os estudos, porque o futebol não é certo que será profissional...” (FH2). “...freqüentar a escola porque, se não tiver muito sucesso no futebol...” (OJ4). A essas, aduzimos as palavras de (ON1), quando diz: “A riqueza pode ser usada...se for bem usada pode proporcionar uma vida melhor, (...) mas, se também for mal usada, pode criar vícios, ...”, inscrevemos, assim, não somente a idéia de sensatez exposta pelos discursos dos jovens mas também o sincronismo com os apontamentos do Washington.

Perseverança

Perseverança pode ser vista como uma luta constante e obstinada na realização de um objetivo. Diante dos infortúnios e das dificuldades, que surgem durante este processo, a perseverança é a garantia e a aposta em algo que está além desses embarços, disponibilizando os recursos de uma sábia ponderação com vistas à promoção de ações que possam levar à consecução de uma meta. Ainda que as conquistas nem sempre sejam passíveis de realização, no presente e no desenrolar do processo aprende-se a conformar uma vida digna pela assunção e pela prática de outras virtudes, como: determinação, disciplina, superação, entre outras. Por isso é que a maioria das pessoas que obtém êxito em qualquer tarefa da vida, é aquela que se dedica e pratica o apuramento da virtude perseverança.

Como se situam os atletas adultos diante dessa virtude? Deco diz: “...uma grande virtude, que eu consegui chegar até onde eu cheguei um pouco por isso, por essa persistência, por essa...então eu acho que foi um pouco a persistência...que fez, eu consegui ter algum sucesso na minha carreira...”. Essa maneira particular de registrar a relevância da virtude perseverança pode ser apresentada à luz de uma experiência vivida por um outro atleta. Washington comenta que um atleta de futebol profissional, durante a sua carreira desportiva, pode passar por inúmeras dificuldades e lembrou, então, a experiência de um desportista: “...esse companheiro meu...ele, na verdade, quase não jogava, ficava esquecido...mas todas as vezes ele treinava com muita vontade, ele treinava com muito afinco, se dedicava totalmente aos treinos e...passando o tempo, a idade foi chegando e ele precisava se profissionalizar...Esse jogador que estava esquecido...com os treinamentos...esse jogador acabou tendo sucesso, porque ele

sempre teve força de vontade, sempre acreditou nele mesmo...e treinou, treinou dedicadamente...". Atentemos, então, para o que dizem os jovens atletas: *"...foi dispensado...ele sempre lutou porque gostava do futebol e sempre conseguiu seus objetivos (...)"(VT2).* *"Tem que...os seus objetivos e trabalhar muito até os alcançar e nada o pode perturbar" (TB1).* *"...tanto nos treinos como nos jogos tem que se esforçar, aceitar a opinião do treinador, estar sempre a aprender mais..." (LF4).* *"...sempre o primeiro a tudo, nem que seja a correr, a jogar, sempre primeiro a tudo e...Pra que nunca desista se alguma coisa correr mal" (LD3).* *"...nunca ir a baixo, nunca desanimar. ...nunca perder as esperanças" (FP4).* *"Tento nunca desistir das coisas que realmente quero, dando sempre o meu melhor" (PJ3).* *"Lutar até o fim e tentar atingir os objetivos" (FH2).*

As opiniões expressadas pelos nossos entrevistados das categorias de formação parecem estar completamente relacionadas, identificadas e ajustadas àquelas referentes à *aretê* perseverança e expostas pelos atletas profissionais.

A constante luta para atingir objetivos e vitórias desportivas testemunha uma educação para a perseverança. Por isso, ressaltamos que os estímulos conduzidos pela prática desportiva podem, e devem, servir para evidenciar uma possibilidade educativa ainda mais gratificante; perseverar nos estudos, perseverar em fazer o bem, perseverar em fazer o melhor, perseverar diante dos desafios internos e perseverar para realizar o melhor para sua vida.

Moderação e Prudência

A palavra grega *aretê*, embora seja normalmente traduzida por virtude, só pode ser entendida, em sua plenitude, quando a compreendemos como um valor múltiplo, constituído pela presença combinada e harmonizada das diversas *aretai*: a sensatez, a prudência, a moderação, a coragem, a perseverança e a sabedoria. Nesse sentido, a formação humana deve escolher os meios, conteúdos e princípios que levam "a alma a aspirar à prudência"(Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates, I, 2, 21). Visto na perspectiva aristotélica, a virtude da prudência e a da moderação são aquelas que levam o indivíduo a escolher um bom modo de vida e a agir bem, evitando pecar por excesso ou por defeito (Kenny, 2003). Sócrates, segundo Xenofonte (Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates, III, 9, 4), não fazia distinção entre sabedoria e prudência – incluindo a moderação –, pois o filósofo dizia que "os que trilham o caminho errado não são nem sábios nem prudentes". Adquirir conhecimento sobre uma determinada matéria é, pelo

menos em parte, sabedoria; aplicá-lo bem e da melhor maneira exige moderação e prudência.

Com essas informações, escolhemos algumas frases que nos parece evidenciarem, nos atletas adultos e jovens, a prática e o exercício da moderação e da prudência no âmbito dos desportos. Inicialmente, Deco faz a revelação: *“Os cuidados que eu tenho é...procurar descansar sempre, um pouco...não exagerar... E se eu não fizer, eu sei que...Não é só psicologicamente, mas sei que chego no jogo não tão bem quanto devia”*. Com absoluta convergência, os meninos corroboram com essa atitude – moderada e prudente – do atleta internacional Deco, discorrendo da seguinte maneira: *“Sinto que tenho que cuidar, não posso cair em exageros...” (PO1)*. *“Fazer só o que ele pode e não exagerar...” (VT2)*. *“Não abusar...puxar por ele, mas sem passar certos limites não é?” (GV3)*. *“Faço só o treino que posso, não tento fazer sempre mais que...eu posso fazer, porque senão posso ter uma lesão...” (GJ4)*. *“...não faço assim...coisas malucas que possam aleijar e, por em risco, por causa da minha carreira” (OG1)*. *“No caso das lesões, não deve...forçar as lesões, quando temos uma lesão devemos ir ao posto médico” (OJ4)*. As experiências vividas no seio do desporto, tanto profissional como de formação, suscitam o aprendizado e o aprimoramento de muitos valores e virtudes. Aristóteles (Política, I, 1259b, 35) dizia que o governante deveria ser, para dirigir bem uma cidade, moderado e justo. Portanto, pelo modo como o Deco e os miúdos se referiram, encontramos traços da aplicação da moderação e da prudência, os quais são fundamentais na construção e na funcionalidade da preparação de atletas desportivos; além disso, auxiliam a governar as suas vidas desportiva e pessoal.

Justiça

A justiça era, nos tempos da Grécia Antiga, algo que se situava na esfera do sagrado. A ordem do universo deveria vigorar também nas cidades, por intermédio de leis justas, moderando os limites das ações humanas. A noção de justiça tem a ver com a prática da igualdade. Inicialmente, a justiça estava sob o domínio da aristocracia, sendo, depois, reclamada por Hesíodo, na leitura de Savater (2000: 178), como “a base imprescindível de igualdade que tem que existir para que possa efectuar-se a concorrência entre rivais”. Essa igualdade, alicerçada na justiça, vai-se alargando para além dos limites das camadas sociais até abranger todos os cidadãos. Mais adiante, notemos que uma boa parcela das reflexões de Sócrates e os textos de Platão e de

Aristóteles são um acervo em defesa da grande virtude cívica: a justiça. Aqui, o herói guerreiro e combatente cede o seu lugar para o herói legislador; a *aretê* heróica é assim reconfigurada como a sábia *aretê* nas leis.

No nosso estudo, a justiça, vista como uma mediadora de igualdade entre todos os seres vivos, encontra-se revestida de duas faces: a justiça comum e a justiça desportiva⁷³. E, como já vimos, tanto na esfera da vida comum como na desportiva, os desafios são inestimáveis. As considerações a respeito da justiça, efetuadas pelos nossos entrevistados, testemunham essas afirmações.

O atleta Washington sugere que a *“Injustiça é uma coisa que não vem de Deus, (...). Isso aí é uma coisa...é um pecado muito grande que se comete na terra...ser injusto com uma pessoa”*. Esse pecado a que se refere o desportista fere as leis divinas e humanas, traz sofrimento e deixa marcas... Por isso, segundo a opinião de **(LD3)**: *“Acho que não devia existir injustiça, acho que devia ser justo pra toda a gente. E acho que é frustrante. Quando uma pessoa sabe o valor que tem e ninguém consegue ver este valor...”*. Entretanto, mesmo sendo o desporto e a própria vida ordinária palcos em que encenam muitas injustiças, temos que considerar saudável a intenção dos atletas adultos, quando decretam: *“...eu procuro sempre, quando posso, se tiver uma oportunidade, eu tento ajudar aquele que foi injustiçado...”* (Washington); *“...agora também se nós pesarmos que não vamos conseguir mudar e não vamos fazer nada...temos que fazer...mas a minha atitude é de revolta, de tentar ajudar, (...) e tentar ajudar de outra forma, acho que é isso”* (Deco). E dos atletas jovens também: *“Tentar fazer com que essa pessoa tenha a justiça que merece...lutar pela sua justiça e lutar pra ela não ser injustiçada”* **(VT2)**. *“Ah, ia logo ajudar essa pessoa que foi injustiçada e dar apoio, com certeza e que...Quem fez essa injustiça, ia falar com ele...por que que ele fez? ...e se ele não teve culpa...”* **(CH2)**.

Mais encorajador é quando da intenção surge a ação: *“Eu achei injustiça, depois eu fui falar com ele e acabamos até discutindo, mas depois...ele pediu desculpas pra mim e eu também pedi desculpas pra ele; mas eu, no momento, achei injustiça isso que aconteceu com o E.”* (Paulo Turra). Situação que também ocorreu com um dos jovens: *“Dar muitas a vezes a cara aqui. Principalmente no futebol...damos a cara assim...por outros...que sairiam mais prejudicados do que eu e...que, pronto, dei a cara...”* **(GL2)**.

⁷³ A pólis grega incitava os seus cidadãos a competirem nos Jogos Desportivos. A vitória, no início, apenas dava honra à família do vencedor; depois, com a acentuação do sentimento de solidariedade de toda a população, serviu para glorificar toda a cidade. Na avaliação de Jaeger (2003), não foi apenas na esfera do direito que a cultura grega criou a *isonomia*. O desporto, como um dos mais altos bens da vida criados pela cultura nobre, se converteu num património comum a todos os cidadãos.

Ainda que “*No futebol há muita injustiça*” (Deco) e a causa disso parece ser, e é, na maioria das vezes, a interferência de agentes periféricos aos interesses puramente desportivos: “*No futebol o que comanda é o dinheiro e por causa disso há muitas injustiças*” (SR4).

Como vimos, tanto nos aspectos positivos como nos detalhes negativos, há um caprichoso ajustamento entre os discursos dos atletas adultos e os dos atletas adolescentes.

Não há dúvida de que um dos grandes desafios éticos vividos atualmente se deve à falta de noção da gravidade circunscrita nas ações injustas. O desporto, mesmo que as pessoas em geral e os meios de comunicação em particular não aceitem ou não realcem, oferece, em muitas oportunidades, através das suas regras desportivas, do seu fair play, do controle antidopagem e da igualdade na contenda entre os pares, exemplos de tal dignidade pessoal e sócio-cultural que valeria a pena a educação voltar os seus olhos com decidida atenção aos princípios, aos fundamentos, à cultura e à axiologia retratadas nas tarefas desportivas.

Modéstia e Humildade

Tanto a modéstia como a humildade formam parte das virtudes dos grandes santos e dos sábios. Sócrates, como se sabe, além de agir sempre com uma profunda humildade e não chamar atenção para essa qualidade da alma humana, era especialmente modesto como podemos ver, sob a narração de Xenofonte (Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates, I, 6, 3), o registro do diálogo do sábio ateniense e Antífon; este último disse: “...sempre andas descalço e sem túnica. Além disso, te recusas a receber dinheiro”. Sócrates e os demais sábios da humanidade deram um exemplo de simplicidade, humildade e modéstia para toda a humanidade.

No futebol, não raras vezes, os atletas retiram as chuteiras para calçar as sandálias da humildade. Washington, ainda que timidamente, se autodefine assim: “*É muito complicado...vou dizer assim...pelo exemplo...que as pessoas falam pra mim, né? Humildade e perseverança*” (Washington). Entre os jovens, a figura virtuosa da humildade parece fazer parte do dia-a-dia da vida desportiva. “*Humildade acima de tudo*” (CH2). Parecem que agem, ou procuram agir, “*Sempre com muita humildade...*” (PO1). Se tiverem que oferecer algum conselho: “*Principalmente pra ele ser humilde e honesto...*” (LO2). Consideram os atletas adultos como exemplos de humildade:

“...humildade é a principal coisa. Para conseguir qualquer coisa, temos que ser humildes e penso que eles tiveram isso (Figo e Deco) ...” (FH2).

Nos tempos atuais, seria particularmente estranho que um sistema de educação se preocupasse na instituição de valores que estimulassem o desenvolvimento da modéstia e da humildade. Entretanto, Bento (1999; 2006a) nos fala da pedagogia da modéstia e da humildade numa iniciativa de propor o desporto como meio educativo e pedagógico por excelência. Uma vez que, exercitando a dependência e a liberdade, a imperfeição e a perfeição, os erros e os acertos, as debilidades e fortalezas o homem verifica que, tanto na vida desportiva como na vida pessoal, não há lugar para a soberba; lida-se com um sem – número de situações e contradições que ensinam que a humildade e a modéstia são as virtudes que devem configurar cada ação e cada palavra.

Sabedoria

A sabedoria pode ser, como já vimos, interpretada de muitas maneiras. Em nosso trabalho, consideramos a sabedoria como uma virtude do conhecimento, com vistas ao autoconhecimento prático, ou seja, aquilo que diz respeito ao que é bom para o homem e como ele disponibiliza isso na sua prática. Até porque foi Sócrates quem sustentou que as ações se constituíam em uma melhor evidência de saber do que as palavras (Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates, IV, 4, 10). Em outro passo, o filósofo ateniense, com base na raiz da sua sabedoria, considerou que para o *conhece a ti próprio* não era suficiente saber apenas o seu nome; e concluiu ensinando: “...os que conhecem a si mesmo sabem que coisas lhes convêm e são capazes de discernir seus próprios poderes e limitações (...) os que sabem o que fazem granjeiam prestígio e honra ao atingirem os seus objetivos” (Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates, IV, 2, 26-28). Por sua vez, Aristóteles considerou outras formas de manifestação da sabedoria, entretanto não deixou de incluir a sabedoria prática – a qual já tivemos oportunidade de descrever – a sabedoria como um conhecimento que se realiza e se identifica com tarefas desportivas, onde a razão, a inteligência, o sentimento e a reflexão se traduzem na ação prática, isto é, a sabedoria em movimento.

Sendo assim, vejamos algumas considerações: *“Quando o meu time não consegue a vitória, eu, de imediato, já fico triste. E aí, com o tempo, eu vou recuperando alegria, eu esqueço um pouco a tristeza e vou pensar nos erros que eu cometi para que eu não cometa novamente, mais tarde, na próxima partida; então, eu tento sempre melhorar aqueles erros que eu cometi”* (Washington). Aprender com seus

próprios erros não é uma maneira de se tornar mais sábio em relação a si e ao ambiente? Em consonância com as colocações do atleta profissional, temos: “*Penso que também é importante nós aprendermos com os nossos erros*” (TB1). “*Tudo me ajudar conhecer melhor. Nos treinos fazemos o que nós nos valem, nos jogos colocamos em prática o que aprendemos nos treinos e...Depois vemos a nossa evolução. A evolução que temos nos treinos e quando conseguimos...fazer aquelas coisas que antes não conseguíamos, aperfeiçoar...*” (PJ3). Para completar essas argumentações, o (GL2) adiciona: “*Ah! Sim, às vezes uma pessoa tem vivência e experiências e, depois o melhor conhecimento é a experiência. A partir da experiência...nos acontecimentos futuros já...lida com o acontecimento de acordo com a experiência antiga*”. Os conhecimentos advindos da experiência são particularmente pedagógicos e, portanto, são referências à formação humana, conforme nos sugere o Paulo Turra: “*...eu acho que eu estou satisfeito com que eu aprendi com o futebol, que eu aprendi como ser humano*”. Das fontes em que se bebe a sabedoria desportiva jorram os princípios registrados por Washington: “*Você tem que galgar direitinho, galgar direito o seu caminho, ...buscar o seu melhor...ter uma mentalidade sadia...ter um objetivo...aí é um grande passo...*”. E continua: “*...para você superar a sua adversidade e...você precisa que na competição você se ganhe...você passe do seu limite: e pra você, na competição, passar do seu limite você tem que treinar, sem treino você não chega lá*”. A prática de uma técnica, de um saber e de uma virtude fazem com que o homem e o atleta ampliem a sua sabedoria; os detentores da sabedoria são aqueles que assumem na prática as ações boas e nobres, portanto, virtuosas, ficando evidente que toda forma de virtudes é sabedoria (Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates, II, 9, 6).

Tanto os atletas adultos como os atletas jovens descrevem em suas entrevistas palavras que podem situar uma forma de sabedoria e, também, um modo de autoconhecimento por intermédio do desporto que praticam.

Conhecer é ser bom, ser bom é consequência de gostar do que faz, fazer e conhecer bem é o caminho que leva à excelência; uma trajetória construída, através dos tempos, por homens, mulheres, crianças e jovens especiais com vistas a uma sociedade melhor, um Estado melhor, um mundo melhor...

Síntese

Pelas considerações suscitadas pelos nossos entrevistados (adultos e adolescentes desportistas), consideramos que existe, para essa categoria (*aretê* sabedoria), uma estreita afinidade entre os discursos dos atletas profissionais e os dos atletas de formação, nomeadamente quando se trata de adquirir conhecimento a partir das experiências práticas.

***Aretê* transcendental:**

Felicidade

Uma das mais expressivas configurações da *aretê* é aquela que a considera como o conhecimento do bem. No estudo de Jaeger (2003: 877), Platão estima que “o bem e a felicidade são uma e a mesma coisa”. Naturalmente que para um povo religioso como eram os gregos antigos a felicidade é o mais importante atributo da essência da divindade (Jaeger, 2003); no exercício das *aretai* o homem (bom e melhor) experimenta um sentimento de genuína felicidade. Nesse momento eterno, o homem, por fazer algo nobre, superior, digno e excelentemente, registra a presença do sagrado, uma felicidade intraduzível e que o acervo verbal não consegue descrever.

Fazer o que ama é fazer bem. Esse bem é a manifestação da *aretê* divina e transcendental que se expressa na mais pura felicidade; uma ação e uma expressão que conformam a *paidéia* grega e que vale a pena ser vivida.

Em nossa interpretação, foram essas as experiências que levaram os desportistas a tecerem os comentários: “*Eu consigo ter mais êxito, nos anos em que estive melhor...tem tudo haver com a felicidade...a felicidade interna, sentir bem...as coisas vão muito melhores...*”(Deco); “*Absoluta felicidade...Geralmente, quando acontece isso, numa partida, tu ganha e numa época tu ganha o campeonato, ou tu consegues o teu objetivo, e acontece, claro que acontece, acho que pra todo mundo acontece...*”(Paulo Turra); “*Todas as vezes que eu entro numa competição, num jogo, com alegria e felicidade, o percentual de sucesso é quase 100%*” (Washington). Em perfeita consonância com essas declarações, as crianças e jovens que praticam futebol de competição disseram: “*Penso que quando nós competimos com alegria de jogar e com a nossa felicidade de jogar...penso que as coisas nos saem melhor...*” (ON1). “*...sinto-me feliz e sentindo-me feliz, cada vez jogo melhor...*” (FH2). “*...quando estamos felizes e...corre-nos sempre melhor, estamos mais confiantes em nós próprios também...*” (TB1). “*Tem dias que sinto que estive muito bem e senti uma felicidade*

enorme, porque consigo realizar as coisas bem e pronto, isso dá-me um prazer enorme” (FP4).

Essas são oportunidades para a construção de uma vida saudável (corpo e alma) e feliz (alma e corpo), em que o tempo pode correr, mas a atividade flui e o momento é eterno: *“Sinceramente não tem comparação possível, porque aquele momento é o momento que esquecemos tudo, tudo que nós temos...tudo mesmo, só fica aquela felicidade...aquele momento” (PO1).*

Ninguém pode ser privado de experimentar essa fonte de felicidade; por onde andar a felicidade, deve andar a educação. Não se ensina para a infelicidade, portanto, a educação deve partir de conteúdos que visem à felicidade, ou seja, um encontro com a essência da *aretê* para a realização de si próprio. A dignidade humana é reconhecida não apenas pelo período de tempo em que se está com saúde mas ainda quando se realiza, momento a momento, a felicidade: um ser no caminho da transcendência.

Prazer e Alegria

Naturalmente que a idéia de prazer e de alegria apresentada aqui é aquela que corresponde à alma, como o prazer e alegria de ter amigos, de realizar um objetivo nobre, de entrega a uma tarefa solidária, do encontro com aquilo que amamos, de ter uma boa forma física, de ter paz interior, entre outras; a “vida de atividade conforme à virtude é aprazível por si mesma” (Ética a Nicômaco, 1099a, 5), sendo a atividade virtuosa e excelente, geradora de prazer e de alegria, portanto, uma ação substancialmente boa.

Uma das características mais importantes no desporto é a sua condição para abrigar, a um só tempo, as dimensões agônicas e lúdicas ligadas à *aretê*. Por isso, Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1114a, 5) consentiu que “são atividades exercidas sobre objetos particulares que fazem o caráter correspondente. Ilustra muito bem esse fato o caso das pessoas que treinam para uma competição ou algum outro tipo de ação parecida, praticando-a constantemente”. Pela excelência de seus atributos especiais e pelo seu esforço, o atleta lida com a sensação de prazer e de alegria resultantes da sua capacidade de superação, atingindo, assim, o êxito pessoal (interno e externo) e coletivo – sementes e frutos de identificação com a transcendência.

E, nessa perspectiva, encontramos algumas citações dos entrevistados, tais como: *“Eu acho que a qualidade, junto com a entrega...e a entrega, o prazer e alegria. Porque aí vai fazer com que a entrega seja maior...Acho que é a chave para o sucesso”*

(Deco). “o prazer e a alegria, acho que é o que simboliza...o resto tudo vem atrás...” e conclui essa afirmação: “Eu, na realidade, o futebol me encanta e...eu tenho prazer ainda no que faço” (Deco). Esse encantamento é uma dimensão que não se pode reproduzir a não ser sentindo e realizando, assim como ocorreu com um dos miúdos entrevistados: “...nasci assim com prazer de jogar, com aquela vontade de jogar, não sei...Não sei o que é que me fascinou cá dentro...” (GJ3). A magia de um desporto pode encantar e fascinar, e essas configurações da alegria e do prazer de jogar futebol ficam estampadas nas palavras de (CH2): “Sempre que entro em campo é com alegria”; ou, ainda: “...é o prazer que sente em praticar desporto e, no caso, o futebol” (FP4).

A essa luz, Washington deu um depoimento, salientando que “ (...) ano passado, foi quando eu...fui o maior artilheiro da história do campeonato brasileiro. Então, eu jogava com alegria, eu entrava em campo sorridente, com alegria e transmitia essa alegria para os meus companheiros e...assim, sucessivamente...meus companheiros também transmitiam alegria pra mim...” (Washington). Em conformidade com essas idéias os jovens ajudam na consolidação do tema, apresentando: “Jogo sempre com o sentimento de alegria. (...) é mais fácil as coisas saírem melhor” (PJ3).

“As coisas saem melhor, ...o jogo dá prazer, há prazer em jogar...dá emoção...o jogo acaba e nós queríamos continuar...” (GV3). O jogo que dá prazer, dá alegria e é algo que está para além das nossas evidências materiais e utilitárias; ele se encontra no nível de um bem, pessoal, compartilhado em equipe (família, comunidade, sociedade e país).

Fé

No quadro relativo às religiões, verificamos que desde sempre, em particular na Grécia Antiga, houve uma acentuada afinidade entre os homens e os valores sagrados. Um dos valores mais apreciados por todos os religiosos é o da fé. Para Tomás de Aquino, descrito por Kenny (2003: 187-188), “a fé é uma convicção tão inabalável como o conhecimento, mas, ao contrário deste, não se baseia na visão racional; depende, sim, da aceitação de algo que se representa como uma revelação divina”; a razão pode revelar a importância da aceitação da manifestação divina, ainda que não se possa provar a beleza e a verdade do que nos é revelado.

Os desportistas, por vários motivos, são praticantes de uma fé que se consubstancia nas revelações, as quais são por eles vivenciadas e reproduzidas assim: *“Eu tenho muita fé em Deus, sou católico...Ele já me provou muita coisa, já consegui muita coisa...perante a Deus”*; a prova e a conquista apontadas pelo Washington são as revelações de algo que só pode ser aceito pela fé. Nessa mesma linha de raciocínio e de fé, Paulo Turra acha que *“independente de fé em crenças, você tem que ter fé, em alguma coisa tem que ter fé, eu tenho muita fé, tem que ter essa fé realmente, nos bons e nos maus momentos”* e conclui: *“tenho muita fé em Deus, tenho muita fé em N.S. da Aparecida”*. Convergindo para essas considerações os jovens atletas declaram: *“Porque eu acredito em Deus. Acho que ele me deu...se nós somos bons jogadores de futebol, acho que é graças a Ele...porque Ele é que nós dá esses dotes todos e eu acredito muito em Deus, se não fosse Ele, acho que não estávamos aqui, acho que isso não existia”* (OJ4). A fé, pela sua prática, torna a pessoa tão consciente da sua ação que acaba por gerar intimidade com o objeto de sua crença: *“Falo sempre com o nosso Amigo. Acho que isso nos ajuda também estarmos bem, porque se nós pedimos ajuda...A ajuda, pode não vir logo naquele instante, mas acho que há um Ser Deus que nos ajuda muito a ultrapassar os nossos problemas”* (OH1). Ainda de acordo com esse tema (concordando com as demais observações), (SR4) declara: *“Quem tem fé, acredita que Deus pode ajudar... que Deus está a ajudar a melhorarmos...e atingir a perfeição...a tentar atingir sempre”*. Perfeição é agir como se divino fosse; a luta para se atingir a perfeição é uma ação consciente da fé, uma inesgotável fonte de expressão da *aretê*. Partindo do ponto de vista de uma educação voltada ao ser bom, de fazer bem feito, de superação e de busca da excelência, seria razoável ouvirmos o que nos diz Jaeger (2003: 580) a respeito da cultura da *aretê*, pois, da *“raiz desta confiança em Deus brota em Sócrates uma nova forma de espírito heróico, que desde o primeiro instante imprime um caráter na idéia grega da arete”*. Portanto, a fé e a *aretê* harmonizavam-se perfeitamente nas ações e nas palavras na heróica personagem de Sócrates.

Ritual

Ritual é uma prática perfeitamente integrada a inúmeras atividades da vida humana. Cumpre-se rituais em diversas cerimônias, por exemplo: na formatura universitária, na apresentação da defesa de uma tese, nas reuniões de executivos empresariais, na relação amorosa, nos cultos religiosos e em outras ocasiões. Os rituais são a expressão de uma cultura e, como tal, encontram-se profundamente afinados com

as práticas desportivas. Uma das maiores cerimônias ritualizadas é a dos Jogos Olímpicos: o desfile, as bandeiras, o estádio, a entrada do fogo sagrado, o acendimento da pira olímpica são as indumentárias de um rito que acompanha a humanidade desde os tempos imemoriais. Os rituais são sagrados, porque, através de encenações simbólicas, sacrifícios, consagrações, danças e competições, recriam a história mítica, encenam a visão do mundo de uma determinada cultura, encerram o grande ciclo da vida e da morte e, assim, revitalizam o indivíduo quanto à comunidade (Cousineau, 2004); desse modo, a celebração de eventos sagrados ajudam a recriar o mundo toda vez que ela acontece.

Há grandes e pequenos rituais (dependendo do número de pessoas que deles participa). Entre os rituais de pequena participação encontram-se os que são realizados por uma única pessoa. É nesse sentido que os atletas se manifestaram. Washington é enfático ao discorrer sobre a prática ritualística: *"Eu uso ritual, sim... e eu costume fazer sempre as mesmas coisas, durante os jogos, durante as partidas. Eu costume sempre... me concentrar bastante, acho que isso é importantíssimo... Se você está bem preparado, você se concentra bem... e você tem maior facilidade para desempenhar o seu trabalho"*. Paulo Turra acrescenta que *"Antes dos jogos eu rezo... Estou no quarto pra ir para o estádio, rezo. Chego no estádio, antes de aquecer, rezo. Volto do aquecimento, antes de entrar em campo, rezo. No intervalo, rezo. No final, rezo agradecendo..."*. Em perfeita sintonia com as palavras dos atletas adultos, os jovens descrevem os seus rituais que estão acostumados a realizar: *"Sim, normalmente é antes e depois. Peço ajuda e no fim agradeço. Faço sempre o sinal da cruz e rezo sempre"* (OH1). *"Sim, antes de começar os jogos benzo-me sempre. Ao entrar e ao sair sim"* (PJ3). Entretanto, há aqueles para quem o jogo de futebol é uma autêntica cerimônia religiosa: *"Rezo sempre antes do jogo. Quando a bola está dentro de campo estou sempre atento na bola, quase não dá tempo pra rezar mas quando a bola sai, no mínimo, rezo sempre"* (LO2).

Os rituais, como os aqui relatados, são momentos em que os atletas buscam invocar as forças divinas, a fim de realçarem os seus atributos físicos, intelectuais, psicológicos e espirituais além de solicitarem a cooperação dos deuses para a sua tarefa: Desde o início das provas desportivas que se evidencia a estreita união entre o desempenho do atleta desportivo (a energia, o ato, a excelência e a virtuosidade) e o auxílio e a solidariedade divina; a prova desportiva inicia no interior do atleta para depois se consumir na presença de todos, inclusive dos deuses.

Sorte

A sorte pode ser considerada como um favor divino. Os rituais, no desporto, na maioria das vezes, existem para atrair o apoio divino para a causa da vitória, do êxito e do sucesso; a curiosidade é que quanto mais bem preparado está o atleta, ao que parece, mais os deuses o apóiam. Entretanto, mesmo assim, a famosa, charmosa e fugidia deusa *Nikê* está sempre lançando expectativas sobre a competição; desde que esteja competindo, qualquer atleta pode vencer e nem sempre é o melhor e o mais preparado que a deusa premiará com os louros da vitória.

Paulo Turra teve a oportunidade de participar de uma equipe – mesmo sendo inferior aos seus adversários diretos – que recebeu a visita da deusa *Nikê*. A narrativa foi assim: “*A equipe era média mas a sorte teve do nosso lado, a competência esteve conosco e... a união do trabalho...tudo dava certo pra gente. Primeiro jogo das finais nós ganhamos de 3x0, nós tivemos duas bolas na trave e...E dava tudo certo, nós sentíamos que dava tudo certo, tudo certo! É nesse momento...existem outros, mas o marcante foi esse...*”. Os jovens desportistas concordam com o Paulo Turra, salientando: “*Em cada jogo é preciso ter um bocado de sorte. ...é preciso ter sorte, sem dúvida alguma...Mas se nós não trabalharmos pra ter essa sorte, ela não aparece. Cada golo, é preciso ter sorte ao marcar um golo...é claro que é preciso trabalhar e, ...é preciso ter sorte*” (TB1). “*...sorte também...é sempre preciso no futebol*” (PJ3). “*Pelo trabalho de equipa ser feito em conjunto e, as vezes, há aqueles jogos que tem ajuda...aquelas ajudas, sorte no jogo...*” (VT2).

No conjunto das opiniões, verifica-se que tanto os atletas adultos quanto os jovens desportistas consideram que a sorte é um atributo especialmente importante na prática desportiva. Outrossim, esclarecemos que era considerado, tanto pelos grandes heróis guerreiros, como os atletas desportivos e, também, pelos sábios gregos (Grécia Arcaica e Clássica) que a maior sorte era para os que possuíam a proteção divina e, tinha mais sorte ainda aquele que os deuses ofereciam a divina *aretê*: “Só alcançam a *arete* aqueles a quem os deuses amam e enviam boa sorte” (Jaeger, 2003: 259).

A Divindade na Prática

Platão recomendava a prática de exercícios físicos a fim de educar a alma. Sócrates considerava que para as diversas tarefas humanas era sumamente importante estar no melhor estado de eficiência possível (Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates, III, 12, 5). Vaz (2004: 222) reflete que “o ato espiritual é, assim, o ato vital por

excelência, e é nele que a vida emerge definitivamente sobre as suas formas biopsíquicas, mostrando a perfeição simples ou transcendental”. Já Bento (2004: 47), após enumerar uma série de autores que tratam da mesma temática, decreta que à “configuração dos ossos, músculos e articulações liga-se a arquitectura interior da consciência e da vontade” e, como para Jaeger (2003: 570) “a vontade sempre, por natureza, no saber; e a consecução desse saber, quando ela é possível, representa a perfeição humana”; e a consecução da perfeição humana é a manifestação, através do ato humano, da *aretê* na sua mais imponente luminosidade, do espírito.

Em diversas funções humanas, dependendo do nível de dedicação e de amor pela tarefa, o homem pode, pela concentração e pela doação, encontrar-se em sua prática com um estado de inspiração e de poesia que assemelha-se como “regidas por um poder espiritual” (Bento, 2004: 59), ou seja, a divindade surge, dissimuladamente, na prática.

Foi assim que anotamos as seguintes afirmações, tais como, a do Paulo Turra: *“Eu tive um jogo espetacular, foi esse jogo mais marcante pra mim... Muito bem não cansei corri, corri, corri, pulei...ai você tem que está bem espiritualmente, fisicamente, tecnicamente, taticamente, tudo...”*. Como a dimensão espiritual pertence à natureza interna do homem, consideramos que há nas entrevistas dos jovens algo que se aproxima desse discurso: *“Qualquer pessoa quer ter sucesso...é sinal que é boa pessoa, quer a pessoa interior quer...por exemplo no futebol: é bom jogador” (FH2)*.

Outra manifestação sobre esse assunto foi a do atleta Washington quando, ao registrar nas suas experiências desportivas, disse que *“...o divino te ajuda, as coisas te ajudam, as coisas fluem...a sempre melhorar...sempre você atingir o seu sucesso... com certeza, o divino te ajuda”* (Washington). Aproximando-se dessa explanação, temos a referência de um dos jovens atletas: *“Acho que cada pessoa, tendo uma personalidade forte, consegue ultrapassar tudo e todos, é como se costuma dizer: fé, sorte...estar bem consigo próprio é...força de espírito” (OH1)*.

Essa força do espírito traz inspiração, força, concentração e superação. Nessa premissa, Deco fez um comentário: *“...fazer coisas que até que...não que você não imagine, mas sai com uma naturalidade fora do normal”*. Essa manifestação da natureza (divina) que facilita e impulsiona os atos desportivos é reconhecida, também, pelos atletas jovens: *“São aqueles jogos em que as coisas correm tudo bem, uma pessoa sente-se confiante...consegue resolver os problemas com alguma facilidade, ...Já tive uns dias assim...tinha confiança...as coisas corriam bem e eu sentia-me a vontade” (FP4)*.

O desporto, como já vimos, é uma das tarefas humanas onde desfilam os princípios e valores da *aretê*. Jaeger (2003: 878) especula que se “Deus é bom por essência, mais ainda, se é o próprio Bem, então a suprema *aretê* acessível ao Homem constitui um processo de aproximação de Deus”; assim, deuses e homens, pelo ritual simbólico de busca da perfeição que o desporto exige, aproximam-se e, desse modo, as obras resultantes dessa aproximação figuram, e configuram tanto o sentido de pluralidade como o de unidade que o desporto contém: um modelo comunhão entre o corpo e o espírito que a *paidéia* grega vaticinava e a que o desporto permaneceu fiel.

As opiniões dos atletas profissionais e atletas de formação, mesmo considerando que o tema envolve aspectos da intimidade interna de cada um deles, possuem características que nos fazem considerar a existência de uma estreita sintonia e uma especial convergência entre os discursos apresentados.

Devoção

O exercício da devoção traduz-se num genuíno sentimento de amor e dedicação aos deuses. Na cultura grega, todas as ações representavam um voto de louvor e honra aos deuses; todo instante era para se anunciar a devoção a uma causa, a uma obra, a uma manifestação e a uma empreitada; apenas no culto e nas oferendas aos deuses, em casa ou nos templos, registrava-se o momento máximo de estima aos seus deuses. Xenofonte (Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates, IV, 6, 4) revela que aquele que venera os deuses como deve é um devoto.

Ser um devoto é, entre outras coisas, ter respeito pelos símbolos divinos e confiança em que, através dos símbolos, podem receber proteção e inspiração. Washington confessa: “*Eu sempre tenho uma medalhinha de N.S. das Graças...Rainha da Paz. Eu sempre uso essa medalha para jogar...*”. Deco, por sua vez, em seu instante de devota oração, lembra de “*...sempre antes do jogo fazer uma oração...para pedir proteção as pessoas que estão no estádio, para que nada de mal aconteça, uma coisa assim. Nunca pra ganhar um jogo...*”. Paulo Turra completa a descrição sobre devoção: “*Eu peço pra mim e para os meus colegas, para termos sucesso, principalmente, pra nem eu, nem os meus colegas e os adversários não saíam machucados...*”.

Alguns jovens aproximam-se das considerações do Washington, afirmando que “*Quando preciso e quando eu acho também quando me faz falta. É quando estou a viver um...momento que preciso mais de ajuda então tento segurar essa ajuda divina...*” (ON1). “*Eu (...) acredito muito e peço muito ajuda, antes dos jogos...peço*

sempre ajuda divina. Tenho sempre presente comigo. Sempre uma pessoa estando apoiado no poder divino eu acho que ajuda sempre”(GL2). “Porque eu me sinto bem, acho que tem a ver comigo, acho que...Deus; acho que me consegue ouvir e me ajuda normalmente, sempre que Lhe peço...” (OH1).

Como os atletas Deco e Paulo Turra dirigem, em suas devotas orações, a sua atenção a outras pessoas, consideramos que o jovem (CH2) ao se referir: “*Pra ajudar em tudo...nas escola, a nível desportivo, pra os meus pais...pra tudo no meu dia-a-dia*”, estabelece alguma relação com o que foi dito pelos atletas profissionais.

Quando temos o entendimento de que há uma estreita relação entre as mais diferentes maneiras de ser e de estar na relação com o mundo, aceitamos que a devoção deve ser uma atitude de constante dedicação e amor a tudo que se faz (pensamento, palavras e ações). Esse comportamento sugere a idéia do reconhecimento de que há, em tudo e em todos, uma identidade sagrada, e o meio pelo qual podemos reverenciá-la é superando o comum e, assim, procurando realizar todas as tarefas – particulares e coletivas - da melhor maneira e o mais bem feito possível; nos desportos, os atletas aprendem a buscar a melhor forma e o melhor desempenho possível, lapidando as suas qualidades ao limite máximo possível e, por essa premissa, assumem, simbolicamente, o modelo de exemplo do indivíduo devotado, pois somente aqueles que amam ardentemente o que fazem, podem fazer excelentemente, num encontro da excelência, ou devoção, no fazer, com a excelência de ser.

Síntese

Como podemos notar, houve uma estreita afinidade entre as distintas considerações dos atletas de futebol (profissional e formação) no que tange à categoria transcendental, representada pelas subcategorias: felicidade, prazer e alegria, fé, ritual, sorte, a divindade na prática e devoção. Em todas as subcategorias entendemos que houve afinidade e convergência entre os discursos dos atletas adultos e dos atletas adolescentes. Entretanto, em relação à subcategoria devoção, consideramos que, por um lado, houve convergência entre o discurso do atleta Washington e alguns atletas de formação desportiva e, por outro, houve, em parte, convergência entre as opiniões dos atletas adultos (Deco e Paulo Turra) e um dos atletas jovens, fruto da finalidade do pedido devocional.

2.4- Ao Jeito de Conclusão

2.4.1- Um Resgate do Valor Antropológico da *Aretê*

Imaginamos que, por intermédio do universo de valores, visto tanto na dimensão literária como no estudo empírico deste trabalho, circunscritos na *aretê* (excelência e virtude), podemos elaborar uma reflexão e uma conseqüente discussão, abordando como tema central o estudo sobre o homem.

Para essa missão, consideramos necessário relembrar o trajeto realizado pelos princípios e valores da *aretê* junto ao homem. Nos poemas épicos de Homero, a *aretê* surge nos campos de batalhas, encorajando, habilitando e corrigindo as ações heróicas; o homem detentor da *aretê* é um valente tanto nos combates guerreiros como nos desportos e na vida em sociedade; ele representa uma elite guerreira e aristocrática, mas, também se configura como um cavalheiro ético e cortês. Em Hesíodo, a *aretê* surge nas mãos e nos atos do homem trabalhador e rural; o homem não espera que a vontade divina o presenteie (pelo nascimento) com aquele valor; ao contrário, luta nos campos de agricultura, pastoreio e no mar, para conquistá-la por merecimento. Em Tirteu, a *aretê* toma a sua forma agônica, conforme aos tempos de Homero, para, com isso, alicerçar um homem combatente na defesa de sua comunidade, de sua pólis e de seu povo. Em Píndaro, a *aretê* agônica – aristocrática como em Homero – foi sublimada nos estádios desportivos e deu vida e forma àquelas reuniões sagradas; a *aretê* esteve presente no cenário desportivo e a sua exposição se dava pelos feitos extraordinários e heróicos dos grandes atletas. Para o poeta dos Jogos Olímpicos, o homem educável era o que detinha a *aretê* por natureza; somente aqueles de espírito superior eram capazes de dirigir bem uma cidade, defendê-la dos inimigos e representá-la superiormente nos Jogos Desportivos. Em outro passo, a vida no interior da pólis exigiu do homem, superando o individualismo, um compromisso coletivo. Desse modo, aparecem, como descidas do universo, as leis que regulam a vida em sociedade. A *aretê* vai formar o homem político e o dirigente na pólis; é a *aretê* da arte política que visava, no homem, à melhor maneira de se comportar em relação aos outros da cidade. Como conseqüência, desponta a arte do agir humano, a *aretê* ética.

Se, por um lado, os dispositivos ligados à *aretê* coletiva instituíram as bases da democracia ateniense, por outro lado, a *aretê* que desfilava no espaço desportivo

(democratizado) vai, gradativamente, dando lugar e oportunidade às diferentes classes sociais de, ali, demonstrarem o seu valor.

No espaço politizado e democratizado de Atenas aparecem Sócrates e Platão. Esses filósofos viriam – junto com Aristóteles –, por suas reflexões, ações, textos e diálogos, alterar o modo de vida – comportamentos e costumes – dos cidadãos de toda a Grécia, bem como influenciar toda a cultura ocidental. Sócrates levanta a pergunta sobre o que é o homem sustentado pelo conselho délfico: *Conhece-te a ti mesmo*. Por outro lado, os sofistas, comandados por Protágoras, afirmam que o *homem é a medida de todas as coisas*.

A investigação sobre o homem levou Sócrates a admitir que Homem é aquele que detém a *aretê*. Assim aparece a dialética platônico-socrática sobre as virtudes: a unidade da *aretê*, a diversidade das *aretai* e a unidade na diversidade das *aretai*. Acentua-se que Sócrates preferia investigar o homem através da conversa direta com os jovens e cidadãos atenienses sobre o conteúdo da alma e do corpo; a alma do homem, o interior moral, era a sua preocupação, incentivando todos a obterem sucesso na tarefa de investigação sobre ela. A alma, para esse filósofo, só podia ser entendida na sua identidade com o corpo, sendo ambos aspectos relevantes de uma mesma natureza. As *aretai* consideradas como análogas ao corpo, eram a força, a saúde, a habilidade e a beleza e as da alma eram moderação, justiça, valentia e piedade. Sócrates intentava buscar, pelo conhecimento do bem (*aretê*), a essência da existência humana, no geral, na vida coletiva e no particular. Para o filósofo da maiêutica, ninguém erra voluntariamente, mas, sim, comete um erro de cálculo, portanto, se equivoca, sendo confundido pela sua ignorância. Trilhando esses caminhos, Sócrates, mesmo sem a elaborar academicamente, fundou as bases de uma antropologia filosófica. Mais tarde, Platão, através da teoria das Idéias, da imortalidade da alma e da reminiscência do conhecimento, sedimentou o processo de desenvolvimento desta antropologia.

Posteriormente, coube a Aristóteles (considerado por alguns autores como o fundador da antropologia como ciência) sistematizar as *aretai*, especialmente no campo da política e da ética, racionalizando as dimensões fundamentais do homem sobre si mesmo. O homem é agora considerado pelo filósofo de Estagira como uma animal racional e assim o é por ser um animal político⁷⁴. Assim, as *aretai* da cidade e as

⁷⁴ A referência de Aristóteles, não tanto como a idéia de política hodierna, é a qualificação do homem da pólis, ou seja, um habitante que, desde que nasce, habitua-se ao modo de vida na pólis, às suas leis e aos seus costumes, às normas, às cerimônias religiosas e dedica-se integralmente a ela, conformando assim, o seu modo de ser e de viver. Todos tinham de obedecer às leis, inclusive, e

adquiridas pelo ensinamento encontram na vida política um campo para o seu pleno exercício.

A imagem e o modelo de homem destacado pela *aretê* tinham como personalidades Hércules, Teseu e Aquiles, exemplos de força, valentia e superação, e Sócrates, Platão e Aristóteles como paradigmas das virtudes e do conhecimento do bem, ilustrando a ânsia do homem, através do seu processo civilizatório, do auto-conhecimento, a busca da sua real identidade, quer no combate da vida física, quer na luta para a educação da alma.

A construção de um processo pedagógico sustentado pelas diversas *aretai* edificou os homens num período especialmente nobre para a civilização humana; o homem arcaico e o homem clássico modelavam-se, viviam e morriam por um ideal: tomar posse ou expor a sua *aretê*. Esse movimento cultural, pela sua grandeza, profundidade e amplitude, marcou uma época especialmente digna para a humanidade, influenciou todos os outros que o sucederam, aqueles que valorizaram o homem e a sua vida (pessoal e em sociedade) como bens supremos, tais como: cristianismo, renascimento, iluminismo, humanismo, entre outros.

Os valores modelam o homem. Desde os tempos mais remotos que o modo de ser, estar e fazer do homem e da sociedade são contextualizados a partir da relação entre os valores assumidos e rechaçados. Os grandes homens, as grandes culturas, os grandes acontecimentos e as grandes ações são frutos de uma configuração dos mais altos valores.

Portanto, a história da civilização é contada a partir da sensibilidade, em uma ou em outra cultura, aos valores; quando imperam os valores mais altos, o homem e a sociedade encontram o êxito e a glória que emanam de seus atos, mas quando vigoram os antivalores, o homem e a sociedade deparam-se com o sofrimento e o desassossego resultantes das suas ações. Como exemplo, citamos que, no tempo da Grécia Clássica, a hierarquia de valores proclamada por Sócrates colocava em primeiro lugar os valores do espírito, depois, vinham os valores relacionados ao corpo e, por fim, os valores materiais. Se atentarmos para nossa escala de valores atual, provavelmente a construção seria inversa; o Oráculo de Delfos foi substituído pelo oráculo da tecnologia e da economia.

principalmente, os governantes, pois, não se conhecia verdadeiramente o caráter humano antes do exercício do poder e da legislação.

Nessa premissa, situamos a cultura da Antiga Grécia como um dos marcos da história no cultivo dos valores mais nobres para a humanidade; em outras palavras, os valores da *aretê*.

A *aretê* vista como um valor é a excelência, o cume na escala de valores. Como afirma Patrício (2005), a raiz da excelência é de natureza ontológica; a excelência se define pelo ser, não pelo ter. Por outro lado, a excelência manifesta-se numa função e num operar sumamente bom. Considerando essas esferas, interpretamos que, aqueles que alcançam a excelência, coincidem a sua essência e o potencial de ser e de fazer, onde os valores ontológicos e antropológicos se reúnem.

Na relação entre os homens, vista a partir do interior das antigas cidades gregas, os valores que predominavam eram os sociais; talvez, não como os entendemos modernamente, pois vinculavam-se ao cariz espiritual e pedagógico derivados da estrutura unitária da vida em comunidade; a pólis é o marco social da formação do povo grego. E, por essas características, esse cenário social seria a representação de um microuniverso, tal como a organização (relações, espírito e forma) que o grande universo oferecia. Nesse mesmo passo, encontramos nas reflexões axiológicas de Platão a dialética da pólis, onde a cidade ideal podia ser elaborada e gerida a partir das idéias, mas a pólis que exigia maior rigor e atenção na sua gestão era a pólis interior; os valores sociais, espirituais e pedagógicos encontravam-se harmonicamente equilibrados a fim de fundar, interna e externamente, uma unidade superior de formação do espírito grego.

Sendo assim, entendemos, assim como Vaz (2004), que todo o ato espiritual é aquele que se exerce (e excede) e se manifesta no homem pela vida do espírito, portanto, o ato, ou ação, humano é por excelência um movimento (ético, belo, sagrado) do espírito a nível da relação consigo mesmo, com o outro, com a sociedade e com o meio ambiente. Os valores do sagrado e da transcendência surgem alinhados com os ontológicos, antropológicos e sociais como expressão de excelência e virtude (*aretê*) humanas.

Pelo exposto, consideramos que os valores, especialmente aqueles apresentados pela *aretê* dos gregos, visto a partir de diversas dimensões, estão entre os mais sublimes conteúdos da formação humana; uma experiência, uma aproximação e uma tentativa, pela sua transversalidade, de unidade do ser humano.

A *aretê* era um apelo à formação humana, o seu modelo axiológico é um dos mais altos estabelecidos por uma cultura durante o período civilizatório. Exatamente por isso, os valores e os ideais da *aretê* conformaram a *paidéia* grega e, essa, mais tarde

passou a ser traduzida por *humanitas* (Jaeger, 2003): um apelo à educação do homem na sua humanidade, como autêntico ser. Uma humanidade (humanismo) eterna e absoluta. A educação nessa perspectiva é mais do que realizamos nos dias atuais; é uma *ar(e)te* na edificação humana.

2.4.2- Educação e Cultura

À luz da cultura e da educação, a *aretê* surge como um conteúdo de valor na formação do homem na sua integralidade: do corpo e da alma, do discurso e da ação, do indivíduo e do coletivo e do herói e do sábio. Inicialmente, essa educação era feita através do exemplo e das orientações dos grandes mestres. Por intermédio das obras dos poetas como Homero, Hesíodo e Píndaro e dos textos e diálogos de Sócrates através de Platão, e de Aristóteles, foram educados homens, instituições, sociedades e novas culturas. Grande parte daquilo que o homem fez de melhor na sua trajetória humana foi pela incorporação da força educadora da *paidéia*, sustentada pelos princípios e pelos valores da *aretê*. Não foi por outros motivos que, entre os católicos primitivos havia a *paidéia* de Deus e, também, Comenius defendeu uma educação baseada num processo, chamado por ele, como *pan-paidéia*.

Naturalmente que o desenvolvimento de uma cultura baseada no enobrecimento e na elevação do homem contou, sem eles talvez não fosse possível, com mestres de sabedoria. Inicialmente, os arquétipos educadores são Quirón e Fênix. O primeiro era um centauro com tronco e cabeça de homem e o resto do corpo de animal; a simbologia é nítida, significa o homem que conseguiu conquistar a sua natureza instintiva; ao contrário do Minotauro (a besta destruída pelo herói grego Teseu) que, tendo a cabeça de uma fera e o corpo de humano, simboliza a prevalência da natureza animal sobre a natureza humana. Já Fênix, mais próximo dos educadores, era o que educava pelo exemplo, pela palavra e pela sabedoria. Esses mestres de sabedoria foram os responsáveis pela formação de grandes heróis gregos e, dentre eles, destaca-se Aquiles, um semideus, a própria encarnação da *aretê* daqueles tempos guerreiros, um exemplo de coragem, determinação e de superação.

Homero, por sua vez, era considerado como o verdadeiro educador de toda a Grécia. Platão, Aristóteles e outros sábios gregos recorriam às suas epopeias a fim de retirarem dali conteúdos para a formação dos jovens e de seus discípulos.

No período clássico, Sócrates dá novo impulso à educação antiga, quando, munido dos métodos como a dialética e a maiêutica, aconselha o homem a se preocupar com a sua alma; isso conduz à idéia de que a *aretê*, da qual o filósofo fala, é um valor espiritual. Por intermédio de Platão e de Xenofonte, vemos o desenrolar de uma *paidéia* que tem como substância real o espírito, a verdadeira finalidade da educação: ensinar o conhecimento da alma humana. Sócrates, como educador do homem interior, considerava que a essência humana era a sua própria alma, que o verdadeiro conteúdo de ensino era o da *aretê* (conhecimento do bem) e das demais *aretai*; princípios básicos de uma ética que consiste no autodomínio, na liberdade interior e na autonomia da pessoa humana. Embora a alma fosse a sua preocupação, Sócrates não se descuidava do corpo; além de ele próprio praticar atividades físicas, orientava e incentivava todos a que fizessem o mesmo.

A finalidade do método dialético era o de promover uma reflexão profunda acerca do confronto e da afinidade da realidade exterior e da consistência interior. Certo dia, em conversa com os militares Laques (Laques, 191d) e Nícias, disse (resumidamente) que o homem valente é aquele que, antes de ser um guerreiro no campo de batalhas, deve ser corajoso ao enfrentar os seus inimigos internos, que são os seus instintos desenfreados. Nesse sentido, o Sócrates-platônico recorre à força e ao poder dos heróis (que venciam inimigos, monstros e espíritos malignos) para imprimir um outro sentido a essa força, isto é, a luta e a glória da conquista interior. Pedagogicamente as *aretai* passam a ter um duplo significado. Talvez, por isso que, para o filósofo da maiêutica, a *aretê* deveria ser necessariamente um saber situado na camada mais profunda da alma. A posse desse conhecimento conduz e alicerça toda uma conduta moral.

Desse modo, a *paidéia* platônico-socrática é, no dizer de Jaeger (2003), uma forma interior de vida, a sua existência espiritual que se manifesta em todos os seus atos, portanto, enobrecendo a cultura. Nos tempos em que imperam as forças inescrupulosas e primitivas, ameaçando a liberdade (interior e exterior), a *paidéia*, a mais alta *aretê*, torna-se uma importante rede de resistência imbatível, ao lado do Homem, em defesa dessa liberdade. Sendo assim, Caeiro (2002) não podia deixar de declarar que a *aretê* é a possibilidade extrema do homem.

Aristóteles, como Sócrates e Platão, consignou à educação uma finalidade ético-político-social com o objetivo de formação do cidadão e, como apresentamos na revisão

literária, para esse fim, defendeu admiravelmente a educação com base nos conteúdos da *aretê*.

O sábio de Estagira considerava que a razão era para dirigir o cotidiano, dominar as paixões e exercitar as virtudes; essa era maneira de se atingir a felicidade e esta é uma atividade, ou um sentimento, conforme a virtude (*aretê*). A virtude do homem, entre outras acentuações, será a disposição na qual ele se torna bom e que o faz desempenhar bem a sua função. A virtude, para esse filósofo, era uma mediana, relativa a cada um de nós e determinada por um princípio racional: um meio-termo entre o vício e o excesso. Entretanto, quanto a sua essência, a virtude é uma mediana, porém, em relação ao sumo bem, à excelência e ao mais justo, ela é, passa a ser, o extremo. Desse modo, graças ao seu máximo esforço e exercício disciplinado e perseverante, em determinadas atividades, é que se formam as disposições de caráter; é a ética pintando os contornos de uma elevada educação.

A educação tem por finalidade a transmissão de valores, os quais foram desenvolvidos e incorporados através da nossa civilização e que são os nossos bens e a nossa herança cultural mais valiosa (Reboul, 2000). Por que devemos esquecer, ocultar ou desdenhar os valores que edificaram a dignidade da alma e do corpo, bem como a estreita relação dialética entre o individual e o coletivo, entre o parcial e o total e entre o interno e o externo? Dentre as respostas lembramos que, de acordo com Patrício (1993), a nossa época é marcada por uma enorme lateralidade axiológica e os riscos encontram-se na prática, incorporada por muitos (professores, autoridades, instituições, ideologias, meios de comunicação, etc.), do niilismo, do positivismo, do neutralismo e da relativização dos valores.

A educação deve ser em valores e o processo pretendido por Patrício (1993) é o de transmitir e de formar o homem, na sua humanidade, através de valores: os da utilidade, os do prazer, os da verdade, os da beleza, os do bem, os do sagrado ou do divino. Essa axiologia é a contemplação, proposta por Jaeger (2003), da humanidade plena, a partir da aspiração do Homem em assemelhar-se ao divino, quer dizer, à medida eterna.

Em nosso estudo, registramos que os princípios e valores identificados com a *aretê* foram, em diversas culturas, transmitidos às gerações através dos tempos (Huizinga, 2003).

Em nossa cultura, mais recentemente, ao que parece, esses valores surgem de modo espontâneo e voluntário mas, assistematicamente. Isso, para nós, significa que a

nossa educação, pelos motivos que já expusemos, abandonou quase que definitivamente todas as formas de transmissão dos valores tradicionais. Nossa educação talvez necessite de um processo como o da *maïêutica*, a fim de voltar a dar à luz os nobres e elevados valores há muito adormecidos em seu ventre.

2.4.3- *Paidéia* Desportiva

Investigar os domínios da cultura clássica se traduz em se deixar levar por um período de especial inspiração e exaltação da humanidade. Sendo assim, mesmo sem o compromisso de idealização, consideramos que acaba por ser imprescindível reunir alguns temas, retirados das dimensões culturais, educativas, pedagógicas, antropológicas e axiológicas, para recordar, refletir e descrever, a fim de aspirar uma recuperação, mesmo que parcial, da constelação de valores e princípios que daquela cultura emergiu.

No caso específico do desporto, é razoável considerar que do interior da Antiga Grécia surgiram as raízes culturais do desporto moderno. Por isso, ao retornarmos àquela fonte, deparamos-nos com a crença na construção de um ideal de vida e de homem baseado na afinidade com a *aretê* agônica. Reviver esse espírito significa, por um lado, apreciar e admirar o propósito de solidariedade, amizade, religiosidade, harmonia, paz e cultura emanados dos grandes festivais desportivos e, por outro, assistir ao impacto resultante da entrega e disposição dos competidores na luta pela vitória; uma representação do ideal agonístico de vida. Nesses certames, a *aretê* agônica apresentava, também, outros aspectos igualmente significativos da alma grega como, por exemplo, as competições de poesias, música e oratórias; a felicidade estava em buscar, no confronto leal, a sua excelência.

Considerando o espaço dos jogos, a *aretê* agônica pode ser traduzida numa única palavra; superação, oriunda de todas as formas de rendimento desportivo, artístico, etc.; para os antigos gregos o melhor desempenho possível era um meio pelo qual demonstravam o seu jeito de ser e a sua cultura. Admitindo essa identificação, podemos disponibilizar algumas meditações, a partir do nosso estudo, que irão desaguar na satisfação de um dos nossos objetivos gerais: revelar a importância de se desenvolver, a partir do desporto, uma cultura de rendimento e de superação, baseada nos princípios e valores da *aretê*.

Como vimos em nossa revisão literária, o desporto possui um imenso mosaico de sentidos, desde a intenção de uma simples recreação até a idéia de transcendência através da mais elevada performance. Esses sentidos acrescidos dos valores da *aretê* agônica configuram um espaço de inúmeras dimensões de análise. Entretanto, o foco das nossas considerações será aquele no qual se inscrevem as *aretai* em geral e a superação em particular, tendo como linhas orientadoras a axiologia, a pedagogia e a antropologia do desporto (com a mediação de cariz filosófico).

No tempo dos grandes sábios gregos, o simbolismo, a mitologia e a metáfora eram conteúdos – como podemos ver nos poemas épicos de Homero, nas obras poéticas intituladas Teogonia e Trabalhos e Dias de Hesíodo, entre outros – de averiguação, estudo, educação e formação dos semideuses, heróis, atletas e cidadãos. O mito de Prometeu, a caixa de Pandora, o mito da caverna, o mito de Sísifo, a alegoria do Sol e outros eram os meios de educação e de formação e podem, também, ser lidos através das lentes desportivas como ideais de superação e de outras formas de *aretai*.

Desde os tempos arcaicos, os jogos desportivos apresentavam uma invulgar afinidade com os ideais da *aretê*; Hércules, Aquiles e Ulisses (semideuses, heróis e atletas) eram representantes de uma casta forjada através da educação daqueles ideais.

Foi no campo de batalha que surgiu mais evidentemente a *aretê* agônica e, dentre os seus atributos, destacava-se a bravura dos guerreiros. Todavia, no desporto ela (*aretê* agônica) despontou, em tempos de paz e harmonia e pelo desempenho dos atletas, como força, destreza, coragem e determinação, mas a sua essência, tal como encontrada nos heróis arcaicos, era a superação.

Os jogos desportivos são mais do que uma metáfora da vida, são a configuração externa de uma competição que se trava internamente; por intermédio deles a vida, em todas as suas cores, sons e imagens, aparece simbólica ou realmente. Desse modo, entendemos que as *aretai* (pessoal, coletiva, sabedoria e transcendental na perspectiva da educação) possuem no desporto um espaço para a sua manifestação, e cada uma dessas *aretai* expressa a intimidade com o valor do esforço e da superação. Lembrando a frase com a qual praticamente iniciamos esse trabalho, achamos que Hesíodo (Trabalhos e Dias, 290) tinha razão sobre a questão do esforço e da superação, quando dizia que “ (...) diante do Mérito colocaram o suor os deuses imortais; longa e íngreme é a senda que leva até ele, árdua no início, mas quando se chega ao cimo, torna-se acessível em seguida, por difícil que seja”. Por intermédio do esforço e da superação, consegue-se conquistar e conservar os preciosos valores da divina *aretê*.

Todos os atletas de diversas modalidades, níveis, idades, sexo e culturas apresentam-se diariamente nos campos desportivos com a firme determinação de fazer mais e melhor; o desporto representa, simbolicamente, uma das maiores expressões da sabedoria socrática: o auto-aperfeiçoamento. Na perspectiva dialética, quando vemos o desportista treinar ou competir, aceitamos que ele está buscando a excelência física, técnica, tática ou emocional e, através delas, a excelência humana. Entretanto, não há dúvidas de que o atleta desportivo, de ontem e de hoje, se dedica ao aprimoramento de uma técnica com um fim que está para além dela; na dimensão externa, o objetivo é vencer um jogo ou conquistar um campeonato; na dimensão interna, o aprimoramento é através da ação realizada da melhor forma possível, expressando os conteúdos da *aretê* da alma; fazer bem, melhor e excelentemente é, em última análise, situar a tarefa junto aos domínios dos deuses. Por isso, muitos consideram o atleta como o arquétipo de homem ideal, o clube como modelo de uma cidade perfeita e o desporto como um mundo utópico.

Outra tese platónico-socrática é o conhecimento do bem como unidade de todas as virtudes. A exposição e posse das *aretai* fazem parte das atitudes de um homem de ação. Embora não possamos considerar a superação como conhecimento do bem – tal como é descrito por Platão e Sócrates –, o fato é que a superação é um saber, baseado na ação, na capacidade de enfrentar e vencer elevados desafios. O processo de aproximação ao conhecimento do bem é realizado pela fundamentação das diversas *aretai*. Para essa elevada finalidade implica a disponibilização de um elevado esforço e de uma vontade superior, ou seja, uma especial capacidade de ação e determinação, ou seja, superação. Essa capacidade, bem como o seu treino, em busca da excelência – apresentada pelos feitos dos grandes atletas desportivos – é, simbolicamente, a luta (consciente ou inconscientemente) do homem para acercar-se do maior valor, a transcendência. Somente através do treino é que se conquista as *aretai* do corpo e da alma. Como ensinou a racionalidade aristotélica, é através da aprendizagem e do treino, tal como acontece com as artes que, efetivamente, se aprende sobre as virtudes e o modo de como dispô-las na prática.

As metáforas e a dialética ajudam um avizinhamo na relação do desporto e a idéia de autoconhecimento, pelo qual Sócrates postulava o conhecimento da alma. Entretanto, cabe chamar a atenção que uma das maneiras que o filósofo ateniense encontrava para desenvolver o autoconhecimento era através dos exercícios físicos, o autoconhecimento a partir do aperfeiçoamento do corpo a fim de educar a alma. As

metáforas desportivas (em todas as épocas e culturas) serviram para estimular e valorizar os esforços com vista ao *prêmio* divino, a ascese. Uma amostra pode ser vista, através de Dias (2000), quando se retrata o monge como um pugilista enérgico, que fustigado pelos murros da continência e empurrado pelas luvas do jejum, traz ao espírito vitorioso a coroa da imortalidade. Aliás, Sócrates, de acordo com Jaeger (2003), usava a palavra grega *askesis*, equivalente a inglesa *training*, para denominar a educação para a abstinência e o autodomínio.

Já a dialética promovia a reflexão da natureza endógena e exógena; um atleta podia conseguir, por meio da força, da coragem, da habilidade técnica e da sua criatividade, a supremacia sobre o seu oponente; mas, o que Sócrates indicaria seria a utilização desses atributos com a finalidade de superar os adversários internos; os vícios e os prazeres imoderados. Nesse sentido, Teseu e Hércules, exemplos de virtude e de superação, foram os primeiros a usar a força com uma finalidade diferente daquela de apenas esmagar os oponentes. Tornaram-se atletas em favor dos homens. O que lhes importava era a arte de empregar a força, e não a força em si (Cousineau, 2004).

Baseado na advertência do Oráculo de Delfos (*Conhece-te a ti próprio*), Sócrates empreendia uma educação que visava ao autoconhecimento; na perspectiva transcendental, a educação visava ao conhecimento da alma. No entanto, para atingir esse objetivo era necessária uma grande dose de esforço e perseverança. Afinal, não se consegue nenhum bem autêntico, sem esforço e uma luta séria para obtê-lo; uma vontade racional dirigida para a conquista do bem, superação. O processo que leva ao autoconhecimento inicia a partir do conhecimento do próprio corpo e daquilo que ele pode fazer e resistir; a indolência e o prazer imediatos jamais são capazes de tornar o corpo detentor de bom estado, nem tampouco introduzem na alma qualquer conhecimento valioso, ao passo que o esforço extremado nos conduz para as ações boas e nobres (Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates, II, 1, 20). A chave que abre as portas tanto do espírito como de uma vida digna é aquela que se consegue no claviculário da superação e pode ser encontrado em todos os locais em que há desporto. Além disso, na seara desportiva há possibilidade de se averiguar sobre o autoconhecimento pessoal e, também, sobre o autoconhecimento coletivo, pois, através das atitudes e comportamentos de uma equipe, de uma sociedade e de um povo se vê, e se reconhece, qual é a sua posição em relação aos seus valores e seus sentidos de vida.

O raciocínio simbólico interpreta, a partir da vida desportiva, a vida ordinária e a existência supra-humana. Portanto, o auto-aperfeiçoamento, o conhecimento do bem, o

autoconhecimento e o exercício das *aretai* são coroas que se conquistam pela alta performance; o êxito em cada uma dessas empreitadas depende do grau, da capacidade e da arte de superar-se. O desporto inspira a todos na busca da excelência, mas a principal função pedagógica dos desportos é a que apóia cada ser a assumir-se como herói da sua própria vida, obtendo vitórias sobre si mesmo, a responsabilidade e a consciência com as gerações futuras e a promoção da felicidade.

Uma vez que os conteúdos da *paidéia* platônico-socrática e a aristotélica lógica racional do exercício e da sistematização ética das *aretai*, em particular a superação, possuem alguma (ou muita) sintonia, quer simbólica, metafórica, dialética ou praticamente, com os conteúdos do rendimento desportivo, podemos considerar que o desporto é sensivelmente um das atividades culturais com potencial afinidade com a *paidéia*; como elevação do homem, mais do que nunca, face ao atual modelo de homem tecnológico, é necessário recuperá-la⁷⁵.

Quando concebida desse modo, a pedagogia do desporto converte-se na *paidéia* do desporto, orientando e disponibilizando as *aretai* como a perseverança, a disciplina, a valentia, a superação, o heroísmo, entre outras, para as grandes realizações humanas e mesmo para a salvação humana, pois, “a vontade baseia-se sempre, por natureza, no saber; e a consecução deste saber (...), representa a perfeição humana (Jaeger, 2003: 570). “O fim de todos os nossos actos é o bem” (Górgias, 499e), o fim de toda a aventura, de todos os desportos, de toda a vida e de todas as *aretai* é o bem (Jaeger, 2003), portanto, o maior dos bens é a elevação do homem; a mais alta de todas as *aretai*, a *paidéia* e, quando se trata da elevação do *homo desportivus*, é a *paidéia* desportiva.

A *aretê* é uma possibilidade de unificação e de restauração da identidade humana; encontra no desporto um campo fértil para desenvolver e manifestar essa identidade. Nessa premissa, defendemos a recuperação cultural, pedagógica e antropológica da superação como uma forma do saber agir nas mais diferentes situações, no desporto e na vida, além da busca da perfeição e da ética do esforço; um chão onde desfilam o prazer e a felicidade genuínas.

O ideal da *aretê* (excelência e virtude), pela luz da *paidéia* desportiva, enche de valor e de sentido o mundo do desporto e surge como a meta natural de todas as aspirações, dos saberes (Ciências do Desporto) e das ações daqueles que fazem parte

⁷⁵ Rui Garcia (2007): “O homem perante o desenvolvimento tecnológico. Um desejo humanista a partir de uma visão catastrófica”. Conferencia proferida nas Primeiras Jornadas de Sociologia do Desporto no ISMAI.

desse espetáculo pedagógico; uma atitude adequada e um compromisso convergente à *aretê* conformam um caminho de vida.

2.4.4- Antropologia, *Aretê* e Superação Desportiva

Uma das questões centrais do universo do estudo antropológico é a investigação sobre a pergunta que atravessa os tempos: «O que é o homem?». Essa pergunta, evidentemente, ainda carece de uma resposta conclusiva e, como é de se esperar, nós não a temos também. Todavia, movidos pelo tema da nossa pesquisa, aceitamos participar desse debate – instigante e encantador –, realizando algumas meditações sobre esse tema.

Muitos tentaram apontar para algumas aproximações como: as religiões consideram o homem como um ser religioso, Aristóteles o considerava como um ser político e a sociologia imagina-o como um ser social. Por essas premissas, verificamos, inicialmente, que o homem é o único ser que pode perguntar e, talvez, responder às questões sobre si mesmo.

Por isso, de tempos em tempos, dependendo da corrente do pensamento de uma determinada época, o homem tenta formular uma autodefinição; o cogito cartesiano afirmava: penso, logo existo. Contrapondo-se à lógica racionalista, os estudiosos da inteligência emocional sentenciaram: sinto, logo existo; e outros propuseram: ajo, logo existo. Essas configurações, ao que parece, surgem a partir de uma análise existencial.

Julgamos, dessa maneira, que a existência do homem é edificada pela harmonia de diversas dimensões – física, intelectual, motora, espiritual, emocional, etc. – as quais derivam do pensar, do sentir, do agir e de outras.

À luz das *aretai*, e tendo a prática desportiva como cenário onde reluz a *aretê* agônica, propusemos, no final do capítulo 3 (marco teórico), a seguinte enunciado: supero-me, logo garanto a minha existência. Esse pensamento é fruto de três meditações: (1) o homem, especulamos, pode reconhecer-se como tal e em sua humanidade, a partir da superação da dicotomia das facetas internas e externas, (2) sugerir, como consequência, a possibilidade de unificação das demais dimensões, exteriores e interiores, de pensar, agir, sentir e etc., pois acreditamos que o homem é integral, quando supera os limites da sua fragmentação, e (3) ao aludirmos sobre a hipótese existencial, consideramos que através da sua capacidade, possivelmente

infinita, de superação, o homem permanentemente continuará a investigar e tentará responder sobre si e sobre os segredos da sua existência.

Partindo do princípio de que a idéia do conhecimento do bem é base existencial de todas as espécies de *aretai*, podemos então aprofundar audaciosamente essas reflexões sobre o assunto. Calculamos que, para o homem saber-ser-homem não basta pensar, sentir ou agir; ele deve superar essas condições no sentido de algo maior, pensando bem, sentindo bem e agindo bem, logo existindo bem. Desse modo, o bem da superação é a garantia de uma existência boa: uma vida ética, justa, digna, bela e feliz. Assim, o homem participa da construção do seu ser pela assunção da busca da perfeição em sua vida e quando, se for possível, conquistá-la saberá dizer quem é...

CONCLUSÕES

O nosso estudo teve o foco dirigido aos valores humanos, uma vez que esse tema atinge todos os setores da vida do homem; às vezes, os valores são impostos, às vezes são fruto da relação com a cultura, algumas vezes são negados, em outros momentos impera a relatividade e etc.. Entretanto, independentemente dessas conjecturas, o fato é que o homem e a sociedade não têm como ficar indiferentes sobre esse tema, pois, preferimos umas coisas em detrimento de outras; a umas temos afinidades e já a outras temos aversão, classificamos algo como bom e outro como ruim e, inclusive, podemos mesmo sacrificar-nos, em virtude do valor que damos a certas situações, experiências e coisas, enquanto que, em outras eventualidades, faríamos qualquer coisa para nos esquivar delas.

Os valores apontam para uma seara do ideal, algo muitas vezes olhado como inatingível, que impele e inspiram a sua realização: a busca da perfeição.

Dependendo da afinidade, os homens e as culturas estabelecem uma hierarquia de bens com o objetivo de determinar uma certa ordem nos valores. Por isso que, ao longo do processo civilizacional, houve certa predileção e contemplação por esses ou por aqueles bens que conformaram essa ou aquela cultura. Através do mundo cultural, o homem procurou registrar a sua preferência por determinados valores; a arte, a educação, a tradição, a religião, o desporto e etc. são os seus produtos e, simultaneamente, os agentes que promovem a transmissão de valores de geração a geração.

Neste trabalho, procuramos estudar, tendo o desporto como esfera de manifestação cultural, a relação dos ideais de formação ligados à *aretê* (excelência e virtude), e à educação. Pela profundidade, expressão e extensão (caráter transversal) daqueles ideais, naturalmente, levantamos algumas reflexões sobre outros setores do saber (axiologia, antropologia, pedagogia, ontologia e outros).

Educar é um processo de realização de valores. Os valores são intrínsecos à educação, pelo que o problema da educação não é equacionável e nem resolúvel sem incluir os valores. Sócrates considerava a verdadeira educação (*paidéia*) como a busca pelo conhecimento da alma; educação consiste na apropriação ativa das formas e dos valores superiores de vida espiritual. Nessa perspectiva cultural, a educação em geral e a desportiva em particular, são os fieis depositários – o primeiro como transmissão e o segundo como exposição e expressão – de uma longa tradição na qual, se diz que os

valores sagrados, éticos e da verdade, por serem os mais valiosos uma vez realizados, expressam a realização dos demais. Evidentemente que, durante os tempos, tanto a educação como o desporto sofreram alterações no modo de projetar os seus valores; entretanto, situamos, sempre que possível, essa problemática na perspectiva ideal, mas sem nos descuidarmos de anotar os desafios e os riscos.

A investigação teve interesse, também, em recuperar a *aretê* (excelência e virtude), expostas pela tradição da educação (*paidéia*) da civilização grega nos períodos arcaicos, clássicos e helênicos, pois, aqueles valores culturais forjaram o conjunto de coordenadas referenciais do pensamento e do desenvolvimento da sociedade ocidental (ciências, artes, religião, arquitetura, desporto, educação, etc.). Particularmente, sabemos que o desporto lançou as suas raízes no seio daquela cultura e foi absorvido por ela como sendo um dos símbolos mais evidentes da forma de ser, estar e fazer – na sua forma mais autêntica, em alguma medida, ultrapassou as barreiras dos tempos, chegando até os dias atuais – do antigo povo grego, ao longo dos séculos, foi sofrendo alterações e incorporando valores diferentes daqueles que lhe deram origem. Por isso, tentamos relacionar a parte teórica do nosso estudo à parte empírica (entrevistas), com o propósito de averiguar se, ainda hoje, há, nas representações de crianças, de jovens e de adultos, as manifestações (vestígios e características) que nos permitam demonstrar se a vitalidade da antiga *aretê* permanece viva entre os atletas da atualidade e, ao mesmo tempo, com a intenção de realçar ainda mais aquelas manifestações, confrontar os discursos da crianças e dos jovens com o discurso, vistos como modelos e ídolos, dos atletas adultos.

A *aretê* expressa um mosaico de bens; dentre os seus inúmeros valores, o de maior expressão é o espiritual, porém, no contexto da nossa investigação (literatura e trabalho empírico), surgiram bens de natureza pessoal (honra e mérito, vigor e saúde, nobreza, trabalho, coragem e valentia, superação, etc.); coletiva (amizade, *clube-pólis*, solidariedade, tradição e outros); educação (exemplo, limites e oportunidades, conselho e aprendizagem e valores do desporto); sabedoria (sensatez, perseverança, moderação e prudência, justiça, modéstia e humildade e sabedoria); transcendental (fé, felicidade, prazer e alegria, ritual, sorte, etc.). Sensivelmente, precisamos revelar, foi exatamente a categoria *educare(tê)* que surgiu a partir dos discursos do grupo de crianças, jovens e adultos (atletas) envolvido nesse estudo; a educação, por mais que muitos não considerem, pede para ser discutida no âmbito desportivo. A pluralidade, a expressão e a profundidade de sentidos encontrados no âmbito da educação, da cultura e do desporto

ofereceu-nos uma rara oportunidade de tratarmos a discussão sobre os aspectos relacionados à vida prática (desportiva e social), através dos exemplos advindos da representação simbólica, metafórica e dialética. Outrossim, é passível de verificação e comprovação que a *aretê* agônica desponta no cenário desportivo como expressão, provavelmente devido ao seu alto teor cultural, de todas as manifestações das *aretai*.

Sendo assim, com base num caminho de vida, nosso trabalho aceitou o desafio de propor, após a análise da literatura e interpretação dos discursos, um marco teórico a partir dos referenciais axiológicos situados na excelência e virtude (*ἀρετή*), os quais são percebidos, trilhados e partilhados pelos atletas de futebol profissional e de formação (que participaram desta pesquisa) durante o transcurso da prática desportiva.

Desse modo, vamos, a partir de agora, considerar as respostas às questões e aos objetivos do nosso estudo.

Na análise do material empírico, verificou-se que os discursos, tanto das crianças, dos jovens e dos adultos, demonstraram uma estreita conexão com os princípios e valores disponibilizados, na literatura, pela antiga *aretê*. Além disso, quando confrontamos as entrevistas das crianças e dos jovens com as dos adultos, notou-se uma especial convergência no teor dos discursos e os mesmos princípios e valores da *aretê*.

O desporto de rendimento, bem como as suas demais manifestações, é considerado como uma atividade de excelência. Para se conseguir altos resultados desportivos, independente da categoria, tanto as crianças e os jovens como os adultos necessitam de empenho, dedicação, disciplina, determinação, perseverança, superação e as demais *aretai*, a fim de conformar, livre e espontaneamente, um projeto de vida desportiva. Nesse sentido, foi particularmente interessante notar que todos os entrevistados, de um modo ou de outro, registraram o conhecimento e a prática dos valores, ligados à excelência e a virtude (*ἀρετή*), que necessitam para desencadear o processo de vida desportiva.

No confronto das declarações das crianças e jovens com as dos adultos aparece uma particular afinidade e convergência entre elas e em todas as categorias. Apenas, como observação, na subcategoria solidariedade, e não podia ser diferente, os atletas adultos se reconhecem como pessoas que possuem compromissos sociais, ao emprestar a sua imagem à veiculação de mensagens, apelos, propaganda e ações, junto a populações menos favorecidas, em dificuldades ou com limitações de saúde. As crianças e os jovens admitem a possibilidade e, mesmo, a necessidade do engajamento

solidário, porém, junto das pessoas que compõem o seu dia-a-dia no clube e nas prestações desportivas. Quanto à subcategoria devoção (categoria transcendental), os jovens (a maior parcela) se distribuíram, convergindo para o discurso do atleta Washington, e as declarações de um dos meninos teve sintonia com as manifestações dos atletas Deco e Paulo Turra.

Uma das principais formas de educação, desde os tempos de Homero, foi aquela oferecida pela ética do exemplo; o mito e o ídolo são uma instância normativa e de validade universal. Esse fato é apresentado vigorosamente nos discursos tanto dos jovens (que nos interessa aqui) como nos dos adultos; apresentam, através da verbalização, uma extensa configuração de valores associada aos seus exemplos desportivos.

Verifica-se que as qualidades atribuídas aos exemplos desportivos são aquelas cuja exposição descreve os estados e os atributos do corpo e da alma e guardam, também, uma estreita coerência entre as atitudes da prática desportiva e da vida fora do desporto. Guardadas certas proporções, esses bens são os que poderiam configurar um rosário de atributos da antiga *aretê* personificada, hoje como antigamente, nos atos dos heróis místicos, dos atletas e dos grandes exemplos da humanidade.

Desde os tempos da Antiga Grécia que os atletas transpiram, tanto nos treinos como nas competições desportivas, os mais significativos valores da divina *aretê* (excelência e virtude): determinação surpreendente, força dirigida e controlada, devoção intensa, vislumbre de perfeição, consciência e superação dos limites e outros. Esses destaques são a comprovação de que na vida desportiva – e na vida comum – pode-se transformar a agonia em êxtase, sofrimento em satisfação, a dor em alegria, a dúvida em certeza e a debilidade em fortaleza.

Nessa perspectiva, os atletas crianças e jovens (idem com os adultos) apontaram diversos atributos que nos permitem considerar que eles são inspirados e dirigidos, mesmo que inconscientemente, pelo modelo da *aretê*, como faziam, conscientemente, os antigos atletas e heróis gregos. Ressaltamos que, durante a trajetória desportiva, as crianças e jovens (e adultos) aprendem, desenvolvem e aprimoram, sistemática ou assistematicamente, valores éticos, estéticos, hedonísticos, religiosos e outros. As tarefas como sobrepor-se ao adversário, realizar um grande feito, o risco do erro, afirmar-se na competição, lutar para melhorar e a busca da honra e do mérito são exemplos dos conteúdos axiológicos que conformam a formação do homem (criança, jovem e adulto) de valor (*aretê*).

Embora a nossa maneira de viver seja claramente fragmentada, tanto os atletas adultos como os atletas mais jovens, em muitas ocasiões nas entrevistas, registram a transferência dos valores da *aretê* (pessoal, coletiva, *educare(tê)*, sabedoria e transcendental) experimentados na prática desportiva para as suas vidas particulares.

Existem basicamente, neste estudo e segundo a expectativa dos entrevistados, dois caminhos que levam à busca da excelência no futebol; o geral, que é inspirado pelos valores vinculados à *aretê* pessoal, à *aretê* coletiva, à *educare(tê)*, à *aretê* sabedoria e a *aretê* transcendental e o particular, cuja opiniões encontram-se circunscritas à subcategoria sucesso. Embora a *aretê* não esteja ligada diretamente ao sucesso (êxito), este é o produto do esforço, do trabalho, da técnica virtuosa, da superação, entre outros (valores reclamados pela *aretê* em Hesíodo).

No que se refere a uma possível hierarquia de valores situada a partir da *aretê*, pensamos que todas elas podem ser entretecidas à *aretê*. Mas, antes de concretizar essa intenção, é necessário tecer algumas observações.

A *aretê* pode ser considerada, e traduzida, como a expressão da excelência e da virtude. A ação inspirada por ela é dirigida à perfeição; todo ato, ação, movimento, atitude, conhecimento, escolha e sentimento é baseado num projeto do Bem. Nessa perspectiva, a *aretê* é um valor sagrado que se manifesta em todos os domínios de atuação humana (arte, desporto, educação, justiça e etc.), tanto na esfera pessoal como na coletiva e como na transcendental. Do ponto de vista particular, as *aretai* se instalam na vertente de função humana, a fim de assentar o valor da perfeição em cada movimento, do mais simples ao mais complexo. A partir dessa concretização, o homem cataliza e reflete, pela sua ação, a unidade de todas as medidas, Deus. O valor do Homem encontra-se na busca perseverante da excelência, a fim de expor a sua autêntica, para o qual foi criado, natureza; um processo, prático, racional e axiológico de se identificar com o divino.

Por essas reflexões, somos inclinados a admitir que todas escalas de valores podem ser, também, a exposição dos princípios e valores da *aretê*, desde que cada valor seja uma fórmula de expressão da excelência, da virtude e do Bem.

Em vista do exposto, consideramos que temos condições de responder ao problema de nosso estudo.

Após triangular as informações sobre a *aretê* grega, contidas na literatura clássica, com aquela que a interpreta e a bibliografia desportiva de cunho humanista (mais o apoio da literatura que trata da educação em valores), realizamos a segunda

triangulação, confrontando os discursos dos atletas adultos, os discursos das crianças e jovens desportistas e a síntese do conteúdo literário. Com isso, chegamos à resposta de que, de fato, a excelência e a virtude, bem como as outras manifestações das *aretai*, apóiam e ajudam as crianças e jovens, tendo como referência os atletas adultos e o desporto de alto rendimento (futebol), na construção de um caminho de vida.

Com este trabalho, procuramos contribuir para uma visão pedagógica, antropológica e cultural do desporto de alta performance, considerando especialmente as questões de relevância educativa fundamentais para a formação e elevação humanas.

Procuramos realçar, ainda, a importância do cariz filosófico contido na pedagogia dos valores, os quais são aplicados, e aplicáveis, tanto na esfera da prática desportiva quanto na esfera da educação em geral. Nesse princípio, procuramos ressaltar o desporto como uma atividade humana, permeada por sentidos e valores (humanos, científicos, sociais, antropológicos, educativos e culturais), como uma representação simbólica e prática do grande espetáculo que é a própria vida. Desse modo, o desporto configura-se como um meio estratégico de educação e de conhecimento do homem, da sociedade e da cultura, bem como, ao olharmos atenta e isentamente, as revelações nele contidas, vamos entrever que, durante tempos, o homem ali representou as suas maiores e mais profundas aspirações, a conquista dos atributos da sua alma, ou seja, um toque de invencibilidade e de perfeição. Sendo assim, o desporto é, sempre foi, um caminho de vida que vale a pena ser trilhado pelo homem e pela sociedade, pois nada que aconteça no desporto fica restrito a esse espaço; ao contrário, é motivo de inúmeras manifestações e, através destas, conhecemos a contribuição do espírito humano para o processo civilizacional.

Ao detectarmos junto aos atletas que participaram dessa investigação os laços entre a atividade desportiva e a *aretê* (excelência e virtude) – revelada inicialmente pelos heróis, guerreiros, filósofos e atletas gregos –, o estudo desvendou a ética da responsabilidade, do dever e da ação (nobreza, honra e dignidade) de fazer bem feito, de buscar a excelência e a perfeição através de todos os domínios da atividade humana e que o desporto nunca abdicou de realizar; a dimensão agônica da *aretê* é o espírito da ação desportiva e que a cultura grega via como uma das camadas mais profundas da alma humana, a unidade do físico com o espiritual.

Desse modo, a questão da essência, do caminho, do sentido e do valor do homem constitui-se como um processo de resgate e de aproximação aos valores sagrados, cuja grandeza é literalmente exposta pela unidade e diversidade das *aretai*

desfraldadas pela *paidéia* desportiva: um caminho (itinerário) de vida para crianças, jovens e adultos.

Parece ter ficado claro que, ao nos referirmos sobre o conteúdo axiológico da *aretê* aplicado ao cenário desportivo, foi uma tentativa pedagógica de expor que a prática desportiva é o retrato heróico da vida comum.

A recuperação da sabedoria inscrita na prática da imortal *aretê* é um apelo, uma aposta e, ao mesmo tempo, uma aspiração de que o desporto e a pedagogia e, com esta, a educação e a cultura possam instaurar, à luz da axiologia, a esperança de que as crianças, os jovens e os adultos, enfim, todos os seres humanos, possam superar os desafios (como os que enfrentamos na atualidade), com vistas ao enobrecimento, à dignidade e ao engrandecimento da espécie humana: um certo caminho de vida cujo destino é o do encontro da felicidade e da eternidade do herói (interior e exterior) consigo mesmo... **Por isso, a recuperação dos valores vinculados à *aretê* é, deve ser, uma tarefa ética da qual a educação bem como o desporto não podem prescindir.**

BIBLIOGRAFIA

Adorno, F. (2002). *Sócrates*. Lisboa: Edições 70.

Alves, A. (2003). *Deco: O preço da glória*. Estoril-Portugal: Prime Books.

Alves, R. (2006). *Fazer o Bem é Bom*. In Revista Época-versão eletrônica. Disponível em <Http://revistaepoca.globo.com/>. Acesso em 04/10/2006

Amado, J. (2001). *Interação Pedagógica e Indisciplina na aula*. Edições ASA. Lisboa-Portugal.

Aristóteles (2004). *Ética a Nicômaco*. Tradução: Pietro Nassetti. São Paulo: Editora Martin Claret.

Aristóteles (2004). *Política*. Tradução: António Campelo Amaral e Carlos De Carvalho Gomes. Lisboa: Vega Universidade.

Associação Portuguesa de Famílias Numerosas (2006). *Declaração Universal dos Direitos da Criança*. Disponível em http://www.apfn.com.pt/declaracao_universal_dos_direitos_da_crianca.htm. Acesso em 19/10/2006

Atlético Paranaense (2007). <Http://www.furacao.com>. Acesso em 22/01/2007.

Avalon, M. (org.) (s/d). *Einstein: por ele mesmo*. São Paulo: Martin Claret.

Baptista, A. (2001). *Mûthos e Logos no Fédon de Platão*. Disponível em <http://www.puc-rio.br/parcerias/sbp/pdf/20-alexandre.pdf>. Acesso em 03/11/2006.

Barbosa, M. (2002). A Hora da Modéstia: Ciências da Educação e Prática Pedagógica. *O Particular e o Global no Virar do Milénio: Cruzar Saberes em Educação*. Actas do

5.º Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Faro – Portugal: Edições Colibri.

Bardin, L. (1995). *Análise de Conteúdo*. Lisboa; Edições 70, 1995 (1ª ed. de 1977).

Bennett, W. (1995). *O Livro das Virtudes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Bento, J. (2006a). Pedagogia do Desporto: Definições, Conceitos e Orientações. In, Tani, G., Bento, J., Petersen, R. *Pedagogia do Desporto*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., pp. 3-97.

Bento, J. (1995). *O Outro Lado do Desporto*. Porto: Campo das Letras Editores.

Bento, J. (1992). *O Desporto as crianças, os jovens e o rendimento*. Oeiras: Divisão de Cultura, Desporto e turismo.

Bento, J. (2006b). *Desporto e Lusofonia: um traço de união*. Porto: Faculdade de Desporto da UP.

Bento, J. (2004). *Desporto: Discurso e Substância*. Porto: Campo das Letras, Universidade do Porto.

Bento, J. (1999). Contexto e Perspectivas. In, Bento, J., Garcia, R., Graça, A. *Contextos da Pedagogia do Desporto*. Lisboa: Livros Horizonte, Lda., pp.19-110.

Bento, J. (1998). *Desporto e Humanismo – O Campo de Possível*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ.

Bento, J. (1989). A Criança no Treino e Desporto de Rendimento. *Revista Kinesis*. Santa Maria: Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria.

Bloom, A. (1987). *A Cultura Inculta: Ensaio Sobre o Declínio da Cultura Geral*. Portugal: Publicações Europa-América, Lda.

Boff, L. (2000a). *Saber Cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

Boff, L. (2000b). *Tempo de transcendência: o ser humano como um projecto infinito*. Rio de Janeiro, Sextante.

Borges, A. (2003). *Corpo e Transcendência*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida.

Botelho, M. (1990). Antropogênese do desporto numa perspectiva ético-social, in *Desporto. Ética. Sociedade – Actas do Fórum Desporto Ética Sociedade*, realizado na cidade do Porto em 5, 6 e 7 de Dezembro de 1989. Porto, Portugal: Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física – Universidade do Porto.

Bourg, D. (1996). Uma Moral sem Fundamento. In Morin, E. e outros. *A Sociedade em Busca de Valores: Para Fugir à Alternativa entre o Cepticismo e o Dogmatismo*; Lisboa: Instituto Piaget, pp.189-206.

Brougère, G. (2003). *Jogo e Educação*. São Paulo: ARTMED Editora S.A.

Caeiro, A. (2002). *A Areté Como Possibilidade Extrema do Humano*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Campenhoudt, L; Quivy, R. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Portugal: Grádiva Publicações Lda.

Carvalho, J. (1989). *Obra Completa: História das Instituições e Pensamento Político*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Chalita, G. (2003). *Pedagogia do Amor. A contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações*. São Paulo: Editora Gente.

Coménio, J. (1957). *Didáctica Magna. Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Comte-Sponville, A. (1996). Uma Moral sem Fundamento. In Morin, E. e outros. *A Sociedade em Busca de Valores: Para Fugir à Alternativa entre o Cepticismo e o Dogmatismo*; Lisboa: Instituto Piaget, pp.133-153.

Comte-Sponville, A.; Ferry, L. (1998). *A Sabedoria dos Modernos: Dez Questões para o Nosso Tempo*. Lisboa: Instituto Piaget.

Costa, A. (1997). *À Volta do Estádio: O Desporto, o Homem e a Sociedade*. Porto: Campo das Letras – editores, S.A.

Costa, A. (1991). *Desporto e Conhecimento do Homem*. Conferências: As Ciências do Desporto e a prática desportiva. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Universidade do Porto.

Costa, A. (2006). Desporto e Antropologia. In, Pereira, A.; Costa, A.; Garcia, R. *O Desporto entre Lugares*. Porto: Faculdade de Desporto da UP, pp.37-72.

Cousineau, P. (2004). *O ideal olímpico e o héroi de cada dia*. São Paulo: Mercuryo.

Da Matta, R. (1989). Esportes na Sociedade: futebol como drama nacional. *Revista Concilium*. Petrópolis: Vozes, 225, pp. 62-74.

Dalai Lama; Carrière, J. (2001). *A Força do Budismo*. São Paulo: Editora Mandarim.

Dalai Lama (2000). *Uma Ética para o Novo Milênio*. Rio de Janeiro: Editora Sextante.

Dalai Lama (2006). *O Dalai Lama no Brasil*. Disponível em <http://portuguesdobrasil.blogspot.com/2006/05/o-dalai-lama-no-brasil.html>. Acesso em 15 de Dezembro de 2006.

Damásio, A. (1995). *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e Cérebro Humano*. Publicações Europa-América, Lda. Portugal.

Dias, P. (2000). O Sucesso da Metáfora Desportiva na Literatura Cristã; In Oliveira, F. *O Espírito Olímpico no novo milénio*; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp.165-182.

Diskin, L. (1998). Ética ou Arte da Convivência; In Diskin, L., Martinelli, M., Migliori, R., Santo, R. *Ética, Valores Humanos e Transformação*. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis Ltda; v. 1, pp.65-77.

Fagundes, M. (2001). *Aprendendo Valores Éticos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Fernandes, A. (2000). A poética do desporto em Maurice Genevoix. In Oliveira, F. *O Espírito Olímpico no novo milénio*; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp.197-204.

Fernández, E. (2004). La Dimensión Épica del Deporte. *Revista de Ciencia de la Actividad Física y del Deporte*. Murcia-Espanha: Universidad Católica San Antonio, v. 1, nº 1, pp.38-40.

Ferreira, J. (2000). A Heroização do Vencedor na Poesia Grega. In, Oliveira, F. *O Espírito Olímpico no novo milénio*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp.45-55.

Ferreira, J. (1996). *Civilizações Clássicas I: Grécia*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ferry, L.; Vincent, J. (2003). *O que é o Homem? Sobre os fundamentos da Biologia e da Filosofia*. Porto: Edições ASA.

Federação Internacional de Futebol (FIFA) (2007).
<http://www.fifa.com/en/history/index.html> consulta: 13 de Janeiro de 2007

Fischer, L. (1982). *Gandhi*. São Paulo: Circulo do Livro S.A.

Freke, T. (2000). *Zen: palavra básica*. São Paulo: Vitória Régia.

Garcia, R.; Lemos, K. (2005). *Temas (quase éticos) de Desporto*. Belo Horizonte, MG: Casa da Educação Física.

Garcia, R. (2002). *Educação Física: em nome do rendimento ou em busca da excelência*. Texto da conferência de abertura da II Convenção das Escolas de Educação Física do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte.

Garcia, R. (2004a). *Desporto em Ano de Mudança: desafios da educação e da cidadania*. Texto conferência apresentada no Congresso Nacional. Câmara Municipal de Gaia.

Garcia, R. (2005). Para una Fundamentacion Antropológica del deporte y la Educación Física. *Revista de Ciencia de la Actividad Física y del Deporte*. Murcia-Espanha: Universidad Católica San Antonio. 1 (2): pp. 94-101.

Garcia, R. (2004b). *Passos para validação de uma entrevista semi-estruturada*. Seminário de Metodologia Qualitativa. Mestrado de Gestão Desportiva. FADE-UP (Documento não publicado).

Garcia, R. (2006a). Olimpismo: um apelo à transcendência humana. *Temas atuais XI*. Belo Horizonte: EEFETO-UFMG e Casa da Educação Física.

Garcia, R. (2006c). A Convergência e cruzamento de Saberes no Desporto. In, Pereira, A.; Costa, A.; Garcia, R. *O Desporto entre Lugares*. Porto: Faculdade de Desporto da UP, pp.15-33.

Garcia, R. (2006b). *Desporto com Jovens: uma abordagem referenciada à ética*. Conferência proferida no IV Fórum Brasil – Esporte, Rede CENESPE, promovido pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Garcia, R. (s/d). *Pelo Labirinto do Desporto. Uma abordagem pelo olhar da antropologia.* Em preparação.

Garcia, R. (2004). *Antropologia do Desporto: O reencontro com Hermes.* In, Pires, G. (coordenador). Lisboa: Centro de estudos dos povos e culturas de expressão portuguesa. Universidade Católica Portuguesa, nº 9, pp.205-224.

Garcia, R. (1993). *O Desporto no Universo Mítico-Ritual: os modelos existenciais revelados pela corrida de maratona.* Tese de Doutoramento. Porto: Universidade do Porto.

Gardner, H. (1995). *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática.* Porto Alegre: Artes Médicas.

Garganta, J. (2006). Idéias e Competências para “Pilotar” o Jogo de Futebol. In, Tani, G., Bento, J., Petersen, R. *Pedagogia do Desporto.* Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., pp. 313-325.

Gaya, A. (2006). Corpos Esportivos: O Esporte Como Campo de Investigação Científica. In, Tani, G., Bento, J., Petersen, R. *Pedagogia do Desporto.* Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., pp. 101-111.

Glücklich, H. (2000). O Espírito Olímpico e a Importância de Aprender Latim no Novo Milénio; In Oliveira, F. *O Espírito Olímpico no novo milénio;* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp.7-17.

Goleman, D. (1999). Uma Perspectiva Occidental. In, Goleman, D. e Thurman, R. *Um Diálogo entre o Oriente e o Ocidente. Um Diálogo entre o Oriente e o Ocidente.* Lisboa: Relógio D` Água Editores; pp.17-22.

Gonçalves, A. (2002). Uma esfera cuja circunferência está em parte alguma – apontamentos sobre a popularidade do futebol. *Economia e Sociologia;* n 74, pp. 105-131.

- Grael, L.** (2001). *A saga de um Campeão*. São Paulo: Editora Gente.
- Hesíodo** (2005). *Trabalhos e Dias*. Tradução de Ana Elias Pinheiro e de José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Hesíodo** (2005). *Teogonia*. Tradução de Ana Elias Pinheiro e de José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Homero** (2005). *Ilíada*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Livros Cotovia.
- Huizinga, J.** (2005). *Homo Ludens*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Huizinga, J.** (2003). *Homo Ludens*. Lisboa: Edições 70.
- Ibañez, R.** (1976). *Valores, Objetivos y Actitudes en Educacion*. Valladolid: Miñon Editorial.
- Jackson, P., Delehanty, H.** (1997). *Cestas Sagradas: lições espirituais de um guerreiro das quadras*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Jaeger, W.** (2003). *Paidéia: A Formação do Homem Grego*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- Jaeger, W.** (2002). *Cristianismo primitivo e a Paideia Grega*. Lisboa: Edições 70.
- João Paulo II.** (2000). *O Desporto é Um Dom de Deus*. Caxias do Sul: Gráfica da Universidade de Caxias do Sul.
- Júnior, M.** (1995). Paradigmas de Educação na Antiguidade Greco-Romana. *HVMANITAS*. Coimbra: Universidade de Coimbra, Vol. XLVII – Tomo I, pp. 489-497.
- Kenny, A.** (2003). *História Concisa da Filosofia Ocidental*. Lisboa: Temas e Debates – Actividades Editoriais, Lda.

- Kitto, H.** (1990). *Os Gregos*. Editora Arménio Amado. Coimbra.
- Krippendorff, K.** (1997). *Metodologia del Análisis de Contenido. Teoria y práctica*. Barcelona: Paidós Comunicación.
- Kushner, K.** (1988). *O Arqueiro Zen e a Arte de Viver*. São Paulo: Editora Pensamento.
- Lemos, K.** (2006). *Repensar a Educação Física a partir dos Valores: análise centrada em escolas do Ensino Médio e Fundamental da cidade de Belo Horizonte – Minas Gerais*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto (Tese de Doutoramento).
- Lenk, H.** (1989). O Esporte entre o Zen e o Eu. *Revista Consilium*. Petrópolis: Vozes, n 225, pp.127-138.
- Leonard, G.** (1999). *O Atleta dos Atletas*. São Paulo: Summus editorial.
- Lima, A.** (2006). *Exempla Romanos: Homens de Glória e Mulheres de Honor*. Disponível em <http://www.hottopos.com/notand12/ale.htm>. Acesso em 08 de Novembro de 2006.
- Lipovetsky, G.** (1996). A era do após-dever. In Morin, E. e outros. *A Sociedade em Busca de Valores: Para Fugir à Alternativa entre o Cepticismo e o Dogmatismo*; Lisboa: Instituto Piaget, pp.27-37.
- Lipovetsky, G.** (1994). *O Crepúsculo do Dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Lynch, J., Al Huang C.** (1998). *O Tao da Boa Forma Interior*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Lynch, J., Al Huang C.** (1992). *O Tao do Esporte*. São Paulo: Editora Best Seller.

Marques, A. (2006). Desporto: Ensino e Treino. In, Tani, G., Bento, J., Petersen, R. *Pedagogia do Desporto*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., pp. 142-153.

Marrou, H. (1969). *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Martinelli, M. (1998). Ser é Ensinar. Ética. In Diskin, L., Martinelli, M., Migliori, R., Santo, R. *Ética, Valores Humanos e Transformação*. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis Ltda; pp.81-110.

McFarlane, T. (2005). *Einstein y Buda: Palabras paralelas*. Madrid: Kailas Editorial.

Melo, A. (1994). *Ideias Pedagógicas na Comédia de Terêncio*. Braga – Portugal: Edições APPACDM Distrital de Braga.

Melo, A. (2004). *Desporto e Solidariedade: um testemunho escolar quinhentista*. Actas do IV Colóquio da APEC “Otium et negotium: as antíteses na antiguidade”, organizado pelo Departamento de Letras Clássicas e Modernas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Algarve (6 a 9 de Outubro).

Melo, A. (1996). A Areté Helénica nos Jogos Olímpicos. *Revista Portuguesa de Filosofia*. n 52, pp. 523-537.

Migliori, R. (1998). A Competência Amorosa; In Diskin, L., Martinelli, M., Migliori, R., Santo, R. *Ética, Valores Humanos e Transformação*. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis Ltda; pp.11-33.

Millman, D. (1994). *O Atleta Interior*. São Paulo: Editora Pensamento.

Minayo, M. (1996). *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.

Moltmann, J. (1989). Olímpia entre a política e a religião. *Revista Consilium*. Petrópolis: Vozes, n 225, pp.107-115.

Montfort Associação Cultural, 2006. *A Revolução Francesa.*
<http://www.monfort.org.br/index>. Consultado em 14/11/2006

Monteiro, A. (1995). *Auto conceito: Auto-imagem e auto-estima de jogadores profissionais de futebol em relação as mensagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa (jornal).* Porto Alegre: Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Dissertação de Mestrado).

Mora, J. (1991). *Dicionário de Filosofia.* Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Morin, E. (2000). *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro.* Cortez Editora. São Paulo.

Murad, M (2006). O Futebol e a Sociologia. In, Pereira, A.; Costa, A.; Garcia, R. *O Desporto entre Lugares.* Porto: Faculdade de Desporto da UP, pp.73-100.

Murad, M. (2004). *Das Relações, Fronteiras e Questionamentos Entre Violência e Futebol: fundamentos antropológicos, sociológicos e estudo-de-caso no Clube de Regatas Vasco da Gama (Rio de Janeiro/Brasil) e no Futebol Clube do Porto (Porto/Portugal).* Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto (Tese de Doutoramento).

Pascoaes, T. (1993). *O Homem Universal e outros escritos.* Lisboa: cooperativa Editora e Livreira, C.R.L.

Patrício, M. (2005). *Perenidade da Aretê Como Horizonte Apelativo da Paideia. Sobre a Excelência na Educação.* Texto da conferência de abertura do I Congresso Internacional da Casa da Educação Física. Belo Horizonte – Brasil.

Patrício, M. (1992). *A Pedagogia de Leonardo Coimbra: Teoria e Prática.* Porto: Porto Editora.

Patrício, M. (1996). *A Escola Cultural: Horizonte Decisivo da Reforma Educativa*. Lisboa: Texto Editora.

Patrício, M. (1993). *Lições de axiologia educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.

Pausânias (2000). *Descripción de Grecia: Ática y Élide*. Tradução: Camino Azcona García. Madrid: Alianza Editorial, S. A.

Pereira, B. (2001). *Envolvimentos Sociais nas Práticas Desportivas*: Braga: Universidade do Minho.

Pereira, B. (2002). *Para uma Escola sem Violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian.

Pereira, M. (2000). Os vencedores dos jogos: a glória na arte. In Oliveira, F. *O Espírito Olímpico no novo milénio*; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp.23- 44.

Pereira, M. (1982). *Hélade – Antologia da Cultura Grega*. Coimbra: 4ª ed. Imprensa de Coimbra.

Pereira, M. (1988). *Estudos de Historia da Cultura Clássica*. Lisboa: Vol. 1. 6ª Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.

Pimentel, M. (2000). O Espírito Agónico no Alto Império. In Oliveira, F. *O Espírito Olímpico no novo milénio*; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp.127-151.

Pinheiro, J. (2000). Motivos olímpicos nos epinícios de Baquíles. In Oliveira, F. *O Espírito Olímpico no novo milénio*; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp.95-102.

Platão (2005). *Fedón*. Tradução: Luis Gil Fernández. Madrid: Alianza Editorial.

- Platão** (2005). *Fedro*. Tradução: Luis Gil Fernández. Madrid: Alianza Editorial.
- Platão** (1992). *Górgias*. Tradução: Manuel de Oliveira Pulquério. Edições 70. Lisboa.
- Platão** (1970). *O Banquete*. Tradução: J. Cavalcante de Souza. São Paulo: 2ª Ed. Difusão Europeia de Livro
- Platão** (1989). *Laques*. Tradução: Francisco Oliveira. Rio de Janeiro: Edições 70.
- Platão** (1986). *Ménon*. Tradução: Ernesto Rodrigues Gomes. Lisboa: GEC publicações.
- Platão** (1999). *Protágoras*. Tradução: Ana da Piedade Elias Pinheiro. Lisboa: Relógia D'Água Editores.
- Platão** (1996). *A República*. Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Platão** (2004). *Leis*. Tradução: Carlos Humberto Gomes. Lisboa: Edições 70, Lda. vol. 1.
- Platão** (2006). *Apologia de Sócrates*. Tradução: Manuel de Oliveira Pulquério. Lisboa: Edições 70.
- Prandi, C.** (1997). Tradições. In, *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, vol. 36, pp. 166-197
- Raux, J.** (1996). Elogio da Filosofia para Construir de um Mundo Melhor. In Morin, E. e outros. *A Sociedade em Busca de Valores: Para Fugir à Alternativa entre o Ceticismo e o Dogmatismo*; Lisboa: Instituto Piaget, pp.11-20.
- Readings, B.** (2003). *A Universidade em Ruínas*. Coimbra: Angelus Novus.
- Reale, G., Antiseri, D.** (1991). *Historia del Pensamiento Filosófico Y Científico: antigüedad y edad media*. Barcelona: Editorial Herder, vol. I.

Reboul, O. (s/d). *A Filosofia da Educação*. Edições 70. Lisboa.

Ricoeur, P. (s/data). *Do Texto À Acção*. Porto: Res Editora.

Rubio, K., Carvalho, A. (2005). *Areté, fair play e o movimento olímpico contemporâneo*. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. Porto: FCDEF-UP, vol. 5, Nº 3, pp. 350-357.

Ryan, T. (1989). *Para uma Espiritualidade dos Esportes*. *Revista Concilium*. Petrópolis: Vozes, n 225, pp.116-125.

Saddhatissa, H. (1977). *O Caminho do Buda*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Santo, R. (1998). *O Autoconhecimento em Sala de Aula*; In Diskin, L., Martinelli, M., Migliori, R., Santo, R. *Ética, Valores Humanos e Transformação*. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis Ltda; pp.37-61.

Santos, B. (2000). *A Crítica da Razão Indolente. Contra o desperdício da experiência*. Edições Afrontamento. Porto.

São João (2003). 14, 6, in: *Bíblia Sagrada*. Versão dos textos originais. Lisboa – Fátima: Difusora Bíblica; p.1758.

São Mateus (2003). 4, 1-11, in: *Bíblia Sagrada*. Versão dos textos originais. Lisboa – Fátima: Difusora Bíblica; pp. 1569-1570.

Savater, F. (2000). *O meu Dicionário Filosófico*. Lisboa: Dom Quixote.

Schwartz, D. (2005). *Cultura: Tudo o que é preciso saber*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Serres, M. (2004). *Hominescência*. Lisboa: Instituto Piaget.

Silva, M. (2000). Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga. Um Certame de Ideal e de Glória. In Oliveira, F. *O Espírito Olímpico no novo milénio*; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp.57-73.

Silverman, D. (2000). Analyzing Talk and Text. In, Denzin, N. e Lincoln, Y. (editores). *Handbook of qualitative research*. London: Sage, pp. 821 – 834.

Sobral, F. (2000). Olimpismo e a exaltação da individualidade. In, Oliveira, F. *O Espírito Olímpico no novo milénio*; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp.205-212.

Thomas J. Nelson, J. (2002). *Métodos de pesquisa em atividades física*. Porto Alegre: Artmed.

Thurman, R. (1999). Uma Perspectiva Tibetana. In, Goleman, D. e Thurman, R. *Um Diálogo entre o Oriente e o Ocidente*. Lisboa: Relógio D` Água Editores; pp.23-25.

Tilak, S. (S/D). *Néctar do Guita*. Rio de Janeiro: ERCA Editora e Gráfica.

Tugendhat, E. (2002). Nietzsche e o problema da transcendência imanente. *ethic@*. Florianópolis. v.1, n.1. pp. 47-62. jun.

Urbano, C. (2000). O Canto do Martírio: Espírito Agónico no Humanismo; In Oliveira, F. *O Espírito Olímpico no novo milénio*; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp.183-195.

Vala, J. (2003). A Análise de Conteúdo. In, Silva, A. e Pinto, J. (orgs.). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 101-128.

Valente, J. (2006). *Mário Jorge Lobo Zagallo: Entre o Sagrado e o Profano Uma História de Vida*. Tese de Doutoramento. Porto: Universidade do Porto.

Vaz, H. (2004). *Antropologia Filosófica*. São Paulo: Edições Loyola.

Virgílio, S. (1994). *A Arte do Judô*. 3ª Ed. Porto Alegre : Ed. Rígel.

Xenofonte (2006). *Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates*. Tradução: Edson Bini. São Paulo: Edipro.

Watts, A. (1975). *Tao: O curso do rio*. São Paulo: Editora Pensamento.

Wikipedia(2006).*RevoluçãoIndustrial*. <http://pt.wikipedia.org/wiki/revoluçãointustrial>. Acesso em 13/11/2006.

Wikipedia(2006). Primeira Guerra Mundial. <http://pt.wikipedia.org/wiki/>. Acesso em 10/11/2006.

Wikipedia(2006).Segunda Guerra Mundial.
http://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Guerra_Mundial. Acesso em 10/11/2006.

www.aol.com.br/esporte em 16 de Novembro de 2005

ANEXOS

Anexo 1

Dados referentes aos entrevistados (atletas de formação do Sporting Clube de Braga).

Escalão: Júnior

Nome: **(TB1)**

Idade: 18 anos

Escolaridade do pai: Licenciatura em Matemática

Escolaridade da mãe: Licenciatura em Geografia

Profissão do pai: Treinador e jogador de Andebol

Profissão da mãe: Professora

Nome: **(GL2)**

Idade: 18 anos

Escolaridade do pai: 12º

Escolaridade da mãe: Superior

Profissão do pai: Empresário

Profissão da mãe: Professora

Nome: **(LD3)**

Idade: 17 anos

Escolaridade do pai: 6º

Escolaridade da mãe: 12º

Profissão do pai: Empresária

Profissão da mãe: Industrial

Nome: **(FP4)**

Idade: 18 anos

Escolaridade do pai: 12º

Escolaridade da mãe: não sabe

Profissão do pai: Comerciante

Profissão da mãe: Doméstica

Escalão: Juvenil A

Nome: **(PO1)**

Idade: 16 anos

Escolaridade do pai: 9º

Escolaridade da mãe: 6º

Profissão do pai: Controlador de qualidade

Profissão da mãe: Comerciante

Nome: **(LO2)**

Idade: 16 anos

Escolaridade do pai: 6º

Escolaridade da mãe: 4º

Profissão do pai: Serralheiro

Profissão da mãe: Doméstica

Nome: **(CD3)**
Idade: 15 anos
Escolaridade do pai: 6º
Escolaridade da mãe: 6º
Profissão do pai: Empresário
Profissão da mãe: Pintora

Nome: **(LF4)**
Idade: 16 anos
Escolaridade do pai: 4º
Escolaridade da mãe: 11º
Profissão do pai: Policial
Profissão da mãe: Policial

Escalão: Juvenil B
Nome: **(OH1)**
Idade: 15 anos
Escolaridade do pai: 12º
Escolaridade da mãe: 12º
Profissão do pai: Funcionário público
Profissão da mãe: Empresária

Nome: **(CH2)**
Idade: 15 anos
Escolaridade do pai: 12º
Escolaridade da mãe: 7º
Profissão do pai: Chefe administrativo
Profissão da mãe: Contabilista

Nome: **(PJ3)**
Idade: 15 anos
Escolaridade do pai: 12º
Escolaridade da mãe: Licenciatura
Profissão do pai: Empresário
Profissão da mãe: Professora

Nome: **(SR4)**
Idade: 15 anos
Escolaridade do pai: 9º
Escolaridade da mãe: 4º
Profissão do pai: Comerciante
Profissão da mãe: Doméstica

Escalão: Iniciados A
Nome: **(ON1)**
Idade: 14 anos
Escolaridade do pai: 8º
Escolaridade da mãe: 12º
Profissão do pai: Comerciante

Profissão da mãe: Funcionária pública

Nome: **(VT2)**

Idade: 14 anos

Escolaridade do pai: 12º

Escolaridade da mãe: 12º

Profissão do pai: Supervisor de vendas

Profissão da mãe: Empresária

Nome: **(GV3)**

Idade: 14 anos

Escolaridade do pai: 12º

Escolaridade da mãe: Licenciatura

Profissão do pai: Policia judiciária

Profissão da mãe: Formadora

Nome: **(GJ4)**

Idade: 14 anos

Escolaridade do pai: 6º

Escolaridade da mãe: 6º

Profissão do pai: Metalúrgico

Profissão da mãe: Doméstica

Escalão: Iniciados B

Nome: **(OG1)**

Idade: 13 anos

Escolaridade do pai: não sabe

Escolaridade da mãe: não sabe

Profissão do pai: Emigrante (Moçambique)

Profissão da mãe: Funcionária pública

Nome: **(FH2)**

Idade: 13 anos

Escolaridade do pai: 6º

Escolaridade da mãe: 6º

Profissão do pai: Patrão de cerâmica

Profissão da mãe: Empresária têxtil

Nome: **(GJ3)**

Idade: 13 anos

Escolaridade do pai: 11º

Escolaridade da mãe: 11º

Profissão do pai: Engenheiro de artes gráficas

Profissão da mãe: Secretária

Nome: **(OJ4)**

Idade: 14 anos

Escolaridade do pai: 12º

Escolaridade da mãe: 9º

Profissão do pai: Empresário

Profissão da mãe: Empresária

Treinadores

Artur Gomes Correia (Júnior)

Carlos Miguel Pereira Peixoto (Júnior)

Ricardo Cerqueira (Juvenil A)

António Freitas (Juvenil A)

Domingos Costa (Juvenil B)

Joaquim Alberto (Iniciados A)

José Maria (Iniciados B)

Marcos Moraes (Iniciados B)

Coordenador Técnico

Fernando Agostinho Pereira Louro

GUIÃO DE ENTREVISTA (Anexo 2)

Duração prevista: 30 a 60 minutos

Número de participantes: 23

Divisão das entrevistas: Individuais e coletivas (4)

Material utilizado: Gravador do tipo Pocket Memo 9300/00 (digital)

Categorias

Aretê Individual

Aretê Coletiva

Aretê Sabedoria

Aretê Transcendental

Categoria: *aretê* individual.

Objetivo da entrevista:

Verificar quais são os valores da *aretê* individual que os atletas (crianças, jovens e adultos) de futebol, mencionam como parte do seu processo de desenvolvimento desportivo e pessoal.

Nobreza

Saúde e Vigor

Mérito/Honra

Determinação/Disciplina

Sucesso

Superação

Trabalho

Valentia e Coragem

Categoria: *aretê* coletiva.

Objetivo da entrevista:

Diagnosticar se os valores da *aretê* coletiva (polis/clube) são considerados importantes pelos atletas (crianças, jovens e adultos) de futebol como meios que apoiam o seu desenvolvimento desportivo e pessoal.

Amizade

Clube-pólis

Tradição

Cooperação

Solidariedade

Categoria: *aretê* sabedoria.

Objetivo da entrevista:

Verificar se os valores da *aretê* sabedoria encontram-se incorporados aos princípios e atitudes de atletas (crianças, jovens e adultos) de futebol, como parte do desenvolvimento das suas relações pessoais e interpessoais na esfera do desporto e da sua vida pessoal.

Sensatez

Perseverança

Prudência e Prudência

Justiça
Modéstia e Humildade
Sabedoria

Categoria: *aretê* transcendental.

Objetivo da entrevista:

Investigar de que forma se manifestam as questões relacionadas da *aretê* transcendental com a vida desportiva e particular dos atletas (crianças, jovens e adultos) de futebol.

Felicidade
Prazer e Alegria
Fé
Ritual
Sorte
A Divindade na Prática
Devoção

Proposta de perguntas

***Aretê* individual:**

- 1) Lembra de alguma pessoa, ou atleta, que simboliza um exemplo a ser seguido? O que ele tem de especial? Valores: Paradigma do exemplo. (Jaeger, 2003, p.58).
- 2) O que é mais importante no desporto que praticas: a glória pessoal, o reconhecimento (pessoal e/ou público), a recompensa financeira ou o quê...? Valores: Honra, reconhecimento público. (José Ribeiro Ferreira, 2000, p.59)
- 3) Como você enfrenta, ou enfrentou, os desafios que apareceram na sua trajetória desportiva e pessoal? Valores: Superação, coragem, destreza, habilidade. (Fernandez, 2004, p.40) (Experiência pessoal).
- 4) Qual é a sua atitude diante do fracasso da sua equipe, dos seus companheiros de equipe, ou de seus adversários e em relação ao seu fracasso pessoal? Valores: Solidariedade, moderação, amizade, superação, sacrifício. (Experiência pessoal).
- 5) Qual é o conselho que você daria para aqueles meninos e rapazes que estão iniciando a sua carreira desportiva para que eles possam chegar à excelência, como atleta e como cidadão. Valores: Paradigma do exemplo. (Jaeger, 2003, p.58).

***Aretê* Coletiva**

- 6) Você faz amizade com facilidade? Tem muitos amigos? O que acha que é ser um bom amigo? Qual é o seu nível de dedicação a uma amizade? Para você existem diferenças entre um amigo e um companheiro de clube? Quais? Valores: Amizade, companheirismo, solidariedade. (Experiência pessoal)
- 7) O que você pensa a respeito da seguinte observação: A convivência sadia e a força do grupo de atletas ajudam a promover a superação individual e coletiva. Valores: Superação coletiva, amizade, solidariedade. (Experiência pessoal).

- 8) Costuma julgar o comportamento técnico de seus companheiros e de sua equipe? Quais as conclusões a que você chega? Valores: Justiça, amizade. (Experiência pessoal).
- 9) O que você pensa desta afirmação: O melhor atleta é aquele que faz com que os seus companheiros sejam melhores do que, na realidade, são. Valores: Ética, solidariedade, companheirismo, justiça. (Phil Jackson; Hugh Delehanty, 1997, p.14)
- 10) Cite uma história que aconteceu com algum companheiro de equipe que o tenha comovido. Valores: Solidariedade, amizade. (Experiência pessoal).
- 11) A lembrança da história e da tradição do clube ajudam na busca da superação? Valores: Dedicção, sacrifício. (Maria de Fátima da Silva, 2000, p.66)

Aretê Sabedoria

- 12) Durante a sua vida desportiva você já teve a oportunidade de usar a sua imagem de atleta de alguma maneira? Qual? Para que fim? Valores: Sensatez, moderação, solidariedade. (Cousineau, 2004, p.184).
- 13) Você conhece bem o seu corpo? Quais as suas possibilidades e limitações? Qual a sua responsabilidade para com ele? Valores: Habilidade, destreza, responsabilidade, moderação, sensatez. (Ana Fernandes, 2000, p.198)
- 14) Qual é a relação (diferenças e semelhanças) que existe entre a luta para vencer os desafios desportivos e os desafios que a vida pessoal oferece? Valores: Superação, coragem, moderação, sensatez, persistência. (Rui Garcia, 2002, p.8)
- 15) Quais são os valores que se adquirem através da prática desportiva? Valores: Habilidade, moderação, coragem, fé. (Fernández, 2004, p.40).
- 16) O que o sucesso, a excelência e a riqueza podem trazer para você? Valores: Honra, solidariedade, prudência. (António Caieiro, 2002, p.200).
- 17) Você conhece alguém que sofreu alguma injustiça? Qual foi a sua atitude? Valores: Justiça, solidariedade, sensatez, amizade. (Experiência pessoal).
- 18) Como você gostaria de ser lembrado após o encerramento da sua carreira desportiva? Valores: honra, mérito, reconhecimento. (Jaeger, 2003).

Aretê Transcendental

- 19) Na sua opinião quais os fatores que levam alguém a conquistar uma vitória? (Experiência pessoal).
- 20) Quais são os rituais que você utiliza antes, durante e depois de uma competição? Porquê? Valores: Fé, transcendência, meditação, oração. (Experiência pessoal).
- 21) Você já competiu com o sentimento de absoluta felicidade? O que aconteceu nesses dias? Valores: Transcendência, prazer. (Millman 1994, p.165) (Lynch e Al Huang 2000, p.73).

- 22) Qual foi a sensação mais especial que você lembra ter tido durante uma competição? Algum companheiro de equipe já falou com você sobre esse assunto? Valores: Transcendência. (Millman 1994, p.165) (Lynch e Al Huang 2000, p.73).
- 23) Você já experimentou, no desporto, alguma jornada que pudesse ser considerada como perfeita? Conte como foi. Valores: Perfeição, transcendência. (Lynch e Al Huang 2000, p.73).
- 24) O que você pensa da seguinte afirmação: O maior valente é aquele que consegue vencer a si próprio. Valores: Transcendental. (Experiência pessoal).
- 25) Na sua opinião, como é enfrentar alguma situação que se assemelhe à morte? Valores: Transcendência, fé, perseverança. (António Caieiro, 2002,p.31)

Geral:

- 26) O que é que entende, no desporto e na vida particular, por excelência? (Kitto, 1990, p.285; Cosineau, 2004, p.180).
- 27) Na sua opinião quais as qualidades (mais importantes) que são desenvolvidas pelo desporto? (Experiência pessoal).
- 28) Na sua opinião o que leva um atleta desenvolver uma trajetória de sucesso e de excelência? (Experiência pessoal).
- 29) O que você entende da seguinte frase: o desporto ensina a viver. (Experiência pessoal).
- 30) Quais são as expectativas, dúvidas e certezas que rondam você no dia anterior à competição, no dia da competição e durante a competição? (Experiência pessoal).
- 31) Na sua opinião o que oferece maior oportunidade de auto-conhecimento: o treino, a competição ou os momentos de superação? (Ana Fernandes, 2000, p.199).
- 32) O que entende pela seguinte afirmação: A vitória é a obra cooperante do atleta com o favor divino. Valores: Superação, excelência, transcendência. (Maria de Fátima da Silva, 2000, p.59).

ENTREVISTA PARA OS JOVENS (anexo 3)

Guião de entrevistas

Aretê individual:

- 1) O que é mais importante para ti na prática desportiva?
- 2) Como resolves as dificuldades que aparecem na tua carreira (percurso) desportiva? E na pessoal?
- 3) Há algum atleta/jogador que é para ti um exemplo (um ídolo)? O que mais aprecias nele?
- 4) O que é que fazes quando a tua equipa perde? E quando tu jogas mal? O que é que fazes relativamente à equipa adversária quando esta perde?
- 5) O que é que dirias ao menino que vai entrar para uma equipa (clube) e quer ser um bom jogador/atleta?

Aretê Coletiva:

- 6) Fazes amizade com facilidade? Tens muitos amigos? O que é para ti ser um bom amigo? O que é para ti ser um bom colega de equipa? Quais as diferenças entre um e o outro?
- 7) O convívio e a amizade entre colegas da equipa ajudam a ter mais êxito pessoal e coletivo?
- 8) Costumas criticar o comportamento técnico dos teus colegas de equipa?
- 9) O que é que tu dizes ao teu colega de equipa quando ele falha?
- 10) O que pensas desta afirmação: O melhor atleta é aquele que faz com que os seus companheiros sejam melhores do que, na realidade, são.
- 11) Já algum colega de equipa te comoveu (chorou, emocionou...)?
- 12) O que representa para ti o clube? Gostarias de conhecer as tradições de teu clube?

Aretê Sabedoria:

- 13) Conheces bem o teu corpo? Quais as suas possibilidades e limitações? Qual a tua responsabilidade para com ele?
- 14) Qual é a relação que existe entre a luta para vencer os desafios desportivos e os desafios da vida pessoal? (diferenças e semelhanças).
- 15) Quais são as coisas que aprende-se na prática desportiva (boas, positivas e de bem)?
- 16) O que é que o sucesso, a excelência e a riqueza podem te oferecer?

17) Conheces alguém que já sofreu alguma injustiça? Qual foi a tua atitude?

18) Como gostarias de ser lembrado após terminar a tua carreira desportiva?

Aretê Transcendental

19) O que pensas da seguinte afirmação: A vitória é a obra cooperante do atleta com o favor divino.

20) Utilizas alguma prática religiosa antes, durante e depois de uma competição? Qual? Porquê? E no seu dia-a-dia?

21) Já competiste com um sentimento de felicidade/alegria? O que acontece nesses dias?

22) Qual foi a sensação mais especial que te lembras ter tido durante uma competição? Algum companheiro de equipa já falou sobre esse assunto?

23) Já experimentaste, no desporto, algum jogo que pudesse ser considerado como perfeito? Conta como foi.

24) O que pensas da seguinte afirmação: O maior valente é aquele que consegue vencer a si próprio.

Geral:

25) O que é que entendes, no desporto e na tua vida particular, por excelência?

26) Na tua opinião o que é que leva um atleta a ter sucesso?

27) O que é que entendes por esta frase, “o desporto ensina a viver”.

28) O que é que sentes antes de um jogo, durante e após?

29) O que é que te ajuda a conhecer-te melhor a ti próprio? O treino, a competição ou os momentos em que sentiste que ultrapassaste as tuas dificuldades?

Alberto Monteiro

De: anderson souza

Enviada: sex 31-08-2007 18:19

Para: Alberto Monteiro

Cc:

Assunto: RE: Autorização

Anexos:

AUTORIZO A PUBLICAÇÃO DA ENTREVISTA QUE DEI AO PROFESSOR ALBERTO DE OLIVEIRA MONTEIRO, BEM COMO A

PUBLICAÇÃO DO MEU NOME JUNTO A SUA TESE DE DOUTORAMENTO.ESCLAREÇO, ENTRETANTO, QUE ESSA AUTORIZAÇÃO É

EXCLUSIVAMENTE PARA FINS ACADÊMICOS E DE PESQUISA.

ATENCIOSAMENTE

DECO

From: [Paulo Turra \[pturra@hotmail.com\]](mailto:pturra@hotmail.com)

Sent: Thu 9/20/2007 11:58 PM

To: [Alberto Monteiro](#)

Cc:

Subject:

Attachments:

[View As Web Page](#)

Autorizo o Sr Prof. Alberto Monteiro a utilizar a entrevista que eu lhe concidi ,bem como a utilização de meu nome junto a sua investigação de doutoramento. Da Universidade do Minho. Entretanto ressalvo que essa entrevista é para fins academicos e de pesquisa. Paulo César Turra

QUOTA INFO: A sua Mailbox está a ocupar 3.28MB de um total de 15.73MB (20.83%)

Data: Sun, 22 Jan 2006 23:30:16 -0200

De: Washington Cerqueira

Para: albertomonteiro@iec.uminho.pt

Assunto: RE:

Professor Alberto Monteiro

Autorizo a publicacao desta entrevista para fins academicos e tb autorizo a publicacao de meu nome para o mesmo. Agradeço a oportunidade, quando precisares estarei a desposição , um grande abraço...
Washington Stecanela Cerqueira

>From: albertomonteiro@iec.uminho.pt
>To:
>CC:
>Date: Thu, 19 Jan 2006 14:02:12 +0000

>
>

>Amigo Washington

>Antes de mais nada, gostaria de renovar os meus agradecimentos por você ter
>se

>disponibilizado a participar da nossa pesquisa intitulada "Desporto: Da
>Excelência à Virtude (Aretê). Um Caminho de Vida", que estamos
>desenvolvendo

>na Universidade do Minho (Bragá) e na Universidade do Porto (Porto)-
>Portugal.

>Estou encaminhando a sua entrevista, devidamente digitada, para a sua
>apreciação e posterior aprovação. Caso você queira acrescentar ou retirar
>alguma coisa do texto, basta que você marque sublinhando, ou em negrito,
>aquilo que você acrescentou ou retirou. A segunda coisa que você deve fazer
>é

>autorizar a utilização da sua entrevista para fins académicos e de
>pesquisa.

>Finalmente, você também deve autorizar a vinculação do seu nome junto da
>entrevista. Combinado? Esses detalhes são importantes do ponto de vista
>ético,

>sem o qual, não conseguimos que as instituições universitárias aceitem a
>entrevista como um instrumento de pesquisa.

>Um grande abraço e qualquer dúvida estou à disposição.

>Felicidades à todos os familiares

>Alberto Monteiro

><< EntrevistacomoatletaWashington.doc >>

[http://signup.alerts.msn.com/alerts/login.do?](http://signup.alerts.msn.com/alerts/login.do?PINID=2430448&returnURL=http://copa.br.msn.com/)
[PINID=2430448&returnURL=http://copa.br.msn.com/](http://copa.br.msn.com/)

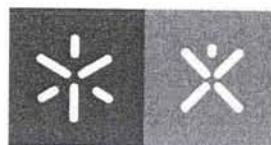
(Anexo 7)

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o meu filho _____
a participar das entrevistas referentes à investigação “Desporto: Da excelência à Virtude
(*Aretê*). Um Caminho de Vida” a ser desenvolvida, em parte, no Sporting Clube de
Braga pelo doutorando Alberto de Oliveira Monteiro do Instituto de Estudos da Criança
da Universidade do Minho.

Janeiro de 2006

Pai ou responsável



Av. Central, 100
4710-229 Braga - P

Universidade do Minho
Instituto de Estudos da Criança

tel.: +351 253 601 200
fax: +351 253 616 684

iec@iec.uminho.pt
www.iec.uminho.pt

Ex.mo Senhor
Presidente do Sporting Clube de Braga
Parque Norte - Dume
4710 BRAGA

sua referência

sua comunicação de

nossa referência

data

IEC-P/722

2005-11-11

assunto

Mensagem

Solicitamos a colaboração do Sporting Clube de Braga para a realização de um estudo de investigação no âmbito do Doutoramento em Estudos da Criança na área de especialização de Educação Física e Lazer do Doutorando Alberto de Oliveira Monteiro sob orientação da Prof. Doutora Beatriz Pereira, do Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.

A investigação tem por objectivo verificar se os jovens desportistas apresentam valores vinculados à excelência e à virtude. Pensamos que esta reflexão com os jovens atletas poderá representar uma mais valia no seu processo de formação e consolidação de um futuro atleta de excelência.

Descrição sumária da investigação a realizar


Solicitamos uma reunião prévia com o treinador de cada escalão para definir os procedimentos dos quais salientamos as entrevistas a atletas de futebol dos escalões sub-14 até aos escalões de sub-18 e 19.

Numa primeira fase pretendemos realizar uma entrevista a um atleta por escalão escolhido aleatoriamente. Numa segunda fase pretendemos realizar entrevistas a dois ou três atletas por escalão identificados pelo treinador como atletas talentosos. Após as entrevistas individuais serão realizadas entrevistas colectivas por escalão.

A participação dos atletas nesta investigação será sempre acordada previamente com o atleta e o treinador. Estes registos serão apenas utilizados para efeitos de investigação. Estamos disponíveis para clarificar qualquer dúvida.

Apresentamos os nossos melhores cumprimentos,

O Presidente do IEC


Antonio Sousa Fernandes

- Professor Associado -

(Anexo 9)

AUTORIZAÇÃO

Autorizamos os atletas abaixo relacionados a participarem da investigação “Desporto: Da Excelência à Virtude. Um Caminho de Vida”, realizada por Alberto de Oliveira Monteiro, do Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.

Atleta	Escalão	Assinatura do treinador
(TB1)	Júnior	
(FP4)	Júnior	
(GL2)	Júnior	
(LD3)	Júnior	
(LO2)	Juvenil A	
(PO1)	Juvenil A	
(CD3)	Juvenil A	
(LF4)	Juvenil A	
(SR4)	Juvenil B	
(CH2)	Juvenil B	
(PJ3)	Juvenil B	
(OH1)	Juvenil B	
(ON1)	Iniciados A	
(VT2)	Iniciados A	
(GJ4)	Iniciados A	
(GV3)	Iniciados A	
(GJ3)	Iniciados B	
(OG1)	Iniciados B	
(OJ4)	Iniciados B	
(FH2)	Iniciados B	

Coordenação Técnica: _____

Braga, Janeiro de 2006

(Anexo 10)

AUTORIZAÇÃO

Eu _____ estou de acordo em participar das entrevistas referentes à investigação “Desporto: Da Excelência à Virtude (*Aretê*). Um Caminho de Vida” a ser desenvolvida, em parte, no Sporting Clube de Braga pelo doutorando Alberto de Oliveira Monteiro do Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.

Janeiro de 2006

Assinatura

Entrevistas individuais (Anexo 11)

Entrevistas	2ª Feira (09/01/2006)	3ª Feira (10/01/2006)	4ª Feira (11/01/2006)	5ª Feira (12/01/2006)	6ª Feira (13/01/2006)
Júnior	15:30TB11 16:30GL12 17:30LD13 18:30FP14				
Juvenil A					17:00PO51 18:00LO52 19:00CD53 20:00LF54
Juvenil B		17:00OH21 18:00CH22 19:00PJ23 20:00SR24			
Iniciados A	19:30ON31			18:00VT32 19:00GV33 20:00GJ34	
Iniciados B			17:00OG41 18:00FH42 19:00 GJ43 20:00 OJ44		

Entrevistas coletivas

Entrevistas	2ª Feira 17/01/2006	3ª Feira 18/01/2006	4ª Feira 19/01/2006	5ª Feira 20/01/2006	6ª Feira
Júnior	18:00 ECJ				
Juvenil A	24/01/2006 19:00 ECJA				
Juvenil B		19:15 ECJB			
Iniciados A				19:15 ECIA	
Iniciados B			18:15 ECIB		

GRADE DE ANÁLISE DE CONTEÚDO (anexo 12)

ATLETAS PROFISSIONAIS

ARETÊ PESSOAL

Nobreza	<ul style="list-style-type: none">- <i>“Acaba por ser um desafio sempre pessoal”</i> (Deco)- <i>“Você, quando termina uma competição, você sai de cabeça erguida e fala assim: Eu fiz o meu melhor e por isso eu tenho sucesso”</i> (Washington)
Vigor e Saúde	<ul style="list-style-type: none">- <i>“Eu acho que primeiro é a questão da saúde. Você praticando desporto, você acaba tendo essa noção maior do seu corpo, de se cuidar e de conhecer melhor o seu corpo...”</i> (Deco)- <i>“Eu acho que é o mínimo que a gente pode fazer pelo nosso corpo é...ter muito cuidado com a saúde, com a alimentação...cuidados (...) não consumir drogas, não beber bebidas alcoólicas. Eu acho que a maior riqueza que temos é o nosso corpo (...)”.</i> (Washington)
Mérito/Honra	<ul style="list-style-type: none">- <i>“Agora a única coisa que eu gostaria...no fundo é ser respeitado, acho que era isso...era o meu grande desejo e a grande lembrança que gostaria que as pessoas tivessem”</i> (Deco).- <i>“Não só como um jogador que faz muitos goals, nem campeonatos não...claro que isso aí é consequência...mas como uma pessoa com caráter, uma pessoa que respeitada sempre por onde passei... Seja aonde eu for...seja daqui um ano, ou daqui a dez anos ou daqui a 20 anos, aonde eu trabalhei, eu seja respeitado”</i> (Washington)
Determinação e Disciplina	<ul style="list-style-type: none">- <i>“Acho que o grande segredo do atleta que tem continuidade no sucesso é nunca estar satisfeito com o que conseguiu...”</i> (Deco)- <i>“Nunca parar, nunca estacionar num lugar e achar que já está bom. Eu tento me concentrar cada vez mais, me preparar cada vez mais para que eu possa melhorar cada vez mais”</i> (Washington)
Sucesso	<ul style="list-style-type: none">- <i>“Eu não gosto de perder, não gosto de perder e, quando o time não vai bem, as coisas não vão bem é...é difícil...Pior é quando você sente que não pode fazer nada pra mudar. (Deco)</i>
Superação	<ul style="list-style-type: none">- <i>“Levo sempre com o espírito de vencedor, eu não me deixo abater com qualquer desafio, eu tento superá-los sempre. E sempre com alegria, eu nunca abaixei a cabeça...”</i> (Washington)- <i>“Então no fundo a superação é o que te faz crescer muito mais do que os outros”</i> (Deco)- <i>“Nunca fugindo desses desafios, vencer esses desafios. (...) tanto profissionais como particulares são desafios...”</i> (Paulo Turra)
Trabalho	<ul style="list-style-type: none">- <i>“E ter um ambiente saudável de trabalho como uma empresa, como um escritório...tem muita gente trabalhando e se dão super bem”</i> (Deco).- <i>“...desempenhar o seu trabalho”</i> (Washington).- <i>“Porque hoje o futebol é... fisicamente está muito evoluído, hoje qualquer equipe pode trabalhar muito e...tem muita capacidade tática, técnica e coletiva e hoje só na camisa, ou na tradição tu não ganha mais nada. Tem é que trabalhar... Hoje trabalhar todo mundo trabalha e tu tem que trabalhar muito mais do que os outros”</i> (Paulo Turra).
Valentia e Coragem	<ul style="list-style-type: none">- <i>“O que eu faço professor eu enfrento, enfrento... A perspectiva de vencer. Você tem que saber ser forte para dar a volta por cima, levantar a guarda de novo e enfrentar novamente os desafios. Levantada e olho no olho...”</i> e acrescenta: <i>“Você</i>

	<p><i>tem que ser forte, ter muita personalidade e muita frontalidade pra procurar arranjar alternativas pra conseguir vencer esses desafios” (Paulo Turra).</i></p> <p><i>- “Você não é valente querendo vencer os outros. Acho que você, quando vence os seus desafios, a chance de vencer os outros é muito maior” (Deco).</i></p> <p><i>- “Acho também que na nossa carreira, a confiança é um ponto primordial para o sucesso. Você entrando em campo com confiança, com alegria... aí é muito difícil dar errado...” (Washington).</i></p>
ARETÊ COLETIVA	
Amizade	<p><i>- “Nós tínhamos um grupo muito bom, uma convivência muito sadia é... que o grupo só pensava no grupo, não pensava individualmente (...). Nisso sobressaíram valores individuais e coletivos e todo mundo saiu ganhando” (Paulo Turra).</i></p> <p><i>- “Tenho, tenho muitos amigos. Faço amizade muito fácil. Eu me sinto bem assim. Logo, logo a pessoa me demonstra grande confiança, eu busco a confiança desta pessoa e já o considero um grande amigo!” (Washington).</i></p> <p><i>- “Ah, os meus amigos de verdade é 100%. Meu nível de dedicação é 100%” (Deco)</i></p>
Clube-pólis	<p><i>- “...um clube com muita história, onde passou muitos jogadores, é um clube acostumado a vencer...como no caso do Barcelona...Também no próprio Porto. O Barcelona é um clube com muita ambição porque é um clube acostumado a ganhar com muita história” (Deco)</i></p> <p><i>- “Essa convivência com os funcionários, essa convivência faz com que você conheça a história do clube e, aí, você realmente aprende a valorizar mais o clube que você defende...” (Washington)</i></p>
Tradição	<p><i>- “O que eu sei da tradição dos clubes que eu passei (...). Eu fiquei sabendo, por conversa com pessoas, ou por curiosidade minha, mas não tive nenhum dirigente que quando eu cheguei no clube me levou num lugar... essa é a história do meu clube é... o meu clube ganhou isso, ganhou aquilo é um clube (...). Eu acho que isso poderia ser importante, quando o jogador chegar num clube” (Paulo Turra)</i></p>
Cooperação	<p><i>- “... você procurando ter um bom ambiente, você procurando ajudar...estar disponível pra ajudar isso...já é um meio caminho andado pra fazer com que o outro que está ao seu lado, os companheiros também tenham mais sucesso” (Deco)</i></p> <p><i>- “Você, com a ajuda coletiva, se cada um ajuda, se você tem um defeito ou algum problema mas esse jogador te completa, e você com outro jogador que tiver algum problema, falta alguma coisa...Com certeza, isso faz com que o coletivo cresça...E aí... a parte vai aparecendo, vai sobressaindo cada vez mais. Se você tiver o sucesso coletivo, com certeza, você vai ter o sucesso individual e isso é o grande passo para o sucesso” (Washington)</i></p> <p><i>- “No fracasso de alguns colegas, esses colegas podem ser carregados pelo restante dos restantes dos colegas que estão bem. Isso é uma coisa que acontece no nosso futebol” (Paulo Turra)</i></p>
Solidariedade	<p><i>- “ (...) acabam não sendo só jogadores dentro do campo mas tem muitas outras coisas, tem um papel muito mais importante fora também, um papel social. Neste sentido os jogadores deixaram de ser só os jogadores no campo, a imagem passa a ter outra dimensão. Eu acho, hoje em dia, quem tem possibilidade...tem que ajudar, tem que aparecer mesmo, porque é uma forma de atrair os outros...” (Deco)</i></p> <p><i>- “Já tive oportunidade de...campanhas para crianças carentes...que tenham dificuldades financeiras, com dificuldades financeiras...que a família não tem posses...crianças com deficiências...” (Washington)</i></p>

	- “ (...) ir em alguma entidade de caridade: creches, orfanatos ou é... por exemplo aqui no Boavista, em Portugal, nós fomos no Hospital de crianças que tem câncer, a gente foi lá, dar um pouco de atenção, chama a atenção do poder público e político, pra necessidade disso...” (Paulo Turra)
Educare(tê)	
O Exemplo	- “Se eu tivesse que me inspirar em alguém, acho que o próprio Dunga era um dos jogadores que simbolizava o que era o vencer no futebol. Outros pela qualidade... O caso do Gaúcho o próprio caso do Zidane, são jogadores pela qualidade eu continuo admirando e gosto de ver jogadores assim... (...) eram mais exemplo...por incrível que pareça não eram muito aqueles que eram considerados craques...Eu comecei a admirar muito o Zico, mas eu o vi pouco jogar. Eu achava a trajetória dele foi difícil, tudo que ele passou, a história dele me atraía muito.... Esses jogadores pra mim eram como exemplos assim...de vitória, de dedicação. Então, talvez se eu tivesse que me inspirar em alguém, ...naqueles momentos, acho que eram eles” (Deco) - “Foi um grande exemplo...É o Zico”; Ayrton Senna (piloto de fórmula 1). Ele, (...), foi um grande campeão e mostrou toda a sua garra corporal, coração, mental pra conseguir ser...” (Washington) - “E como jogador o Dunga foi capitão da Copa de 94 foi um exemplo para mim” (Paulo Turra)
Limites e Oportunidade	- “... Mas no fundo, ele tinha uma confiança nele, uma coisa que levava...não sei depois...” (Deco) - “...mas que aprenderam a se drogar, aprenderam a ficar alcoólatras. O que leva uma pessoa a ter sucesso, tecnicamente falando, o Maradona levou... Agora sucesso como pessoa não levou nenhum” (Paulo Turra).
Conselho e Aprendizagem	- “Um conselho que eu acho que foi uma coisa que meu pai sempre falou comigo é...primeiro era estudar. Um das regras que ele impunha e... Então na realidade você tem que se preparar um pouco pra vida num outro sentido porque a vida não é só jogar futebol...” (Deco) - “...ele ajudou muito dentro de campo como jogador, me ensinou muito como pessoa fora de campo, como comportamento e outras coisas...” (Paulo Turra)
Valores do Desporto	- “Desporto ensina a viver porque...Traz outras coisas, traz outros valores, (...), respeitar as pessoas, (...) cuidar da saúde, (...), você aprende, (...) você quer chegar a algum lugar, tem que se dedicar, abdicar. Você aprende a optar o que é melhor pra tua vida ou não...Acho que aprende muita coisa...” (Deco) - “Você evita muita coisa que pode prejudicar a sua vida e você entra numa coisa totalmente saudável, numa coisa totalmente divino: o desporto...”; (...), ter muita dedicação, força de vontade”; “ (...) se doar, se dedicar, a ser sempre os primeiros, que realmente eles se sobressaem e...os obstáculos...fazendo o melhor deles, se esforçando e dando o máximo, os obstáculos serão menores”; “...eu trato o desporto como uma outra vida. Você ganha uma outra vida, então te ensina a viver...e você vai aprendendo muita coisa e...você vai fazendo com que a sua vida melhore e...aprende a viver...no lado do bem da vida” (Washington) - “Isso é uma faculdade da tua vida. É uma faculdade que não tem diploma, não...”; ...fiz, faculdade, mestrado, doutorado e mais alguma coisa pra tu ser um ser humano” (Paulo Turra).
ARETÊ SABEDORIA	

Sensatez	<p>- “E você fazendo desporto...é onde você consegue encontrar essa sabedoria também. (...) O coletivo te traz um pouco de senso responsabilidade, senso de respeito pelas pessoas...ter noção de que o seu espaço é esse e o espaço do outro é aquele, e saber respeitar esse lado...” (Deco)</p> <p>- “Abdicando de coisas que pode te prejudicar no futuro, você...às vezes, foge de...estar no caminho errado, de partir pra uma...vamos dizer assim...ter um caminho errado como o das drogas, como o do roubo...então, você se abdica dessa parte do mundo ruim da vida... e entra numa parte totalmente ótima, saudável...é praticar esporte...tentar dar uma condição financeira pra você e pra tua família...Então, seu pensamento vai ficar sempre no esporte e do estudo...” (Washington)</p> <p>- “Eu posso dizer que estou mais tarimbado, mais experiente pra não perder pra mim mesmo” (Paulo Turra).</p>
Perseverança	<p>- “Eu sou muito de decidir assim...Penso e decido... Tenho que resolver e a única forma de resolver é ir batalhando e também a vida pessoal é um pouco isso” (Deco)</p> <p>- “...mas todas as vezes ele treinava com muita vontade, ele treinava com muito afinco, se dedicava totalmente aos treinos e...passando o tempo, a idade foi chegando e ele precisava se profissionalizar...Esse jogador que estava esquecido...com os treinamentos...esse jogador acabou tendo sucesso, porque ele sempre teve força de vontade, sempre acreditou nele mesmo...” (Washington)</p>
Moderação e Prudência	<p>- “Os cuidados que eu tenho é...procurar descansar sempre, um pouco...não exagerar... E se eu não fizer, eu sei que...Não é só psicologicamente mas sei que chego no jogo não tão bem quanto devia” (Deco)</p>
Justiça	<p>- “...agora também se nós pesarmos que não vamos conseguir mudar e não vamos fazer nada...temos que fazer...mas a minha atitude é de revolta, de tentar ajudar, (...) e tentar ajudar de outra forma, acho que é isso” (Deco).</p> <p>- “...eu procuro sempre, quando posso, se tiver uma oportunidade, eu tento ajudar aquele que foi injustiçado...” (Washington).</p> <p>- “Eu achei injustiça, depois eu fui falar com ele e acabamos até discutindo, mas depois...ele pediu desculpas pra mim e eu também pedi desculpas pra ela; mas, eu no momento achei injustiça. Isso que aconteceu com o E.” (Paulo Turra).</p>
Modéstia e Humildade	<p>- “É muito complicado...vou dizer assim...pelo exemplo...que as pessoas falam pra mim, né? Humildade e perseverança” (Washington).</p> <p>- “Mas também como eu não sou e não fui um jogador de topo” (Paulo Turra).</p>
Sabedoria	<p>- “... para você superar a sua adversidade e...você precisa que na competição você se ganhe...você passe do seu limite: e pra você, na competição, passar do seu limite você tem que treinar, sem treino você não chega lá” (Washington)</p> <p>- “...eu acho que eu estou satisfeito com que eu aprendi com o futebol, que eu aprendi como ser humano”(Paulo Turra).</p> <p>- “ Ter sucesso é ter a técnica que poucos tem, saber aproveitar, ter capacidade e cabeça pra aproveitar ela e saber usufruir dela...e acima de tudo fora do campo ser...também tudo isso, ter uma técnica mas não uma técnica com os pés mas técnica” (Paulo Turra).</p>

ARETÊ TRANSCENDENTAL

Felicidade	<p><i>“Eu consigo ter mais êxito, nos anos em que estive melhor...tem tudo haver com a felicidade...a felicidade interna, sentir bem...as coisas vão muito melhores...Você consegue superar e fazer coisas que até que...não que você não imagine, mas sai com uma naturalidade fora do normal” (Deco)</i></p> <p><i>- “Absoluta felicidade...Geralmente quando acontece isso, numa partida tu ganha e numa época tu ganha o campeonato, ou tu consegue o teu objetivo, e acontece, claro que acontece, acho que pra todo mundo acontece...” (Paulo Turra)</i></p>
Prazer e Alegria	<p><i>- “Eu, na realidade, o futebol me encanta e...eu tenho prazer ainda no que faço” (Deco)</i></p> <p><i>- “Então, eu jogava com alegria, eu entrava em campo sorridente, com alegria e transmitia essa alegria para os meus companheiros e...assim, sucessivamente...meus companheiros também transmitiam alegria pra mim...” (Washington)</i></p>
Fé	<p><i>- “Acho que independente de fé de crenças você tem que ter fé, em alguma coisa tem que ter fé, eu tenho muita fé, tem que ter essa fé realmente, nos bons e nos maus momentos” (Paulo Turra)</i></p> <p><i>- “Eu tenho muita fé em Deus, sou católico...Ele já me provou muita coisa, já consegui muita coisa...perante a Deus” (Washington)</i></p> <p><i>- “... a fé não se resume em só ter fé em Deus é ter fé” (Deco)</i></p>
Ritual	<p><i>- “... a única coisa que tenho é sempre antes do jogo fazer uma oração...” (Deco)</i></p> <p><i>- “Eu uso ritual, sim... e eu costumo fazer sempre as mesmas coisas, durante os jogos, durante as partidas. Eu costumo sempre...” (Washington)</i></p> <p><i>- “Antes dos jogos eu rezo... Estou no quarto pra ir para o estádio, rezo. Chego no estádio, antes de aquecer, rezo. Volto do aquecimento, antes de entrar em campo, rezo. No intervalo, rezo. No final, rezo agradecendo...” (Paulo Turra)</i></p>
Sorte	<p><i>- “A equipe era média mas a sorte teve do nosso lado, a competência esteve conosco e... a união do trabalho...tudo dava certo pra gente. Primeiro jogo das finais nós ganhamos de 3x0, nós tivemos duas bolas na trave e...E dava tudo certo, nós sentíamos que dava tudo certo, tudo certo! É nesse momento...existem outros, mas o marcante foi esse...” (Paulo Turra)</i></p>
A Divindade na Prática	<p><i>- “...as coisas vão fluir” (Deco).</i></p> <p><i>- “...o divino te ajuda, as coisas te ajudam, as coisas fluem...a sempre melhorar...sempre você atingir o seu sucesso... com certeza, o divino te ajuda” (Washington).</i></p> <p><i>- “Eu tive um jogo espetacular, foi esse jogo mais marcante pra mim... Muito bem não cansei corri, corri, corri, pulei...ai você tem que está bem espiritualmente, fisicamente, tecnicamente, taticamente, tudo...” (Paulo Turra).</i></p>
Devoção	<p><i>- “...sempre antes do jogo fazer uma oração...para pedir proteção as pessoas que estão no estádio, para que nada de mal aconteça, uma coisa assim. Nunca pra ganhar um jogo...” (Deco).</i></p> <p><i>- “Eu sempre tenho uma medalhinha de N.S. das Graças...Rainha da Paz. Eu sempre uso essa medalha para jogar...” (Washington).</i></p> <p><i>- “Eu peço pra mim e para os meus colegas, para termos sucesso, principalmente, pra nem eu, nem os meus colegas e os adversários não saíam machucados...” (Paulo Turra).</i></p>

GRADE DE ANÁLISE DE CONTEÚDO (anexo 13)	
ATLETAS DE CATEGORIAS DE BASE	
ARETÊ PESSOAL	
Nobreza	<p>-“É um atleta que transmite a força a uma equipa...Nós olhamos pra ele e vemos que ele quer ganhar...Ele ajuda os outros a ter esse espírito” (TB1).</p> <p>-“Acho que um líder é sempre aquela pessoa em que uma pessoa se agarra mais, se junta mais porque sabe que ele consegue juntar o grupo, consegue juntar as pessoas em volta de um objetivo” (FP4).</p> <p>-“É sempre bom nós sentirmos...quanto mais formos melhores, melhor nos sentimos” (PO1).</p> <p>-“É o que eu tento fazer com todos os meus colegas da minha equipa é isso assim. Tentar fazer com que eles sejam melhores do que são. Ter vontade, ter força, ser honesto” (LO2).</p> <p>-“...porque seguimos aquilo que somos capazes e sabemos que temos que fazer ainda melhor” (CD3).</p> <p>-“Superando a dificuldade, penso que fico a conhecer de que sou capaz de fazer alguma coisa pra ser melhor...” (LF4).</p> <p>-“Sinto vontade de ganhar principalmente. De jogar e de fazer um bom jogo” (PJ3).</p> <p>-“É melhorar cada vez mais em termos futebolísticos e pessoais...ser cada vez melhor pessoa e ser cada vez melhor jogador” (ON1).</p> <p>-“...tenho que fazer bem e que tenho que sempre fazer aquilo melhor do que eu sei, tentar fazer muito melhor e ajudar a equipa a conseguir aquilo que quer” (VT2).</p> <p>-“...pra poder evoluir cada vez mais” (FH2).</p> <p>-“Eu acho que ele sempre tem que levar as coisas a sério...Se quer mesmo chegar ao cimo, (...) e tentar melhorar sempre mais e...há sempre aquele espaço pra brincar, mas...tem que levar as coisas a sério e tentar chegar o mais alto possível” (GJ3).</p> <p>-“Temos que ser superiores a isso...” (GJ3).</p> <p>-“...senti-me orgulhoso de mim próprio...” (OJ4).</p>
Vigor e Saúde	<p>-“Por outro lado sou grande...que é bom, nos dias de hoje é bom ser grande, sou...digamos que sou forte...” (TB1).</p> <p>-“Isso não é o meu caso, mas temos que ter cuidado com drogas e fumar...isso não pode ser pra jogar, pra praticar desporto...Eu tento ser muito cuidadoso com o meu corpo...” (TB1).</p> <p>-“Treino todos os dias, tenho uma vida regrada em termos de alimentação não abuso. Se vou comer certas coisas que me fazem mal, não como...Pra poder me manter bem” (GL2).</p> <p>-“...correr, abdominais...tudo que ele pede...também fico em forma e me sinto bem...” (LD3).</p> <p>-“Por exemplo, não beber álcool, não deitar tarde...ter uma vida condizente com o futebol” (FP4).</p> <p>-“Tenho a preocupação de comer bem, fazer exercícios...tenho, não sai pra noite, antes dos jogos (...) Não beber álcool, não fumar, essas coisas que podem fazer mal ao corpo, tentar que ele seja o mais saudável possível” (PO1).</p>

	<p>-“Responsabilidade...Tratá-lo bem, beber pouco bebida gaseificada, outras porcarias que fazem mal à saúde” (LO2).</p> <p>-“Tento sempre cuidar bem dele, porque...é ele que eu preciso pra jogar, pra minha vida desportiva, por isso tenho que ter os maiores cuidados. Principalmente a minha alimentação, higiene...nos treinos, condição física, tudo” (CD3).</p> <p>-“...acho que gosto de me sentir bem e gosto que as outras pessoas sintam bem ao estar ao meu lado. Gosto de ter boa aparência” (OH1).</p> <p>-“É das coisas mais importantes, no futebol, é o corpo...tem que estar sempre em boa forma para jogarmos bem; (...) alimentar-me sempre bem cuidar da mente e se tiver algum problema dizer ao posto médico” (PJ3).</p> <p>-“Uma boa alimentação; temos que tratar bem o nosso corpo...Para o desporto é essencial estarmos bem fisicamente...” (SR4).</p> <p>-“Sou muito cuidadoso com o meu corpo, acho que é fundamental. Praticando exercício físico, tendo uma boa higiene, dormindo o tempo suficiente...Consultando o médico. Hidratação também. Isso tudo pra que eu me sinta bem com meu corpo...” (ON1).</p> <p>-“Pra ter um bom porte físico...” (VT2).</p> <p>“Desenvolve-se o corpo...cresce melhor fisicamente...” (GJ4).</p> <p>-“Imenso. Tenho que ter cuidado: alimentar-me bem, fazer desporto que também faz falta para o organismo...e não meter em vícios e muitas coisas” (FH2).</p> <p>-“Eu alimento-me bem...Faço bastante exercício físico...Evito aquelas comidas mais...Eu tenho uma boa alimentação. É melhor pra mim, pra minha saúde e ajuda-me mais aqui no futebol” (GJ3).</p> <p>-“Temos que ter uma alimentação equilibrada, não exagerar nos doces” (OJ4).</p>
Mérito/Honra	<p>-“Gostaria de ser lembrado basicamente como uma pessoa honesta, trabalhadora... É claro que não vou dizer que gostaria de ser lembrado como um grande jogador...Eu gostava de ser lembrado como uma boa pessoa...” (TB1).</p> <p>-“...sempre como uma pessoa que nunca teve problemas, que andou aqui sempre tranquilo e como amigo” (GL2).</p> <p>-“Como um bom jogador e humilde...que dava tudo pelo clube mas acima de tudo humilde” (LD3).</p> <p>-“...ficar na memória das pessoas pelo sucesso que tive e pelas coisas que fiz de positivo” (FP4).</p> <p>-“Gostaria de ser lembrado pelas coisas boas que eu fiz, contribui...os momentos bons que eu contribui para o clube...” (PO1).</p> <p>-“Gostava de ser lembrado como um bom jogador, exemplar e acima de tudo gostava de sair em alta” (CD3).</p> <p>-“Gostaria de ser uma grande glória...; tipo Eusébio. Aquelas lembranças que lhe dão quando ele faz anos ... É a maior glória... ajudou o clube no tempo que esteve ativo ajudou o clube da melhor maneira possível...foi o melhor jogador de sempre do clube” (LF4).</p>

	<p>-“ ...acho gostava de ser lembrado por ter sido um bom jogador...” (OH1).</p> <p>-“<i>Não ser só bom jogador, também...ter...personalidade, falar com toda a gente...</i>” (CH2).</p> <p>-“<i>Gostaria de ser lembrado por ter sempre dado o seu melhor, que nunca desistiu...</i>” (PJ3).</p> <p>-“<i>Gostava de ser lembrado como um grande jogador. Como alguém que não se preocupava só como o futebol; preocupava-se com outras causas, como muitos jogadores fazem; campanhas contra a guerra, contra a ... A fama para ao mesmo tempo, estar a ajudar as pessoas</i>” (SR4).</p> <p>“<i>Gostava de ter uma carreira digna de...sem ter alguns percalços</i>” (ON1).</p> <p>-“<i>Gostaria de ser lembrado como aquele...aquela pessoa que sempre jogou pelo Braga com amor ao clube e que fez tudo pelo Braga</i>” (VT2).</p> <p>-“<i>A ser lembrado como um grande jogador, claro, como todos querem. Gostava de ser lembrado como uma pessoa humilde, uma pessoa humilde...e que acima de tudo, encarar o futebol como um modo de vida um...uma forma de estar na vida até</i>” (GV3).</p> <p>-“<i>Como se fosse um ídolo para as outras pessoas...um bom jogador e como boa pessoa</i>” (GJ4).</p> <p>-“<i>Tipo o Beckembauer foi um grande jogador, gostava de ser como ele. O Eusébio que toda a gente conhece, ou mesmo o Figo...ser como eles, respeitado e isso...é para orgulhar o nosso clube e a nossa família</i>” (OG1).</p> <p>-“<i>Como boa pessoa, um amigo e ter um bom relacionamento com as pessoas mais próximas...e ter uma boa imagem em todo o mundo</i>” (FH2).</p> <p>-“<i>Como um bom jogador, um dos melhores jogadores da história do clube, ou da história de um país..., não ser o único a desfrutar da sua riqueza, não só pra ele mas para outras pessoas. Como um bom homem</i>” (GJ3).</p> <p>-“<i>Gostava que toda a gente se lembrasse de mim, ter um quadro meu em casa e toda a gente nunca se esquecia</i>” (OJ4).</p>
Determinação e Disciplina	<p>-“<i>...trabalho sempre o máximo em todos os treinos, todos os dias...não se pode facilitar...facilitando uma vez, depois a pessoa vai facilitando ainda mais e...tem que se dar sempre o nosso o máximo</i>” (TB1).</p> <p>-“<i>...não pensar que já está tudo conquistado, tudo feito e cruzar os braços, estacionar o seu trabalho. Trabalhar todos os dias e tenta cada vez ser melhor</i>” (GL2).</p> <p>-“<i>Pra conseguir vencer, tanto os desafios pessoais como os desportivos, nós temos que ter muita força de vontade e pra ambas é preciso...</i>” (LD3).</p> <p>-“<i>...as coisas boas que nós conseguimos, somos nós que temos de lutar por elas, até por se fosse pelas outras pessoas não tinha tanta piada</i>” (PO1).</p>

	<p>-“O Braga tem é que ganhar...não pode perder tem sempre que ganhar, nosso objetivo é sempre ganhar” (CD3).</p> <p>-“...treino com muita determinação e ao fim, até aos gastos...Empenho, determinação e muita humildade” (LF4).</p> <p>-“...esforçar-se ao máximo nos treinos, faz aquele treino como se fosse um jogo e cada jogo como se fosse uma final, acho eu é assim que se deve...” (OH1).</p> <p>-“Diria pra se esforçar no máximo, nos treinos e nos jogos, e...num clube dar sempre o seu melhor” (PJ3).</p> <p>-“A fama tem que estar com os pés no chão, pensar que não há nada eterno...somos famosos hoje e temos que continuar a lutar...não podemos esperar que as coisas continuem assim a acontecer...Porque somos famosos e temos que continuar a provar isso...” (SR4).</p> <p>-“...só conseguimos vencer se tivermos mesmo uma vontade de vencer” (ON1).</p> <p>-“Nas camadas jovens teve um momento mal, mas depois...com a determinação de que queria jogar futebol, conseguiu ser alguém no futebol...” (VT2).</p> <p>-“...temos valor se vamos para dentro do campo é pra nos esforçar ao máximo” (FH2).</p> <p>-“Eu acho que nós nunca temos que perder a esperança temos que tentar sempre alcançar todos os objetivos, temos que lutar sempre, nunca podemos abaixar os braços...” (GJ3).</p>
Sucesso	<p>-“...uma instituição que nos acolhem e...tenta nos dar as melhores condições possíveis e ajudar pra que a gente tenha sucesso” (TB1).</p> <p>-“Se tiver valor...o valor dele começa a sobressair” (LD3).</p> <p>-“Acima de tudo o bem-estar, comigo próprio sentir-me realizado, naquilo que faço e naquilo que mais gosto de fazer...” (FP4).</p> <p>-“Se nós temos uma dificuldade...um adversário, por exemplo, se eu conseguir passar por ele, eu acredito em mim e, ao ultrapassar isso, sinto-me confiante, penso que já não é impossível, e então, por muito bom que ele seja...e vou sempre tentando e já passa facilmente, já ajuda acreditar em mim” (PO1).</p> <p>-“No seu dia-a-dia, nos treinos com a equipa, dar tudo nos treinos porque se não der tudo nos treinos também não vai ajudá-lo para o fim-de-semana” (CD3).</p> <p>-“O sucesso é que uma pessoa começa nas camadas jovens e..... ida para um clube maior europeu ou português... todos sonham com isso...poucos que podem conseguir...” (LF4).</p> <p>-“...se quiser ter sucesso, se quiser seguir...acho devem apoiar é...basta ajuda da família, ter fé, amigos, acho que isso tudo leva ao sucesso” (OH1).</p> <p>-“Attingir os melhores clubes...se até Portugal, representar a seleção, o seu país” (CH2).</p> <p>-“É o trabalho e a vontade de querer ter sucesso, de querer afirmar...” (ON1).</p> <p>-“Acho que fazer bem porque se querem ter algum sucesso nesse</p>

	<p><i>desporto...devem se aplicar naquilo que gostam” (VT2).</i></p> <p><i>-“Eu acho que o sucesso pode trazer um bônus à felicidade” (GV3).</i></p> <p><i>-“Foi quando ganhamos assim...algum torneio e somos campeões de alguma coisa, campeões, campeões do nosso campeonato” (GJ3).</i></p> <p><i>-“O sucesso é bom mas as vezes é um bocado exagerado” (OJ4).</i></p>
Superação	<p><i>-“Temos que ter noção das nossas limitações e das nossas capacidades mas...temos que tentar ultrapassar a nós mesmos sempre...temos que ser exigentes conosco próprios e eu tento ser sempre...Apesar das nossas limitações nós temos que querer sempre mais...fazer mais do que aquilo que se calhar pensamos que podemos. ... É pra isso que aqui estamos” (TB1).</i></p> <p><i>-“Pois, uma pessoa transcende e...há aqueles atletas que chegam no limite...chegam um certo ponto...e dizem: ah! Eu não sou capaz...e há aqueles, os bons, que chegam e dizem...transcendem, dão sempre mais um bocado do que aquilo que pensam que têm, vão buscar forças onde ninguém pensa que existe e são os melhores” (GL2).</i></p> <p><i>-“Acho que se nós acreditarmos em nós...e se conseguirmos mostrar a nós próprios que conseguimos e chegamos mais longe...acho que superamos a nós próprios e isso dá-nos mais força” (LD3).</i></p> <p><i>-“É aquele que sabendo...que...consegue superar-se a si próprio, não é? Consegue ir além das suas capacidades” (PO1).</i></p> <p><i>-“...porque o que mais gosto é de jogar futebol e tenho que superar tudo” (CD3).</i></p> <p><i>-“Dar o tudo por tudo, dar o litro...” (LF4).</i></p> <p><i>-“Acho que não há limites, o nosso corpo, acho que não há limites” (OH1).</i></p> <p><i>-“...estar sempre a ultrapassar isso” (CH2).</i></p> <p><i>-“Quando lutamos muito por alguma coisa e atingimos...é que uma pessoa aprende, que uma pessoa vê que nada, nada é impossível...nós podemos concretizar tudo...lutamos muito e esses momentos que estamos atingindo isso é...são os melhores momentos no desporto pra mim” (SR4).</i></p> <p><i>-“É também uma coisa importante porque muitas vezes nós não conseguimos jogar porque estamos chateados conosco próprios e temos que ultrapassar isso...” (ON1).</i></p> <p><i>-“Há limites que podem ser ultrapassados...” (GV3).</i></p> <p><i>-“No próximo jogo tento fazer sempre melhor...” (GJ4).</i></p> <p><i>-“Quando temos assim algum sentimento que estamos a ser prejudicados assim...temos que lutar para nos sentirmos melhor, cada vez mais” (FH2).</i></p> <p><i>-“...se nós conseguimos superar estes problemas, acho que, muito melhor pra nós, nós conseguimos ser superiores aos problemas que nos apareceram, ultrapassá-los” (GJ3).</i></p> <p><i>-“Dei o meu máximo. Acho que mostrei todos os meus dotes, toda a minha capacidade de jogar a bola e partir daí evolui muito. Moralizei-me nesse jogo e evolui muito” (OJ4).</i></p>

Trabalho	<p>-“...nós trabalhamos o ano todo e no final...conseguimos atingir esse objetivo” (TB1).</p> <p>-“Agora tornou-se mais uma missão profissional...” (GL2).</p> <p>-“Trabalhar mais para que no próximo jogo o rendimento seja bom...eu acredito no trabalho” (FP4).</p> <p>-“Acho que o meu trabalho foi perfeito...” (CD3).</p> <p>-“Sempre trabalhar durante a semana...” (CH2).</p> <p>-“Trabalhar, trabalhar muito mesmo... Como o Ronaldinho... luta, trabalhar muito, muito... e dedicar-se a alguma coisa para conseguir ser o melhor” (SR4).</p> <p>-“Acho que fundamental trabalharmos a sério mas também divertir-me um pouco com os colegas” (ON1).</p> <p>-“...é trabalhar a sério... Há sempre aquele espaço pra brincarmos com os colegas...” (GJ3).</p>
Valentia e Coragem	<p>-“Na desportiva ...e na vida pessoal também, é encará-la de frente, dá-lhe o máximo, (...) lutar com tudo que tenho pra resolver este problema” (PO1).</p> <p>-“...acreditamos que podemos ser sempre melhor e temos que fazer sempre melhor e conseguimos fazer sempre melhor, eu acho que isso é que é valentia” (PO1).</p> <p>-“Porque ficamos com mais confiança nos colegas que temos...mais confiantes mesmo” (LO2).</p> <p>-“...enfrento o problema... sendo honesto, falando a verdade ... então resolvo da melhor maneira” (LF4).</p> <p>-“Não há de ter medo de nada, acho que é sempre seguir em frente” (OH1).</p> <p>-“Sempre enfrentei as dificuldades, sempre em frente, não abaixar a cabeça e tentar sempre ultrapassar os momentos menos bons” (PJ3).</p> <p>-“Valentia temos que ter com nós próprios porque quando temos medo de alguma coisa...temos que lutar...ter valentia sempre até o fim...” (SR4).</p> <p>-“É assim, enfrentar. Não deixar pra trás quando posso fazer...fazer logo no momento. (...) não abaixarem os braços...” (GJ4).</p> <p>-“Se tivermos um caso difícil no desporto nós temos que arranjar uma solução para o combater...e passar por cima deles” (FH2).</p> <p>-“... foi sempre de cabeça erguida...” (GJ3).</p> <p>-“Essa expressão quer dizer se nós formos corajosos até nós conseguimos vencer, porque nós conseguimos superar o que nós não conseguimos superar antes” (OJ4).</p>
ARETÊ COLETIVA	
Amizade	<p>-“É apoiá-lo sempre quer nas boas situações, quer nas más situações, principalmente nas más...tentar apoiá-lo sempre. Pra mim ser um bom amigo é passar por várias situações com ele, quer boas quer más...” (TB1).</p>

	<p>-“Uma pessoa dentro de campo nem pensa com a bola nos pés, nem tem tempo pra distinguir se é o amigo ou se é o colega, porque dentro de campo todos somos amigos” (GL2).</p> <p>-“Um bom amigo é aquele que percebe que estou a fazer alguma coisa mal...tenta-me mostrar o lado melhor pra fazer as coisas. As vezes quero sair à noite e ele diz-me: “Não, não vai...tens jogo é jogador” (LD3).</p> <p>-“No futebol tem esse privilégio de se conviver todos os dias com um grupo de pessoas e, pronto... Dessa convivência diária vamos a fazer amizade que duram para o resto da vida...” (FP4).</p> <p>-“...o amigo é aquele que está ao nosso lado nos maus momentos tanto no futebol como na vida pessoal” (PO1).</p> <p>-“Pra mim um bom amigo, quando precisamos dele, ele está ao nosso lado” (LO2).</p> <p>-“Primeiro tem que ser fiel. Ser fiel nos momentos maus e nos bons, claro” (CD3).</p> <p>-“É estar sempre presente, nos bons e maus momentos e estar sempre pronto a ouvir, sempre pronto a ajudar, quer ele esteja com problemas... Eu gosto muito de ajudar os meus amigos principalmente” (OH1).</p> <p>-“É saber que podemos confiar nele e que ele confia em nós” (PJ3).</p> <p>-“Um amigo é amigo, seja pobre, seja rico, seja famoso ou não...tá lá...” (SR4).</p> <p>-“Penso que sim, aqui todos somos amigos...tratamos os amigos da melhor maneira. Penso que as amizades são feitas com relativa facilidade...” (ON1).</p> <p>-“Que é um companheiro de equipa e no fundo é um amigo, pode ser um amigo fora da equipa” (VT2).</p> <p>-“É apoiar é...falar, é rir, é ri todos juntos. É trabalhar junto, é viver junto, é enfrentar a vida juntos” (GV3).</p> <p>-“Se for no coletivo é jogarmos todos bem com um fim comum” OG1).</p> <p>-“A boa interação com os amigos...Faz bem a saúde, também e nos divertimos em jogar futebol” (FH2).</p> <p>-“Acho que um bom amigo tem que ser aquele em que nós confiamos...” (GJ3).</p>
Clube-pólis	<p>-“É na realidade fazer parte de um grupo, interagir socialmente...” (TB1).</p> <p>-“O espírito de grupo é importante numa equipa. Só uma equipa com grande espírito de grupo e união entre os...elementos pode ir longe. Se calhar cada qual puxar pra o seu lado e...pensar que...sobrepôr o individualismo ao coletivo, não dá” (GL2).</p> <p>-“Ai temos que estar todos unidos, ajudar uns aos outros. Tem que ter um espírito de entreaajuda muito grande...pra conseguirmos bons resultados” (LD3).</p> <p>-“...há um bom convívio entre todos e isso leva a ter um grupo unido e só unidos é que nós conseguimos sucesso no futebol e em tudo na vida” (FP4).</p>

-“O clube é aquilo que nos permite a nós concretizar um sonho e no qual nós temos que dar tudo por esse clube... Tem que haver muito respeito entre atleta/clube e clube/atleta” **(FP4)**.

-“O clube é uma segunda família, uma segunda alternativa... O clube é muito importante no que eu faço, cá dentro é claro mas lá fora também” **(PO1)**.

-“A nossa equipa também é uma família, tem que ser uma família pra superar também” **(CD3)**.

-“Está sendo conhecido em todo o mundo e em Portugal já está metendo muito respeito” **(LF4)**.

-“Ah! O clube pra mim...eu sou de cá, sempre gostei do clube, acho que é o meu clube do coração, em primeiro está o Braga. O que eu mais gosto no clube é, não sei é o prazer...gosto de ir ao estádio, vibro completamente com o Braga” **(OH1)**.

-“Dou o máximo...à camisola do Sporting Clube de Braga pra ganhar o jogo” **(CH2)**.

-“Tamos mais unidos e quando estamos mais unidos sempre é mais fácil...É mais fácil ganhar o jogo quando estivermos...do que quando estiverem alguns zangados uns com os outros” **(PJ3)**.

-“O clube representa tudo. Estamos a representar o clube, o que nós fizemos...estamos a representar o Braga... Se algum de nós fizemos uma má ação o Braga é que fica mal...Por isso temos que ser bons companheiros de equipa e bons jogadores para representarmos o clube. Fazemos parte de uma equipa é como uma família...” **(SR4)**.

-“...se houver, discussões, conflitos... uma equipa não pode ser considerada uma equipa...” **(SR4)**.

“...foi um clube que me ajudou a crescer e está a ajudar cada vez mais...é um clube bom para mim, é um clube que receberam bem, porque vim de outro clube...é um clube que sempre me deu apoio e é um clube que eu gosto muito” **(ON1)**.

-“O clube representa ter grandes colegas...e fazer que esse clube, por mim, tenha o maior sucesso. (...) quase todos da minha equipa estão a jogar por amor ao Braga” **(VT2)**.

-“União ...representamos...um conjunto de atletas a tentar singrar (vencer) na vida...representa...um modo de sobreviver de muitas pessoas, não é? Pessoas trabalham aqui. Representa muita coisa...é uma grande instituição o clube” **(GV3)**.

-“Nós temos sempre que defender o clube onde representamos, (...) esforçar mesmo pra orgulhar o clube...ter um jogador como nós” **(OG1)**.

-“Temos que pensar bem no clube que representamos. Quando vamos para dentro de campo temos que nos esforçar ao máximo...estamos a representar aquilo é porque temos valor...” **(FH2)**.

-“Eu sempre gostei do Braga é o meu clube desde de pequenino...eu acho que faço tudo por esse clube” **(GJ3)**.

-“Representa tudo, é o clube do meu coração. Acho que nunca vou mudar de clube, mesmo que vá pra outra equipa vou ser sempre do Braga. E é uma grande responsabilidade representar esse escudo no peito” **(OJ4)**.

<p>Tradição</p>	<p>-“Tenho muito respeito, mas se calhar pela camisola e...se calhar, sabendo as tradições e isso...teria a ajudar ainda mais...Se calhar, se eu soubesse o seu passado, suas tradições...” (TB1).</p> <p>-“Mas nunca falaram do seu historial. Podia ajudar, podia nos motivar a tentar ser...como eles foram...Se calhar podia nos ajudar e impulsionar pra tentar ser melhor...” (GL2).</p> <p>-“Aposta nas camadas jovens e acho que...de certa forma é o clube que me tem ensinado e espero me ensinar muito mais a jogar futebol e aprender muita coisa” (LD3).</p> <p>-“Conhecendo melhor o clube, claro que ajudava a ganhar mais crença pelo clube...identificar mais com o clube” (FP4).</p> <p>-“...quanto maior é o clube mais difícil é fazer parte da sua história, portanto se eu faço parte disso, faz me sentir bem também” (PO1).</p> <p>-“Se calhar ajudaria a ficar mais...mais confiante no clube que estou e...possivelmente ter mais força pra ir para o campo e tentar ir mais longe possível” (LO2).</p> <p>-“...acima de tudo nas camadas jovens o Braga está, quase sempre, nas partes finais e por isso o Braga, pra mim também é um grande clube” (CD3).</p> <p>-“Grandes feitos...antigos...estátua...” (LF4).</p> <p>-“Se pensamos no que o clube é...um grande clube...temos que dar o nosso melhor para seguir as tradições do clube...” (SR4).</p> <p>-“...esse clube é um clube que sempre foi bom na formação...” (ON1).</p> <p>-“Penso que estou a ajudar para o desenvolvimento do clube e isso me deixa muito feliz...por fazer parte desse clube, desse grande clube Braga” (VT2).</p> <p>-“Foi uma vez a Taça Portugal...foi a UEFA, nunca conseguiu chegar a Liga dos Campeões” (GJ3).</p>
<p>Cooperação</p>	<p>-“Essencialmente, trabalhar pra equipa, trabalham muito pra equipa e, depois tem as suas qualidades...” (TB1).</p> <p>-“Um atleta capaz de criar um bom espírito de grupo e...laços de amizade e de confiança, entreajudam entre a equipa” (GL2).</p> <p>-“Dentro do campo...ajudávamos todos, com alegria, éramos todos amigos uns dos outros, não ia passar a bola aquele...era igual, um ambiente bom” (LD3).</p> <p>-“...se eles jogarem melhor, nós também vamos jogar melhor” (PO1).</p> <p>-“Quando o balneário está todo unido, sem dúvida, nos jogos ao fim de semana a equipa sente-se mais forte para alcançar a vitória” (CD3).</p> <p>-“Dando apoio a sua equipa...a equipa sobe de moral e muitas vezes faz coisas que nem pensavam que fossem capazes de fazer. O que sabemos também podemos ensinar aos próximos, aos outros...” (LF4).</p> <p>-“Incentivo-o, ajudo-o, me preocupo em dizer: erraste agora mas daqui um bocadinho, na outra bola já vais conseguir passar, marcar</p>

	<p>golos e não se preocupar” (OH1).</p> <p>-“Somos todos uma equipa onde...queremos ganhar e ajudar uns aos outros” (CH2).</p> <p>-“É que nos demos bem dentro do campo e puxamos todos para o mesmo lado” (PJ3).</p> <p>-“Todos têm que ajudar uns com os outros como uma família” (SR4).</p> <p>-“Quando entramos todos dentro de campo tentamos ajudar uns aos outros...” (ON1).</p> <p>-“Se tivermos a confiança dos amigos e...da equipa...pode se integrar mais fácil e fazer melhores exibições com a ajuda deles...se tiver o apoio deles” (VT2).</p> <p>-“...têm que fazer com que as pessoas sintam-se motivadas pra jogar...que sintam...sintam fortes e mais fortes até do que realmente são...” (GV3).</p> <p>-“A equipa tem que estar sempre unida pra jogarmos...ganhamos se jogamos unidos...” (GJ4).</p> <p>-“Se tivermos todos juntos, sim há facilidade pra confiarmos uns nos outros...e jogarmos bem” (OG1).</p> <p>-“Como falamos a bocado, eu acho que o espírito de grupo tem que ser sempre forte e apoiarmos sempre uns aos outros” (FH2)</p> <p>-“É o espírito de entreaajuda...Quando nos momentos difíceis apoiar sempre... não só evolui ele como evolui os colegas...” (OJ4).</p>
Solidariedade	<p>-“Pelo contrário...ajudá-los e apoiá-los, principalmente os que mais precisam...quando eles falham e tento sempre apoiá-los...nunca tento deitá-los abaixo, sinceramente faço um esforço pra isso” (TB1).</p> <p>-“No final do jogo cumprimento todos, desejo boa sorte e...Não posso fazer muito mais...” (TB1).</p> <p>-“Dou os parabéns na mesma mas, uma pessoa fica...que ganhe sempre mas é os outros jogos” (GL2).</p> <p>-“Ao fim do jogo costumo cumprimentá-los e desejar felicidades” (LD3).</p> <p>-“...quando ele erra, ele próprio não queria errar, e se errou aconteceu e tento dar moral pra ele se sentir bem com ele mesmo e pra próxima jogada...não correr mal, para ele entrar com mais confiança na próxima jogada” (LD3).</p> <p>-“O fato que estamos constantemente a ser solidários. Acho que a solidariedade no desporto, permite-nos...não só na vida pessoal” (FP4).</p> <p>-“Também ajudá-los a levantar a moral, não é? Incentivar, não deixar a equipa ir abaixo, e eu não me deixar ir abaixo também, não é?” (PO1).</p> <p>-“Normalmente costumo...dar os parabéns aos jogadores, pelo esforço que eles tiveram e...desejar felicidades” (LO2).</p> <p>-“Cumprimento-os ao fim do jogo...não gosto de estar mal com ninguém e no fim do jogo, desportivamente cumprimento os meus adversários” (CD3).</p>

-“Cumprimento-os...digo que fizeram um bom jogo e felicidades para próxima” (LF4).

-“A dar apoio a esse amigo nos bons e maus momentos...Ajudando-o a resolver um problema...Dizendo qual a melhor maneira ou ficando ao lado dele...” (LF4).

-“Normalmente, no fim do jogo, cumprimento todos os adversários, cumprimento toda a gente, caso tenha havido discussões ou não, acho que no fim é assim...” (OH1).

-“...ele estava a jogar conosco, estávamos num torneio e durante o torneio recebeu a mensagem de que o pai havia falecido...isso aí ficou muito e...todos ficamos abatidos e...fomos para o jogo tristes mesmos, assim interior. Triste por nós e triste por ele...foi mesmo assim, acho que foi o pior” (OH1).

-“Cumprimentar e desejar as felicidades para o campeonato. As vezes há picardias mas depois passa, no final resolvemos tudo” (CH2).

-“Cumprimento-os e...felicidades pra próxima sair melhor” (PJ3).

-“Faço sempre o mesmo, que a equipa ganhe ou perca...cumprimento os jogadores... Há sempre aquela competição, temos que ganhar mas no final do jogo somos todos amigos” (SR4).

-“Nós nunca podemos deitar a baixo um colega...se não ainda fazes ficar pior...se um colega falha, temos que dar mais apoio pra melhorar...” (SR4).

-“Eu comecei a falar muito mais com ele e...chamá-lo pra ir à minha casa e íamos sair, íamos fazer alguma coisa, pra ele não pensar nisso...que ele esperasse...” (SR4).

-“Cumprimento-lhes e desejo felicidades para o futuro” (ON1).

-“Ao fim do jogo cumprimenta-se é claro, felicidades pra os jogos” (VT2).

-“É uma pessoa que nos felicita quando erramos e quando...cumprimos bem o nosso trabalho. Uma pessoa que nós estejamos a jogar bem ou mal...nos favorece sempre, que sempre defendemos e quer o melhor pra nós” (GV3).

-“Ter boa sorte...pra eles também não ficarem...tristes...dá-se um ânimo” (GJ4).

-“No fim do jogo vou cumprimentá-los, respeito. Só se um jogador pegar comigo durante o jogo... Mas no fim faço sempre as pazes, cumprimento e pra próxima vai haver mais, a brincar com ele. Ficamos sempre amigos” (OG1).

-“Continuo com o mesmo respeito...a equipa adversária e...no fim do jogo, cumprimento-os de forma simpática e desejo-lhes boa sorte pra o resto do campeonato” (FH2).

-“Eu respeito sempre os meus adversários, nunca troço, nunca...respeitar sempre o adversário é sempre bom pra nós... sabe sempre bem ganhar” (GJ3).

-“Claro que vou cumprimentá-los no fim do jogo, vou cumprimentar o adversário que...é fair play isso...acho que deve ser feito. Nunca gozo com eles porque...porque se fosse eu a perder não gostava que gozasse comigo” (OJ4).

-“Mas eu acho que não deve pensar só em ti também na evolução

	<i>dos outros” (OJ4).</i>
EDUCARE(TÊ)	
O Exemplo	<p><i>-“Posso dizer, neste momento o Ricardo Carvalho, do Chelsea...pra mim, penso que é um exemplo...Um atleta que de fato é um grande ídolo é o meu pai. Posso falar do meu pai que psicologicamente ele é muito forte. Ele dentro de campo é o líder da equipa...é o que eu gostava de ser, sinceramente. Gosto na equipa dele do John Terry...vejo que ele é...de fato, é o líder e ele é que manda e...transmite o espírito e rege bem a equipa toda. É uma pessoa comedida, não é exagerado...joga o seu jogo e deixa...faz o dele. Nunca vi o Figo refilar com outro colega, ...” (TB1).</i></p> <p><i>-“O Figo. A sua coerência, a sua vida...na vida pessoal e na vida futebolística” (GL2).</i></p> <p><i>-“Ronaldinho Gaúcho. A vontade com que ele joga a bola. Joga a bola é muito contente, ri...sai-lhe tudo bem, as fintas que ele faz...” (LD3).</i></p> <p><i>-“Figo, tanto dentro do campo como fora do campo... Dentro de campo é as qualidades dele... (...). Joga para a equipa, mas a nível individual também é muito bom (...). Como ele está fora do campo, a presença dele... O fato de usar a sua imagem...uma imagem conhecida por todo o mundo. Para ajudar crianças (...) pra todos” (FP4).</i></p> <p>O Quaresma.</p> <p><i>-“A sua capacidade de fintar em velocidade...e depois...melhor é finalizar” (PO1).</i></p> <p><i>-“Há sim, o Rui Costa. A forma dele jogar...Honesto, humilde...” (LO2).</i></p> <p><i>-“O Eusébio foi um grande jogador antes de eu ter nascido. Eu não era do tempo dele, mas já vi jogos dele...fantásticos, mesmo fantásticos e como pessoa também é fantástico, uma pessoa simples” (CD3).</i></p> <p><i>-“Nuno Gomes... Honestidade... A maneira como ele leva o futebol como uma coisa normal na vida. Não se enerva...faz o seu papel... (...) ao grupo” (LF4).</i></p> <p><i>-“Pra mim é o Ronaldinho, o gaúcho. É a forma dele jogar, está sempre a sorrir, por mais que o jogo corra mal ele está sempre a sorrir, por mais que ele esteja em desacordo com o arbitro, está sempre a sorrir, não é jogador que resmungo, não é um jogador que tem maldade entre aspas...acho que joga com felicidade e gosta de jogar e por isso mostra no físico dele, na cara dele, mostra que gosta de jogar futebol” (OH1).</i></p> <p><i>-“O Figo. Quando vai para uma entrevista ele sabe o que dizer, ...assim admiro muito no Figo...e depois as suas qualidades técnicas. A sua personalidade no mundo do futebol. Sei que tenta ajudar os jovens...É uma fundação que os bens é pra ajudar; caridades” (CH2).</i></p> <p><i>-“Pra mim, ... é o João Moutinho. Joguei no Sporting; dois anos e tive muito tempo com ele. O que mais aprecio nele é a humildade. É</i></p>

	<p><i>uma pessoa normal, fala conosco...bem como eu. Aprecio o esforço dele, esforça-se no campo, tenta fazer sempre o melhor dele”</i></p> <p><i>-“É o Ronaldinho Gaúcho. Acho que é jeito como ele joga futebol. Pode sofrer faltas, está sempre a rir...acho que muitos jogadores jogam por dinheiro...ele joga mesmo por amor ao desporto. Porque além dele ser o maior jogador do mundo, já participou em campanhas e em ações...Tudo que os jogadores fazem é um exemplo (...), e o Ronaldinho é, pra mim, acho que é um grande exemplo...”</i> (SR4).</p> <p><i>-“Talvez o Figo, pela sua maneira de... Acho que é um exemplo pra todos os jogadores porque...através do mérito que ele teve, que ele conquistou...é um excelente jogador, é um dos melhores jogadores do mundo e não se envaideceu”</i> (ON1).</p> <p><i>-“Sim, O Lampard e o Figo. A maneira deles jogarem e mantêm sempre o...a mesma...tipo aqueles jogadores que...depois de serem famosos mudam logo o penteado e fazer aquilo...Eles não. Eles sempre foram profissionais, sempre a jogar futebol...sempre da mesma forma de quando começaram...Não se queriam armar só porque têm dinheiro e jogar futebol, como alguns”</i> (VT2).</p> <p><i>-“O Manuel Fernandes do Benfica. A simplicidade dele...a inteligência dele...a maneira como ele fala, a vontade dele...é a maneira dele jogar também claro, é um grande jogador...é isso”</i> (GV3).</p> <p><i>-“Cristiano Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho. São jogadores rápidos... O Ronaldinho gosto das fintas que ele faz...é bonito vê-lo jogar, gosto de ver jogar. (...) Cristiano Ronaldo que...quando era mais novo ajudou um colega a ficar no Sporting. O Sporting não ia lhe dar casa nem nada...ele ajudou...ficou no quarto dele. Achei uma atitude bonita”</i> (GJ4).</p> <p><i>-“Gosto do Cristiano Ronaldo, do Ronaldinho (gaúcho) e também gosto muito do Quaresma e do Lucho Gonzales. A maneira como eles jogam. O Ronaldinho, o Cristiano Ronaldo e o Quaresma, gosto...acariciam a bola, dá gozo ver. O Lucho é com passividade ele faz o jogo todo um espetáculo”</i> (OG1).</p> <p><i>-“O Figo e o Deco. A forma de jogar a sua técnica...a forma como eles encaram o jogo...e sua atitude dentro de campo, dão tudo pelo seu clube e já mostraram isso. Acho que são bons profissionais, pelo menos pelas entrevistas que ouço deles e pelo que leio, penso que são sinceros e bons desportistas”</i> (FH2).</p> <p><i>-“Adriano. Do Inter de Milão.É a forma de jogar e como é da minha posição...é sempre uma referência pra mim”</i> (GJ3).</p> <p><i>-“O Ronaldinho. Ronaldinho do Brasil. Do Barcelona. A sua técnica...a sua forma de jogar, assim...muito a vontade, ele não tem medo de transportar a bola, muito rápido...ele cabeceia bem, ele tem tudo; de bom jogador ele tem tudo, acho que não lhe falta nada, mesmo”</i> (OJ4).</p>
Limites e Oportunidades	<p><i>-“Quando nós ultrapassamos as nossas dificuldades nós...nos conhecemos melhor...claro. Nós se calhar pensamos que temos uma</i></p>

certa limitação e se conseguimos ultrapassar, pronto, descobrimos algo novo em nós. ...nós se calhar criamos algumas limitações em nossa cabeça...e quando conseguimos...é muito bom, ficamos a conhecermo-nos melhor...” (TB1).

–“O objetivo é atingir o objetivo...se não feito por nós, se não sair do nosso trabalho e do nosso esforço não tem qualquer significado” (GL2).

–“Por muito bem que eu jogue, acho que posso sempre fazer melhor...acho que nenhum jogo é perfeito” (LD3).

–“Há alguns que gostavam de ser jogadores de futebol, mas não tinham possibilidade pra ser, os pais não apoiavam, não lhe davam as facilidades que alguns de nós já temos agora; (...) gostavam de estar aqui no Braga mas, não conseguem...” (LO2).

–“Quando perdemos e sei que jogamos bem, sinto-me completamente frustrado e se perdemos e não jogamos tão bem, temos que admitir a derrota e trabalhar durante a semana pra vencer o próximo jogo” (CD3).

–“...quando acerta com alguma coisa, acho que se deve dar valor a isso, e quando erra dá-se valor na mesma, é negativo mas tem-se que se dar valor porque ele tentou fazer, não é abaixar os braços, ele tenta fazer, não consegue é outra coisa...pelo menos esforçou-se para fazer” (OH1).

–“É sempre bom fazer um golo, mas a equipa ganhar e eu não marcar é melhor. Prefiro que a equipa ganhe e eu não marque do que eu marcar e a equipa...” (CH2).

–“O que toda a gente fala e é verdade é não deixar a fama subir à cabeça. Continuar a ter humildade... grandes promessas e devido a fama...há casos que metem-se na droga, no álcool e coisa assim e acaba-se a carreira mais cedo” (SR4).

–“A competição também é importante porque...competimos com alguém que (quer) sempre vencer, acho que isso é normal e ajuda-nos a desenvolver capacidades ganhadoras ...” (ON1).

–“...a parte de dificuldades foi na escola. Minha diretora de turma quando eu me portava mal, telefonava ao mister e ele... castigava-me... e eu tenho a melhorar o meu comportamento. O mister pôs-me fora do jogo. Melhorei o comportamento pra não ser castigado” (OG1).

–“Há momentos, há dificuldades que não são fáceis de ultrapassar...Quando nós vencemos uma barreira, sentimo-nos bem, sentimo-nos contente com nós próprios, e assim começamos a nos conhecermos melhor, sabemos que temos qualidade para vencer outras barreiras” (FH2).

–“Os momentos mais difíceis é que mostram a mim o quanto é que eu sou capaz de explorar. O quanto eu sou capaz de chegar a um patamar” (GJ3).

–“Quando nós queremos uma coisa e se fizermos tudo por ela...acho que acabamos por ter a vitória. ...se for no lado desportivo, se perdermos e dermos tudo...acho que também é uma vitória pra nós, porque nós sabemos que demos tudo, mas...também por causa do desporto isso é uma derrota, mas em nós fica a vitória, porque nós

	<p><i>fizemos de tudo e tentamos (...) e pra nossa evolução também” (OJ4).</i></p>
<p>Conselho e Aprendizagem</p>	<p>-“<i>Meu pai ajuda muito, ele é jogador. Ele ajudou mesmo, deu-me conselhos e foi por causa do meu pai que eu estou assim, estar aqui e ultrapassar as dificuldades e com isso aprendi também, tentar resolver sozinho os meus problemas” (TB1).</i></p> <p>-“<i>O meu pai foi jogador de futebol profissional, então tem muita experiência nisso e sempre me aconselhou. Se calhar as vezes não da melhor maneira...mas me aconselhou.</i></p> <p><i>A força, ao sacrifício e ao espírito de sacrifício. O meu pai era ao contrário de mim. Dentro de campo era uma pessoa muito esforçada...sou, mas o meu pai era muito mais...as vezes digo-lhe: não consigo estou cansado e ele diz-me...tens de ir...e ele também era consigo...sempre uma pessoa consegue mais do que pensa que consegue, pode ir sempre mais além um pouco” (GL2).</i></p> <p>-“<i>O meu pai ao fim do jogo diz-me sempre o que eu falhei e o que não falhei e isso entra-me e eu venho para os treinos, tento corrigir nos treinos, de maneira que chega ao jogo e consiga fazer bem o que fiz mal no jogo anterior” (LD3).</i></p> <p>-“<i>Tentar corrigir o mal que fiz, ou seja, trabalhar e...para as coisas ficarem melhor...mas acima de tudo tentar ouvir a opinião de outras pessoas...” (FP4).</i></p> <p>-“<i>Tenho o meu irmão mais velho que sempre me deu conselhos...pra tudo que eu ia fazer, pra jogos, pra tudo...Sinto-me bem, sei que ele quer o melhor pra mim e dá-me mais força e mais vontade” (LO2).</i></p> <p>-“<i>Nos meus pais. Confio na minha família e em muitas pessoas aqui do Braga” (LF4).</i></p> <p>-“<i>Ouvir sempre coisas de jogadores que já passaram, como o mister Carlos Batista, que foi meu treinador e jogou...no Porto, no Braga. Ouvir conselhos desses, dessa gente...é sempre bem-vindo. ...ouvir sempre os conselhos dos mais velhos” (CH2).</i></p> <p>-“<i>Sim aconselhou. A jogar sempre o meu melhor, pra nunca deixar os estudos pra traz...” (PJ3).</i></p> <p>-“<i>...dá-lhe conselhos para o que é melhor” (VT2).</i></p> <p>-“<i>Pode pedir conselhos aos mais velhos aqui e todos ajudavam de certeza. Os pais podem dar apoio moral pra ele sentir bem...” (OG1).</i></p> <p>-“<i>...os treinadores dizem, para nós fazermos e tento fazer o que eles dizem” (FH2).</i></p> <p>-“<i>Eu diria pra ele seguir o que pensa melhor e o que o coração manda” (FH2).</i></p>
<p>Valores do Desporto</p>	<p>-“<i>Nós no desporto sentimos tudo, sentimos as vitórias, sentimos as derrotas...tentamos superar obstáculos é...lesões, treinador não te põe a jogar, ou seja, nós vivemos e sentimos todos os sentimentos e...é tal como na vida, na vida também...Penso que de certa forma o desporto prepara-nos pra vida também” (TB1).</i></p>

-“Primeiro é aprender a relacionar-se com os outros, aprender a viver em grupo. Respeitar o grupo e os elementos do grupo e depois na prática desportiva aprende-se a aperfeiçoar as técnicas a nível do futebol...e a jogar melhor e a ser melhor” (GL2).

-“Divertir-me, abstrair de tudo que passa no dia a dia, mas...saúde também e...gostar daquilo que faz. Respeitar toda a gente...Ser pontual, nós aqui cumprimos horário e lá fora tento cumprir também, já estou habituado... Se nós no desporto...Respeitamos toda a gente, sabemos ouvir este e aquele, na vida pessoal também o fazemos e a maneira de pensarmos no desporto também transmitimos pra vida pessoal” (LD3).

-“Eu penso pra mim e vejo atitudes que certas pessoas têm...que não sabem viver em grupo, não sabem ter uma conversa, não sabem...não respeitam os outros, a opinião deles é que conta e não conseguem ouvir os outros e eu acho que aqui...no desporto, convivemos muito...tentamos ouvir toda a gente e...compreender as atitudes das pessoas e acho que na vida pessoal ajuda imenso” (LD3).

-“...o desporto nos ensina a viver da forma mais correta possível. Quando uma pessoa está ocupada com o desporto...a cabeça dele...está muito virada para este desporto e...há coisas que neste caso devo falar de drogas e tudo que uma pessoa não liga não...” (FP4).

-“É sempre situações novas que nós encontramos, são diferentes das outras do dia a dia. O desporto ensina-nos de tudo na nossa vida, ensina muita coisa e é muito importante pra nós, eu não sei é como explicar mas...ensina” (PO1).

-“Fazer amigos...bons amigos. Tentar ser humilde, honesto, força de vontade e mais coisas, a crescer como homens” (LO2).

-“Aprende-se muita coisa no dia-a-dia. Estamos sempre a aprender coisas com os treinadores, são eles que...pronto que nos ensinam” (CD3).

-“Respeitar os outros... empenho para melhorar cada vez mais. Traz mais conhecimentos futebolísticos...respeitar tanto a arbitragem como os adversários...e os adeptos” (LF4).

-“Todas novas coisas que sabemos é ...conseguimos libertar, conseguimos inspirar pra fazer certas coisas, até pra fazer uma mera finta, uma pessoa tem que sentir bem, tem que se inspirar pra conseguir driblar o adversário. ...é conseguir estar completamente fora dos problemas que estão fora e...concentrar-se no momento e esquecer todos os problemas que andam a volta aí” (OH1).

-“Porque aprendemos sempre coisas novas com o desporto e uma coisa que fascina qualquer pessoa, não só o futebol mas todas modalidades. Ah! E a conhecer melhor as pessoas...” (CH2).

-“Ensina sempre a viver o desporto. Aprendemos a conviver principalmente, a perder, a ganhar, empatar... Sim, ajuda-nos sempre encarar as coisas boas e as coisas más da mesma maneira e seguir em frente na vida” (PJ3).

-“Uma campanha contra a guerra. Na palestina e Israel, acho muito positivo...juntarem dois países que estão em guerra e juntar-se por

	<p><i>causa do futebol. Ganhamos valores no desporto que nos ajuda na vida. A união, a família, entendermos...isso pra vida também ajuda não é só para o futebol. Não é só para o futebol que temos que estar unidos, que temos que dar tudo” (SR4).</i></p> <p><i>-“...na prática desportiva aprendemos a ser alguém no futuro, por exemplo: enquanto andamos aqui, não andamos pra outras coisas que podem ser prejudiciais pra nós; estamos ocupados...nenhum desportista deste género tem tempo... Como por exemplo: drogas, etc...vícios prejudicantes...o futebol ajuda-nos a crescer como homem, (...) ajuda-nos a ser melhores pessoas e...Porque convivemos com os nossos colegas...ajuda-nos a ser mais extrovertido...ajuda-nos ser mais sociáveis...encarar e conhecer melhor a sociedade, etc” (ON1).</i></p> <p><i>-“Respeitar as pessoas mais velhas aqui do Braga. Respeitar sempre o adversário e ter amor ao clube...” (VT2).</i></p> <p><i>-“E também a amizade que se faz, ...noção das regras, a disciplina que nós apanhamos aqui também... Costuma ser uma disciplina rígida ...é essencialmente isso. É a parceria é...compreensão uns com os outros é...é união também, mas há uma palavra que me está a faltar...coordenação, não sei...Entreajuda, percebe?” (GV3).</i></p> <p><i>-“É...ter respeito pelos adversários...a não criticar... (...) é ter respeito pelas pessoas. É uma parte importante da minha vida. Sem o futebol eu já não era nenhuma pessoa” (GJ4).</i></p> <p><i>-“...o desporto faz bem porque nós, quando a praticar o desporto nos abstraímos de todas as outras coisas, pelo menos eu e gosto de me sentir bem. A socializar, fazer amizades. Agora na nossa idade eu acho que é mais a responsabilidade...”(OG1).</i></p> <p><i>-“Porque o desporto em si não ensina só a praticar...a praticar, por exemplo: no futebol, não ensina só futebol...ensina-nos muitas coisas diferentes, por exemplo: sermos homens para o futuro, a ter mais respeito pelos outros, além da própria humildade...” (FH2).</i></p> <p><i>-“Eu pratico futebol (...) e, também, porque acho que é uma grande lição de vida, nos ajuda a desenvolver...” (GJ3).</i></p> <p><i>-“Porque o desporto tem muito fair play e as vezes dá-nos educação. Ensina-nos a viver porque há maus momentos e bons momentos e na vida também há maus momentos e bons momentos” (OJ4).</i></p>
ARETÊ SABEDORIA	
Sensatez	<p><i>-“Desde muito tempo que me ensinaram...que quando uma pessoa falha e a gente ainda começa a resmungar com ele...só...piora. Todos nós falhamos...” (TB1).</i></p> <p><i>-“Sempre que jogar que jogue tranquilo...aquilo que sabe sem se preocupar com o que está de fora...que jogue o que sabe, que jogue o futebol dele, sempre tranquilo” (GL2).</i></p> <p><i>-“...por exemplo na escola: Não podemos deixar pra trás, não é? Porque...só virmos um caminho e só vemos um...isso acaba sempre dar mal, nós temos que ter duas opções, se uma falhar, uma está a compensar...” (PO1).</i></p> <p><i>-“...levantar a cabeça que o futebol continua, tem mais jogos”</i></p>

	<p>(LO2).</p> <p>-“...porque não sou pessoa de me chatear com ninguém, porque...ando sempre bem com todos” (CD3).</p> <p>-“Quando jogo mal, tento...aceito...jogou mal e, também, consigo ver isso, as vezes sei quando estou mal e quando estou bem” (OH1).</p> <p>-“Penso o que fiz mal no jogo e o que é que fiz bem e depois o que fiz mal, tentar melhorar durante os treinos e jogos também...” (PJ3).</p> <p>-“Nunca tive grandes conflitos mas... tentar entender-me ou com instituição, ou com o clube ou com quem me desentendesse aqui...” (SR4).</p> <p>-“A riqueza pode ser usada...se for bem usada pode proporcionar uma vida melhor, (...) mas se também for mal usada pode criar vícios, ...” (ON1).</p> <p>-“Se perder, como já disse, é levantar a cabeça e pensar no próximo jogo, porque aquele já passou, é passado” (VT2).</p> <p>-“Eu sei quando faço mal, ao menos as vezes tenho a percepção que fiz mal e tento melhorar...” (OG1).</p> <p>-“Primeiro de tudo seguir os estudos, porque o futebol não é certo que será profissional...”. (FH2).</p> <p>-“...frequentar a escola porque se não tiver muito sucesso no futebol...” (OJ4).</p>
Perseverança	<p>-“Tem que...os seus objetivos e trabalhar muito até os alcançar e nada o pode perturbar” (TB1).</p> <p>-“...sempre o primeiro a tudo, nem que seja a correr, a jogar, sempre primeiro a tudo e...Pra que nunca desista se alguma coisa correr mal” (LD3).</p> <p>-“...nunca ir a baixo, nunca desanimar. ...nunca perder as esperanças” (FP4).</p> <p>-“Mas sempre tento lutar por isso” (PO1).</p> <p>-“...tanto nos treinos como nos jogos tem que se esforçar, aceitar a opinião do treinador, estar sempre a aprender mais...” (LF4).</p> <p>-“Tento nunca desistir das coisas que realmente quero, dando sempre o meu melhor” (PJ3).</p> <p>-“...foi dispensado...ele sempre lutou porque gostava do futebol e sempre conseguiu seus objetivos (...)” (VT2).</p> <p>-“Que se esforce, que se esforce, que para ser um jogador de futebol não depende de mais ninguém a não ser dele” (OG1).</p> <p>-“Lutar até o fim e tentar atingir os objetivos” (FH2).</p> <p>-“Acho que é a luta sempre...nunca abaixar os braços...é nunca desistir. Quando encontrarmos uma dificuldade, abaixar logo os braços, não. Tentar ser superiores a elas ...” (GJ3).</p> <p>-“...treinar muito, não faltar aos treinos e...aplicar-se muito, dar o máximo...e treinar nas horas extras...” (OJ4).</p>
Moderação e Prudência	<p>-“Assim, de fato, o futebol é uma boa parte da minha vida, eu adoro fazê-lo...mas eu tenho a percepção que o futebol não é tudo...e mesmo que eu consiga ter uma boa carreira...o futebol há de acabar</p>

	<p><i>um dia, pelo menos como jogador, se quero realmente ser jogador...tenho que ter alguma coisa pra fazer na vida pra além do futebol, apesar de eu adorar futebol” (TB1).</i></p> <p><i>-“Pra mim, eu desde cedo estudei...pra jogar o futebol tenho que manter as coisas em paralelo. Bem as duas...tenta conciliar as duas...é o que lhe diria pra nunca deixar os estudos pra trás...” (GL2).</i></p> <p><i>-“Sinto que tenho que cuidar, não posso cair em exageros...” (PO1).</i></p> <p><i>-“Tento superá-las com calma e tentar fazer o melhor possível...” (LO2).</i></p> <p><i>-“...nunca deixar os estudos, que isso é muito importante” (CH2).</i></p> <p><i>-“...não deixar os estudos pra trás” (PJ3).</i></p> <p><i>-“Faço só o treino que posso, não tento fazer sempre mais que...eu posso fazer, porque senão posso ter uma lesão...” (GJ4).</i></p> <p><i>-“Temos que estar atentos... Não podemos pensar que há futuro garantido, estou a jogar aqui e já tenho uma carreira pela frente...porque não é assim...muitos poucos chegam e tenho que pensar na minha vida fora do futebol. (...). Quero tirar um curso na universidade e formar-me” (SR4).</i></p> <p><i>-“...com calma, resolvendo tudo da maneira a medida em que as coisas vão surgindo” (ON1).</i></p> <p><i>-“Fazer só o que ele pode e não exagerar...” (VT2).</i></p> <p><i>-“Não abusar...puxar por ele mas sem passar certos limites não é?” (GV3).</i></p> <p><i>-“...não faço assim...coisas malucas que possam aleijar e por em risco por causa da minha carreira” (OG1).</i></p> <p><i>-“Da melhor forma possível, tentando arranjar uma fórmula sem...firmar conclusões, esforçando-me para evitar confusões” (FH2).</i></p> <p><i>-“Eu acho que primeiro está os estudos, ele tem que estudar primeiro, depois aí está o futebol...” (GJ3).</i></p> <p><i>-“No caso das lesões, não dever...forçar as lesões, quando temos uma lesão devemos ir ao posto médico” (OJ4).</i></p>
Justiça	<p><i>-“O treinador põe o jogador a jogar ou não, eu não posso fazer nada. Agora na vida é outra coisa. Na vida, de fato, também há muitas injustiças. Se alguém for acusado injustamente...se eu souber que ele está injustamente sendo acusado...posso dizer...depende da situação...Se eu puder, faço sempre, quer no caso desportivo quer na minha vida. Na parte desportiva é mais difícil...” (TB1).</i></p> <p><i>-“Dar muitas a vezes a cara aqui. Principalmente no futebol...damos a cara assim...por outros...que sairiam mais prejudicados do que eu e...que, pronto, dei a cara...” (GL2).</i></p> <p><i>-“Acho que não devia existir injustiça, acho que devia ser justo pra toda a gente. E acho que é frustrante. Quando uma pessoa, sabe o valor que tem e ninguém consegue ver este valor...” (LD3).</i></p> <p><i>-“Algumas pessoas que na minha opinião sofreram injustiça. Quem sabe na opinião dos outros...mas na minha opinião acho que sim. Naqueles casos que pudesse fazer alguma coisa fazia...mas há caso que nós não podemos fazer nada” (FP4).</i></p> <p><i>-“Principalmente o meu irmão, ele jogava num clube e estive pra vir</i></p>

	<p><i>aqui para o Braga, só que depois ele...foi injustamente, o treinador...o presidente deste clube que ele estava não o deixou vir pra cá. A minha atitude foi tentar apoiá-lo...” (LO2).</i></p> <p><i>“Penso que não faria muita diferença se eu me metesse...Se a dificuldade fosse com o clube ele teria que resolver com a direção” (LF4).</i></p> <p><i>-“É tentar mostrar que...foi menos injusto ou foi mais injusto é...tentar mostrar a pessoa que...isso está errado, que pode tentar melhorar...mostrar que ela podia ter sido melhor, mais compreensiva” (OH1).</i></p> <p><i>-“Ah, ia logo ajudar essa pessoa que foi injustiçada e dar apoio, com certeza e que...Quem fez essa injustiça, ia falar com ele...porque que ele fez? ...e se ele não teve culpa...” (CH2).</i></p> <p><i>-“No futebol o que comanda é o dinheiro e por causa disso há muitas injustiças” (SR4).</i></p> <p><i>-“Tentava ajudá-lo e...fazer com que se fizesse justiça. Tentar ajudá-lo é o que ele devia precisar mais” (ON1).</i></p> <p><i>-“Tentar fazer com que essa pessoa tenha a justiça que merece...lutar pela sua justiça e lutar pra ela não ser injustiçada” (VT2).</i></p> <p><i>-“Quando era mais novo fazia asneiras e agora toda a gente pensa que foi o Gonçalo e...acho que é um bocado injusto, embora eu já tenha feito alguma coisa pra ter isso” (OG1).</i></p> <p><i>-“Os meus colegas tem os seus problemas...Se calhar alguns deles pensam que estão a ser injustiçados mas...na atitude do mister...o mister é que sabe, o mister é que sabe o que há de fazer. Se é titular, ou suplente ou não convocar; é assim” (FH2).</i></p> <p><i>-“Depende, se for eu o injustiçado, por exemplo: se eu merecesse algum jogo ser titular...eu deixo todas as responsabilidades pra o mister, porque ele que manda na equipa, não sou eu” (OJ4).</i></p>
<p>Modéstia e Humildade</p>	<p><i>-“É inacreditável...pela atitude dele todos os dia, a maneira dele estar, dentro de campo e fora de campo e...Era uma pessoa simples...não convencida” (TB1).</i></p> <p><i>-“Tento ficar mesmo com o sucesso a nível profissional, tenho que me manter sempre com humildade...fora, na relação com os outros, tento ser sempre igual a eles, nunca olhar de cima para eles” (GL2).</i></p> <p><i>-“Pra ele trabalhar muito, ser humilde acima de tudo...” (LD3).</i></p> <p><i>-“Sempre com muita humildade...” (PO1).</i></p> <p><i>-“Principalmente pra ele ser humilde e honesto...” (LO2).</i></p> <p><i>-“...sempre me disseram, pelos treinadores, que o bom desportista também tem que ser, dentro e fora do campo tem que ser sempre humilde, boa pessoa com os familiares, diretores, treinadores, equipa, isso” (CD3).</i></p> <p><i>-“Humildade acima de tudo” (CH2).</i></p> <p><i>-“...é a humildade também” (GV3).</i></p> <p><i>-“Ser humilde...dentro de campo, (...) ser humilde, ajudar os outros...” (GJ4).</i></p> <p><i>-“...humildade é a principal coisa. Para conseguir qualquer coisa</i></p>

	<p><i>temos que ser humildes e penso que eles tiveram isso (Figo e Deco) ...e depois juntando as capacidades que eles tinham mais isso, eles conseguiram obter o que queriam” (FH2).</i></p>
Sabedoria	<p>-“<i>Penso que também é importante nós aprendermos com os nossos erros” (TB1).</i></p> <p>-“<i>...tentar alcançar a riqueza quer a financeira quer a pessoal...</i>” (TB1).</p> <p>-“<i>Ah! Sim, as vezes uma pessoa tem vivência e experiências e, depois o melhor conhecimento é a experiência. A partir da experiência...nos acontecimentos futuros já...lida com o acontecimento de acordo com a experiência antiga” (GL2).</i></p> <p>-“<i>Excelência. Acho que é ser feliz. Acho excelente, acho que é ser feliz, em tudo, seja na vida pessoal ou no desporto” (FP4).</i></p> <p>-“<i>Acho que são muito paralelos...pra conseguir passar esses obstáculos na vida temos que utilizar quase as mesmas manhas pra ultrapassar os objetivos, os obstáculos do desporto” (OH1).</i></p> <p>-“<i>Tudo me ajudar conhecer melhor. Nos treinos fazemos o que nós nos valem, nos jogos colocamos em prática o que aprendemos nos treinos e...Depois vemos a nossa evolução. A evolução que temos nos treinos e quando conseguimos...fazer aquelas coisas que antes não conseguíamos, aperfeiçoar...</i>” (PJ3).</p> <p>“<i>Ser uma pessoa melhor” (PJ3).</i></p> <p>-“<i>É como eu disse a bocado, é fazer melhor do que eu fiz antes, é melhorar, é enfrentar a cada dia como se fosse um dia diferente dos outros...é principalmente isso” (GV3).</i></p> <p>-“<i>O treino ajuda-me a conhecer aquilo que estou mal ou bem. A competição tento fazer sempre o que aprendi no treino e...</i>” (GJ4).</p> <p>-“<i>Existem barreiras e dificuldades... Temos que pensar bem no caso, se possível dialogar com alguma pessoa...se tivermos muito aflitos; e depois arranjar uma solução, tudo tem uma solução” (FH2).</i></p>
ARETÊ TRANSCENDENTAL	
Felicidade	<p>-“<i>...quando estamos felizes e...corre-nos sempre melhor, estamos mais confiantes em nós próprios também...</i>” (TB1).</p> <p>-“<i>Quando vou para o campo gosto...adoro jogar futebol e quando jogo estou feliz...</i>” (GL2).</p> <p>-“<i>Felicidade, alegria...é indescritível” (LD3).</i></p> <p>-“<i>Tem alguns dias que sinto que estive muito bem e senti uma felicidade enorme, porque consigo realizar as coisas bem e pronto, isso dá-me um prazer enorme” (FP4).</i></p> <p>-“<i>Sinceramente não tem comparação possível, porque aquele momento é o momento que esquecemos tudo, tudo que nós temos...tudo mesmo, só fica aquela felicidade...aquele momento” (PO1).</i></p> <p>-“<i>Quando você está feliz nem se dá conta do tempo passar” (LO2).</i></p> <p>-“<i>Sentimo-nos contentes, felizes...Estamos a fazer aquilo que mais gostamos, que é jogar futebol e, ainda por cima, com o sentimento de</i></p>

	<p><i>felicidade” (CD3).</i></p> <p>-“Penso que quando nós competimos com alegria de jogar e com a nossa felicidade de jogar...penso que as coisas nos saem melhor...” (ON1).</p> <p>-“Ah, isso corre-se muito feliz por ter ajudado a equipa a conseguir mais 3 pontos e mais uma vitória...Isso dá uma felicidade imensa...” (VT2).</p> <p>-“Acho que com felicidade e alegria temos que competir sempre” (GV3).</p> <p>-“...sinto-me feliz e sentindo – me feliz cada vez, jogo melhor...” (FH2).</p>
<p>Prazer e Alegria</p>	<p>-“Foi quando eu ganhei um campeonato, não era nacional, era distrital mas...de fato foi uma alegria...” (TB1).</p> <p>-“Acho que me correu tudo bem, acho que comecei bem e...já joguei com muita alegria e dá mais prazer de jogar futebol” (LD3).</p> <p>-“...é o prazer que sente em praticar desporto e no caso o futebol” (FP4).</p> <p>-“...desporto pra mim é o que eu mais gosto de fazer, principalmente o futebol” (LO2).</p> <p>-“Perfeito pra mim é futebol. E o que sempre gostaria de fazer. Vou gostar sempre...” (CD3).</p> <p>-“Sempre que entro em campo é com alegria” (CH2).</p> <p>-“Jogo sempre com o sentimento de alegria. (...) é mais fácil as coisas saírem melhor” (PJ3).</p> <p>-“Eu sempre gostei do futebol desde de pequenininho e...com meus olhos e amor de jogar futebol...” (VT2).</p> <p>-“As coisas saem melhor o...o jogo dá prazer, há prazer em jogar...dá emoção...o jogo acaba e nós queríamos continuar...” (GV3).</p> <p>-“Eu adoro jogar a bola...” (GJ4).</p> <p>-“...nasci assim com prazer de jogar, com aquela vontade de jogar, não sei...Não sei o que é que me fascinou cá dentro...” (GJ3).</p>
<p>Fé</p>	<p>-“As pessoas que acreditam e pedem realmente com fé e rezam com fé; acho que de fato são ajudadas sim” (GL2).</p> <p>-“...no futebol, por exemplo, agora estou lesionado...é pouca coisa são três, cinco dias e se calhar vou me afastar deste jogo, eu pedia muito pra tirar essa dor...pronto a Deus” (PO1).</p> <p>-“...acredita-se que há uma ajuda divina pra ganhar os jogos. (...) Sempre, desde pequeno, acredito em Deus, sempre...” (CD3).</p> <p>-“Falo sempre com o nosso Amigo. Acho que isso nos ajuda também estarmos bem, porque se nós pedimos ajuda...a ajuda, pode não vir logo naquele instante, mas acho que há um Ser Deus que nos ajuda muito a ultrapassar os nossos problemas” (OH1).</p> <p>-“Deus tem que nos ajudar sempre... Se calhar dá-nos mais força pra nós acreditamos e não desistir” (PJ3).</p> <p>-“Quem tem fé acredita que Deus pode ajudar... que Deus está a ajudar a melhorarmos...e atingir a perfeição...a tentar atingir</p>

	<p><i>sempre” (SR4).</i></p> <p><i>-“Rezo por vezes...poucas vezes” (ON1)</i></p> <p><i>-“Eu penso que nós temos que seguir os conselhos que Deus nos deu e no meu caso, na minha religião, ainda eu creio que é Deus. Nele que é pra Ele nos ajudar” (FH2).</i></p> <p><i>-“Deus ajuda um bocado mas se nós não tivermos valor... ele não pode salvar nada...”(GJ3).</i></p> <p><i>“Porque eu acredito em Deus. Acho que ele me deu...se nós somos bons jogadores de futebol, acho que é graças a Ele...porque Ele é que nós dá esses dotes todos e eu acredito muito em Deus, se não fosse Ele, acho que não estávamos aqui, acho que isso não existia” (OJ4).</i></p>
Ritual	<p><i>-“Gosto de rezar uma Ave-maria antes dos jogos e sempre que passo por uma igreja ou uma capela benzo-me... Sou bastante supersticioso e gosto de estar bem com as minhas superstições. Se jogar um jogo e...com uma chuteira, se o jogo não me correu bem, não jogo mais com ela. Não consigo jogar mais com ela” (GL2).</i></p> <p><i>-“Tento me benzer sempre...” (LD3).</i></p> <p><i>-“Rezo sempre antes do jogo. Quando a bola está dentro de campo estou sempre atento na bola, quase não dá tempo pra rezar mas quando a bola sai, no mínimo, rezo sempre” (LO2).</i></p> <p><i>-“Sempre antes de entrar para o campo benzo-me sempre e antes no balneário rezo sempre uma Ave-maria” (CD3).</i></p> <p><i>-“Posso as vezes fazer o sinal da cruz, antes de entrar em campo...de vez enquanto faço...” (LF4).</i></p> <p><i>-“Sim, normalmente é antes e depois. Peço ajuda e no fim agradeço. Faço sempre o sinal da cruz e rezo sempre” (OH1)</i></p> <p><i>-“Quando entro benzo-me sempre” (CH2).</i></p> <p><i>-“Sim, antes de começar os jogos benzo-me sempre. Ao entrar e ao sair sim” (PJ3).</i></p> <p><i>-“Normalmente faço é um sinal da cruz” (VT2).</i></p> <p><i>-“Benzo-me em cruz” (GV3).</i></p> <p><i>-“Quando entro faço sempre o sinal da cruz” (GJ4).</i></p> <p><i>-“Ah! Sim benzo-me sempre, antes. (...) benzo-me ai sete vezes...e no fim agradeço...se tudo correu bem e mesmo se não” (OG1).</i></p> <p><i>-“Dos jogos e durante o dia, antes dos treinos, assim. Rezo” (FH2).</i></p> <p><i>-“Quando entro em campo...faço aquilo...o sinal da cruz” (OJ4).</i></p>
Sorte	<p><i>-“Em cada jogo é preciso ter um bocado de sorte. ...é preciso ter sorte, sem dúvida alguma...Mas se nós não trabalharmos pra ter essa sorte, ela não aparece. Cada golo, é preciso ter sorte ao marcar um golo...é claro que é preciso trabalhar e, ...é preciso ter sorte” (TB1).</i></p> <p><i>-“...a afirmação...é o nosso trabalho mais a sorte e, sem dúvida que é. Estamos a jogar bem mas temos que ter sempre sorte, se não tivermos sorte acho que...” (LD3).</i></p> <p><i>-“...termos a sorte de subir ao escalão principal, dar o nosso melhor...” (LF4).</i></p> <p><i>-“Ter sorte e fé em Deus” (CH2).</i></p>

	<p>-“...sorte também...é sempre preciso no futebol” (PJ3).</p> <p>-“Pelo trabalho de equipa ser feito em conjunto e, as vezes, há aqueles jogos que tem ajuda...aquelas ajudas, sorte no jogo...” (VT2).</p> <p>-“A equipa se jogar bem e se...tiver sorte, de certeza que vai ganhar” (GV3).</p>
<p>A Divindade na Prática</p>	<p>-“São aqueles jogos em que as coisas correm tudo bem, uma pessoa sente-se confiante...consegue resolver os problemas com alguma facilidade, ...Já tive uns dias assim...tinha confiança...as coisas corriam bem e eu sentia-me a vontade” (FP4).</p> <p>-“Ajuda, acho que é a nível interior, acho que tivermos bem com todos e se todos estiverem bem conosco, (...) conseguimos superar todos os problemas durante o jogo e durante os treinos, ou seja, quando for...” (OH1).</p> <p>-“Acho que cada pessoa tendo uma personalidade forte consegue ultrapassar tudo e todos, é como se costuma dizer; fé, sorte...estar bem consigo próprio é...força de espírito” (OH1).</p> <p>-“O jogo a acabar e eu querer que houvesse outro jogo igual” (GV3).</p> <p>-“Só rezo a noite assim...um bocadinho, pra me ajudar a seguir. Pra agradecer a Deus. Pra ajudar a todas as pessoas no mundo que precisam...” (GJ4).</p> <p>-“Eu concentro-me tanto no jogo que não me lembro de mais nada” (OG1).</p> <p>-“Qualquer pessoa quer ter sucesso...é sinal que é boa pessoa, quer a pessoa interior quer...por exemplo no futebol: é bom jogador” (FH2).</p> <p>-“Durante o jogo eu esqueço tudo que se passou, mesmo que eu esteja com problemas, eu esqueço tudo e acho que só penso naquilo e não lembro de mais nada” (GJ3).</p> <p>-“Quando eu estou muito concentrado eu costumo jogar bem, (...), eu estou inspirado...” (OJ4).</p>
<p>Devoção</p>	<p>-“Eu (...) acredito muito e peço muito ajuda, antes dos jogos...peço sempre ajuda divina. Tenho sempre presente comigo. Sempre uma pessoa estando apoiado no poder divino eu acho que ajuda sempre” (GL2).</p> <p>“... falar um bocado com Deus. Antes de dormir e ao acordar. Quando acordo falo...” (LD3).</p> <p>-“Pedir ajuda a Deus...” (LF4).</p> <p>-“Porque eu me sinto bem, acho que tem a ver comigo, acho que...Deus; acho que me consegue ouvir e me ajuda normalmente, sempre que Lhe peço...” (OH1).</p> <p>-“Pra ajudar em tudo...nas escola, a nível desportivo, pra os meus pais...pra tudo no meu dia a dia” (CH2).</p> <p>-“Pedir a Deus para ter um bom jogo...pra ganharmos o jogo” (SR4).</p>

	<p>-“Quando preciso e quando eu acho também quando me faz falta. É quando estou a viver um...momento que preciso mais de ajuda então tento segurar essa ajuda divina...” (ON1).</p> <p>-“A minha escola é religiosa e temos sempre 15 minutos antes de começar as aulas de ensino religioso. Acho que é um tempo bem passado” (VT2).</p> <p>-“Porque acredito que alguém superior a nós que é capaz de nos ajudar” (GV3).</p> <p>-“Se ganhamos agradecemos a Deus por nos dar a vitória e se não ganhamos pedimos a Deus pra nos dar força pra ganhar os outros jogos” (GJ4).</p> <p>-“...antes de deitar rezo um Pai-nosso e uma Ave-maria. Pra me correr melhor o dia e porque eu acredito em Deus e se nós rezarmos é uma lembrança a Deus...que Ele nunca foi esquecido...” (OJ4).</p>
--	--